UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

ANNA CAROLINA SCHÄFER

**Quando a tradução (re)conta a História:
análise textual e tradução comentada de interrogatórios da “Rosa Branca”**

v.1

(versão corrigida)

São Paulo

2015

ANNA CAROLINA SCHÄFER

**Quando a tradução (re)conta a História:
análise textual e tradução comentada de interrogatórios da “Rosa Branca”**

v. 1

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de mestre em Língua e Literatura Alemã

Área de Concentração: Tradução

Orientadora: Profa. Dra. Tinka Reichmann

de acordo
T. Reichmann

(versão corrigida)

São Paulo

2015

SCHÄFER, Anna Carolina

Quando a tradução (re)conta a História: análise textual e tradução comentada de interrogatórios da “Rosa Branca”

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Língua e Literatura Alemã

Aprovado em: _____.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Tinka Reichmann (orientadora) . Instituição: FFLCH – USP .

Julgamento: _____ . Assinatura: _____ .

Prof. Dr.: _____ . Instituição: _____ .

Julgamento: _____ . Assinatura: _____ .

Prof. Dr.: _____ . Instituição: _____ .

Julgamento: _____ . Assinatura: _____ .

A todos os que ousaram se opor de alguma forma ao terror nacional-socialista, tiveram suas vidas devastadas por ele, mas deixaram às gerações seguintes uma bonita lição de coragem civil, senso de Justiça e busca pela liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas e instituições que de alguma forma tornaram este trabalho possível.

Aos meus pais, Denize e Armin, e aos meus avós, Liselotte e Gisbert, pelo apoio, incentivo, compreensão e carinho incondicionais, por permitirem que eu me dedique a fazer o que gosto e por terem despertado em mim desde cedo o interesse pela língua alemã e por histórias como a que será contada neste trabalho.

À Profa. Dra. Tinka Reichmann, por todos os ensinamentos, pela orientação sempre cuidadosa e atenciosa não apenas nesta pesquisa, mas também ao longo de toda a minha formação na universidade.

Ao Prof. Dr. José da Silva Simões, com quem aprendi, ainda na escola, a gostar de aprender alemão, e que na universidade me contagiou com seu grande entusiasmo e dedicação à pesquisa acadêmica.

À Profa. Dra. Juliana Pasquarelli Perez, por todo o apoio, pelo sorriso sempre tão acalentador e pela ideia que foi o ponto de partida para tantas experiências bonitas.

Às “rosas brancas” Eline, Flora, Janaina e Yasmin, cuja amizade foi para mim, sem dúvida, o maior legado do projeto didático que precedeu este trabalho. Agradeço por estarem sempre ao meu lado, por participarem junto comigo de tudo isso e, como certa vez condensamos juntas em uma só palavra alemã, por “mitmachen” em todos os momentos!

À Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação e pelo incentivo constante aos projetos da “Rosa Branca”.

À Fundação Rosa Branca de Munique, em especial à Dra. Hildegard Kronawitter, ao Prof. Dr. Wolfgang Huber e às Sras. Ursula Kaufmann, Christine Fiala, Sandra Knösel e Eva Winkelmeier, por todo o aprendizado e auxílio durante o estágio de pesquisa em Munique.

À Profa. Dra. Claudia Maria Riehl, pela orientação e supervisão do estágio de pesquisa na Universidade Ludwig Maximilian.

À família Fiala, pela acolhida generosa em Munique.

À área de alemão da Universidade de São Paulo e a todos os seus professores, por possibilitarem uma formação que abre tantas portas e oportunidades.

Ao Colégio Humboldt e a todos os professores que tive lá, por terem sido a base de minha formação profissional e humana.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo financiamento do projeto de mestrado no Brasil (processo nº 2013/08651-0) e pela concessão da bolsa de estágio em Munique (processo nº 2013/26618-0).

Alexander Schmorell
(*1917 – † 1943)

Christoph Probst
(*1919 – † 1943)

Elisabeth Lange
(*1900 – † 1944)

Frierich Geussenhainer
(*1912 – † 1945)

Hans Leipelt
(*1921 – † 1945)

Hans Scholl
(*1918 – † 1943)

Jenny Grimminger
(*1895 – † 1943)

Katharina Leipelt
(*1893 – † 1943)

Kurt Huber
(*1893 – † 1943)

Kurt Ledien
(*1893 – † 1945)

Margaretha Rothe
(*1919 – † 1945)

Margarethe Mrosek
(*1902 – † 1945)

Reinhold Meyer
(*1920 – † 1944)

Sophie Scholl
(*1921 – † 1943)

Willi Graf
(*1918 – † 1943)

Quero que se saiba: não existiram heróis sem nome; existiram pessoas que tinham um nome, um rosto, uma ânsia e esperanças e, por isso mesmo, a dor da última delas não foi menor do que a dor da primeira, cujo nome é lembrado. Quero que todas elas estejam sempre presentes diante de vocês, como se fossem um conhecido, como se fossem um parente, como se fossem vocês próprios.

[Ich möchte, daß man weiß: daß es keine namenlosen Helden gegeben hat, daß es Menschen waren, die ihren Namen, ihr Gesicht, ihre Sehnsucht und ihre Hoffnungen hatten, und dass deshalb der Schmerz auch des letzten unter ihnen nicht kleiner war als der Schmerz des ersten, dessen Namen erhalten bleibt. Ich möchte, daß sie alle Euch immer nahe bleiben, wie Bekannte, wie Verwandte, wie ihr selbst].

**Julius Fučík, membro da resistência ao Nacional-Socialismo
Praga, início de 1943.**

RESUMO

SCHÄFER, A. C. **Quando a tradução (re)conta a História:** análise textual e tradução comentada de interrogatórios da “Rosa Branca”. 406 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O presente trabalho tem por objetivo produzir uma tradução comentada, do alemão para o português, de uma seleção de documentos emblemáticos da resistência alemã ao Nacional-Socialismo. O *corpus* constitui-se especificamente de registros escritos dos interrogatórios (em alemão: *Verhörprotokolle*, “protocolos de interrogatório”) conduzidos em fevereiro de 1943 pela Polícia Secreta Nazista com os irmãos Hans e Sophie Scholl. Ambos eram integrantes do grupo A Rosa Branca, formado sobretudo por estudantes da Universidade de Munique que se opuseram ao regime nacional-socialista através da produção e distribuição de panfletos, nos quais lançavam críticas incisivas ao regime e à postura apática da população alemã perante os crimes cometidos pelo Estado. Tendo em vista o objetivo geral do trabalho e a conjuntura histórica em que se insere o *corpus*, partiu-se na análise e tradução dos protocolos de uma base teórica interdisciplinar, pautada tanto em elementos da pesquisa historiográfica quanto em pressupostos dos Estudos Funcionais da Tradução – sobretudo no modelo de análise textual e tradução de Christiane Nord (1988, 2009) –, da Linguística Textual e da Análise do Discurso. Para a tradução comentada dos protocolos, produto final deste trabalho, previu-se desde o início uma função *documental*, a qual justifica diversas microdecisões tomadas ao longo do processo tradutório. Elas vão desde a opção por reproduzir a formatação original dos textos de partida em alemão até a busca por reconstituir seu pano de fundo histórico por meio de comentários e imagens, inseridos propositalmente na margem direita e não no rodapé ou no fim da tradução. Espera-se, assim, que os textos traduzidos possam ser consultados, lidos e analisados como documentos e testemunhos sobre a resistência alemã ao Nacional-Socialismo, tema ainda pouco divulgado e estudado no Brasil.

Palavras-chave: Estudos Funcionais da Tradução; Linguística Textual; Nacional-Socialismo; Resistência; Repressão; Interrogatório (Ação Penal); A Rosa Branca;

ABSTRACT

SCHÄFER, A. C. **When translation (re)tells History:** text analysis and commented translation of interrogations of the “White Rose”. 406 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This study aims to produce a commented translation from German into Portuguese of a selection of iconic documents of the German resistance to the National Socialism. The *corpus* is specifically consisted of written records of the interrogations (in German: *Verhörprotokolle*, interrogation protocols) conducted in February 1943 by the Nazi Secret Police with the brothers Hans and Sophie Scholl. Both were members of the group The White Rose, mostly comprised of students from the University of Munich who opposed the National Socialist regime by producing and distributing pamphlets in which they released incisive criticism to the government and apathetic posture of the German population before the crimes committed by it. Bearing in mind the overall aim of the work and the historical context to which the *corpus* belongs, an interdisciplinary theoretical basis was used in the analysis and translation of the protocols, based both in the historical research elements and on suppositions of the Functional Translation Studies – especially in the model for translation-oriented text analysis by Christiane Nord (1988, 2009) –, Text Linguistics and Discourse Analysis. For the commented translation of the protocols, the end product of this research, a documentary function was envisaged from the beginning, which justifies different micro decisions taken throughout the translation process, ranging from the choice of reproducing the original formatting of the source texts in German to the search for reconstituting the historical background of the source texts by means of comments and images intentionally inserted on the right edge of the page, and not in footnotes or at the end of the translation. It is, therefore, expected that the translated texts can be consulted, read and analyzed as documents and testimonies of the German resistance to the National Socialism, a subject still little publicized and studied in Brazil.

Keywords: Functional Translation Studies; Text Linguistics; National Socialism; Resistance; Repression; Interrogation; The White Rose.

ZUSAMMENFASSUNG

SCHÄFER, A. C. **Wenn die Übersetzung die Geschichte (neu)erzählt:** Textanalyse und kommentierte Übersetzung von Verhörprotokollen der „Weißen Rose“. 406 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Die vorliegende Arbeit verfolgt das Ziel, eine kommentierte Übersetzung (aus dem Deutschen ins Portugiesische) einer Textauswahl zu erstellen, die für den deutschen Widerstand gegen den Nationalsozialismus kennzeichnend ist. Das Korpus besteht aus Niederschriften der Verhöre, welche im Februar 1943 von der Geheimen Staatspolizei mit den Geschwistern Hans und Sophie Scholl durchgeführt wurden. Beide waren Mitglieder der Widerstandsgruppe *Die Weiße Rose*, die vor allem aus Studenten der Universität München bestand. Diese haben sich dem nationalsozialistischen Regime durch Flugblätter, die eine scharfe Kritik am Regime und an der apathischen Haltung der deutschen Bevölkerung gegenüber den NS-Verbrechen enthielten, widersetzt. Im Hinblick auf die Ziele der vorliegenden Arbeit und auf den geschichtlichen Hintergrund der Verhörprotokolle, wird hier von einer interdisziplinären theoretischen Grundlage ausgegangen, die sich sowohl an den Prinzipien der geschichtswissenschaftlichen Forschung als auch an Ansätzen der Textlinguistik, der Diskursanalyse und der übersetzungswissenschaftlichen Skopostheorie – vor allem an dem Modell „Textanalyse und Übersetzen“ von Christiane Nord (1988, 2009) –, orientiert. Die kommentierte Übersetzung der Protokolle erfüllt dabei eine dokumentarische Funktion, die viele einzelne im Laufe des Übersetzungsprozesses getroffene Entscheidungen rechtfertigt: Von der Nachgestaltung des Originalformats der Ausgangstexte bis hin zum Versuch, deren historischen Hintergrund durch Kommentare und Bilder zu rekonstruieren, die absichtlich nicht als Fuß- oder Endnoten, sondern am rechten Rand der Übersetzung eingefügt wurden. Die Übersetzung der Verhörprotokolle soll daher als Dokument und Zeugnis des deutschen Widerstandes gegen den Nationalsozialismus – ein in Brasilien noch wenig verbreitetes und bearbeitetes Thema – nachgeschlagen, gelesen und analysiert werden können.

Schlüsselwörter: Skopostheorie; Textlinguistik; Nationalsozialismus; Widerstand; Verfolgung; Verhörprotokolle; Die Weiße Rose;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O processo de translação segundo Christiane Nord.....	25
Figura 2 – Formas de oposição durante o “Terceiro Reich”	32
Figura 3 – Formas de doutrinação ideológica da infância à idade adulta.....	40
Figura 4 – Modelo pragmático-funcional para solução de problemas de tradução.....	116
Figura 5 – Triângulo interlocutivo da situação de interrogatório.....	140
Figura 6 – Sophie Scholl (1940).....	151
Figura 7 – Hans Scholl (1940).....	153
Figura 8 – Robert Mohr com o filho e a esposa (1942).....	156
Figura 9 – Anton Mahler (interrogador de Hans Scholl).....	161
Figura 10 – Excerto do protocolo de interrogatório de Hans Scholl.....	172
Figura 11 – Estrutura da Juventude Hitlerista.....	202
Figura 12 – Formatação da ficha introdutória (comparação entre TP e TC).....	222
Figura 13 – Exemplo de diálogo entre texto, nota e imagem (“Menjou-Bärtchen”).....	224
Figura 14 – Exemplo de imagens no glossário (HJ e BDM).....	225

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Panfletos produzidos e distribuídos pela Rosa Branca.....	63
Quadro 2 – Os interrogatórios da Rosa Branca no contexto da repressão ao grupo.....	66
Quadro 3 – Tipologia textual de Katharina Reiß.....	102
Quadro 4 – Ligação entre os fatores extra e intratextuais.....	124
Quadro 5 – Síntese dos fatores extratextuais no <i>corpus</i>	127
Quadro 6 – Síntese dos fatores intratextuais no <i>corpus</i>	163
Quadro 7 – Condições de comunicação (oralidade e escrituralidade).....	174
Quadro 8 – Marcas universais de oralidade e escrituralidade.....	175
Quadro 9 – Operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para a escrita.....	183
Quadro 10 – Transformações empreendidas durante a retextualização de depoimentos.....	185
Quadro 11 – Exemplos de segregação ideológica através da língua.....	196
Quadro 12 – Problemas de tradução no <i>corpus</i>	226
Quadro 13 – Amostra selecionada (problemas e questões de tradução).....	228
Quadro 14 – Opções de tradução (léxico nacional-socialista).....	234
Quadro 15 – Comparação entre convenções de gênero.....	236
Quadro 16 – Tradução de partículas enfáticas.....	237
Quadro 17 – Tradução de recursos de ênfase (focalização).....	239
Quadro 18 – Tradução de siglas.....	241
Quadro 19 – Tradução de abreviações.....	242

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDM	<i>Bund Deutscher Mädel</i>
BRD	<i>Bundesrepublik Deutschland</i>
DDR	<i>Deutsche Demokratische Republik</i>
ECD	Estudos Críticos do Discurso
HJ	<i>Hitler-Jugend</i>
IfZ	<i>Institut für Zeitgeschichte</i>
KJDV	<i>Kommunistischer Jugendverband Deutschlands</i>
KPD	<i>Kommunistische Partei Deutschlands</i>
LMU	<i>Ludwig-Maximilians-Universität</i>
LC	Língua de chegada
LP	Língua de partida
NSDAP	<i>Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei</i>
SA	<i>Sturmabteilung</i>
SPD	<i>Sozialdemokratische Partei Deutschlands</i>
SS	<i>Schutzstaffel</i>
TC	Texto de chegada
TP	Texto de partida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 CORPUS, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	20
2 A ROSA BRANCA NO CONTEXTO DA RESISTÊNCIA ALEMÃ AO NACIONAL-SOCIALISMO.....	29
2.1 Ascensão do nazismo na Alemanha e impulsos para a resistência.....	35
2.2 Tendências e formas da resistência alemã.....	42
2.3 O grupo “A Rosa Branca”.....	52
2.3.1 Motivações individuais e coletivas para a resistência.....	55
2.3.2 Formas e fases de ação.....	58
2.3.3 Da <i>Gestapo</i> ao Tribunal do Povo: a repressão ao grupo.....	64
2.4 A recepção da “Rosa Branca” (1943 – 2013).....	68
3 TRADUÇÃO E ANÁLISE TEXTUAL.....	78
3.1 A compreensão textual sob a perspectiva da tradução.....	81
3.2 A dimensão pragmática da tradução.....	86
3.2.1 A ancoragem cultural de textos e discursos.....	87
3.2.2 Contribuições da Teoria dos Atos de Fala.....	90
3.3 Princípios da Linguística Textual relevantes para a tradução.....	93
3.3.1 O conceito de função textual.....	94
3.3.2 Classificações de tipos e gêneros textuais.....	98
3.3.3 Análise macro e microtextual.....	103
3.3.4 Interfaces entre texto e discurso.....	106
3.4 Análise textual funcionalista: o modelo de Christiane Nord.....	108
3.4.1 Funcionalismo e lealdade tradutória.....	110
3.4.2 Tradução documental vs. tradução instrumental.....	112
3.4.3 Problemas de tradução.....	114
3.4.4 Fatores extratextuais de análise.....	117
3.4.5 Fatores intratextuais de análise.....	120
3.4.6 Ligação entre fatores extra e intratextuais.....	123

4	ANÁLISE DOS TEXTOS DE PARTIDA.....	126
4.1	Perspectiva extratextual.....	127
4.1.1	A função textual.....	128
4.1.2	O gênero textual ‘protocolo de interrogatório’.....	132
4.1.3	A situação comunicativa.....	139
4.1.4	Os participantes da interação.....	149
4.2	Perspectiva intratextual.....	163
4.2.1	O estilo.....	164
4.2.2	Oralidade e escrituralidade.....	173
4.2.3	Vestígios de retextualização.....	181
4.3	Confluência I: marcadores histórico-culturais.....	190
4.3.1	O léxico nacional-socialista.....	193
4.3.2	Discursos subjacentes: discurso nazista vs. discurso da resistência.....	203
4.4	Confluência II: estratégias linguístico-discursivas.....	207
4.4.1	Interrogador (Robert Mohr): construção do <i>ethos</i>	209
4.4.2	Interrogadores: coercitividade.....	211
4.4.3	Interrogados: assertividade.....	213
4.4.4	Interrogados: imprecisão.....	215
4.4.5	Interrogadores e interrogados: silêncio.....	217
5	DESCRIÇÃO DA ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO.....	220
5.1	Tradução documental.....	220
5.2	Identificação dos problemas de tradução.....	225
5.3	Amostras de aplicação da estratégia.....	228
5.3.1	Problemas de tradução pragmáticos.....	229
5.3.2	Problemas de tradução ligados às convenções culturais.....	235
5.3.3	Problemas de tradução específicos do par linguístico.....	236
5.3.4	Problemas de tradução específicos do texto.....	240
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
	REFERÊNCIAS.....	249

ANEXOS.....	265
Anexo 1 – Primeira etapa de análise (questionários NORD, 2009).....	266
Anexo 2 – Tradução comentada dos interrogatórios de Sophie Scholl.....	280
Anexo 3 – Tradução comentada dos interrogatórios de Hans Scholl.....	330
Anexo 4 – Glossário (léxico nacional-socialista).....	390

INTRODUÇÃO

Entre 1933 e 1945, existiu na Alemanha uma resistência ampla e diversificada ao Nacional-Socialismo. Entretanto, talvez por não terem tido sucesso em destituir Hitler do poder, os indivíduos e grupos alemães que de alguma forma combateram o nazismo são ainda pouco divulgados e estudados fora da Europa. Um desses grupos de resistência, até pouco tempo praticamente desconhecido no Brasil, chamava-se “A Rosa Branca” (alemão: *Die Weiße Rose*) e constituía-se sobretudo de jovens universitários de Munique que, movidos por suas convicções religiosas, filosóficas e políticas, se opuseram à governança vigente na época. As ações da Rosa Branca eram pacíficas, voltadas principalmente à distribuição de panfletos que convocavam os cidadãos alemães a uma resistência “passiva” contra o governo de Hitler.

Em 2013, a publicação da tradução do livro *Die Weiße Rose* (título em português: “A Rosa Branca: a história dos estudantes alemães que desafiaram o nazismo”) divulgou, pela primeira vez ao público brasileiro, a história do grupo de resistência homônimo. A obra, escrita por Inge Scholl (irmã mais velha de dois integrantes da Rosa Branca) reúne diversos documentos e depoimentos relativos ao grupo: os panfletos produzidos por ele, as sentenças que condenaram alguns de seus membros à morte ou a altas penas de prisão, testemunhos de pessoas que conviveram com eles e notícias de jornais da época, entre outros. *Die Weiße Rose* foi publicado pela primeira vez em 1952 na Alemanha e logo tornou-se um *best-seller*: seguiram-se dez edições e mais de um milhão de cópias vendidas. Por meio desse livro, a história da Rosa Branca foi sendo recontada de geração em geração na Alemanha e também em diversos outros países, a partir da tradução do livro para línguas como espanhol, francês, hebraico, inglês, italiano, japonês e russo.

A primeira tradução do livro para o português é fruto de um projeto didático de tradução desenvolvido entre 2010 e 2013 na área de alemão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nesse projeto, coordenado pelas Profas. Dras. Juliana P. Perez e Tinka Reichmann, um grupo de oito estudantes de graduação dedicou-se a traduzir para o português os diferentes textos que compõem o livro de Inge Scholl. A tradução foi publicada em 2013 pela Editora 34 e chegou em 2014 à segunda edição. Nossa experiência nesse projeto motivou, mais tarde, a escolha do tema e do *corpus* dessa pesquisa de pós-graduação.

Ao longo do mestrado, produzimos uma tradução comentada inédita, do alemão para o português, dos registros de interrogatórios conduzidos em fevereiro de 1943 pela polícia

secreta nazista (*Gestapo*) com Hans e Sophie Scholl, dois membros-chave da Rosa Branca. Por terem participado, entre julho de 1942 e fevereiro de 1943, da produção e distribuição de seis panfletos antinazistas, os dois foram capturados pela *Gestapo*, acusados de crimes como “alta traição”, “traição à pátria” e “corrupção do poderio militar alemão” e, por fim, condenados à morte na guilhotina pelo mais alto tribunal político da época: o “Tribunal do Povo”, hoje considerado um dos principais instrumentos de terror do regime nacional-socialista.

Tendo em vista as especificidades e a sensibilidade do *corpus* selecionado, nosso trabalho teve como objetivo geral explorar a interface entre pesquisa historiográfica, análise textual funcionalista e tradução. Procuramos concretizar esse objetivo ao investigar e elencar contribuições trazidas para a delineação da estratégia de tradução do *corpus* e para o trabalho do tradutor em geral por modelos pragmático-funcionais (tais quais os de NORD, 2009; BRINKER, 2014 e FANDRYCH & THURMAIR, 2011). Modelos como estes destacam a importância de se atentar, no processo de análise – no caso de Christiane Nord, especificamente a análise que precede um ato de tradução –, para a dimensão extratextual (que inclui a ancoragem sócio-histórica dos textos e discursos) e para a função exercida pelo texto em sua situação comunicativa de origem.

Os objetivos perseguidos e a metodologia adotada no trabalho serão mais detalhadamente descritos no primeiro capítulo da dissertação. O segundo capítulo, intitulado *A Rosa Branca no contexto da resistência alemã ao Nacional-Socialismo*, é destinado à contextualização histórica do grupo de resistência A Rosa Branca, ao qual está relacionado o *corpus* deste trabalho. O capítulo inicia-se com a apresentação de diferentes concepções de resistência difundidas por estudiosos do tema, como Broszat (1981), Kershaw (1985) e Benz & Pehle (2008). Em seguida são descritos, de forma sucinta, fatores que possibilitaram a ascensão do nazismo na Alemanha, bem como discutidas algumas das medidas tomadas pelo regime nacional-socialista que suscitaram atitudes de resistência em diferentes setores da sociedade (seção 2.1 *Ascensão do nazismo na Alemanha e impulsos para a resistência*). Também será objeto desse capítulo um panorama resumido das diversas configurações assumidas pela resistência alemã entre 1933 e 1945 (seção 2.2 *Tendências e formas da resistência alemã*). Na terceira seção do capítulo (2.3 *O grupo “A Rosa Branca”*) é descrita a trajetória do grupo Rosa Branca, abordando-se as motivações individuais e coletivas de parte de seus integrantes, as formas e fases da ação do grupo e sua repressão por instituições nacional-socialistas. A última seção (2.4 *A recepção da Rosa Branca 1943-2013*) apresenta,

enfim, momentos relevantes na história de recepção da Rosa Branca ao longo das sete últimas décadas. São explicitadas e discutidas as diferentes interpretações, instrumentalizações e mitificações às quais o grupo tem sido submetido desde fevereiro de 1943.

O terceiro capítulo abordará a interface entre tradução e análise textual sob o ponto de vista teórico da Linguística Textual e dos Estudos Funcionais da Tradução. Partiremos, para tanto, do levantamento de contribuições que a análise textual pautada em preceitos dessas duas áreas tem a trazer para a tradução em geral. Em seguida (*seção 3.1 A compreensão textual sob a perspectiva da tradução*), discorreremos sobre aspectos relativos à compreensão textual, tal qual ela se dá na fase receptiva do processo tradutório. A segunda seção do capítulo (*3.2 A dimensão pragmática da tradução*) volta-se ao aspecto pragmático do ato tradutório, enfocando a ancoragem cultural de textos e discursos e as contribuições trazidas pela Teoria dos Atos de Fala (conforme concebida por Austin e Searle) para a compreensão e investigação de questões ligadas à tradução. Na terceira seção (*3.3 Princípios da Linguística Textual relevantes para a tradução*) são apresentados alguns dos fundamentos da Linguística Textual que podem contribuir para a tradução sob os pontos de vista teórico e prático. Por fim, na quarta seção do capítulo (*3.4 Análise textual funcionalista: o modelo de Christiane Nord*) será descrito em detalhes o modelo pragmático-funcional de Christiane Nord (1988, 2009), que estabelece parâmetros específicos para uma análise textual relevante para a tradução.

O quarto capítulo é dedicado à análise dos textos de partida, desde os fatores extra e intratextuais propostos pelo modelo de Nord até a seleção daqueles que se sobressaem no *corpus* e tornam-se, portanto, relevantes para sua tradução. Na primeira seção (*4.1 Perspectiva extratextual*) destacamos, como fatores relevantes para a tradução do *corpus*, a função e o gênero textual, além de dados relacionados à situação comunicativa e aos participantes da interação. A segunda seção (*4.2 Perspectiva intratextual*) aborda os seguintes fatores internos ao texto que mereceram especial investimento durante o processo tradutório dos interrogatórios: estilo, relação entre oralidade e escrituralidade e vestígios de retextualização. A terceira e a quarta seções trazem confluências das perspectivas extra e intratextual. Na terceira (*4.3 Confluência I: marcadores histórico-culturais*), é tematizada a influência da realidade nacional-socialista sobre a linguagem e os discursos subjacentes ao texto dos interrogatórios. Já a quarta seção (*4.4 Confluência II: estratégias linguístico-discursivas*), que encerra o capítulo, analisa tais estratégias perceptíveis no *corpus* e utilizadas tanto por parte dos interrogadores quanto dos interrogados.

O quinto e último capítulo do trabalho trata, por fim, da aplicação das constatações às quais chegamos ao longo da análise dos textos de partida, isto é, de contribuições efetivas da análise textual para a delineação da estratégia de tradução. O capítulo inicia-se com a justificativa de termos optado por uma tradução do tipo documental (5.1) e com a descrição dos “problemas de tradução” (5.2) – tal qual concebidos teoricamente por Nord – identificados no *corpus*. Por fim, a terceira seção traz amostras de aplicação da estratégia para a solução de problemas de tradução específicos de nosso *corpus*.

Nas considerações finais, retomaremos brevemente os pressupostos da Linguística Textual apresentados no terceiro capítulo como potencialmente relevantes para a tradução. Dentre eles, destacaremos aqueles que efetivamente contribuíram para a tradução do *corpus* e que podem ser aplicados a textos semelhantes, caracterizados por trazerem muitas marcas de uma conjuntura histórica específica e, por isso, tornarem-se representativos dela. Reforçaremos especialmente a importância que a consulta a fontes histórico-documentais assumiu nesse processo de análise e tradução. Anexados ao trabalho encontram-se ainda os questionários de NORD (2009) utilizados na primeira fase da análise, bem como a tradução comentada completa dos interrogatórios¹ e um glossário com termos próprios do Nacional-Socialismo presentes no *corpus*.

¹ Por questões de direitos autorais, os textos de partida – cópias dos protocolos de interrogatórios originais, trazidas do Instituto de História Contemporânea de Munique – não podem ser disponibilizados junto a esta dissertação. Apenas os exemplares encaminhados à banca examinadora e à Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH-USP) serão acrescidos de uma cópia digitalizada desses documentos em CD-ROM, para eventual cotejo da tradução. Os textos integrais dos interrogatórios em alemão estão publicados em CHAUSSY & UEBERSCHÄR (2013) e podem ser consultados em versão microfilmada no Instituto de História Contemporânea de Munique (rubrica: ED474/Bd. 180 e 182). Os originais encontram-se no Arquivo Federal da Alemanha (rubrica: ZC 13267/Bd. 1 a 3).

1 *CORPUS*, OBJETIVOS E METODOLOGIA

O *corpus* que foi analisado, traduzido e comentado neste trabalho pertence a um gênero textual alemão que, conforme observa Niehaus (2005), é ainda muito pouco estudado: o *Verhörprotokoll*. Trata-se de registros escritos dos interrogatórios realizados com um indiciado na fase de inquérito policial. Como potenciais equivalentes no sistema jurídico brasileiro atual poderíamos citar o “termo de interrogatório” ou o “auto de qualificação e interrogatório”. Entretanto, as especificidades da conjuntura em que foram realizados e transcritos os interrogatórios de membros da Rosa Branca divergem bastante das condições em que tais textos são produzidos hoje em dia no Brasil e na Alemanha. Por esse motivo, quando se fizer referência, nesta dissertação, ao gênero textual em questão será utilizada uma tradução literal da palavra alemã *Verhörprotokoll*: “protocolo de interrogatório”.

Como salientam Schulz (2005) e Chaussy & Ueberschär (2013), é necessária certa cautela ao lidar com tais protocolos, uma vez que eles não devem ser interpretados como documentos históricos “fiéis” à realidade. Primeiramente porque seu conteúdo foi formulado por representantes da ideologia nacional-socialista: era, em geral, a autoridade interrogadora quem ditava para o escrevente o que deveria (ou não) ser registrado. A intenção do interrogador durante a produção desse texto ditado era fundamentar e fortalecer os argumentos do “Tribunal do Povo” nazista contra os interrogados. Além disso, os textos não contêm informações sobre as condições em que foram realizados os interrogatórios e algumas frases aparecem, de certa forma, descontextualizadas em meio a um todo até então coeso. Os cortes bruscos na progressão temática do texto constituem um indício de que nem tudo o que foi dito durante os interrogatórios ficou registrado nos protocolos.

Outro fato que deve ser levado em conta em relação a tais textos é o de que os interrogados lançaram mão de uma série de estratégias para evitar que a polícia conseguisse apurar os fatos. Hoje em dia, ao cruzar as afirmações feitas por integrantes do grupo em seus interrogatórios com outros documentos da investigação e as informações levantadas posteriormente por historiadores e estudiosos da Rosa Branca, é possível perceber claramente algumas dessas estratégias. Hans e Sophie Scholl procuraram, por exemplo, assumir toda a culpa pelas ações do grupo, evitando ao máximo citar nomes de terceiros e sabe-se hoje que, para despistar a polícia e inocentar seus amigos, disseram muitas mentiras durante os interrogatórios. Por outro lado, os interrogadores também se utilizaram de estratégias para

manipular seus interlocutores e levá-los a confessarem sua participação nas ações que estavam sendo apuradas.

Feitas as ressalvas necessárias, é importante destacar que a descoberta dos protocolos de interrogatório em um arquivo da antiga República Democrática Alemã no início da década de 1990 foi premissa fundamental para que os estudos acerca das motivações, ações e objetivos da Rosa Branca tomassem novos rumos. Interpretações polêmicas e a mitificação excessiva dos protagonistas da Rosa Branca (sobretudo dos irmãos Scholl) na Alemanha podem ser atribuídas, entre outros fatores, ao desconhecimento de fontes primárias que permitissem uma análise mais realista dos fatos. Foi, enfim, a divulgação dos documentos da investigação contra os membros desse grupo de resistência, há pouco mais de duas décadas, que tornou possível uma abordagem científica mais aprofundada e historicamente fundamentada desse tema.

No início do projeto, tínhamos a intenção de traduzir para o português os protocolos de interrogatório de todos os seis membros que compunham o núcleo da Rosa Branca: Alexander Schmorell, Christoph Probst, Hans Scholl, Kurt Huber, Sophie Scholl e Willi Graf. Entretanto, tornou-se necessário fazer um recorte, pois a extensão de texto dos protocolos é grande e varia consideravelmente de acordo com o interrogado: Kurt Huber, Alexander Schmorell e Willi Graf permaneceram presos por mais tempo e, por esse motivo, foram sujeitos a interrogatórios mais frequentes e mais longos, que não poderiam ser integralmente traduzidos durante um projeto de mestrado. Optamos, então, por concentrar o trabalho nos interrogatórios dos irmãos Scholl. Hans foi o principal idealizador das ações da Rosa Branca e Sophie foi a única mulher do grupo condenada à morte. Tais fatos, somados à publicação de obras que, pouco depois da guerra, atribuíram aos irmãos Scholl um protagonismo em relação a outros membros da Rosa Branca e ao dado de que ambos eram muito jovens na época (ele tinha 25 anos e ela 22), transformaram Hans e Sophie em uma espécie de mito na Alemanha (cf. BREYVOGEL, 1991). Foi, portanto, o fato de os irmãos Scholl terem se tornado figuras especialmente representativas da resistência alemã ao Nacional-Socialismo que nos levou finalmente a selecionar seus interrogatórios para constituírem o *corpus* do mestrado.

Justificada assim a seleção do *corpus*, partimos do pressuposto de que a dimensão histórica que o caracteriza traz consequências significativas para a delineação da estratégia tradutória a ser adotada. Dentre aquelas que não podem ser ignoradas pelo tradutor, destaca-se a necessidade de contextualização histórica e de uma análise textual aprofundada, como meios

de garantir um nível de compreensão dos textos de partida que viabilize uma tradução adequada e, segundo a concepção de Christiane Nord, “leal”. Partindo de tal pressuposto, estabelecemos como objetivo geral realizar a tradução comentada inédita dos interrogatórios completos de Sophie e Hans Scholl conduzidos pela *Gestapo*, atentando para a relevância da contextualização histórica e da fase de análise dos textos de partida (TP) durante esse processo. Como objetivos específicos pretendíamos ainda:

- 1) Analisar, a partir do conceito ampliado de marcadores culturais proposto por Azenha Junior (2006), as maneiras com que o contexto em que foram transcritos os interrogatórios da Rosa Branca (no caso, a realidade nacional-socialista) é reconstruído no interior do discurso desses textos e identificar as consequências dessa relação entre discurso e contexto para a tradução do *corpus*;
- 2) Exemplificar como problemas de tradução específicos, característicos de uma seleção de textos produzidos em um contexto histórico tão peculiar, podem ser solucionados em um processo tradutório que parte da busca por uma compreensão textual aprofundada;
- 3) Gerar subsídios para a prática de outros tradutores, a partir de uma descrição “transparente” da estratégia de tradução adotada para o *corpus*. Esses critérios devem ser aplicáveis a outros textos marcados por sua dimensão histórica, podendo, assim, servir como fonte de consulta para traduções futuras;

Para que os objetivos propostos pudessem ser alcançados, a fundamentação teórica inicial foi construída a partir de recortes de diferentes áreas de estudo. Da área de Linguística Textual extraímos princípios relevantes para a análise dos textos de partida; consultamos, por exemplo, modelos e tipologias textuais como os de Brinker (2014) e Fandrych & Thurmair (2011) e buscamos embasamento teórico para o conceito de “retextualização”, entendido por Marcuschi (2010) como processo de transcodificação e adaptação que transforma o texto oral em texto escrito.

A Análise do Discurso trouxe contribuições para a investigação dos recursos retórico-estilísticos e de determinadas estratégias linguístico-discursivas típicas do gênero “protocolo de interrogatório” (ALVES, 2003; NIEHAUS, 2005). Na mesma área, apoiamos-nos ainda nas considerações acerca da relação entre discurso, contexto e ideologia (VAN DIJK, 2012).

A pesquisa historiográfica, por sua vez, forneceu-nos bibliografia sobre a ascensão e consolidação do regime nacional-socialista (BENZ, 2008a; EVANS, 2012; entre outros),

sobre a resistência antinazista, (BENZ & PEHLE, 2008; HUDEMANN, 2013; MOMMSEN, 2000; MÜLLER, 1990; STEINBACH & TUCHEL, 1994, entre outros) e sobre características inerentes aos regimes totalitários em geral (CARNEIRO, 2010; BALANDIER, 1982; GIRARD, 1987 e, em interface com a Filosofia, ARENDT, 1985; 2004; 2012). Tais referências, assim como a consulta a fontes históricas primárias em arquivos da Alemanha, auxiliaram-nos na compreensão e descrição do contexto histórico em que foram realizados e transcritos os interrogatórios.

Na área de Estudos da Tradução recorremos, primeiramente, aos passos de análise do texto de partida, descritos por Christiane Nord (2009). Segundo a autora, inserida na vertente funcionalista dos estudos tradutológicos, a imersão na situação de produção do texto de partida é a primeira etapa de uma análise do tipo *top-down*, que visa garantir, antes de mais nada, uma compreensão do texto em suas diversas dimensões (cf. NORD, 2009, p. 40). Tal imersão torna-se possível quando o tradutor investe sua atenção sobre os fatores denominados pela autora como extratextuais: emissor, receptor, intenção, canal, tempo, espaço, pretexto comunicativo e função do texto. Feita essa contextualização, Nord (loc. cit.) sugere que o tradutor passe a uma análise intratextual, guiada por fatores como temática, conteúdo, entrelinhas, organização do texto, elementos não-verbais, léxico, sintaxe e elementos suprasegmentais.

Ainda na área de Estudos da Tradução, a leitura de bibliografia sobre os chamados “marcadores culturais” contribuiu para a identificação de marcas deixadas nos textos de partida pelo contexto histórico em que foram produzidos², bem como para a transposição de tais marcas para o português. As marcas culturais são definidas correntemente como “elementos característicos do cotidiano, da história ou da política de determinado povo, país ou lugar, que não possuem correspondentes dentre outros povos, em outros países ou em outros lugares” (MARKSTEIN, 1999, p. 288). Neste trabalho, adotaremos uma noção expandida de marcas culturais, proposta por Azenha Junior (2006). Segundo o autor, tais marcas não devem ser buscadas apenas na realidade extralinguística, mas também “no modo

² Paralelamente às concepções de “marcas culturais” extraídas da área de Estudos da Tradução, quando nos referirmos, neste trabalho, às marcas que o contexto histórico imprime nos textos, nos apoiamos nos conceitos de “mitos, emblemas e sinais” do historiador Carlo Ginzburg. Segundo Ginzburg, “o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 1989, p. 157). Nesse sentido, embora a História busque se manter como uma “ciência *sui generis*, irremediavelmente ligada ao concreto” (op. cit., p. 156) o historiador também lida cotidianamente com o abstrato, com sinais (ou marcas, na terminologia adotada em nosso trabalho) que “remontam a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (op. cit., p. 152). O autor aponta a Filologia e a Crítica Textual como disciplinas semelhantes à História, por também serem “indiciárias”. Elas, por sua vez, buscam tais marcas/sinais no texto, que consideram “uma entidade profunda invisível, a ser reconstruída para além dos dados sensíveis” (op. cit., p. 158).

como cada cultura enxerga o mundo e o reconstrói no interior do discurso” (AZENHA JUNIOR, 2006, p. 30). Partindo dessa definição, utilizamos mecanismos da análise do discurso para demonstrar que o embate ideológico característico dos interrogatórios da Rosa Branca pode ser considerado representativo de toda a sua conjuntura histórica, na medida em que reflete as arbitrariedades e as medidas repressivas do regime nacional-socialista na Alemanha.

O repertório teórico acerca da dimensão temporal na tradução também foi útil para nos aproximarmos da problemática inerente à tradução de textos fortemente marcados por seu contexto histórico. Aubert (1994, p. 15), por exemplo, associa uma distância temporal muito extensa entre a produção do texto de partida e sua tradução a maiores dificuldades no processo de tradução. Nord (2009, p. 58), por sua vez, relaciona essa distância temporal aos conhecimentos que se pode (ou não) pressupor por parte dos destinatários da cultura de chegada e ao tipo de tradução que deve ser feita. Segundo a autora, a tradução documental, na qual o texto de partida é tomado como uma espécie de documento da situação na qual foi produzido e traz informações sobre ela, seria a mais recorrente para textos carregados de uma dimensão temporal (cf. NORD, 2009, p. 60).

Apoiando-se inicialmente nesse referencial teórico, a metodologia da pesquisa dividiu-se em duas etapas. A primeira foi dedicada à análise preliminar dos textos de partida e à produção simultânea de uma versão intermediária da tradução do *corpus*. Nessa fase, orientamo-nos pelo modelo de análise pragmático-funcional proposto por Christiane Nord, o qual apresenta a tradução como um processo circular e contínuo. Diferencia-se dos modelos bifásicos (como o de WILLS, 1977) ou trifásicos (como o de NIDA, 1964) por não segmentar etapas consecutivas nesse processo, mas reconhecer que o tradutor refaz várias vezes o percurso entre análise e síntese e, à medida em que avança na produção do texto de chegada (TC), torna a direcionar seu olhar aos fatores já analisados para confirmar ou rever as decisões tomadas.

O modelo, ilustrado a seguir, propõe “que cada passo para frente acompanha um olhar para trás³” (NORD, 2009, p. 37, tradução nossa). Segundo ele, a primeira estação do processo de tradução (ou “translação”, na terminologia funcionalista que abarca tanto a tradução – de textos escritos – quanto a interpretação oral) deve ser a identificação da função que o texto de chegada cumprirá em seu contexto. O tradutor poderá aferir essa função a partir da análise dos

³ Das heißt, dass jeder Schritt ‘vorwärts’ gleichzeitig mit einem ‘Blick zurück’ verbunden wird, dass jede neue Erkenntnis im Laufe des Analyse- und Verstehensprozesses gleichzeitig auch zurück wirkt auf vorherige Erkenntnisse, die dadurch bestätigt oder aber auch korrigiert werden.

perder de vista as características do TP especialmente relevantes para que o TC cumpra seu escopo. A autora propõe que a análise do TP parta dos fatores extratextuais (contextualização temporal e espacial, identificação da função do texto, etc.) para os fatores intratextuais (organização do texto, léxico, sintaxe, entrelinhas, etc.).

Para a análise dos fatores extratextuais nos interrogatórios que constituem o *corpus* de nosso trabalho, tornou-se fundamental consultar bibliografia sobre o Nacional-Socialismo e sobre a resistência alemã, assim como bibliografia específica sobre o grupo A Rosa Branca. Tais leituras possibilitaram a contextualização histórica dos textos de partida, fundamental para que a posterior tradução conseguisse preservar as marcas deixadas pelo contexto nacional-socialista nesses textos. Elas constituíram também o fundamento para a redação do primeiro capítulo da dissertação, no qual contextualizamos as ações da Rosa Branca em meio a um panorama geral da resistência alemã.

Na fase de análise, o modelo de Nord propõe, para cada um dos fatores internos e externos ao texto, um conjunto de perguntas que ajudam o tradutor a determinar quais deles serão de fato relevantes para a tarefa de tradução específica. Na primeira etapa de pesquisa utilizamo-nos dessas perguntas, aliadas a alguns dos princípios da Linguística Textual e da Análise do Discurso (descritos no terceiro capítulo desta dissertação), para realizar a análise preliminar do *corpus* e chegar aos fatores relevantes para a sua tradução. A partir dessa análise, chegamos aos seguintes “macrofatores” (assim denominados por muitas vezes abrangerem mais de um dos fatores descritos por Nord) que seriam aprofundados na segunda fase de pesquisa:

Fatores extratextuais: função, gênero textual, situação comunicativa e participantes da interação

Fatores intratextuais: estilo, relação entre oralidade e escrituralidade, e vestígios de retextualização

Confluências: marcadores histórico-culturais e estratégias linguístico-discursivas

Por fim, a terceira estação do modelo Nord diz respeito à fase de transferência, onde “as características do TP relevantes para o escopo do TC são eventualmente adaptadas e os recursos da língua de chegada necessários para a produção do TC são selecionados e preparados⁵” (NORD, 2009, p. 36, tradução nossa). Essa seleção possui, portanto, uma

⁵ Nun können in der Transferphase die für den Skopos relevanten AT-Merkmale gegebenenfalls bearbeitet und die für die Zieltextproduktion erforderlichen ZS-Mittel bereitgestellt und ausgewählt werden.

orientação prospectiva, direcionando-se para o texto de chegada, cuja forma definitiva encerrará, mais tarde, o processo de tradução. Tendo isso em vista, nessa primeira etapa da pesquisa, guiada pelo modelo de Christiane Nord, produzimos uma versão preliminar da tradução do *corpus*, que seria ainda bastante modificada e aperfeiçoada (acompanhando as diversas idas e vindas características do modelo da autora).

A segunda etapa da pesquisa, que se seguiu à contextualização, análise e tradução preliminares do *corpus*, teve início após o exame de qualificação, quando começamos um estágio de pesquisa de três meses na Universidade Ludwig Maximilian de Munique sob supervisão da Profa. Dra. Claudia Maria Riehl. Nessa fase, a bibliografia inicial foi complementada por indicações da professora, que é especialista nas áreas de Linguística Textual e Pragmática (com foco em especificidades culturais de textos e discursos), e por meio de pesquisas realizadas na Fundação Rosa Branca (*Weißer Rose Stiftung*) e no Instituto de História Contemporânea (*Institut für Zeitgeschichte*) de Munique. Além de ter acesso a bibliografia nova, em Munique e Berlim pudemos consultar e tirar cópias das atas originais dos processos movidos pelo “Tribunal do Povo” nazista contra membros da Rosa Branca. Em meio às atas estavam, entre outros documentos importantes para nosso trabalho, os protocolos originais dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl.

Com base nas novas fontes trazidas de Munique, redigimos o capítulo de análise e aperfeiçoamos a tradução do *corpus*. A tradução preliminar, que havia sido realizada a partir das versões dos interrogatórios transcritas em CHAUSSY & UEBERSCHÄR (2013, p. 213 et seq.), foi revisada com base nas cópias dos protocolos originais e acrescida de comentários que, incorporados à tradução, têm três funções principais: a) apontar e analisar as marcas deixadas nos textos, e especialmente, no âmbito do léxico) pelo momento histórico em que foram produzidos; b) justificar determinadas opções de tradução e c) indicar possíveis contradições entre o que está registrado nos protocolos de interrogatório e fatos apurados posteriormente por pesquisas historiográficas sobre a Rosa Branca.

No final dessa última etapa de pesquisa também foi descrita a estratégia de tradução (capítulo 5 da dissertação), entendida enquanto conjunto dos critérios e procedimentos adotados na transposição do *corpus* para o português. A descrição da estratégia também é parte importante do modelo de Christiane Nord (vide figura 1 deste trabalho), constituindo dentro dele uma quarta estação do processo de tradução. No presente trabalho, a estratégia de tradução foi guiada pelas conclusões da análise e reconstituída a partir das diferentes versões dos textos de chegada, que foram preservadas. Através da descrição e exemplificação da

estratégia, pretendíamos tornar o mais transparente possível o processo de tradução e o caminho percorrido até chegarmos às soluções para os problemas advindos dos diversos tipos de distância (temporal, espacial, ideológica, funcional) que separam textos/contexto de partida e textos/contexto de chegada.

Descrita dessa forma a metodologia de pesquisa, cabe ainda a este capítulo justificar a relevância do presente trabalho. Ela diz respeito, em primeiro lugar, à contribuição da tradução, enquanto transferência entre culturas, para a difusão de textos representativos de determinada época histórico-cultural. Nossa pesquisa insere-se, portanto, em uma perspectiva dos Estudos da Tradução que leva em conta a dimensão cultural do ato tradutório e segundo a qual a tradução serve tanto para “transmitir conhecimentos e tornar possível a compreensão entre grupos e nações”, quanto para “transmitir cultura” (NEWMARK, 1988, p. 8). Nesse sentido, a tradução e o estudo dos interrogatórios realizados com membros da Rosa Branca abrirão caminho para novas possibilidades de pesquisa, ao divulgar e tornar acessível aos não falantes de alemão um tópico da história (e, conseqüentemente, da cultura) alemã muito pouco abordado e estudado no Brasil: a resistência de alemães ao Nacional-Socialismo.

Além disso, o trabalho assume, na conjuntura atual, uma relevância educativa ao divulgar, a partir do exemplo da repressão a opositores políticos pelo Nacional-Socialismo, os perigos do Totalitarismo e de ideologias extremistas. Sete décadas depois da queda do regime nacional-socialista, uma onda extremista, dirigida por grupos neonazistas (como o *Nationalsozialistischer Untergrund* – “Clandestinidade Nacional-Socialista”) e anti-islâmicos, (como a *PEGIDA* – “Europeus Patrióticos contra a Islamização do Ocidente”) volta a propagar, na Alemanha, o ódio e a perseguição a camadas da população que, segundo eles, não deveriam ter espaço na Europa. Assim, algumas das condições que permitiram, décadas atrás, a ascensão de Hitler ao poder, parecem se repetir: setores da população – muçulmanos, refugiados e imigrantes em geral – são responsabilizados por problemas enfrentados pela nação, pela Europa e pelo mundo, como o terrorismo, e apontados como uma ameaça ao desenvolvimento. Paralelamente a isso, são reacendidas discussões sobre os perigos do fanatismo, seja ele de cunho religioso ou político. Neste cenário, pesquisas sobre a resistência ao Nacional-Socialismo assumem a função de manter viva a memória de quem lutou pelo fim do horror disseminado pelos nazistas e evitar que a história venha a se repetir por meio de novas manifestações de fanatismo e totalitarismo.

2 A ROSA BRANCA NO CONTEXTO DA RESISTÊNCIA ALEMÃ AO NACIONAL-SOCIALISMO

Quando se aborda o tema Nacional-Socialismo, a ideia de que o governo de Hitler teria sido aceito de forma incontestada por grande parte da população alemã é sempre uma questão eminente. Diante dos inúmeros crimes cometidos pelos nazistas – dos quais hoje se tem conhecimentos detalhados graças a numerosos estudos científicos sobre a época e aos relatos dos próprios sobreviventes, que continuam a ser publicados em edições inéditas – tenta-se compreender como representantes de tal ideologia foram capazes de ascender ao poder e manter-se nele por mais de uma década. Nesse contexto, também chama a atenção o fato de o Nacional-socialismo, assim como a maioria dos regimes fascistas, não ter sido derrubado por uma oposição interna, mas sim em decorrência de uma derrota militar internacional⁶.

Não fosse o apoio de amplas camadas da população alemã, Hitler e seus seguidores certamente não teriam conseguido colocar em prática e levar tão longe seus planos hediondos. Com a derrota alemã e o fim da guerra, a ideologia nazista continuou profundamente impregnada nas instituições e nos indivíduos, gerando a necessidade de se promover uma “desnazificação” da Alemanha. Nesse processo, o apoio dos alemães ao nazismo entre 1933 e 1945 passou a ser considerado motivo para que eles respondessem (inclusive judicialmente) pelos crimes cometidos por seu Estado. Surgiu assim a tese da “culpa coletiva alemã” segundo a qual todos os alemães e toda a história alemã, de Lutero a Hitler, teriam uma parcela de culpa nos crimes nazistas⁷.

Embora seja inegável que a grande massa dos alemães aceitou e de alguma forma colaborou com o nazismo, não se deve perder de vista que as formas de resistência na Alemanha também foram diversas e multifacetadas. Se elas não conseguiram destituir Hitler do poder, isso evidentemente não significa que não tenham existido e tido essa intenção.

⁶ Cf. SZNAJDER 2010, p. 25.

⁷ Essa tese, bastante disseminada no pós-guerra, foi refutada por autores como Hannah Arendt. Na década de 1960, após a polêmica desencadeada pelos artigos que publicou sobre o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém – nos quais defendeu, entre outras coisas, que o idealizador da “solução final” não passava de um ser humano comum e medíocre e que muitos líderes judeus contribuíram para o extermínio de seis milhões de correligionários – Hannah Arendt publicou ainda diversos ensaios sobre temas relacionados ao Nacional-Socialismo e ao holocausto. Em alguns deles, reunidos mais tarde na obra *Responsabilidade e Julgamento*, a filósofa aborda a tese da “culpa coletiva alemã”. Arendt refere-se à tese como uma “falácia” que “na prática, se transformou numa caiação altamente eficaz para todos aqueles que realmente tinham feito alguma coisa, pois quando todos são culpados ninguém o é” (ARENDT, 2004, p. 83). Para a autora, a culpa (diferente da responsabilidade) é sempre pessoal e individual e está ligada a preceitos morais e legais, devendo, portanto, ser julgada sempre caso a caso.

Convicções políticas, crenças religiosas, comoção ou revolta diante de um fato cotidiano, vergonha dos crimes cometidos pelo Estado e compaixão pelas vítimas constituíam alguns dos motivos que levaram alemães a tomarem atitudes de resistência⁸.

Essas atitudes podiam assumir formas mais ostensivas, como é o caso das dezenas de atentados planejados (e alguns de fato cometidos) contra Hitler, ou se resumirem a pequenas sabotagens cotidianas no âmbito individual, como tomar um atalho para escapar da obrigatoriedade de proferir a saudação nazista⁹, escutar emissoras de rádio estrangeiras e oferecer apoio a vítimas de perseguição. Neste trabalho, defendemos que todas elas devem ser entendidas como formas de resistência, pois direcionavam-se contra o regime nacional-socialista e eram severamente reprimidas por ele. Conforme observa Hudemann (2013, p. 250), “mesmo ações que, do ponto de vista atual, não seriam caracterizadas como resistência eram combatidas como tais pela *Gestapo* e de maneira sempre mais ampla, numa crescente radicalização da violência”. Levando isso em conta, a concepção de resistência subjacente ao presente trabalho vai ao encontro da definição de Benz & Pehle (2008), segundo quem deve-se entender por resistência “toda forma de recusa e oposição, desde a obstrução silenciosa até a tentativa de assassinar tiranos”¹⁰ (BENZ & PEHLE, 2008, p. 11, tradução nossa).

Pesquisadores utilizam-se de diferentes termos para estabelecer recortes maiores ou menores do conceito de resistência. Broszat (1981) propõe, no alemão, uma diferenciação conceitual entre as palavras *Widerstand* e *Resistenz*. O autor, pesquisador do Instituto de História Contemporânea de Munique, sugere que a primeira seja utilizada apenas para designar ações deliberadamente voltadas a derrubar o governo de Hitler e cujos autores tinham consciência de estarem, com isso, colocando sua integridade física e sua vida em risco. Já o conceito de *Resistenz* – termo de origem latina que, no alemão, é frequente sobretudo na área de medicina para designar uma espécie de “imunidade” a algo nocivo – seria mais amplo, abrangendo “todas as formas efetivas de rejeição, limitação, contenção à ditadura nacional-socialista ou às suas exigências, independentemente de onde residissem as motivações, justificativas ou esforços”¹¹ (BROSZAT, 1981, p. 697, tradução nossa). A distinção proposta

⁸ Cf. BENZ & PEHLE, 2008, p. 11.

⁹ Durante a hegemonia nazista, foi erguido em Munique, ao lado direito do monumento “Templo dos Generais” (Feldherrnhalle), um memorial para os militantes nazistas mortos durante a tentativa de golpe liderada por Hitler em 1923. Homens da SS revezavam-se dia e noite para fazer a guarda do memorial. Quem passava por lá, devia obrigatoriamente tirar o chapéu e proferir a saudação nazista. Para escapar disso, muitos pedestres optavam por alterar seu caminho e atravessar pela ruela Viscardigasse para o outro lado do monumento, onde não havia sentinelas.

¹⁰ [...] jede Form von Verweigerung und Opposition, von stiller Obstruktion bis zum versuchten Tyrannen-Mord.

¹¹ Resistenz [...] bedeutet ganz allgemein: Wirksame Abwehr, Begrenzung, Eindämmung der NS-Herrschaft oder ihres Anspruchs, gleichgültig von welchen Motiven, Gründen und Kräften her.

por Broszat tem como objetivo fazer jus não apenas às ações concretas – conhecidas por terem, quase em sua totalidade, fracassado – mas também ao intuito de resistir que, colocado em prática em pequenas atitudes do dia-a-dia, teria tido um alcance maior.

Kershaw (1986, p. 779) também defende que o termo *Widerstand* seja utilizado de forma mais restrita, para se referir apenas a atitudes concretas, fundamentalmente contrárias ao regime e dotadas de consciência política. Não obstante, o autor alerta para o perigo se se expandir excessivamente o conceito de *Resistenz*, de forma que ele passe, em determinado momento, a abarcar ações vindas dos próprios nazistas. Ele introduz então um termo mais ameno para designar qualquer postura contrária ao regime e as “formas menos espetaculares de resistência” (HUDEMANN, 2013, p. 250) resultantes dela: *dissenso*. De acordo com Kershaw, o dissenso da sociedade alemã em relação ao regime manifestou-se sobretudo em três áreas: no setor socioeconômico (onde imperava, por exemplo, um grande descontentamento por parte dos camponeses com a política agrária nacional-socialista), no âmbito confessional (devido às restrições impostas pelo regime às comunidades religiosas) e na discordância com a política de perseguição racial empreendida pelos nazistas. Para o historiador, a postura de dissenso de parte considerável dos alemães em uma ou mais dessas esferas não abalou nem restringiu, porém, em quase nada o poder do Estado nacional-socialista. A grande popularidade do regime entre a maior parte da população fez, segundo o autor, com que a resistência propriamente dita (*Widerstand*) fosse, de fato, uma “resistência sem povo” (KERSHAW, loc. cit.), especialmente se comparada àquela exercida contra outros regimes totalitários que existiram na Europa (como Portugal e Espanha) e na América Latina.

Peukert (1981) está entre os autores de modelos teóricos que abordam a resistência alemã agrupando suas múltiplas formas em diferentes categorias. A partir de fatores como a amplitude da crítica ao regime e o âmbito da ação (privado ou público), Peukert enumera diferentes estágios de oposição. Para ele, o conceito de *Widerstand* está no ápice de uma escala que passa antes, nessa ordem, por inconformidade (*Nonkonformität*), recusa (*Verweigerung*) e protesto (*Protest*). O autor parte do pressuposto de que as próprias incoerências internas do Nacional-Socialismo colocavam os indivíduos – mesmo aqueles que não eram opositores deliberados do regime – com frequência diante da decisão de atender ou não às ordens e regras (tantas vezes evidentemente absurdas) do governo. A opção por não o fazer dava-se, na maioria dos casos, no âmbito privado, através de pequenas transgressões a normas específicas que não chegavam a questionar o “todo” e consolidavam-se em uma postura de “inconformidade”. Um pouco mais além, estava a postura de “recusa”, que já

apresentava uma nuance política e não era concretizada apenas em pequenas transgressões a normas, mas também na opção deliberada por não atender a determinações vindas, por exemplo, de instituições oficiais nazistas. O próximo estágio, de “protesto”, implicava em uma crítica um pouco mais ampla e aberta, embora ainda parcial, ao regime, como era o caso da campanha empreendida por bispos católicos contra a prática da eutanásia em doentes físicos e mentais. Por fim, o conceito de “resistência” abarcaria, segundo Peukert (1981, p. 25, tradução nossa), “aquelas formas de ação que renegavam o regime nacional-socialista como um todo e envolviam, dentro das possibilidades dadas a cada sujeito, a tomada de medidas para a derrubada do regime”¹².

Figura 2 – Formas de oposição durante o “Terceiro Reich”

(PEUKERT, 1981, p. 25, tradução nossa)

Modelos como o de Peukert costumam ser criticados devido à tentativa problemática de catalogar e relacionar *a posteriori* atitudes que tiveram motivações muito distintas e envolvem uma dimensão subjetiva que não deveria ser ignorada. Nesse sentido, a síntese de Benz (2006) acerca dos diferentes “níveis” de oposição ao regime parece ser mais adequada:

A fim de condizer com a realidade da época e fazer jus às diferentes formas de oposição, a resistência (*Widerstand*) propriamente dita não deve ser definida apenas como postura, mas como ação que, baseada no repúdio fundamental ao Nacional-Socialismo e guiada por motivações éticas, políticas, religiosas, sociais ou individuais, tinha o objetivo de contribuir para o fim do regime. A postura de dissenso em relação ao regime nacional-socialista (Ian Kershaw) ou de ‘dissidência ideológica’ (Richard Löwenthal)

¹² Als Widerstand würden wir in dieser langen Skala abweichenden Verhaltens jenen Verhaltensformen bezeichnen, in denen das NS-Regime als Ganzes abgelehnt wurde und Maßnahmen zur Vorbereitung des Sturzes des NS-Regimes im Rahmen der Handlungsmöglichkeiten des jeweils einzelnen Subjektes getroffen wurden.

era pré-requisito e pretexto. Essa postura transformava-se em resistência quando se solidificava na intenção de provocar uma mudança nas circunstâncias. Resistência propriamente dita era então toda a ‘tentativa consciente de enfrentar o regime nacional-socialista’ (Christoph Kleßmann) assumindo os riscos aí envolvidos¹³. (BENZ, 2006, tradução nossa)

A principal contribuição de estudos como os acima citados por Benz (KERSHAW, 1984; LÖWENTHAL, 1982; KLESSMANN, 1979) reside no fato de eles, direta ou indiretamente, ampliarem o conceito geral de resistência para o regime nacional-socialista. Fazem-no através da ponderação acerca das reais possibilidades de resistência ativa na época, tendo em vista o amplo controle exercido pelo Estado sobre a população alemã e a grande violência empregada na repressão de ações consideradas subversivas. Assim, conforme defendem Steinbach & Tuchel (2004, p. 19), a resistência alemã pode parecer pequena diante do terror nacional-socialista, mas cresce ao considerar-se a evolução entre suas diferentes configurações: entre a possibilidade de resistir (*Widerständigkeit*) e resistência (*Widerstand*), entre recusa e protesto, entre a torcida para a queda do regime e a conspiração ativa.

São muito raras as estatísticas sobre a oposição de alemães ao Nacional-Socialismo, especialmente quando se parte de um conceito expandido de resistência. Na época, a *Gestapo* (polícia secreta nazista) estimava que apenas dois a cada mil alemães fossem opositores do regime, conforme dados levantados pelo Centro de Documentação *Reichsparteitagsgelände* de Nuremberg¹⁴. De acordo com um levantamento de Benz & Pehle (2008, p. 10) conhece-se pelo nome cerca de 7 000 pessoas que teriam atuado na resistência em seu sentido mais amplo.

Muitas dessas ações de resistência foram descobertas pelo Estado e levadas ao “Tribunal do Povo” (*Volksgerichtshof*), tribunal político situado em Berlim criado em 1934 com a responsabilidade de julgar casos considerados crimes contra a nação (tais quais alta traição, traição à pátria e crimes políticos em geral). A pena para tais crimes era, via de regra, a morte. Em uma década (1934 a 1944), o referido tribunal julgou 4 380 denúncias e proferiu

¹³ Um der damaligen Wirklichkeit zu entsprechen und um den verschiedenen Formen von Opposition gerecht zu werden, ist Widerstand im eigentlichen Sinn deshalb nicht nur als Haltung zu definieren, sondern als Handeln, das auf grundsätzlicher Ablehnung des Nationalsozialismus beruhte und aus ethischen, politischen, religiösen, sozialen oder individuellen Motiven darauf abzielte, zum Ende des Regimes beizutragen. Voraussetzung und Anlaß war eine Haltung von Dissens zum NS-Regime (Ian Kershaw) oder von ‘weltanschaulicher Dissidenz’ (Richard Löwenthal). Widerstand wurde daraus, wenn diese Haltung sich zur Absicht verdichtete, eine Änderung der Verhältnisse herbeizuführen. Widerstand im eigentlichen Sinne war dann jeder ‘bewußte Versuch, dem NS-Regime entgegenzutreten’ (Christoph Kleßmann) und die damit verbundenen Gefahren auf sich zu nehmen.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.museen.nuernberg.de/dokuzentrum/themen/nationalsozialismus/widerstand/der-deutsche-widerstand/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

12 212 sentenças de morte¹⁵, oito delas contra membros e colaboradores do grupo de resistência A Rosa Branca (*Die Weiße Rose*): Alexander Schmorell, Christoph Probst, Kurt Huber, Hans Leipelt, Hans Scholl, Heinz Kucharski, Sophie Scholl e Wilhelm (Willi) Graf.

Conforme deixa claro o exemplo do “Tribunal do Povo”, a relação entre resistência e repressão no Nacional-Socialismo caracteriza-se, assim como acontece nos regimes totalitários em geral, por uma profunda assimetria: qualquer gesto, por menor que fosse, que parecesse se voltar contra a soberania do Estado nacional-socialista corria o risco de ser punido com a morte. Os julgamentos realizados pelo referido tribunal eram meros espetáculos, já que na maior parte dos casos a sentença já estava definida antes mesmo de seu início. Especialmente nas sessões conduzidas pelo presidente do tribunal, Roland Freisler, os réus não tinham a menor chance de defesa diante do juiz fanático, que se dirigia a eles aos berros e de forma ofensiva. Os defensores, por sua vez, não ousavam se esforçar muito para amenizar a pena de seus clientes, mas se preocupavam mais em demonstrar sua própria fidelidade ao regime, convertendo-se muitas vezes em acusadores durante a audiência.

Tomadas sob outra perspectiva, resistência e repressão são sempre ações complementares. A resistência, tal qual a concebemos neste trabalho, só ocorre em contextos assimétricos, em que um grupo prepondera de forma hegemônica sobre outro e faz uso da repressão (e do terror) para manter sua hegemonia. Não há, portanto, resistência sem repressão nem vice-versa. A relação entre os dois conceitos pode ser interpretada com base nas concepções de “ordem” e “desordem” de Balandier (1982). Nas palavras do autor,

a ordem e a desordem da sociedade são como o verso e o averso de uma moeda, indissociáveis. Dois aspectos ligados, dos quais um, à vista do senso comum, aparece como a figura invertida do outro. Esta inversão da ordem não é sua derrubada, dela é constitutiva, ela pode ser utilizada para reforçá-la. Ela faz a ordem com a desordem, assim como o sacrifício faz a vida com a morte, a “lei” com a violência apaziguada pela operação simbólica (BALANDIER, 1982, p. 41)

Enquanto regime totalitário, o Nacional-Socialismo soube se utilizar desse jogo entre “ordem e desordem” a seu favor. Para chegar ao poder, Hitler apresentou-se à população como defensor da ordem e logo criou um vasto espectro de inimigos, apontados como representantes da desordem: judeus, comunistas, homossexuais, ciganos, opositores políticos em geral, etc. Durante todo o tempo em que detiveram o poder, os nazistas procuraram,

¹⁵ SCHÄDLER, 2009, p. 93.

sobretudo através da propaganda e do terror, manipular a dinâmica entre ordem e desordem/resistência e repressão para se fortalecer e, com isso, enfraquecer seus opositores.

Introduzidas assim algumas questões relevantes para compreender a conjuntura em que se deu resistência alemã ao Nacional-Socialismo, na primeira seção deste capítulo serão comentados sucintamente aspectos relacionados à ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) ao poder, bem como especificadas algumas das medidas tomadas por ele que motivaram atitudes de resistência em diferentes círculos da sociedade alemã.

2.1 Ascensão do nazismo na Alemanha e impulsos para a resistência

Fundado em janeiro de 1919 pelo ferreiro Anton Drexler e pelo jornalista Karl Harrer, o Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães (inicialmente denominado apenas Partido de Trabalhadores Alemães) caracterizava-se desde o início por suas ideias antisemitas e antimarxistas e por alinhar-se à direita radical. Surgiu em Munique, o local onde, depois da Primeira Guerra Mundial, “as desilusões e paixões nacionais, fortalecidas por manifestações tipicamente bávaras, foram vivenciadas com uma intensidade maior do que em qualquer outro lugar da Alemanha” (BENZ, 2008a, p. 11, tradução nossa).

Foi também em Munique que, em 9 de novembro de 1923, o então líder do partido, Adolf Hitler, tentou tomar o poder do governo da Baviera. A tentativa, que ficou conhecida como “Golpe da Cervejaria” por ter se iniciado na cervejaria *Bürgerbräukeller* na noite de 8 de novembro, fracassou: foi contida na manhã seguinte pela polícia e por tropas do exército. Hitler, que marchava com seus seguidores em direção ao monumento *Feldherrnhalle* (Templo dos Generais), foi preso.

Uma década mais tarde, a Alemanha vivenciava uma crescente decadência do Estado democrático¹⁶. População e governantes permaneciam indignados, entre outros fatores, com as disposições do Tratado de Versalhes. Estavam dadas, assim, as condições básicas para o estabelecimento de um regime totalitário na Alemanha. Segundo Hannah Arendt (2012, p. 474 et. seq.), o Totalitarismo se caracteriza basicamente por sua arbitrariedade, bem como por se utilizar da propaganda e do terror para impor sua ideologia, controlar e dominar permanentemente a população. Na primeira metade século XX, ele encontrou sua expressão

¹⁶ Cf. HUDEMANN, 2013, p. 240.

nos regimes fascistas (ou com nuances fascistas) que surgiram quase simultaneamente na Europa: o nazismo na Alemanha (1933 a 1945), o fascismo na Itália (1925 a 1943), o franquismo na Espanha (1939 a 1976), o salazarismo em Portugal (1933 a 1974). No Brasil, o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937 a 1945) também compartilhava de diversas nuances fascistas.

Tanto para chegarem ao poder quanto para se manterem nele, os regimes totalitários têm em comum o fato de se apoiarem em determinados mitos, recorrentes na história mundial. É o caso dos quatro mitos descritos por Raoul Girardet (1987) em seu trabalho sobre a construção de imaginários políticos: a “conspiração”, o “salvador”, a “idade de ouro” e a “unidade”. Todos eles são facilmente reconhecíveis no Nacional-Socialismo: a propaganda nazista foi conquistando simpatizantes e aproximando-se do poder ao apresentar Hitler como um “salvador” (o “Führer”), que surgia em uma época de crise para transformar os alemães em uma “unidade” (a “Comunidade do Povo”), livrar a Alemanha da “conspiração” (promovida por um vasto espectro de “inimigos”, dentre os quais estariam os judeus¹⁷) e conduzi-la para uma nova “idade de ouro” (o “Terceiro Reich”).

Apoiando-se nesses mitos, o Nacional-Socialismo chegou ao poder da mesma forma que os regimes fascistas em geral: enquanto promessa de governo que preencheria uma espécie de vazio. Conforme observa Sznajder (2010), o nacionalismo característico das ideologias fascistas correspondia às necessidades de sua época:

A luta social e a perda de identidades coletivas claras, implicadas nos processos anteriores, abriu um vazio que o fascismo tentou preencher. Este vazio deveria ser preenchido não apenas exaltando a nação de forma extrema, mas também respondendo a uma necessidade de toda ideologia moderna: proporcionar uma fórmula para resolver os problemas sociais crescentes associados à perda de identidades e as demais crises geradas pelos profundos processos de câmbio [...]. (SZNAJDER, 2010, p. 26)

Em 30 de janeiro de 1933, um grupo de representantes da elite conservadora pressionou e conseguiu convencer o presidente Paul von Hindenburg a entregar, com o apoio do exército, o cargo de chanceler a Adolf Hitler. A propaganda nazista, chefiada por Joseph Goebbels, apoderou-se então do termo *Machtergreifung* (“Tomada do Poder”) para designar o evento e as medidas tomadas em seguida com vistas a estabelecer um regime totalitário¹⁸. Criava-se assim a impressão de que os nazistas teriam ascendido ao poder de forma

¹⁷ Em uma obra recente, *Os dez mitos sobre os judeus*, a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro analisa a fundo mitos que, durante o regime nacional-socialista, foram instrumentalizados para justificar a perseguição aos judeus e continuam servindo de base para o antissemitismo contemporâneo.

¹⁸ SCHMITZ-BERNING, 2007, p. 392 et seq.

revolucionária, derrubando o governo então existente. Entretanto, Hitler “chegou ao cargo sem destituir formalmente a constituição, e com o apoio dos conservadores e do exército. A questão agora era como converter sua posição de mais um gabinete de coalizão de Weimar em uma ditadura de estado de partido único” (EVANS, 2012, p. 30). Inicialmente, ele o fez solicitando e obtendo de Hindenburg a autorização para dissolver o parlamento (*Reichstag*), incendiado em 27 de fevereiro de 1933, e organizar novas eleições. A partir delas conseguiu a representatividade necessária para aprovar a Lei de Concessão de Plenos Poderes (*Ermächtigungsgesetz*), suspender a constituição da República de Weimar e passar a governar a Alemanha de forma tirana. Seu Estado recebeu o nome de “Terceiro Reich” e apresentava Hitler como “cumpridor da História da Alemanha” (HUDEMANN, 2013, p. 241) depois da queda dos dois primeiros impérios alemães: o Sacro Império Romano-Germânico, derrubado por Napoleão em 1806, e o Império Alemão, dissolvido com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918.

O “Terceiro Reich” compartilhava de características comuns aos regimes fascistas elencadas por Sznajder (2010), tais quais a “primazia do poder político sobre considerações de caráter social, econômico ou cultural” (SZNAJDER, op. cit., p. 25), o “caráter guerreiro e violento” (SZNAJDER, loc. cit.), a “visão corporativa da sociedade e economia, subordinadas às aspirações de grandeza nacional” (SZNAJDER, loc. cit.) e a determinação de valores éticos imprescindíveis como “o heroísmo e a vontade de sacrifício [...], a glorificação da luta e da morte” (SZNAJDER, op. cit., p. 28).

No caso do nazismo, a visão corporativa da sociedade solidificou-se no conceito de “Comunidade do Povo” (*Volkgemeinschaft*). Trata-se, na acepção nacional-socialista, de uma comunidade de sangue, estabelecida a partir de critérios de pureza racial e cujos membros, os “compatriotas” (*Volksgenossen*), partilhavam necessariamente da mesma origem, história, língua e cultura. Nessa forma de sociedade, classes sociais, partidos, pontos de vista divergentes e interesses individuais deveriam ser sacrificados em prol do bem comum de todos os “compatriotas”¹⁹.

Dessa concepção de sociedade e do “caráter guerreiro e violento das ideologias” nazifascistas, que veem a vida humana como uma constante guerra pela sobrevivência²⁰, nasceu a necessidade de designar-se inimigos. Conforme constata Sznajder (2010, p. 29), “os inimigos se convertem em uma necessidade para os Estados fascistas, já que lhes permitem, através do exercício da violência, preservar seu dinamismo e caráter positivo”. Assim, “tudo e

¹⁹ SCHMITZ-BERNING, 2007, p. 642, 654 e 660.

²⁰ SZNAJDER, 2010, p. 32.

todos os que se antepõem ou impeçam o bem-estar do corpo nacional colocam-se [...] automaticamente no plano dos inimigos da comunidade-nação-raça e contra eles é exercida a intolerância em seus vários graus, que vai desde a exclusão até a morte”. (SZNAJDER, 2010, p. 32)

Diversas categorias sociais foram excluídas pelo nazismo com base no conceito de “inimigo do Povo” (*Volksfeind/ volksfeindlich*): judeus e ciganos, por não pertencerem ao construto de “raça ariana”, homossexuais, opositores políticos e todos os grupos que não tivessem aderido totalmente ao Nacional-Socialismo ou reivindicassem alguma autonomia em relação ao Estado. Conforme já foi mencionado anteriormente, os opositores políticos do regime eram, em geral, julgados pelo “Tribunal do Povo” sob a acusação de terem, com seus pensamentos e ações subversivos, traído a “Comunidade do Povo”.

Conforme observa Salgado (2013) em um estudo sobre a linguagem das duas primeiras sentenças proferidas contra membros do grupo de resistência A Rosa Branca, “o que impulsiona e orienta os processos no Tribunal do Povo é o intenso direcionamento de quaisquer atos dos réus em direção à imagem do inimigo do *Reich*” (SALGADO, 2013, p. 25). A autora destaca a forte dimensão subjetiva empregada na construção dessa imagem ao longo da sentença que condenou à morte Alexander Schmorell, Kurt Huber e Willi Graf. O trecho abaixo, extraído dessa sentença proferida pelo “Tribunal do Povo” em 19 de abril de 1943, é um exemplo da parcialidade com que se acusava de “inimigos do Povo” e condenava à morte muitos opositores políticos do *Reich*:

Aquele estudante ou professor que insulta o *Führer* dessa forma não é mais um dos nossos. Aquele que ataca com ferroadas traiçoeiras o nacional-socialismo não tem mais legitimidade para estar entre nós. Aquele que encarna a alta traição, parida de um *cérebro inimigo do povo*, e provoca a cisão da nossa unidade e da decisão de lutar está corrompendo nossa força militar; está ajudando o *inimigo* nesta guerra. (SCHOLL, 2014, p. 134, grifos nossos)

Quando a *Gestapo* acreditava ter descoberto e eliminado a maior parte da oposição política, no fim da década de 30, o conceito de inimigo foi ainda mais alargado. Um decreto expedido em 5 de setembro de 1939²¹ (quatro dias após o início da Segunda Guerra Mundial) previa pena de morte e trabalhos forçados para ações de pessoas “nocivas ao Povo” (*Volksschädlinge*) que se aproveitassem da situação de guerra para cometer crimes. A partir de então, a *Gestapo* passou a vigiar ainda mais a população e a investigar a fundo qualquer

²¹ DEUTSCHES REICH. Verordnung gegen Volksschädlinge vom 5. September 1939. **Reichsgesetzblatt I**, Reichsministerium des Innern, Berlim, n. 168, p. 1679, 1939. O texto original do decreto é acessível online na página do projeto ALEX, da Biblioteca Nacional Austríaca, que divulga textos jurídicos e legais de relevância histórica. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?aid=dra&datum=1939&size=45&page=1910>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

ação cotidiana suspeita²². Conforme aponta Hudemann (2013, p. 257), quanto mais se aproximava o final da guerra, mais a intolerância, a violência desenfreada e o “ímpeto de extermínio” do nazismo voltavam-se contra a própria população alemã. Trata-se de mais uma característica constituinte do Totalitarismo apontada por Hannah Arendt:

A distinção decisiva entre o domínio totalitário, baseado no terror, e as tiranias e ditaduras, impostas pela violência, é que o primeiro se volta não apenas contra seus inimigos, mas também contra os amigos e correligionários, pois teme todo poder, até mesmo o poder dos amigos. O clímax do terror é alcançado quando o estado policial começa a devorar os seus próprios filhos, quando o carrasco de ontem torna-se a vítima de hoje. (ARENDT, 1985, p. 30)

Esse terror disseminado pelas instituições nacional-socialistas e a interferência cada vez maior dos mecanismos do Estado na vida privada provocaram descontentamento em membros de diversos setores da sociedade e constituíram impulsos para a resistência (e, conseqüentemente, para uma repressão cada vez maior) conforme será aprofundado na segunda seção deste capítulo. O processo de “sincronização interna” (*innere Gleichschaltung*), que visava à adaptação do pensar e do agir de todos os alemães à visão de mundo nazista, iniciou-se na esfera política e administrativa do *Reich*, com a exclusão de todos aqueles não estivessem de acordo com a ideologia nazista, e propagou-se pela sociedade em geral, gerando um crescente cerceamento da liberdade individual.

Além, naturalmente, dos grupos vítimas de perseguição, especialmente a juventude alemã experimentou uma mudança radical em seu estilo de vida com a ascensão do nazismo ao poder. Conquistar os jovens foi uma das maiores preocupações da propaganda nazista e controlá-los sempre esteve entre as prioridades do Estado.

Na obra *Zehn Millionen Kinder. Die Erziehung der Jugend im Dritten Reich* (Dez milhões de crianças. A educação da juventude no Terceiro Reich) publicada pela primeira vez em 1938 na Holanda e nos Estados Unidos, Erika Mann analisa – e denuncia para a comunidade internacional – como o nazismo embrenhou-se na população alemã a partir de um trabalho profundo de doutrinação ideológica, que começava na infância com o auxílio de três instituições: a família, a escola e a juventude estatal. Segundo a autora, que era, assim como seu pai (o escritor Thomas Mann), opositora convicta do Nacional-Socialismo, a ideologia nazista fazia-se presente em todas as esferas do cotidiano infantil e juvenil:

²² WICKERT, 2008, p. 142.

A criança alemã é hoje uma criança nazista e nada mais. A escola que ela frequenta é uma escola nazista, a organização de jovens à qual ela pertence é uma organização nazista, os filmes que permitem que ela assista são filmes nazistas e sua vida pertence, sem restrições, ao Estado nazista. [...] A juventude já não tem interesses privados e nada sabe de um mundo diferente e melhor governado. Foi na pouca experiência e na facilidade de acreditar da juventude que o “*Führer*” encontrou, desde o princípio, sua melhor chance. Conquistar a juventude era motivo de orgulho para ele, como deve ser para qualquer ditador²³. (MANN, 1997, p. 21 et seq., tradução nossa)

O esquema abaixo, elaborado pelo Instituto de História Contemporânea de Munique (reproduzido em DAHM, 2010, p. 272, tradução nossa), apresenta as diversas formas de doutrinação empreendidas pelo governo para controlar a população alemã que da infância à vida adulta e incutir nela a ideologia nazista.

Figura 3 – Formas de doutrinação ideológica da infância à idade adulta

<i>População Feminina</i>		União Jovem de Meninas		Liga de Moças Alemãs		Liga Nacional-Socialista de Mulheres Liga de Mulheres Alemãs				
Idade		6...10		14	18	21	25		35	
Casa dos pais	Jardim de infância	Escola primária	Curso profissionalizante escola secundária ou superior	Dona de casa e mãe			NSDAP			
				Serviço Obrigatório para o <i>Reich</i>			Frente alemã de trabalho			
				Profissão						
Idade		6...10		14	18	20	21 22	25	35	45
<i>População masculina</i>		Povo Jovem Alemão		Juventude Hitlerista		Forças Armadas	SA, SS etc.			

Fonte: DAHM (2010, p. 272, tradução nossa)

Na esfera familiar, a destruição dos laços de confiança foi, segundo a autora, não apenas um produto do regime nacional-socialista, mas também “o cumprimento de uma tarefa da qual o regime dependia para atingir sua meta” (MANN, 1997, p. 31): a conquista do mundo pelo “Terceiro Reich”. O tempo antes dedicado ao convívio familiar passou a ser dedicado ao Estado e cada “compatriota” (homem, mulher ou criança) pertencia a pelo menos uma organização do partido (MANN, 1997, p. 30).

²³ Das Deutsche Kind [ist] heute ein Nazi-Kind und nichts weiter. Die Schule, die es besucht, ist eine Nazi-Schule, die Jugendorganisation, der es angehört, ist eine Nazi-Organisation, die Filme, zu denen man es zuläßt, sind Nazi-Filme, und sein Leben gehört ohne Vorbehalt dem Nazi-Staat. [...] Die Jugend kennt keine Privatinteressen mehr, und sie weiß nichts von einer anders und besser regierten Umwelt. In ihrer Unerfahrenheit und schnellgläubigen Bereitschaft lag von Anfang an des «Führers» beste Chance. Vor allem der Jugend habhaft zu werden, war sein Ehrgeiz, wie es der Ehrgeiz jeden Diktators sein muß.

Tão logo assumiu o poder, o nazismo também se preocupou em “sincronizar” as escolas alemãs à sua ideologia. Os professores foram intimados a afiliar-se à “Associação Nacional-Socialista de Professores” (*Nationalsozialistischer Lehrerbund*) e o currículo escolar foi reformulado, de forma a ensinar às crianças os valores que interessavam ao regime²⁴. A exaltação de valores como “o heroísmo e a vontade de sacrifício [...], a glorificação da luta e da morte” (SZNAJDER, 2010, p. 28) fazia parte também do cotidiano escolar.

Os processos de “sincronização” que se seguiram à instauração do regime nazista também afetaram as associações juvenis. Poucos meses depois do início do regime, todas essas organizações – com exceção, a princípio, das religiosas – foram proibidas, extintas ou incorporadas à Juventude Hitlerista (*Hitler-Jugend/HJ*). Em março de 1939, um decreto²⁵ tornou obrigatória a afiliação de jovens a partir dos 10 anos à juventude Hitlerista e legitimou a aplicação de sanções legais àqueles que se recusassem a participar dela.

As atividades realizadas na HJ, voltadas prioritariamente à confraternização (caminhadas, acampamentos, canções, jogos, esportes), com o tempo assumiram características cada vez mais militares: “as seções de treino concentravam-se em marcha na praça de armas, aprendizado de Código Morse, leitura de mapas e atividades similares para os meninos, enquanto as meninas focavam-se em enfermaria militar e proteção contra-ataques aéreos” (EVANS, 2012, p. 319).

O efeito da adesão à Juventude Hitlerista foi, na concepção de Evans (2012, p. 325), um embrutecimento das crianças e jovens. Sobre os meninos desenvolviam uma agressividade crescente, possivelmente decorrente dos duros treinamentos a que eram submetidos. Crianças de 10 anos, por exemplo, eram obrigadas a marchar de 8 a 10 quilômetros por dia e instigadas a odiar, insultar e agredir aqueles que eram considerados inimigos de seu povo, sobretudo os judeus²⁶.

Participar da Juventude Hitlerista, prestar o “Serviço Obrigatório para o *Reich*”²⁷ (*Reichsarbeitsdienst*) e, no caso dos rapazes, o serviço militar, eram pré-requisitos para

²⁴ MANN, 1997, p. 63.

²⁵ DEUTSCHES REICH. Erste Durchführungsverordnung zum Gesetz über die Hitler-Jugend vom 25. März 1939. **Reichsgesetzblatt I**, Reichsministerium des Innern, Berlin, n. 66, p. 709, 1939. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?aid=dra&datum=1939&page=940&size=45>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

²⁶ MANN, 1997, p. 144.

²⁷ A partir de 1935, jovens alemães de ambos os sexos que tivessem entre 18 e 24 anos deveriam realizar obrigatoriamente durante meio ano algum serviço de utilidade pública. O texto da lei que tornou tal serviço obrigatório (*Reichsarbeitsdienstgesetz vom 26. Juni 1935*) encontra-se disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?apm=0&aid=dra&datum=19350004&zoom=2&seite=00000769&ues=0&x=16&y=14>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

ingressar posteriormente em um curso superior. Referindo-se aos membros do grupo A Rosa Branca, Bald (2003) afirma que

toda uma geração de jovens rapazes precisou trilhar desvios antes de poder exercer uma profissão. Quem estava sujeito ao serviço militar obrigatório e queria estudar medicina recebia dispensa do serviço militar regular, mas, depois de uma breve formação militar básica, era treinado para ser enfermeiro. Além disso, a “completa aptidão para ser aspirante a oficial” fazia parte dos pré-requisitos para depois cursar medicina²⁸. (BALD, 2003, p. 22, tradução nossa)

Essa interferência ampla e arbitrária do nazismo na vida dos jovens, assim como seu caráter totalitário e intolerante em geral, constituiu a motivação (ou o primeiro impulso) para que parte deles passasse a questionar a legitimidade do mesmo, se convertesse em opositora do regime e empreendesse atividades de resistência. É o caso da maior parte dos integrantes da Rosa Branca, que estava entrando na adolescência quando se instaurou o regime nacional-socialista e atingiu a maioridade quando teve início a Segunda Guerra. Vivenciou, enfim, todo o processo de transformação de seu cotidiano e todas as formas de doutrinação ideológica exercidas pelo Estado nacional-socialista sobre a juventude alemã.

A próxima seção deste capítulo é dedicada à exposição de diferentes facetas da resistência alemã ao Nacional-Socialismo. Como o enfoque deste trabalho reside sobre o grupo A Rosa Branca, o panorama apresentado será sucinto e terá como objetivo localizar as ações desse grupo em meio às diversas tendências e formas de resistência que coexistiram na época.

2.2 Tendências e formas da resistência alemã

Nos anos seguintes ao fim da guerra, a resistência de alemães ao Nacional-Socialismo passou a ser estudada a partir de suas diferentes *tendências*. Elas estão relacionadas, por exemplo, aos setores da sociedade, às crenças religiosas e à afiliação política daqueles que a exerceram. Essas tendências continuam sendo parâmetro para estudos recentes sobre a resistência alemã. Assim, fala-se hoje em resistência comunista (HERBST, 2004; HERLEMANN, 2008) resistência socialista (MEHRINGER, 2004, 2008), resistência

²⁸ Eine ganze Generation junger Männer mußte Umwege einschlagen, bevor sie einen Beruf ausüben konnte. Wehrpflichtige, die Medizin studieren wollten, waren vom regulären Militärdienst befreit, wurden aber nach der verkürzten militärischen Grundausbildung zum Sanitäter geschult. Zu den Voraussetzungen für das anschließende Studium der Medizin gehörte außerdem die ‘volle Eignung zum Offizieranwärter’.

conservadora (MOMMSEN, 2008; KLAUSA, 2004), resistência militar (GRAML, 2008; WENTKER, 2004), resistência religiosa (HÜRTEN, 2004; KUNZE, 2004; NORDEN, 2008), resistência juvenil (ZARUSKY, 2008; SCHILDE, 2004) e resistência feminina (FRÖHLICH, 2004; WICKERT, 2008), entre outros.

No interior de cada uma dessas tendências coexistiram além de diferentes grupos, diversas *formas* de resistência, isto é, atitudes contrárias ao regime, tomadas no âmbito individual ou coletivo: organizar grupos de discussão em que se criticava medidas do governo, preparar e cometer atos de sabotagem a fábricas de armamentos ou a comícios do partido nacional-socialista, redigir e distribuir panfletos antinazistas, passar informações à imprensa internacional, oferecer esconderijo a vítimas de perseguição, planejar e colocar em prática um atentado contra Hitler, etc.²⁹.

A resistência ao partido nacional-socialista já existia antes mesmo de ele chegar ao poder. De acordo com Benz (2008b, p. 17), a oposição mais precoce ao “movimento” de Hitler partiu de intelectuais, artistas e escritores. As armas utilizadas por eles eram “ironia e sátira, escárnio e zombaria, o *pathos* do desespero, enfim³⁰” (BENZ, loc. cit.). A possibilidade de expressar abertamente sua insatisfação com a ideologia nazista foi, entretanto, suspensa oficialmente em 30 de janeiro de 1933, com a proibição da oposição pública ao partido. A partir de então, muitos dos primeiros opositores do regime viram-se forçados a “uma emigração exterior ou interior, isto é, a fugir da Alemanha ou a recuar, calados, a uma postura apolítica”³¹ (BENZ, op. cit., p. 28).

A extinção, nos meses seguintes ao início do regime nacional-socialista, dos partidos comunista (KPD - *Kommunistische Partei Deutschlands*) e socialdemocrata (SPD – *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*), bem como dos sindicatos livres e de grupos de esquerda em geral, não impediu, porém, que os mesmos continuassem demonstrando sua oposição ao nazismo. Nos primeiros anos do regime, a oposição política comunista foi realizada sobretudo a partir de atividades simbólicas (como o hasteamento de bandeiras vermelhas em chaminés ou torres d’água), cujo intuito era sinalizar para a população que o KPD continuava a existir e agir clandestinamente. Também era realizada a partir de sabotagens a comícios nazistas (por exemplo a partir do corte de energia) e da propaganda

²⁹ Cf. HUDEMANN, 2010, p. 250.

³⁰ Ihre Waffen waren Ironie und Satire, Hohn und Spott, schließlich das Pathos der Verzweiflung.

³¹ Zwangsläufig endete öffentliche Opposition gegen die um die Macht ringende NSDAP am 30. Januar 1933 mit der äußeren oder inneren Emigration, also der Flucht aus Deutschland oder dem schweigenden Rückzug ins Unpolitische.

antinazista (sobretudo em panfletos sobre acontecimentos cotidianos e jornais de pequeno formato)³²:

Propaganda como arma, esclarecimento sobre as práticas nacional-socialistas, sobre terror e demagogia, sobre assassinatos e tortura nas cavernas selvagens da SA em campos de concentração, sobre a eliminação de todos os direitos e progressos sociais conquistados com tanto esforço pela classe trabalhadora, instruções práticas para oferecer resistência e de como portar-se em situação de interrogatório ou julgamento – esses eram os meios com que o partido, fortemente dizimado, buscava lutar no subsolo do regime nacional-socialista³³. (HERLEMANN, 2008, p. 31, tradução nossa)

A partir de 1935, a caça aos comunistas subiu ao topo das prioridades da *Gestapo*. Grande parte deles foi presa e transportada a campos de concentração. Dentre os líderes de grupos de resistência comunistas, surgidos na segunda metade da década de 30, pode-se destacar Arvid Harnack e Harro Schulze-Boysen, da organização Orquestra Vermelha (*Rote Kapelle*)³⁴ de Berlim, Robert Uhrig e Josef Römer (Berlim), Bernhard Bästlein (Hamburgo), Wilhelm Knöchel (Amsterdam), Theodor Neubauer (Turíngia e Saxônia), Anton Saefkow e Franz Jacob (Berlim e Brandenburgo), todos presos e executados pelo regime entre 1942 e 1945.

Dentre as reações de membros do partido social-democrata à “tomada de poder”, Mehringer (2008, p. 46 et seq.) destaca as seguintes: emigração, resignação e afastamento do ativismo político, contato eventual com antigos companheiros, organização de círculos de discussão e encontros com correligionários e, por fim, manutenção de antigas redes de contato que poderiam ser “ativadas” contra o regime a qualquer momento. Como expoentes dessa última forma, pode-se citar Julius Leber, Wilhelm Leuschner, Theodor Haubach e Carlo Mierendorff, ligados ao grupo que planejou o atentado cometido contra Hitler em 20 de julho de 1944.

As ações de grupos de esquerda intermediários (que não estavam oficialmente afiliados a nenhum partido político) conseguiram prolongar-se por mais tempo do que a resistência partidária. Organizações desse tipo, como a marxista Começar de Novo (*Neu*

³² HERLEMANN, 2008, p. 30 et seq.

³³ Propaganda als Waffe, Aufklärung über die NS-Praktiken, über Terror und Demagogie, über Mord und Folter in den wilden KZ-Höllen der SA, über die Beseitigung aller schwer erkämpften Rechte und sozialen Errungenschaften der Arbeiterklasse, praktische Anleitungen zum Widerstand, zum Verhalten bei Verhören und vor Gericht – das waren die Mittel, mit denen die stark dezimierte Partei aus dem Untergrund das NS-Regime zu bekämpfen suchte.

³⁴ Conforme esclarecem Benz & Pehle (2008, p. 281), *Rote Kapelle* também era uma denominação coletiva atribuída pelo órgão de defesa alemão a diferentes grupos da Bélgica, França, Holanda e Suíça que, nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, trabalhavam para a espionagem militar soviética. Apesar do nome em comum, a organização de Harnack e Schulze-Boysen não possui relação com esses grupos.

Beginnen), a sindicalista Lutadores Vermelhos (*Rote Kämpfer*) e a trotskista Oposição Esquerdista do Partido Comunista Alemão (*Linke Opposition der KPD*) eram mais cautelosas em suas formas de conspiração e evitavam ações que chamassem muito a atenção, tais quais a distribuição massiva de panfletos. Preferiam concentrar-se no cultivo de contatos, na preservação de sua coesão interna e na transmissão de informações e notícias sobre o *Reich* a centrais estrangeiras³⁵.

A tendência burguesa-conservadora de resistência, por sua vez, costuma ser definida em contraposição à oposição operária comunista e socialista, assim como por ter sido exercida por funcionários públicos, diplomatas, oficiais e cientistas (entre outros) que ocuparam ou ocupavam cargos de liderança no interior do próprio sistema nacional-socialista³⁶. É o caso do grupo Outra Alemanha (*Anderes Deutschland*) que, conforme expõe Mommsen (2008, p. 56), por um lado reagia com indignação diante das atrocidades cometidas pelos nazistas e exigia o retorno a um Estado de Direito, e por outro rejeitava o retorno ao sistema liberal-parlamentarista da República de Weimar.

Grupos mistos, mas arraigados na resistência burguesa, como o Círculo de Kreisau (*Kreisauer Kreis*) – formado em torno do conde Helmuth James Graf von Moltke, e composto por nobres, representantes das igrejas, socialdemocratas e sindicalistas – tinham, conforme aponta Hudemann (2013, p. 249) uma “concepção social e política mais ampla” e chegavam a planejar concretamente um novo sistema político para a Alemanha.

A resistência militar foi, dentre as diversas tendências da resistência alemã, uma das que tomaram formas mais incisivas e que chegaram mais perto de colocar fim ao regime nacional-socialista. Inicialmente, a maior parte dos líderes militares nutria simpatia por Hitler e apoiou a nomeação do mesmo para o cargo de chanceler. O Tratado de Versalhes, tão atacado por ele, havia imposto condições radicais para o poderio militar alemão: o exército só poderia ser constituído de 100 000 homens e estava proibido de utilizar artilharia pesada, aviões e tanques; o contingente da marinha havia sido limitado a 15 000 homens e não poderia recorrer a navios de guerra nem submarinos³⁷. Diante disso, eram exceção os militares que não acompanhavam a ascensão nazista com boas expectativas. O assassinato de generais pela SA em 1934 e algumas manobras políticas de Hitler que, em fins de 1937, difamaram e destituíram militares de seus cargos (em um esforço de “sincronização” das Forças Armadas à ideologia nazista), começaram a despertar em alguns círculos de oficiais a intenção de

³⁵ MEHRINGER, 2008, p. 45.

³⁶ Cf. MOMMSEN, 2008, p. 56.

³⁷ GRAML, 2008, p. 83.

destituir o “Führer” do poder e reformular o sistema político alemão³⁸. Mais tarde, durante a guerra, os crimes cometidos em nome do Nacional-Socialismo no front fortaleceram o conflito interior dessas pessoas e as impulsionaram a combater o regime ao qual eram subordinadas.

Costuma-se apontar os generais Ludwig Beck e Claus Phillip Schenk Graf von Stauffenberg, como figuras centrais da oposição militar alemã. Mesmo depois de abdicar de seu cargo de Chefe do Estado Maior do Exército em 1938, Beck continuou articulando opositores militares e civis do Nacional-Socialismo. Estabeleceu contato, por exemplo, com o Círculo de Kreisau. A partir de 1943, Stauffenberg assumiu o comando da resistência militar e das tentativas de derrubar o regime oriundas do Alto Comando do Exército. Todas elas fracassaram ou foram desarticuladas pela polícia nacional-socialista, culminando na prisão em massa de militares. Stauffenberg foi o principal idealizador do atentado de 20 de julho de 1944, no qual Hitler sobreviveu à explosão de uma bomba em seu quartel-general “Toca do Lobo” (*Wolfsschanze*). Em decorrência do atentado, Stauffenberg, Beck e outros conspiradores militares foram presos e fuzilados em Berlim, na própria noite de 20 de julho³⁹.

Outro centro importante da resistência militar era o Serviço de Informação (*Abwehr*) do exército alemão. Enquanto órgão responsável por captar as notícias do exterior e monitorar a espionagem, constituía uma frente promissora de oposição ao regime de Hitler. Com a aprovação de seu superior, almirante Wilhelm Canaris, o major-general Hans Oster conseguiu reunir ali um grande número de militares opositores de Hitler, dentre eles Helmuth James Graf von Moltke, líder do grupo Círculo de Kreisau. Algumas das formas de resistência empreendidas pelo Serviço de Informação consistiam em facilitar contatos com o exterior e ajudar grupos perseguidos a emigrarem pela fronteira da Suíça. Além disso, Oster e seus colaboradores produziram, durante a guerra, um extenso dossiê sobre crimes cometidos pelo governo. No caso de um golpe que derrubasse o regime nacional-socialista, este deveria ser mostrado à população alemã como prova do caráter criminoso do nazismo⁴⁰.

Assim como os militares, a maior parte dos representantes das Igrejas católica e protestante também não ofereceu resistência à “tomada de poder” pelos nacional-socialistas, pois, entre outros motivos, via com bons olhos a proposta nazista de livrar o povo alemão do Bolchevismo⁴¹. Segundo Norden (2008, p. 71), a resistência religiosa só surgiu de forma

³⁸ Ibid., p. 86.

³⁹ GRAML, 2008, p. 86.

⁴⁰ BENZ & PEHLE, 2008, p. 159.

⁴¹ NORDEN, 2008, p. 72.

significativa mais tarde, como consequência da busca por autonomia religiosa e da tentativa de escapar da “sincronização” promovida pelo Estado. Sua oposição não se resumiu à indignação passiva, mas envolveu também ações públicas de protesto. Em fins de 1941, por exemplo, alguns bispos católicos e protestantes demonstraram publicamente (em conferências eclesiais) preocupação com os rumos tomados pelo Nacional-Socialismo. Também dirigiram cartas ao “Führer” e à administração do *Reich*, nas quais criticavam o extermínio de deficientes mentais, o tratamento “hostil” aos judeus, a violência empregada pela *Gestapo* e o assassinato de inocentes⁴². Um caso conhecido é o do bispo da cidade de Münster, Clemens August Graf von Galen, que em 1941 protestou abertamente em seus sermões contra a eutanásia praticada pelos nazistas em doentes físicos e mentais. Os sermões do bispo de Münster foram reproduzidos em forma de panfleto e distribuídos por grande parte da Alemanha.

Alguns padres católicos envolveram-se ainda mais ativamente na oposição política, tomando parte em conspirações ou exercendo influência direta sobre lideranças de grupos de resistência. Os jesuítas Alfred Delp, Augustin Rösch e Lothar König, por exemplo, assumiram papéis importantes no Círculo de Kreisau. Lá contribuíram, do ponto de vista confessional, para o planejamento de um novo sistema político-social alemão. Finalmente, a fé religiosa também constituiu a motivação para que muitos cristãos não aceitassem o Nacional-Socialismo e tomassem a decisão de fazer algo contra ele:

Pode-se enfim dizer que, diante do regime criminoso, nem a Igreja católica nem a Igreja protestante tinham poderes plenos para convocar seus fieis à resistência política – ao “assassinato do tirano”. Alguns cristãos – sozinhos ou conduzidos por seus grupos – trilharam esse caminho. Eles haviam reconhecido que no domínio nacional-socialista estava personificado um Estado de injustiça extrema e insuportável, ao qual eles tinham que se opor – mesmo com violência⁴³. (NORDEN, 2008, p. 81, tradução nossa)

As mulheres também desempenharam um papel fundamental na oposição ao regime. Quando se fala em resistência feminina, pensa-se muitas vezes nas esposas, irmãs e mães de integrantes masculinos da resistência⁴⁴, as quais contribuíram com as ações idealizadas pelos mesmos e eventualmente foram presas e condenadas junto com eles. Mildred Harnack (esposa

⁴² NORDEN, op. cit, p. 76.

⁴³ Insgesamt ist zu sagen, dass weder die katholische noch die evangelische Kirche die Vollmacht hatte, angesichts des Verbrechens des Regimes ihre Gläubigen zu politischem Widerstand – „Tyrannenmord“ – aufzurufen. Einzelne Christen sind – entweder allein oder getragen von ihren Gruppen – diesen Weg gegangen. Sie hatten erkannt, dass ihnen in der NS-Diktatur der Unrechtsstaat begegnete, dem sie sich – auch mit Gewalt – zu widersetzen hatten.

⁴⁴ WICKERT, 2008, p. 140.

de Arvid Harnack, do grupo Orquestra Vermelha), Sophie Scholl (irmã de Hans Scholl, do grupo A Rosa Branca) e Katharina Leipelt (mãe de Hans Leipelt, do ramo da Rosa Branca em Hamburgo) são exemplos disso.

Conforme enfatiza Wickert (2008), a resistência das mulheres não era, em geral, tão evidente quanto a dos homens, mas tão relevante quanto ela:

De fato, aqueles que entravam em cena publicamente e diante dos olhos da *Gestapo* eram quase sempre homens, enquanto membros dos partidos proibidos ou de círculos militares – as mulheres davam sua contribuição fora dessa esfera pública, de acordo com a distribuição social de papéis⁴⁵. (WICKERT, 2008, p. 140, tradução nossa)

Assim, buscava-se, por exemplo, integrar atividades de resistência ao cotidiano feminino da época. Transportar panfletos em carrinhos de bebê, oferecer abrigo a judeus e membros da resistência perseguidos, coletar dinheiro e mantimentos para as famílias dos presos, acompanhar homens durante distribuições de panfletos ou pichações (a fim de simular um casal caso a *Gestapo* se aproximasse) e reclamar publicamente das dificuldades cotidianas provocadas pela guerra são algumas das formas de resistência tipicamente femininas da época mencionadas por Wickert (2008, *passim*).

Em obra recentemente publicada na Alemanha⁴⁶, Frauke Geyken dedica-se ao tema da resistência feminina ao Nacional-Socialismo partindo de semelhanças perceptíveis nas motivações e na trajetória de diferentes mulheres que atuaram nela. Na obra figuram tanto personagens já consagradas da resistência, como Sophie Scholl, quanto mulheres praticamente desconhecidas, mas que exerceram um papel fundamental em importantes grupos de oposição. É o caso, por exemplo, de Catjo Bontjes, que atuou na Orquestra Vermelha, de Annedore Leber, colaboradora do grupo responsável pelo atentado de 20 de julho de 1944, e de Rosemarie Reichwein, que apoiou o Círculo de Kreisau.

Um exemplo peculiar de resistência feminina é ainda o de Edith Stein. Nascida em uma família judia ortodoxa de Breslávia (atual Polônia) em 1891, Stein foi a primeira mulher a defender uma tese de doutorado em filosofia na Alemanha. Converteu-se ao catolicismo em 1922 e mais tarde, em 1933, aderiu à Ordem dos Carmelitas Descalços. Durante o domínio nazista, posicionou-se contra a perseguição de judeus e, em seu trabalho como professora em escolas da ordem carmelita, procurou esclarecer suas alunas e colegas acerca do caráter

⁴⁵ In der Öffentlichkeit und damit auch in den Augen der Verfolger traten als Angehörige der verbotenen Parteien oder des Militärs tatsächlich fast ausschließlich Männer auf – die Frauen leisteten ihren Beitrag, entsprechend der gesellschaftlichen Rollenverteilung, jenseits dieser öffentlichen Sphäre.

⁴⁶ GEYKEN, Frauke. **Wir standen nicht abseits**: Frauen im Widerstand gegen Hitler. Munique: C.H. Beck, 2014.

desumano da ideologia nazista. Ilana Novinsky resume as formas de resistência de Edith Stein da seguinte forma:

Edith foi testemunha de seu tempo, da barbárie, e na profunda compreensão e lucidez do que acontecia, não deixou de agir, com as armas de que dispunha como intelectual, ensinando as meninas e professoras sobre o mundo em que viviam, e incentivando as mulheres a votarem, participando da vida social e política. Expôs suas ideias ao escrever sua autobiografia, ao manifestar sua indignação em carta para o Papa em 1933 e também através de seus textos filosóficos, nos quais nos apresenta as condições do existir humano. (NOVINSKY, 2011, p. 14)

Devido à sua origem judia, Edith Stein foi presa pela *Gestapo* no convento carmelita de Echt (atual Holanda) em agosto de 1942. De lá, foi transportada para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, onde foi assassinada na câmara de gás poucos dias depois. Em 1998 foi canonizada pelo papa João Paulo II e passou a ser conhecida por “Santa Tereza Benedita da Cruz”.

A resistência dos grupos perseguidos, na qual também se enquadra Edith Stein, constitui, sem dúvida, a tendência mais sensível de oposição ao regime nacional-socialista. Pesquisadores que se dedicam a ela, como Distel (2008), destacam a dificuldade de abordar de forma imparcial a resistência em campos de concentração, sem elevar aqueles que participaram dela à categoria de heróis nem os representar erroneamente. Ademais, Distel defende a necessidade de se compreender o conceito de resistência nesse contexto com uma abrangência ainda maior do que habitualmente, levando-se em conta que os campos de concentração eram instrumentos de terror que não davam margem à resistência: qualquer manifestação de insatisfação corria o risco de ser imediatamente punida com a morte⁴⁷. Tendo isso em vista,

para os prisioneiros do ‘Estado da SS’ tudo aquilo que se voltasse contra os planos da administração do campo era considerado resistência contra o poder irrestrito da SS sobre suas vítimas, do apoio moral a um prisioneiro que ameaçasse se render e da divulgação de notícias ao contrabando sistemático de mantimentos ou medicamentos⁴⁸. (DISTEL, 2008, p. 114, tradução nossa)

Outras formas comuns de resistência em campos de concentração eram a prática clandestina da religião e a promoção de discussões e manifestações artísticas:

⁴⁷ DISTEL, 2008, p. 114.

⁴⁸ Für die Gefangenen des ‘SS-Staates’ war jedoch alles, was sich gegen die Pläne der Lagerführung richtete, von der moralischen Unterstützung eines Gefangenen, der sich aufzugeben drohte, über die Verbreitung von Nachrichten bis zum organisierten Schmuggel von Lebensmitteln oder Medikamenten, Widerstand gegen die schrankenlose Macht der SS gegenüber ihren Opfern.

Câmaras da morte e alas infecciosas dos barracões de doentes, sempre evitadas pelos membros da SS, serviam para combinar encontros e forjar planos. Em muitos campos de concentração, atividades culturais, como apresentações teatrais e concertos, discussões literárias e filosóficas e grupos que ministravam aulas sobre os mais diversos temas também se tornaram um instrumento de resistência contra o aniquilamento da individualidade dos prisioneiros⁴⁹. (DISTEL, 2008, p. 123, tradução nossa)

Um nome emblemático da resistência em campos de concentração é o de Heinz Eschen. Estudante comunista de origem judia, Eschen foi levado ao campo de Dachau já em 1933 e tornou-se “chefe” (*Kapo*, interno que trabalhava para a administração do campo, responsabilizando-se por outros internos) do bloco judeu. Lá ficou conhecido por proteger e apoiar os prisioneiros judeus. Quando, em 1937, eles foram obrigados a permanecer trancados nos barracões por semanas, Eschen organizou palestras, recitais e debates para levantar o moral dos prisioneiros. Foi torturado e assassinado pela SS em 1938.

Por fim, os jovens foram, conforme mencionado na primeira seção deste capítulo, um dos grupos sociais mais afetados pela instauração do Estado nazista. A interferência do Estado em todas as esferas do cotidiano da juventude constituiu um dos principais impulsos para a resistência juvenil. De acordo com Zarusky (2008, p. 98), os primeiros opositores jovens do Nacional-Socialismo eram ativistas de organizações clandestinas de esquerda, como a “Associação Alemã de Jovens Comunistas” (KJDV – *Kommunistischer Jugendverband Deutschlands*). A KJDV era ousada em suas formas de resistência política. Até meados da década de 30 promovia, por exemplo, protestos-relâmpago em locais públicos e costumava jogar panfletos antinazistas de andares superiores de lojas de departamento⁵⁰.

Entre a juventude católica, a participação massiva em procissões, romarias e outros eventos religiosos tornou-se uma forma de protesto em prol da autodeterminação. A partir de 1935, entretanto, a vigilância da *Gestapo* sobre esses grupos cresceu e, em 1939, a associação juvenil católica oficial foi totalmente dissolvida. As associações de jovens protestantes, por sua vez, já haviam sido incorporadas à Juventude Hitlerista no final 1933⁵¹.

Alguns grupos de jovens incorporados compulsoriamente à Juventude Hitlerista continuaram atuando clandestinamente ali dentro. É o caso do grupo Juventude Alemã de Primeiro de Novembro (d. j. 1.11 – *Deutsche Jungenschaft vom 1.11*), liderada por Eberhard

⁴⁹ Totenkammern und Infektionsabteilungen der Krankenbaracken, die von den SS-Angehörigen überall gemieden wurden, dienten als Treffpunkte für Verabredungen und Planungen. Auch kulturelle Aktivitäten, wie Theater- und Konzertaufführungen, die Auseinandersetzung mit Literatur und Philosophie und Unterrichtsgruppen zu unterschiedlichsten Themenbereichen wurden in vielen Konzentrationslagern zu einem Instrument des Widerstehens gegen die Zerstörung der Individualität der Häftlinge.

⁵⁰ ZARUSKY, 2008, p. 99.

⁵¹ Ibid., p. 103 et seq.

Koebel. Apelidado de “tusk”, Koebel conclamou seus seguidores a entrarem para o “Povo Jovem Alemão” (*Deutsches Jungvolk*, subdivisão da Juventude Hitlerista para meninos entre 10 e 14 anos) e lá infiltrarem uma comunidade secreta⁵². O objetivo era, conforme descreve Zarusky (2008, p. 105), constituir uma espécie de elite cultural na HJ, que cumprisse os ideais de autonomia de Koebel. Em 1936 a *Gestapo* designou uma repartição específica para combater aquilo que ela chamava de “conspiração coletiva” (*bündische Umtriebe*)⁵³. A *d. j. 1.11* foi então extinta sob a acusação de ser uma organização bolchevista.

No final da década de 30, quando a *Gestapo* acreditava ter eliminado todas essas associações clandestinas, outros grupos de jovens começaram a se proliferar pela Alemanha. As Matilhas de Leipzig (*Leipziger Meuten*) e os Piratas da Flor de Neve (*Edelweiß-Piraten*), por exemplo, reuniam jovens trabalhadores de ambos os sexos que se vestiam de forma semelhante. As formas de resistência de ambos os grupos consistiam em viagens independentes, na adoção de canções proibidas e na oposição aberta à Juventude Hitlerista, que muitas vezes terminava em pancadaria. Alguns de seus membros estabeleciam contatos com grupos de resistência política, tendo chegado a pichar escritos antinazistas em Düsseldorf e colaborar com o KPD na distribuição de panfletos⁵⁴.

Em Hamburgo surgiu, no fim dos anos 30, uma espécie de “subcultura jovem” (ZARUSKY, 2008, p. 110) de resistência. Tratava-se da Juventude Swing (*Swing-Jugend*), que se autodenominava assim devido a seu gosto pelo swing, um estilo específico de jazz. Caracterizavam-se pelos cabelos longos e por trajarem jaquetas xadrez. Liam clandestinamente jornais estrangeiros, tratavam-se por apelidos ingleses e passavam o tempo livre sentados em bares e dançando música swing. Por suas atitudes contradizerem o ideal soldadesco nazista, o grupo despertou a ira do líder da SS, Heinrich Himmler, que, em janeiro de 1942, ordenou que os líderes da Juventude Swing fossem deportados a campos de concentração⁵⁵.

Alguns autores hesitam em afiliar o grupo de resistência A Rosa Branca à resistência juvenil. Para Breyvogel (1991, p. 198), os membros da Rosa Branca já eram adultos do ponto de vista da idade, da experiência e das interações culturais, mas teriam, de fato, agido como jovens ao levar-se em conta a impetuosidade de suas últimas ações: pichações noturnas e distribuição de panfletos na universidade em plena luz do dia. Zarusky (2008, p. 111), por sua vez, defende que a resistência da Rosa Branca estava ancorada de diversas formas na

⁵² ZARUSKY, 2008, p. 105.

⁵³ Ibid., p. 106.

⁵⁴ Ibid., p. 108 et seq.

⁵⁵ Ibid., p. 110.

resistência juvenil, mas foi muito além dos limites (morais e organizacionais) que se impuseram os outros grupos ligados a essa tendência de oposição.

O fato é que na Rosa Branca coexistiam diferentes tendências de resistência. Sob o nosso ponto de vista, o grupo possui, sim, elementos da resistência juvenil. Afinal, a maior parte de seus membros vivenciou, durante toda a adolescência, a transformação de sua juventude pelo domínio nazista. Mas a fé religiosa também foi uma motivação importante para parte do grupo. Muitos dos integrantes do sexo masculino atuaram como militares no front e lá cometeram atos simbólicos de resistência, como enterrar dignamente os corpos de soldados russos⁵⁶. Sophie Scholl pode ser citada como exemplo de resistência feminina, pois valeu-se da menor desconfiança dirigida pela *Gestapo* às mulheres para colaborar com as ações do grupo, adquirindo a matéria-prima para a produção dos panfletos, levando-os aos correios e transportando a mala em que eles eram levados. Tais tendências e formas de ação específicas da Rosa Branca serão aprofundadas na terceira seção deste capítulo.

2.3 O grupo “A Rosa Branca”

Conforme observa Kissener (2008, p. 135), a história do grupo A Rosa Branca (*Die Weiße Rose*) representa uma peculiaridade na história da resistência alemã em dois sentidos. Primeiramente por este ser, dentre todos os grupos de resistência juvenil conhecidos atualmente, o mais proeminente: nenhum dos outros é tão “prestigiado” e continua exercendo tanto fascínio sobre as pessoas quanto ele. Ao mesmo tempo, em comparação a outros grupos de resistência, a recepção da história da Rosa Branca não seria, conforme observa Kissener, tão marcada por controvérsias. Por reunir diferentes tendências de resistência, ela foi integrada à memória de diversos grupos: políticos de esquerda e de direita, católicos e protestantes, alemães orientais e ocidentais, etc.

O grupo surgiu entre jovens universitários de Munique que se opuseram, devido às suas convicções religiosas, filosóficas e políticas, ao regime nacional-socialista na Alemanha. Seu núcleo era constituído por um círculo de amigos, formado pelos estudantes de medicina Alexander Schmorell, Christoph Probst, Hans Scholl e Willi Graf, pela estudante de biologia e filosofia Sophie Scholl e pelo professor universitário Kurt Huber. Alexander Schmorell e Hans Scholl cursavam o mesmo semestre de medicina na Universidade Ludwig Maximilian.

⁵⁶ Cf. SCHOLL, 2014, p. 160.

Schmorell introduziu ao grupo seu amigo de infância Christoph Probst. Willi Graf foi apresentado a Hans e Schmorell por Hubert Furtwängler, colega de curso dos mesmos. Sophie Scholl, irmã mais nova de Hans, era aluna do professor Kurt Huber e foi o primeiro elo entre este e os outros integrantes. Formado dessa maneira, o círculo expandiu-se mais tarde e angariou colaboradores em cidades como Hamburgo, Stuttgart, Freiburg e Ulm.

As ações da Rosa Branca eram voltadas sobretudo à distribuição de panfletos que denunciavam crimes cometidos pelo regime nacional-socialista e conclamavam os cidadãos alemães à resistência. Em meados de 1942, Hans Scholl e Alexander Schmorell começaram a redigir e enviar escritos desse tipo anonimamente pelo correio. Deram aos quatro primeiros textos o título de “Panfletos da Rosa Branca” (*Flugblätter der Weißen Rose*), nome que a *Gestapo* também adotou para se referir ao grupo em sua investigação e pelo qual ele é conhecido até hoje. A motivação para a escolha desse título para os panfletos continua a ser uma incógnita. Sabe-se que foi Hans Scholl quem o escolheu e que ele apreciava rosas em geral. Em diversas cartas pessoais – algumas bastante anteriores às ações da Rosa Branca – Hans faz menção a esse tipo de flor:

No bolso de minha camisa, carrego um botão de rosa. Preciso dessa plantinha, pois ela é o outro lado, está bem distante daquela vida de soldado, mas sem estar em contradição com ela. Sempre é preciso carregar consigo um pequeno segredo, sobretudo quando se tem camaradas semelhantes aos meus⁵⁷. (Carta de 27/06/1938 à irmã Inge Scholl. JENS, 2005, p. 23, tradução nossa)

Agora o outono também quer se juntar a nós. As rosas já estão murchando. Mas o denso perfume do verão ainda paira sobre todos os jardins; e se no mundo todo houvesse apenas uma única rosa delicada, seu perfume seria forte o bastante para me guiar até ela. Quando tudo morre, você continua viva⁵⁸. (Carta de 19/08/1941 à namorada Rose Nägele. JENS, 2005, p. 80, tradução nossa)

Questionado pela *Gestapo*, Hans Scholl teria afirmado que a escolha do título dos quatro primeiros panfletos foi aleatória. Segundo consta nos protocolos do interrogatório de

⁵⁷ In meiner Brusttasche trage ich die Knospe einer Rose. Ich brauche diese kleine Pflanze, weil das die andere Seite ist, weit entfernt von allem Soldatentum und doch kein Widerspruch zu dieser Haltung. Man muß immer ein kleines Geheimnis mit sich herumtragen, vor allem bei solchen Kameraden, wie ich sie habe. Jetzt will auch der Herbst bald zu uns kommen. Die Rosen verblühen schon. Aber noch liegt der schwere Duft des Sommers über allen Gärten; und gäbe es auf der ganzen Welt nur eine einzige, zarte Rose, so wäre ihr Duft stark genug, um mir ein Wegweiser zu ihr zu sein. Wenn alles verblüht, dann verblühst Du nicht.

⁵⁸ Jetzt will auch der Herbst bald zu uns kommen. Die Rosen verblühen schon. Aber noch liegt der schwere Duft des Sommers über allen Gärten; und gäbe es auf der ganzen Welt nur eine einzige, zarte Rose, so wäre ihr Duft stark genug, um mir ein Wegweiser zu ihr zu sein. Wenn alles verblüht, dann verblühst Du nicht.

20 de fevereiro de 1943, ele teria dado as seguintes declarações sobre a origem do nome “A Rosa Branca”:

[...] o nome ‘A Rosa Branca’ foi escolhido arbitrariamente. Parti do pressuposto de que uma propaganda impactante deve conter alguns conceitos concretos, que por si mesmos não dizem nada, mas soam bem e apresentam uma pauta. Pode ser que a escolha desse nome também tenha um lado emocional. Bem nessa época, eu estava impressionado com a leitura da romança ‘Rosa Blanca’, de Clemens Brentano. Mas não há nenhuma relação com a ‘Rosa Branca’ da história inglesa. Também não fazia a menor ideia de que antigamente existiu uma organização de meninas com esse nome⁵⁹. (CHAUSSEY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 295 et seq., tradução nossa)

Nesse trecho, Hans refere-se ao do ciclo de poemas religiosos *Romanzen vom Rosenkranz* (*Romanças do Rosário*), que Brentano escreveu entre 1802 e 1812. “Rosablanca” era o nome de uma das personagens obra, cujo tema central era a dissolução do pecado original da humanidade através da invenção do rosário católico. Até hoje não se sabe, entretanto, se foi realmente essa obra que inspirou Hans a escolher o título dos primeiros panfletos que produziu junto com Alexander Schmorell. Também fazia parte de sua biblioteca particular o romance *Die weiße Rose* (*A Rosa Branca*) de B. Traven, lançado em 1929. A obra tematizava a saga de uma fazenda homônima localizada no México e habitada originalmente por índios, cujo estilo de vida idílico foi destruído pela ambição de um empresário de petróleo. Há, enfim, diversas hipóteses e nenhuma certeza sobre as razões que levaram à escolha do nome pelo qual ficou conhecido o grupo de resistência constituído em torno de Hans Scholl.

O caráter pacífico da Rosa Branca, que a distingue de muitos outros movimentos da resistência antinazista, foi um dos elementos responsáveis pelo grupo ter se tornado uma espécie de mito na Alemanha. Ainda hoje ele é caracterizado em grande parte dos estudos científicos e na literatura de memória dedicados a ele como “símbolo da resistência pura, moral, não voltada para a obtenção de poder ou influência” (MOLL, 1994, p. 444). As próximas subseções tematizarão diferentes tópicos de sua história, partindo das motivações individuais e coletivas para a resistência do grupo, passando por suas formas e fases de ação e chegando, enfim, à sua repressão pelas instituições nacional-socialistas.

⁵⁹ [...] Der Name ‘Die Weiße Rose’ ist willkürlich gewählt. Ich ging von der Voraussetzung aus, dass in einer schlagkräftigen Propaganda gewisse feste Begriffe da sein müssen, die an und für sich nichts besagen, einen guten Klang haben, hinter denen aber ein Programm steht. Es kann sein, dass ich gefühlsmäßig diesen Namen gewählt habe, weil ich damals unmittelbar unter dem Eindruck der spanischen Romanzen von Brentano ‘Rosa Blanca’ gestanden habe. Zu der ‘Weißen Rose’ der englischen Geschichte bestehen keine Beziehungen. Dass früher einmal eine Mädchenorganisation unter diesem Namen bestanden hat, wußte ich gar nicht.

2.3.1 Motivações individuais e coletivas para a resistência

Foram diversos os motivos que levaram as seis pessoas que integravam o núcleo da Rosa Branca a entrarem em conflito com o Nacional-Socialismo. Algumas motivações vinham de vivências individuais, outras eram compartilhadas por alguns ou todos os integrantes. Hans Scholl e Willi Graf já haviam sofrido perseguição e sido detidos provisoriamente pela *Gestapo* entre 1937 e 1938, sob a acusação de pertencerem a associações juvenis clandestinas: Hans era membro da Juventude Alemã de Primeiro de Novembro (*Deutsche Jungenschaft 1.11.*) e Graf do movimento católico juvenil Ordem Cinza (*Grauer Orden*). Sophie Scholl não pertencia a nenhuma associação, mas presenciou, com indignação, a detenção de seus irmãos Hans, Inge e Werner Scholl. Ela própria também chegou a ser detida por algumas horas na ocasião. De acordo com os protocolos do interrogatório realizado com ela em 18 de fevereiro de 1943, Sophie teria mencionado esse acontecimento como principal motivo para seu “distanciamento ideológico” do Nacional-Socialismo:

Meu “distanciamento ideológico”, por volta de 1938, da BDM e, por extensão, do Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães (NSDAP) deve-se sobretudo ao fato de, no outono de 1938, minha irmã Inge e meus irmãos Hans e Werner terem sido apreendidos por oficiais da Polícia Secreta do Estado e mantidos presos por alguns dias, isto é, semanas, devido a supostas atividades de conspiração coletiva. Continuo acreditando que a medida tomada contra nós e outras crianças de Ulm foi uma grande injustiça⁶⁰. (CHAUSSEY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 220, tradução nossa).

No caso dos irmãos Scholl, a influência do pai, Robert Scholl, também costuma ser apontada como motivação fundamental para a resistência⁶¹. Antes da tomada de poder, Robert Scholl havia sido prefeito das cidades de Ingersheim e Forchtenberg e, como político liberal-democrata, logo tornou-se opositor do Nacional-Socialismo. Em 1942, foi condenado a quatro meses de prisão por ter feito comentários ofensivos sobre Hitler diante de funcionários de seu escritório de contabilidade.

Em Alexander Schmorell, a primeira grande insatisfação com a ideologia nazista teria surgido, segundo Kissener (2008, p. 139), frente às medidas de doutrinação ideológica

⁶⁰ Die Gründe meiner weltanschaulichen Entfremdung vom BDM und damit der NSDAP, etwa im Jahre 1938, liegen in erster Linie darin begründet, dass meine Schwester Inge, meine Brüder Hans und Werner im Herbst 1938 wegen sogen. bündiger Umtriebe von Beamten der Geheimen Staatspolizei verhaftet und einige Tagen in Haft behalten wurden. Ich bin heute noch der Auffassung, dass das Vorgehen gegen uns sowohl als auch anderer Kinder aus Ulm vollkommen ungerechtfertigt war.

⁶¹ KISSENER, 2008, p. 139.

empreendidas paralelamente ao “Serviço Obrigatório para o *Reich*”, o qual ele prestou em 1937. Nascido na Rússia (em Oremburgo, às margens do rio Ural) e descendente de russos pelo lado materno, Schmorell via com grande desgosto o ódio pregado pelo nazismo aos povos eslavos e, especialmente, aos russos.

Para Christoph Probst, foram determinantes os fatos de ter estudado em um internato de orientação humanista liberal e tido uma madrastra de origem judia, que precisou viver escondida dos nazistas até o final da guerra. Assim, ele indignava-se profundamente com determinados postulados da ideologia nazista, como o antissemitismo e a eutanásia⁶². Além disso, Probst era, conforme observa Bald (2003, p. 29), membro de uma família burguesa abastada, na qual artes, literatura e filosofia faziam parte das conversas cotidianas. Em Murnau, onde nasceu, os pais eram vizinhos de Paul Klee e Emil Nolde, que despertaram seu entusiasmo pela arte moderna. Nolde, apontado pelo nazismo como “artista degenerado” (embora ele próprio fosse nazista e antissemita convicto), chegou a pintar um retrato de Probst.

Por fim, o professor Kurt Huber julgava que os crimes cometidos pelos nazistas no Oriente representavam a decadência da cultura alemã⁶³. Ademais, havia visto algumas de suas ambições profissionais frustrarem-se devido à interferência do Nacional-Socialismo. Huber, que havia dedicado grande parte de sua vida a estudar música, viu sua oportunidade de transferência para o Instituto de Musicologia Alemã (*Institut für Deutsche Musikforschung*) falhar devido a conflitos com a política cultural nazista. Viu-se, assim, obrigado a aceitar de volta seu posto de professor de psicologia experimental e musical na Universidade de Munique⁶⁴. Lá ofereceu, no semestre de inverno de 1942/1943, uma disciplina sobre Leibniz, na qual fazia críticas veladas ao nazismo diante de seus 300 estudantes, dentre eles Alexander Schmorell, Willi Graf e os irmãos Hans e Sophie Scholl⁶⁵.

Diante da grande variedade de motivações individuais (das quais apenas uma pequena amostra pôde ser descrita aqui), Jens (1991) afirma que o que unia os integrantes da Rosa Branca, enquanto motivação coletiva, era sobretudo o desejo de colocar fim à guerra o mais rápido possível e salvar os alemães da destruição total, além de determinados valores morais, condensados na “busca pela liberdade individual e por uma coletividade que levasse a sério a

⁶² Ibidem.

⁶³ KISSENER, 2008, p. 139.

⁶⁴ BALD, 2003, p. 36.

⁶⁵ BALD, loc. cit.; SCHOLL, 2014, p. 188.

subjetividade das pessoas e desse valor à sua dignidade⁶⁶” (JENS, 1991, p. 208). Já Ueberschär (2006, p. 126) menciona como ponto comum entre os membros da Rosa Branca o fato de eles terem, no início, mantido expectativas positivas em relação ao regime, mas mudado de opinião quando se deram conta da radicalização e dos rumos inconsequentes tomados pela política bélica e racial nazista. Os quatro estudantes de medicina também, compartilhavam, segundo o mesmo autor, da indignação provocada pelas vivências e experiências enquanto sargentos-enfermeiros em diferentes fronts de guerra⁶⁷. Finalmente, a crença religiosa também merece ser destacada como importante motivação que impulsionou as seis pessoas que constituíam o núcleo da Rosa Branca (Alexander Schmorell era cristão ortodoxo, Hans e Sophie Scholl luteranos, Willi Graf e Kurt Huber católicos e Christoph Probst deixou-se batizar por um capelão católico pouco antes de ser executado) a combaterem o Nacional-Socialismo por meios pacíficos⁶⁸.

O leque de motivações individuais desembocou, enfim, na rejeição conjunta e de fundo moral à ideologia nazista:

Enquanto no início cada um confrontava-se sozinho com as vivências de guerra e com os crimes que presenciara, surgindo assim cada refutação individual contra o regime nacional-socialista, em 1942 formou-se na Universidade de Munique um sólido círculo de amigos que se voltava, por razões morais, contra a decadência dos valores espirituais e culturais sob a ditadura nazista⁶⁹. (UEBERSCHÄR, 2006, p. 126 et seq., tradução nossa)

O grupo, encabeçado por Hans Scholl, procurava diferentes formas de resistir ao regime de Hitler, que foram se expandindo com o tempo. Os pequenos círculos de discussão deram lugar a ações mais arriscadas, que culminaram na prisão de Hans e Sophie Scholl em 18 de fevereiro de 1943. A transformação progressiva dessas formas de resistência, bem como sua divisão por historiadores (como BALD, 2003 e MOLL, 2011) em diferentes “fases”, serão tema do próximo item desta seção.

⁶⁶ Die Sehnsucht nach individueller Freiheit und einem Gemeinwesen, das den Menschen in seiner Subjektivität ernst nahm, seine personale Würde achtete.

⁶⁷ UEBERSCHÄR, 2006, p. 126.

⁶⁸ BALD & KNAB (2012) dedicam-se a estudar a influência da religiosidade cristã sobre as ações da Rosa Branca.

⁶⁹ Während sich zunächst jeder allein mit den Kriegserlebnissen und beobachteten Verbrechen auseinander setzte und die jeweils individuelle Ablehnung gegen das NS-System entstand, bildete sich 1942 an der Münchner Universität ein fester Freundeskreis, der sich aus moralischen Gründen gegen den Verfall geistiger und kultureller Werte unter der NS-Herrschaft wandte.

2.3.2 Formas e fases de ação

A partir de junho de 1942, um círculo de amigos formado em torno de Hans Scholl passou a reunir-se com frequência em Munique. Certa vez, Traute Lafrenz, que foi namorada de Hans e acompanhou de perto as ações da Rosa Branca, descreveu tais encontros da seguinte forma:

No decorrer de 1942, formou-se um pequeno círculo de amigos. Entraram para o grupo Christoph Probst, Willi Graf e também Raimund Samüller e Hubert Furtwängler, embora não fossem tão próximos. Em maio de 1942, Sophie veio para Munique. À noite, fazíamos encontros de leitura e convidávamos pessoas mais experientes para se juntarem a nós (como Furtmeier, Radecky, Theodor Haecker, e os professores Karl Muth e Kurt Huber). Os encontros não tinham uma pauta fixa e giravam em torno de literatura, com certo interesse por questões históricas. Na maioria das vezes, apenas ao final discutíamos um pouco a situação política — a ausência total de perspectivas e de alento, tudo à deriva, em direção à ruína. Além disso, eventualmente comentávamos notícias sobre a retirada das Forças Armadas nacional-socialistas. Hans, em especial, procurava pessoas com quem ele supunha compartilhar convicções políticas ou intelectuais. (SCHOLL, 2014, p. 147 et seq.)

Organizadas dessa forma, as reuniões do grupo — que também se juntava com frequência para ir a concertos, saraus literários e peças de teatro — constituíam uma espécie de refúgio em meio à realidade sombria. Nas palavras de Bald (2003, p. 29, tradução nossa), “os encontros repletos de confiança entre amigos com ideias afins, que tinham tanto interesses literários quanto pensamentos antinazistas, proliferaram-se no verão alemão de 1942 e representavam um verdadeiro nicho no cotidiano nacional-socialista⁷⁰”. Especialmente os integrantes masculinos do grupo buscavam naquelas ocasiões distância de sua rotina, tão militarizada.

Em seu interrogatório à *Gestapo*, Sophie Scholl teria dito que esses encontros do grupo e o debate com os conhecidos mais próximos sobre aquilo que preocupava a todos foram, a princípio, o único meio encontrado para agir contra o que estava se passando (CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 230). Buscando assumir junto com seu irmão toda a responsabilidade pelas ações da Rosa Branca e inocentar os outros integrantes do grupo, ela também teria declarado o seguinte, que ficou registrado nos protocolos:

⁷⁰ Die vertrauensvollen Treffen von gleichgesinnten Freunden, die sowohl literarisch interessiert waren als antinazistisch gedacht haben, häuften sich im Sommer 1942; sie stellten eine echte Nische im NS-Alltag dar.

Logo eu e meu irmão tivemos que reconhecer que, com essa atitude, na verdade não estávamos fazendo nada que pudesse encurtar a guerra em um dia que fosse. Numa conversa com meu irmão, em julho do ano passado, concordamos em buscar meios e caminhos para influenciar as grandes massas e trazer a população para o nosso lado. Naquela época já surgiu a ideia de redigir, reproduzir e distribuir panfletos, mas sem pensar ainda concretamente em como colocar esse plano em prática⁷¹. (CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 230, tradução nossa).

Na realidade, a ideia de redigir, reproduzir e distribuir panfletos surgiu quando Sophie ainda não estava em Munique. Partiu de Hans Scholl e de Alexander Schmorell, que acreditavam na eficácia do apelo moral inerente a esse tipo de texto⁷². Juntos, os dois redigiram inicialmente quatro panfletos que, intitulados “Panfletos da Rosa Branca” (*Flugblätter der Weißen Rose*), foram enviados entre 27 de junho e 12 julho de 1942 a amigos e conhecidos do grupo, escritores, professores universitários, diretores de escola, livreiros, médicos, donos de cafés, armazéns e hospedarias de Munique e arredores⁷³.

Em declarações registradas em seus protocolos de interrogatório, Hans Scholl afirma que acreditava profundamente na influência dos intelectuais sobre os acontecimentos políticos de um Estado. Assim, sua intenção era mobilizar primeiramente os “acadêmicos”, lembrando-os de seus deveres políticos enquanto elite que deveria conduzir o povo. Essas pessoas deveriam atuar como multiplicadoras das ideias dos panfletos, instruindo o restante da população. Outra estratégia semelhante foi enviar os panfletos a donos de estabelecimentos em que circulava um grande número de pessoas, com a expectativa de que eles contribuíssem para a difusão da resistência ao falar sobre o conteúdo dos panfletos com seus clientes. No terceiro panfleto, a intenção subjacente à escolha dos destinatários é formulada de maneira explícita, através de um apelo direto a eles:

Procurem convencer todos os seus conhecidos, também os das camadas sociais mais baixas, da falta de sentido do prosseguimento da guerra e da falta de perspectiva desta guerra, da escravidão intelectual e econômica provocada pelo nacional-socialismo, da destruição de todos os valores morais. (SCHOLL, 2014, p. 102).

Para atingir de forma convincente essa “camada intelectual” de Munique, os primeiros panfletos da Rosa Branca possuíam características bastante próprias, que os distinguem de

⁷¹ Sehr bald mussten mein Bruder und ich einsehen, dass durch dieses Vorgehen unsererseits eigentlich nichts getan sei, das geeignet sein könnte den Krieg auch nur um einen Tag abzukürzen. Bei der gegenseitigen Aussprache mit meinem Bruder kamen wir schliesslich im Juli vorigen Jahres überein, Mittel und Wege zu finden auf die breite Volksmasse in unserem Sinne einzuwirken. Es tauchte damals der Gedanke auf Flugblätter zu verfassen, herzustellen und zu verbreiten, ohne die Verwirklichung dieses Planes schon ins Auge zu fassen.

⁷² UEBERSCHÄR, 2006, p. 127.

⁷³ MOLL, 2011, p. 191 et. seq.

muitos outros escritos do mesmo gênero textual. Dentre elas, Reichmann & Perez (2013, p. 215) destacam “a linguagem elevada, incomum em textos conativos, e as citações numerosas e complexas de autores importantes” como Goethe, Schiller, Novalis, Aristóteles e Lao-Tsé. Também constituem uma particularidade desses textos as referências implícitas e explícitas a passagens bíblicas, analisadas por Alves (2013).

Como impulsos definitivos para a redação dos primeiros panfletos, Moll (2011, p. 197 et seq.) cita o fato de, em fins de junho de 1942, Hans e Schmorell terem tomado conhecimento de que seriam enviados ao front oriental, além do chamado desesperado do professor Kurt Huber por uma ação concreta durante um dos encontros do grupo, na noite de 17 de junho de 1942. Nesse contexto, cabe mencionar ainda as mensagens transmitidas pela BBC de Londres, escutadas clandestinamente por membros do grupo. Uma delas teria sido o discurso de Thomas Mann, que, em maio de 1942, dirigiu-se ao povo alemão criticando o comportamento dos intelectuais no momento da “tomada de poder”. Diante desse quadro, foram produzidas e postadas cerca de 100 cópias de cada um dos quatro primeiros panfletos. Dessas, cerca de 35 (de cada panfleto) foram interceptadas pela *Gestapo* ou entregues a ela pelos destinatários⁷⁴.

Em 23 de julho de 1942, Alexander Schmorell, Hans Scholl e Willi Graf embarcaram juntos para o front oriental, onde permaneceram até novembro do mesmo ano atuando como sargentos-enfermeiros em hospitais de campanha. Diferentes historiadores alemães, como Bald (2003) e Moll (1994, 2011) apontam essa experiência no front russo como um divisor de águas que separa as ações da Rosa Branca em diferentes fases. Segundo Bald (2003, p. 128), o front levou os três estudantes de medicina à conclusão de que nazismo e guerra condicionavam-se mutuamente, de forma que o sucesso de um significaria a vitória de outro. A partir daí, “a postura da Rosa Branca havia se transformado. A guerra no front oriental exigia clareza e trouxe lucidez. Os pensamentos do grupo tornaram-se mais realistas e radicais, mais intensos e convincentes [...]”⁷⁵ (BALD, loc. cit.).

Com os estudantes de volta a Munique, iniciava-se, para Bald (2003) e Moll (2011) uma segunda fase da Rosa Branca, na qual se buscava através de novos panfletos, de conteúdo mais claro e político, convencer a população de que o governo de Hitler deveria ser derrubado e a paz estabelecida o quanto antes⁷⁶. Conforme observa Jens (1991, p. 217), no quinto panfleto do grupo, redigido por Hans Scholl e pelo professor Kurt Huber entre 27 e 29 de

⁷⁴ MOLL, 2011, p. 194.

⁷⁵ Die Einstellung der Weißen Rose hatte sich gewandelt. Der Krieg an der Ostfront verlangte Deutlichkeit, brachte Klarheit. Ihr Denken wurde realistischer und radikaler, eindringlicher und überzeugender [...].

⁷⁶ UEBERSCHÄR, 2006, p. 127.

janeiro de 1943, começa a evidenciar-se uma preocupação com a reconstrução política da Alemanha:

Por mais incontestável que seja que os membros da ‘Rosa Branca’ não tinham nenhum plano político minuciosamente pensado, por outro lado é certo – e comprovável sobretudo através do quinto panfleto – que desde a volta da Rússia no início de novembro de 1942 buscava-se desenvolver uma concepção mais realista e convincente para mais setores da população, que incluía também reflexões sobre a estruturação política da Alemanha no pós-guerra. (JENS, 1991, p. 217)

Diante da baixa repercussão dos quatro primeiros panfletos, o grupo decidiu ampliar o teor político de seus textos, bem como seu público-alvo: o quinto panfleto, dirigia-se a “todos os alemães” e seus destinatários foram copiados aleatoriamente por Sophie Scholl e Alexander Schmorell de listas de endereços do Museu Alemão de Munique. O título deixou de ser “Panfletos da Rosa Branca” e tornou-se “Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha”, criando para os destinatários a impressão de que quem os produzia era uma rede de resistência vasta e consolidada. Em comparação com os quatro primeiros panfletos, a tiragem subiu de 100 para algo entre 6000 e 9000 cópias. Estas foram produzidas pelo grupo em um mimeógrafo e enviadas pelo correio a destinatários de Munique e outras cidades do Sul do *Reich*, como Augsburg, Stuttgart, Frankfurt, Salzburgo, Linz e Viena. Na madrugada de 28 para 29 de janeiro de 1943, Hans Scholl, Alexander Schmorell e Willi Graf também espalharam exemplares desse panfleto pelas ruas de Munique. No início de fevereiro, Sophie Scholl fez o mesmo durante o dia em cabines telefônicas e sobre carros estacionados.

Nessa segunda fase das ações, o núcleo ativo do grupo expandiu-se significativamente: se na primeira fase apenas Alexander Schmorell, Hans e Sophie Scholl, Traute Lafrenz e Christoph Probst tinham conhecimento da confecção dos panfletos⁷⁷, agora procurava-se ampliar a rede de contatos e colaboradores. De acordo com Inge Scholl, “Hans e seus amigos planejavam que nascesse uma célula após a outra nas grandes cidades, a partir das quais o espírito da resistência se espalharia em todas as direções” (SCHOLL, 2014, p. 68).

Assim, além de Willi Graf e Kurt Huber, outros amigos e conhecidos foram persuadidos a apoiar as ações. Com a intenção de obter novos colaboradores, Willi Graf viajou a Münster, Bonn, Saarbrücken e Freiburg. Em Saarbrücken, conseguiu o apoio de Wilhelm Bollinger, que contribuiu com a distribuição de panfletos entre acadêmicos daquela cidade e falsificou para o grupo autorizações de viagem e férias para militares. Em Freiburg, Heinz Bollinger, irmão de Wilhelm e assistente da Universidade Albert-Ludwig, criou, junto

⁷⁷ MOLL, 2011, p. 192.

com Rudolf Alt e Helmut Bauer, uma célula de conspiração que procurava convencer os estudantes locais à oposição contra o Nacional-Socialismo. Em Ulm e Stuttgart, Hans e Sophie Scholl conseguiram persuadir os jovens irmãos Hans e Susanne Hirzel que, junto com seu colega de escola Franz Müller, colaboraram com a distribuição dos panfletos nas duas cidades citadas. Também em Stuttgart, Hans Scholl pôde convencer Eugen Grimminger, amigo de seu pai, a financiar as atividades do grupo. Finalmente, Hans e Schmorell encontraram-se algumas vezes com Falk Harnack, cujo irmão Arvid, do grupo de resistência “Orquestra Vermelha”, encontrava-se preso na época. Falk, entretanto, não chegou a colaborar com as ações do grupo. Também falharam as tentativas da Rosa Branca de estabelecer contato com outros grupos de resistência, como o Círculo de Kreisau e a resistência militar.

No fim de 1942, Traute Lafrenz entregou ao estudante Heinz Kucharski, de Hamburgo, uma cópia do terceiro panfleto da Rosa Branca. Logo depois, ela fez com que outros chegassem até ele pelo correio. Formou-se a partir daí a maior ramificação da Rosa Branca fora da Baviera. Assim como em Munique, o grupo de Hamburgo criou-se em torno de um círculo de estudantes universitários e intelectuais. Constituíam-se de aproximadamente 30 pessoas⁷⁸ e seu núcleo era formado por Heinz Kucharski, Margaretha Rothe, Albert Suhr, Bruno Himpkamp, Reinhold Mayer, Friedrich Geussenhainer, Karl Ludwig Schneider, Katharina Leipelt e Hans Konrad Leipelt. As ações – que continuaram mesmo depois da prisão e execução dos seis primeiros membros da Rosa Branca pelo regime nazista – consistiam sobretudo na organização de círculos de discussão, na reprodução e distribuição dos panfletos produzidos pelo grupo de Munique.

Moll (2011, p. 227 et seq.) menciona ainda uma terceira fase de ações da Rosa Branca, que teria envolvido as ações mais arriscadas, como a distribuição de panfletos na universidade e pichações noturnas em Munique, e levou à prisão do grupo. Como pretextos para a produção, nessa fase, de um sexto panfleto, a autora cita a notícia da derrota catastrófica do 6º exército alemão em Stalingrado, já disseminada entre a população alemã, e o discurso do chefe de distrito Paul Giesler, que ofendeu as universitárias de Munique durante a comemoração dos 470 anos da Universidade Ludwig Maximilian, em 13 de janeiro de 1943. Na ocasião, Giesler dirigiu-se de forma hostil às estudantes, ao afirmar que elas deveriam se dedicar mais a procurar um marido e presentear o “Führer” com filhos do que aos estudos. Tal discurso provocou grande revolta entre os alunos presentes e terminou com fragorosas vaias

⁷⁸ UEBERSCHÄR, 2006, p. 130.

ao orador e estudantes presos. Em resposta a esses fatos, ocorreu uma nova troca de destinatários: o sexto panfleto, intitulado “Colegas universitários!” (*Kommilitonen! Kommilitonen!*) dirigia-se especificamente aos universitários de Munique. Foi redigido exclusivamente pelo professor Kurt Huber – a única interferência de Hans Scholl e Alexander Schmorell no texto foi a exclusão de um parágrafo, no qual Huber elogiava o exército alemão – na linguagem de um jovem estudante e a temática girava em torno da derrota em Stalingrado e da situação concreta dos estudantes na universidade. Foram produzidas entre 2000 e 3000 cópias⁷⁹, enviadas a destinatários extraídos de uma lista de estudantes do semestre de inverno de 1941/42. No quadro a seguir estão sintetizadas informações acerca dos seis panfletos distribuídos pelo grupo:

Quadro 1 – Panfletos produzidos e distribuídos pela Rosa Branca

Panfletos	Quem? (autor)	Para quem? (destinatários)	Quando?	Onde?	Tiragem e meio de distribuição
I	Hans Scholl	“Acadêmicos” Escritores, professores universitários, diretores de escola, donos de livrarias e médicos.	27 de junho a 12 de julho de 1942.	Munique e arredores	Cerca de 100 cópias de cada panfleto Correio
II	Hans Scholl e Alexander Schmorell				
III					
IV	Hans Scholl				
V	Hans Scholl (revisão e alterações do Prof. Kurt Huber)	Público geral: destinatários extraídos de uma lista de endereços do Museu Alemão	Meados de janeiro de 1943	Sul do <i>Reich</i> : Augsburg, Stuttgart, Frankfurt, Salzburgo, Linz e Viena	6000 a 9000 cópias Correio, ações noturnas e diurnas de panfletagem
VI	Prof. Kurt Huber	Estudantes universitários de Munique	9 de fevereiro de 1943	Munique	2000 a 3000 cópias Correio, distribuição na universidade

Paralelamente à produção e distribuição desses panfletos, Alexander Schmorell, Hans Scholl e Willi Graf picharam, em três madrugadas de fevereiro de 1943, as inscrições “Abaixo Hitler” (*Nieder mit Hitler*), “Liberdade” (*Freiheit*), e “Hitler, assassino em massa” (*Massenmörder Hitler*) em fachadas e monumentos de Munique. Na manhã de 18 de fevereiro, Hans e Sophie Scholl seguiram para a universidade com uma mala e uma maleta

⁷⁹ MOLL, 2011, p. 228.

repletas de exemplares restantes do quinto e do sexto panfletos⁸⁰, que pretendiam espalhar pelos corredores e pátio interno. Concretizaram seu plano, mas foram detidos pelo zelador da universidade, Jakob Schmid, após Sophie despejar uma pilha de panfletos da balaustrada do segundo andar do edifício em direção ao pátio interno. Teve início então a repressão do grupo pela polícia e justiça nacional-socialistas.

2.3.3 Da Gestapo ao Tribunal do Povo: a repressão do grupo

As primeiras investigações da *Gestapo* relacionadas à Rosa Branca ocorreram em junho de 1942, em decorrência da distribuição dos primeiros quatro panfletos do grupo pelo correio. Como a ação teve um baixo alcance e cessou por conta própria em duas semanas – por ocasião do destacamento de seus autores para front oriental – a averiguação não foi adiante. Em fins de janeiro de 1943, entretanto, a distribuição de panfletos “subversivos” voltou a preocupar a polícia secreta nazista. Cerca de 1 300 panfletos espalhados na madrugada de 28 para 29 de janeiro de 1943 haviam sido apreendidos nas ruas de Munique⁸¹. O chefe da *Gestapo* local, Oswald Schäfer, instaurou então uma comissão especial que, liderada pelo investigador-chefe Robert Mohr, teria a função de apurar essas ações e deter os responsáveis pelos panfletos. Robert Mohr já havia participado das primeiras investigações, em meados de 1942.

Logo, os laudos periciais encomendados trouxeram informações relevantes, como a de que a matriz do quinto panfleto (“Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha”) havia sido escrita na mesma máquina que as dos quatro primeiros (“Panfletos da Rosa Branca”). Além disso, apurou-se que o papel utilizado nos panfletos havia sido comprado em Munique e que os envelopes também haviam sido produzidos em uma fábrica local. Chegou-se então à conclusão de que o autor (ou os autores) deveria ser procurado em Munique e arredores. As pichações encontradas em fachadas de edifícios (dentre eles a universidade) de Munique, nos primeiros dias de fevereiro, reforçaram essa hipótese e começaram a chamar a atenção da polícia para a comunidade estudantil. A postagem de 800 a 1 300 exemplares de um sexto panfleto (“Colegas universitários!”) pelos correios, em 15 e 16 de fevereiro, intensificou ainda mais a suspeita de que as ações provinham de alguém ligado à universidade. Diante desse quadro, o filólogo Richard Harder, professor da LMU, recebeu da

⁸⁰ CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 235.

⁸¹ CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 69.

Gestapo a encomenda de analisar linguisticamente os panfletos e traçar um perfil de seu(s) autor(es).

Os dois pareceres redigidos por Harder foram entregues à comissão liderada por Robert Mohr em 17 e 18 de fevereiro e traziam uma descrição bastante realista dos autores dos panfletos. Além de destacar a erudição e o estilo rebuscado dos textos⁸², Harder pressupôs que o autor era homem, cristão (mais especificamente protestante) e estava inserido de alguma forma no contexto universitário. Enganou-se apenas quando sugeriu que os seis panfletos teriam sido escritos por uma única pessoa.

Quando o segundo parecer de Harder chegou às mãos dos investigadores, os irmãos Scholl já haviam sido detidos. O assessor jurídico da universidade, para cuja sala os dois haviam sido encaminhados na manhã de 18 de fevereiro pelo zelador que os deteve, ordenou que todas as portas do edifício fossem trancadas e acionou a *Gestapo*. Enquanto aguardava a chegada da polícia, Hans Scholl tentou se desfazer de uma folha de papel que estava no bolso de sua jaqueta, picotando-a e deixando cair os pedaços no chão, junto a uma pilha de papéis. Tratava-se de um esboço de panfleto que lhe havia sido entregue semanas antes por Christoph Probst⁸³. O zelador Schmid percebeu a ação e alertou os funcionários da *Gestapo* então presentes, que imediatamente tentaram reconstruir o papel e datilografar seu conteúdo.

Da universidade, os irmãos Scholl foram conduzidos à central da *Gestapo* em Munique, sediada no Palácio de Wittelsbach. Seguiram-se interrogatórios exaustivos e apreensões minuciosas nas casas de integrantes e conhecidos do grupo, que levaram gradativamente à prisão de todo o núcleo da Rosa Branca. Willi Graf também foi detido em 18 de fevereiro de 1943, Christoph Probst em 20 de fevereiro, Alexander Schmorell em 24 de fevereiro e Kurt Huber em 27 de fevereiro.

Sophie Scholl passou então a ser inquirida pelo investigador-chefe, Robert Mohr, que também interrogaria Willi Graf, Anneliese Graf (irmã de Willi), Susanne Hirzel e Robert Scholl (pai de Hans e Sophie Scholl). Hans, por sua vez, foi conduzido ao investigador e segundo tenente (*Untersturmführer*) da SS Anton Mahler, também responsável pelos

⁸² Em um dos dois pareceres consta: “Ambos os produtos mostram um nível extraordinariamente alto. Fala alguém que domina completamente o idioma alemão e que refletiu sobre seu objeto até ele se tornar totalmente claro”. (HARDER, 1943 apud CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 47 et seq., tradução nossa)

⁸³ No final de novembro de 1942, Hans havia atribuído a Probst a tarefa de esboçar um panfleto sobre os últimos acontecimentos da guerra: em 07 de novembro os Aliados haviam pousado no norte da África e em 22 de novembro o exército alemão havia sido cercado em Stalingrado. Conforme observa Moll (2011, p. 224), o conteúdo do esboço era altamente político e trazia influências de emissões radiofônicas da BBC, escutadas clandestinamente por Probst. Até então ele, que era casado e pai de três filhos, havia se mantido distante das ações do grupo, a fim de preservar a si e à sua família. Mais tarde, durante um interrogatório, Probst precisou reconstituir integralmente o texto do esboço encontrado com Hans Scholl, completando as lacunas que faltavam.

interrogatórios de Christoph Probst, Kurt Huber, Traute Lafrenz, Hans Hirzel e Franz Müller. Em 18 de fevereiro, a *Gestapo* também prendeu Gisela Schertling, namorada de Hans e amiga de Sophie. Quando foi levado preso da universidade, Hans havia gritado a ela, em código, que fosse à casa dele e alertasse Alexander Schmorell de sua prisão. Quando chegou à casa de Hans, Gisela deparou-se com a polícia, que realizava uma busca ali, e foi detida. Em seus interrogatórios, iniciados naquele mesmo dia, ela delatou polícia diversos nomes e, ao descrever algumas opiniões “subversivas” manifestadas pelos irmãos Scholl diante dela, deu à *Gestapo* informações importantes para decifrar as motivações e ações do grupo.

O quadro a seguir traz algumas datas relevantes para a contextualização da repressão policial e judicial às seis pessoas que formavam o núcleo da Rosa Branca:

Quadro 2 – Os interrogatórios da Rosa Branca no contexto da repressão ao grupo

	Data da prisão	Início dos interrogatórios	Julgamento e condenação à morte	Execução
Hans Scholl	18/02	18/02	22/02	22/02
Sophie Scholl	18/02	18/02	22/02	22/02
Willi Graf	18/02	18/02	19/04	12/10
Christoph Probst	20/02	20/02	22/02	22/02
Alexander Schmorell	24/02	25/02	19/04	13/07
Kurt Huber	27/02	27/02	19/04	13/07

Ao observar esses dados, salta aos olhos em primeiro lugar o curtíssimo intervalo (de apenas 4 dias) entre a prisão dos irmãos Scholl e a execução deles e de Christoph Probst. De acordo com Chaussy & Ueberschär (2013, p. 200 et seq.), o fato de as ações da Rosa Branca terem partido de Munique, cidade conhecida como a “capital do Nacional-Socialismo”, e ocorrido em uma época em que governo e população estavam sob impacto da derrota em Stalingrado provocou grande inquietação nas lideranças nazistas. Uma comissão instaurada pelo ministro da justiça do *Reich*, Otto Thierack, encarregou-se de apurar a origem e a repercussão das ações em Munique. Conforme revela uma troca de correspondências entre o chefe de distrito de Munique, Paul Giesler, e o líder nacional do partido nazista, Martin

Bormann, a chancelaria do *Reich* e o próprio “Führer” foram colocados a par das ações⁸⁴. Hitler acatou então a sugestão do líder nacional de Bormann e Giesler assinou uma ordem para que os estudantes suspeitos fossem expulsos das Forças Armadas (*Wehrmacht*). Com isso, todos os responsáveis poderiam ser julgados e condenados pelo “Tribunal do Povo” de forma rápida e exemplar, satisfazendo às lideranças do partido em Munique, que temiam uma inquietação da população civil do sul da Alemanha caso o processo se prolongasse muito⁸⁵.

Nessa conjuntura, os primeiros interrogatórios foram realizados pela *Gestapo* sob grande pressão de tempo e as engrenagens da polícia e da justiça trabalharam simultaneamente. Em 20 de fevereiro, enquanto Hans Scholl, Sophie Scholl e Christoph Probst ainda estavam sendo interrogados, a Procuradoria do *Reich* já havia formulado a carta-denúncia, que seria entregue aos acusados no dia seguinte, e expedido diversos mandados de prisão. Os interrogatórios tinham, enfim, o propósito de produzir argumentos para a sentença de morte que Roland Freisler, presidente do “Tribunal do Povo”, pronunciaria em breve.

Em 22 de fevereiro o referido tribunal, estabelecido em Berlim, deslocou-se integralmente para Munique para o julgamento dos irmãos Scholl e de Christoph Probst. Como sublinha Bald (2003, p. 162), a realização do julgamento em Munique foi uma manobra do partido nacional-socialista para demonstrar e reafirmar seu poder na cidade onde havia sido fundado e que considerava a cidade mais convictamente nazista do *Reich*. Durante a sessão, Freisler leu os seis panfletos distribuídos pelo grupo e o esboço de Christoph Probst, sem fazer distinção entre eles. Acusados de terem, com esses panfletos, perpetrado os crimes de alta traição, favorecimento do inimigo e corrupção do poderio militar alemão, os três estudantes foram condenados à morte. A sentença, de conteúdo altamente subjetivo e arbitrário⁸⁶, foi cumprida ainda no mesmo dia.

O segundo processo movido pelo “Tribunal do Povo” contra integrantes da Rosa Branca prolongou-se por mais tempo. Na audiência, realizada no Palácio de Justiça de Munique em 19 de abril de 1943, foram julgados 14 réus. Alexander Schmorell, Kurt Huber e Willi Graf foram condenados à morte e executados meses depois⁸⁷. Outros 10 receberam penas de prisão ou reclusão com trabalhos forçados: os estudantes Hans Hirzel, Susanne

⁸⁴ Hoje essas correspondências encontram-se preservadas no Arquivo Federal da Alemanha, junto às atas do processo movido pelo “Tribunal do Povo” contra Christoph Probst, Hans e Sophie Scholl (rubrica ZC 13267, Bd. 1-3).

⁸⁵ UEBERSCHÄR, 2006, p. 129.

⁸⁶ Cf. SALGADO, 2013.

⁸⁷ O cumprimento da sentença de Willi Graf, preso junto com os irmãos Scholl e condenado à morte junto com Huber e Schmorell, foi adiada por mais três meses, pois a *Gestapo* pretendia obter dele mais informações sobre o envolvimento de Willi Bollinger nas ações da Rosa Branca.

Hirzel, Heinrich Guter e Franz Müller, os universitários Helmut Bauer, Traute Lafrenz, Gisela Schertling e Katharina Schüddekopf, o assistente universitário Heinrich Bollinger e Eugen Grimminger. Falk Harnack foi declarado inocente.

Seguiram-se outras prisões e mais três processos. No último deles o “Tribunal do Povo” deliberou em Donauwörth e condenou à morte o estudante Hans Conrad Leipelt. Junto com sua noiva, Marie-Luise Jahn, e outros colegas, ele havia continuado a distribuir os panfletos da Rosa Branca na universidade e entre conhecidos de Hamburgo após a prisão e execução dos primeiros membros do grupo. Além disso, ele e Marie-Luise – que foi condenada no mesmo processo a 12 anos de reclusão com trabalhos forçados – coletaram clandestinamente dinheiro para a esposa do professor Kurt Huber, que desde a prisão do marido não possuía nenhuma fonte de subsistência⁸⁸.

No fim de 1943, a *Gestapo* chegou a diferentes membros do círculo de resistência que continuava a distribuir os panfletos da Rosa Branca em Hamburgo. Sete pessoas presas nesse contexto foram mortas (direta ou indiretamente) pelo regime: Elisabeth Lange, Friedrich Geussenhainer, Katharina Leipelt, Kurt Ledien, Margaretha Rothe, Margarethe Mrosek e Reinhold Meyer foram instados ao suicídio, morreram de frio, fome e exaustão em campos de concentração ou foram executados sem sentença judicial. O último julgamento, pelo “Tribunal do Povo”, de pessoas relacionadas ao ramo da Rosa Branca em Hamburgo ocorreu poucas semanas antes do fim da guerra, entre 17 e 20 de abril de 1945. Heinz Kucharski, condenado à morte naquele julgamento, conseguiu se salvar a caminho da execução, durante um ataque aéreo⁸⁹.

2.4 A recepção da “Rosa Branca” (1943 – 2013)

Ao discorrerem criticamente sobre a história de recepção do grupo A Rosa Branca, autores como Breyvogel (1991), Moll (1994, 2011), Kissener (2008) e Kargl (2014) ressaltam o processo de mitificação e heroicização ao qual seus integrantes (alguns em maior proporção que outros) vêm sendo submetidos desde 1943. Nas palavras de Breyvogel (1991, p. 159), “os acontecimentos relacionados ao grupo Rosa Branca foram, como em nenhum outro grupo de resistência juvenil, transfigurados através da construção de mitos e lendas que se iniciou

⁸⁸ UEBERSCHÄR, 2012, p. 130.

⁸⁹ Cf. SCHOLL, 2014, p. 89 et seq.

imediatamente depois dos fatos”⁹⁰. Com o objetivo de garantir uma base segura para a interpretação dos materiais biográficos e documentos históricos relacionados ao grupo, publicados em massa no fim da década de 80, o autor procura tornar visíveis as etapas de recepção da Rosa Branca, relacionando-as com os momentos em que ocorreram. Assim, Breyvogel destaca quatro momentos de recepção distintos, marcados por formas diferentes de caracterizar o grupo e de lidar com as fontes disponíveis a seu respeito: *1943 a 1948/49*, *1948/49 a 1955*, a virada historiográfica *entre 1966 e 1968* e a proliferação de fontes biográficas nos *anos 80*.

As ações do grupo e a condenação de seus primeiros membros à morte foram divulgadas dentro e fora da Alemanha já em 1943. O primeiro momento de recepção aí iniciado abrange algumas notícias divulgadas na imprensa nacional-socialista logo após a execução dos irmãos Scholl e de Christoph Probst. Tais notícias caracterizavam-se por sua parcialidade: relatavam os fatos sob a ótica do regime nacional-socialista, condenando as ações do grupo e referindo-se aos envolvidos de forma depreciativa. A primeira delas, publicada em 23 de fevereiro de 1943 no jornal *Münchener Neueste Nachrichten*, trazia, por exemplo, o seguinte conteúdo:

Como individualistas típicos, os condenados haviam violado a força militar e o espírito de resistência do povo alemão de forma descarada, através da pichação de casas com incitações subversivas ao Estado e através da preparação de panfletos de alta traição. Tendo em vista a luta heroica do povo alemão, sujeitos tão depravados como estes não merecem outra coisa senão a morte imediata e desonrosa. (In: SCHOLL, 2014, p. 215)

Por outro lado, esse primeiro momento de recepção também já inclui relatos de membros e simpatizantes da resistência, que atribuíam à Rosa Branca um caráter heroico, destacando a coragem e o martírio de seus integrantes. Em 10 de março de 1943, a notícia da execução dos primeiros três membros da Rosa Branca já havia chegado a Berlim. Nessa data, a escritora e jornalista Ruth Andreas-Friedrich anotou em seu diário, publicado pouco depois do fim da guerra: “O que está se passando em Munique? Dizem que os estudantes teriam se rebelado. Que teriam distribuído milhares de panfletos. Que teriam pichado nos muros: »Abaixo Hitler! Viva a liberdade!«⁹¹” (ANDREAS-FRIEDRICH, 1986, p. 104 et seq.). Ruth, fazia parte do grupo de resistência Onkel Emil (Tio Emílio), formado sobretudo por médicos, jornalistas e intelectuais berlinenses, cujas ações consistiam no estabelecimento uma rede de

⁹⁰ Wie bei keiner anderen jugendlichen Widerstandsgruppe sind die Ereignisse, die die Gruppe der ‘Weißen Rose’ betreffen, durch eine unmittelbar einsetzende Mythen- und Legendenbildung verstellt.

⁹¹ Was geht in München vor? Die Studenten hätten sich erhoben, erzählt man. Viele tausend Flugblätter seien verteilt worden. Anschriften stünden an den Mauern: „Nieder mit Hitler! Es lebe die Freiheit!“.

solidariedade e salvamento a vítimas da perseguição nacional-socialista. No fim de março de 1943, Ruth, seu marido e seu filho receberam cópias de panfletos da Rosa Branca e os copiaram na máquina de escrever cerca de 250 vezes. Distribuíram então essas cópias de madrugada por bairros de Berlim, dando continuidade às ações do grupo de Munique⁹².

Em obra publicada recentemente, Kargl (2014) destaca a influência do exílio sobre a imagem da Rosa Branca construída ao longo de sete décadas e sobre as obras relacionadas ao grupo publicadas nesse período. O primeiro relato escrito sobre o grupo divulgado no exterior proveio de Helmuth James Graf von Moltke. Líder do grupo de resistência Círculo de Kreisau, Moltke havia recebido o sexto panfleto da Rosa Branca através dos irmãos Dietrich e Klaus Bornhoeffer, também envolvidos na resistência⁹³, que, por sua vez, o receberam através de Falk Harnack. O relato de Moltke, redigido em inglês, divide-se em oito capítulos curtos: “I. The background”, “II. The incidents”, “III. The three students”, “IV. The formalities leading to the execution”, “V. The aftermath”, “VI. The arrest of Prof. Huber”, “VII. The near future” e “VIII. Assistance from without”⁹⁴. Moltke deu-lhe o título de *The case of Hans Scholl, Maria Scholl, Adrian Probst, Professor Kurt Huber*. Conforme observa Breyvogel (loc. cit.), a troca nos nomes de Sophie Scholl e Christoph Probst (não se sabe se propositalmente) no título não é a única falha no texto de Moltke: o conteúdo é repleto de erros e distorções. Afirma, por exemplo, que Hans Scholl esteve na batalha de Stalingrado, que o pai dele estivera detido em um campo de concentração.

Moltke teria escrito seu relato primeiramente em alemão e traduzido o mesmo para o inglês em 19 de março de 1943 durante uma visita ao bispo de Oslo, Eivind Berggrav, então detido em uma prisão da Noruega. Outro contato de Moltke, Arvid Broderon, traduziu o relato para o norueguês e o divulgou entre os opositores e na imprensa daquele país. Ainda em março de 1943, Moltke entregou, em Estocolmo, seu relato e o sexto panfleto da Rosa Branca, traduzidos para o inglês, ao redator-chefe do jornal sueco *Svenska Dagbladet*, Iva Anderson. Por esses diferentes caminhos, a notícia das ações e da execução dos três primeiros membros da Rosa Branca, ocorrida semanas antes, alcançou a imprensa internacional.

Entre 3 e 25 de julho de 1943, aviões da *Royal Air Force* (RAF) britânica lançaram sobre a Alemanha, junto com bombas, cinco milhões de exemplares do sexto panfleto – dois

⁹² Por terem ajudado a salvar a vida de judeus durante o domínio nacional-socialista, no início dos anos 2000 Ruth Andreas-Friedrich e sua filha Karin receberam do memorial Yad Vashem em Israel o título de “justas entre as nações”.

⁹³ Dietrich Bornhoeffer era líder da “Igreja Confessional” (*Bekennende Kirche*), ala da igreja protestante contrária ao Nacional-Socialismo. Seu irmão, Klaus Bornhoeffer, esteve envolvido na resistência militar, junto ao grupo responsável pelo atentado de 20 de julho.

⁹⁴ Cf. KARGL, 2014, p. 61.

milhões deles sobre a cidade de Colônia. Reproduzida com o título “Manifesto dos estudantes de Munique” (*Manifest der Münchner Studenten*) e algumas alterações em relação ao conteúdo original⁹⁵, essa versão do panfleto é acompanhada de uma introdução escrita pelos ingleses que contextualiza o panfleto, chama a atenção dos alemães para a existência de uma ampla resistência dentro da própria Alemanha e alerta-os para a ausência de perspectivas na guerra:

Esse é o texto de um panfleto alemão, do qual um exemplar chegou à Inglaterra. Estudantes da Universidade de Munique escreveram-no em fevereiro deste ano e distribuíram-no na universidade. Por causa dele, seis deles foram executados, outros foram presos, outros enviados ao front como punição. [...] Mas não são somente os estudantes. Em todas as camadas existem alemães que se deram conta da situação real da Alemanha. [...] Nós venceremos a guerra de qualquer forma. Mas não vemos por que não ceder a palavra às pessoas sensatas e honestas na Alemanha. Por isso, junto com suas bombas, os aviões da RAF estão lançando agora sobre a Alemanha milhões de cópias desse panfleto, pelo qual seis jovens alemães morreram e que, obviamente, foi confiscado de imediato pela *Gestapo*⁹⁶. (CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 514 et seq., tradução nossa)

Exilado nos Estados Unidos, o escritor Thomas Mann também se baseou no relato de Moltke, no sexto panfleto e em artigos sobre a resistência dos estudantes de Munique, divulgados na imprensa estadunidense a partir de abril de 1943, para tematizar o grupo em seu discurso radiofônico transmitido pela BBC de Londres em 27 de junho de 1943⁹⁷. Nele, o escritor exaltou os membros da Rosa Branca como mártires dignos de homenagens:

Corajosa e magnífica juventude! Vocês não terão morrido à toa, não serão esquecidos. Os nazistas erigiram monumentos para arruaceiros imundos e criminosos comuns – a revolução alemã, a verdadeira, vai derrubá-los e eternizará em seu lugar o nome daqueles que, quando a noite ainda escurecia a Europa e a Alemanha, anunciaram: ‘Nasce uma nova fé na liberdade e na honra!’. (MANN, 2009, p. 145)

⁹⁵ Uma das alterações perceptíveis é a substituição deliberada de “im Namen der ganzen deutschen Jugend” (em nome de toda a juventude alemã) por “im Namen des ganzen deutschen Volkes” (em nome de todo o Povo alemão).

⁹⁶ Dies ist der Text eines deutschen Flugblatts, von dem ein Exemplar nach England gelangt ist. Studenten der Universität München haben es im Februar dieses Jahres verfasst und in der Universität verteilt. Sechs von ihnen sind dafür hingerichtet worden, andere wurden eingesperrt, andere strafweise an die Front geschickt. [...] Aber es sind nicht nur die Studenten. In allen Schichten gibt es Deutsche, die Deutschlands wirkliche Lage erkannt haben. [...] Wir werden den Krieg sowieso gewinnen. Aber wir sehen nicht ein, warum die Vernünftigen und Anständigen in Deutschland nicht zu Worte kommen sollen. Deshalb werfen die Flieger der RAF zugleich mit ihren Bomben jetzt dieses Flugblatt, für das sechs junge Deutsche gestorben sind, und das die Gestapo natürlich sofort konfisziert hat, in Millionen von Exemplaren über Deutschland ab.

⁹⁷ No 21º capítulo de seu romance *Doutor Fausto*, Thomas Mann também faz uma breve menção à Rosa Branca. Referindo-se ao professor Kurt Huber, ele escreve: “aquele erudito apaixonado em torno do qual se concentrava no último verão a rebelião dos estudantes de Munique, afogada em sangue, de modo horroroso” (MANN, 2000, p. 173)

Na mesma época, o Comitê Nacional por uma Alemanha Livre (*Nationalkomitee Freies Deutschland*), organização alemã formada por emigrantes comunistas, desertores e prisioneiros de guerra alemães na União Soviética, produziu um panfleto em que relatava e expressava indignação diante da execução de Christoph Probst, Hans e Sophie Scholl pelos nazistas. A organização, que fazia propaganda antinazista nos fronts de guerra por meio de alto-falantes e panfletos, também enalteceu o “heroísmo” dos integrantes da Rosa Branca em uma linguagem profundamente sentimental, com tom de homenagem:

Os três faziam parte dos nobres e corajosos representantes da juventude alemã que não queriam mais assistir, irrefletidamente, ao pavoroso sofrimento de sua pátria, numa submissão obstinada. [...] Virá o dia em que Ulm, a cidade natal dos irmãos Scholl, e Munique, a cidade onde eles combateram e morreram, irão inaugurar monumentos em sinal de agradecimento e veneração a seus heróis. (SCHOLL, 2014, p. 220)

Outras obras emblemáticas dessa primeira etapa de recepção, caracterizada por distorções dos fatos e por um intenso apelo emocional, são a obra *Six of Them* (versão em alemão: *Es waren Ihrer sechs*), escrita por Alfred Neumann (amigo de Thomas Mann) no exílio e publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em fins de 1945, os discursos de Romano Guardini (proferido em um teatro de Munique em novembro de 1945) e de Karl Vossler (reitor da Universidade de Munique, em 22 de fevereiro de 1947) e o conjunto de biografias dos seis membros do núcleo da Rosa Branca redigido por Ricarda Huch⁹⁸. Conforme observa Breyvogel (1991, p. 168 et seq.), Huch atribuiu grande destaque à religiosidade do grupo e elegeu Hans Scholl como “herói” da Rosa Branca: todos os acontecimentos giram em torno dele e de sua irmã, Sophie, e a trajetória completa dos irmãos Scholl, desde a infância até a resistência, é idealizada. Com isso, na obra de Huch os outros integrantes do grupo assumem um papel coadjuvante, estabelecendo-se uma espécie de hierarquia que resistiria por décadas. Ao mesmo tempo, é construída uma homogeneização das ideias e objetivos individuais: os membros da Rosa Branca são descritos de forma a se tornarem cada vez mais parecidos⁹⁹. Conforme sintetiza Kissener (2008),

O que caracteriza todas essas recepções da história da Rosa Branca é uma tendência para a despolitização, para a idealização e romantização, que logo se difundiu, uma vez que o desconhecimento dos fatos reais e a ausência de fontes levou a diversos, e por vezes duradouros, excessos e relações inverídicas que se encaixavam nessa imagem. Depois da guerra, muitos

⁹⁸ Em seus últimos anos de vida, Huch, falecida em 1947, dedicou-se a escrever as biografias de membros da Rosa Branca e do grupo responsável pelo atentado de 20 de julho. As mesmas foram compiladas na obra *In einem Gedenkbuch zu sammeln... Bilder Deutscher Widerstandskämpfer*, publicada em 1997.

⁹⁹ BREYVOGEL, 1991, p. 171.

relatos divulgados na imprensa adotaram essa tendência editorial e deram destaque à heroicização e ao martírio sobretudo dos irmãos Scholl, que teriam seguido juntos, de forma pura e heroica, em direção à morte¹⁰⁰. (KISSENER, 2008, p. 141, tradução nossa)

A distorção da imagem daqueles que foram executados pelo regime provocou, entretanto, reações de familiares e pessoas próximas a eles. Em 1948/49 teve início um segundo momento de recepção, caracterizado por uma “historicização biográfica” (cf. Breyvogel, 1991, p. 165) que buscava restituir aos mortos qualidades de pessoas comuns, ao mesmo tempo em que mantinha um certo tom de homenagem. É nesse contexto que se insere o livro *Die Weiße Rose*, de Inge Scholl. Irmã de Hans e Sophie, a autora coletou durante toda a vida materiais biográficos, documentos e relatos relacionados ao grupo. Reuniu alguns deles em seu livro que, publicado pela primeira vez em 1952 e ampliado em 1972 e 1993, é até hoje a versão dos fatos mais difundida dentro e fora da Alemanha. Para Kissener (2008, p. 141), o livro de Inge teria contribuído de forma definitiva para a idealização do grupo. Traduzido para diversas línguas (a tradução mais recente é para o português, publicada em 2013) e com mais de um milhão de cópias vendidas ele foi, sem dúvida, o principal responsável pela construção da imagem da Rosa Branca que se transmitiu, de geração a geração, na Alemanha e que se perpetuou até a atualidade.

Na obra de Inge, a tentativa consciente de desconstruir o mito divide espaço com a continuidade da idealização do grupo. Por um lado, a autora procura criar uma versão mais realista e biográfica dos fatos, anexando ao livro documentos autênticos (como os panfletos do grupo e as duas primeiras sentenças proferidas pelo “Tribunal do Povo” contra ele) e apresentando os integrantes da Rosa Branca não como heróis, mas como pessoas comuns:

O que essas pessoas haviam feito? Em que consistiram seus crimes? Enquanto uns zombavam deles e os difamavam, outros falavam em heróis da liberdade. Mas podemos chamá-los de heróis? Eles não fizeram nada de sobre-humano. Defenderam algo simples, lutaram por algo simples, pelos direitos, pela liberdade e pelo desenvolvimento livre do indivíduo: por uma vida livre. Eles não se sacrificaram por nenhuma ideia extraordinária, não perseguiram grandes objetivos; o que queriam era que pessoas como eu e você pudessem viver em um mundo humano. (SCHOLL, 2014, p. 26)

¹⁰⁰ Alle diese Aufnahmen der Geschichte der Weissen Rose kennzeichnete eine Tendenz zur Entpolitisierung, zur Idealisierung und Romantisierung, die sofort prägend wirkte, zumal ohne Kenntnis der tatsächlichen Ereignisse, ohne Quellen viele bisweilen zählbeige unwahre Ausschmückungen und Zusammenhänge konstruiert wurden, die in dieses Bild passten. Dieses publizistische Arrangement übernahmen nach dem Ende des Krieges zahlreiche Berichte in der Presse, die die Heroisierung und das Martyrium insbesondere des Geschwisterpaares Scholl, das heldenhaft und rein gemeinsam in den Tod gegangen sei, vorantrieben.

Por outro lado, que rendeu à autora críticas vindas de familiares de outros membros do grupo e de historiadores (cf. PETRY, 1968; BREYVOGEL, 1991; ZIEGLER, 2006), fatos reais e interpretações subjetivas da autora confundem-se no ensaio que abre o livro. Também se costuma censurar o fato de Inge narrar a história do grupo conferindo grande ênfase à trajetória e às ações de seus irmãos e atribuindo menor importância à participação de outros integrantes. Em cartas enviadas à autora em 1953¹⁰¹, Angelika Probst (irmã de Christoph Probst) e Hugo Schmorell (pai de Alexander Schmorell) expressaram seu descontentamento com a versão centralizante dos fatos apresentada por ela. Tendo isso em vista, os relatos de pessoas próximas ao núcleo da Rosa Branca acrescentados por Inge à edição ampliada do livro, publicada em 1972, parecem ter constituído um esforço da autora em oferecer uma versão melhor fundamentada da história do grupo e dar maior visibilidade a outros integrantes, conforme ela própria justifica em um segundo ensaio que passa a integrar a obra naquela edição:

Eu havia me limitado a narrar a história de meus irmãos e seus amigos a partir da perspectiva de uma pessoa muito próxima. Naquele momento, a distância temporal que teria possibilitado a investigação do contexto histórico ainda não existia e tampouco se colocava a pergunta sobre o êxito da resistência. [...]. Com o passar do tempo, vieram à luz documentos que completaram minhas anotações com detalhes importantes; esses materiais ofereciam informações sobre o contexto e delineavam com mais clareza o perfil político do círculo de resistência. Esta nova edição apresenta uma seleção de tais documentos. E, acima de tudo, os testemunhos dos amigos contribuíram para aprofundar a compreensão do que foi a Rosa Branca. (SCHOLL, 2014, p. 113 et seq.)

Entre 1966 e 1968 acontece, segundo Breyvogel, uma nova virada na história de recepção da Rosa Branca. Surgem nesse momento os primeiros trabalhos que questionam e procuram esclarecer, com base na pesquisa historiográfica, as contradições que haviam marcado a recepção do grupo até então¹⁰². Historiadores como Bretschneider (1968) e Petry (1968) são decisivos no sentido de criticar a apresentação dos fatos tal qual realizada até então. Enquanto a primeira aborda a Rosa Branca (chamada por ela de “círculo de Scholl”) em meio a um levantamento de todos os grupos de resistência formados em Munique no início da década de 40, Petry é o primeiro historiador a produzir uma monografia que leva em consideração aspectos biográficos do grupo e reúne ampla documentação sobre o tema.

Em estudos como esses, produzidos no fim da década de 60, é possível notar uma cisão na recepção da resistência alemã ao Nacional-Socialismo pela República Federal da

¹⁰¹ O conteúdo das cartas encontra-se reproduzido em Ziegler (2006, p. 25 et seq.).

¹⁰² BREYVOGEL, 1991, p. 165.

Alemanha - RFA (*Bundesrepublik Deutschland*) e pela República Democrática Alemã - RDA (*Deutsche Demokratische Republik*). De acordo com Benz & Pehle (2008, p. 9), a Alemanha Ocidental (BRD) conferia maior prestígio à oposição conservadora da resistência militar e das elites burocráticas e políticas, como a que foi oferecida pelos militares envolvidos no atentado de 20 de julho, o Círculo de Kreisau e a Rosa Branca. Por outro lado, a Alemanha Oriental (DDR) enaltecia a resistência comunista, especialmente aquela exercida pelo operariado, e homenageava-a em monumentos, memoriais e nomes de locais públicos.

Essa cisão também é perceptível na imagem da Rosa Branca difundida em cada uma das repúblicas alemãs. Conforme observa Moll (1994, p. 444), enquanto a DDR ressaltava o caráter político das ações do grupo, a BRD acentuava o aspecto da resistência moral, de fundo cristão. Assim, pesquisadores da Alemanha Oriental concentravam os estudos no quinto panfleto, de conteúdo mais direto e político, e realçavam a identificação de Alexander Schmorell com a Rússia, enquanto historiadores do lado ocidental dedicavam-se mais à análise dos quatro primeiros panfletos, cujo conteúdo caracteriza-se pelo apelo religioso e por conclamar à resistência passiva, e davam destaque à profunda religiosidade de integrantes como Willi Graf¹⁰³.

Como fator determinante da transição para um quarto momento de recepção, Breyvogel cita a publicação de relatos pessoais e fontes biográficas, como cartas e diários, a partir dos anos 80. A publicação da correspondência e de trechos dos diários dos irmãos Scholl (JENS, 1984) e de Willi Graf (KNOOP-GRAF & JENS, 1988) tornou acessível um lado biográfico da resistência que permitiu, a partir de fontes primárias, compreender as motivações e impulsos que levaram cada um a agir, bem como possibilitou a reconstituição das relações no interior do grupo. Nessa fase, a integração das pesquisas historiográfica, sociológica e biográfica viabilizou, segundo Breyvogel (1991, p. 165), o estudo interdisciplinar da Rosa Branca.

Também data desse momento de recepção o filme *Die Weiße Rose*, de Michael Verhoeven e Mario Krebs. Lançado na Alemanha em 1982, ele retrata a história do grupo com bastante proximidade aos fatos históricos, desde a formação do círculo de amigos em Munique até a execução dos irmãos Scholl e Christoph Probst. Ao divulgar que, oficialmente, as sentenças nazistas proferidas pelo “Tribunal do Povo” continuavam válidas aos olhos da justiça alemã, o filme suscitou uma série de debates. Estes culminaram, em 1998, na sanção

¹⁰³ Cf. MOLL, 1994, p. 445; KISSENER, 2008, p. 139.

de uma lei¹⁰⁴ que invalida a legitimidade dos tribunais de exceção nazistas e anula as sentenças proferidas durante o regime nacional-socialista de forma injusta e parcial, com base em argumentos políticos, militares, racistas, religiosos ou ideológicos.

Com a reunificação da Alemanha, em 1990, novas fontes primárias, até então mantidas ocultas em arquivos da DDR em Moscou em Berlim, foram encontradas e puderam ser acessadas por pesquisadores. É o caso de documentos da investigação e dos processos judiciais movidos contra Hans e Sophie Scholl, Christoph Probst e Alexander Schmorell, que, conforme defende Moll (1994, p. 445), permitiram uma abordagem da Rosa Branca que ultrapassasse a dicotomia resistência política vs. resistência moral. Dentre esses documentos está o *corpus* do presente trabalho: os protocolos dos interrogatórios conduzidos pela *Gestapo* com Hans e Sophie Scholl em fevereiro de 1943.

A divulgação desses documentos foi responsável por uma reviravolta nos estudos acerca das motivações, ações e objetivos da Rosa Branca. A descoberta dessas novas fontes também motivou a montagem de uma nova produção cinematográfica sobre a Rosa Branca, que teve grande repercussão dentro e fora da Alemanha. Fred Breinersdorfer baseou-se sobretudo nos protocolos de interrogatório para redigir o roteiro¹⁰⁵ de *Sophie Scholl – Die Letzten Tage* (título em português: *Sophie Scholl – Uma mulher contra Hitler*), lançado na Alemanha em 2005 sob direção de Marc Rothemund. O filme, protagonizado por Julia Jentsch no papel de Sophie Scholl, recebeu diferentes prêmios em festivais de cinema e uma indicação ao Oscar de 2005, na categoria de melhor filme estrangeiro. Trouxe, enfim, uma visibilidade internacional ampla e recente para a Rosa Branca.

Atualmente, verifica-se o surgimento de uma leva de publicações que revisitam a história da Rosa Branca com base nessas novas fontes. É o caso das biografias recém-lançadas de Hans Scholl (ELLERMEIER, 2012; ZOSKE, 2014), Sophie Scholl (BEUYS, 2010) e Alexander Schmorell (SELG, 2013), de monografias extensas que levantam novas polêmicas sobre o grupo (ZANKEL, 2007), de publicações que reúnem e analisam documentos de época (CHAUSSY & ÜBERSCHÄR, 2013) ou de estudos que tematizam aspectos específicos, como a influência da religiosidade cristã sobre as ações do grupo (BALD & KNAB, 2012).

Nos últimos anos evidencia-se também uma preocupação em colher e publicar testemunhos dos últimos sobreviventes e pessoas próximas à Rosa Branca. Nesse contexto inserem-se, por exemplo, as biografias de Traute Lafrenz (WAAGE, 2012) e Otmar

¹⁰⁴ BUNDESREPUBLIK DEUTSCHLAND. Gesetz zur Aufhebung nationalsozialistischer Unrechtsurteile in der Strafrechtspflege vom 25. August 1998. **Bundesgesetzblatt I**, Berlim, n. 58, p. 2501, 1998. Disponível em: <<http://www.gesetze-im-internet.de/bundesrecht/ns-aufhg/gesamt.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

¹⁰⁵ Cf. BREINERSDORFER, 2006.

Hammerstein (HAMMERSTEIN, 2014) e o documentário *Die Widerständigen. Zeugen der Weißen Rose* (SEYBOLD, 2008). O último consiste em uma compilação de relatos de experiências de integrantes, amigos e familiares da Rosa Branca. Colhidos por Katrin Seybold, os depoimentos gravados constituem um esforço de registrar e eternizar as memórias desses últimos sobreviventes da Rosa Branca.

Pode-se dizer, enfim, que, embora não tenha atingido seu objetivo na época em que produziu e distribuiu seus panfletos, a Rosa Branca teve uma grande importância “póstuma” para a Alemanha. Conforme defende Jens (1991, p. 221), se ela não tivesse existido, a reconstrução democrática da Alemanha no período pós-guerra teria sido muito mais difícil e sem perspectivas para a juventude. O conhecimento da história do grupo, amplamente divulgada no livro de Inge Scholl, foi fundamental nesse sentido. Na concepção de Hudemann (2013, p. 253) “os valores e as motivações morais da resistência, que foram redigidos de maneira tão pertinente nos panfletos da Rosa Branca, agora tornavam-se importantes para a reconstrução moral e política [...]”. Para Golo Mann, “mesmo que na resistência alemã houvesse existido apenas os irmãos Scholl e seus amigos, teria sido o suficiente para salvar um pouco da honra das pessoas que falam o alemão” (MANN, 1958 apud VIELHABER et al., 1963, p. 7). O principal legado da Rosa Branca consiste, assim, em seu significado para as gerações posteriores: ao representar que existiu, sim, uma força contrária ao terror nazista, ela constituiu e constitui, de certa forma, um contraponto simbólico à tese da culpa coletiva alemã, comprovando que nem todos os alemães compactuaram com os crimes cometidos por seu Estado entre 1933 e 1945.

3 TRADUÇÃO E ANÁLISE TEXTUAL

Os primeiros trabalhos a traçarem explicitamente, do ponto de vista teórico, uma relação entre tradução e análise textual remontam às décadas de 1960 e 1970. Naquele momento, a Linguística passou a dirigir seu foco de estudo para estruturas superiores à frase. Surgiu assim uma nova disciplina: a Linguística Textual, que em seus primórdios ocupou-se sobretudo de descrever princípios de textualidade, isto é, das condições essenciais para a constituição de um texto¹⁰⁶. Na mesma época, os Estudos da Tradução também experimentaram o surgimento de uma perspectiva teórica orientada para o texto. Com base em sua experiência de tradução da Bíblia nos anos 60, Eugene Nida chamou a atenção para o fato de que o que se transpõe de uma língua a outra não são palavras ou frases, mas sim textos¹⁰⁷. Nasceram dessa forma os enfoques textuais (cf. HURTADO ALBIR, 2001, p. 127) nos Estudos da Tradução, que reivindicavam uma concepção de tradução enquanto operação textual e não mais centrada exclusivamente em questões microlinguísticas.

Ao definir a tradução como processo de análise e síntese, Nida (1964) alçou a análise textual à condição de pressuposto indispensável a qualquer processo tradutório e gerou, assim, necessidade e interesse em adequar procedimentos da Linguística Textual à teoria e prática de tradução. Para autores como ele, representantes de abordagens centradas no (até hoje bastante difuso) conceito de equivalência, a análise textual era considerada um meio de garantir ampla compreensão do texto de partida, constituindo assim a base do ato tradutório¹⁰⁸. Neste trabalho partimos, porém, de outra perspectiva, também pertencente ao enfoque textual: a dos Estudos Funcionais da Tradução.

Em um trabalho recente, que tem por objetivo descrever e analisar a gênese e o desenvolvimento dessa vertente teórica, Moreira (2014, p. 128) aponta a publicação de *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik* (“Possibilidades e Limites da Crítica de Tradução”) por Katharina Reiß, em 1971, como um dos momentos de virada que, para a Historiografia da Tradução, culminaram na constituição dos Estudos Funcionais. A obra de Reiß tornou-se referência para a didática de tradução na década de 70 e, a partir dela, a premissa de que se deveria atribuir uma importância maior à cultura de chegada passou a conquistar cada vez mais espaço na Alemanha. Foi, entretanto, Hans Josef Vermeer, então

¹⁰⁶ Um dos trabalhos de referência nesse sentido continua sendo o de Beaugrande & Dressler (1981), que enumeram e descrevem sete princípios de textualidade: *coerência*, *coesão*, *aceitabilidade*, *intencionalidade*, *informatividade*, *intertextualidade* e *situacionalidade*.

¹⁰⁷ NIDA, 1964.

¹⁰⁸ Cf. NORD, 2006, p. 350.

professor de Linguística Aplicada na Universidade de Garmersheim, o responsável por converter essa corrente de pensamento em uma nova teoria de tradução¹⁰⁹: a Teoria do Escopo (*Skopostheorie*), que teve como “marco-zero”¹¹⁰ a publicação do artigo *Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie* (“Um quadro para uma teoria geral de translação”¹¹¹; VERMEER, 1978) e foi aprofundada em cooperação com Katharina Reiß na obra *Grundlegung einer Allgemeinen Translationstheorie* (“Fundamentos de uma teoria geral de translação”; REISS & VERMEER, 1984).

A ideia central da Teoria do Escopo consiste, conforme já revela seu título, na primazia da função (escopo) do texto de chegada. Para Reiß & Vermeer (1984, p. 96), “a máxima de toda a tradução é sua finalidade”¹¹². Ao deslocar, dessa forma, o foco do princípio de equivalência para o princípio de funcionalidade, essa teoria encontra-se sob clara influência de um ramo da Linguística surgido na década de 60 e em franco desenvolvimento nos anos 80: a Pragmática, que sustenta um estudo da língua integrado a seu contexto comunicativo. Nesse sentido, a Teoria do Escopo defende que, enquanto ação humana, a tradução deve ser entendida como ação intencional carregada de propósitos e inserida em determinada situação comunicativa, a qual, por sua vez, está ancorada em determinada cultura¹¹³.

As tentativas funcionalistas de definir o conceito de texto levam igualmente em conta aspectos relativos à realidade extralinguística, ao invés de tentarem compreendê-lo como unidade formal passível de ser definida de forma puramente linguística ou como rol de signos linguísticos organizados sintaticamente (GÖPFERICH, 2006, p. 61). Assim considerado, o texto (e não a palavra ou a frase) é tomado pelos funcionalistas como unidade de tradução – uma vez que é nesse plano que a comunicação linguística se estabelece e se organiza – e definido como

um complexo linguístico ou linguístico-imagético coerente/ orientado para um tema e/ou uma função, que foi construído com um determinado intuito, a intenção comunicativa, cumpre uma função comunicativa de primeira ou

¹⁰⁹ MOREIRA, 2014, p. 130.

¹¹⁰ KUSSMAUL, 2004, p. 223.

¹¹¹ O termo ‘translação’ (alemão: Translation), introduzido pelos Estudos Funcionais da Tradução, reúne as atividades de tradução (enquanto fenômeno escrito) e interpretação (oral). Como o presente trabalho volta-se à análise de um *corpus* escrito, optamos por utilizar ao longo dele apenas o termo tradução. A palavra ‘translação’ será empregada apenas em citações e referências diretas a autores funcionalistas, que a utilizam em sua dupla acepção.

¹¹² Die Dominante aller Translation ist deren Zweck.

¹¹³ REISS & VERMEER, 1984, p. 131.

segunda classe e constitui uma unidade fechada do ponto de vista do conteúdo e da função¹¹⁴. (GÖPFERICH, 2006, p. 62, tradução nossa)

Concebendo o texto dessa forma, autores funcionalistas também destacam as contribuições que procedimentos de análise textual têm a trazer para o processo de tradução. Nord cria, em 1988, um modelo de análise pragmático-funcional e relevante para a tradução, que foi descrito no primeiro capítulo deste trabalho e será aprofundado mais adiante¹¹⁵. Kussmaul (2010, p. 78) defende que a análise do texto de partida pode levar à ampliação do conhecimento do tradutor, à medida que substitui ou completa suas pesquisas. Para o autor, uma leitura e análise mais detalhada dos textos de partida podem dar muitas vezes ao tradutor as respostas das quais ele precisa, poupando-lhe o trabalho de consultar constantemente outras fontes.

Tomando a tradução como “processo de tomada de decisões”¹¹⁶, no qual a subjetividade do tradutor ocupa um papel que não deve ser subestimado, autores como Kautz (2000) destacam a importância da análise textual para que, na transposição de um texto para outra língua, o tradutor faça escolhas mais conscientes e adequadas e possa justificá-las de forma mais objetiva:

A análise abre os olhos do tradutor para os diversos aspectos que atuam sobre o traduzir. Ela possibilita que ele decida quais aspectos do texto de partida são, afinal, relevantes – sempre também em relação à função do texto de chegada – e como eles devem ser eventualmente hierarquizados. Só então o tradutor está apto, por exemplo, a tomar decisões apropriadas quanto ao que deve ser excluído ou complementado no texto de chegada¹¹⁷. (KAUTZ, 2000, p. 87, tradução nossa)

Kautz afirma ainda que muitos dos procedimentos de análise textual são automatizados por tradutores profissionais, de forma que o foco mais detido nessa etapa seria especialmente relevante na formação de tradutores, onde pode contribuir para o

¹¹⁴ Ein Text ist ein thematisch und/oder funktionell orientierter/kohärenter sprachlicher oder sprachlich-figürlicher Komplex, der mit einer bestimmten Intention, der Kommunikationsabsicht, geschaffen wurde, eine erkennbare kommunikative Funktion ersten oder zweiten Ranges erfüllt und eine inhaltlich und funktional abgeschlossene Einheit bildet.

¹¹⁵ Vide seção 3.4 deste capítulo.

¹¹⁶ Reiß (1995, p. 53) defende que a tradução deve ser vista como um processo de tomada de decisão, onde, depois da fase de análise e compreensão, viria um processo de reverbalização, no qual o tradutor se vê diante de uma decisão-base e de múltiplas decisões individuais. A decisão-base consiste em delinear uma estratégia de tradução, que ele muitas vezes não seleciona sozinho: pode ser, em grande parte, determinada pelo cliente, pela editora, etc.

¹¹⁷ Die Analyse öffnet dem Übersetzer die Augen für die vielen Aspekte, die sich auf das Übersetzen auswirken. Sie ermöglicht es ihm zu entscheiden, welche Faktoren des Ausgangstextes überhaupt relevant sind – immer auch schon im Hinblick auf die Funktion des Zieltextes – und wie sie ggf. zu hierarchisieren sind. Erst jetzt kann der Übersetzer z. B. sachgerechte Entscheidungen treffen, was im Zieltext evtl weggelassen kann, was evtl. ergänzt werden muss.

desenvolvimento inicial da competência tradutória¹¹⁸. O autor também chama a atenção para o fato de que, embora os resultados de cada análise textual sejam válidos apenas para o texto analisado, a experiência adquirida através dela sempre será útil para os próximos textos a serem traduzidos, especialmente para textos semelhantes¹¹⁹.

Conforme já exposto anteriormente, o presente trabalho pretende endossar as vantagens de uma análise textual relevante para a tradução, tais quais as apresentadas pelos diferentes autores citados até aqui. Consideramos ainda que alguns textos possuem características que exigem, mesmo do tradutor mais experiente, um olhar retrospectivo mais detido e uma análise textual cuidadosa. Textos como os que constituem o *corpus* aqui analisado, muito marcados por sua situação de produção e nos quais é possível verificar uma distância profunda entre os contextos de partida e de chegada, são exemplos dessa necessidade. Tal descompasso faz muitas vezes com que o texto de chegada assuma uma função documental¹²⁰ em relação ao texto (e contexto) de partida, a qual exige uma dedicação maior à pesquisa e à análise textual por parte do tradutor.

Ressaltados assim aspectos importantes e pontos positivos da interface entre análise textual e tradução, a primeira seção deste capítulo terá a finalidade de explicitar o que entendemos no presente trabalho por “compreensão textual”, questão central à etapa receptiva do processo tradutório e que, sob nosso ponto de vista, pode ser aprimorada a partir de princípios de análise emprestados da Pragmática e da Linguística Textual.

3.1 A compreensão textual sob a perspectiva da tradução

Estudos recentes nas áreas de Linguística Cognitiva e Psicolinguística tendem a definir a compreensão textual como fenômeno cognitivo, ativo e individual, no qual entram em jogo tanto fatores internos ao texto quanto elementos da realidade extralinguística. Quando atrelada à tradução, ela envolve ainda uma série de peculiaridades, que são especialmente relevantes para pesquisas que enfocam o processo tradutório e a cognição do tradutor durante uma tarefa de tradução.

De acordo com Kupsch-Losereit (2006, p. 64), se aliadas aos Estudos Funcionais da Tradução, a teoria e a metodologia psicolinguísticas substituem uma abordagem puramente

¹¹⁸ KAUTZ, 2000, p. 88.

¹¹⁹ Ibid., p. 84.

¹²⁰ Vide seção 3.4.2 deste capítulo.

linguística e transferem o foco do produto para o processo de tradução, do qual a compreensão do texto de partida é parte fundamental. Para a autora, compreensão textual é, sob os pontos de vista psicolinguístico e neurológico,

um acontecimento cognitivo complexo e guiado por expectativas. Ela é constituída de uma variedade de sinapses independentes e paralelas, que se combinam e concatenam de maneira sempre diferente, a fim de produzir relações entre conhecimento linguístico e conhecimento conceitual, extralinguístico¹²¹. (KUPSCH-LOSEREIT, 2006, p. 65, tradução nossa)

Essa relação entre conhecimentos linguísticos e extralinguísticos na atribuição de sentido aos textos também é tematizada por Kußmaul (2010, p. 75). Segundo o autor, a compreensão textual dá-se a partir de uma interação entre processos denominados (em terminologia emprestada da área de ciência da computação) de *bottom-up* e *top-down*. O primeiro modelo, ascendente, consiste na decodificação de unidades linguísticas individuais, em um estabelecimento de sentido que parte das unidades menores para as maiores. No último, o sentido é estabelecido do contexto para o texto: a partir da realidade extralinguística (sintetizada no conhecimento individual de mundo), o leitor formula e testa suas hipóteses no texto.

Linke (2004, p. 256) sublinha a importância dos conhecimentos extratextuais (integrados em processos do tipo *top-down*) para a compreensão textual. Segundo a autora, as informações linguísticas presentes na superfície do texto nem sempre são suficientes para garantir uma compreensão “coerente” do mesmo:

Os receptores dos textos participam do processo de compreensão. Eles acrescentam fórmulas textuais onde estas estão faltando, constroem relações entre elementos textuais mesmo onde estas não estão sinalizados, organizam e estruturam as unidades de informação presentes em um texto de um modo que faça sentido, mesmo que na superfície do texto (seja por qual motivo for) a ordem seja diferente¹²². (LINKE, 2004, p. 256, tradução nossa)

Dentre os conhecimentos extratextuais relevantes para a compreensão de textos, a autora destaca o conhecimento de mundo (*Weltwissen*) – que abrange desde conhecimentos cotidianos simples (por exemplo, a aparência de uma fruta) até conhecimentos especializados,

¹²¹ Nach psycholinguistischen wie neurologischen Erkenntnissen ist Verstehen von Texten ein komplexes, erwartungsgesteuertes kognitives Geschehen. Es besteht aus einer Vielzahl unabhängiger, parallel ablaufender Neuronenströme, die sich immer wieder neu kombinieren und verketteten, um Beziehungen zwischen sprachlichem und konzeptuellem, außersprachlichen Wissen herzustellen.

¹²² TextrezipientInnen ‘denken mit’. Sie ergänzen Textbausteine, wo solche fehlen, sie konstruieren Beziehungen zwischen Textelementen, auch wo diese nicht signalisiert sind, sie ordnen und gliedern die in einem Text gegebenen Informationseinheiten in sinnvoller Art und Weise, auch wenn an der Textoberfläche (aus welchen Gründen aus immer) eine andere Anordnung gegeben ist.

e está fortemente ligado à comunidade cultural e ao grupo social nos quais o indivíduo está inserido –, o conhecimento de ação (*Handlungswissen*), que é orientado para processos e provoca, por exemplo, aceitação ou estranhamento diante de determinados comportamentos do interlocutor, e, por fim, os paradigmas conceituais de interpretação (*konzeptuelle Deutungsmuster*), que guiam nossa percepção cotidiana (na maioria das vezes inconsciente) da realidade extralinguística (LINKE, 2004, p. 257 et seq.).

Schnotz (2009) também se pauta na Psicologia e na Linguística Cognitiva para definir a compreensão textual como processo individual de construção de sentido, que varia conforme os conhecimentos prévios e expectativas do leitor. Segundo ele, “o texto não é um portador de significados”, mas “serve como estímulo para processos mentais de construção”. Esses processos, por sua vez, levariam a uma “representação mental dos fatos descritos no texto” (SCHNOTZ, 2009, p. 168). O autor também faz uma distinção importante entre a intenção do autor e aquilo que o leitor compreende do texto, defendendo que quanto mais próximas estiverem essas duas variantes tanto maior será o êxito da comunicação autor-leitor:

O autor com seu texto “quer dizer” alguma coisa sobre o objeto em questão e sua natureza. Um leitor compreende o texto ao construir, com base na informação textual, uma representação mental do objeto, ou seja, um conhecimento correspondente. Logo, ele tenta compreender o que o autor quis dizer. Quanto mais a representação construída pelo leitor harmonizar-se com a do autor, mais bem-sucedida terá sido a comunicação textual entre autor e leitor. (SCHNOTZ, 2009, p. 168 et seq.)

Já Kautz (2000) chama a atenção para o fato de a compreensão textual nunca ser “integral”. De acordo com o autor, ao tomar conhecimento de um texto, o leitor estabelece uma ligação entre seu conhecimento linguístico e seu conhecimento de mundo, deixando-se guiar por seu interesse pessoal. Ou seja: “ele não depreende *todas* as informações contidas no texto, mas apenas as que lhe interessam¹²³” (KAUTZ, 2000, p. 68, tradução nossa, grifo do autor). Esse interesse de compreensão seria, por sua vez, guiado pela possibilidade de integrar as informações do texto aos conhecimentos já armazenados na memória:

Partindo de determinadas expectativas em relação ao texto, o leitor associa as informações codificadas no texto e identificadas por ele – isso é, em certa medida, o ‘insumo’ – a outras informações (experiências, conhecimento), que ele já havia armazenado em sua memória de longa duração antes de tomar conhecimento do texto. Ele integra as informações novas às já

¹²³ Wenn der Leser nun einen Text zur Kenntnis nimmt, wird eine Verbindung zwischen seinem sprachlichen Wissen und seinem Weltwissen hergestellt. Dabei lässt der Leser sich von seinem Verstehensinteresse leiten: Er nimmt nicht etwa *alle* im Text enthaltenen Informationen wahr, sondern nur die ihn interessierenden.

existentes e abstrai daí novas informações, novo conhecimento. Atribui, assim, um sentido ao texto¹²⁴. (KAUTZ, 2000, p. 69, tradução nossa)

Estruturada dessa forma, a compreensão é tida pelo autor como fenômeno individual (uma vez que guiado por experiência e interesses particulares), que depende de requisitos linguísticos (competência lexical, gramatical, estilística e textual sobretudo na língua materna) e não-linguísticos (conhecimento de mundo, conhecimentos especializados, etc.) e no qual a intuição e a subjetividade ocupam um espaço significativo¹²⁵.

As constatações apresentadas até aqui tocam em aspectos fundamentais à configuração do processo de compreensão textual em geral. Ao presente trabalho interessam ainda (e especialmente) as especificidades da compreensão textual integrada a um processo tradutório. Como bem ilustra Reiß (1995, p. 47), a compreensão é, para o tradutor, como uma dupla face de Janus: não basta que ele próprio compreenda o texto que será traduzido, mas também é necessário torná-lo compreensível ao leitor da língua de chegada. Tendo isso em vista, o tradutor diferencia-se do leitor comum antes de tudo porque não pode compreender seu texto de trabalho da forma como quiser, deixando-se guiar exclusivamente por interesses individuais. Ele não pode simplesmente selecionar e integrar em seu sistema cognitivo aquilo que o texto tem a lhe oferecer: “Aqui, o papel do tradutor enquanto receptor diferencia-se do de qualquer outro leitor. Espera-se do tradutor que atue como substituto do autor original; da tradução, espera-se que viabilize a compreensão do texto de partida¹²⁶” (REISS, 1995, p. 50, tradução nossa).

Kautz (2000) e Kupsch-Losereit (2006) levam adiante diferenciação proposta por Reiß. Kautz defende que o processo de compreensão do tradutor distingue-se do de um leitor comum à medida que seu “interesse de compreensão” (o desejo de dar um sentido ao texto) é influenciado pela tarefa de tradução¹²⁷. O mesmo autor também realça que enquanto o processo de compreensão de um leitor comum é em grande medida inconsciente, o do tradutor o é apenas em parte: “contemplamos, portanto, a compreensão do tradutor enquanto

¹²⁴ Ausgehend von bestimmten Erwartungen na den Text bringt der Leser die im Text kodierten und von ihm identifizierten Informationen – das ist gewissermaßen der ‚Input‘ – in Verbindung mit anderen Informationen (Erfahrungen, Wissen), die er bereits in seinem Langzeitgedächtnis gespeichert hatte, ehe er den Text zur Kenntnis nahm. Er ordnet die neuen Informationen in die vorhandenen ein und leitet daraus neue Informationen, neues Wissen ab. Damit gibt er dem Text einen Sinn.

¹²⁵ KAUTZ, 2000, p. 70.

¹²⁶ Hier unterscheidet sich die Rolle des Übersetzers als Textrezipient von der jeden anderen Lesers. Vom Übersetzer erwartet man gemeinhin, dass er als Stellvertreter des Originalautors fungiert; von der Übersetzung erwartet man, dass sie das Verstehen des ausgangssprachlichen Textes ermöglicht.

¹²⁷ KAUTZ, 2000, p. 70.

associação entre raciocínio cognitivo e intuição”¹²⁸ (KAUTZ, 2000, p. 71). Enquanto isso, Kupsch-Losereit observa que o tradutor já lê e compreende o texto de partida sob a perspectiva de um leitor da língua e cultura de chegada, orientando-se pelos conhecimentos prévios deste e antecipando suas expectativas¹²⁹.

Reiß (1995) e Kautz (2000) tecem ainda considerações acerca da dimensão subjetiva da compreensão (algo compartilhado pelo tradutor e pelo leitor comum). Para Reiß (1995, p. 51), por mais que o tradutor tente ser objetivo, ele não será capaz de compreender e modificar o texto em alguma medida a partir de sua ótica individual. Kautz defende o mesmo ponto de vista e menciona que o tradutor sempre seleciona, de forma subjetiva, o que compreenderá do texto:

O tradutor precisa estar consciente e aceitar que, por um lado, ele entende *menos* informações do que o texto contém: ele ignora algumas das informações presentes no texto porque as considera irrelevantes para a compreensão em relação à finalidade da tradução pretendida. Por outro lado, ele entende *mais* informações do que o texto contém: ele adiciona algumas informações ao texto, porque isso parece-lhe necessário para o texto da tradução pretendida¹³⁰. (KAUTZ, 2000, p. 72, tradução nossa, grifos do autor)

Kautz também reforça que cada tradutor compreenderá determinado texto de forma diferente que um colega de profissão. O autor conclui que traduzir é, em certa medida, um processo subjetivo, mas, diferentemente do leitor comum em geral, a compreensão subjetiva do tradutor é “controlada” (e, de certo modo, condicionada) por outros participantes da comunicação: a agência, o cliente, o leitor da tradução, etc.¹³¹.

A relevância da análise textual para a compreensão do texto de partida pelo tradutor pode ser justificada por diferentes vieses. Primeiramente, tal análise pode contribuir para que o tradutor identifique no texto uma oferta maior de informação do que faria em uma leitura desvinculada da tradução. Ao colocar o tradutor em condições de estabelecer uma hierarquia entre essas informações e de eleger quais devem ser priorizadas na transposição do texto para a língua de chegada (tendo sempre em mente a função que este cumprirá no novo contexto), a análise textual eleva, a nosso ver, a parcela consciente de seu processo de compreensão.

¹²⁸Wir betrachten also das Verstehen des Übersetzers als eine Verbindung von kognitivem Denken und Intuition.

¹²⁹ KUPSCH-LOSEREIT, 2006, p. 66.

¹³⁰Der Übersetzer muss sich bewusst sein und akzeptieren, dass er einerseits *weniger* Informationen versteht, als der Text enthält: Er ignoriert manche im Text enthaltenen Informationen, weil er sie für das Verstehen im Hinblick auf den Zweck der anvisierten Übersetzung für irrelevant hält. Andererseits versteht er *mehr* Informationen, als der Text enthält: Er legt manche Informationen in den Text hinein, weil ihm das für den Text der anvisierten Übersetzung notwendig erscheint.

¹³¹ KAUTZ, 2000, p. 72.

Além disso, a linguagem de um texto traz, conforme descreve Reiß (1995, p. 53), diversos fatores que influenciam a compreensão, funcionando como “sinais de comando” (*Steuerungssignale*). São estes, por exemplo, a forma com que os signos são encadeados em relações sintáticas, as referências à realidade extralinguística, as variedades linguísticas e estilísticas, os significados conotativos e denotativos dos signos linguísticos e sua capacidade de provocar associações. Muitos desses sinais só podem, entretanto, ser percebidos a partir de uma análise relativamente minuciosa do texto de partida.

Sustentamos enfim que, quando sensibilizado para a dimensão pragmático-cultural do ato tradutório (que será tematizada na próxima seção) e para princípios relevantes de análise textual (a serem abordados na seção 3.3), o tradutor ampliará sua compreensão do texto de partida e estará apto a elaborar uma estratégia de tradução¹³² mais objetiva, consistente e “transparente”¹³³, que lhe permite explicitar e justificar com mais propriedade cada decisão tomada.

3.2 A dimensão pragmática da tradução

A “virada pragmática” nos estudos da linguagem, impulsionada pela publicação de *How to do things with words* (“Como fazer coisas com palavras”) de John L. Austin em 1962, trouxe consigo a percepção de que a compreensão de um texto depende do conhecimento da situação comunicativa em que ele foi produzido. O desenvolvimento da Linguística Textual a partir dos anos 60 foi estimulado em grande medida pela concepção de “língua em contexto” propagada pela pragmática. O texto, objeto de estudo das duas disciplinas, deixa de ser entendido enquanto unidade paralela à frase e passa a ser entendido como a maior forma de organização linguística¹³⁴.

Conforme aponta Coseriu (1982), os textos – considerados também por ele a unidade da tradução – não possuem apenas conteúdo linguístico, mas também incursões da realidade

¹³² Por estratégia de tradução compreendemos, neste trabalho, o mesmo que Kautz (2000, p. 66): uma conduta cognitiva orientada para um objetivo, que envolve um plano mais ou menos consciente para a resolução dos problemas de tradução concretos trazidos pela tarefa específica de tradução. É, portanto, algo que diz respeito ao texto inteiro e abrange as opções feitas no nível microestrutural: as modalidades (na terminologia de AUBERT, 1998) ou procedimentos técnicos (na terminologia de BARBOSA, 1990) de tradução, tais quais empréstimo, decalque, modulação, omissão, etc.

¹³³ No sentido atribuído por Azenha Junior, “[...] transparência há que ser entendida aqui como definição clara de critérios que nortearam as escolhas como um todo (e não apenas em pontos isolados), visto que o discurso, se de especialidade ou literário, se constitui no conjunto e não pode ser reduzido às suas partes constitutivas tomadas isoladamente” (AZENHA JUNIOR, 2010, p. 60).

¹³⁴ Cf. LINKE, 2004, p. 253.

extralinguística, cujo conhecimento se pressupõe dos destinatários e sem o qual a compreensão textual torna-se inviável. Segundo o autor,

[...] a tradução não diz respeito ao plano das línguas, mas ao plano dos textos. Só se traduzem textos; e os textos não são elaborados apenas com meios linguísticos, mas também – e em diversa medida segundo os casos – com a ajuda de meios extralinguísticos. É este o princípio básico de que depende tudo o mais na tradução. (COSERIU, 1982, p. 158)

Na área de Estudos da Tradução, essa nova perspectiva consolidou-se em uma “virada cultural”, que transferiu o foco de questões centradas meramente na língua para questões relativas à situação comunicativa, levando em consideração as particularidades das culturas envolvidas em cada ato tradutório. Essa mudança de perspectiva teve seu primeiro grande expoente na Escola Funcional (responsável pela Teoria do Escopo) surgida na Alemanha a partir da década de 70. Na subseção a seguir, o componente cultural dos textos e discursos, tomados como “matéria-prima” da tradução, será abordado mais a fundo.

3.2.1 A ancoragem cultural de textos e discursos

Segundo Azenha Junior (2010), a virada cultural nos Estudos da Tradução representa uma transição

para uma visão que, seguindo os passos da teoria da comunicação, concebe cultura como um fenômeno abrangente, que abarca todas as manifestações de um povo num ponto específico de um eixo espaço-tempo, estabelece uma relação de condicionantes recíprocas entre linguagem e cultura e inclui os elementos constitutivos da comunicação dada situação: emissor, receptor, meio entre outros. (AZENHA JUNIOR, 2010, p. 39)

O autor faz coro à concepção de tradução como “transferência cultural” propagada por Reiß & Vermeer (1984). Para os autores da Teoria do Escopo, o tradutor precisa ser bicultural, isto é, não apenas dominar as línguas de partida e chegada, mas também as culturas em que elas estão inseridas¹³⁵. Nesse contexto, a língua, as convenções, o público-alvo e as circunstâncias do texto de chegada adquirem prioridade em relação às do texto de partida, que é “destronado”, e a tradução é tida como “uma oferta de informação em uma cultura de

¹³⁵ Cf. STOLZE, 2001, p. 186.

chegada e sua língua sobre uma oferta de informação da cultura de partida e sua língua¹³⁶” (REISS & VERMEER, 1984, p. 103, tradução nossa).

Nasceu assim uma concepção que perdura nos Estudos da Tradução até a atualidade e que, segundo Azenha Junior (1999), destaca a importância de abordar a tradução como fenômeno que abrange mais do que as diferentes línguas nela envolvidas e no qual entram em jogo diversos “condicionantes culturais”. Estes são compreendidos como “instâncias geradoras de variáveis capazes de influenciar o resultado final” (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 22), tais quais o profissional de tradução (sua trajetória pessoal, formação, etc.), o intermediário de terceiros (por exemplo, agentes e editoras), a situação de recepção do texto pelo tradutor e de produção da tradução e, finalmente, as condições de recepção do texto de chegada pelos destinatários. Para o autor,

todas essas variáveis, e muitas outras, estão intimamente ligadas a uma realidade histórico-cultural e são condicionadas por normas sociais e de uso linguístico sujeitas a constantes alterações nas diferentes comunidades, em diferentes momentos de tempo. (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 22)

As formas com que a realidade histórico-cultural se faz presente em textos concretos, representando desafios à sua tradução, é explorada, por exemplo, em estudos que enfocam as marcas (ou marcadores) culturais¹³⁷. Por “marca cultural” costuma-se entender um “elemento do cotidiano, da história, da política e similares de determinado povo, país, localidade que não possui correspondente dentre outros povos, em outros países ou em outras localidades¹³⁸” (MARKSTEIN, 1999, p. 288, tradução nossa). Assim entendidas, as marcas culturais fazem-se-iam presentes nos textos em forma de palavras e expressões, que desafiam a tradução por remeterem a um referencial extralinguístico que não existe na cultura de chegada. Markstein especifica ainda outras características das marcas culturais (denominadas por ela de *Realia*): o componente emocional, os fatos de elas aparecerem em maior quantidade em textos expressivos e apelativos¹³⁹, distinguirem-se essencialmente do conceito de “termo” (expressão especializada de determinada ciência ou ramo profissional) e, por fim, não abrangerem

¹³⁶ [...] Informationsangebot in einer Zielkultur und deren Sprache über ein Informationsangebot aus der Ausgangskultur und deren Sprache.

¹³⁷ BONATTO (2011) investigou, em um trabalho de iniciação científica, a presença de tais marcas (subdivididas por ela nas categorias de marcadores simples, ideológicos e históricos) na obra *Die Weiße Rose*, de Inge Scholl e suas consequências para a tradução do livro para o português.

¹³⁸ Element des Alltags, der Geschichte, der Kultur, der Politik u. dgl. eines bestimmten Volkes, Landes, Ortes, die keine Entsprechung bei anderen Völkern, in anderen Ländern, an anderen Orten hat [...].

¹³⁹ Azenha Junior (1999) apresenta um contraponto a esse pressuposto ao desenvolver um estudo abrangente sobre a presença e a tradução das marcas culturais nas linguagens de especialidade.

fenômenos da natureza, mas apenas criações e idealizações humanas (MARKSTEIN, 1999, p. 289).

Para que o leitor da tradução consiga perceber e entender essas marcas, espera-se que o tradutor as adapte à cultura de chegada, adotando uma postura conhecida nos estudos da tradução como “domesticadora”, ou as preserve, zelando por uma estrangeiridade do texto traduzido e eventualmente esclarecendo algo a partir de uma contextualização. Na transposição de marcadores culturais para outra língua, é preciso ter em conta, segundo Markstein (1999, p. 290), sua “valoração” (*Wertigkeit*) no texto de partida (se eles aparecem com frequência, se são importantes para a constituição do tom e teor do texto e para o gênero textual ao qual ele pertence) e as características dos destinatários do texto de chegada (se potencialmente já conhecem um ou outro marcador, quais serão suas possíveis expectativas em relação ao texto, etc.). A decisão sobre como traduzir um marcador cultural é, nesse sentido, “sempre determinada pelo macro ou microcontexto e depende tanto do tipo textual quanto do grupo de destinatários do texto de chegada”¹⁴⁰ (MARKSTEIN, loc. cit.).

Uma noção mais ampla e complexa de marcas culturais é proposta por Azenha Junior (2006). O autor critica a noção usual de marca cultural, por considerar que ela traz em si uma concepção bastante tradicionalista de referente: a concepção estruturalista, que enxerga a cultura como algo externo ao texto e cria assim uma ruptura entre os planos linguístico e extralinguístico. Em suas palavras, o texto é tido apenas “espelho de um referencial extralinguístico e fruto da ação não-interferente de um sujeito” (AZENHA JUNIOR, 2006, p. 14). Essa concepção não refletiria, porém, as mudanças ocorridas na área de Estudos da Tradução desde a já mencionada virada cultural, como a expansão do próprio conceito de cultura como algo que abarca “todas as manifestações do espírito humano”¹⁴¹ e a visão da relação entre os universos linguístico e extralinguístico como um *continuum*¹⁴².

Tais mudanças trouxeram a necessidade de se redefinir (e expandir) o conceito de marca cultural. Azenha Junior sugere então que ela não seja mais buscada exclusivamente na realidade extralinguística, mas “no modo como cada cultura enxerga o mundo e o reconstrói no interior do discurso” (AZENHA JUNIOR, 2006, p. 30). Assim, nas palavras do autor,

[...] a ‘marca cultural’ do texto a ser traduzido – entendida esta mais no sentido do modo como cada um lê e interpreta o mundo – desloca-se da relação entre um item lexical e seu correspondente no universo

¹⁴⁰ Um zusammenzufassen: die eine Realie betreffende Entscheidung ist immer makro- oder mikrokontextuell bestimmt und hängt sowohl vom Texttyp als auch von der Zielgruppe ab.

¹⁴¹ AZENHA JUNIOR, 2006, p. 16.

¹⁴² Ibidem.

extralinguístico para o interior da tessitura do discurso. (AZENHA JUNIOR, 2006, p. 20)

Nessa conjuntura, é possível traçar um ponto de intersecção com a relação estabelecida por Van Dijk (2012), no âmbito dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), entre discurso e contexto. Também este autor vê a relação entre os universos linguístico e extralinguístico como algo contínuo. Para ele, o discurso não deve ser considerado um mero produto de seu contexto, mas sim algo que se constitui no contexto e que também constrói o contexto, possuindo o poder de transformá-lo¹⁴³. É importante ter em mente que o autor não entende por contexto a realidade extralinguística isolada, mas sim a “interpretação subjetiva feita pelos participantes das propriedades relevantes da situação (social, interacional ou comunicativa) da qual participam” (VAN DIJK, 2012, p. 45). Nesse sentido, não seria a situação comunicativa a responsável por influenciar o discurso, mas sim a forma como os sujeitos a percebem e interpretam.

As considerações tecidas por Azenha Junior (no que diz respeito à expansão do conceito de marca cultural) e Van Dijk (sobre a relação dinâmica entre discurso e contexto) constituem parte importante da fundamentação teórica deste trabalho e serão retomadas nos capítulos dirigidos à análise do texto de partida. No próximo segmento do presente capítulo, direcionaremos nosso olhar para algumas contribuições trazidas pela Teoria dos Atos de Fala à teoria e prática da tradução desde os anos 60 até os dias atuais.

3.2.2 Contribuições da Teoria dos Atos de Fala

O interesse crescente, a partir do fim dos anos 60, da Linguística Textual e dos Estudos da Tradução pela ancoragem comunicativa da língua deve-se sobretudo à Teoria dos Atos de Fala, criada por Austin (1962) e ampliada por Searle (1969). Em reação à linguística estruturalista, essa nova corrente desejava, conforme observa Stolze (2001, p. 124), investigar a situação, a função e o caráter de ação dos enunciados, direcionando o interesse da Linguística para a terceira dimensão semiótica: a Pragmática.

A teoria concebida por Austin defende, conforme expresso em seu título, que falar também é agir, e volta-se sobretudo às intenções que se tem ao produzir um enunciado. Partindo desse pressuposto, Austin (1962, p. 4 et seq.) faz uma distinção entre atos de fala

¹⁴³ VAN DIJK, 2012, p. 19.

performativos – que levam a alguma ação e são expressos, por exemplo, a partir de verbos como *prometer*, *avisar*, *pedir*, *assegurar* e *proibir* – e constatativos, que descrevem ou relatam algo¹⁴⁴. Para o autor, um ato de fala possui três dimensões, que se realizam simultaneamente na comunicação: o ato locucional (ato de dizer algo se utilizando de elementos linguísticos)¹⁴⁵, o ato ilocucional (ato de realizar algo através da linguagem)¹⁴⁶ e o ato perlocucionário (ato de provocar uma ação ou reação no interlocutor)¹⁴⁷.

Searle (1969, p. 24) dá continuidade ao desenvolvimento da teoria de Austin e afirma que, ao enunciar uma sentença, o emissor realiza, simultaneamente, um ato enunciativo (enunciar palavras: morfemas e frases), um ato proposicional (o conteúdo ou a informação que será comunicada) e um ato ilocucional (que, na mesma acepção de Austin, diz respeito à ação que se concretiza através da linguagem). Os conteúdos proposicional e ilocucional podem ou não corresponder. No primeiro caso, fala-se em atos de fala diretos. No segundo, manifesto nas situações em que se fala uma coisa e acaba-se dizendo outra, em atos de fala indiretos. Em um trabalho posterior, Searle (1979, p. 13 et seq.) distingue, reformulando uma taxonomia proposta por Austin (1962), cinco classes de atos de fala ilocucional: os diretivos, que pretendem levar o interlocutor a fazer algo (expressos, por exemplo, em verbos como *ordenar*, *pedir*, *recomendar*); os representativos/assertivos, que revelam o posicionamento do emissor quanto à verdade de uma proposição (*afirmar*, *asseverar*, *reiterar*); os comissivos, que comprometem o emissor com alguma ação futura (*prometer*, *garantir*, *assegurar*); os declarativos, que modificam a realidade e criam uma nova situação (*condenar*, *batizar*, *nomear*, *demitir*) e, por fim, os expressivos, que expressam sentimentos ou um estado emocional (*agradecer*, *desculpar*, *consolar*)

Tais reflexões são relevantes para a tradução pois corroboram a importância de o tradutor conhecer (e pesquisar) as formas linguísticas com que cada ato de fala costuma se concretizar em cada língua. De acordo com Stolze (2001, p. 126, tradução nossa), “como o reconhecimento de formas de expressão correspondentes em textos representa um problema de tradução, a aplicação da Teoria dos Atos de Fala à Ciência da Tradução também é interessante¹⁴⁸”. A autora cita como particularmente profícuos para a tradução os estudos contrastivos que analisam, em textos paralelos, quais recursos linguísticos são utilizados para

¹⁴⁴ Em trabalhos posteriores, Austin defende que todos os atos de fala são, de certa forma, performativos.

¹⁴⁵ AUSTIN, 1962, p. 94.

¹⁴⁶ Ibid., p. 98.

¹⁴⁷ Ibid., p. 101.

¹⁴⁸ Weil das Erkennen entsprechender Ausdrucksformen in Texten ein Übersetzungsproblem darstellt, ist eine Anwendung der Sprechakttheorie auch in der Übersetzungswissenschaft interessant.

expressar qual ato de fala¹⁴⁹. A noção de “ilocução” (enquanto modalidade de intenção) difundida por Austin e Searle, pode ser útil para esse fim:

Para interpretar seus textos corretamente, o tradutor precisa reconhecer os indicadores de ilocução neles presentes. São eles, entre outros, elementos linguísticos como verbos performativos, verbos modais, advérbios e partículas. O tradutor deve dedicar especial atenção a essas formas. A dificuldade consiste no fato de a função ilocucionária dos enunciados basear-se no significado implícito de fatores pragmáticos, como a relação social entre emissor e receptor, o grau de familiaridade entre eles, normas de polidez e preferências estilístico-funcionais, entre outros¹⁵⁰. (STOLZE, 2001, p. 127)

Os indicadores de ilocução também são tematizados por Brinker (2014, p. 92 et seq.) como “pistas” que podem auxiliar na análise textual (mais especificamente da identificação da função textual). O autor define-os como rol de recursos linguísticos e gramaticais que servem para indicar um tipo de ação linguística. Seriam, por exemplo, as fórmulas performativas explícitas, o tipo de frase (afirmação, ordem ou pergunta), o modelo sintático (que contém as informações gramaticais básicas, como modo, tempo, número, pessoa, etc.) e as partículas enfáticas e palavras modais.

Brinker também enfatiza a importância de levar-se em conta, em uma análise, os *indicadores de contexto*, tais quais a distribuição de papéis, a moldura institucional e os conhecimentos implícitos, uma vez que muitas vezes apenas o contexto pode revelar qual ilocução está, de fato, em jogo¹⁵¹. Tomando o texto como sequência de ações linguísticas ilocucionais estruturadas hierarquicamente, o autor sugere ainda que se proceda à análise não somente de indicadores de ilocução individuais, mas sim da forma como elas se organizam e sobrepõem a fim de compor a função geral do texto. Nesse processo, as ilocuições individuais serviriam, finalmente, de subsídio a uma ação ilocucional dominante, garantindo seu sucesso¹⁵². O reconhecimento dessa função textual predominante é parte fundamental do processo tradutório pautado em preceitos funcionalistas, conforme será aprofundado na seção 3.3.1 deste capítulo.

¹⁴⁹ STOLZE, 2001, p. 126 et seq.

¹⁵⁰ Ein Übersetzer muss nun, um seine Texte richtig zu interpretieren, die Illokutionsindikatoren darin erkennen. Es sind dies u. a. Sprachelemente wie performative Verben, verdeckte performative Verben, Modalverben, Adverbien und Partikeln. Auf diese Formen muss der Übersetzer besonders achten. Die Schwierigkeit liegt darin, dass die illokutionäre Funktion von Äußerungen auf der impliziten Bedeutung pragmatischer Faktoren wie der sozialen Relation zwischen Sprecher und Hörer, dem Vertrautheitsgrad, Höflichkeitsnormen, funktionalstilistischen Präferenzen und anderem beruht.

¹⁵¹ BRINKER, 2014, p. 95.

¹⁵² Ibidem.

Nesta seção foram introduzidas algumas questões relativas à dimensão cultural da tradução e explicitadas contribuições trazidas pela principal teoria pragmática, a Teoria dos Atos de Fala, para os estudos e a prática da tradução. Na próxima parte do capítulo, passaremos à abordagem de contribuições importantes advindas da área de Linguística Textual para o trabalho do tradutor.

3.3 Princípios da Linguística Textual relevantes para a tradução

Adamzik (2004) identifica três fases ou abordagens distintas na Linguística Textual:

1. a chamada abordagem transfrástica, que se concentra totalmente nos recursos linguísticos com o auxílio dos quais as frases são conectadas em segmentos coerentes; 2. a abordagem comunicativo-pragmática, que não vê tanto o texto como sequência de frases (que se constituem a partir de unidades linguísticas menores), mas o considera como um todo que cumpre uma determinada função comunicativa; 3. a abordagem cognitivista, que coloca em primeiro plano os processos de produção e recepção de textos¹⁵³. (ADAMZIK, 2004, p. 1)

No presente trabalho, adotamos a perspectiva da abordagem comunicativo-pragmática, que propõe uma aproximação do texto por um viés externo a ele, levando em conta não apenas sua função, mas também fatores referentes à situação comunicativa em que ele está inserido. Para dar conta dessa perspectiva externa ao texto, autores como Albrecht (2005, p. 251) preferem falar em “Ciência do Texto” (*Textwissenschaft*) ao invés de “Linguística do Texto” (*Textlinguistik*).

Assim considerada, a Linguística (ou Ciência) Textual debruça-se sobre princípios que podem ser aproveitados pelos Estudos de Tradução. É o caso da acepção de função textual, das classificações de tipos e gêneros textuais (e suas convenções), dos níveis de análise macro e microtextual e das interfaces entre texto e discurso, que serão discutidos nos itens que constituem esta seção.

¹⁵³ Man unterscheidet im Allgemeinen drei Hauptphasen: 1. den sog. transphrastischen Ansatz, der ganz auf sprachlichen Mittel konzentriert ist, mit Hilfe derer Sätze zu kohärenten Folgen verbunden werden; 2. den kommunikativ-pragmatischen Ansatz, der den Text nicht so sehr als (sich aus kleineren Einheiten aufbauende) Satzfolge sieht, sondern ihn als Ganzheit betrachtet, der eine bestimmte kommunikative Funktion zukommt; 3. den kognitivistischen Ansatz, der die Prozesse der Produktion und Rezeption von Texten im Vordergrund stellt.

3.3.1 O conceito de função textual

Quando se fala na função de um texto, pensa-se sobretudo no sentido que ele adquire em um processo de comunicação ou no papel cumprido por ele em sua situação comunicativa. Não raramente essas funções são associadas às três funções da linguagem propostas por Bühler (1934): representação, expressão e apelo. Algumas abordagens depreendem-na da intenção do autor do texto. Reiß (1995, p. 82), por exemplo, defende que é a partir da intenção do emissor, expressa no texto, que este adquire determinada função e *status* no interior de uma comunidade cultural. É este também o ponto de vista de Brinker (2014)¹⁵⁴, segundo quem o conceito de função textual designa “a intenção comunicativa do emissor, expressa no texto através de determinados recursos válidos do ponto de vista das convenções”¹⁵⁵ (BRINKER, 2014, p. 97).

Adamzik (2004, p. 116), por outro lado, defende que a função textual não deve ser determinada apenas a partir da intenção do produtor do texto, mas levando em conta principalmente os proveitos (*Erträge*) que se pode tirar dele. Ela enumera então oito proveitos (e, por extensão, oito funções) que um texto pode ter tanto para seu produtor quanto para seus receptores: intelectual (aprender algo), prático (provocar alguma mudança direta na realidade), orientador de ação (ser orientado sobre qual comportamento adotar no futuro), psíquico-emocional (despertar sentimentos e sensações), social (conhecer, aproximar-se ou afastar-se de outras pessoas), espiritual-moral (adquirir uma visão mais clara do mundo e assumir determinada postura ética ou espiritual-religiosa), formal (apreciar a qualidade estética de um texto) e metacomunicativo (aprimorar os conhecimentos linguístico e textual, assim como a capacidade de comunicação).

Para Fandrych & Thurmair (2011, p. 20), que abordam o papel específico da função na definição e classificação de gêneros textuais, a análise da intenção individual do autor também não basta, uma vez que os gêneros não são fenômenos individuais, mas encontram-se arraigados em uma tradição discursiva. Nesse sentido, eles defendem que seria mais importante investigar, por exemplo, quais funções são frequentemente associadas a determinados gêneros textuais¹⁵⁶.

¹⁵⁴ A definição de Brinker é fundamentada na Teoria dos Atos de fala de Austin e Searle. Ela corresponde, em certa medida, ao conceito de ato de fala ilocucional ali descrito, ao reunir de modo semelhante as intenções e convenções das ações linguísticas. Difere-se, consequentemente, do efeito que o texto surte em um receptor e que, assim como o ato de fala perlocucionário, pode ou não corresponder à intenção do emissor.

¹⁵⁵ Der Terminus Textfunktion bezeichnet die im Text mit bestimmten, konventionell geltenden [...] Mitteln ausgedrückte Kommunikationsabsicht des Emittenten.

¹⁵⁶ CF. FANDRYCH & THURMAIR, 2011, p. 20.

Na área de Estudos da Tradução, Kautz (2000) e Nord (1997) defendem que a função textual pode ser abordada e definida a partir das duas perspectivas: a do emissor e a do receptor. Porém, o papel do receptor seria, de certa forma, proeminente. De acordo com Nord,

se um texto é considerado uma combinação de signos comunicativos trocados entre emissor e receptor, podemos analisar a função textual tanto do ponto de vista do emissor quanto do receptor. O emissor pretende atingir determinado objetivo e para isso escolhe certas estratégias de produção textual consideradas adequadas a esse propósito, utilizando características estruturais para ‘sinalizar’ sua intenção para o destinatário. Mas, como sabemos, a melhor das intenções não garante um resultado perfeito. É o receptor quem ‘completa’ a ação comunicativa, ao decidir receber (isto é, utilizar) o texto com uma função particular¹⁵⁷. (NORD, 1997, p. 49, tradução nossa)

Para Kautz,

a função de um texto está ligada à intenção de seu autor, mas, antes de tudo, lhe é atribuída por seu destinatário. Nessa tarefa, o destinatário orienta-se de um lado pela organização do texto, que se torna evidente, por exemplo, através da utilização de determinadas estruturas textuais típicas e recorrentes para determinado gênero. Por outro lado, ele deixa-se levar pelo que enxerga no texto, pelo que espera dele, pela utilidade que ele lhe terá¹⁵⁸. (KAUTZ, 2000, p. 55, tradução nossa)

Nos trechos acima reproduzidos, tanto Nord quanto Kautz fazem referência a recursos (sobretudo linguísticos) que são utilizados pelo emissor para sinalizar a função do texto e pelo receptor para identificá-la. Trata-se de *indicadores de função* que, segundo Brinker (2014, p. 98 et seq.), são de três tipos: formas e estruturas linguísticas com as quais o emissor expressa explicitamente (por exemplo a partir de fórmulas performativas) a intenção comunicativa, em uma sinalização direta da função textual; formas e estruturas linguísticas com as quais o emissor expressa implícita ou explicitamente seu posicionamento diante do conteúdo ou tema do texto, em uma sinalização indireta da função. Trata-se, nesse segundo caso, de *posicionamentos temáticos*, através dos quais

¹⁵⁷ If a text is regarded as a combination of communicative signs exchanged between sender and receiver, we can analyze text function from either the sender's or the receiver's point of view. The sender intends to achieve a certain purpose and therefore chooses certain strategies of text production considered appropriate for this purpose, using structural features in order to 'signal' their intention to the addressee. But as we all know, the best of intentions does not guarantee a perfect result. It is the receiver who 'completes' the communicative action by deciding to receive (i. e. to use) the text in a particular function.

¹⁵⁸ Die Funktion eines Textes hängt einmal mit der Intention seines Verfassers zusammen; vor allem aber wird sie ihm von seinem Adressaten zugeschrieben. Dabei richtet sich der Adressat einerseits nach der Gestaltung des Textes, die z. B. aus der Verwendung bestimmter, für eine Textsorte typischer, wiederkehrender Textbaumuster deutlich wird. Andererseits lässt er sich davon leiten, was er in dem Text sieht, was er von ihm erwartet, wozu er ihm dienen soll.

o emissor pode, por exemplo, manifestar-se acerca da verdade ou probabilidade do conteúdo do texto (saber, acreditar, duvidar) e declarar o grau de certeza de seu conhecimento (realmente, certamente, evidentemente, talvez, de forma alguma); ele pode sinalizar sua avaliação positiva ou negativa (achar bom, achar ruim), seu grau de interesse (desejar, pretender, querer, preferir) ou sua disposição psíquica (lamentar, estar contente) em relação ao conteúdo (ou tema) do texto¹⁵⁹. (BRINKER, 2014, p. 99, tradução nossa)

Por último, também sinalizariam a função textual, segundo Brinker (2014, p. 100), os *indicadores contextuais*, como a moldura situacional (especialmente institucional) e o conhecimento implícito sobre o conteúdo do texto. Quando a função do texto não é sinalizada por recursos linguísticos, esses indicadores contextuais tornam-se essenciais para o reconhecimento da mesma.

Os diferentes tipos de indicadores de função permitem, enfim, que se identifique e classifique funções textuais básicas. Uma das classificações mais difundidas e mais facilmente aplicáveis à tradução é também a de Brinker (2014), que propõe um critério “homogêneo” (a natureza do contato comunicativo que o emissor expressa perante o receptor) e chega a cinco funções básicas: informativa, apelativa, de obrigação, de contato e de declaração. O autor arrola ainda gêneros textuais “típicos” para cada função.

Na função informativa, sob o ponto de vista de Brinker (2014, p. 106 et seq.), o emissor dá a entender para o receptor que deseja transmitir-lhe um conhecimento ou informação. Para uma sinalização direta da função, são utilizadas fórmulas performativas explícitas como os verbos *informar*, *comunicar*, *notificar* e *relatar*. Na sinalização indireta, entram em jogo posicionamentos temáticos que se referem, por exemplo, ao grau de certeza que o emissor possui em relação ao conteúdo textual. Seriam gêneros típicos dessa função a notícia, o relatório, a resenha e o parecer.

Na função apelativa, o emissor dá a entender ao receptor que quer levá-lo a tomar um posicionamento diante de algo (influência de opinião) ou a realizar alguma ação (influência de comportamento). Quando a função é sinalizada de forma direta, são empregados verbos performativos como *ordenar*, *pedir*, *aconselhar*, *recomendar* e *exigir*. Na sinalização indireta, são frequentes indicadores gramaticais como a frase imperativa e interrogativa e as construções infinitivas. Dentre os gêneros tipicamente associados a essa função, Brinker

¹⁵⁹ Der Emittent kann sich z. B. über die Wahrheit oder Wahrscheinlichkeit des Textinhalts äußern (wissen, glauben, zweifeln) und den Sicherheitsgrad seines Wissens angeben (tatsächlich, bestimmt, offensichtlich, vielleicht, keineswegs); er kann seine (positive und negative) Wertung (für gut halten, schlecht finden), den Grad seines Interesses (wünschen, beabsichtigen, wollen, vorziehen), oder seine psychische Haltung (bedauern, erfreut sein) gegenüber dem Textinhalt (bzw. dem Textthema) signalisieren.

(2014, p. 111 et seq.) destaca o manual de instruções, a receita culinária e a propaganda publicitária.

A função de obrigação é característica dos textos em que o emissor se compromete diante de seu receptor a concretizar uma ação. De forma direta, essa função é sinalizada a partir de verbos como *prometer*, *assumir*, *garantir*, *apostar* e *oferecer*. Trata-se, em geral, de gêneros fortemente institucionalizados, como contratos, certificados de garantia, ofertas e juramentos (BRINKER, 2014, p. 118).

Em textos com função de contato, o emissor demonstra ao receptor que está interessado no estabelecimento e manutenção de uma relação interpessoal (sobretudo de contato) com ele. Na perspectiva direta, a função é indicada a partir de fórmulas performativas com os verbos ou construções verbais *agradecer*, *pedir desculpas*, *parabenizar*, *queixar-se*, *dar as boas-vindas*, *dar os pêsames*, etc. Gêneros típicos dessa função, como a carta de condolências, estão ligados a ocasiões sociais e estados psíquicos do emissor (BRINKER, 2014, p. 118 et seq.).

Na função de declaração, a última proposta por Brinker (2014, p. 120), o emissor constrói uma nova realidade perante o receptor. Nesse caso, a função é quase sempre sinalizada de forma direta, através de fórmulas fixas, ritualizadas e explícitas. São gêneros representativos os testamentos, sentenças e certidões.

Fandrych & Thurmair (2011) também analisam o conceito de função textual em relação a gêneros textuais. De acordo com eles, para determinar a função de determinado texto faz-se necessária

uma análise abrangente que, a partir das manifestações típicas de um gênero textual, evidencie convenções textuais recorrentes em uma comunidade linguística e as associe com as finalidades sociais e a ancoragem comunicativa do gênero em questão. Além da determinação das pessoas e instituições tipicamente envolvidas no surgimento, transmissão e recepção de um gênero, também fazem parte dessa decisão a descrição do contexto de compreensão, da área de comunicação, do fator midiático e da ancoragem da ação dos gêneros em sequências de ação hierarquicamente superiores¹⁶⁰. (FANDRYCH & THURMAIR, 2011, p. 29)

¹⁶⁰ Zur Bestimmung der Textfunktion muss daher eine umfassende Analyse vorgenommen werden, die anhand der typischen Vorkommensweisen einer Textsorte die in einer Sprachgemeinschaft üblichen Textsortenkonventionen herausarbeitet und diese mit den gesellschaftlichen Zwecken und der kommunikativen Einbettung der Textsorte verbindet. Hierzu gehört neben der Bestimmung der an der Entstehung, Übermittlung und Rezeption der Textsorte typischerweise beteiligten Personen bzw. Institutionen auch die Beschreibung des Verstehenszusammenhangs, des Kommunikationsbereich, der mediale Aspekt und die Handlungseinbettung der Textsorten in übergeordnete Handlungssequenzen.

Nessa perspectiva, as funções dominantes de um texto podem ser identificadas a partir de uma análise que leve em conta fatores internos e externos ao texto: da ancoragem social e comunicativa do texto a uma análise empírica do gênero textual ao qual ele pertence. Assim, Fandrych & Thurmair (2011, p. 29) preferem enumerar e descrever as funções mais frequentemente ligadas a três grandes grupos de textos: os textos relativos a conhecimentos (*wissensbezogene Texte*), os textos que influenciam e incubam ações (*handlungsbeeinflussende und handlungspräformierende Texte*) e os textos sócio-expressivos que buscam um sentido (*expressiv-soziale, sinnsuchende Texte*). Assim concebida, a classificação tripartite proposta pelos autores vai, de certo modo, ao encontro das três macrofunções da linguagem sugeridas por Bühler: representação, apelo e expressão.

Conforme já mencionado anteriormente, a função cumprida por um texto em sua situação comunicativa adquire um papel de protagonismo nos Estudos Funcionais da Tradução. Para a Teoria do Escopo, é a função exercida por um texto em seu contexto de chegada (acompanhada da comparação com a função exercida pelo texto de partida em seu contexto de origem) que deve guiar o trabalho do tradutor, ajudando-o a delinear sua estratégia de tradução. Tendo isso em vista, as reflexões sobre a noção de função textual proposta por estudos relevantes na área de Linguística do Texto em contexto alemão, como os de Adamzik (2004), Brinker (2014) e Fandrych & Thurmair (2011), são de grande importância para a tradução, pois fornecem subsídios para que o tradutor identifique a função dominante no texto de partida, compare-a com a função pretendida para o texto de chegada e, a partir daí, obtenha certo direcionamento para seu trabalho.

3.3.2 Classificações de tipos e gêneros textuais

Um dos focos de estudo da Linguística Textual que mais contribuições pode trazer à tradução é, sem dúvida, a classificação de textos em diferentes categorias. Uma dessas categorias que, embora amplamente difundida e pesquisada, continua a apresentar definições difusas, é o conceito de gênero textual. Grande parte das diversas acepções existentes para ele compartilha de alguns pressupostos, como o papel de certos padrões (frequentemente chamados de “convenções de gênero”) para o reconhecimento do gênero de um texto¹⁶¹ e a

¹⁶¹ Cf. por exemplo BRINKER, 2014, p. 144; FANDRYCH & THURMAIR, 2011, p. 16; GÖPFERICH, 2006, p. 72; KAUTZ, 2000, p. 75; KUSSMAUL, 1997, p. 68; LINKE, 2004, p. 278; MAGALHÃES, 2013a, p. 72; REISS, 1995, p. 93; STOLZE, 2001, p. 111.

ideia de que o conceito de gênero é indissociável do próprio conceito de texto¹⁶². Adotaremos, no presente trabalho, a definição abrangente de Fandrych & Thurmair (2011) que, em nossa concepção, sintetiza essas considerações elementares e abarca a dimensão pragmática dos gêneros. Segundo os autores, “por gêneros textuais costuma-se entender uma classe de textos que, enquanto padrões válidos convencionalmente, podem ser associados a determinadas ações linguísticas (complexas)¹⁶³” (FANDRYCH & THURMAIR, 2011, p. 15).

Segundo os mesmos autores (FANDRYCH & THURMAIR, 2011, p. 13), em modelos mais recentes para a classificação de gêneros textuais, costuma-se levar em consideração e combinar diferentes fatores no estabelecimento de critérios para a análise, dentre os quais estariam a função textual, as especificidades da mídia pela qual o texto é transmitido e sua afiliação a determinadas áreas de comunicação. Não obstante, a classificação de gêneros textuais continua a envolver dificuldades e controvérsias. Como percebe Linke (2014, p. 278), embora a afiliação de textos a determinado gênero não costume trazer dificuldades em casos isolados, a Linguística Textual parece ainda não ter chegado a um consenso no que tange aos critérios a serem empregados na classificação. A autora apresenta, então, uma proposta na qual os critérios sugeridos são separados por ela em duas categorias: critérios internos e externos ao texto. Dentre os critérios internos, Linke menciona a seleção lexical, o tipo e a frequência de estruturas sintáticas padrão, o tema (e seu desenvolvimento) e a macroestrutura textual. Aos critérios externos pertenceriam, por outro lado, a função do texto, o meio comunicativo que o veicula e a situação comunicativa (mais ampla ou mais restrita) em que ele se insere.

Brinker (2014, p. 139), por sua vez, toma a noção de função textual como critério-base e chega, a partir disso, a cinco classes textuais que correspondem às cinco funções textuais básicas propostas por ele (descritas na seção 3.3.1 deste trabalho): textos informativos (que abrangem gêneros como notícia e relatório), textos apelativos (como propaganda publicitária e lei), textos de obrigação (contrato, certificado de garantia, etc.), textos de contato (por exemplo, agradecimento, carta de condolências) e textos de declaração (tais quais testamento e certidão). Para o autor, a subclassificação dessas classes em gêneros textuais deve se dar (assim como para LINKE, 2004), a partir da combinação entre critérios externos (contextuais, relativos à situação comunicativa) e internos (estruturais, especialmente temáticos).

¹⁶² Cf. BRINKER, 2014, p. 138; FANDRYCH & THURMAIR, 2011, p. 20.

¹⁶³ Unter Textsorten wird im Allgemeinen eine Klasse von Texten verstanden, die als konventionell geltende Muster bestimmten (komplexen) sprachlichen Handlungen zuzuordnen sind.

Fandrych & Thurmair (2011, p. 17) também defendem que a análise de exemplares de gêneros textuais envolve diferentes planos ou dimensões. Partindo da metodologia de Brinker (2014, p. 147), os autores propõem um modelo que análise que se inicia no plano da situação comunicativa, examinando características relevantes do contexto, tais como a área de comunicação (por exemplo: justiça, medicina, escola), o fator midiático (oral ou escrito), os parceiros comunicativos (emissor e receptor) e as especificidades culturais. Em seguida, passa-se à análise da função do texto, que é determinada a partir de indicadores linguísticos, não-linguísticos e contextuais. Nessa fase, também são reconstruídas as relações hierárquicas entre a função textual e as funções complementares presentes no texto. Por fim, a análise volta-se ao plano interno ao texto, a partir da descrição da estrutura textual (nos níveis macro e microlinguístico), de características linguísticas específicas (como estruturas gramaticais, marcas estilísticas e lexicais). Os autores (op. cit., p. 34) ainda introduzem um último momento de análise, ao qual caberiam comentários relativos à forma de se lidar culturalmente com o gênero e que enfatizassem aspectos interculturais relevantes.

A metodologia proposta por Fandrych & Thurmair é particularmente pertinente por seu potencial de ser aplicada em diversas áreas: pode ser utilizada, por exemplo, na didática de línguas materna e estrangeira e na tradução. Na tradução, tem utilidade sobretudo ao estabelecer diretrizes gerais para a análise dos textos de partida e sensibilizar o tradutor para as especificidades de cada gênero, que exigem a adoção de estratégias tradutórias distintas. Especialmente relevantes para a tradução são, nesse sentido, as “convenções de gênero”, definidas por Kußmaul (1997) da seguinte forma:

Convenções englobam conformidade e expectativa, e quando as pessoas utilizam palavras, espera-se, em geral, que elas as utilizem no mesmo sentido que outras pessoas, isto é, a fim de corresponder a um consenso. Da mesma forma, quando as pessoas produzem tipos específicos de textos, tais quais cartas comerciais, pode-se esperar que elas obedeçam a regularidades e regras específicas. Se elas não o fazem, a comunicação pode tornar-se difícil ou até mesmo falhar¹⁶⁴. (KUßMAUL, 1997, p. 68)

Essas convenções de gênero cumprem diferentes papéis na comunicação. Reiß (1995, p. 100) destaca três deles. O primeiro consiste justamente na sinalização do gênero textual, uma vez que é possível reconhecer o gênero ao qual pertence um texto a partir de convenções como fórmulas de abertura e fechamento e a certas estruturas linguísticas recorrentes. O

¹⁶⁴ Conventions imply conformity and expectation, and when people use words they can normally be expected to use them in the same sense as other people do, i. e. to conform to generally agreed on regularities. In the same way, when people produce specific text types, such as business letters, they can be expected to conform to specific regularities and rules. If they do not, communication may turn out to be difficult or even break down.

segundo papel é o de “desencadeador de expectativas” que faz com que, reconhecido o gênero, o leitor passe a esperar que o texto apresente determinadas características (como a manutenção de um estilo específico). Por fim, as convenções serviriam de sinal que guia a compreensão textual.

Tendo em vista essas funções assumidas pelas convenções textuais, o domínio delas por parte do tradutor é importante porque o ajuda a identificar o gênero textual ao qual pertence o texto de partida, orienta suas expectativas em relação a esse texto e facilita, assim, a compreensão do mesmo. De acordo com Kautz (2000),

as expectativas que ele [o tradutor] mantém em relação ao texto são geradas, entre outros, por determinadas convenções que ele reconhece no texto como um todo ou no interior do texto. Entram em jogo, nesse momento, tanto seu conhecimento de mundo quanto sua competência textual. [...]. As convenções textuais estão, portanto, diretamente relacionadas ao processo de compreensão no sentido mais estrito e à análise textual no sentido mais amplo¹⁶⁵. (KAUTZ, 2000, p. 75)

O tradutor tem então, conforme observa Göpferich (2006, p. 62 et seq.), as mesmas três alternativas que o autor: respeitar e manter as convenções textuais, desconsiderar, conscientemente, essas convenções e quebrar as expectativas do leitor ou utilizar as convenções textuais de forma errônea, mas não proposital. No caso de gêneros textuais existentes tanto na cultura de partida quanto na cultura de chegada, faz-se ainda necessário ter em mente que podem existir diferenças entre as convenções (por exemplo, na macroestrutura e em fraseologias típicas) de ambas. Nesse caso, o tradutor pode recorrer a estudos de Textologia Contrastiva, (comparação entre textos paralelos em línguas diferentes) para perceber as diferenças entre as convenções e, então, decidir se mantém as convenções da língua de partida ou se faz adaptações à língua de chegada. Em certas circunstâncias, a adaptação pode ser obrigatória para que o texto corresponda às leis e possua validade na cultura de chegada. A importância das convenções de gênero para a tradução e para a formação de tradutores é, enfim, aceita como um consenso diante da dificuldade (ou impossibilidade) de se redigir e traduzir determinados textos – sobretudo textos de especialidade – sem conhecê-las e recorrer a elas¹⁶⁶.

¹⁶⁵ Die Erwartungen, die er [der Übersetzer] an den Text hat, werden u. a. von bestimmten Konventionen ausgelöst, die er an bzw. in dem Text wiedererkennt. Dabei kommen sowohl sein Weltwissen als auch seine Textkompetenz zum Tragen. [...] Die Textkonventionen haben also direkt etwas zu tun mit dem Verstehensprozess im engeren und mit der Textanalyse im weiteren Sinn.

¹⁶⁶ Cf. ALBRECHT, 2005, p. 261.

A classificação de tipologias textuais baseada na Linguística Textual possui grande valor para os Estudos da Tradução. Stolze (2001) vê nessas tipologias um ponto de interesse comum aos dois campos de estudo, mesmo que com enfoques distintos:

Um interesse central da Linguística Textual consiste, justamente, em tornar a observação de estruturas textuais de diferentes tipos profícua para a delimitação linguística de gêneros textuais. Da vinculação geral de textos a situações, resulta, assim, o objetivo da Linguística Textual em criar modelos de produção textual específicos para cada situação. Em contrapartida, a Ciência da Tradução almeja uma tipologia textual para dela poder apreender determinados princípios de tradução¹⁶⁷. (STOLZE, 2001, p. 112)

A tipologia textual mais conhecida e difundida nos Estudos da Tradução é, certamente, a de Katharina Reiß (1976, 1983). Para a autora, não é tarefa da tradutologia criar uma teoria própria de gêneros textuais, pois nessa área bastaria uma diferenciação mais abstrata, ampla e anterior aos gêneros textuais: a classificação por tipos textuais. Analogamente a Bühler (1934), que designa exposição, expressão e apelo como as três funções básicas do signo linguístico, Reiß propõe três funções textuais básicas, que se manifestariam em três tipos textuais universais: o texto informativo, o texto expressivo e o texto operativo (mais tarde acrescidos das variantes multimidiáticas). Cada um deles exigiria um “método” de tradução diferente.

Quadro 3 – Tipologia textual de Katharina Reiß (1983, p. 20, tradução nossa)

Tipo de texto	Função comunicativa	Característica	Padrão de equivalência	Método de tradução
Informativo	Transmitir informação	Orientado para o referente	Invariância no plano do conteúdo	Simples, despretenso, prosaico
Expressivo	Expressão artística	Orientado para o emissor	Analogia da forma artística	Identificante
Operativo	Desencadear impulsos de comportamento	Orientado para o receptor	Identidade do apelo imanente do texto	Adaptante

¹⁶⁷ Ein zentrales Interesse der Textlinguistik besteht eben darin, die Beobachtung verschiedenartiger Textstrukturen für die linguistische Abgrenzung von Textsorten fruchtbar zu machen. Aus der generellen Situationsgebundenheit von Texten resultiert dabei das Ziel der Textlinguistik, situationsspezifische Texterzeugungsmodelle zu erstellen. Demgegenüber strebt die Übersetzungswissenschaft eine Texttypologie an, um daraus bestimmte Übersetzungsprinzipien ableiten zu können.

No quadro acima está ilustrada a relação que a autora estabelece entre cada tipo de texto e seu “método de tradução”, levando em conta a função comunicativa, aquilo que o caracteriza em primeiro lugar e o “padrão de equivalência” a ser buscado, isto é, a relação que o tradutor deve buscar manter entre o texto de partida e texto de chegada. Segundo a autora, mesmo quando em um texto coexistem diferentes funções da linguagem, estas estão organizadas de forma hierárquica e uma delas predomina sobre as outras¹⁶⁸. Caberia então ao tradutor primeiramente desvendar qual é a função predominante no texto (informativa, expressiva ou apelativa) e a partir daí selecionar a estratégia de tradução adequada ao tipo de texto em questão.

A tipologia proposta por Reiß costuma ser criticada por ser, via de regra, dificilmente operacionalizável¹⁶⁹. Conforme observa Azenha Junior (1999, p. 49), os textos são híbridos por natureza e, por esse motivo, em alguns deles seria especialmente difícil quantificar a presença de cada uma das funções. Além disso, o autor desaprova a designação “método” de tradução proposta pela autora para se referir a algo que, na verdade, deveria ser interpretado como orientações de trabalho. Feitas essas ressalvas, que também consideramos necessárias, é preciso reconhecer que, em linhas gerais, o modelo de Reiß pode ser eficaz como fundamento para a prática da tradução, pois as diretrizes propostas pela autora podem constituir um “fio condutor” para o tradutor e ajudá-lo a tomar suas decisões orientando-se por um parâmetro que é, de fato, muito relevante: a comparação entre a função comunicativa predominante no texto de partida e aquela que é esperada para o texto de chegada.

A próxima seção será destinada à descrição dos procedimentos de análise macro e microtextual, princípios da Linguística Textual frequentemente empregados na análise de textos em geral e que também ocupam um espaço importante na análise textual preparatória para a tradução.

3.3.3 Análise macro e microtextual

Na fase receptiva do processo de tradução, os níveis de análise macro e microestrutural baseados em fundamentos da Linguística Textual podem facilitar o reconhecimento, pelo tradutor, de elementos textuais importantes, como os mecanismos de

¹⁶⁸ Cf. REISS, 1983, p. 17.

¹⁶⁹ Cf. por exemplo AZENHA JUNIOR, 1999, p. 49; GÖPFERICH, 2006, p. 63; NORD, 2009, p. 23; STOLZE, 2001, p. 116.

textualização, o gênero e as características estruturais e linguísticas do texto. Magalhães (2013a) está entre os autores que diferenciam entre esses dois planos e defendem as vantagens de se fazer uso dessa distinção na análise textual voltada à tradução. Segundo a autora, enquanto na análise macrotextual o leitor segue um padrão do tipo *top-down*, fazendo uso de seus conhecimentos prévios para decodificar os segmentos textuais e criar hipóteses sobre o todo, na estratégia microtextual ele enfoca itens textuais específicos e, em um processo do tipo *bottom-up*, parte dos níveis lexical e sintático para a atribuição de um sentido global ao texto (MAGALHÃES, 2013a, p. 71).

A noção de macroestrutura está fortemente atrelada ao conceito de gêneros textuais. De acordo com Kußmaul (1997, p. 71), quando a Linguística do Texto se dirige ao estudo de macroestruturas, costuma examinar a linha geral com que o pensamento se organiza no texto e a sequência dos segmentos textuais típica para o gênero em questão. A identificação, na perspectiva macrotextual, desses segmentos textuais, entendidos como unidades próprias do ponto de vista do sentido e da função, é descrita por Gülich & Raible (1977) da seguinte forma:

Nessa concepção, um texto, isto é, um todo textual constituir-se-ia de todos parciais (no sentido da Teoria da Gestalt) que, enquanto unidades de sentido, cumprem uma função no todo textual. [...] os gêneros textuais seriam, portanto, caracterizados a partir da descrição da natureza, da sequenciação e do encadeamento de seus textos parciais¹⁷⁰. (GÜLICH & RAIBLE, 1977, p. 53)

O reconhecimento, a partir da análise macrotextual, de características estruturais constitutivas de um gênero pode, dessa forma, tornar os textos de partida mais transparentes e mais facilmente compreensíveis para o tradutor. A macroestrutura textual é o plano mais “evidente” para o tradutor em seu primeiro contato com o texto de trabalho. Conforme o tradutor adquire experiência, a análise nesse nível mais amplo torna-se, conforme observa Magalhães (2013a, p. 72), um de seus “esquemas [...], que ele sempre utilizará para analisar os textos a serem traduzidos e proceder às escolhas mais adequadas para os novos textos que ele irá construir”.

Outra consequência da noção de macroestrutura para a tradução diz respeito ao dilema, discutido na seção anterior, acerca de se preservar as convenções de gênero da cultura de partida ou adaptá-las à cultura de chegada. Quando o tradutor opta por não seguir as

¹⁷⁰ Nach dieser Konzeption würde ein Text bzw. ein Textganzes aus Teilganzen (im Sinne der Gestalttheorie) bestehen, die als Sinneinheiten eine Funktion im Textganzes haben. [...] Textsorten wären dadurch zu charakterisieren, dass man die Art, die Abfolge und die Verknüpfung ihrer Teiltexthe beschreibt.

convenções da cultura de chegada, os destinatários podem, em casos extremos, não reconhecer no texto a função esperada, de modo que este carecerá de um dos princípios fundamentais para ser reconhecido como texto (cf. BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981): a aceitabilidade.

A análise de microestruturas consiste, por sua vez, no exame de itens lexicais “desde a palavra até as colocações e expressões idiomáticas metafóricas, além de itens gramaticais, desde o uso de tempos verbais até a ordem das palavras na frase” (MAGALHÃES, 2013b, p. 87). As diferenças entre as línguas no plano sintático são essenciais nesse nível de análise. Nesse plano, como sugere Kautz (2000, p. 109), problemas de tradução observáveis empiricamente podem ser explicados (e solucionados) com base na Linguística Textual e modelos de análise sintática podem destacar as diferenças específicas de um par linguístico.

Quando, por exemplo, o idioma alemão é uma das línguas envolvidas no processo de tradução, é preciso levar em conta que, em comparação a outras línguas como o inglês e o português, sua sintaxe é dotada de uma mobilidade relativamente alta. Assim, tendo-se em vista a articulação de tema (o que já é conhecido e sobre o que será dito algo) e rema (a informação nova) na frase, um dos recursos de ênfase da língua alemã consiste na “focalização” do elemento novo (o rema) ou mais relevante através de seu deslocamento para a primeira posição da frase. Essa anteposição do rema não funciona em diversas outras línguas. Nessa conjuntura,

a estrutura informacional de frases é relevante para a tradução por causa dos problemas implicados na reprodução da posição das palavras, cuja alteração permite expressar conteúdos semanticamente distintos. Assim, as formas de ênfase específicas de cada idioma constituem um problema de tradução¹⁷¹. (STOLZE, 2001, p. 130)

Faz-se então necessário que o tradutor compreenda que a estrutura informacional de enunciados em alemão envolve, em certa medida, um componente emocional. A partir disso, ele precisará buscar, na língua de chegada, outros meios convencionais para expressar a ênfase atribuída a determinados elementos sintáticos, construída em alemão a partir de uma focalização de contraste.

Conclui-se, enfim, que as perspectivas de análise macro e microtextual propostas pela Linguística Textual são de grande relevância para a tradução, uma vez que constituem mais

¹⁷¹ Übersetzungsrelevant ist die Mitteilungsstruktur von Sätzen wegen der damit verbundenen Probleme bei der Wiedergabe der Wortstellung, mit deren Veränderung semantisch verschiedene Inhalte zum Ausdruck gebracht werden können. So stellen einzelsprachlich unterschiedliche Formen der Betonung ein Übersetzungsproblem dar.

um meio do qual o tradutor pode se valer para identificar, no texto de partida, elementos que, embora nem sempre estejam tão evidentes na superfície textual, trazem informações que também precisam ser transpostas de alguma forma à língua de chegada. Além disso, a análise em ambos os níveis ajuda o tradutor a tomar e justificar decisões que viabilizem a produção de um texto de chegada aceitável para seus receptores e que cumpra sua função comunicativa na cultura-alvo.

3.3.4 Interfaces entre texto e discurso

Em resposta à concepção de que o texto seria a maior unidade linguística surgiu, no fim dos anos 60, a Análise do Discurso. Até então, o olhar dos estudiosos da linguagem voltava-se aos enunciados (em sua dimensão sintática e semântica) e a língua era tida como representação da realidade. Com o surgimento da Teoria da Ação de Austin (1962), e da Linguística da Enunciação de Benveniste (1966), o foco passa a direcionar-se ao processo de enunciação, que leva em conta variáveis como o enunciador e o contexto de enunciação. A língua passa a ser considerada atividade e é assim alçada à qualidade de discurso (cf. BRANDÃO, 2001, p. 61). O texto seria, sob essa perspectiva, parte de um ou mais discursos, enquanto o conceito de discurso representaria rede de todas as enunciações possíveis que uma sociedade pode produzir sobre um tema específico:

O discurso reflete, desse modo, o conhecimento sobre determinado tema levando em consideração as perspectivas, normas, interesses e relações de poder vigentes na sociedade. Assim, o discurso revela estruturas formais e de conteúdo condicionadas social e historicamente, certos modelos da prática comunicativa que repercutem nos textos individuais passíveis de serem relacionados a ele¹⁷². (LINKE, 2004, p. 290)

Concebido dessa forma, o discurso seria uma instância própria da prática social, um “padrão básico da interpretação de realidades, que organizam o conhecimento coletivo de um tempo e de uma sociedade acerca de determinado recorte do mundo¹⁷³” (AUER, 1999, p. 234, tradução nossa). Conforme difundiu Foucault (2009), deve-se ter em mente que o discurso se

¹⁷² Der Diskurs widerspiegelt so das Wissen über ein Thema einschließlich der gesellschaftlichen Perspektiven, Normen, Interessen und Machtverhältnisse. Dabei weist der Diskurs historisch und sozial bedingte, inhaltliche und formale Strukturen auf, bestimmte Muster der kommunikativen Praxis, welche sich in den einzelnen Texten, die ihm zugeordnet werden können, niederschlagen.

¹⁷³ Grundmuster der Deutung für Wirklichkeiten, die das kollektive Wissen einer Zeit und einer Gesellschaft über einen bestimmten Ausschnitt der Welt organisieren.

constrói sobre um feixe complexo de relações (muitas delas de poder), condicionadas por uma série de formações não discursivas: “instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (FOUCAULT, 2009, p. 50).

O uso sinonímico que autores como Trosborg (1997, p. 4) têm feito dos conceitos de texto e discurso é, portanto, problemático, bem como qualquer diferenciação que se baseie apenas do “meio” pelo qual ambos se concretizam (onde o discurso pertenceria ao domínio da oralidade e o texto ao escrito). Embora não exista na Linguística um consenso quanto à definição do termo “discurso”, as diversas correntes que o analisam compartilham de uma abordagem não focada no funcionamento da língua por si só, mas sim em sua relação recíproca com os sujeitos e com a realidade extralinguística. Nas palavras de Melo (2009, p. 3), “o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não se trata tão somente da língua, mas o que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas”.

Assim, a Análise do Discurso, enquanto prática que, em suas diversas ramificações e enfoques específicos, busca compreender como a linguagem funciona para a produção de sentidos em determinado contexto por determinado sujeito, pode constituir um profícuo campo de apoio aos Estudos de Tradução. De acordo com Schäffner (1997, p. 136), uma análise do texto de partida pautada tanto na Linguística Textual quanto na Análise do Discurso pode auxiliar o tradutor a fazer uma interpretação coerente desse texto, compreendendo as redes enunciativas subjacentes a ele e evitando que sua mensagem chegue distorcida ao receptor da cultura de chegada. House (2012, p. 181), por sua vez, aponta como especialmente interessantes para a tradução as áreas de retórica contrastiva e a análise contrastiva do discurso, que comparam convenções textuais em diferentes culturas e examinam sua influência sobre a produção e compreensão de diferentes tipos discursivos.

Mason (1994, p. 23) utiliza procedimentos de análise discursiva para demonstrar como a ideologia do tradutor interfere, consciente ou inconscientemente, nas decisões que ele toma durante o processo tradutório, como as escolhas lexicais, o estabelecimento de relações coesivas e eventuais mudanças na estrutura do texto. Cabe ressaltar que o autor não compreende “ideologia” no sentido de uma doutrina política, mas sim como “conjunto de crenças e valores que revelam a visão de mundo de um indivíduo ou instituição e auxilia a interpretação que ele faz de eventos, fatos, etc.” (MASON, 1997, p. 25).

Finalmente, os Estudos Críticos do Discurso, que têm seu principal expoente nos trabalhos de Teun Van Dijk, também têm exercido impacto sobre os Estudos da Tradução nas últimas décadas. Ao focar as relações de poder e ideologia e sua influência sobre o conteúdo e a estrutura de textos, essa corrente adquire relevância para uma análise textual que atenda a critérios pragmáticos. Faz parte de seus objetivos “relacionar propriedades típicas do micronível da escrita, da fala, da interação e das práticas semióticas a aspectos típicos do macronível, da sociedade como grupos, organizações ou outras coletividades e suas relações de dominação” (VAN DIJK, 2008, p. 9 et seq.).

Dentre os modos de analisar a forma como essa relação se estabelece, Van Dijk (2008, p. 11) destaca princípios importantes também para a Linguística Textual, como a análise de estruturas específicas (tais quais os gêneros textuais), a análise gramatical nos níveis semântico, lexical e sintático e a análise pragmática de atos de fala e atos comunicativos. Para designar essas decisões-base que o produtor de um texto toma no nível da estrutura linguística (por exemplo nos planos lexical e sintático) com vistas a cumprir determinado propósito no nível pragmático-discursivo, as quais são objeto da análise proposta por Van Dijk, adotamos em nosso trabalho o termo “estratégias linguístico-discursivas”. Algumas dessas estratégias, reconhecidas em nosso *corpus*, serão abordadas no quarto capítulo da dissertação.

Por fim, o reconhecimento de como o discurso é manipulado para reproduzir mecanismos de controle e refletir estruturas de poder é relevante para o tradutor do ponto de vista ético. Ele precisa estar em condições de reconhecer os discursos subjacentes aos textos que está traduzindo para compreendê-los e recriá-los para o receptor da língua de chegada ou, quando julgar necessário, evidenciar em paratextos (como um prefácio, posfácio, ou notas) a forma como o abuso de poder realiza-se através do discurso no texto de partida. É esse o caso do *corpus* deste trabalho que, ao chamar a atenção para a manipulação exercida (entre outros) por meio da linguagem em uma seleção de textos do período nacional-socialista, defende o ponto de vista que a tradução pode, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, contribuir para evitar que certos discursos nocivos (como é o caso do discurso nazista) perpetuem-se.

3.4 Análise textual funcionalista: o modelo de Christiane Nord

Diante do caráter prospectivo dos Estudos Funcionais, que incentivam o tradutor a direcionar seu olhar mais para o texto e o contexto de chegada (e não de partida), a prática

tradutória embasada nessa teoria parece repelir qualquer análise mais aprofundada do texto de partida, que exigiria um olhar retrospectivo. Nord (2006) admite essa aparente contradição:

Para os autores de abordagens teóricas funcionalistas da tradução não é tão fácil justificar a necessidade de uma análise do texto de partida. Se o processo de translação não é determinado pelas características linguísticas do texto de partida, mas sim pelas exigências da tarefa de tradução, o *status* do texto de partida é fortemente relativizado, de forma que uma análise do texto de partida pode parecer supérflua à primeira vista¹⁷⁴. (NORD, 2006, p. 350, tradução nossa)

A mesma autora, entretanto, desconstrói essa premissa ao argumentar que o fato de o funcionalismo “destronar”¹⁷⁵ o texto de partida não significa que este deva ser descartado, mas apenas que ele deixa de ser a única medida da tradução (NORD, 2001b, p. 120). Nord cria então um modelo de análise textual funcionalista voltado à tradução. Na obra *Textanalyse und Übersetzen: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse* (“Análise textual e tradução: bases teóricas, método e aplicação didática de uma análise textual relevante para a tradução”), publicada pela primeira vez em 1988, a autora defende que, sob o ponto de vista dos Estudos Funcionais, a análise textual é relevante para a tradução quando “não só assegura compreensão e interpretação do texto de partida (como também fazem as análises textuais pautadas nos Estudos Literários), mas quando também fornece ao tradutor uma base confiável para cada decisão tradutória individual¹⁷⁶” (NORD, 2009, p. 1).

Nord julga que, apesar de procedimentos aprofundados de análise textual serem muitas vezes considerados inviáveis no cotidiano profissional atribulado do tradutor, eles seriam muito proveitosos por sua capacidade de trazer à tona “problemas de tradução” e evitar erros:

É compreensível que procedimentos exaustivos de análise textual sejam frequentemente rejeitados no dia-a-dia profissional por estarem associados a uma dedicação de tempo injustificavelmente elevada. A essa objeção contrapõe-se, entretanto, o fato de que a sensibilização para problemas de tradução funcionalmente relevantes ajuda a evitar muitos erros de tradução que não são cometidos porque o tradutor não conseguiu resolver o problema de tradução em questão, mas sim porque ele sequer se deu conta de que

¹⁷⁴ Die Vertreter funktionaler Übersetzungstheoretischer Ansätze haben es ganz nicht so leicht, die Notwendigkeit einer AT-Analyse zu begründen. Wenn der Translationsvorgang nicht durch die sprachlichen Merkmale des AT bestimmt wird, sondern durch die Forderungen des Übersetzungsauftrags, wird der Status des AT stark relativiert, so daß eine eigene Analyse des AT auf den ersten Blick überflüssig erscheinen mag.

¹⁷⁵ REISS & VERMEER, 1984, p. 103.

¹⁷⁶ Übersetzungsrelevant ist eine Textanalyse meines Erachtens aber nur dann, wenn sie nicht nur Verständnis und Interpretation des AT sichert (wie literaturwissenschaftliche Textanalysen das auch tun), sondern wenn sie den Übersetzenden eine verlässliche Grundlage für jede einzelne übersetzerische Entscheidung liefert.

existia ali um problema de tradução¹⁷⁷. (NORD, 2006, p. 353, tradução nossa)

Conforme já foi exposto no primeiro capítulo desta dissertação, o modelo de análise proposto por Nord caracteriza-se por sua natureza pragmático-funcional, que toma os aspectos linguísticos, internos ao texto, como dependentes dos fatores extratextuais, relativos ao contexto comunicativo. Trata-se de um modelo de tradução circular e contínuo, que não segmenta etapas consecutivas do processo de tradução, mas admite que o tradutor refaz muitas vezes o percurso entre análise e síntese: ao mesmo tempo em que vai produzindo o texto de chegada, volta a direcionar seu olhar a fatores já analisados e, assim, confirmar ou revisa diversas vezes as decisões tomadas¹⁷⁸. O modelo, assim concebido, constitui-se sobre dois pilares: o funcionalismo e o conceito de lealdade tradutória, introduzido por Nord em resposta à crítica (vinda de autores como Anthony Pym) de que o funcionalismo não seria dotado de uma ética própria. Esses pilares que sustentam o modelo de Nord serão apresentados com maiores detalhes na próxima seção.

3.4.1 Funcionalismo e lealdade tradutória

Conforme observa Esteves (2012, p. 8), a abordagem funcionalista é criticada com frequência por supostamente não ter uma “ética própria, limitando-se a seguir uma ética baseada nos ditames dos clientes”. Um dos autores dessa crítica é Anthony Pym, que detecta na Teoria do Escopo o que ele chama de “ética do serviço”, segundo a qual “o tradutor presta qualquer serviço de tradução solicitado pelo cliente, e agir dessa forma é considerado eticamente correto” (PYM, 2001, p. 131). Questionando esse tipo de ética, Pym chega a acusar os tradutores funcionalistas de serem “especialistas mercenários, capazes de lutar sob a bandeira de qualquer propósito que os remunerasse” (PYM, 1996 apud ESTEVES 2012, p. 8). O fundamento de tal crítica está relacionado à ideia básica da Teoria do Escopo: a de que os fins justificam os meios ou, nas palavras de Reiß & Vermeer (1984, p. 96) “a regra máxima de toda tradução é a sua finalidade”.

¹⁷⁷ Es ist verständlich, dass exhaustive Textanalysevorgänge im praktisch-professionellen Vollzug oft als mit unvertretbar großem Zeitaufwand verbunden abgelehnt werden. Diesem Einwand ist jedoch entgegenzuhalten, dass die Sensibilisierung für funktionsrelevante Übersetzungsprobleme bereits viele Übersetzungsfehler vermeiden hilft, die nicht deshalb begangen werden, weil man das betreffende Übersetzungsproblem nicht lösen konnte, sondern weil man überhaupt nicht erkannt hat, dass hier ein Übersetzungsproblem vorlag.

¹⁷⁸ O modelo de Nord está ilustrado e descrito com maiores detalhes entre as páginas 24 e 27 do presente trabalho.

A própria Christiane Nord aponta duas deficiências na teoria funcionalista, tal qual concebida em seus primórdios por Reiß & Vermeer. Suas ressalvas seguem, de certa forma, na mesma direção da crítica de Pym. A primeira delas está ligada à especificidade cultural de modelos tradutórios. A Teoria do Escopo pretendia ser um modelo universal de tradução. Nord (2001a, p. 124) defende, entretanto, que a tradução e o treinamento de tradutores não ocorrem em um ambiente geral, descontextualizado e que até mesmo a expectativa do que é uma “boa tradução” varia em diferentes partes do mundo. As especificidades culturais precisariam, segundo a autora, ser mais respeitadas pela teoria funcionalista.

A segunda ressalva de Nord (2001a, p. 124 et seq.) dirige-se ao cerne da Teoria do Escopo: a ideia de que a finalidade da tradução justifica os procedimentos adotados. Nesse ponto, a autora levanta questionamentos semelhantes aos de Pym: Não há restrições quanto aos fins possíveis? O que fazer quando o cliente solicitar uma tradução incompatível com a opinião ou intenção do autor do texto de partida? Foi para responder a essas perguntas e limitar o rol de funções “eticamente justificáveis” que o texto de chegada pode exercer em relação ao texto de partida que autora criou, já em 1989, o conceito de “lealdade em tradução”. Lealdade é, segundo ela, a responsabilidade moral que o tradutor tem em relação a seus parceiros comunicativos:

Como o tradutor lida com parceiros comunicativos (o cliente, o receptor do texto de chegada, o autor do texto de partida), que esperam dele um texto de chegada que cumpra sua função e que tenha certa ligação com o texto de partida e os quais não podem eles próprios conferir se o texto de chegada preenche essas condições, ele tem a obrigação de ser leal a esses parceiros comunicativos. Eles precisam poder confiar que ele cumprirá sua tarefa com a maior ciência e consciência¹⁷⁹. (NORD, 1989, p. 102, tradução nossa)

Trata-se, portanto, de uma relação entre os participantes de uma ação tradutória que se diferencia do arcaico conceito de “fidelidade” à medida que este se refere a uma relação de similaridade linguística entre textos e não leva em conta as intenções comunicativas envolvidas¹⁸⁰.

Em uma obra recente, em que defende e discute o espaço do conceito de lealdade na vertente funcionalista dos Estudos da Tradução, Nord rebate explicitamente a ideia de que não há uma preocupação ética no funcionalismo. Partindo da proposta de Chesterman (2001) para

¹⁷⁹ Da es der Übersetzer also mit Handlungspartnern (dem Auftraggeber, dem Zieltextempfänger, dem Ausgangstextautor) zu tun hat, die von ihm einen funktionsgerechten Zieltext mit einer bestimmten Anbindung an den Ausgangstext erwarten und selbst nicht nachprüfen können, ob der gelieferte ZT diese Bedingungen entspricht, ist er diesen Handlungspartnern gegenüber zur Loyalität verpflichtet. Sie müssen sich darauf verlassen können, daß er seinen Auftrag nach bestem Wissen und Gewissen ausführt.

¹⁸⁰ Cf. NORD, 2001b, p. 185.

a criação de um “juramento jeronímico” de tradutores, a autora caracteriza a lealdade como ética funcionalista e a define como “ética da prevenção de conflitos, da confiança, do profissionalismo e da honestidade” (NORD, 2011, p. 104).

No que diz respeito às consequências práticas do conceito de “lealdade” para o trabalho dos tradutores, Nord (2001a, p. 117) faz uma distinção entre o escopo da tradução, que pressupõe certas características para o texto de chegada, e os procedimentos que o tradutor utiliza para atingir essa finalidade. Enquanto o primeiro é, sim, determinado pelas necessidades e desejos do cliente, os outros estariam nas mãos do tradutor e dependeriam de sua competência. Seria, portanto, o uso que o tradutor faz desses procedimentos que determina se ele está ou não sendo leal à intenção comunicativa do autor do texto de partida. Caso o cliente solicite uma tradução desleal ao autor do TP ou ao receptor do texto de chegada, Nord (2001b, p. 200) aconselha o tradutor a rediscutir esse ponto com o cliente ou até mesmo se negar a fazer a tradução. Dificuldades surgem, por exemplo, quando a intenção comunicativa do autor do texto de partida não é evidente. Nesse caso, uma análise mais aprofundada do TP pode ajudar a identificar essa função e preparar o terreno para uma tradução leal.

Além de respeitar a intenção comunicativa do autor do texto de partida, uma tradução leal deve, finalmente, levar em consideração as expectativas dos receptores do texto de chegada. Isso não significa fazer sempre o que se espera, mas sim explicar os propósitos e procedimentos de tradução utilizados, caso eles contradigam tais expectativas. Nesses casos, o “[...] tradutor tem a obrigação moral de justificar suas estratégias, contando aos leitores o que ele fez e por que o fez¹⁸¹” (NORD, 2001a, p. 196, tradução nossa).

Esclarecidos assim os dois pilares sobre os quais Nord constrói seu modelo de tradução, a próxima seção enfocará os dois tipos de função que, segundo ela, um texto de chegada pode cumprir em relação a um texto de partida, bem como os dois tipos de tradução advindos dessa relação.

3.4.2 Tradução documental vs. tradução instrumental

O princípio básico da tradução de base funcionalista é, conforme já apontado anteriormente, a orientação para a função do texto de chegada. No modelo de Nord, onde a

¹⁸¹ They [the translators] have a moral obligation to justify their translation strategies telling the readers what they did and why they did it.

relação leal com o texto e contexto de partida também se converte em um parâmetro importante, a análise da função do TP torna-se fundamental para que o tradutor identifique quais funções do texto de chegada são “compatíveis”¹⁸² com ela. No que tange à relação entre a função do TP e a função do TC, uma tradução pode funcionar, segundo Nord (1997, p. 51 et seq.), (a) como um *documento* da situação na qual um emissor inserido na cultura de partida comunica-se, por meio de um texto, com destinatários inseridos na mesma cultura ou (b) como um *instrumento* na cultura de chegada, através do qual o emissor do TP comunica-se com destinatários da cultura de chegada por meio de um TC produzido como tal. Em outras palavras, quando cumpre uma função documental o texto de chegada é um “documento ou protocolo de uma ação comunicativa passada, na qual o TP funcionou como oferta de informação” (NORD, 1989, p. 102), ao passo que quando assume função instrumental torna-se meio (ou instrumento) para uma nova ação comunicativa.

Desses dois tipos de função são abstraídos dois tipos de tradução homônimos: a tradução instrumental e a tradução documental. Segundo Nord (2001a, p. 187), na primeira delas, que se assemelha bastante ao que Reiß (1995, p. 54) chama de “tradução comunicativa”, há um estabelecimento direto de comunicação entre o autor da língua de partida e o receptor da língua de chegada, de forma o leitor pode até mesmo esquecer-se de estar lendo uma tradução. A autora ainda subdivide a tradução instrumental em três diferentes tipos, de acordo, novamente, com o critério da função textual¹⁸³. Se, na tradução instrumental, há uma identidade da função entre o texto de partida e o texto de chegada, Nord fala em uma *tradução com constância de função* (o que é o mais comum em traduções instrumentais). Quando as funções de TP e TC são diferentes ou adquirem um peso hierárquico diferente, ocorre uma *tradução com variação de função*. Como terceiro tipo de tradução instrumental, Nord menciona ainda a *tradução correspondente* ou *homóloga*, que diz respeito sobretudo a traduções artísticas (como as traduções poéticas), as quais ocupam na língua cultura de chegada uma posição própria, semelhante à que o TP ocupava da cultura de partida¹⁸⁴.

Na tradução documental, por outro lado, a distância entre as culturas e textos de partida e de chegada é destacada explicitamente e verifica-se um propósito metatextual, de informar ao leitor da cultura de chegada acerca de aspectos do TP e de sua situação comunicativa. O foco da tradução documental recai, assim, sobre determinadas características ou categorias do texto de partida, deixando outras de lado ou em segundo plano: “Em uma

¹⁸² NORD, 2009, p. 79 et seq.

¹⁸³ Para a autora, um texto pode cumprir em uma função referencial, expressiva, apelativa ou fática.

¹⁸⁴ Cf. NORD, 1989, p. 104.

tradução documental, certos aspectos do texto-em-contexto de partida são reproduzidos para os receptores de chegada, os quais estão conscientes de estarem ‘observando’ uma interação comunicativa da qual eles não fazem parte¹⁸⁵” (NORD, 1997, p. 52, tradução nossa).

A tradução documental divide-se ainda, para a autora, em quatro subtipos¹⁸⁶: a *tradução palavra-por-palavra*, cujo objetivo consiste em transmitir informações sobre o sistema linguístico da língua de partida, fazendo com que o foco da tradução recaia, por exemplo, sobre as estruturas morfológicas e sintáticas da mesma; a *tradução literal* ou *gramatical*, na qual estruturas não existentes na língua de chegada são substituídas por estruturas que funcionam no novo contexto; a *tradução filológica* (também chamada de *estrangeirizadora* ou *acadêmica*), na qual, além do texto de partida são documentados explicitamente o pano de fundo e os conhecimentos que se poderia pressupor por parte do destinatário do texto de partida; a *tradução exotizadora*, que busca, antes de tudo, preservar o “colorido local” de um texto e é muito frequente em textos literários.

Na prática, não é tão simples distinguir entre os subtipos de tradução documental apontados por Nord. De qualquer forma, a distinção mais ampla proposta pela autora entre tradução documental e instrumental e as considerações tecidas por ela sobre ambos os tipos constituem, a nosso ver, parâmetros genéricos relevantes para a análise do texto de partida e para a delineação da estratégia tradutória.

3.4.3 Problemas de tradução

Christiane Nord (2006, p. 352) distingue entre *dificuldades de tradução* subjetivas, que dependem da competência do tradutor e resultam de condições ligadas à situação da tradução (como o tempo restrito e a escassez de fontes de pesquisa), e *problemas de tradução*, que resultam da própria tarefa de traduzir e precisam ser resolvidos pelo tradutor. Cabe ressaltar aqui que a autora não utiliza a palavra “problema” em sua conotação pejorativa (que designa uma situação difícil, incômoda e preocupante), mas sim como um desafio que é gerado por diferentes fatores e exige a adoção de determinada estratégia para ser solucionado.

Uma contribuição especialmente relevante do modelo de análise textual de Nord consiste, assim, em sua sistematização de problemas de tradução, que são divididos por ela

¹⁸⁵ In a documentary translation, certain aspects of the source text-in-situation are reproduced for the target receivers, who are conscious of ‘observing’ a communicative interaction of which they are not part.

¹⁸⁶ NORD, 1989, p. 103.

em quatro categorias distintas¹⁸⁷: os problemas de tradução *pragmáticos*, causados por diferenças entre as situações de comunicação dos textos de partida e de chegada, tais quais as referências dêicticas espaciais e temporais e os conhecimentos prévios culturalmente distintos presentes nas entrelinhas; os problemas de tradução *específicos do par cultural* (mais tarde renomeados pela autora como problemas de tradução *relativos a convenções*), provocados pelas diferenças entre as normas e convenções das duas culturas, tais quais as convenções de gênero; os problemas de tradução *específicos do par linguístico*, que estão ligados a fatores intratextuais, como o vocabulário, a sintaxe, a formação de palavras e os nomes próprios e surgem por exemplo quando determinados recursos da língua de partida não existem na língua de chegada; e, finalmente, os *problemas de tradução específicos de um texto*, que envolvem características textuais, estilos e formas de expressão individuais (como jogos de palavras), cuja solução não é facilmente transponível a outras tarefas de tradução.

Nord propõe que esses problemas sejam resolvidos de uma forma diferente do que se costuma fazer no cotidiano profissional do tradutor. Segundo ela, o procedimento mais comum ao se traduzir é partir dos elementos da língua de chegada e transferir o texto sentença por sentença, sintagma por sintagma ou até mesmo palavra por palavra. É um processo do tipo *bottom-up*, que parte da superfície linguístico-textual para as convenções e, finalmente, para os aspectos pragmáticos. Esse procedimento apresentaria, entretanto, uma série de desvantagens para a prática e didática da tradução, enumerados pela autora (NORD, 1997, p. 72). Dentre eles, ela cita o fato de o tradutor perder de vista o texto em sua situação comunicativa, à medida que seu foco de atenção é dirigido às unidades menores da língua. Além disso, nesse procedimento as decisões de tradução seriam tomadas de forma muito intuitiva e seria difícil justificá-las objetivamente mais tarde, além de ser necessário revê-las com excessiva frequência, conforme se avança na tradução.

Nord propõe então que os problemas sejam resolvidos de forma ascendente, em um processo do tipo *top-down*. Segundo ela, “os problemas de tradução devem ser solucionados de forma adequada em uma hierarquia de cima para baixo, isto é, do macronível pragmático e das especificidades culturais até o micronível linguístico¹⁸⁸” (NORD, 2006, p. 352, tradução nossa). Na figura abaixo, está reproduzido o modelo proposto pela autora para a tomada de decisões e resolução de problemas em um processo de tradução funcionalista:

¹⁸⁷ NORD, 2006, p. 352.

¹⁸⁸ Die Übersetzungsprobleme sind zweckmäßiger Weise in einer Hierarchie von oben nach unten, also von der pragmatischen Makroebene über die Kulturspezifität hinunter zur sprachlichen Mikroebene, abzuarbeiten.

Figura 4 – Modelo pragmático-funcional para solução de problemas de tradução
(NORD, 1997, p. 64, tradução nossa)

Assim concebida, a solução de problemas tradutórios começa, sob perspectiva funcionalista, no nível pragmático, com a decisão de qual função (instrumental ou documental) assumirá a tradução (estágio 1a). Em seguida, deve-se decidir quais elementos do texto de partida serão reproduzidos como tais e quais serão adaptados aos conhecimentos prévios, necessidades comunicativas e expectativas do destinatário, bem como às restrições de meio (estágio 1b). No segundo estágio, o tipo de tradução escolhido determina se o texto de chegada seguirá as convenções da cultura de partida ou de chegada. Apenas no terceiro estágio entram em jogo as diferenças no sistema linguístico. Se o problema ainda não for resolvido nesse nível, aspectos do contexto (estágio 4) ou, em última instância, as preferências pessoais do tradutor – sempre levando em conta a função da tradução – (estágio 5) determinam a decisão a ser tomada¹⁸⁹.

A categorização de problemas de tradução e a criação de um esquema para sua resolução constitui, assim, um passo-a-passo bastante didático e objetivo, ao qual o tradutor

¹⁸⁹ NORD, 1997, p. 64.

(aprendiz ou profissional) pode sempre recorrer quando se vê diante de uma decisão importante para a harmonização da estratégia de tradução como um todo.

3.4.4 Fatores extratextuais de análise

O modelo de análise do texto de partida proposto por Christiane Nord baseia-se nos fatores da fórmula comunicativa de Harold Lasswell (quem? diz o quê? por qual canal? para quem? com qual efeito?¹⁹⁰), os quais são expandidos e divididos por ela em duas categorias: fatores externos ao texto (ou extratextuais) e fatores internos ao texto (intratextuais). Para a autora, o tipo ideal de análise é aquele que parte dos fatores extratextuais, relativos à situação comunicativa, para os fatores intratextuais, referentes ao próprio instrumento de comunicação (o texto).

Na investigação dos elementos extratextuais, o tradutor pode, segundo Nord (2009, p. 40), deixar-se guiar pelos seguintes fatores: quem? (*emissor/ produtor do texto*), para quem? (*receptor do texto*), para quê? (*intenção*), por qual mídia? (*canal*), onde? (*local – pragmática espacial*), quando? (*tempo – pragmática temporal*), por quê? (*pretexto comunicativo*), e com qual função? (*função textual*). Para cada um desses fatores, a autora propõe uma série de perguntas-chave, cujas respostas podem ajudar o tradutor a obter uma compreensão mais detalhada do texto em seu contexto de origem e selecionar quais características do TP merecem especial investimento durante a tradução. Tais perguntas serão reproduzidas abaixo (tradução nossa):

Quem? (NORD, 2009, p. 50 et seq.)

1. Quem é o emissor do texto?
2. O emissor é simultaneamente produtor do texto?
3. Quais informações acerca do emissor (localização temporal, origem geográfica e social, formação, *status*, relação com o tema do texto etc.) nos fornece o entorno do texto? São pressupostos certos conhecimentos de mundo por parte do receptor? É possível contar com o auxílio do emissor ou alguém de seu círculo?
4. Quais informações acerca do emissor podem ser inferidas a partir dos fatores mídia, local, tempo, pretexto e função textual?

¹⁹⁰ Who says what in which channel to whom with what effect?

5. Quais expectativas surgem das informações e alusões ao autor em relação:
- a) Aos fatores relacionados à situação: intenção, receptor, mídia, local, tempo, pretexto e função?
 - b) Às características internas ao texto?

Para quê? (NORD, 2009, p. 55)

- 1. Há manifestações extratextuais explícitas do emissor sobre sua intenção em relação ao texto em questão?
- 2. Quais intenções são geralmente associadas ao gênero textual ao qual o texto pertence?
- 3. Quais informações acerca da intenção podem ser inferidas a partir dos fatores emissor (especialmente seu papel), receptor, mídia, local, tempo e pretexto?
- 4. Quais expectativas surgem das informações e alusões à intenção em relação:
 - a) Aos fatores receptor, mídia e função textual?
 - b) Às características internas ao texto?

Para quem? (NORD, 2009, p. 61)

- 1. Quais informações acerca dos destinatários do TP nos fornece o entorno do texto?
- 2. Quais informações acerca dos destinatários podem ser inferidas a partir do emissor e de sua intenção?
- 3. Quais informações acerca dos destinatários, suas expectativas, conhecimentos prévios etc. podem ser inferidas a partir dos fatores mídia, local, tempo, pretexto e função do texto?
- 4. Há informações acerca da reação dos destinatários que possam influenciar a tradução?
- 5. Quais expectativas surgem das informações e alusões ao destinatário em relação:
 - a) Aos fatores intenção, local, tempo e função textual?
 - b) Às características internas ao texto?

Por qual mídia? (NORD, 2009, p. 66)

- 1. O texto tem origem na comunicação oral ou escrita? Através de qual canal ele é veiculado?

2. Por qual mídia o texto chega aos destinatários? São verbalizados, no plano extratextual, dados acerca dessa mídia?
3. É possível inferir algo acerca do canal ou da mídia a partir das informações sobre o emissor, a intenção, o pretexto e função do texto?
4. Quais expectativas surgem da caracterização da mídia ou canal em relação:
 - a) Aos fatores destinatário e intenção receptiva, pretexto e função?
 - b) Às características internas ao texto?

Onde? (NORD, 2009, p. 69)

1. Onde o texto foi produzido/ emitido? É possível extrair das imediações do texto informações sobre a pragmática espacial? Pressupõe-se que o destinatário disponha, enquanto conhecimento de mundo, de conhecimentos acerca da pragmática do local?
2. Quais informações acerca da pragmática espacial podem ser inferidas a partir dos fatores emissor, destinatário, mídia e pretexto?
3. Quais expectativas se estabelecem a partir das informações acerca da pragmática espacial em relação:
 - a) Aos fatores emissor, destinatário, mídia e pretexto?
 - b) Às características internas ao texto?

Quando? (NORD, 2009, p. 74)

1. Quando o texto foi escrito/ publicado/ emitido? É possível abstrair das imediações do texto informações acerca da pragmática temporal? São pressupostos, enquanto conhecimento de mundo, conhecimentos adicionais relacionados à pragmática temporal por parte dos destinatários do TP?
2. Quais informações acerca da pragmática temporal podem ser inferidas a partir dos fatores emissor, mídia, receptor, pretexto e função?
3. Quais expectativas se estabelecem a partir da pragmática temporal em relação:
 - a) Ao emissor e sua intenção, ao pano de fundo comunicativo do receptor, a possíveis mídias veiculadoras, ao pretexto e à função textual?
 - b) Às características internas ao texto?
4. Quais problemas fundamentais resultam de uma pragmática temporal possivelmente distinta entre o TP e o TC?

Por quê? (NORD, 2009, p. 77)

1. Por que o texto foi produzido/ emitido? Há nas imediações do texto informações acerca de seu pretexto comunicativo? Pressupõe-se que o destinatário do TP conheça o pretexto?
2. O texto foi produzido sob um pretexto específico? Ele foi feito para ser receptível uma única vez ou regularmente/ frequentemente?
3. Quais informações acerca do pretexto podem ser inferidas a partir das características do emissor e de sua intenção, da mídia, do receptor, da pragmática espacial e temporal e, eventualmente, da função do texto?
4. Quais expectativas resultam do pretexto em relação:
 - a) À expectativa do destinatário, ao emissor e à sua intenção?
 - b) Às características internas ao texto?
5. Quais problemas resultam do contraste entre o pretexto do TP e o pretexto do TC?

Com qual função? (NORD, 2009, p. 82)

1. Qual é a função pretendida pelo emissor? Há, nas imediações do texto, pistas acerca da intenção do texto, por exemplo a partir da afiliação a um gênero textual?
2. Quais informações acerca da função comunicativa resultam das informações acerca dos fatores pretexto, mídia, destinatário e intenção do emissor?
3. Há indícios para uma função textual determinada pelos destinatários e que difere da intenção do emissor?
4. Quais expectativas resultam da função comunicativa em relação:
 - a) Ao emissor e sua intenção, ao destinatário e sua expectativa, à mídia, ao local, ao tempo e ao pretexto?
 - b) Às características internas ao texto?

3.4.5 Fatores intratextuais de análise

Depois dos fatores extratextuais, Nord sugere que o tradutor passe a analisar os elementos internos ao texto, guiando-se pelos seguintes fatores: sobre o quê? (*temática*), o quê? (*conteúdo*), o que não é dito? (*pressuposições*), em que sequência? (*organização textual*), com quais elementos não-verbais? (*elementos textuais não linguísticos, como*

imagens e tabelas) com quais palavras? (*léxico*), em quais frases? (*sintaxe*), em qual tom? (*elementos suprasegmentais*). Assim como faz com os fatores extratextuais, Nord cria perguntas-chave para cada fator intratextual, cujas respostas auxiliam o tradutor a observar a relação entre a situação comunicativa (analisada na etapa anterior) e a microestrutura textual.

Sobre o quê? (NORD, 2009, p. 99)

1. Trata-se de um único texto tematicamente coerente ou de uma combinação de textos?
2. Qual é o tema do texto ou quais são os temas dos textos parciais? É possível reconhecer subtemas em relação a um hipertema?
3. A temática reconhecida corresponde à expectativa construída a partir dos fatores extratextuais?
4. O tema é formulado no interior do texto ou em seu entorno (por exemplo no título)?
5. A formulação do tema deve aparecer explicitamente em algum lugar do TC, tendo em vista as convenções da língua de chegada?

O quê? (NORD, 2009, p. 106)

1. De que forma os fatores extratextuais sedimentam-se no conteúdo do texto?
2. Quais unidades de informação o texto contém?
3. É possível reconhecer uma ‘situação interna’ no texto? Caso seja, em que ela se diferencia da ‘situação externa’ do texto?
4. O texto apresenta falhas de coesão? Elas podem ser esclarecidas sem que se recorra a informações adicionais?

O que não é dito? (NORD, 2009, p. 113)

1. A qual realidade se referem as informações verbalizadas no texto?
2. De que forma a referência à realidade é verbalizada?
3. Há alusões implícitas à referência à realidade?
4. Há no texto redundâncias que são supérfluas ao destinatário do TC?
5. Quais informações pressupostas por parte do receptor do TP precisam ser verbalizadas para o destinatário do TC?

Em que sequência? (NORD, 2009, p. 120)

1. Trata-se de um texto independente ou de um texto inserido em um âmbito maior?
2. É possível reconhecer uma divisão macroestrutural a partir de marcações visíveis ou outros sinais de divisão?
3. O gênero em questão possui uma estrutura convencional?
4. Qual forma de progressão temática o texto apresenta?

Com quais elementos não-verbais? (NORD, 2009, p. 124)

1. Quais elementos não-verbais pertencem ao texto?
2. Quais funções eles mantêm em relação aos segmentos textuais verbais?
3. Eles pertencem convencionalmente ao gênero em questão?
4. Eles são determinados pela mídia escolhida?
5. Eles são específicos da cultura de partida?

Com quais palavras? (NORD, 2009, p. 131)

1. Como os fatores extratextuais manifestam-se no uso do léxico interno ao texto (regioletos, socioletos, variantes linguísticas históricas, escolha de registro, uso do léxico atrelado a determinadas mídias, fórmulas convencionais determinadas pela função ou pelo pretexto)?
2. Quais características do uso do léxico apontam para o posicionamento do emissor e seu ‘interesse estilístico’ (por exemplo marcas estilísticas, palavras carregadas de conotações, meios retórico-estilísticos, como comparações e metáforas, neologismos próprios e jogos de palavras)?
3. Quais áreas lexicais (terminologias, metalinguagem) estão representadas no texto?
4. Há classes de palavras ou recursos de formação de palavras que ocorram com especial frequência no texto?
5. A qual plano estilístico pertencem predominantemente as palavras utilizadas no texto?

Em quais frases? (NORD, 2009, p. 133 et seq.)

1. As frases do texto são longas ou curtas, construídas de forma paratática ou hipotática? Como elas são ligadas (de forma assindética ou polissindética)?
2. Quais tipos de frase o texto apresenta?

3. A posição dos componentes sintáticos corresponde à articulação de tema e rema? É possível perceber formas de ênfase ou desvios da sequência usual de palavras?
4. Há, na sintaxe, recursos estilísticos especiais (por exemplo paralelismos, quiasmos, perguntas retóricas e desvios de norma)? Quais funções eles têm no texto em questão?
5. Determinadas características sintáticas do texto são determinadas pelo receptor, pelo gênero textual ou pelo meio pelo qual o texto é veiculado? Resulta disso alguma modificação para a função pretendida para o TC?

Em qual tom? (NORD, 2009, p. 141 et seq.)

1. Quais elementos suprasegmentais são verificáveis? Como eles são caracterizados (no texto escrito)?
2. Os elementos suprasegmentais são típicos de determinado gênero ou função textual?
3. Os elementos suprasegmentais trazem informações sobre características, estados afetivos ou psicopatológicos do emissor?
4. Em quais unidades prosódicas o texto pode ser dividido? A prosódia dá pistas sobre a intenção do emissor em relação à explicação, ênfase e acentuação?
5. Como os elementos suprasegmentais relacionam-se com a articulação de tema e rema?
6. Quais problemas de tradução resultam do contraste entre os elementos suprasegmentais do texto e a função do TC?

3.4.6 Relação entre os fatores extra e intratextuais

Conforme já foi mencionado anteriormente, Christiane Nord defende que existe os fatores extra e intratextuais são interdependentes. Para ilustrar exemplos típicos dessa ligação entre o âmbito extralinguístico e as características internas ao texto, a autora cria o seguinte quadro:

Quadro 4 – Ligação entre os fatores extra e intratextuais
(NORD, 2009, p. 155, tradução nossa)

Fatores internos	Temática	Conteúdo	Pressuposições	Estrutura	Elementos não-verbais	Estilo		
						Léxico	Sintaxe	Elementos suprassegmentais
Emissor	Temas preferidos, área em que possui especialidade	Perspectiva pessoal, comentário, opinião	Conhecimento da posição política do emissor	Estrutura cronológica quando o emissor é criança	Gesticulação abundante em emissores italianos, por exemplo	Dêixis pessoal, idioleto	Estruturas sintáticas simples em emissores com baixa instrução	Características habituais da voz, tom de voz
Intenção	Tema gerador, preferências políticas	Conteúdos suavizados e velados	Pressuposições exageradas para impressionar	Desenvolvimento com suspense	Fotos enganosas	Palavras carregadas de conotações	Discurso indireto para distanciamento	Gritar, fazer escândalo
Receptor	Relação com o meio em que vive o receptor	Colocar-se no lugar do destinatário	<i>Como é do conhecimento de todos...</i>	Nota de rodapé para esclarecimento	Ilustrações voltadas para crianças	Tratamento direto formal ou informal	Chamadas e frases de ordem	Linguagem de bebês
Mídia	Tema especializado em revista especializada	Não tão complicado em textos orais	Informações atuais em jornais	Sequência de informações em um formulário	Uso de gráficos ao invés de tabelas em programas de TV	Palavras típicas da linguagem da imprensa	Sintaxe típica da linguagem oral	Voz mais alta pelo uso de microfone
Local	Temas culturais	Informações recebidas do conselho municipal	Dêixis espacial: <i>aqui</i>	Convenções estruturais culturalmente específicas	Brasões, selos, emblemas, logos	Vocabulário, sintaxe e entonação típicos de um regioleto, “americanismos” no inglês e espanhol		
Tempo	Temas típicos de uma época do ano	Notícias do dia	Dêixis temporal: <i>ontem à noite</i>	Estrutura do drama clássico	Símbolos como a cruz suástica	Escolhas lexicais e sintaxe típicos de um “estilo de época”		Hexâmetro, verso branco
Pretexto	Felicitações de Natal	Relato sobre a trajetória pessoal em um discurso fúnebre	Conhecimento dos rituais	Protocolo	Expressão de luto	Fórmula de batismo	Interrupção na frase por comoção	Tom festivo
Função	Não ocorrência de temas pessoais em manuais de instrução	Não ocorrência de comentários no texto de uma notícia	Não ocorrência de pressuposições em um contrato de compra e venda	Separação dos ingredientes e do modo de preparo em receitas	Ilustrações em manuais de instrução	Vocabulário especializado em textos científicos	Construções impessoais em textos de lei	Entonação melódica na liturgia

Os fatores de análise propostos por Nord e descritos até aqui dizem respeito, enfim, a diferentes princípios da Linguística Textual e da Pragmática abordados neste capítulo e constituíram o ponto de partida para a análise do *corpus* do presente trabalho, formado por protocolos de interrogatórios conduzidos com membros da resistência ao Nacional-

Socialismo. Tendo em vista a distância que, em diversos sentidos, separa esses textos de partida de sua tradução produzida no contexto deste trabalho, a análise textual assumiu um papel fundamental para a compreensão desses textos em suas diversas dimensões, para a delimitação de uma estratégia de tradução pertinente e para a tomada de decisões bem fundamentadas. O próximo capítulo da dissertação será destinado ao detalhamento de algumas partes dessa análise, que foram fundamentais para que traçássemos a estratégia de tradução do *corpus*, a ser descrita no quinto capítulo.

4 ANÁLISE DOS TEXTOS DE PARTIDA

Conforme exposto no primeiro capítulo deste trabalho – voltado à descrição do *corpus*, dos objetivos e da metodologia de pesquisa – a análise dos textos de partida foi realizada inicialmente com base no modelo de análise textual e tradução de Christiane Nord (1988, 2009). A partir de respostas ao rol de perguntas propostas pela autora para cada fator de análise externo e interno ao texto (listadas nas seções 3.4.4 e 3.4.5 do capítulo anterior)¹⁹¹, chegamos a uma seleção de macrofatores que se destacam nos textos – na perspectiva extratextual devido à sua importância para a compreensão do texto-em-contexto e no âmbito intratextual por apresentarem características que se sobressaem no nível microestrutural – e que geram problemas de tradução de diferentes ordens. Por esses motivos, tais fatores foram considerados especialmente relevantes para a tradução do *corpus* de nosso trabalho.

Assim, os fatores destacados na perspectiva extratextual foram a função e o gênero textual, a situação comunicativa e os participantes da interação. Já na perspectiva intratextual, atribuímos enfoque ao estilo (construído por uma série de variantes), à relação dinâmica entre oralidade e escrituralidade e aos vestígios das operações de retextualização (tais quais concebidas por Marcuschi, 2010) às quais o diálogo “original” entre interrogador e interrogado(a) foi submetido. Por fim, ressaltamos ainda duas confluências entre as perspectivas extra e intratextual que seriam significativas para a tradução dos TP. Falamos em “confluências” porque nos exemplos que serão analisados a ligação entre a realidade extralinguística e fenômenos microlinguísticos do texto manifesta-se de forma claramente indissociável: os últimos só podem ser compreendidos em relação à primeira. É o caso dos marcadores histórico-culturais (com especial destaque para a linguagem tipicamente nacional-socialista e o embate entre discursos representativos da época) e de estratégias adotadas, tanto por parte dos interrogadores quanto por parte dos interrogados, no plano linguístico com o objetivo de concretizarem determinada intenção comunicativa na situação em que estavam inseridos. Todos os fatores anteriormente mencionados serão tematizados nas seções que compõem este capítulo. Conforme orienta o modelo de Nord, serão abordados inicialmente fatores que têm origem na perspectiva extratextual: função, gênero, situação comunicativa e participantes da interação.

¹⁹¹ Com a intenção de tornar o processo de análise e tradução do *corpus* o mais transparente possível, optamos por registrar por escrito essa primeira fase de análise, a qual, no dia-a-dia do tradutor é realizada apenas mentalmente. Nossas respostas às perguntas propostas por Nord para cada um dos fatores de análise encontram-se integralmente reproduzidas no Anexo 1 deste trabalho.

4.1 Perspectiva extratextual

No modelo de Christiane Nord, a perspectiva extratextual envolve os fatores relativos à situação comunicativa em que o texto teve origem: emissor/ produtor do texto (*quem?*), receptor do texto (*para quem?*), intenção (*para quê?*), canal (*por qual mídia?*), local/pragmática espacial (*onde?*), tempo/pragmática temporal, (*quando?*), pretexto comunicativo (*por quê?*), e função textual (*com qual função?*). O quadro abaixo traz uma contextualização resumida dos textos de partida – os protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl – embasada nesses fatores.

Quadro 5 – Síntese dos fatores extratextuais no *corpus*

Quem?	Emissor: <i>Gestapo</i> (polícia secreta nazista) de Munique Produtores: Interrogados, interrogadores e escrivães
Para quem?	Procuradoria do <i>Reich</i> , “Tribunal do Povo”, Estado nacional-socialista
Para quê?	Apurar e punir os responsáveis pelas ações consideradas subversivas em Munique e arredores, ao gerar argumentos para a denúncia da Procuradoria do <i>Reich</i> e para a posterior sentença do “Tribunal do Povo”
Por qual mídia?	Os textos têm origem na comunicação oral, mas são “retextualizados” e veiculados por escrito
Onde?	Palácio de Wittelsbach – central da <i>Gestapo</i> em Munique, Alemanha.
Quando?	18 a 21 de fevereiro de 1943: durante o regime nacional-socialista
Por quê?	Legitimar a repressão aos opositores do Nacional-Socialismo com vistas a estabelecer um império homogêneo e livre de “elementos nocivos”
Função?	Predominantemente informativa, mas também apelativa

Estes fatores serão retomados e aprofundados ao longo das quatro próximas subseções. A primeira delas abordará mais a fundo o fator *função*, que, como mencionamos diversas vezes no decorrer deste trabalho, ocupa um papel primordial nos Estudos Funcionais da Tradução, aos quais está afiliado o modelo de Christiane Nord. Cabe lembrar que se trata, por enquanto, da função dos textos de partida. A função pretendida para os textos de chegada, colocada em primeiro plano pelos Estudos Funcionais, será descrita no quinto capítulo, destinado à descrição da estratégia de tradução.

4.1.1 A função textual

Para aferir a função textual predominante nos protocolos de interrogatório, nos apoiamos sobretudo nos indicadores de função definidos por Brinker (2014, p. 98 et seq.). Trata-se, conforme descrito na seção 3.3.1 deste trabalho, de recursos (sobretudo linguísticos) utilizados pelo emissor para sinalizar a função do texto e pelo receptor para identificá-la. Em nosso *corpus*, é possível reconhecer exemplos dos três tipos de indicadores (diretos, posicionamentos temáticos e indicadores contextuais) que o autor distingue. Eles apontam para a predominância nos protocolos da função informativa, na qual o emissor dá a entender ao receptor que deseja lhe transmitir um conhecimento ou informação¹⁹².

A sinalização direta da função informativa é realizada através do uso de fórmulas performativas explícitas, como é o caso, no *corpus*, das seguintes construções com os verbos *erklären* (esclarecer, afirmar) *erwähnen* (mencionar, citar) *sagen* (dizer) e *angeben* (declarar).

- (a) Ich **erkläre** ausdrücklich, dass Graf an der [...] Propaganda Tätigkeit in keiner Weise tätig war. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[**Afirmo** com todas as letras que Graf não teve nenhum tipo de envolvimento ativo nas atividades de propaganda.]

- (b) Hier **möchte** ich **erwähnen**, dass Frau Schmidt sich nur selten in ihrer Wohnung in München aufhält. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[**Gostaria de mencionar** aqui que a Sra. Schmidt raramente permanece em sua casa em Munique.]

- (c) Zusammenfassend **möchte** ich **die Erklärung abgeben**, dass ich für meine Person mit dem Nationalsozialismus nichts zu tun haben will.

[Resumindo, **gostaria de declarar** que eu, de minha parte, não quero ter nada a ver com o Nacional-Socialismo.]

- (d) Ich **will** damit **sagen**, dass ich von deren Herstellung und Verbreitung nie etwas gehört habe. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[**Quero dizer** com isso que nunca ouvi falar nada sobre sua produção ou distribuição.]

- (e) Im Einzelnen **möchte** ich folgendes **angeben**: [...]. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[**Quero declarar**, em detalhes, o seguinte: [...]]

A segunda categoria dos indicadores de função descritos por Brinker (2014, p. 99) envolve os posicionamentos temáticos: formas e estruturas linguísticas com as quais o

¹⁹² BRINKER, 2014, p. 106.

emissor expressa, de forma mais ou menos explícita, seu posicionamento diante do conteúdo ou tema do texto, sinalizando a função de forma indireta. Na função informativa, os posicionamentos temáticos exprimem o grau de certeza que o emissor possui em relação ao conteúdo textual. Nesses casos, a função costuma ser sinalizada, como nos exemplos abaixo, a partir de construções apoiadas em verbos como *wissen* (saber) e *glauben* (acreditar, crer), e advérbios como *bestimmt* (certamente), *ausdrücklich* (expressamente, “com todas as letras”), *[ganz] sicher* (certamente, “com toda a certeza”), *keinesfalls* (de maneira alguma) e *glaublich* (possivelmente, “creio eu...”):

- (f) Ich **weiss** nicht von wem der Brief stammt. (Hans Scholl, 18/02/1943)
[Não **sei de** quem é a carta.]
- (g) Ich **glaube** nicht, dass er [Alexander Schmorell] eine Maschine in Besitz hatte. (Hans Scholl, 20/02/1943)
[Não **acredito** que ele [Alexander Schmorell] possuía uma máquina.]
- (h) Als ich gemeinsam mit meinem Bruder um die angegebene Zeit das Haus verliess, war der Briefkasten **bestimmt** leer. (Sophie Scholl, 18/02/1943)
[Quando deixei a casa junto com meu irmão no horário mencionado, a caixa de correio **com certeza** estava vazia.]
- (i) Ich erkläre **ausdrücklich**, dass Frl. Gisela Schertling mit der ganzen Sache nichts zu tun hat. (Hans Scholl, 18/02/1943)
[Afirmo **com todas as letras** que a srta. Gisela Schertling não tem nada a ver com tudo isso.]
- (j) Dies nehme ich an, weil Schmorell **sicher** die neueste Ausgabe besass. (Hans Scholl, 21/02/1943)
[Imagino que sim, porque Schmorell **com certeza** possuía a edição mais recente.]
- (h) Wenn ich in diesem Zusammenhang von revolutionären spreche, dann ist das nicht so aufzufassen, als seien die Studenten in Revolutionsstimmung gegen den heutigen Staat, was ja **keinesfalls** zutrifft. (Sophie Scholl, 20/02/1943)
[Quando digo aqui revolucionária, isso não quer dizer que os universitários estejam em clima de revolução contra o Estado atual, o que não procede **de maneira alguma**.]
- (i) Es handelt sich **glaublich** um die »Pössnecker Zeitung«. (Hans Scholl, 18/02/1943)
[**Creio que** se trata do jornal “Pössnecker Zeitung”.]

Por fim, Brinker (2014, p. 100) menciona ainda que a função textual pode ser sinalizada por indicadores contextuais relativos à moldura situacional (sobretudo

institucional). Como indicadores contextuais importantes para a identificação da função textual do *corpus*, podemos citar o fato de os interrogatórios terem sido conduzidos pela *Gestapo* com a intenção geral de apurar os responsáveis pelas ações subversivas cometidas em Munique e arredores no início de 1943, além de legitimar a punição dos mesmos. A produção do texto dos protocolos tinha como objetivo fornecer, a curto prazo, subsídios para a Procuradoria do *Reich* formular a denúncia contra os irmãos Scholl e Christoph Probst. Tendo isso em vista, é de se esperar que os protocolos apresentem uma função predominantemente informativa, uma vez que deveriam reunir o maior número possível de informações concretas que pudessem ser interpretadas como provas do envolvimento dos inquiridos nas ações investigadas e utilizadas como argumentos favoráveis à sua condenação pelo “Tribunal do Povo”.

Paralelamente à função informativa, também é possível perceber nos textos de partida, em menor proporção, indicadores da função apelativa, em passagens onde o emissor dá a entender que deseja convencer o receptor a assumir uma posição diante de algum fato (influência de opinião) ou a realizar alguma ação (influência de comportamento)¹⁹³. No *corpus*, essa função secundária é sinalizada, por exemplo, nas falas dos interrogadores, quando estes buscam convencer Hans e Sophie Scholl a confessarem sua participação e a de seus amigos nas ações investigadas. A sinalização direta da função apelativa costuma ocorrer por meio de fórmulas performativas explícitas com verbos como *auffordern* (solicitar) e *befehlen* (ordenar), *bitten* (pedir), *raten* (aconselhar), *empfehlen* (recomendar) e *verlangen* (exigir). Entretanto, a utilização de tais verbos performativos pelos interrogadores não é recorrente nos textos de partida. O único exemplo encontrado está reproduzido a seguir:

- (j) Ich **gebe Ihnen den** dringenden **Rat**, speziell auf diese Frage uneingeschränkt und ohne Rücksicht auf etwaige Nebenumstände, die Wahrheit zu sagen.
(Robert Mohr, 18/02/1943)

[**Aconselho** fortemente que, especialmente em relação a esta pergunta, a senhora diga a verdade, sem fazer restrições nem levar em conta fatos secundários.]

Outros indicadores gramaticais apontados por Brinker (2014, p. 110 et seq.) como sendo sinalizadores da função apelativa também são perceptíveis no *corpus*, embora com algumas distorções intencionais. É o caso do componente imperativo dessa função que surge “amenizado” nos protocolos: as ordens dadas pelo interrogador raramente são registradas

¹⁹³ BRINKER, 2014, p. 109.

nitidamente como tais (em frases imperativas) mas sim como frases interrogativas negativas, muitas vezes introduzidas pelo verbo modal *wollen* (querer):

- (k) **Wollen** Sie sich **nicht** näher erklären? (Anton Mahler, 18/02/1943)

[O senhor **não quer** se explicar melhor?]

Ao invés de:

Erklären Sie sich näher!

[Explique-se melhor!]

- (l) **Wollen** Sie **nicht** lieber die Wahrheit sagen? (Anton Mahler, 18/02/1943)

[O senhor **não prefere** dizer a verdade?]

Ao invés de:

Sagen Sie die Wahrheit!

[Diga a verdade!]

Essa sinalização moderada da função apelativa por parte dos interrogadores pode ser interpretada como uma estratégia linguístico-discursiva de autoproteção e construção de *ethos*, que retomaremos e aprofundaremos na seção 4.4 deste trabalho. No que diz respeito à relevância, para a tradução do *corpus*, das funções textuais identificadas, torna-se necessário ainda, para concluir esta seção, fazer uma distinção entre os propósitos aos quais serviram os textos de partida e aos quais servirão os textos de chegada. Em seu contexto de origem, as funções textuais predominante (informativa) e secundária (apelativa) adquiriram um viés instrumental, tendo atuado diretamente sobre a realidade: ao fornecerem informações para o aparato policial e judicial nazista, os interrogatórios funcionaram, de certa forma, como instrumentos para a condenação e execução dos irmãos Scholl. Já no contexto de chegada, esse caráter informativo deverá servir a um propósito documental (vide seção 5.1 da dissertação), na medida em que fornece dados detalhados sobre as motivações, convicções e ações da Rosa Branca e constitui, assim, uma fonte de informações profícua para pesquisas sobre a resistência alemã ao Nacional-Socialismo.

4.1.2 O gênero textual ‘protocolo de interrogatório’

O gênero textual “protocolo”, ao qual pertence o *corpus* deste trabalho, é ainda muito pouco explorado do ponto de vista teórico, embora seja, na prática, produzido e manuseado cotidianamente por profissionais de diversas áreas. Michael Niehaus é um dos autores que se dedicam, no contexto alemão, ao estudo desse gênero e, especialmente, do subgênero “protocolo de interrogatório”. Em alguns de seus trabalhos (NIEHAUS & SCHMIDT-HANNISA, 2005; NIEHAUS, 2005; NIEHAUS, 2003), o autor discorre sobre a origem e as características básicas de um protocolo. Segundo ele, o gênero teria surgido em decorrência da própria invenção da escrita, que trouxe consigo a necessidade de conferir validade e autenticidade aos textos¹⁹⁴.

A palavra “protocolo” tem origem no grego bizantino *protokollon* (*protos*, primeiro + *kolla*, cola), a qual designava uma espécie de folha de rosto utilizada pelas fábricas imperiais egípcias para proteger os rolos de papiro. Eram os símbolos cunhados nessa folha que garantiam a autenticidade dos documentos escritos no papiro envolto por ela¹⁹⁵. Essa ideia original de “autenticidade” mantém-se na concepção que se tem do gênero atualmente:

No sentido atual, a palavra protocolo não se refere mais a uma folha de rosto autenticadora, mas sim a um gênero textual. Entretanto, esse gênero também atesta, de forma peculiar, a *validade* daquilo que ele registra por escrito. Pois sua função básica consiste em converter certos fenômenos, selecionados a partir de critérios predeterminados, à forma escrita e atribuir-lhes um caráter vinculativo. O que foi registrado por escrito deve valer como verdade: é alçado ao status de uma verdade institucionalmente produzida ou afiançada¹⁹⁶. (NIEHAUS & SCHMIDT-HANNISA, 2005, p. 7, tradução nossa, grifos dos autores no original)

Além da garantia de autenticidade, outra característica básica do gênero protocolo sublinhada por Niehaus & Schmidt-Hannisa (2005, p. 8) é o fato de ele ter origem em uma atividade oral – geralmente institucionalizada, como é o caso de uma reunião, negociação, prova ou interrogatório – que, ao ser protocolada, é fixada por escrito e, dessa forma, conservada. A instituição, por sua vez, depende dessa conservação para legitimar e dar continuidade a seu trabalho. Um interrogatório, por exemplo, se não for registrado

¹⁹⁴ NIEHAUS & SCHMIDT-HANNISA, 2005, p. 7.

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ Im heutigen Sinne bezeichnet das Protokoll nicht mehr ein authentifizierendes Vorsatzblatt, sondern eine Textsorte. Aber auch diese Textsorte beansprucht in besonderer Weise die Gültigkeit dessen, was sie schriftlich fixiert. Denn ihre grundlegende Funktion besteht darin, nach festgelegten Selektionskriterien ausgewählte Ereignisse in schriftliche und verbindliche Form zu überführen. Das schriftlich Festgehaltene soll als wahr gelten: es erlangt den Status einer institutionell produzierten oder verbürgten Wahrheit.

devidamente, não possuirá qualquer validade legal e não poderá servir de base para as medidas judiciais subsequentes.

Tendo isso em vista, o ato de produzir um protocolo é definido pelos autores como um “processo de transformação que estabelece referências sobre as quais os futuros procedimentos institucionais necessariamente recorrerão” (NIEHAUS & SCHMIDT-HANNISA, 2005, p. 9). Esse ato seria distinto de um processo de transcrição por dois motivos principais: por concentrar-se no conteúdo da fala – e não em sua materialidade – e por não se basear diretamente na realidade, mas sim nos atos performativos e nas ações a eles correspondentes, à medida que seleciona a partir de critérios pré-definidos quais recortes dessa realidade deverão ou não ser registrados.

Niehaus & Schmidt-Hannisa (2005, p. 8) indicam ainda dois pressupostos que devem ser atendidos para que um protocolo seja considerado válido: o respeito às providências e convenções formais pré-estabelecidas (como a juramentação do escrivão e a validação do protocolo por todos os envolvidos, por meio de suas assinaturas), por um lado, e a presença daquele que redige o protocolo na situação a ser protocolada (na reunião, na prova, no interrogatório etc.), por outro, a fim de que ele possa atestar a autenticidade daquilo que vier a escrever. Por esse motivo, o protocolo ideal seria aquele redigido “em tempo real” ou imediatamente depois da atividade que deve ser registrada.

O *corpus* do presente trabalho é formado por exemplares de um tipo específico de protocolo: o protocolo de interrogatório (alemão: *Verhörprotokoll* ou *Vernehmungprotokoll*). Ao tematizar esse subgênero, Niehaus (2005, p. 27) afirma que a primeira amostra de que se tem conhecimento remonta à perseguição aos cristãos em Roma no século II. Trata-se de um resumo do interrogatório realizado pelas instituições romanas com o mártir Policarpo de Esmirna. Entretanto, somente no século XIII o gênero difundiu-se amplamente, ao assumir um papel fundamental nos processos inquisitoriais católicos.

Durante o regime nacional-socialista na Alemanha, a condução de interrogatórios pela *Gestapo* foi um dos principais meios de repressão e disseminação do terror de que se valeu o Estado. Enquanto esteve no poder, o NSDAP procurou controlar e vigiar a população cada vez mais de perto. Qualquer atitude suspeita era motivo para que um indivíduo fosse investigado e chamado à *Gestapo* para prestar esclarecimentos. Os protocolos que constituem o *corpus* do presente trabalho foram produzidos nessa conjuntura. São, conforme já mencionado anteriormente, registros escritos dos interrogatórios conduzidos entre 18 e 21 fevereiro de 1943 na central da *Gestapo* em Munique com os irmãos Hans e Sophie Scholl,

então suspeitos de serem os responsáveis pelas ações “subversivas” (pichações e distribuição massiva de panfletos) empreendidas em Munique e arredores no início daquele ano.

Geralmente, a produção de um protocolo de interrogatório envolve três indivíduos – e é sobretudo isso que o diferencia de outros subgêneros do gênero protocolo: o *interrogado*, que se encontra sob investigação ou já está sujeito a um processo judicial (no *corpus*: Hans e Sophie Scholl); o *interrogador*, que domina a interação e determina o que deverá constar nos protocolos (no *corpus*: Anton Mahler, Ludwig Schmauß e Robert Mohr); e um *escrivão*, que registra por escrito o conteúdo que lhe é ditado pelo interrogador (no *corpus*: diferentes funcionários da *Gestapo*¹⁹⁷ e, em alguns casos, os próprios interrogadores). Pode-se dizer, portanto, que um protocolo de interrogatório é sempre fruto de uma mistura de diferentes vozes e subjetividades e, por isso mesmo, não deve ser interpretado como uma transcrição fidedigna do que foi dito na ocasião. Se lembrarmos, entretanto, que é justamente na concessão de autenticidade que reside a característica primordial do gênero protocolo, deparamo-nos com um dos paradoxos¹⁹⁸ que o atravessam: sua autenticidade é, na verdade, uma autenticidade construída.

Nos protocolos de nosso *corpus*, essa autenticidade é sinalizada de três formas. A primeira delas é a ficha oficial e padronizada¹⁹⁹ que introduzia todos os protocolos de interrogatório realizados no Palácio de Wittelsbach, sede da *Gestapo* em Munique. No cabeçalho da ficha constam a designação da instituição (*Geheime Staatspolizei – Staatspolizeileitstelle München*), a data e o meio de identificação do indivíduo que seria interrogado (por exemplo, se foi colhida ou não sua impressão digital). Segue-se então um formulário com 18 campos que, além de dados pessoais básicos (tais quais nome, endereço, profissão e estado civil), evidenciavam a clara intenção de colher informações que permitissem traçar de antemão um perfil ideológico e “racial” do interrogado: pergunta-se, entre outras coisas, se o indivíduo era ou não afiliado a alguma associação ou subdivisão do NSDAP e se sua família possuía “sangue alemão” nas três últimas gerações.

A segunda forma de assegurar a autenticidade dos protocolos consiste nas assinaturas que encerram cada um deles. Via de regra, tais documentos eram assinados por três pessoas: a autoridade interrogadora, o interrogado e – salvas algumas exceções em que o protocolo é

¹⁹⁷ Em carta escrita a Robert Scholl em 06/07/1950 (hoje arquivada no Instituto de História Contemporânea de Munique sob a localização ED474/Bd.285), Robert Mohr menciona que na época sua escrevã oficial era uma mulher chamada Sra. Müller, natural de Munique.

¹⁹⁸ Niehaus (2003, p. 263) também se refere ao protocolo de interrogatório como sendo um gênero textual “paradoxal” e escorregadio, que não se permite controlar plenamente.

¹⁹⁹ É possível visualizar o modelo dessa ficha nos Anexos 2 e 3 desta dissertação que contêm, respectivamente, as reproduções dos protocolos de interrogatório originais de Sophie e Hans Scholl.

assinado apenas pelo interrogador e pelo interrogado – uma testemunha. A última era, em geral, um funcionário administrativo da *Gestapo* ou outro investigador que tivesse acompanhado a sessão. As assinaturas de Hans e Sophie Scholl são ainda precedidas de uma das seguintes informações, cuja função é reforçar a ciência dos inquiridos quanto ao conteúdo dos protocolos:

- (a) Selbst gelesen und unterschrieben (s. g. u. u.)
[Lido e assinado pessoalmente]
- (b) Laut diktiert und auf nochmalige Nachlesung und Überprüfung verzichtet
[Ditado em voz alta, prescindiu de nova leitura e verificação]
- (c) Laut Unterschrift (Lt. U.)
[Conforme assinatura]

Por fim, uma convenção gramatical do gênero protocolo de interrogatório, tal qual ele se manifesta até hoje no sistema judiciário alemão, também é responsável pela geração de um efeito de autenticidade. Os textos alemães pertencentes a esse gênero são redigidos sempre em primeira pessoa, como fica claro no trecho abaixo, retirado do início do primeiro protocolo de Sophie Scholl:

- (d) **Ich bin** in Forchtenberg, LA. Öhringen/ Württemb. geboren, wo **mein** Vater Berufsbürgermeister der Gemeinde (Stadtgemeinde) Forchtenberg war. Gemeinsam mit 4 Geschwistern (2 Brüdern und 2 Schwestern) **wurde ich** im Elternhaus erzogen. (Sophie Scholl, 18/02/1943)
[Nasci em Forchtenberg, no distrito de Öhringen/ estado de Württemb., onde **meu** pai era prefeito da comunidade (comunidade municipal) de Forchtenberg. **Cresci** na casa de meus pais junto a quatro irmãos (dois irmãos e duas irmãs)].

O uso da primeira pessoa na reproduzida acima cria a falsa ilusão de que ela teria sido pronunciada dessa mesma forma por Sophie Scholl durante os interrogatórios. É preciso, porém, considerar a forma com que esses protocolos costumavam ser produzidos pela *Gestapo*. Conforme descrevem Chaussy & Ueberschär (2013, p. 195 et. seq.), o interrogador geralmente conduzia a sessão de interrogatório a sós com o interrogado. No final da sessão, um escrivão era chamado à sala e datilografava um texto que era ditado pelo interrogador a partir de anotações feitas por ele ao longo do interrogatório prévio com o interrogado. Assim, a primeira parte dos protocolos contém um texto corrido, relativamente longo, produto desse

ditado. Nele, constam apenas as respostas do interrogado: as perguntas do interrogador não são registradas, embora permaneçam muitas vezes implícitas nas mudanças de tópico. Depois de ditar essas respostas, o interrogador decidia se daria a sessão de interrogatório por encerrada ou se julgava necessário fazer mais questionamentos. No segundo caso, o escrivão passava a datilografar diretamente o novo diálogo, agora presenciado por ele. Essa mudança é perceptível nos protocolos quando o “monólogo” inicial dá lugar a uma sequência de perguntas e respostas, ou seja, quando as perguntas do interrogador também passam a ser registradas, como ocorre no seguinte excerto de diálogo entre Anton Mahler e Hans Scholl (18/02/1943):

(e) Frage: Was enthielt Ihre Aktenmappe? War sie wohl ebenfalls leer, als Sie von zu Hause weggingen?

Antwort: Auch die Aktenmappe war leer. Ich hatte vor, einiges einzukaufen, vor allem wollte ich bei Diehl Tonpfeifen kaufen.

Frage: Um welche Zeit sind Sie in der Universität angekommen?

Antwort: Genau kann ich es nicht sagen, es dürfte aber gegen 10.45 h sein.

[Pergunta: O que continha sua maleta? Por acaso ela também estava vazia quando o senhor saiu de casa?

Resposta: A maleta também estava vazia. Eu pretendia comprar algumas coisas, principalmente cachimbos de barro na loja Diehl.

Pergunta: Que horas eram quando o senhor chegou na universidade?

Resposta: Não sei dizer exatamente, mas devia ser por volta de 10h45.]

Em trechos de diálogo como o exposto acima, a impressão de que o que está registrado foi, de fato, dito com aquelas palavras pelo interrogador (Anton Mahler) e pelo interrogado (Hans Scholl) é reforçada pelo uso do discurso direto e pelo estilo próximo à oralidade (frases curtas, construções infinitivas, parataxe). É presumível que, comparado aos trechos iniciais ditados pelo interrogador, o conteúdo dessas sequências de perguntas e respostas esteja, de fato, mais próximo do diálogo original, tendo em vista que elas foram registradas em “tempo real”: o escrivão encontrava-se presente na situação e datilografava a conversa enquanto a mesma ocorria. Não obstante, também nesses casos a autenticidade não deixa de ser uma impressão falsa, especialmente quando se leva em conta que a autoria é sempre uma questão complexa no gênero “protocolo de interrogatório” devido à assimetria de poder característica da situação em que ele é produzido.

Como já foi mencionado anteriormente, diversas instâncias (interrogado, interrogador e escrivão) atuam conjuntamente na produção de um protocolo de interrogatório, de tal modo que se torna impossível identificar um único autor. Sendo os protocolos de interrogatório de

Hans e Sophie Scholl textos formulados simultaneamente a seis mãos (ou quatro, quando é o próprio interrogador quem redige o protocolo), é inviável afirmar ao certo de quem partiu originalmente cada palavra, expressão ou frase presentes neles. Quem de fato “passa o texto para o papel”, o escrivão, é, na verdade, quem menos pode ser considerado seu autor no sentido estrito (de propriedade intelectual) da palavra, uma vez que seu papel naquela situação é apenas reproduzir as falas alheias. Para Niehaus & Schmidt-Hannisa (2005, p. 17, tradução nossa), “aquele que protocola não assume o papel de autor, mas de instância que escreve, ele não redige uma obra própria, mas confere durabilidade à contingência de comunicação ocorrida”²⁰⁰.

Se considerarmos, então, que as interferências autorais do escrivão no texto eram praticamente nulas, as instâncias que, de fato, se fazem “ouvir” no texto passam a ser apenas interrogador e interrogado. E, como é de praxe em qualquer circunstância de interrogatório²⁰¹, aquele que dispõe de maior poder na situação (no caso, o interrogador) buscará constantemente se utilizar desse poder para impor sua voz e moldar a voz do outro de acordo com seus próprios interesses. Consequentemente, não se deve perder de vista que “os protocolos foram formulados na linguagem dos perseguidores, isto é, dos interrogadores da *Gestapo*, criminosos do regime nacional-socialista que deixaram nos textos marcas de suas interpretações pessoais²⁰²” (CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 195). No *corpus*, há exemplos nítidos da interferência da visão de mundo dos interrogadores, representantes da ideologia nazista, reproduzidas em primeira pessoa nas falas dos interrogados. Alguns deles serão elencados e analisados na seção 4.2.4 deste trabalho.

Além da problemática da autoria, há ainda outra característica do gênero textual que merece atenção e cautela: o caráter fragmentário dos textos pertencentes a ele, isto é, o fato de eles serem incompletos por natureza. Evidentemente, em uma situação de interrogatório diz-se muito mais do que ficará, depois, registrado nos protocolos. Os critérios gerais, que determinam o que deve ou não ser registrado, estão sempre ligados à situação comunicativa

²⁰⁰ Der Protokollant tritt nicht als Autor in Erscheinung, sondern als schreibende Instanz; er verfasst kein Werk, sondern verleiht der Kontingenz stattgehabter Kommunikation Dauer.

²⁰¹ Ao analisar um *corpus* de exemplares do gênero “termo de interrogatório” produzidos atualmente em delegacias e fóruns brasileiros, comparando-os à gravação completa (em áudio) dos interrogatórios nos quais foram lavrados esses documentos, Nascimento (2007) identifica diversos recursos utilizados pelas autoridades para, ao “retextualizarem” a fala de seu interlocutor e ditarem o resultado ao escrivão, manipular seu conteúdo. A autora chega à conclusão de que as mudanças sintáticas, morfológicas e semânticas realizadas pelo interrogador na fala do interrogado ao longo do processo de retextualização acabam, muitas vezes, servindo como instrumento de apoio à condenação, ao fazer com que tudo o que ele diz seja, de alguma forma, revertido contra si mesmo.

²⁰² Vielmehr wurden Protokolle der Verhöre in der Sprache der Verfolger bzw. vernehmenden Gestapo-Beamten, d. h. der Täter des NS-Regimes, formuliert und von ihnen dabei entsprechende Deutungen darin festgehalten.

específica e à intenção com que o texto foi produzido. No caso dos protocolos que constituem o *corpus*, essa intenção era apurar e possibilitar a punição de opositores do regime nacional-socialista, ao gerar argumentos para a denúncia da Procuradoria do *Reich* e para a posterior sentença do “Tribunal do Povo”. Os critérios eram, então, estabelecidos de forma a concretizar essa intenção: priorizava-se, provavelmente, o registro de declarações que pudessem comprometer ou incriminar os interrogados ou pessoas ligadas a eles, apontando para seu envolvimento no objeto de investigação.

No âmbito intratextual, esse caráter fragmentário manifesta-se, por exemplo, em saltos e cortes bruscos na progressão temática. Estes constituem indícios de que, naqueles locais, houve uma seleção e algo deixou, deliberadamente, de ser registrado. É o que pode ter acontecido no seguinte excerto do primeiro interrogatório de Hans Scholl:

- (f) Ich war damit kaum fertig, als ich die Beobachtung machte, dass der Hausmeister uns zum zweiten Stock folgen würde. Tatsächlich war ich mit meiner Schwester nur wenige Meter von der Abwurfstelle entfernt, als dieser Mann uns auf den Kopf zusagte, dass wir soeben Flugblätter in den Lichthof geworfen hätten.

Der von mir heute Morgen nach meiner Festnahme zerrissene Zettel stammt von Christof Probst [...]. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[Eu mal havia acabado de fazer isso quando percebi que o zelador parecia estar nos seguindo até o segundo andar. Realmente, eu estava com minha irmã a apenas alguns metros de onde os panfletos haviam sido jogados quando esse homem veio na nossa direção, nos deu voz de prisão e disse de cara que tínhamos acabado de jogar panfletos no pátio interno.

O autor da folha que rasguei hoje de manhã depois de ser detido é Christoph Probst [...]

Pouco depois de ser preso, enquanto aguardava a chegada da *Gestapo* à universidade, Hans foi flagrado tentando se desfazer de um papel que estava no bolso de sua jaqueta. Tratava-se de um rascunho de panfleto que tematizava a derrota em Stalingrado e lançava duras críticas à política nacional-socialista. Até então, Hans vinha afirmando em seu interrogatório que encontrara aquele esboço em sua caixa de correio e que desconhecia o autor do mesmo. Mas, no ponto transcrito acima, uma narrativa até então linear dos acontecimentos daquela manhã na Universidade de Munique é subitamente interrompida e dá lugar a uma confissão repentina de que o autor do rascunho seria seu amigo Christoph Probst.

O real motivo dessa lacuna no texto e as informações que deixaram de ser aí registradas não poderão ser plenamente recuperados. O fato de o contexto mais amplo da confissão ter sido “apagado” cria a impressão de que Hans teria delatado Probst

espontaneamente, por iniciativa e vontade próprias. A consulta aos outros documentos da investigação abre, entretanto, caminho para outra possibilidade de interpretação. Em uma busca realizada na casa dos irmãos Scholl, ainda no início da tarde de 18 de fevereiro, os investigadores da *Gestapo* apreenderam, entre outros objetos, algumas correspondências. Essa informação consta no relatório que sintetiza os resultados da busca, hoje preservado junto aos interrogatórios no Arquivo Federal da Alemanha. Dentre as correspondências apreendidas estaria uma carta de Christoph Probst. Frente a isso, autores como Christiane Moll, Detlef Bald e Ulrich Chaussy defendem que a *Gestapo* teria aferido a autoria de Probst a partir de uma comparação entre a caligrafia dos remetentes das correspondências apreendidas na ocasião e a do rascunho de panfleto encontrado com Hans. Apenas quando confrontado com esse fato, Hans Scholl teria confirmado a participação de Probst.

As considerações tecidas até aqui acerca das características gerais do gênero protocolo de interrogatório, bem como a análise da forma como elas se manifestam especificamente no *corpus* deste trabalho, trouxeram percepções que foram importantes para a posterior delineação geral da estratégia tradutória. É o caso da identificação de questões “sensíveis” como a problemática da autoria e o caráter fragmentário dos textos, os quais precisariam ser sinalizados de alguma forma para os receptores da tradução (cf. seção 5.1). O conceito de “retextualização”, compreendido por Marcuschi (2010) como processo de transformação da fala em escrita que envolve diversos níveis e operações, também se tornou relevante para nosso trabalho a partir dessa análise geral do gênero e constituiu, posteriormente, uma diretriz importante para a análise da relação entre oralidade e escrituralidade no *corpus* (seção 4.2.2) e para a sua recriação durante a tradução.

A seção concluída aqui conduziu a uma análise de características do gênero textual “protocolo de interrogatório” sob o viés extratextual, concentrando-se sobretudo na relação entre o gênero e a situação comunicativa na qual ele teve origem. Na seção 4.2.1, destinada à análise do estilo dos textos de partida, tematizaremos o gênero em questão sob uma perspectiva intratextual, abordando questões microlinguísticas ligadas às convenções do mesmo.

4.1.3 A situação comunicativa

De acordo com Niehaus (2003, p. 11), o que caracteriza primeiramente uma situação de interrogatório é a relação dinâmica entre violência e comunicação que a permeia. Essa

relação dá-se em uma interação do tipo “face a face”, na qual os interlocutores estão simultaneamente presentes e, assim, compartilham do mesmo referencial de tempo e espaço. É também, como acentua Alves (1992, p. 77), uma situação de interação assimétrica, dominada e controlada pela “autoridade institucionalizada” (o investigador, delegado, juiz etc.), que lança mão de diversos artifícios de coerção para pressionar o interrogado e levá-lo a falar – e, mais do que isso, a falar a verdade. Por outro lado, para o interrogado o interrogatório é sempre uma situação de constrangimento e opressão (cf. NIEHAUS, 2003, p. 266), a qual exige uma vigilância permanente da própria fala. Afinal, conforme apregoa o senso comum, tudo o que ele disser poderá ser utilizado contra ele próprio.

Uma terceira instância, além de interrogador e interrogado, também está presente na situação de interrogatório. Trata-se do escrivão, que, ao final da sessão, datilografa o protocolo ou termo de interrogatório. Ele, porém, não participa ativamente da interação. Em um estudo sobre o gênero “termo de interrogatório” no contexto jurídico-penal brasileiro, Nascimento (2007, p. 12) confirma que “o escrivão, em regra, não interfere na interlocução empreendida entre o operador do Direito e o acusado/réu. Seu papel é apenas consignar no Termo as palavras que lhe são ditadas pelo operador de Direito”. Em outras palavras, ele “apenas recebe o texto pronto e o consigna graficamente, sem produzir nele qualquer alteração” (loc. cit.). Assim sendo, as interações realizadas em uma situação de interrogatório podem ser assim sistematizadas:

Figura 5 – Triângulo interlocutivo da situação de interrogatório
(adaptado de NASCIMENTO, 2007, p. 12)

Conforme representado na figura, é o interrogador quem articula e controla toda a situação, ocupando no triângulo interlocutivo a posição mais elevada. Ele tem como interlocutores tanto o interrogado, a quem dirige suas perguntas, quanto o escrivão, a quem dita o texto que será lavrado em protocolo. Com o interrogado, ele estabelece um diálogo (simbolizado pela seta bidirecional). Já sua comunicação com o escrivão é, a princípio,

unilateral (conforme sinaliza a seta unidirecional): o último apenas recebe do interrogador o texto retextualizado e o transcreve, sem reagir a ele. Finalmente não há, em princípio, qualquer interação verbal entre o interrogado e o escrivão.

A relação entre os participantes de uma situação de interrogatório pode ser, em suma, compreendida como uma “relação de violência comunicativa²⁰³” (NIEHAUS, 2003, p. 11.), em que o interrogador se utiliza do poder do qual dispõe enquanto autoridade para controlar toda a interação e exercer diferentes formas de violência simbólica (ou concreta, quando são utilizados métodos de tortura) sobre a parte mais fraca – o interrogado.

Em sua obra *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*, Michel Foucault se dedica à análise da violência em situações similares à de interrogatório. De acordo com o autor, a reforma da justiça penal, ocorrida da segunda metade do século XVIII ao início do século XIX em diversos países europeus, levou a uma transfiguração das antigas formas de violência, profundamente severas e ostensivas, utilizadas na punição de delinquentes: “o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo” deu lugar a “punições menos diretamente físicas, uma certa discrição na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação” (FOUCAULT, 1987, p. 12).

Foucault atribui ao interrogatório moderno a designação de “suplício da verdade”, onde a violência exerce-ia-se, em princípio, dessa forma mais velada. Trata-se, segundo ele, de uma situação cruel, mas não selvagem, de “uma prática regulamentada, que obedece a um procedimento bem definido” (FOUCAULT, 1987, p. 59). E acrescenta que “a investigação da verdade pelo suplício do interrogatório é [...] uma maneira de fazer aparecer um indício, o mais grave de todos — a confissão do culpado; mas é também a batalha, é a vitória de um adversário sobre o outro que ‘produz’ ritualmente a verdade”. (FOUCAULT, 1987, p. 60).

Quando a situação de interrogatório acontece no contexto de um regime totalitário, como foi o Nacional-Socialismo, a violência simbólica característica da situação é potencializada ao somar-se ao terror que, na concepção de Hannah Arendt, é constitutivo do Totalitarismo²⁰⁴. O interrogatório torna-se, assim, uma espécie de miniatura da realidade exterior, onde a Justiça funcionava como instrumento de fortalecimento e perpetuação da

²⁰³ Die Beziehung zwischen dem Verhörenden und dem Verhörten läßt sich als ein kommunikatives Gewaltverhältnis auffassen.

²⁰⁴ Em *Da Violência*, Arendt faz uma distinção importante entre poder, terror e violência. Segundo a autora, o poder conquista a obediência através da persuasão. A violência, através da coerção. Já “o terror não é a mesma coisa que a violência; é antes a forma de governo que nasce quando a violência, após destruir todo o poder, não abdica, mas, ao contrário, permanece mantendo todo o controle” (ARENDR, 1985, p. 35).

ideologia dominante. As relações nele estabelecidas e o embate ideológico travado entre interrogador e interrogado podem ser considerados representativos de sua conjuntura histórica, ao passo que refletem as arbitrariedades e as medidas repressivas do regime nacional-socialista.

Existem hoje poucas fontes que permitem compreender mais detalhadamente como era realizada uma situação de interrogatório durante o regime nacional-socialista e, mais especificamente, como foram os interrogatórios conduzidos pela *Gestapo* com Hans e Sophie Scholl. As referências que existem são, sobretudo, relatos pessoais: de Inge Scholl, que colheu diversas informações sobre os últimos dias de seus irmãos na prisão e os publicou em seu livro; de sobreviventes da Rosa Branca que foram interrogados em circunstâncias semelhantes (como Traute Lafrenz, Lilo Fürst, Josef Söhngen e Falk Harnack); dos companheiros de cela de Hans e Sophie Scholl (Helmut Fietz e Else Gebels, respectivamente) e de Robert Mohr, investigador da *Gestapo* que conduziu os interrogatórios de Sophie Scholl.

Esses relatos têm em comum o fato de destacarem, como característica dos interrogatórios conduzidos pela *Gestapo* na época, a sua longa duração:

E então começaram os interrogatórios. Dias e noites, horas e mais horas. Apartados do mundo, sem contato com os amigos e sem saber se algum deles partilhava o mesmo destino. (*Inge Scholl*. In: SCHOLL, 2014, p. 66)

A descrição daqueles interrogatórios intermináveis, o tratamento indigno durante o período vivido na prisão preventiva, as condições de higiene insuportáveis nem cabem no contexto desse relato. (*Josef Söhngen*. In: SCHOLL, 2014, p. 142)

Os meses de maio a setembro de 1944 foram tenebrosos. Interrogatórios penosamente longos. (*Traute Lafrenz*. In: SCHOLL, 2014, p. 151)

No dia da minha chegada, fui atormentada com interrogatórios ininterruptos. (*Lilo Fürst*. In: SCHOLL, 2014, p. 161)

Os interrogatórios intermináveis estenderam-se por dias a fio e eram conduzidos por vários oficiais da *Gestapo* ao mesmo tempo. (*Falk Harnack*. In: SCHOLL, 2014, p. 166)

Uma vez, após um interrogatório que durou horas a fio, ele voltou à cela terrivelmente triste e abatido. (*Helmut Fietz*. In: SCHOLL, 2014, p. 198)

Vocês teriam sido interrogados a madrugada toda e, quase de manhã, depois de terem negado por horas, vocês teriam confessado diante do peso das provas²⁰⁵. (*Else Gebel*. “Em memória de Sophie Scholl”, novembro de 1946, Institut für Zeitgeschichte, Fa 215/Bd. 3).

²⁰⁵ Ihr wäret beide die ganze Nacht verhört worden, gegen morgen hättet Ihr unter dem Druck des Belastungsmaterials, nach vorher stundenlangem Leugnen, gestanden.

Os interrogatórios longos e constantes eram uma estratégia da *Gestapo* para, literalmente, vencer os suspeitos pelo cansaço: esperava-se que, quando chegassem à exaustão, eles dissessem ou confessassem o que a polícia desejava. Para intensificar o esgotamento de seus interlocutores e confundi-los, os interrogadores também costumavam repetir diversas vezes a mesma pergunta, com pequenas variações. Caso o indivíduo entrasse em contradição, era repreendido e insistentemente advertido a dizer a verdade. Josef Söhngen e Traute Lafrenz relataram ter passado por isso quando interrogados:

Foi extremamente difícil responder por horas a fio, de maneira precisa e rápida, sempre às mesmas perguntas com leves alterações. (*Josef Söhngen*. In: SCHOLL, 2014, p. 142)

Não consegui negar por muito tempo que havia visto um panfleto, porém sustentei até o final – mesmo depois de três semanas de interrogatório sobre este único item – a versão de que só havia passado os olhos naquelas linhas e queimado o panfleto logo em seguida. (*Traute Lafrenz*. In: SCHOLL, 2014, p. 148)

Nos protocolos dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl também há indícios dessa estratégia dos interrogadores. Um dos exemplos mais evidentes está no interrogatório de Sophie, quando o interrogador questiona diversas vezes se ela ou seu irmão teriam encontrado alguma correspondência em sua caixa de correio na manhã do dia 18 de fevereiro:

- (a) Frage: Unterhalten Ihr Bruder und Sie regen Briefschaften mit Freunden und Bekannten?

[...]

Frage: Wann kommt in der Regel die Früh- oder Nachmittagspost? Wo befindet sich Euer Briefkasten? Von wem wird der in der Regel entleert? Haben Sie heute Vormittag Post erhalten? Gegebenenfalls wer hat sie aus dem Briefkasten geholt?

[...]

Frage: Es kann also keinem Zweifel unterliegen, dass Sie heute Vormittag beim Verlassen Ihrer Wohnung an der Haustüre des Gartenhauses auf Ihren Bruder warteten, der inzwischen die Wohnungs-Abschlusstüre zugeschlossen hat. Sie hätten es demnach doch sehen müssen, wenn noch weitere Post im Hausbriefkasten gewesen wäre, bzw. wenn Ihr Bruder zu diesem Zeitpunkt etwas aus dem Briefkasten herausholte.

[Pergunta: Você e seu irmão costumam trocar muita correspondência com amigos e conhecidos?

[...]

Pergunta: Que horas chega, em geral, o correio da manhã e da tarde? Onde fica sua caixa de correio? Quem a esvazia, em geral? Hoje de manhã a senhora recebeu correspondência? Em caso afirmativo, quem a tirou da caixa de correio?

[...]

Pergunta: Não pode restar então nenhuma dúvida de que, ao sair de casa hoje de manhã, a senhora esperou na porta da casa dos fundos por seu irmão, que,

enquanto isso, trancava a porta de entrada do apartamento. Portanto, a senhora certamente teria visto se houvesse mais correspondência na caixa de correio da casa ou se seu irmão tivesse retirado algo de lá nesse momento.

[...]

Tais perguntas foram motivadas por uma declaração dada por Hans em seu interrogatório. Quando questionado sobre a origem do rascunho de panfleto encontrado com ele após sua prisão (e que ele tentara destruir secretamente, em vão), Hans afirmou que o teria encontrado em sua caixa de correio naquela manhã, mas não sabia quem era o autor. Diante das várias perguntas do interrogador, que em nenhum momento lhe contou sobre a justificativa dada por seu irmão, Sophie acabou por desmenti-lo, ao garantir que nem ela nem Hans haviam recebido correspondência alguma naquele dia.

Os relatos de sobreviventes trazem ainda outras informações relevantes sobre a forma com que eram conduzidos os interrogatórios. Alguns deles descrevem situações de tortura psicológica às quais foram submetidos ou que presenciaram na ocasião. Falk Harnack e Helmut Fietz (companheiro de cela de Hans Scholl) mencionam que algumas celas da central da *Gestapo* em Munique, destinadas aos prisioneiros que seriam condenados à morte, eram equipadas com uma luz clara e forte, que permanecia ligada durante toda a noite e os impedia de descansar:

Durante todo o tempo (no presídio da *Gestapo*), não estive nenhuma vez ao ar livre. Passei dias e noites dentro da cela iluminada por uma lâmpada elétrica de luz clara e ofuscante. Permaneci trancado em minha cela até mesmo durante os bombardeios a Munique. (*Falk Harnack*. In: SCHOLL, 2014, p. 168)

Todas as noites, uma luz intensa ficava acesa na cela. No presídio, sabia-se que os condenados à morte ocupavam essas celas de iluminação clara. Mesmo sabendo disso, Hans não parecia se incomodar. Ele já contava com a sentença de morte desde o segundo dia de prisão. (*Helmut Fietz*. In: SCHOLL, 2014, p. 201)

Todos os membros da Rosa Branca que passaram pelo presídio do Palácio de *Wittelsbach* foram mantidos presos em celas desse tipo, com exceção de Sophie Scholl. Por ser mulher, ela teria sido contemplada, conforme relata Else Gebel, com uma “cela especial”: “Você recebeu até uma cela de honra, que em geral só abrigava figurões nazistas ‘transviados’. A ‘honra’ consistia em uma janela maior, um armário interno simples e um forro branco para as cobertas²⁰⁶” (Relato de Else Gebel, IfZ, Fa 215/Bd. 3).

²⁰⁶ Du kommst sogar in eine Ehrenzelle, die sonst meist nur „entgleiste“ Nazi-Größen beherrbergt. Die „Ehre“ besteht darin, dass ein größeres Fenster, ein kleiner Spind drin ist und die Decken weiß überzogen sind.

Enquanto o Prof. Kurt Huber foi obrigado a dividir a cela da prisão com criminosos comuns, sua esposa Clara também foi encaminhada a uma (assim designada pela *Gestapo*) “cela especial” durante o tempo que permaneceu em prisão preventiva: “uma cela fria com duas camas dobráveis de madeira e uma mesa pequena, onde as refeições eram, no início, ruins e provocavam asco²⁰⁷” (HUBER, 1986, p. 41).

A alimentação, aliás, também funcionava como joguete da *Gestapo* para torturar seus prisioneiros. Else Gebel, companheira de cela de Sophie Scholl, relatou que os funcionários da prisão chegaram a receber ordens para não darem nada de comer aos irmãos Scholl entre um interrogatório e outro. Dirigindo-se simbolicamente a Sophie, ela disse “um empregado jovem, também prisioneiro, trouxe para você a sopa quente com pão; então tocou o telefone: ‘Os irmãos Scholl não devem comer nada. Eles continuarão a ser interrogados em meia hora’²⁰⁸” (Relato de Else Gebel, IfZ, Fa 215/Bd. 3).

Traute Lafrenz, ex-namorada de Hans Scholl, relatou ter sofrido formas mais duras de tortura psicológica:

Fui conduzida até meu inquiridor Reinhard. Mal cheguei à porta, ele perguntou, berrando, quando eu tinha ouvido emissoras estrangeiras pela última vez (eu não estava nem um pouco preparada para esse tipo de pergunta). Por meia hora ininterrupta, ele me acusou de crimes que eu realmente não havia cometido. Além disso, ele tinha um método próprio de tamborilar com os dedos nos olhos do inquirido. (Traute Lafrenz. In: SCHOLL, 2014, p. 151)

Não são conhecidos, porém, relatos que denunciem o uso de métodos de tortura física durante os interrogatórios conduzidos com membros da Rosa Branca. No pós-guerra, Anton Mahler, um dos funcionários da *Gestapo* que atuaram no caso, foi denunciado por maus-tratos a prisioneiros (chantagem e lesão corporal). Ele foi o responsável pelos interrogatórios de Hans Scholl, Christoph Probst, Kurt Huber, Traute Lafrenz, Hans Hirzel e Franz Müller. Os casos pelos quais foi condenado em 1949 eram, entretanto, posteriores ao da Rosa Branca²⁰⁹.

No que tange especificamente aos interrogatórios de Sophie Scholl, existe ainda outra fonte relevante: um relato redigido em 1950 pelo próprio interrogador, Robert Mohr, a pedido do pai de Sophie (Robert Scholl). Entretanto, ao interpretar essa fonte é necessária a mesma cautela dispensada aos protocolos de interrogatório, uma vez que se trata de uma versão dos

²⁰⁷ (...) so erhielt man uns beiden in sogenannter „Ehrenhaft“, zuerst im Polizeipräsidium in der Ettstraße, in einer kalten Gefängniszelle mit zwei Holzpritschen und einem kleinen Tisch, bei anfangs sehr schlechter und ekelregender Nahrung.

²⁰⁸ Ein Hausbursche, auch Häftling, bringt Dir die heiße Suppe und Brot; da kommt ein Telefonanruf: „Die beiden Scholls dürfen nichts zu essen bekommen. Sie werden in einer halben Stunde weiter verhört“.

²⁰⁹ CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 182.

fatos apresentada por aquele que, na ocasião, era representante de um regime criminoso e defendia os interesses do mesmo. Além disso, em diversos momentos de seu relato, Mohr demonstra claramente ter a intenção de se isentar de sua responsabilidade pela condenação de Sophie à morte.

Não obstante, no relato de Mohr estão presentes algumas informações que encontram respaldo nos relatos de outras pessoas presentes na ocasião – tais quais Helmut Fietz e Else Gebel, já mencionados anteriormente, e Karl Alt, então capelão luterano do presídio de Stadelheim – e no conteúdo dos protocolos de interrogatório. É o caso do trecho a seguir:

Sophie não mediu esforços em tomar toda a culpa para si para, com isso, isentar ou até mesmo salvar seu irmão, a quem amava muito, por sinal. Não tenho dúvidas de que se Sophie Scholl tivesse podido, teria sacrificado sua jovem e promissora vida duas vezes para poupar seu irmão do desfecho trágico. Por outro lado, Hans Scholl demonstrou exatamente a mesma disposição. (*Robert Mohr*. In: SCHOLL, 2014, p. 192)

De fato, Sophie Scholl assumiu em seus interrogatórios uma responsabilidade muito maior do que de fato teve nas ações da Rosa Branca e contou diversas mentiras no intuito de proteger seu irmão e omitir a participação de outros membros do grupo. Hans fez o mesmo e, até onde foi possível, assumiu sozinho a autoria das ações. Muitas das mentiras que foram contadas pelos irmãos Scholl com o objetivo de poupar outras pessoas são identificáveis nos textos dos protocolos de interrogatório. Algumas delas serão reproduzidas abaixo e esclarecidas em seguida.

- (b) Die für Stuttgart bestimmte Briefe zwischen 600 und 700 Stück, habe ich nach Stuttgart mitgebracht und dort aufgegeben. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Levei as cartas destinadas a Stuttgart, entre 600 e 700 unidades, a Stuttgart e as despachei lá].

- (c) Das erste Flugblatt mit der Überschrift „Flugblätter der Widerstandsbewegung in Deutschland. Aufruf an alle Deutsche!“ und dem Schlußsatz „Unterstützt die Widerstandsbewegung, verbreitet die Flugblätter!“, hat mein Bruder zusammen mit mir verfasst und zwar kurz nach Neujahr 1943. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[O primeiro panfleto, de título “Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha. Apelo a todos os alemães!” e com a frase final “Apoiem o movimento de resistência, distribuam os panfletos!”, foi escrito pouco depois do ano novo de 1943 por meu irmão, junto comigo.]

- (d) Als ich im Mai 1942 zu Beginn des Semesters nach München kam, wohnte ich zuerst, da ich kein Zimmer fand, bei meinem Bruder Hans in München, Lindwurmstr. 13. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Quando vim para Munique começar o semestre em maio de 1942, morei primeiro com meu irmão Hans na rua Lindwurmstrasse, nº 13, pois não havia encontrado um quarto para mim.]

- (e) Frage: Wie kamen Sie zu dem bei Ihnen vorgefundenen, jedoch bereits zerrissenen Brief, der mit „Stalingrad. 200 000 Deutsche Brüder wurden geopfert“ beginnt?

Antwort: Als ich heute früh gegen 10.30 meine Wohnung verliess, fand ich im Briefkasten einen Brief vor. Der Umschlag war weiß und erhielt die handschriftlich gefertigte Anschrift: Herrn Hans Scholl, München, Franz-Joseph-Straße 13, Ghs. Den Brief habe ich im Wohnungsgang kurz überflogen und dann zerrissen. (Anton Mahler e Hans Scholl, 18/02/1943)

Pergunta: Como chegou às suas mãos a carta que, embora já rasgada, foi encontrada com o senhor e começa com “Stalingrado! 200 000 irmãos alemães sacrificados”?

Resposta: Quando saí de casa hoje de manhã por volta de 10h30, encontrei uma carta na caixa de correio. O envelope era branco e continha o endereço escrito à mão: “Ao sr. Hans Scholl, Munique. Rua Franz-Josefstrasse, nº 13, casa dos fundos. Li a carta por alto no corredor de casa e rasguei-a.]

- (f) Als etwa um den 10. Februar herum unsere Rückschläge im Osten bekannt wurden und sich infolgedessen die Stimmung innerhalb der Studentenschaften sehr verschlechterte, kam ich auf den Gedanken, dieser Situation gerecht zu werden und ein neues Flugblatt herauszugeben. Ich machte einen Entwurf mit der Überschrift „Studentinnen! Studenten!“ und zog davon etwa 200 Stück ab. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[Quando, por volta de 10 de fevereiro, foram divulgadas as derrotas de nossas tropas no Leste e, em consequência disso, os ânimos pioraram muito na comunidade estudantil, tive a ideia de fazer jus a essa situação e produzir mais um panfleto. Fiz um rascunho com o título “Universitárias! Universitários!” e tirei cerca de 200 cópias dele.]

No exemplo (b), para omitir a participação de sua amiga Susanne Hirzel e dos estudantes de Ulm, Franz Müller e Hans Hirzel, Sophie garante ao interrogador que ela própria teria ido a Stuttgart e despachado lá uma quantidade elevada de panfletos. Na verdade, conforme foi apurado mais tarde, Sophie levou esses panfletos a Ulm e os entregou a Franz Müller e Hans Hirzel que os prepararam para a postagem. Em seguida, Hans Hirzel seguiu com os panfletos para Stuttgart e os despachou lá com a ajuda de sua irmã, Susanne.

No excerto (c), Sophie afirma que ela e seu irmão teriam produzido sozinhos o quinto panfleto do grupo, intitulado “Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha”. Na verdade, a primeira parte do panfleto foi redigida por Hans Scholl e a segunda parte pelo Prof. Kurt Huber. Sophie não teve participação ativa na redação de nenhum dos panfletos distribuídos pela Rosa Branca²¹⁰. A reprodução do quinto panfleto no mimeógrafo foi realizada em conjunto por Hans e Sophie Scholl, Willi Graf e Alexander Schmorell.

²¹⁰ Para lembrar a autoria de todos os panfletos, cf. Quadro 1, p. 64.

A afirmação de Sophie em (d) também não é verdadeira. Sabe-se que quando ela chegou a Munique, morou primeiro na casa do professor Carl Muth, no bairro de Solln. Provavelmente para não chamar a atenção da *Gestapo* para Muth, um dos principais mentores intelectuais da Rosa Branca e participante assíduo dos saraus filosóficos e literários que impulsionaram as ações do grupo, Sophie deixou de mencionar esse fato nos interrogatórios.

Já a resposta de Hans no trecho (e) tinha a intenção de proteger Christoph Probst. A “carta” em questão era um rascunho de panfleto entregue a ele por Probst semanas antes. Probst, casado e pai de três filhos pequenos, era mantido afastado das ações mais arriscadas do grupo. A única prova obtida pela *Gestapo* contra ele foi esse rascunho que, entretanto, bastou para que ele fosse condenado à morte.

Por fim, no excerto (f), Hans assume sozinho a autoria e reprodução do sexto panfleto do grupo, que era dirigido aos estudantes da universidade de Munique. O panfleto foi, porém, integralmente redigido pelo professor Kurt Huber. Durante todos os seus interrogatórios, Hans e Sophie conseguiram esconder da *Gestapo* o envolvimento de Huber na Rosa Branca. O nome dele foi mencionado pela primeira vez nos interrogatórios de Gisela Schertling (namorada de Hans) e sua participação nas ações seria confirmada apenas semanas mais tarde por Alexander Schmorell.

Pode-se dizer, para finalizar, que a tensão inerente à própria situação de interrogatório, somada ao terror do regime totalitário circundante, levou tanto interrogadores quanto interrogados a adotarem uma série de estratégias para se preservarem e concretizarem determinadas intenções. Para os interrogadores, a intenção primordial era levar seus interlocutores a confessarem o envolvimento nas ações apuradas e extrair deles o maior número possível de informações verídicas. Para “acelerar” esse processo, eles lançaram mão de diferentes meios de tortura psicológica (e até alguns meios de tortura física), por exemplo ao privarem os interrogados de alimentação e descanso e deixá-los sem saber o que era feito um do outro e de seus amigos. Já os interrogados, Hans e Sophie Scholl, tinham a intenção primordial de proteger a seus amigos e a si próprios. Esta intenção levou-os, por exemplo, a contar uma série de mentiras (das quais uma pequena amostra foi apresentada nesta seção) e a omitir um grande número de informações e detalhes durante seus interrogatórios.

Na seção 4.4 deste capítulo, voltaremos a abordar estratégias utilizadas por ambas as partes ao longo dos interrogatórios, enfocando especificamente as estratégias linguístico-discursivas. A próxima seção, por sua vez, será destinada a uma descrição mais detida, e

pautada sobretudo em dados biográficos, dos principais participantes da interação: Hans e Sophie Scholl e seus respectivos interrogadores, Anton Mahler e Robert Mohr.

4.1.4 Os participantes da interação

Na manhã de 18 de fevereiro de 1943, depois de presos e conduzidos da universidade à central da *Gestapo* no Palácio de Wittelsbach, Hans e Sophie Scholl foram revistados, levados cada qual a uma cela e, no início da tarde, chamados para o primeiro interrogatório. Enquanto Sophie foi inquirida durante todo o tempo por Robert Mohr, os interrogatórios de Hans couberam sobretudo a Anton Mahler (apenas uma sessão breve do dia 20/02/1943 foi conduzida por Ludwig Schmauß). Conforme o procedimento padrão, durante o tempo em que permaneceram naquele presídio, cada um deles dividiu a cela com um prisioneiro mais antigo, que era incumbido de impedir que os recém-chegados tentassem fugir ou cometessem suicídio. Helmut Fietz e Else Gebel, ambos prisioneiros políticos, foram os respectivos companheiros de cela e confidentes de Hans e Sophie Scholl durante os quatro dias em que eles estiveram presos na central da *Gestapo* em Munique. Os relatos redigidos por ambos pouco depois do fim da guerra fazem parte das escassas fontes disponíveis sobre o decorrer dos interrogatórios e o estado de espírito dos irmãos Scholl entre uma sessão e outra. Fietz e Gebel sublinham os altos e baixos enfrentados por Hans e Sophie na prisão e a postura serena de ambos, que se alternava com momentos de preocupação e com o receio de ter que entregar algum nome à *Gestapo*.

Uma vez, após um interrogatório que durou horas a fio, ele voltou à cela terrivelmente triste e abatido. Hans disse: “Agora talvez eu precise entregar alguém. Não sei mais como posso contornar esta situação”. Esperou pelo próximo interrogatório com o coração apertado. Porém, depois de poucas horas, retornou descontraído e quase eufórico. “Correu tudo maravilhosamente bem, não conseguiram arrancar nenhum nome”, disse, feliz. [...] tais estados de espírito muitas vezes davam lugar a momentos de seriedade. E, apesar disso, eu sempre percebia, justamente pelo que estava por trás da aparente alegria de Hans, o quanto era pesado o fardo de sua responsabilidade. (*Helmut Fietz*. SCHOLL, 2014, p. 198 et seq.)

Te deixam em paz por algumas horas e você dorme pesada e profundamente. Começo a te admirar. Todos esses longos interrogatórios não mudam nada

em teu jeito tranquilo e sossegado. Tua fé profunda e inabalável te dá forças para se sacrificar pelos outros²¹¹. (*Else Gebel*. IfZ, Fa 215/Bd. 3)

Por duas horas fico feliz em poder te dizer que não foi Alex quem foi pego pelos tiras, mas quando menciono o nome de Christl [Christoph Probst] sua expressão passa a ser de perplexidade. Pela primeira vez te vejo desolada²¹². (*Else Gebel*. IfZ, Fa 215/Bd. 3)

No que tange à postura dos interrogadores durante as sessões, a única fonte existente (além dos próprios protocolos) não pode ser considerada confiável. Trata-se do relato de um dos interrogadores, Robert Mohr, redigido em 1951 – ou seja, após o fim da guerra, quando este, enquanto antigo servidor do Estado nacional-socialista, já se encontrava em uma situação naturalmente desfavorável. Em seu relato, cuja origem e pretexto serão descritos mais adiante, Mohr afirma que ele e seus colegas teriam ficado profundamente impressionados e sensibilizados com os irmãos Scholl e, diante disso, os tratado com “bondade e indulgência”:

Apesar de os oficiais atuantes no caso serem criminalistas experientes e com plena consciência do dever, é mais do que compreensível que as desafortunadas vítimas dessa tragédia desfrutassem da completa simpatia e consideração, quando não mesmo da estima de todos os envolvidos. Por tal motivo, o tratamento dispensado aos irmãos foi bastante bom e indulgente. Considerando a grandeza de espírito e de caráter dos interessados, cada um de nós gostaria muito de ter ajudado, se tivesse sido possível, em vez de nos limitarmos a pequenas gentilezas, como foi o caso. (*Robert Mohr*. In: SCHOLL, 2014, p. 194)

A fim de delinear uma imagem melhor fundamentada de Sophie Scholl, Hans Scholl, Robert Mohr e Anton Mahler – os quatro principais participantes das interações que deram origem aos protocolos de interrogatório analisados e traduzidos no presente trabalho –, apresentaremos a seguir dados relevantes da biografia de cada um. No caso de Sophie e Hans Scholl, destacaremos alguns fatos de sua trajetória pessoal que os levaram a entrar em conflito ideológico com o Nacional-Socialismo. Já para Robert Mohr e Anton Mahler, os dados biográficos selecionados são relativos sobretudo à sua carreira nas instituições nacional-socialistas, à forma com que eles eram vistos pelos prisioneiros da *Gestapo* e a seu destino após o fim da guerra.

²¹¹ Für ein paar Stunden lässt man Dich in Ruhe und du schläfst fest und tief. Ich fange an, Dich zu bewundern. All diese stundenlangen Verhöre ändern nichts an deiner ruhigen, gelassenen Art. Dein unerschütterlicher, tiefer Glaube gibt Dir die Kraft, Dich für andere zu opfern.

²¹² 2 Stunden bin ich glücklich, Dir sagen zu können, daß es nicht Alex ist, den die Häscher gefangen haben, aber dein Gesicht zeigt Entsetzen, als ich Dir Christl's [sic] Namen nenne. Zu ersten Mal sehe ich Dich fassungslos.

Figura 6 – Sophie Scholl (1940)

© Manuel Aicher

Sophie Scholl – ou Lina Sofie Scholl, conforme consta em sua certidão de nascimento – nasceu em 9 de maio de 1921 em Forchtenberg, uma pequena cidade do Sul da Alemanha, no vale no rio Kocher. Era a quarta filha de Robert Scholl, político e consultor fiscal, com Magdalena Scholl, antiga noviça da Ordem protestante das Diaconisas. Sophie cresceu junto a cinco irmãos em um ambiente marcado pela profunda religiosidade da mãe e pelo espírito liberal do pai. “Liberdade” foi a palavra de ordem que determinou sua personalidade e trajetória pessoal, embora ela tenha passado toda a sua adolescência e se tornado adulta em um regime totalitário, que procurava se fortalecer justamente a partir da aniquilação da liberdade individual de seus cidadãos.

A contragosto de seu pai, opositor convicto do Nacional-Socialismo, Sophie e seus irmãos viram inicialmente com bons olhos a ascensão de Hitler ao poder. Ela chegou a ir à sua cerimônia de confirmação na Igreja Luterana vestindo o uniforme da Liga de Moças Alemãs (divisão feminina da Juventude Hitlerista), em sinal de apoio ao Estado nacional-socialista. Não demorou muito, porém, para que sua ânsia por liberdade entrasse em conflito com os ditames impostos por aquele Estado. No fim de 1937, ela chegou a ser apreendida junto com seus irmãos em Ulm, para onde a família havia se mudado em 1932. A prisão fora motivada pelo simples engajamento deles em um grupo de jovens fora da Juventude Hitlerista. Nessa mesma época, Sophie conheceu e começou a namorar Fritz Hartnagel, oficial da Força Aérea Alemã. Assim como os dois irmãos e diversos amigos de Sophie, Hartnagel foi enviado ao front durante a guerra e o casal passou a conseguir se encontrar cada vez menos. Mais tarde, em 1941, Sophie, que desejava ingressar logo em um curso universitário

em Munique, onde seu irmão Hans já vivia, foi convocada a prestar o “Serviço Obrigatório para o *Reich*” por seis meses e, em seguida, mais seis meses de Serviço de Auxílio à Guerra.

Diante desses e outros fatos que a levaram a questionar as restrições então impostas pelo governo à vida da população, logo em seu primeiro interrogatório Sophie teria dito abertamente a seu interrogador, Robert Mohr, como ficou registrado em protocolo: “[...] outro motivo, aliás o mais forte deles, para minha aversão ao Movimento é minha percepção de que a liberdade espiritual do ser humano está sendo cerceada de um modo que vai contra a minha essência²¹³” (Sophie Scholl, 18/02/1943).

No início de maio de 1942, pouco antes de seu aniversário de 21 anos, Sophie finalmente conseguiu se mudar para Munique e começou a estudar Biologia e Filosofia na Universidade Ludwig Maximilian. Lá, seu irmão Hans a introduziu em seu círculo de amigos e conhecidos, formado em grande parte por intelectuais (estudantes, filósofos, escritores, artistas plásticos, professores universitários, etc.) que mantinham uma posição crítica em relação ao regime. Entre junho e julho do mesmo ano, Hans Scholl e seu amigo Alexander Schmorell produziram quatro panfletos críticos ao Nacional-Socialismo, reproduziram-nos em um mimeógrafo e enviaram-nos anonimamente pelo correio a centenas de pessoas.

Ainda no segundo semestre de 1942, uma série de acontecimentos fez crescer o conflito de Sophie com o Nacional-Socialismo: um grande amigo da família Scholl, Ernst Reden, morreu no front oriental, para onde Hans, Alexander Schmorell e Willi Graf também haviam sido enviados. Em suas cartas enviadas da Rússia, Fritz contava sobre o grande número de mortes e os crimes cometidos pelas tropas nazistas na guerra. Robert Scholl, pai de Sophie, foi preso em Ulm por ter se referido a Hitler de maneira ofensiva diante de um dos funcionários de seu escritório.

Juntos, esses fatos constituíram o estopim para que Sophie decidisse “partir para a ação” contra o regime. Quando Hans voltou do front oriental e retomou suas ações de resistência, ela passou a participar ativamente delas. Ajudou a adquirir o material para a produção do quinto e sexto panfletos do grupo, a reproduzi-los no mimeógrafo, a selecionar seus destinatários, a preencher e selar os envelopes, a despachá-los em outras cidades e a angariar, em Ulm, colaboradores para as ações. No dia 18 de fevereiro de 1943, Sophie ofereceu-se para, junto com seu irmão, espalhar panfletos à luz do dia na universidade. Esta, que foi a ação mais arriscada do grupo, culminou na prisão dos dois irmãos.

²¹³ Als weiteren und schliesslich als hauptsächlichen Grund für meine Abneigung gegen die Bewegung möchte ich anführen, dass nach meiner Auffassung die geistige Freiheit des Menschen in einer Weise eingeschränkt wird, die meinem inneren Wesen widerspricht.

Figura 7 – Hans Scholl (1940)

© Manuel Aicher

Hans Fritz Scholl nasceu em 22 de setembro de 1918 na cidade de Ingersheim (atualmente Crailsheim, no Sul da Alemanha). Era o segundo filho de Robert e Magdalena Scholl. Sua irmã mais velha, Inge, nascera um ano antes. Quando Hans tinha apenas um ano de idade, a família mudou-se para Forchtenberg, no vale do rio Kocher, onde seu pai assumiu o cargo de prefeito. Em Forchtenberg, nasceram os outros irmãos de Hans: Elisabeth (1920), Sophie (1921), Werner (1922) e Thilde (1925), que morreu com um ano de idade. Juntos, os irmãos Scholl tiveram uma infância alegre, marcada pelo contato próximo com a natureza e pela grande liberdade com que foram educados pelos pais.

Em 1932, a família mudou-se para Ulm. Lá Hans e seus irmãos acompanharam com entusiasmo a ascensão do Nacional-Socialismo ao poder e logo aderiram à Juventude Hitlerista (HJ). Especialmente Hans mostrava-se encantado com o trabalho na HJ. Lá, assumiu cargos de liderança e chegou a ser responsável por um grupo de 160 meninos. Certa vez, foi escolhido para carregar a bandeira da HJ diante do “Führer” durante um comício do partido nazista em Nuremberg.

A Juventude Hitlerista de Ulm foi constituída, inicialmente, sob influência do grupo “Juventude Alemã de Primeiro de Novembro”, oficialmente extinto pelos nazistas em 1933. Quando se reuniam, os integrantes costumavam tocar e cantar canções folclóricas de outros

povos (sobretudo eslavos) que falavam de nostalgia e liberdade. O grupo liderado por Hans, criado em 1935/36, chamava-se “Jungenschaft Trabanten” (Juventude Trabante) e compartilhava dessa tendência regional.

Segundo Inge Scholl, o primeiro desapontamento de seu irmão com o regime nacional-socialista foi motivado pelas proibições e restrições impostas pelos líderes da HJ:

Algum tempo depois, Hans passou por uma estranha transformação; ele já não era o velho Hans de sempre. Algo perturbador entrara em sua vida. Não eram as críticas do pai, pois ele podia ignorá-las fazendo-se de surdo. Era algo diferente. Os líderes haviam dito que as canções estavam proibidas. E como ele rira, fora ameaçado com castigos. Por que ele não poderia cantar aquelas canções, que eram tão bonitas? Só porque foram compostas por outros povos? Ele não conseguia compreender, afligia-se e, aos poucos, começou a se fechar. [...] Parecia cansado, e seu rosto estampava um grande desapontamento. Sabíamos que ele não revelaria o motivo. Porém, aos poucos, descobrimos que a Juventude, apresentada a ele como um ideal, era totalmente diferente do que ele havia imaginado. Na Juventude Hitlerista, o treino soldadesco e os uniformes invadiam a vida pessoal — mas ele desejava que cada jovem pudesse desenvolver o próprio potencial. Achava que cada indivíduo poderia contribuir às atividades do grupo com sua imaginação, criatividade e personalidade (SCHOLL, 2014, p. 24).

Em novembro de 1937, três irmãos de Hans (Werner, Inge e Sophie Scholl) e alguns de seus amigos foram detidos em Ulm, suspeitos de terem participado de grupos juvenis proibidos. Em 13 de dezembro, Hans também foi detido no regimento de cavalaria em Bad Cannstatt, onde prestava o Serviço Militar Obrigatório. Pesavam sobre ele duas acusações: (i) Envolvimento em atividades de conspiração coletiva, por ter liderado uma facção do grupo “Juventude Alemã de Primeiro de Novembro” em Ulm e (ii) Violação do artigo 175 do Código de Direito Penal Alemão (versão de 01/09/1935), que criminalizava relacionamentos homossexuais masculinos e previa pena de até 10 anos de reclusão com trabalhos forçados para quem os praticasse. A segunda acusação baseava-se em declarações de um dos seguidores de Hans na HJ.

Devido a uma intervenção de seu superior no regimento de cavalaria de Bad Cannstatt, Hans foi solto poucas semanas depois, em 30 de dezembro de 1937. O processo foi levado adiante, mas ele pôde aguardar o julgamento em liberdade. Na audiência, ocorrida no Tribunal Especial Político [Sondergericht] de Stuttgart em 02/06/1938, Hans foi condenado a um mês de prisão, mas não chegou a cumprir a pena devido a uma lei de anistia assinada por Hitler na época.

Não obstante, a experiência de ver seus irmãos e amigos sendo presos e de passar, ele próprio, algumas semanas na prisão, abalou Hans profundamente e fortaleceu seu conflito

interno com o Nacional-Socialismo. Assim como Sophie, antes de poder frequentar um curso universitário, Hans também precisou cumprir diversas exigências impostas pelo sistema nacional-socialista. Quando deixou a prisão, Hans reassumiu seu posto no regimento de cavalaria. Em novembro de 1938 concluiu o tempo de serviço militar prescrito por lei e, a fim de cumprir um pré-requisito da época para cursar medicina, ingressou em um curso de enfermagem militar em Tübingen. Em abril de 1939, conseguiu, finalmente, uma vaga na Universidade Ludwig Maximilian de Munique, porém, para ter direito a frequentar o curso, viu-se obrigado a se desdobrar entre os estudos e outras imposições do sistema militar nacional-socialista: foi incorporado a uma Companhia Estudantil de Munique, onde precisava se apresentar regularmente. Nas poucas férias de que dispunha, era enviado ao front ou ao campo para auxiliar na colheita. Em maio de 1940, teve que interromper o curso para atuar no front ocidental como sargento-enfermeiro.

Em meados de 1941, Hans conheceu o professor e editor católico Carl Muth por intermédio de seu amigo de Ulm, Otto Aicher. Começou a frequentar então um círculo de intelectuais críticos ao regime que se reunia em Munique, na casa de Muth ou no ateliê do artista plástico Manfred Eickemeyer. Mais tarde, introduziu ao grupo Alexander Schmorell, seu colega de curso na Universidade Ludwig Maximilian e de Companhia Estudantil. Impulsionados pelas discussões no círculo de Muth, por suas experiências pessoais com o Nacional-Socialismo e por relatos (de amigos, conhecidos e emissoras estrangeiras de rádio) sobre as barbaridades cometidas pelas tropas alemãs nas regiões ocupadas, em junho de 1942, Hans e Schmorell tomaram juntos a iniciativa de produzir panfletos antinazistas e enviá-los a intelectuais e donos de estabelecimentos comerciais de Munique e arredores.

Em 23 de julho de 1943, Hans foi enviado ao front oriental junto com Alexander Schmorell, Willi Graf e outros membros da Companhia Estudantil. As experiências vividas durante os três meses na Rússia marcariam profundamente os três e seriam o ponto de partida para uma certa “radicalização” nas ações da Rosa Branca. De volta a Munique, os estudantes deram início a uma nova fase de ações, mais amplas e arriscadas. O círculo de colaboradores e de destinatários foi expandido, outros dois panfletos (além de um rascunho, esboçado por Christoph Probst) foram produzidos e foram realizadas pichações noturnas em Munique. Na última ação, empreendida na manhã de 18 de fevereiro, Hans e Sophie Scholl foram detidos enquanto espalhavam panfletos na Universidade de Munique.

Figura 8 – Robert Mohr (à direita) com o filho e a esposa (1942)

© Acervo particular (in: CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 181)

Robert Mohr atuou como investigador criminal na central da Polícia Secreta do Estado em Munique de 1938 a 1943. Ocupava o posto de “Secretário Criminal Superior” (*Kriminalobersekretär*), que na hierarquia militar corresponde à patente de tenente, e era encarregado de apurar ações subversivas oriundas de opositores políticos do regime nacional-socialista. Mohr nasceu em 1897 em uma família humilde e numerosa: filho de um mestre de obras, ele tinha oito irmãos. Aprendeu, por necessidade, a profissão de marceneiro, mas não chegou a exercê-la por muito tempo. Combateu na Primeira Guerra Mundial e retornou dela com uma condecoração importante: a cruz de ferro de segunda classe, que foi sua porta de entrada para a profissão de policial. Em 1923, casou-se com Martha Klein, com quem teve seu único filho, Willi Mohr, nascido em 1924.

Robert Mohr afiliou-se ao NSDAP em 01/05/1933, poucos meses depois de Hitler assumir o poder, e desde então tornou-se um nacional-socialista convicto. Integrou-se a diferentes associações e organizações do partido, como o Corpo Nacional-Socialista de Transporte Automotivo (*NS-Fahrkraftkorps*), a Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular (*NS-Volkswohlfahrt*), a Liga Nacional dos Funcionários Públicos Alemães (*Reichsbund der Deutschen Beamten*), a Liga de Defesa Aérea do *Reich* (*Reichsluftschutzbund*) e a Liga Colonial (*Kolonialbund*). Demonstrando absoluta fidelidade ao partido, Mohr fez carreira nas instituições policiais nazistas. De 1933 a 1938 foi chefe de polícia na cidade de Frankenthal (atual estado da Renânia do Norte-Palatinado). Em seguida,

foi destacado para o cargo de investigador na *Gestapo* de Munique²¹⁴, onde permaneceu até 1943.

Na *Gestapo*, Mohr era conhecido por ser um funcionário dedicado e eficiente, que “preparava o caminho” para Roland Freisler – o juiz “carrasco” do Tribunal do Povo nazista – proferir suas sentenças de morte contra opositores políticos do regime. Segundo relatos de pessoas que foram interrogadas por ele, Mohr dispunha de diversas facetas que eram “funcionais para seu trabalho de interrogador e ora perigosas, ora úteis para os prisioneiros²¹⁵” (CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 180, tradução nossa). Durante as sessões de interrogatório, ele costumava criar diante dos suspeitos uma imagem amistosa e prestativa, oferecia-lhes café e cigarros e fazia-os acreditar que sua intenção era apenas ajudar. Em seu relato sobre os dias em que esteve junto a Sophie Scholl na prisão, Else Gebel, afirma: “Pelo menos você [Sophie] tem a sorte de o responsável pelo seu caso ser um dos poucos simpáticos²¹⁶” (IfZ, Fa 215/Bd. 3).

Em meados de 1942, Mohr participou das primeiras investigações instauradas na *Gestapo* de Munique sobre a Rosa Branca, por ocasião da distribuição via correio dos quatro primeiros panfletos do grupo. Como as ações cessaram em pouco tempo, devido ao destacamento de seus autores, Hans Scholl e Alexander Schmorell, para o front oriental, o inquérito foi arquivado por falta de provas. No fim de janeiro de 1943, entretanto, novos panfletos considerados subversivos surgiram em Munique e outras cidades do Sul do *Reich*. E, desta vez, não foram distribuídos apenas pelo correio: milhares deles haviam sido espalhados pelas ruas da cidade ao longo de uma madrugada. Além disso, por duas vezes, fachadas de casas e estabelecimentos de Munique amanheceram pichadas com dizeres antinazistas: “Abaixo Hitler!”, “Liberdade!” e “Hitler, assassino em massa!”. Diante desse novo quadro, Robert Mohr recebeu de seu superior Oswald Schäfer, chefe da *Gestapo* em Munique, a incumbência de liderar a comissão especial criada com a função exclusiva de apurar os responsáveis por esses panfletos e pichações, que estariam causando grande preocupação no alto escalão do NSDAP em Berlim²¹⁷.

Mohr começou a trabalhar no caso entre o fim de janeiro e início de fevereiro de 1943, ordenou que fossem realizados diversos tipos de perícia nos panfletos e envelopes apreendidos e encomendou a um professor da universidade de Munique, Richard Harder, uma

²¹⁴ Cf. CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 177.

²¹⁵ Robert Mohr [verfügte] über viele Facetten. Sie waren funktional für seine Verhörarbeit, mal gefährlich, mal hilfreich für die Gefangenen.

²¹⁶ Wenigstens hast du das Glück, einen der wenigen sympathischen Sachbearbeiter zu haben.

²¹⁷ SCHOLL, 2014, p. 190.

análise filológica dos textos, que traria revelações sobre o perfil de seus autores. Por volta das 11 horas da manhã do dia 18 de fevereiro, pouco depois de os primeiros laudos, que já apontavam para a inserção dos autores dos panfletos no meio universitário, chegarem às suas mãos, Mohr recebeu um telefonema da universidade, informando que dois estudantes haviam sido presos em flagrante ao espalharem lá um grande número de panfletos. Deslocou-se, então, até a universidade e levou presos de lá Hans e Sophie Scholl. Pouco depois, comandou a primeira busca na casa dos dois, onde foram apreendidos diversos objetos, anotações e correspondências e, no começo da tarde, deu início aos interrogatórios de Sophie Scholl, com os quais se ocupou até 21 de fevereiro. Além de Sophie, Mohr foi o principal interrogador de Willi Graf, Anneliese Graf e Susanne Hirzel.

O caso da Rosa Branca foi o último trabalho de Mohr na *Gestapo* de Munique. Depois dele, frequentou um curso na academia superior de polícia em Berlim e foi enviado em seguida como chefe de polícia para a região da Alsácia. Antes do fim da guerra, ainda assumiu cargos de liderança nas cidades de Freiburg e Bieterschied (sua cidade natal), onde permaneceu até o fim da guerra. Em 1947, Mohr foi preso pelos franceses e interrogado acerca de suas atividades durante o tempo em que trabalhou na Alsácia. Permaneceu preso por cerca de dois anos e, depois, começou a entrar em contato com pessoas que havia interrogado durante o regime nacional-socialista, as quais poderiam testemunhar a seu favor caso ele viesse a ser processado por algum Tribunal de Desnazificação [*Spruchkammer*]²¹⁸.

As correspondências trocadas entre Robert Mohr e Robert Scholl em 1950 e 1951, hoje arquivadas junto ao espólio de Inge Scholl no Instituto de História Contemporânea de Munique, são um pouco posteriores a essa época. O acesso a elas permaneceu restrito por décadas e apenas recentemente, em dezembro de 2014, foi liberado pela primeira vez a pesquisadores. Seu conteúdo é impactante. Foi Mohr quem tomou a iniciativa de entrar em contato com o pai dos irmãos Scholl, dando a entender que estava arrependido do papel que desempenhara durante o regime nacional-socialista. Sua primeira carta, datada de 30 de junho de 1950, começa da seguinte forma:

Prezado Senhor Scholl!

Quando me despedi do senhor há oito anos, após uma conversa significativa na sala de interrogatórios da cadeia de Ulm, o senhor manifestou o desejo de voltar a entrar em contato comigo futuramente. Caso o senhor ainda tenha interesse nisso, coloco-me espontaneamente à disposição. Se eu o deixei esperar tanto por mim, isso se deve ao fato de que eu pretendia esperar o encerramento do expurgo político. O processo contra mim foi arquivado

²¹⁸ CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 182.

somente em fevereiro deste ano. Para mim, esta é apenas uma questão formal, pois, mais do que qualquer processo, foram o tempo e a experiência pessoal que me desnazificaram de verdade. Enquanto isso, o “caso Scholl” entrou para a História e passou a ser reconhecido como sofrida tragédia humana nos tempos mais duros. Assim, hoje me dói saber que tive que ser justamente eu o escolhido para servir de auxiliar à megalomania e ao despotismo²¹⁹. (Robert Mohr. Carta de 30/06/1950 a Robert Scholl. IfZ, ED474/Bd. 289, tradução nossa)

Nessa mesma carta, Mohr também relata a Robert Scholl as mudanças drásticas provocadas em sua vida devido à queda do Nacional-Socialismo:

Desde maio de 1945 estou fora de serviço. Não fui poupado de uma detenção mais longa, com todos os desgostos que a acompanham. De lá para cá, trabalhei no campo, em fábricas e por último como guarda noturno de uma indústria. Tive que abandonar essa atividade devido a uma doença grave e no momento estou desempregado²²⁰. (Robert Mohr. Carta de 30/06/1950 a Robert Scholl. IfZ, ED474/Bd. 289, tradução nossa)

Nessa carta e nas subsequentes, Mohr procura convencer o pai de Hans e Sophie Scholl de que sempre fez o que esteve a seu alcance para amenizar o fardo e ajudar, de alguma forma, aos que eram interrogados por ele, deixando, para isso, até mesmo de registrar uma coisa ou outra nos protocolos²²¹. Em suas cartas a Mohr, Robert Scholl demonstra acreditar nessa versão dos fatos. Ele, que também chegou a ser interrogado por Mohr em 1943, escreve em sua resposta à primeira carta do ex-agente da *Gestapo*: “eu sei que o senhor também tratou meus queridos filhos com decência em Munique. Antes de morrerem, eles ainda me relataram isso, separados um do outro, no presídio de Stadelheim²²²” (Robert Scholl. Carta de 05/07/1950 a Robert Mohr. IfZ, ED474/Bd. 289). Na mesma carta, Robert Scholl ainda diz que não guarda ressentimentos de Mohr, consola-o e chega a lhe oferecer apoio:

²¹⁹ Sehr geehrter Herr Scholl!

Als ich mich vor 8 Jahren, nach bedeutungsvoller Aussprache im Vernehmungszimmer des Gefängnisses in Ulm von Ihnen verabschiedete, äußerten Sie den Wunsch, im späteren Leben nochmals mir in Berührung zu kommen. Sofern Sie auch jetzt noch daran interessiert sein sollten, stehe ich Ihnen bereitwillig zur Verfügung. Wenn ich lange auf mich warten ließ, so deshalb, weil ich den Abschluss meiner politischen Säuberung abwarten wollte. Erst im Februar ds. Js. wurde das Verfahren gegen mich eingestellt. Darin sehe ich lediglich eine Formsache, denn besser als jedes Verfahren hat mich die Zeit, das eigene Erlebnis tatsächlich entnazifiziert. Daneben ist der „Fall Scholl“ in die Geschichte eingegangen und erfuhr als leidvolle, menschliche Tragödie in schwerster Zeit seine letzte Rechtfertigung. So schmerzt es mich heute, dass ausgerechnet ich es sein musste, der hier dazu ausersehen war, dem Größenwahn und der Despotie Handlangerdienste zu leisten.

²²⁰ Seit Mai 1945 bin ich außer Dienst. Eine längere Internierung mit all den üblen Begleiterscheinungen blieb mir nicht erspart. Inzwischen arbeitete ich in der Landwirtschaft, in der Fabrik, zuletzt als Nachtwächter in einem größeren Industrie-Unternehmen. Diese Tätigkeit musste ich wegen schwerer Erkrankung aufgeben und bin nun arbeitslos.

²²¹ Em sua carta de 30/06/1943, Mohr afirma, por exemplo, que ao deixar de registrar nos protocolos de interrogatório de Robert Scholl uma declaração do mesmo (de que compartilhava da posição ideológica de seus filhos), o teria poupado de ter o mesmo destino de Hans e Sophie.

²²² Ich weiss, dass Sie auch gegen meine lieben Kinder in München anständig waren. Diese haben es mir noch vor ihrem Tode unabhängig von einander in Stadelheim berichtet.

“Mas não pense que em algum momento meu coração se encheu de ódio. [...] Seja paciente! Para o senhor também chegará o dia em que a angústia desaparecerá. Me coloco, com prazer, à disposição para ajudá-lo nisso²²³” (*Robert Scholl*. loc. cit.). Ao final, o pai dos irmãos Scholl pede um favor a Mohr:

Como o senhor pode imaginar, ficamos felizes com qualquer vestígio de lembrança dos últimos momentos de nossos queridos. Nunca recebemos qualquer uma das cartas que eles escreveram naqueles últimos dias, passados no Palácio de Wittelsbach e em Stadelheim. Eu lhe seria muito grato se o senhor recuperasse da memória e me escrevesse tudo o que ainda sabe sobre aqueles dias²²⁴. (*Robert Scholl*. loc. cit., tradução nossa)

Em 21 de fevereiro de 1951, Mohr atendeu ao pedido de Robert Scholl e enviou-lhe um relato detalhado, de seis páginas, sobre os quatro últimos dias dos irmãos Scholl na prisão. Anos mais tarde (em 1976), a filha mais velha de Robert Scholl, Inge, publicaria esse relato, com alguns cortes, na edição ampliada de seu livro *Die Weiße Rose*. No relato, Mohr afirma, entre outras coisas, que teria tentado por duas vezes salvar a vida de Sophie Scholl, induzindo-a durante os interrogatórios a colocar toda a culpa das ações em seu irmão e dizer que havia sido persuadida por ele a tomar parte nas ações da Rosa Branca. Sophie, entretanto, teria se negado prontamente a fazê-lo.

Robert Mohr tinha um filho, Willi, apenas três anos mais novo que Sophie. Em entrevista a Chaussy & Ueberschär e à revista *Spiegel* (cf. THEILE, 2005), Willi Mohr afirmou que, embora todos conhecessem seu pai como um homem tranquilo e comedido, em casa ele costumava agir com fúria e explodia diante de qualquer crítica de seu filho à guerra ou ao Nacional-Socialismo de forma geral, chegando a agredi-lo com frequência: “isso acontecia sempre que ele era confrontado em sua própria casa com as mesmas dúvidas [...] que investigara na *Gestapo* sob as designações de corrupção do poderio militar alemão, favorecimento do inimigo, derrotismo e preparação de alta traição²²⁵” (CHAussy & UEBERSCHÄR, 2013, p. 179). A personalidade e a biografia de Robert Mohr são, como

²²³ Aber glauben Sie nicht, dass mein Herz jemals von Hass beseelt war. (...)Haben Sie Geduld! Auch für Sie wird der Tag kommen, da die Sorge schwindet. Ich bin gerne bereit, Ihnen bei Gelegenheit beizustehen.

²²⁴ Wie Sie sich denken können, sind wir glücklich für jedes Zeichen der Erinnerung an die letzte Zeit unserer Lieblinge. Wir haben nie einen der Briefe erhalten, die sie einst in den letzten Tagen, im Wittelsbacher Palais und in Stadelheim geschrieben haben. Sie würden mich zu grossen Dank verpflichten, wenn Sie aus Ihrer Erinnerung alles niederschreiben würden, was Sie aus jenen paar Tagen noch wissen.

²²⁵ Der sonst ruhige Mann konnte zu Hause seinem Sohn gegenüber fast ansatzlos in Aggression ausbrechen. Das geschah immer dann, wenn er in den eigenen vier Wänden mit genau den Zweifeln aus dem Mund seines Sohnes konfrontiert wurde, die er in seiner Gestapo-Tätigkeit unter den Überschriften Wehrkraftzersetzung, Feindbegünstigung, Defaitismus oder Vorbereitung zum Hochverrat untersuchte.

pudemos aferir até aqui, marcadas por diversas contradições e pela facilidade de agir em cada situação conforme lhe parecia mais vantajoso. No fim de sua vida, Mohr trabalhou como empregado nos balneários de Bad Dürkheim. Faleceu em 1977, na cidade de Ludwigshafen.

Figura 9 – Anton Mahler (interrogador de Hans Scholl)

Fonte: Documentário *Die Widerständigen* (direção: Katrin Seybold)

As informações sobre Anton Mahler, agente da *Gestapo* responsável pelos interrogatórios de Hans Scholl, Christoph Probst, Kurt Huber, Traute Lafrenz, Hans Hirzel e Franz Müller, são bem mais escassas. Sabe-se que ele era “Secretário Criminal” [*Kriminalsekretär*] – posto correspondente à patente de primeiro-sargento na hierarquia militar– na central da *Gestapo* em Munique, onde atuava no departamento de combate à oposição comunista. Mahler também era segundo-tenente [*Untersturmführer*] da SS e, em 1941, tomou parte em uma das “Unidades Móveis de Extermínio” [*Einsatzgruppen*], forças-tarefas encarregadas de assassinar sistematicamente inimigos do regime. Na época, sua unidade participou do extermínio de 45 000 pessoas – em sua maioria judeus – na atual Bielorrússia.

As outras informações que se tem de Anton Mahler são posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial. Por ser funcionário da *Gestapo*, ele incorreu na “prisão automática” [*automatic arrest*] proclamada pelos americanos e foi conduzido a um campo próximo a Ratisbona, onde foi exaustivamente interrogado. Depois de libertado, ainda foi processado por chantagem e lesão corporal a prisioneiros durante o exercício de sua função na *Gestapo*. De

acordo com Chaussy & Ueberschär (2013, p. 184), nessa época Mahler teria escrito uma carta a Robert Scholl pedindo-lhe uma declaração de que, assim como Robert Mohr, havia tratado seus filhos com respeito, com o intuito de utilizá-la como defesa no processo. Scholl, entretanto, não atendeu ao pedido. O julgamento foi realizado em 1949 pelo Primeiro Tribunal Regional de Justiça [*Landgericht I*] de Munique. Mahler foi condenado a 5 anos de reclusão com trabalhos forçados, mas fugiu do tribunal durante o último intervalo, antes do pronunciamento da sentença. Desapareceu com o auxílio do serviço secreto americano, CIC [*Counter Intelligence Corps*] para o qual passou a trabalhar no combate à “ameaça comunista”, sua especialidade²²⁶.

Para ser admitido no CIC, Mahler passou por diversas entrevistas com o agente Herbert Bechthold, nas quais eram abordadas, entre outras coisas, as formas de ação do Partido Comunista Alemão (KPD – *Kommunistische Partei Deutschlands*) e exemplos de casos investigados por ele durante sua atividade na *Gestapo*. Em uma das entrevistas, registrada por escrito por Bechthold em 14 de julho de 1950, Mahler tematizou sua participação no caso da Rosa Branca. Seu relato, intitulado “Sedition Activities of the Scholl Twins”, é repleto de distorções propositas. Nele, Mahler caracteriza as ações da Rosa Branca como tentativa de golpe comunista originária de um grupo de homens homossexuais. Segundo ele, Hans Scholl provinha de uma família de orientação marxista, desprovida de qualquer religiosidade e, quando jovem, teria liderado excursões de adolescentes à Rússia bolchevique. O conteúdo dos panfletos distribuídos pelo grupo seria ateuista e teria como objetivo propagar o Bolchevismo. Mahler afirma ainda que, durante os interrogatórios, Hans Scholl teria elogiado o Comunismo e defendido uma aliança entre a Alemanha e a União Soviética²²⁷. Bastante impressionado com o “currículo” e as declarações de Mahler, Herbert Bechthold aprovou sua admissão na CIC. Em 1953, as pistas de Mahler se perderam. Não se sabe como nem onde ele morreu.

Nessa primeira seção do capítulo 4, analisamos os elementos extratextuais mais relevantes para a compreensão e tradução do *corpus* deste trabalho. Eles relacionam-se à função e ao gênero textual, à situação comunicativa em que os protocolos de interrogatório foram redigidos e aos participantes das interações que os originaram. Assim, constituirão a base para a análise dos elementos internos aos textos de partida, referentes ao plano microlinguístico. Estes serão abordados nos itens que compõem a próxima seção.

²²⁶ CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 182 et seq.

²²⁷ United States Army Intelligence and Security Command, Fort George Mead, Maryland, Case #116F-05 Anton Mahler, Exploitation of former Gestapo Personnel, File XII-5157.4, 14.7.1950 (apud CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 183)

4.2 Perspectiva intratextual

No modelo de Christiane Nord, a perspectiva intratextual engloba características linguísticas do próprio texto, tomado como instrumento de comunicação. A autora defende que essas características devem ser avaliadas de acordo com sua função em relação ao todo textual e discursivo. Algumas delas estariam ligadas a condições da situação (como a inserção temporal e espacial) que não podem ser controladas ou alteradas pelo emissor; outras seriam estabelecidas por uma decisão tomada antes da produção textual (como a escolha da mídia pela qual o texto será veiculado e dos destinatários) e outras, ainda, seriam determinadas de forma relativamente rígida pelas convenções de gênero²²⁸.

Nord propõe que as características intratextuais sejam analisadas a partir de oito fatores. São eles: temática (*sobre o quê?*), conteúdo (*o quê?*), pressuposições (*o que não é dito?*), organização textual (*em que sequência?*), elementos textuais não-verbais, como imagens e tabelas (*com quais elementos não-verbais?*), léxico (*com quais palavras?*), sintaxe (*em quais frases?*) e elementos suprasegmentais (*em qual tom?*). O quadro abaixo sintetiza e destaca aspectos relevantes no *corpus* para cada um desses fatores que serão melhor detalhados nas próximas subseções.

Quadro 6 – Síntese dos fatores intratextuais no *corpus*

Sobre o quê?	Hipertema: envolvimento dos interrogados nas ações da Rosa Branca. Há ainda diversos subtemas, determinados pelas perguntas do interrogador.
O quê?	Conteúdo profundamente ligado à realidade extratextual. Falhas de coesão causadas pelo apagamento das perguntas do interrogador e pela omissão de determinadas informações.
O que não é dito?	Alusões implícitas à realidade da época (embate ideológico, vocabulário nazista) que precisarão ser explicitadas na tradução.
Em que sequência?	Macroestrutura: ficha introdutória seguida da retextualização do “diálogo” entre interrogador e interrogado (o texto corrido, composto de relatos mais longos do interrogado, é sucedido por sequências de pergunta e resposta). Progressão temática com cortes abruptos (sinal de que algo foi omitido).
Com quais elementos não-verbais?	Apenas a ficha introdutória, com <i>layout</i> próprio.

²²⁸ NORD, 2009, p. 92.

Com quais palavras?	Vocabulário jurídico-burocrático e palavras cunhadas e ressignificadas pelo Nacional-Socialismo.
Em quais frases?	Predomínio da hipotaxe, ausência de frases imperativas. Anteposição de rema como recurso frequente de ênfase
Em qual tom?	Não se aplica a textos escritos

Conforme aponta Nord (2009, p. 92 et seq.), tema e conteúdo são veiculados sobretudo pelos elementos lexicais conectados por recursos de coerência e coesão, e, junto com as pressuposições, constituem o plano semântico do texto. Já a organização textual, os elementos não-verbais, o léxico, a sintaxe e as características suprasegmentais dizem respeito a questões mais formais, que constituem o estilo do texto. Este será tematizado na seção a seguir.

4.2.1 O estilo

Uma das acepções apresentadas no dicionário Houaiss para o verbete *estilo* é o “modo pelo qual um indivíduo usa os recursos da língua para expressar, verbalmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, ou para fazer declarações, pronunciamentos, etc.”²²⁹. Essa definição vai ao encontro daquela proposta por Christiane Nord para o conceito de *estilo textual*, segundo a qual “o ‘estilo’ de um texto refere-se à forma com que as informações a serem transmitidas são apresentadas ao destinatário²³⁰” (NORD, 2009, p. 92, tradução nossa). Concepções como essas diferenciam-se de qualquer conceito prescritivo de estilo por não se basearem em um juízo de valor que busca determinar quais seriam as características de um “bom” estilo. Também se distinguem da noção de estilo como sinônimo de originalidade e autenticidade por não implicarem necessariamente no desvio de normas e convenções (NORD, loc. cit.).

Neste trabalho, adotaremos a concepção de estilo de Nord, que o compreende ainda como “seleção dentre diversas possibilidades de expressão” (NORD, 2009, p. 93) orientada tanto por normas e convenções quanto pela intenção do emissor. Essa seleção, por um lado, revela algo sobre o emissor e suas concepções e, por outro, serve para guiar a recepção de um

²²⁹ HOUAISS, 2009, p. 835.

²³⁰ Der „Stil“ eines Textes bezeichnet die Art und Weise, in der die zu vermittelnden Informationen dem Empfänger dargeboten werden.

texto (NORD, loc. cit.). Portanto, é importante que o tradutor saiba reconhecer as principais características e recursos estilísticos presentes em seu texto de trabalho. Somente assim, e tendo sempre em mente a função pretendida para o TC, ele estará em condições de buscar recursos análogos na língua de chegada e, quando estes não existirem ou não forem adequados à função pretendida, refletir sobre formas de adaptá-los ou compensá-los.

No *corpus* deste trabalho, é possível reconhecer componentes de, pelo menos, três variantes estilísticas distintas: o estilo nacional-socialista, que será abordado mais a fundo na seção 4.3; o estilo burocrático, ligado ao âmbito institucional em que foram produzidos os textos e a seu gênero textual, e, por fim, os estilos individuais dos sujeitos envolvidos na interação. Em uma obra integralmente dedicada a descrever e analisar o “estilo nacional-socialista”, Braun (2007, p. 143) afirma que, tão logo assumiram o poder, os nazistas converteram em estilo oficial o estilo próprio do NSDAP, caracterizado basicamente por seu caráter exclamativo e “inflado” e por basear-se primordialmente nos estilos individuais de Hitler (em seus discursos e em seu livro, *Minha Luta*) e Goebbels (em seus discursos)²³¹. Adotado anteriormente na comunicação interna do partido, a partir de 1933 o estilo nacional-socialista passou a ser incutido na população através da propaganda e logo começou a ser adotado nas outras instituições em geral.

No plano microlinguístico, alguns elementos característicos seriam, segundo Braun (2009, p. 221 et seq.), o uso frequente de palavras e metáforas ligadas à ideia de competição e luta – que emprestam à linguagem o mesmo efeito dinâmico que se atribuía ao “movimento nacional-socialista” –, a abundância de siglas e abreviações, a preferência pelo “estilo nominal” (*Nominalstil*) e, no âmbito do léxico, o uso de palavras criadas (ou ressignificadas) pelo Nacional-Socialismo.

Nos protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl, é possível reconhecer muitos desses elementos. O emprego de siglas, como as reproduzidas a seguir é, por exemplo, bastante frequente nesses textos:

(a) RAD (*Reichsarbeitsdienst*)

[Serviço Obrigatório do Reich]

NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*)

[Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães]

²³¹ Cf. também KLEMPERER, 2009.

BDM (*Bund Deutscher Mädel*)

[Liga de Moças Alemãs]

HJ (*Hitler-Jugend*)

[Juventude Hitlerista]

KOS (*Kriminalobersekretär*)

[Secretário Criminal Superior]

KS (*Kriminalsekretär*)

[Secretário Criminal]

VA (*Verwaltungsangestellte*)

[Funcionário administrativo]

Além de ser, conforme aponta Klemperer (2009, p. 47), uma característica do estilo nacional-socialista, a abundância de siglas e abreviações também é representativa do estilo burocrático, pois está ligada à forma com que os textos foram produzidos: como o funcionário da *Gestapo* precisava datilografar o texto com agilidade, acompanhando a velocidade da fala, o uso de siglas e abreviaturas era funcional. Entretanto, nem sempre as abreviações eram feitas de maneira lógica ou seguiam algum padrão. Nesses casos, elas se converteram, no *corpus* deste trabalho, em um desafio à tradução, por constituírem, a princípio, um empecilho à compreensão dos textos de partida. É o caso das abreviaturas “Rckg.” (*Rückgebäude*, prédio dos fundos) e “Sond.” (*Sonderkommission*, comissão especial), cujo significado só foi decifrado durante um período de estágio em Munique com a ajuda de estudiosos especialistas no grupo de resistência A Rosa Branca.

- (b) Den Vervielfältigungsapparat [...] haben wir vor 14 Tagen oder 3 Wochen in dem Atelier des Kunstmalers Eyckemeir, Leopoldstr. 38, **Rckg.**, hinterstellt.
(Sophie Scholl, 18/02/1943)

[O mimeógrafo [...] nós guardamos há 14 dias ou três semanas no ateliê do artista plástico Eickemeyer, Rua Leopoldstrasse, nº 38, **prédio dos fundos.**]

- (c) Sond.

[Comissão especial]

O estilo nominal, apontado por Braun (2007) como típico dos textos e discursos nacional-socialistas, também é simultaneamente uma característica do estilo burocrático e faz-se presente de diversas formas nos protocolos. É própria dele a substantivação recorrente de

verbos, geralmente sucedida de genitivo e deslocada para o início da oração, como nos exemplos a seguir:

- (d) **Beim Abführen der Universität** traf ich noch innerhalb des Gebäudes mit Gisela Schertling zusammen. (Hans Scholl, 18/02/1943)

abführen (com inicial minúscula): verbo (conduzir, levar preso)

das Abführen (com inicial maiúscula): substantivo

[Ao ser levado preso da universidade encontrei, ainda dentro do prédio, Gisela Schertling.]

- (e) **Beim Anbringen der Aufschriften und beim Verteilen der Flugschriften** haben Schmorell und ich nie eine Schusswaffe oder eine sonstige Verteidigungswaffe bei uns geführt. (Hans Scholl, 20/02/1943)

anbringen (com inicial minúscula): verbo (afixar, fazer, colocar)

das Anbringen (com inicial maiúscula): substantivo

[Enquanto fazíamos as pichações e distribuíamos os panfletos, eu e Schmorell nunca portamos uma arma de fogo ou qualquer outra arma de defesa.]

- (f) **Zum Besorgen der Maschine** benötigte er höchstens eine Woche. (Hans Scholl, 20/02/1943)

besorgen (com inicial minúscula): verbo (conseguir, providenciar)

das Besorgen (com inicial maiúscula): substantivo

[Ele precisou de no máximo uma semana para conseguir a máquina]

Também é próprio do estilo nominal o uso frequente de participípios expandidos: estruturas que desempenham na oração a função de atributo e são ampliadas por algum tipo de complemento (em geral um advérbio modal e/ou um objeto preposicionado). Tais construções evitam o uso excessivo de orações relativas e criam, assim, um efeito de concisão no texto. Quando apresentam um número elevado de complementos denotam ainda certo rebuscamento estilístico – ou pelo menos a tentativa de atingi-lo, como era comum nos discursos nazistas. Alguns exemplos do uso de participípios expandidos no *corpus* serão reproduzidos nos trechos a seguir:

- (g) {Das **von mir benötigte** Schreibpapier}, meist nur Briefpapier erhalte ich von meinen Eltern zugeschickt. (Hans Scholl, 18/02/1943)

von mir: objeto preposicionado (“por mim”)

benötigte: núcleo do atributo (“necessitado”)

[Meus pais enviam-me todo {o papel de que necessito}, praticamente só papel de carta]

- (h) {Die **zum Schreiben der Flugschriften verwendete**} Remingtonmaschine bekam ich Anfang Januar 1943 von Schmorell. (Hans Scholl, 20/02/1943)

zum Schreiben: objeto preposicionado (“para escrever”)

der Flugschriften: objeto no genitivo (“dos panfletos”)

verwendete: núcleo do atributo (“utilizada”)

[No início de janeiro de 1943, Schmorell me entregou {a máquina Remington **utilizada na redação dos panfletos**}.]

- (i) Andererseits war mir {die Behandlung der **von uns besetzten** Gebiete und Völker} ein Greuel. (Hans Scholl, 18/02/1943)

von uns: objeto preposicionado (“por nós”)

besetzten: núcleo do atributo (“ocupadas”)

[Por outro lado, o tratamento dado {aos povos e às regiões **por nós ocupadas**} me causava horror].

Ainda em relação ao estilo nacional-socialista, também são recorrentes nos protocolos palavras representativas da ideologia nazista, as quais serão objeto de análise da seção 4.3.1. Abordaremos daqui em diante componentes específicos da segunda variante de estilo identificada no *corpus*: o estilo burocrático. Trata-se de um estilo relacionado, primeiramente, ao contexto institucional em que os protocolos foram produzidos: a *Gestapo* era uma repartição oficial do NSDAP e, enquanto tal, integrava o corpo burocrático do Estado nacional-socialista. Frente a isso, o estilo dos protocolos compartilha de propriedades comuns a textos produzidos corriqueiramente, à época, em contextos institucionais semelhantes (como cartórios, delegacias e tribunais).

Além disso, o estilo burocrático é característico do gênero “protocolo de interrogatório”, no qual, como mencionamos nas seções 4.1.1 e 4.1.2, predomina a função informativa. Esta visa à apuração da verdade, que é registrada por escrito e, dessa forma, conservada e tornada “válida” perante a lei. Sendo assim, pudemos apreender determinadas palavras e estruturas presentes nos textos dos protocolos que apontam para essa função e intenção inerentes ao gênero. É o caso, por exemplo, dos verbos *anführen* (citar), *angeben* (declarar), *erklären* (esclarecer), *bestreiten* (negar, refutar), *vorhalten* (confrontar) e de seus substantivos derivado, os quais se revelaram consideravelmente frequentes no *corpus*, conforme exemplificado nos trechos abaixo:

- (j) Zum Schlusse meiner **Angaben** möchte ich noch **anführen**, dass ich nun alles **angegeben habe**, was mir von dem Ermittlungsgegenstand überhaupt bekannt ist. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[Para encerrar minhas **declarações**, quero **citar** ainda que **declarei** tudo o que sei sobre o objeto de investigação.]

- (k) Ich möchte ausdrücklich **erklären**, dass meine Schwester auch die Schablonen, die Farben und die Pinsel nicht gesehen hat. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[Também quero **afirmar** com todas letras que minha irmã não viu o moldes, as tintas e os pincéis.]

- (l) Trotz ernster **Vorhaltungen** und **Ermahnungen** muss ich **nach wie vor bestreiten**, sowohl mit der Herstellung als auch mit der Verbreitung der infrage stehenden Flugblätter auch nur das Geringste zu tun zu haben. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Mesmo diante das sérias **acusações** e **advertências**, sou obrigada a **reafirmar que não** tenho absolutamente nada a ver nem com a produção nem com a distribuição dos panfletos em questão.]

A intenção subjacente à situação de interrogatório, de apurar a verdade, também é explicitada no plano lexical do *corpus* por meio do uso recorrente da palavra *Wahrheit* (verdade):

- (m) Nachdem mir eröffnet wurde, dass mein Bruder Hans Scholl sich entschlossen hat, **der Wahrheit die Ehre zu geben** und [...] die **reine Wahrheit** zu sagen, will ich auch nicht länger an mich halten all das was ich von dieser Sache weiss zum Protokoll zu geben. Nochmals eingehend **zur Wahrheit ermahnt** habe ich das folgende Geständnis abzulegen. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Após ter-me sido revelado que meu irmão, Hans Scholl, decidiu **honrar a verdade** e [...] dizer **a pura verdade**, também não quero mais me privar de declarar tudo o que sei sobre esse caso para ser lavrado em protocolo. Depois de ter sido mais uma vez minuciosamente **advertida a dizer a verdade**, tenho a seguinte confissão a fazer.]

Outra característica do estilo burocrático reconhecida nos protocolos de interrogatório é a especificação redundante do sujeito da frase, à medida que se evita a elipse, pronominalização ou substituição do mesmo por uma paráfrase. Pode-se observar essa tendência no excerto abaixo, onde o nome “Geyer” é repetido diversas vezes como sujeito de orações subsequentes:

- (n) Eickemeir befindet sich z. Zt. als Architekt in Krakau und hat seit einiger Zeit das Atelier an den Kunstmaler Wilh. **Geyer** aus Ulm, Syrlintstr. Nr.?, vermietet. **Geyer** übergab uns den Schlüssel zu diesem Atelier um dadurch in die Lage versetzt zu sein, unseren Freunden und Bekannten einige Bilder vorzuzeigen die **Geyer** in diesen Räumen aufgehängt hat. **Geyer** hat keine Ahnung davon, dass wir unseren Vervielfältigungsapparat im Kellner des erwähnten Atelier’s hinterstellt haben. Hierzu kommt, dass sich **Geyer** nur

einige Tage in der Woche zur Arbeit in München aufhält und die andere Zeit in Ulm tätig ist. (18/02/1943)

[No momento, Eickemeyer está trabalhando como arquiteto em Cracóvia e há algum tempo alugou seu ateliê ao artista plástico Wilhelm **Geyer**, de Ulm, Rua Syrlinstrasse, n.º?. **Geyer** nos cedeu a chave desse ateliê para que pudéssemos mostrar a nossos amigos e conhecidos alguns dos quadros que **Geyer** pendurou naqueles recintos. **Geyer** não faz a menor ideia de que guardamos nosso mimeógrafo no porão do ateliê mencionado. Além disso, **Geyer** só permanece alguns dias por semana a trabalho em Munique e passa o restante do tempo trabalhando em Ulm.]

A explicitação frequente do sujeito na produção de textos dotados de fé pública é consequência de um esforço para evitar ao máximo qualquer ambiguidade. Procura-se deixar sempre evidente quem é o autor de cada ação relatada, uma vez que ele poderá responder criminalmente por ela. Portanto, apesar de comprometer em certa medida a fluência do texto, a redundância é uma característica relevante do gênero que precisa ser reconhecida como tal e recriada pelo tradutor na língua de chegada.

A última característica identificada no *corpus* do estilo burocrático próprio do gênero textual “protocolo de interrogatório” está ligada à estrutura informacional das orações. Comparada à de outras línguas, como a inglesa e portuguesa, a sintaxe da língua alemã caracteriza-se por uma mobilidade sintagmática relativamente alta. Um de seus recursos de ênfase consiste na focalização do elemento novo (o rema) ou da informação mais relevante (sob a perspectiva do emissor do texto) por meio de seu deslocamento para o início da oração. Inversões sintáticas desse tipo são muito comuns no texto dos protocolos. Pode-se inferir que naquele contexto elas adquiriam frequentemente a função de facilitar, visualmente, a localização de determinados tópicos no texto. As inversões ocorrem em grande parte das orações que introduzem uma sequência de declarações comprometedoras, as quais abordam alguma prova ou circunstância relacionada ao objeto de investigação, assumindo então a primeira posição da oração, precedente ao verbo:

- (o) **Die Briefe mit Flugblättern zur Verbreitung in den Städten ausserhalb Münchens** haben wir in einem Zeitraum von etwa 14 Tage postversandfertig gemacht und erst dann die Briefe an den einzelnen Orten aufgegeben. (Sophie Scholl, 18/02/1943).

Posição 1: **Die Briefe mit Flugblättern zur Verbreitung in den Städten ausserhalb Münchens**

Posição 2: haben (verbo auxiliar)

Posição 3: wir (sujeito)

[Para preparar **as cartas com panfletos destinadas a locais fora de Munique** levamos e só então postamos essas cartas nas respectivas localidades.]

- (p) **Den Vervielfältigungsapparat, welcher von meinem Bruder eigens zum Zwecke der Herstellung von Flugblättern gekauft wurde**, haben wir vor 14 Tagen oder 3 Wochen in dem Atelier des Kunstmalers Eickemeir, Leopoldstr. 38, Rckg., hinterstellt. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

Posição 1: **Den Vervielfältigungsapparat, welcher von meinem Bruder eigens zum Zwecke der Herstellung von Flugblättern gekauft wurde**

Posição 2: haben (verbo auxiliar)

Posição 3: wir (sujeito)

[**O mimeógrafo que meu irmão adquiriu com o único objetivo de produzir panfletos**, nós guardamos há 14 dias ou três semanas no ateliê do artista plástico Eickemeyer, Rua Leopoldstrasse, nº 38, prédio dos fundos.]

- (q) **Die Schablone** wurde durch Schmorell in seiner Wohnung angefertigt. (Hans Scholl, 20/02/1943)

Posição 1: **Die Schablone**

Posição 2: wurde (verbo auxiliar)

Posição 3: wir (sujeito)

[**O molde**, Schmorell produziu em sua casa.]

Essa forma de focalização também é recorrente no *corpus* em orações negativas. Nelas, o componente que está sendo negado é deslocado para a primeira posição da oração e, assim, enfatizado:

- (r) **Um wieviele Flugblätter es sich hierbei gehandelt hat**, weiss ich **nicht**. (Hans Scholl, 18/02/1943)

Posição 1: **Um wieviele Flugblätter es sich hierbei gehandelt hat**

Posição 2: weiss (verbo)

Posição 3: ich (sujeito)

Última posição: nicht (partícula de negação)

[**De quantos panfletos se tratava**, eu **não** sei.]

- (s) **Vermögen** habe ich **keines**. (Hans Scholl, 18/02/1943)

Posição 1: **Vermögen**

Posição 2: habe (verbo)

Posição 3: ich (sujeito)

Última posição: keines (partícula de negação de substantivos)

[**Não** possuo **patrimônio algum**]

(t) **Vorbestraft** bin ich **nicht**. (Hans Scholl, 18/02/1943)

Posição 1: **Vorbestraft**

Posição 2: bin (verbo)

Posição 3: ich (sujeito)

Última posição: nicht (partícula de negação)

[Não possuo **qualquer antecedente criminal**]

A focalização é um fenômeno discursivo-pragmático e está “vinculada às estratégias argumentativas e ao conteúdo informacional do enunciado” (cf. GONÇALVES, 1998, p. 34), envolvendo, em certa medida, um componente subjetivo e emocional.

Outro recurso de ênfase presente no *corpus*, referente ao estilo burocrático, reside no *layout* do texto. Quando se citava alguém pela primeira vez nos protocolos, o escrivão costumava inserir o nome completo do indivíduo em uma linha separada e acrescentar um espaço entre uma letra e outra de seu sobrenome, de forma a destacar visualmente essa referência do restante do texto e facilitar sua localização em uma leitura rápida. Além disso, acrescentava-se ao nome algumas informações sobre a pessoa em questão, tais como profissão e endereço. Na figura abaixo, amostra autêntica *corpus*, observa-se a primeira referência ao nome de Alexander Schmorell nos protocolos de interrogatório de Hans Scholl.

Figura 10 – Excerto dos protocolos de interrogatório de Hans Scholl

~~Ich verkehrte sehr viel mit Kameraden von der Studentenkompanie.~~
~~Oft besucht werde ich von dem Studenten und Angehörigen der~~
~~Studentenkomp.~~ Ich verkehrte sehr viel mit Kameraden von der Studentenkompanie.
Alexander Schmorell, geboren am 12. April 1918, ist
wohnhaft in München, Benediktenerwandstraße 12, bei Eltern.

Por fim, a terceira variante estilística presente no *corpus* refere-se aos estilos individuais. A complexidade da questão da autoria nos protocolos de interrogatório, que torna impossível afirmar com exatidão quem foi o mentor (interrogador, interrogado ou, mais raramente, escrivão) de cada palavra presente neles, também inviabiliza a distinção precisa dos estilos individuais de todos os sujeitos simultaneamente atuantes na produção desses textos. Pode-se pressupor que o estilo do interrogador tenha se sobreposto aos demais, tendo em vista o poder do qual ele dispunha na situação e o fato de que era ele quem formulava grande parte do protocolo, ditando-o aos escrivães. Como autoridade representante do Estado

nacional-socialista, o interrogador incorpora a seu estilo pessoal diversos elementos do estilo nacional-socialista e do estilo burocrático. Ademais, em alguns momentos as formulações do interrogador dão vazão a manifestações do estilo pessoal do interrogado. Isso é perceptível, por exemplo, em trechos que destoam do todo textual por apresentarem um registro mais coloquial, que faz uso de expressões idiomáticas informais. Essa “tensão” perceptível no *corpus* entre o estilo burocrático rígido e a linguagem coloquial será tematizada mais a fundo na próxima seção, que abordará a relação entre oralidade e escrituralidade nos protocolos.

4.2.2 Oralidade e escrituralidade

Ainda que sejam textos escritos, os protocolos dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl estão permeados por diversas características da oralidade. Isso se deve à própria situação de produção dos textos, onde o diálogo (oral) passou por um processo de “retextualização” (MARCUSCHI, 2010), no qual as falas sofreram transformações para se adequarem ao meio escrito e atenderem às convenções do gênero textual. Entretanto, muitas características do texto falado estão preservadas, como o uso da primeira pessoa, a estrutura dialógica e, eventualmente, o registro coloquial. A relação dinâmica entre oralidade e escrituralidade no *corpus* representa um desafio à tradução, configurando-se em outro elemento que exige do tradutor uma análise cuidadosa dos textos de partida, a fim de que essa característica constitutiva dos protocolos não se perca.

Koch & Oesterreicher (2013) baseiam-se no modelo de variação linguística criado por Coseriu (1967) para elencarem as características distintivas da oralidade e da escrituralidade, respectivamente denominadas como “linguagem da imediatez” (*Sprache der Nähe*) e “linguagem da distância” (*Sprache der Distanz*) pelos dois autores. Em seu modelo, Coseriu distingue entre as variedades diatópicas, diastráticas e diafásicas, que juntas constituiriam a arquitetura de um idioma histórico. As primeiras dizem respeito às variantes regionais de um idioma, as segundas à posição social do falante e a terceira às modalidades de expressão constituintes do idioma, como os diferentes registros e as linguagens de especialidade.

O modelo de Coseriu é complementado por Koch & Oesterreicher (2013, p. 155), a fim de fazer jus à distinção entre oralidade e escrituralidade. Nesse sentido, certas variedades diatópicas “fortemente marcadas” (como dialetos e socioletos) estariam, de acordo com os autores, mais próximos da oralidade, bem como determinadas variedades diastráticas

(linguagem popular, gírias) e diafásicas (registros familiar e vulgar) tomadas normativamente como “inferiores”. Koch & Oesterreicher (loc. cit.) destacam ainda a aproximação do conceito de oralidade a determinadas variedades diafásicas no conceito de “linguagem coloquial” (alemão: *Umgangssprache*), bastante disseminado e estudado pela pesquisa linguística ao longo das últimas décadas.

Ainda na concepção dos autores, a relação conceitual entre oralidade e escrituralidade não deve ser compreendida como uma dicotomia, mas sim como um *continuum* que abrange diversas gradações. Os textos posicionar-se-iam, então, em algum ponto dessa escala, podendo se aproximar mais do polo oral ou do polo escrito. Esse posicionamento dependeria de uma série de parâmetros comunicativos, como

a relação social, número e situação espaço-temporal dos parceiros de comunicação; troca entre os locutores; fixação ao tema; grau de privacidade do ato comunicativo; espontaneidade e cooperação; o papel dos contextos linguísticos, situacionais e socioculturais (conhecimento compartilhado, valores e normas sociais etc.). (KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 158)

Seriam, nesse sentido, condições características das concepções idealmente concebidas de “oralidade extrema” (“linguagem da imediatez”) e “escrituralidade extrema” (“linguagem da imediatez”):

Quadro 7 – Condições de comunicação (oralidade e escrituralidade)
(baseado em KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 160)

Oralidade (linguagem da imediatez)	Escrituralidade (linguagem da distância)
Diálogo	Monólogo
Troca livre entre os participantes	Inexistência de troca entre os participantes
Familiaridade com o parceiro	Desconhecimento do parceiro
Interação <i>face-to-face</i>	Distância temporal e espacial
Desenvolvimento livre dos temas	Tema fixo
Caráter privado de familiaridade	Caráter público
Espontaneidade	Reflexibilidade
Caráter participativo mais intenso	Caráter participativo menos intenso
Entrelaçamento com a situação	Não entrelaçamento com a situação

No que tange às estratégias de verbalização típicas de cada um dos polos, Koch & Oesterreicher (2013, p. 162) apontam a processabilidade e a efemeridade como características da oralidade e a retificação e a perenidade como típicas da escrituralidade. Além disso, a densidade de informação, integração, complexidade, elaboração e planejamento seriam menores no polo oral do que no polo escrito. Nas palavras dos autores,

A complexidade e a integração do texto-distante exigem, acima de tudo, uma verbalização mais custosa e “mais rica”, sob o ponto de vista da sintaxe (hipotaxe etc.). Para o discurso-imediato, nesse sentido, é certamente característica a “parcimônia” – isso é demonstrado, de certo modo, pelo predomínio da parataxe e pelas holófrases, que possibilitam a economia do ponto de vista pragmático pelas partículas enfáticas. Uma verbalização rica pode ser constatada na linguagem da imediatez, certamente no campo semântico-lexical, devido à maior afetividade (“palavrões”, acumulação afetiva de sinônimos etc.) (KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 161).

Por fim, Koch & Oesterreicher (2013, p. 166 et seq.) enumeram ainda alguns fenômenos que funcionariam como “marcas universais” (que transcendem as especificidades e diferenças entre os idiomas) ou “idiomáticas” (próprias de um idioma específico) da oralidade e, por contraposição, da escrituralidade. As primeiras serão sintetizadas no quadro a seguir, de acordo com o plano da língua ao qual se referem. O polo da escrituralidade, tal qual apresentado no quadro, foi formulado com base no trabalho de Mertzlufft (2013, p. 14 et seq.), uma vez que Koch & Oesterreicher afirmam apenas que as marcas universais de escrituralidade correspondem ao “oposto” daquelas que são características da oralidade, mas não chegam a descrevê-las explicitamente.

Quadro 8 – Marcas universais de oralidade e escrituralidade

	Oralidade	Escrituralidade
Campo morfosintático	“[...] deslocação dos membros da frase, anacolutos, “debilidades” na congruência, expressões holofrásticas, fenômenos de segmentação, a sequência rema-tema, assim como uso econômico da hipotaxe” (KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 166).	Integração e precisão sintáticas através dos seguintes mecanismos: uso diferenciado de preposições e construções hipotáticas; uso normalizado de tempo e modo; abundância de hipotaxe (subordinação) e construções com particípio; estilo nominal (condensação de informações através de recursos sintáticos e lexicais). (cf. MERTZLUFFT, 2013, p. 15)

Campo lexical	“palavras passe-partout, pobreza lexical, relação entre caso e tipo (<i>type-token-relationship</i>) mais pobre. Por outro lado, há construções expressivas (hipérboles, palavrões etc.) e riqueza lexical em circuitos semânticos bem definidos” (KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 166).	Maior “refinamento” lexical: ampliação de vocabulário, nomenclaturas deliberadas, seleção lexical refletida etc.; uso mais abundante de recursos de formação de palavras e empréstimos de outras línguas; uso diversificado do léxico (relação entre caso e tipo mais rica). (cf. MERTZLUFFT, 2013, p. 15)
Campo textual-pragmático	“sinais do falante e do ouvinte, interrupções de hesitação, marcadores de retificação, sinais de estruturação, partículas enfáticas; o tempo da narrativa é geralmente o presente, a reprodução de diálogos é preferencialmente realizada pelo discurso direto; são estipuladas outras exigências para a coerência textual” (KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 166).	Organização textual complexa e hierarquicamente estruturada com marcadores explícitos (por um lado..., por outro..., em primeiro/segundo lugar...); coerência estabelecida através de recursos quase exclusivamente linguísticos; progressão semântica profundamente estruturada; encadeamento explícito entre as sentenças; remissão textual (<i>Textphorik</i>) intensamente planejada; emprego raro de assíndetos, predominância do discurso indireto; diferenciação e precisão das relações lógicas entre as frases através do uso abundante de conjunções. (cf. MERTZLUFFT, 2013, p. 14)

Considerando-se já no par linguístico alemão-português, poderíamos mencionar a recorrência de partículas enfáticas (também chamadas de partículas modais) como marca universal de oralidade bastante frequente na língua alemã. Tais partículas representam um desafio à tradução por não possuírem, via de regra, correspondentes diretos em português e necessitarem de uma paráfrase ou compensação que leve em conta a função por elas desempenhada no contexto linguístico específico.

As partículas enfáticas tornaram-se objeto de estudo da Linguística apenas em fins da década de 60, quando surgiu o interesse por estudar a língua em sua dimensão pragmática. Na definição de Weydt (1969), um dos pioneiros nos estudos sobre partículas na época, “partículas enfáticas são palavrinhas não-flexionáveis que servem para sinalizar o posicionamento do falante em relação ao que é dito²³²” (WEYDT, 1969, p. 68). Em consonância com essa definição, a gramática DUDEN esclarece que

²³² Abtönungspartikeln sind unflektierbare Wörtchen, die dazu dienen, die Stellung des Sprechers zum Gesagten zu kennzeichnen.

partículas enfáticas são especialmente frequentes na língua falada e não assumem nela de forma alguma, como se supunha antigamente, o papel de palavras sem utilidade e vazias de significado. Elas expressam, de forma muito singular, posicionamentos, suposições, avaliações e expectativas do falante em relação ao objeto do discurso e, em parte, também suas expectativas em relação ao ouvinte²³³ (DUDEN, 2009, p. 590 et. seq., tradução nossa)

Segundo a mesma gramática, as partículas enfáticas mais comuns na língua alemã seriam *ja, denn, wohl, doch, aber, nur, halt, eben, mal, schon, auch, bloß, eigentlich, etwa, nicht, vielleicht* e *ruhig* (DUDEN, 2009, p. 591). Algumas dessas partículas fazem-se presentes no *corpus* de nosso trabalho, sobretudo na parte final de cada protocolo, onde o diálogo entre interrogador e interrogado foi transcrito de forma mais direta, ou seja: onde os processos de retextualização enumerados por Marcuschi (2010) não atingiram um nível tão profundo (cf. seção 4.2.3 deste trabalho). Nos exemplos abaixo é possível observar a presença de algumas dessas partículas, próprias da oralidade:

- (a) Frage: Wie kommt es, dass Ihre Schwester mit einem leeren Koffer verreisen will? Dies ist **doch** nicht üblich.
Antwort: Diese Frage zu beantworten ist Sache meiner Schwester, denn diese wollte **ja** verreisen. (Anton Mahler e Hans Scholl, 18/02/1943)
Pergunta: Como se explica que sua irmã quisesse viajar com uma mala vazia? Isso não é **nada** comum.
Resposta: Quem tem que responder essa pergunta é a minha irmã, porque, **como se sabe**, era ela que ia viajar.]
- (b) Frage: Was enthielt die Aktenmappe? War sie **wohl** ebenfalls leer, als Sie von zu Hause weggingen?
Antwort: Auch die Aktenmappe war leer. (Anton Mahler e Hans Scholl, 18/03/1943)
Pergunta: O que continha sua maleta? **Por acaso** ela também estava vazia quando o senhor saiu de casa?
Resposta: A maleta também estava vazia.]
- (c) Schmorell ist **eigentlich** mein einziger Freund. Er besuchte mich fast täglich. (Hans Scholl, 18/02/1943).
[Schmorell é, **no fundo**, meu único amigo. Ele me visitava praticamente todos os dias.]

De acordo com a gramática DUDEN (2009, p. 591) uma das funções mais comuns da partícula *doch* é expressar algo que contraria as expectativas do falante. É essa a sua função

²³³ Abtönungspartikeln kommen besonders häufig in der gesprochenen Sprache vor und sind dort keineswegs, wie früher angenommen, unnütze Füllwörter. Sie drücken sehr differenziert Einstellungen, Annahmen, Bewertungen und Erwartungen des Sprechers bezüglich des geäußerten Sachverhalts, teilweise auch seine Erwartungen an den Hörer aus.

no exemplo (a), onde ela indica um estranhamento do falante (o interrogador) frente à afirmação de seu interlocutor de que a mala em questão estava vazia, pois sua irmã viajaria para Ulm para buscar roupas limpas. Nesse caso específico, a partícula modal *doch*, ao reforçar esse estranhamento, expressa ainda uma repreensão ou acusação velada do interrogador ao interrogado. Ela indica que existe um conhecimento compartilhado entre os dois (de que Hans está mentindo quando explica o motivo de a mala estar vazia) e que o interrogador desaprova essa atitude de seu interlocutor.

Ainda no exemplo (a), a partícula *ja* assume também a função, descrita pela gramática DUDEN (2009, p. 591), de reforçar um conhecimento compartilhado pelos interlocutores: no caso, o de que era Sophie Scholl quem ia viajar. Nesse exemplo extraído do *corpus*, para convencer seu interrogador de que está falando a verdade e não tem mais nada a dizer sobre aquele tópico, o falante (Hans Scholl) confronta-o com uma informação que é óbvia para ambos e sobre a qual não haveria controvérsias, sinalizando que gostaria de encerrar naquele ponto o diálogo sobre a mala²³⁴.

No exemplo (b), a partícula modal *wohl* denota, conforme a função que lhe é atribuída pela gramática DUDEN (loc. cit.), uma suposição, imprecisa e marcada por uma dúvida, por parte do interrogador. No contexto específico do diálogo entre interrogador e interrogado, ela expressa – em tom de ironia – uma desconfiança do interrogador, dando a entender que ele ainda não estaria plenamente convencido das explicações dadas por Hans para o fato de a mala e a maleta apreendidas com ele e sua irmã estarem vazias. Na verdade, como já suspeitava o interrogador, elas haviam sido realmente utilizadas para transportar os panfletos distribuídos na universidade naquela manhã.

Já a partícula *eigentlich*, tal qual utilizada no exemplo (c), costuma exprimir uma espécie de convicção conclusiva, que sucede alguma ponderação ou reflexão do falante. No trecho reproduzido em (c), o falante (Hans Scholl) sinaliza através do uso dessa partícula que, depois de refletir um pouco, chegou à conclusão de que algo (no caso: o fato de Schmorell ser seu único amigo) realmente procede.

Além das partículas enfáticas, outros elementos presentes no *corpus* apontados como constitutivos da oralidade por diversos autores²³⁵ são o que chamaremos aqui de “marcadores

²³⁴ A tentativa não é, porém, bem-sucedida. Logo na sequência dessa resposta de Hans Scholl está registrada no protocolo uma advertência do interrogador: “Scholl é advertido acerca da falta de objetividade dessa resposta e recebe nova ordem para dar outra explicação para esse fato. Diante disso, ele alegou: provavelmente minha irmã pretendia buscar geleia, toalhas, roupas limpas e talvez meio litro de aguardente” (Protocolo de interrogatório de Hans Scholl, 18/02/1943, tradução nossa).

²³⁵ Cf. KOCH & OESTERREICHER, 2013; HILGERT, 2003; BARROS, 2003; FÁVERO et al. 2012.

de formulação” (paráfrase, repetição e correção). Esses marcadores tornam visível o processo de formulação do texto e decorrem de duas características básicas da verbalização no polo oral: a processabilidade e a efemeridade (KOCH & OESTERREICHER, 2013, p. 162). Três marcadores da língua alemã, utilizados ora com a função de paráfrase especificadora, ora com a função de correção, são especialmente abundantes no *corpus*, a saber: “*beziehungsweise*”, “*das heißt*” e “*und zwar*”.

(d) **beziehungsweise (abreviações: bezw./bzw.)**

[Ich] gehörte der HJ **bezw.** dem BDM bis 1941 an. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Pertenci à HJ, **isto é**, à Liga de Moças Alemãs (BDM) até 1941]

Die Verbreitung **bezw.** Ausstreuung der Flugblätter in München wurde von meinem Bruder und Schmorell durchgeführt. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Foram meu irmão e Schmorell que distribuíram **ou** espalharam os panfletos]

Richtig ist dagegen, dass wir (mein Bruder und ich) mit Graf offen und frei Tagesfragen oder die politische **bezw.** militärische Lage besprachen. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[Mas é verdade que nós (eu e meu irmão) conversávamos livre e abertamente com Graf sobre questões atuais ou sobre a situação política **ou** militar]

(e) **das heißt (abreviação: d. h.)**

Der Gedanken durch dieses Vorgehen von München, **d. h.** den Ort unserer Tätigkeit, abzulenken, lag uns dabei vollkommen fern. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[Em nenhum momento foi nossa intenção desviar através disso o foco de Munique, **que é** o centro de nossas atividades]

Noch im Juli 1942 ging unter den Studenten das Gerücht [...] die Verbreiter der Weissen Rose habe man gefasst, **d.h.** verhaftet, abgeurteilt und hingerichtet. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[Ainda em julho de 1942 correu entre os estudantes o boato de que haviam pego, **ou seja**, detido, condenado e executado os propagadores da “Rosa Branca”]

Erst später, **d.h.** nach Beginn der Feindseligkeiten mit Russland begann er sich für den Verlauf des Krieges zu interessieren. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Somente mais tarde, **ou seja**, após o início das hostilidades com a Rússia, ele começou a se interessar pelo andamento da guerra]

(f) **und zwar**

Ich selbst hatte in München nur eine Freundin **und zwar** Fr. Gisela Schertling. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Eu própria só tinha uma amiga em Munique, **a saber**, a Srta. Gisela Schertling]

Sie kam meistens zu uns in die Wohnung **und zwar** nachmittags oder abends (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Na maioria das vezes era ela quem vinha até nossa casa, **isso** à tarde ou à noite, caso eu já não a tivesse visitado]

Die ersten Flugblätter lagen auf der Treppe zum ersten Stock, **und zwar** ziemlich auf dem oberen Teil der Treppe. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

Os primeiros panfletos estavam na escada que dá acesso ao primeiro andar, **isso** já bem na parte de cima da escada.

O grande número de “adendos” desse tipo no texto, introduzidos pelos marcadores especificados acima, explica-se pelo fato de ser menor, na língua falada, o tempo disponível para o planejamento e formulação do texto²³⁶, de forma que se torna constantemente necessário acrescentar, corrigir, explicitar, ratificar ou complementar algo. A isso acrescenta-se ainda o respeito a uma convenção do próprio gênero textual, segundo a qual todas as informações devem ser registradas da forma mais clara e detalhada possível.

Por fim, também é identificável no *corpus*, enquanto marca de oralidade, o uso de expressões idiomáticas tais quais as presentes nos dois exemplos abaixo:

- (g) Geyer **hat keine Ahnung davon**, dass wir unseren Vervielfältigungsapparat im Kellner des erwähnten Ateliers hinterstellt haben. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Geyer **não faz a menor ideia** de que guardamos nosso mimeógrafo no porão do ateliê mencionado].

- (h) Tatsächlich war ich mit meiner Schwester nur wenige Meter von der Abwurfstelle entfernt, als dieser Mann auf uns zu kam, uns die Festnahme erkündigte und uns **auf den Kopf zusagte**, dass wir soeben Flugblätter in den Lichthof geworfen hätten. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[Realmente, eu estava com minha irmã a apenas alguns metros de onde os panfletos haviam sido jogados quando esse homem veio na nossa direção, nos deu voz de prisão e **disse de cara** que tínhamos acabado de jogar panfletos no pátio interno].

Tais expressões idiomáticas conferem a determinados segmentos textuais um tom coloquial e, conseqüentemente, mais próximo do polo oral que do escrito. Esses segmentos

²³⁶ Nas palavras de Rodrigues (2003, p. 23), “a língua falada apresenta uma tendência para o não planejado”, ou melhor, “planejamento e realização do discurso coincidem no eixo temporal, ou são praticamente concomitantes. Conseqüentemente, ‘cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso’ (MARCUSCHI, 1986), e marcas do processo de planejamento, ou de replanejamento, podem ser detectadas no texto falado”.

contrastam bastante com os trechos em que predominam o léxico jurídico-burocrático e as construções sintáticas complexas (compostas por exemplo de participípios expandidos e nominalizações frequentes) características do gênero e do estilo “institucional” da *Gestapo*, os quais estariam, por sua vez, mais próximos do polo escrito. Essa “tensão” entre oralidade e escrituralidade voltará a ser tematizada na próxima seção, na qual abordaremos os vestígios deixados nos textos dos protocolos pelos processos de retextualização, tais quais concebidos e descritos por Marcuschi (2010).

4.2.3 Vestígios de retextualização

No contexto brasileiro, Luiz Antônio Marcuschi é um dos autores que se dedicam ao estudo da relação entre oralidade e escrituralidade. Em sua obra *Da Fala para a Escrita: processos de retextualização*, Marcuschi (2010, p. 25) parte de uma distinção entre fala e escrita enquanto modalidades de uso da língua, por um lado, e oralidade e letramento enquanto práticas sociais, por outro, para inicialmente apresentar diversas possibilidades de abordagem teórica para a relação entre os dois polos. O autor descreve, então, as perspectivas dicotômica, culturalista, variacionista e sociointeracionista a fim de, em seguida, abstrair conclusões comuns entre estudos oriundos de todas elas, como o de que as semelhanças entre a fala e a escrita são maiores do que as diferenças e de que, assim como defendem Koch & Oesterreicher (2013), as relações entre ambas “não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou pelo menos graduais” (MARCUSCHI, 2010, p. 45). Marcuschi (loc. cit.) afirma ainda que as relações entre língua falada e língua escrita podem ser melhor compreendidas quando observadas de forma vinculada aos gêneros textuais.

Partindo desses pressupostos, o autor cria um modelo teórico, cujo objetivo consiste em “analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita observando a própria atividade de transformação” e identificar “as operações mais comuns realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito” (op. cit., p. 46). Essa passagem é designada por ele *retextualização*, termo emprestado de uma tese da área de Estudos da Tradução (cf. TRAVAGLIA, 1993) com a seguinte ressalva: “o uso do termo retextualização, tal como feito aqui, se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que aqui também se trata de uma ‘tradução’, mas de uma

modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua” (MARCUSCHI, 2010, p. 46). Retextualização, na concepção de Luiz Antônio Marcuschi,

não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 46)

Assim compreendidos, os processos de retextualização tomariam parte em diversas práticas humanas cotidianas. Seriam, nas palavras de Marcuschi (2010, p. 49), “eventos linguísticos quase corriqueiros” que ocorrem, por exemplo, sempre que alguém produz um texto escrito baseando-se em uma interação oral precedente. É o caso da transformação de uma entrevista oral em um texto escrito, da produção da ata de uma reunião, de anotações feitas durante uma aula e, no contexto policial-jurídico, do registro escrito de depoimentos e interrogatórios.

Marcuschi também faz uma distinção relevante entre a retextualização, por um lado, e a transcrição, por outro. Segundo ele “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados” (MARCUSCHI, 2010, p. 51), buscando não interferir demasiadamente nem provocar mudanças significativas na linguagem e no conteúdo. Essas mudanças – ocorridas sobretudo no plano da linguagem, por meio de reformulações estilísticas e sintáticas – seriam mais profundas na retextualização e as responsáveis por diferenciá-la da transcrição.

Outro aspecto relevante destacado por Marcuschi (2010, p. 54) ao abordar os processos de retextualização consiste na identificação das variáveis que intervêm neles. A primeira delas é o propósito (ou objetivo) da retextualização. Tendo em vista a motivação para a produção do texto retextualizado e o uso que será feito dele, as decisões tomadas pelo produtor no nível da linguagem podem variar bastante. Nesse sentido, um texto produzido para ser publicado atenderá, por exemplo, a outros padrões do que uma simples anotação pessoal. Além do propósito, seriam ainda variáveis intervenientes na retextualização, segundo Marcuschi, a relação entre quem produz o texto e quem o transforma, a relação entre o gênero textual de origem (oral) e o gênero da retextualização (escrito) e, finalmente, os processos de formulação típicos das modalidades oral e escrita (loc. cit.).

O cerne do modelo de Marcuschi consiste na enumeração e descrição das operações textuais-discursivas empregadas na passagem de textos orais para textos escritos e na identificação das estratégias de produção textual correspondentes. O autor distingue nove

operações que podem figurar nesse processo, além das operações especiais de readaptação de turnos (que convertem diálogos orais em formas escritas monologadas ou dialogadas.). Elas serão reproduzidas abaixo, tal qual definidas pelo autor:

Quadro 9 – Operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para a escrita
(MARCUSCHI, 2010, p. 75)

1ª OPERAÇÃO	“Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (<i>estratégia de eliminação</i> baseada na idealização linguística)”.
2ª OPERAÇÃO	“Introdução de pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (<i>estratégia de inserção</i> em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia)”.
3ª OPERAÇÃO	“Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (<i>estratégia de eliminação</i> para uma condensação linguística)”.
4ª OPERAÇÃO	“Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (<i>estratégia de inserção</i>)”.
5ª OPERAÇÃO	“Introdução de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (<i>estratégia de reformulação</i> objetivando explicitude)”.
6ª OPERAÇÃO	“Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (<i>estratégia de reconstrução</i> em função da norma escrita)”.
7ª OPERAÇÃO	“Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (<i>estratégia de substituição</i> visando a uma maior formalidade)”.
8ª OPERAÇÃO	“Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (<i>estratégia de estruturação argumentativa</i>)”.
9ª OPERAÇÃO	“Agrupamento de argumentos condensando as ideias (<i>estratégia de condensação</i>)”.

As operações de 1 a 4 seguem “regras de regularização e idealização” (MARCUSCHI, 2010, p. 74) e abrangem as estratégias de eliminação e inserção, não provocando ainda no texto as mudanças mais profundas que são características da retextualização. Já as operações 5 a 9, assim como as operações especiais, seguem “regras de transformação” e, dessa forma, abarcam as estratégias que de fato “transformam” o texto e configuram, no sentido estrito, a retextualização: a substituição, a seleção, o acréscimo, a reordenação e a condensação.

Ao tematizar essas operações, Marcuschi (2010, p. 74) faz uma autocrítica e assume que o modelo necessita ainda de alguns ajustes e não é plenamente operacionalizável. Uma das ressalvas feitas por ele é de que as operações não podem ser consideradas hierarquicamente estruturadas e nem seguem necessariamente a ordem sugerida: elas costumam ocorrer nessa ordem, mas as variáveis que intervêm no processo podem fazer com que ela seja alterada. Além disso, o produtor do texto não adota necessariamente todas as

operações, mas pode saltar uma ou várias delas até chegar ao texto final. Não obstante, as operações descritas pelo autor podem constituir uma diretriz importante para compreender quais procedimentos são adotados (de forma mais ou menos deliberada) pelo produtor do texto durante a transformação da fala em escrita.

Em sua dissertação de mestrado e em trabalhos posteriores, Alves (1992; 2003; 2005) analisa a retextualização em um *corpus* relativamente semelhante ao do presente trabalho: depoimentos de testemunhas tomados por juízes durante a fase de inquérito em processos criminais. Com o objetivo de sistematizar e classificar os procedimentos adotados durante a retextualização dos depoimentos, a autora parte da premissa de que “o documento (texto escrito) da audiência não registra a totalidade do depoimento prestado, registrando apenas o ‘essencial’ e tendo por lei o dever de ser ‘fiel’ a tudo o que foi dito” (ALVES, 2005, p. 30) e faz uma comparação entre o que foi dito (e gravado por ela durante sua pesquisa) e o que foi consignado no termo de depoimento.

Na conclusão de seus estudos dedicados a exemplares textuais resultantes do evento comunicativo “tomada de depoimento”, Alves defende que “o processamento textual na justiça é uma atividade dialógica de seleção, reordenação e reconstrução de sentidos” (ALVES, 2005, p. 50) e sublinha a importância do que chama de “decisão interpretativa da fala” (ALVES, 1992, p. 140) tomada pelo juiz nesse processo. Segundo a autora, essas decisões tomadas pelo magistrado a partir das interpretações feitas por ele da fala do depoente geram, por vezes, tamanhas transformações no conteúdo e na linguagem do texto concebido oralmente pela testemunha que poderiam chegar a configurar uma “violação aos direitos linguísticos” deste (ALVES, 2005, p. 48).

Tendo em vista o escopo de seu estudo, a autora distingue então entre dois tipos de transformações linguísticas que podem ser verificadas quando se compara o texto-base (diálogo original entre interrogador e interrogado) ao texto-alvo (termo de depoimento): transformações *organizacionais*, que procuram manter o princípio de fidelidade do ponto de vista da equivalência semântica, e transformações *interpretativas*, fundamentadas no princípio de essencialidade e relacionadas às anteriormente mencionadas “decisões interpretativas do juiz”.

Dentre as transformações do tipo organizacional, a autora distingue ainda entre transformações estilísticas, transformações de diálogo em monólogo e transformações que visam à reordenação tópica. As transformações estilísticas correspondem, em certa medida, às sete primeiras operações descritas por Marcuschi (2010) em seu modelo. Inclui, entre outros,

a eliminação de marcas de hesitação e de repetições, a inserção de pontuação e de paragrafação, a reestruturação sintática e a nova seleção lexical, de modo a atender às convenções da norma escrita. Já a transformação de diálogo em monólogo implica, por exemplo, no “apagamento sistemático das perguntas do juiz, apagando alguns argumentos e condensando as ideias do depoimento prestado” (ALVES, 2005, p. 49). O último tipo de transformação organizacional – as transformações de reordenação tópica – abrange a 8ª e a 9ª operações do modelo de Marcuschi, que visam à construção da coesão do texto escrito através da substituição da parataxe por orações subordinadas e coordenadas, além da organização lógica da sequência argumentativa.

Já as transformações interpretativas seriam

transformações mais complexas porque decorrem de decisões do juiz, a partir do que é considerado ‘essencial’. As alterações feitas, algumas vezes, podem modificar o depoimento prestado em seu conteúdo informacional. É a instituição jurídica que estabelece os critérios para a ‘administração’ da textualidade, e não as evidências textuais do depoimento prestado. As interferências efetuadas no texto escrito decorrentes da percepção e interpretação do juiz, a partir do que ele considera “essencial”, deixam, assim, de ser “fiel” ao que foi dito. (ALVES, 2005, p. 49)

Elas se concretizam, enfim, por meio da inserção ou supressão de informações, em processos de inferência (lógica, analógico-semântica ou pragmática) e na organização da argumentação por parte do juiz, com base em suas decisões ao longo do processamento textual (cf. ALVES, 2005, p. 50). Os tipos de transformação levantados por Alves em seus estudos estão sintetizados no quadro abaixo:

Quadro 10 – Transformações empreendidas durante a retextualização de depoimentos
(ALVES, 2005, p. 48 et seq.)

Transformações organizacionais	Transformações interpretativas
<ul style="list-style-type: none"> • Transformações estilísticas; • Transformações de diálogo em monólogo; • Transformações que visam à reordenação tópica; 	<ul style="list-style-type: none"> • Inserção de informações; • Supressão de informações; • Processos de inferência; • Organização da argumentação por parte do juiz;

Nos protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl, é possível identificar diversos vestígios da retextualização, tal qual concebida por Marcuschi (2010) e Alves (1992, 2005). Um deles, que é importante para a análise do *corpus* por fazer parte de uma estratégia

linguístico-discursiva utilizada pelo interrogador (a ser descrita na seção 4.4.5), é o já mencionado apagamento, na primeira parte dos protocolos, das perguntas do interrogador. Elas passam a ser registradas apenas na última parte dos registros, na qual o diálogo entre ele e interrogado é registrado de forma consecutiva pelo escrivão. Antes disso, as perguntas ficam implícitas nas mudanças de tópico ou são parafraseadas em meio aos turnos atribuídos ao interrogado, geralmente por meio do uso de orações condicionais com a conjunção *wenn* (se...) e o correlato *so* (então...), como nos exemplos abaixo:

- (a) **Wenn** die Frage an mich gerichtet wird, ob ich auch jetzt noch der Meinung sei, richtig gehandelt zu haben, **so** muss ich hierauf mit ja antworten. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[**Diante da pergunta se** ainda acredito ter agido da forma certa, devo responder que sim, pelos mesmos motivos já declarados]

- (b) **Wenn** mir vorgehalten wird, dass zur Herstellung dieser Flugblätter mindestens 8 verschiedenen Matrizen verwendet wurden, **so** muss ich dies zugeben. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[**Diante da objeção de** que na produção desses panfletos foram usados no mínimo oito estênceis diferentes, devo admitir que é verdade]

- (c) **Wenn** an mich die Frage gerichtet wird, wie ich zum heutigen Staat eingestellt bin, **so** erkläre ich hierzu, dass ich Soldat bin, mich als solcher fühle und auch meine Pflicht erfülle. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[**Diante da pergunta sobre** meu posicionamento em relação ao Estado atual, esclareço que sou soldado, me sinto como tal e também cumpro meu dever]

- (d) **Wenn** nun die Ansicht besteht, dass die fragliche Schablone durch einen Fachmann angefertigt worden ist, **so** ist diese nicht richtig. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[**Caso acreditem que** o molde em questão tenha sido produzido por um especialista, digo que essa suposição não procede]

Tendo em mente a pressão de tempo sob a qual os interrogatórios foram realizados, é presumível que muitas das operações descritas por Marcuschi como constitutivas do processo de retextualização tenham sido deixadas de lado ou cumpridas apenas parcialmente. Podem ser considerados reflexos disso no *corpus*, por exemplo, diferentes erros de ortografia, sobretudo em nomes de pessoas e topônimos, e o que chamaremos aqui de “lapsos de retextualização” como a que pode ser constatado no trecho abaixo, extraído do protocolo de interrogatório de Hans Scholl:

- (e) Es mag auch sein, dass **ich** dieses Flugblatt zusammen mit anderen Personen auf einem Gang der Universität gelesen habe; doch **weiss ich** auch das heute nicht mehr.

Auf dem Vorhalt, dass die Flugblätter „Die Weisse Rose“ und die Flugblätter der Widerstandsbewegung „Aufruf an alle Deutsche“ und „Kommilitoninnen! Kommilitonen“ auf denselben Verfasser schließen lassen, weil einmal die beiden Flugblätter auf ein und derselben Schreibmaschine geschrieben worden sind, zum andern, weil die politische Konzeption aller Flugblätter übereinstimmt und sich daraus zwingend der Schluss ergibt, dass der Beschuldigte auch das Flugblatt der „Weissen Rose“ verfasst hat, erklärt **er** sich bereit, zu diesem Punkt ein offenes und umfassendes Geständnis abzulegen. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[Também é possível que **eu** tenha lido esse panfleto junto com outras pessoas em um corredor da universidade, mas também já não me **recordo** disso.

Diante suspeita de que os panfletos “A Rosa Branca” e os panfletos do movimento de resistência “Apelo a todos os alemães” e “Colegas universitários!” apontariam para o mesmo autor, primeiramente porque todos foram escritos na mesma máquina de escrever e depois porque a concepção política de todos os panfletos é semelhante, levando obrigatoriamente à conclusão de que o acusado também é autor do panfleto da “Rosa Branca”, **ele** se declara disposto a fazer uma confissão aberta e detalhada a esse respeito.]

No excerto acima, o interrogador deixou, provavelmente por um descuido momentâneo, de empreender uma transformação organizacional no texto: adaptá-lo a uma convenção específica do gênero textual alemão, a saber, o uso da primeira pessoa. Com isso, ele revelou que tais formulações não partiram de Hans Scholl, mas sim dele próprio, como também deve ter sido o caso de tantas outras registradas nos protocolos, nas quais a presença da voz do interrogador é “silenciada” (cf. seção 4.4.5 deste trabalho) pelo uso da primeira pessoa, que atribui toda a autoria do texto ao interrogado.

Como exemplos das transformações denominadas por Alves (2005) de “interpretativas” – que constituem interferências no texto motivadas por uma decisão interpretativa tomada por seu produtor (no caso do *corpus*, o investigador da *Gestapo*) – podemos citar as interferências da visão de mundo do interrogador no texto (em primeira pessoa) do interrogado. É o que ocorre com algumas das escolhas lexicais feitas ao longo dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl para se referir aos panfletos ou às ações do grupo em geral, tais quais “Propagandabriefen” (cartas propagandísticas) “Propagandaschriften” (escritos propagandísticos), “politische Propaganda” (propaganda política), e “Propagandatätigkeit” (atividades de propaganda). Elas revelam claramente uma intervenção dos interrogadores, representantes da ideologia nazista, na voz dos interrogados. Embora tais expressões estejam registradas na reprodução da fala de Hans e Sophie Scholl em 1ª pessoa, é pouco provável que tenham partido deles, pois trata-se de termos que faziam parte do

vocabulário da *Gestapo*, a qual tinha como uma de suas principais funções o combate a qualquer forma de propaganda “subversiva”. Os irmãos Scholl, que na interação com seus respectivos interrogadores buscavam, na medida do possível, defender seus amigos e a si próprios, dificilmente utilizariam espontaneamente tais termos que rotulam as atividades da Rosa Branca como um crime gravíssimo perante o sistema judiciário nacional-socialista.

Outro tipo de interferência decorrente de uma decisão interpretativa do interrogador pode ser identificado no seguinte trecho do protocolo de interrogatório de Sophie Scholl:

- (f) Schmorell hängt mit grosser Liebe an Russland, **obwohl** seine Eltern seinerzeit aus Russland flüchten mussten, nach Deutschland emigrierten, hier deutsche Staatsangehörigkeit erwarben, die auch der Sohn Schmorell heute besitzt. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Schmorell possui uma ligação sentimental muito forte com a Rússia, **apesar de** tempos atrás seus pais terem sido obrigados a fugir da Rússia e terem emigrado para a Alemanha, onde adquiriram a nacionalidade alemã, que o filho Schmorell também possui hoje]

A utilização da conjunção concessiva “obwohl” (apesar de, embora) – que denota uma contradição ou um fato inesperado – parece se tratar nesse contexto de uma intervenção da voz do interrogador na reprodução da fala de Sophie Scholl. Justamente no momento em que a guerra contra a Rússia atingia seu auge e o chefe da propaganda nazista Joseph Goebbels incitava cada vez mais o ódio contra os povos eslavos, a oposição traçada aqui entre a “Alemanha bondosa” (que teria acolhido a família de Schmorell) e a “Rússia cruel” (tomada pelos inimigos bolcheviques, de quem a família de Schmorell teria fugido) reproduz um eco do discurso nazista. Dessa forma, é mais provável que a apresentação, insinuada como algo “contraditório”, do fato de Schmorell viver na Alemanha e, ainda assim, ainda nutrir sentimentos positivos pela Rússia, tenha partido de Robert Mohr (representante da ideologia e do discurso nazistas) do que de Sophie Scholl. O fato de tal ocorrência aparecer em meio à primeira parte do protocolo, na qual o texto era construído pelo interrogador a partir de suas anotações, fortalece essa hipótese.

Por fim, um recurso de retextualização utilizado esporadicamente pelo interrogador para diferenciar observações suas, por um lado, do texto atribuído ao interrogado, por outro, é a inserção de informações entre parênteses ou introduzidas pelas rubricas *Vermerk* (observação) e *Vorhalt* (admoestação, advertência), seguidas de dois pontos, tal qual nos exemplos abaixo:

- (g) Es war mir bekannt, dass Gisela Schertling die Vorlesung des Prof. Huber über die Einführung in die Philosophie die in einem Hörsaal über eine Stiege im rechten Seitenbau (**Hörsaal Nr. nicht bekannt**) [stattfindet] besuchen wird, und dass diese Vorlesung bis gegen 11 Uhr dauere. (Sophie Scholl e Robert Mohr, 18/02/1943)

[Eu sabia que Gisela Schertling estaria na aula de Introdução à Filosofia do professor Huber, que acontecia em um auditório acima das escadas, na ala direita do edifício (**nº da sala de aula desconhecido**), e que essa aula terminaria por volta das 11h00.]

- (h) Lediglich für Frau Pichler war ein Brief und eine Postkarte eingegangen, die ich aus dem Briefkasten nahm und im Hausflur auf unseren Garderobenständer legte (**richtig, diese Post lag bei der Suchung auf dem Garderobenständer**). (Sophie Scholl e Robert Mohr, 18/02/1943)

[Apenas para a Sra. Pichler havia chegado uma carta e um cartão postal, que eu tirei da caixa de correio e coloquei sobre o roupeiro que fica no corredor do prédio (**procede, essa correspondência foi encontrada sobre o roupeiro durante a busca**).]

- (i) **Vermerk:**

Die Angaben des Scholl, wonach er die Flugblätter erstmals auf der Treppe zum ersten Stock gesehen haben will, sind durch die Angaben des Jakob S c h m i d, widerlegt, da derselbe den Scholl und dessen Schwester unmittelbar nach dem Abwurf der Flugblätter in 2. Stock angetroffen hat. Diese Tatsache wurde Scholl nochmals vorgehalten. Er erklärte hierzu: (...). (Anton Mahler, 18/02/1943)

Observação:

As declarações de Scholl, segundo as quais ele teria visto os panfletos pela primeira vez na escada que dá acesso ao primeiro andar, são refutadas nas declarações de Jakob S c h m i d, já que o mesmo encontrou Scholl e sua irmã no segundo andar imediatamente depois de os panfletos terem sido despejados. Scholl foi novamente confrontado com esse fato. Diante disso, ele esclarece: [...]]

Pode-se dizer que o modelo teórico de retextualização de Marcuschi e os trabalhos de Alves voltados especificamente à retextualização em depoimentos judiciais trouxeram contribuições relevantes para a análise dos protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl pois, uma vez que não há registros (gravações) da interação oral que deu origem a esses textos, eles podem ajudar a compreender o processo de redação dos protocolos. Ao lançarem luz sobre os procedimentos adotados durante a transformação de fala em escrita e sobre a forte interferência da interpretação feita pela autoridade (investigador/delegado/juiz) nesse processo, tais estudos reforçam a necessidade de se lidar de forma cautelosa com textos que são frutos de um processo de retextualização, e não os interpretar como transcrições “fiéis” da fala.

A segunda seção deste capítulo foi dedicada à análise de elementos intratextuais relevantes, no plano mais microlinguístico, para a compreensão e tradução do *corpus* deste trabalho. Abordamos aqui questões referentes ao estilo, à relação entre oralidade e escrituralidade e aos vestígios resultantes dos processos de retextualização pelos quais passaram os interrogatórios. Nas próximas seções (4.3 e 4.4), analisaremos dois tópicos que se encontram na interface entre as perspectivas intra e extratextual até aqui apresentadas: os marcadores histórico-culturais e as estratégias linguístico-discursivas.

4.3 Confluência I: marcadores histórico-culturais

Ao tematizar a relação entre contexto e discurso sob a perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), Van Dijk (2012, p. 34) afirma que “contextos únicos [...] condicionam maneiras únicas de usar a linguagem”. Tal pressuposto é plenamente válido para a investigação dessa relação tal qual ela se deu na Alemanha nazista. Enquanto regime totalitário, o Nacional-Socialismo procurou dominar todas as esferas da vida cotidiana da população alemã, chegando a influenciar inclusive a forma como as pessoas se comunicavam. Braun (2007, p. 145, tradução nossa) constata que “assim que chegaram ao poder, os nacional-socialistas procuraram dominar a comunicação pública e, em certa medida, interferir até mesmo na língua²³⁷”.

Além do estudo de Braun (2007) – que se aproxima da temática sob a ótica da Linguística Textual e da Estilística Comparada e analisa, entre outros, discursos de Hitler, Goebbels, Ley e Göring –, existem diferentes trabalhos voltados à “linguagem do Nacional-Socialismo”. Maas (1984) seleciona uma amostra de diferentes textos dessa época dirigidos à juventude (discursos de Hitler, textos lidos na Juventude Hitlerista) e a grupos sociais específicos (como camponeses e donas de casa) para investigar o modo como a argumentação é construída nesses textos. Schlosser (2013), por sua vez, faz um estudo aprofundado sobre a manipulação da linguagem na propaganda nazista, cujo objetivo era incutir na população dogmas nazistas como o culto ao “Führer”, o ódio aos judeus, os ideais expansionistas, a disposição para a guerra, entre outros.

²³⁷ Die Nationalsozialisten [suchten], kaum an die Macht gelangt, die öffentliche Kommunikation zu beherrschen und ein Stück weit sogar in die Sprache einzugreifen.

Existem ainda glossários e enciclopédias voltados especificamente à elucidação de termos característicos do Nacional-Socialismo, como o *Vokabular des Nationalsozialismus*, de Schmitz-Berning (2007) e o *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*, de Benz et al. (2007). Tais obras apresentam, em forma de verbetes, palavras e expressões cunhadas ou ressignificadas pelo regime nacional-socialista com o intuito de disseminar sua ideologia e atingir seus propósitos. Em cada verbete são descritos, entre outros, o contexto em que a palavra ou expressão surgiu e com quais acepções era utilizada na época.

Dentre as publicações existentes sobre a linguagem nacional-socialista, a considerada mais proeminente é, sem dúvida, o livro *LTI – A Linguagem do Terceiro Reich* (título original em alemão: *LTI – Notizbuch eines Philologen*), redigido pelo filólogo alemão de origem judaica Victor Klemperer com base em anotações feitas por ele em seus diários entre 1933 e 1945 e publicado pela primeira vez na Alemanha em 1947. Klemperer, que fora professor de línguas e literaturas românicas na Universidade de Munique e na Escola Técnica Superior de Dresden, tinha no estudo da linguagem sua profissão, da qual foi afastado oficialmente pelos nazistas em 1935, devido à sua ascendência judia. Em seus diários, redigidos clandestinamente durante os 12 anos em que o NSDAP se manteve no poder, Klemperer registrou o nascimento e a consolidação de uma linguagem tipicamente nazista que, segundo ele, teria sido o mais forte instrumento de manipulação e doutrinação ideológica do qual se serviu o nazismo:

Não, o efeito mais forte não foi provocado por discursos isolados, nem por artigos ou panfletos, cartazes ou bandeiras. O efeito não foi obtido por meio de nada que se tenha sido forçado a registrar com o pensamento ou a percepção consciente. O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente (KLEMPERER 2009, p. 55).

Os protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl, sendo textos produzidos em uma Alemanha controlada há quase dez anos pelo Nacional-Socialismo e que foram formulados em grande medida por representantes da ideologia nazista, não poderiam deixar de apresentar marcas de uma linguagem que, àquela altura, já havia se desenvolvido consideravelmente e atravessado as barreiras da comunicação interna das instituições nazistas para integrar-se à comunicação cotidiana dos alemães comuns. Nas palavras de Klemperer (2007, p. 61),

Em 1933, com a *Machtübernahme* [tomada do poder] pelo partido, a linguagem desse grupelho se transformou em linguagem popular, ou seja, se apoderou de todos os setores da vida pública e privada: da política, da justiça, da economia, da arte, das ciências, da escola, dos esportes, da família, dos jardins de infância e até mesmo do quarto das crianças.

Para analisar as marcas deixadas nos textos dos protocolos pelo momento histórico em que foram produzidos e traçar uma estratégia de tradução adequada a elas, apoiamo-nos primeiramente no conceito expandido de “marcadores culturais” proposto por João Azenha Junior (2006). O autor amplia o conceito tradicional de marcadores culturais corrente nos Estudos da Tradução, que os concebe como uma menção, no texto de partida, a um referencial extralinguístico gerador de um problema de tradução por não existir na cultura de chegada. Na concepção de Azenha Junior, os marcadores culturais, muito além disso, refletem as diferentes formas com que cada cultura (e cada indivíduo inserido nessa cultura) interpreta a realidade e molda-a no discurso²³⁸.

Paralelamente ao conceito de marcadores culturais difundido por Azenha Junior, também nos embasamos, para a análise dos discursos subjacentes aos protocolos de interrogatório (discurso nazista vs. discurso da resistência), nas considerações de Teun Van Dijk acerca da relação dinâmica entre discurso, contexto e ideologia. Assim como Azenha Junior, Van Dijk critica abordagens que criam uma cisão entre os universos linguístico e extralinguístico e sugere que a relação entre ambos seja interpretada como um *continuum*, onde contexto – tomado por ele não como a realidade em si, mas sim como a forma com que os sujeitos a percebem e interpretam – e discurso condicionam-se e influenciam-se mutuamente.

Fundamentada dessa forma, a presente seção divide-se em duas partes. A primeira abordará elementos da linguagem nacional-socialista que se fazem presentes no *corpus*, voltando-se especificamente ao plano do léxico. A segunda adentrará mais a fundo o plano do discurso, explicitando a tensão perceptível nos textos dos protocolos de interrogatório entre elementos constitutivos do discurso nazista – exteriorizado pelos interrogadores – e do discurso da resistência alemã – exteriorizado pelos irmãos Scholl.

²³⁸ O conceito expandido de marcadores culturais de Azenha Junior está descrito em maiores detalhes na seção 3.2.1 deste trabalho.

4.3.1 O léxico nacional-socialista

Conforme mencionado anteriormente, o nazismo tinha uma maneira bastante particular de manipular a linguagem com o propósito de facilitar a assimilação de sua ideologia pelos alemães e disseminar seus pilares, como o antisemitismo e o culto ao “Führer”. Assim, ao lidar com os textos produzidos naquela conjuntura, deve-se levar em consideração que muitas palavras, expressões e frases presentes neles, apesar da aparente neutralidade, carregam uma dimensão histórica (e, no caso específico, ideológica) que não pode ser ignorada nem negligenciada na tradução. Nesta seção, abordaremos especificamente exemplos do léxico nacional-socialista identificados no *corpus*.

Klemperer (2009, p. 61 et seq.) aponta a pobreza como a característica principal da linguagem do “Terceiro Reich”. Segundo ele, “a pobreza da LTI é gritante. Ela é pobre por princípio, como se cumprisse um voto de pobreza”. Fazendo coro a essa afirmação, Schlosser pondera o seguinte:

O poder propagandístico do uso da linguagem pelo Nacional-Socialismo consistia justamente no estreitamento semântico dos conceitos existentes, que oferecia às pessoas menos interessadas e informadas politicamente um instrumentário simples e facilmente acessível para apreender fenômenos complicados – não raro por meio da restrição a imagens de inimigos supostamente inequívocos e objetivos de vida supostamente não problemáticos²³⁹. (SCHLOSSER, 2013, p. 11, tradução nossa)

Assim, a massa da população alemã logo passou a adotar em seu dia-a-dia palavras do vocabulário nacional-socialista, que eram introduzidas a todo momento, por exemplo pelos discursos de Hitler e Goebbels. Em uma obra que analisa, sob o ponto de vista sociológico, a educação da juventude no “Terceiro Reich”, Erika Mann reproduz uma anedota da época que serve de ilustração à assimilação do léxico nazista pelos alemães comuns em suas atividades rotineiras (vide grifos):

Uma anedota da nova Alemanha, que trata desse tema, é um reflexo fiel da realidade nazista, apesar de parecer engraçada: um pai chega em casa e não encontra ninguém lá. Em cima da mesa há um bilhete: “Estou na *NS-Frauenbund* [*Liga Nacional-Socialista de Mulheres*]. Voltarei tarde. Mãe.” Então ele também deixa lá um bilhete seu: “Vou à *Parteversammlung* [*assembleia do partido*]. Vai demorar. Pai.”. O próximo é o filho, Fritz. Ele

²³⁹ Die propagandistische Stärke des NS-Sprachgebrauchs bestand ja gerade in der semantischen Engführung der vorfindlichen Begrifflichkeiten, die dem politischen weniger Interessierten und Informierten ein einfaches, leicht zu handhabendes Instrumentarium bot, komplizierte Sachverhalte zu begreifen, nicht zuletzt mittels Reduzierung auf scheinbar eindeutige Feindbilder und auf scheinbar unproblematische Lebensziele.

deixa um bilhete: “Temos *Nachtübung* [treino noturno], durará até amanhã. Fritz.”. Hilda, a filha, é a última. Ela escreve: “Preciso ir à *Nachtversammlung* [reunião noturna] da BDM [Liga de Moças Alemãs]. Hilda.”.

Quando a pequena família se encontra por volta de duas horas da manhã, ladrões haviam passado por lá e roubado tudo o que estava solto, - a casa está oca e vazia. Sobre a mesa há um quinto bilhete: “Agradecemos ao nosso *Führer* Adolf Hitler pela oportunidade de assaltar esta casa. *Heil Hitler!* Os ladrões.”²⁴⁰. (MANN, 1997, p. 31, tradução e grifos nossos)

Outra característica fundamental da linguagem nacional-socialista destacada por Klemperer (2009) é o fato de ela não se constituir a partir de neologismos propriamente ditos. A principal estratégia de criação lexical nazista foi, segundo o filólogo, a ressignificação de palavras já existentes, combinando-as de forma distinta do que era antes usual:

Poucas palavras foram cunhadas pelo Terceiro Reich, talvez nenhuma. A linguagem nazista usa empréstimos do estrangeiro e absorve muito do alemão pré-hitlerista. Mas altera o sentido das palavras e a frequência de seu uso. Transforma palavras que pertenciam a uma pessoa ou a um pequeno grupo em propriedade de todos, requisita para o partido o que antes era de propriedade comum e, dessa forma, envenena palavras e formas sintáticas. Adapta a língua ao seu sistema terrível e, com ela, conquista o meio de propaganda mais poderoso, ao mesmo tempo o mais público e o mais secreto. (KLEMPERER, 2009, p. 56)

Foi assim que palavras como *Führer* (guia, líder), *Reich* (império), *Volk* (povo) e *Juden* (judeus) ganharam, durante o regime nacional-socialista, novas conotações que as marcariam de forma definitiva. No que tange à última delas, Schmitz-Berning (2007, p. 329) afirma tratar-se de uma designação utilizada pelos nazistas com conotação pejorativa e difamatória para se referir aos judeus²⁴¹. Diversos substantivos compostos com a palavra *Jude*, como *Judenfrage* (questão judaica), *Judenhaus* (residência coletiva de judeus), *Judenrat* (Conselho Judaico), *Weltjude* (judeu do mundo) *Judenstern* (Estrela de David), *Judenfirma* (empresa judaica) e *Judenpresse* (imprensa judaica) “solidificavam a ideia generalizada de

²⁴⁰ Eine Anekdote aus dem neuen Deutschland, die sich mit diesem Thema befaßt, entspricht durchaus der Nazi-Wirklichkeit, obwohl sie scherzhaft klingt: Der Vater kommt heim, findet niemanden zuhause. Ein Zettel liegt auf dem Tisch: „Bin im NS-Frauenbund. Komme spät zurück. Mutter“. Da legt er seinerseits einen Zettel hin: „Gehe auf die Parteiversammlung. Es wird spät werden. Vater“. Als nächster kommt Fritz, der Sohn. Er hinterläßt einen Zettel: „Haben Nachtübung, wird bis morgen dauern. Fritz“. Hilda, die Tochter, ist die letzte. Sie schreibt auf: „Muß auf Nachtversammlung des BDM. Hilda“.

Als die kleine Familie sich gegen zwei Uhr zusammenfindet, sind Diebe dagewesen und haben alles gestohlen, was nicht niet- und nagelfest war, - die Wohnung ist kahl und leer. Auf dem Tisch aber liegt ein fünfter Zettel: „Dass wir hier stehlen konnten, danken wir unserem Führer. Heil Hitler! Die Diebe.“.

²⁴¹ Im Nationalsozialismus ist Juden [...] eine verunglimpfende Bezeichnung für die Juden.

que os judeus constituíam uma unidade homogênea que se portava com um ‘corpo estranho’ em qualquer sociedade não-judaica²⁴²” (SCHLOSSER, 2013, p. 222, tradução nossa).

Consequentemente, embora a palavra *Jude* não possua, a princípio, qualquer caráter discriminatório do ponto de vista denotativo, sua apropriação pelos nazistas para designar supostos “inimigos” e justificar seu extermínio fez com que ela adquirisse uma carga semântica negativa permanente, de modo que seu uso atualmente na língua alemã é polêmico e exige cautela. No dicionário DUDEN, por exemplo, o verbete “*Jude*” aparece sinalizado como termo marcado pelo Nacional-Socialismo:

A designação *Jude*, *Jüdin* é eventualmente considerada discriminatória por remeter a seu uso na linguagem nacional-socialista. Nesses casos, opta-se sobretudo por formulações como *jüdische Menschen* (pessoas judias), *jüdische Mitbürgerinnen und Mitbürger* (concidadãs judias e concidadãos judeus) ou *Menschen jüdischen Glaubens* (pessoas de fé judaica)²⁴³. (DUDEN, 2007, p. 909, tradução nossa).

Em artigo sobre a lexicografia bilíngue alemão-português, Hoepner (2011) critica o fato de muitos dicionários atuais não sinalizarem para quem os manuseia a carga ideológica de verbetes profundamente marcadas pelo Nacional-Socialismo, como a palavra *Volk* (Povo) e diversos compostos formados a partir dela. Pode-se dizer que, em sua acepção nacional-socialista, o uso da palavra *Volk* e derivados tenha sido mais uma das estratégias de segregação utilizadas pelos nazistas. Só era considerado membro do “Povo Alemão” (*Deutsches Volk*) quem possuísse “sangue ariano puro” por pelo menos três gerações e agisse conforme os preceitos do regime, entre outras condições. Judeus, ciganos, homossexuais e adversários políticos (para citar apenas algumas das categorias excluídas pelos nazistas) não faziam, portanto, parte desse grupo.

A segregação por meio da linguagem empreendida pelo Nacional-Socialismo pode ser analisada à luz do conceito de “manipulação discursiva” presente em trabalhos de Van Dijk. Segundo o autor, a manipulação é “uma prática comunicativa e interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e interesses delas” (VAN DIJK, 2008, p. 243). Ela envolveria não apenas poder, mas também “abuso de poder, exercício de influência ilegítima sobre alguém” (loc. cit.). Seria, além disso, um

²⁴² Auch die neben „Judenfrage“ und „Judenstaat“ zahlreichen weiteren Komposita wie „Judenboykott/ -firma/ -haus/ -knecht/ -presse“ verfestigten das allgemeine Bewusstsein, dass es sich bei den Juden um eine homogene Einheit handle, die in jeder nichtjüdischen Gesellschaft einen „Fremdkörper“ darstellte.

²⁴³ Gelegentlich wird die Bezeichnung *Jude*, *Jüdin* wegen der Erinnerung an den nationalsozialistischen Sprachgebrauch als diskriminierend empfunden. In diesen Fällen werden dann meist Formulierungen wie *jüdische Menschen*, *jüdische Mitbürgerinnen und Mitbürger* oder *Menschen jüdischen Glaubens* gewählt.

fenômeno social – por se dar na interação e envolver relações de poder entre grupos e atores sociais –, cognitivo – que implica na manipulação das mentes dos envolvidos – e discursivo-semiótico – por ser exercida por meio da escrita, da fala e de mensagens visuais (ibid.).

Dentre as possíveis estratégias discursivas de manipulação, Van Dijk (2008, p. 253) cita as seguintes:

- Autorrepresentação positiva e representação negativa do outro;
- Macroatos de fala indicando nossos “bons” atos e os “maus” atos dos outros, por exemplo acusação e defesa;
- No léxico: selecionar palavras positivas para nós e palavras negativas para eles;
- Figuras retóricas;
- Expressões sonoras e visuais;

No quadro a seguir, estão expostos alguns exemplos de palavras utilizadas frequentemente na linguagem nacional-socialista com o intuito de fortalecer através da manipulação discursiva – a segregação entre membros (correspondentes à categoria “nós” de Van Dijk) e não-membros do “Povo” (“eles”), pregada pela ideologia nazista.

Quadro 11 – Exemplos de segregação ideológica através da língua

“Nós”	“Eles”
“die Deutschen” (“os alemães”)	“die Juden” (“os judeus”)
“das Deutsche Volk” (“o Povo Alemão”)	“Juda” (“Judá”)
“die Volksgemeinschaft” (“a Comunidade do Povo”)	“die jüdische Rasse” (“a raça judia”)
“die Volksgenossen” (“os compatriotas”)	“die Volksfeinde” (“os inimigos do Povo”)
“deutschblütig” (“de sangue alemão”)	“volksfeindlich” (“nocivo ao Povo”)
“die Arier” (os arianos)	“die Untermenschen” (“os subhomens”)
“die Reichsbürger” (“os cidadãos do <i>Reich</i> ”)	“die Volksschädlinge” (“os parasitas do Povo”)

Ao observar os exemplos, é possível perceber claramente alguns dos recursos utilizados para criar uma representação negativa do “outro” por meio do uso de palavras com conotação negativa como *Feind* (inimigo – substantivo), *feindlich* (inimigo – adjetivo), *Schädling* (parasita) e de prefixos como *Unter-* (sub-, como em subhomem). Tais designações, utilizadas sobretudo para se referir aos judeus, refletem ideias intensamente

propagadas pelo discurso nazista: de que o convívio dos alemães com outras “raças” (especialmente a “semita”) seria prejudicial à soberania da “raça ariana”, de que os judeus seriam os responsáveis pelas mazelas que acometiam a população alemã desde o fim da Primeira Guerra Mundial e – muito além disso – de que eles não seriam “pessoas”, mas sim uma categoria inferior da espécie humana (“subhomens”, na terminologia nazista). O regime valeu-se desses e de outros argumentos para tentar justificar e legitimar o tratamento cruel dado aos judeus de forma cada vez mais explícita a partir da “Noite dos Cristais” (09/11/1938), bem como toda a barbárie que seria praticada contra eles e outros grupos sociais até o fim da guerra.

Nos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl, um exemplo claro dessa segregação através do léxico encontra-se na ficha introdutória que, conforme já mencionado, tinha a função de colher, além de dados pessoais básicos (nome, endereço, profissão e estado civil), informações prévias que permitissem à *Gestapo* traçar de antemão o perfil “racial” e ideológico do interrogado. Muitas das perguntas que compõem o formulário introdutório possibilitavam que a polícia nazista inferisse, mesmo antes do início do interrogatório propriamente dito, o quanto o interrogado se identificava com a concepção de mundo nacional-socialista e o quão integrado estava à forma de sociedade projetada pelos nazistas.

Um dos campos a serem preenchidos no formulário questiona se a pessoa a ser interrogada é ou não “cidadão do Reich” (*Reichsbürger*). De acordo com a “Lei do Cidadão do Reich”²⁴⁴, de 15/09/1935, era considerado legalmente cidadão do *Reich* apenas quem fosse “possuidor de sangue alemão ou congênere” e comprovasse “a partir de seu comportamento estar disposto e apto a servir fielmente ao Povo e ao Reich Alemão”, entre outros requisitos. Diversos membros da Rosa Branca, dentre eles Hans e Sophie Scholl, perderam o status de “cidadãos do Reich” e, conseqüentemente, seus direitos civis quando foram condenados pelo Tribunal do Povo nazista. Talvez isso explique o significado maior da seguinte oração presente na sentença proferida em 22/02/1943 contra os irmãos Scholl e Christoph Probst: “Eles serão privados de seus direitos civis para sempre” (SCHOLL, 2014, p. 118).

O sexto campo do formulário levanta, por sua vez, informações referentes às crenças religiosas e políticas do suspeito (É membro de alguma comunidade religiosa ou ideológica? Crê em Deus? É ateu?) e às suas origens “raciais” (Os pais e avós são “alemães de sangue” [*deutschblütig*]?). A palavra *deutschblütig* (alemão de sangue) também é um exemplo do

²⁴⁴DEUTSCHES REICH. Reichsbürgergesetz vom 15. September 1935. **Reichsgesetzblatt I**, Reichsministerium des Innern, Berlin, n. 100, p. 1146, 1935. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?aid=dra&datum=1935&page=1288&size=45>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

léxico nacional-socialista, visto que a forma social propagada pelo Nacional-Socialismo consistia em uma “comunidade de sangue” (*Blutsgemeinschaft*), projetada a partir de critérios de pureza racial. A partir da proclamação das leis de Nuremberg, o termo “alemão de sangue” (*deutschblütig*) passou a ser utilizado em substituição ao termo “ariano” (*Arier*) para designar aqueles que possuísem ascendência “alemã” por pelo menos três gerações. Na ficha, pergunta-se ao inquirido se ele, seus pais e avós são alemães de sangue. O mesmo é questionado sobre o cônjuge, uma vez que a “Lei para a proteção do sangue alemão e da honra alemã”²⁴⁵ de 15/09/1935 proibia, entre outros, casamentos entre judeus e “alemães de sangue”.

A palavra *wehrunwürdig* (“indigno de servir às Forças Armadas”) presente no 16º campo do formulário configura-se em mais um exemplo da segregação exercida através da linguagem durante o regime nacional-socialista, posto que se questiona ali se o indivíduo foi excluído do serviço militar por ser “indigno de servir ao *Reich*”. Segundo a Lei das Forças Armadas de 21/05/1935²⁴⁶, era considerado indigno de servir ao *Reich*, por exemplo, quem possuísse antecedentes criminais específicos (como envolvimento em ações subversivas) ou “comportamento homossexual”. No artigo 13 da lei consta:

§1 – É indigno de servir ao Reich e, por esse motivo, excluído do serviço militar, quem (a) foi condenado à pena de reclusão com trabalhos forçados; (b) não está de posse de seus direitos civis; (c) está sujeito às medidas de segurança e correção prescritas no artigo 42a do Código de Direito Penal do Reich; (d) foi condenado por um tribunal militar a perder a dignidade de servir ao Reich ou (e) foi condenado judicialmente por envolvimento em ações subversivas²⁴⁷. (Wehrgesetz, Reichsgesetzblatt I, n. 52, p. 610, 1935, tradução nossa)

As “medidas de segurança e correção prescritas no artigo 42a do Código Penal do *Reich*” diziam respeito a indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade. Fariam parte dessa categoria os (potenciais) “perpetradores de crimes contra os costumes”

²⁴⁵DEUTSCHES REICH. Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre vom 15. September 1935. **Reichsgesetzblatt I**, Reichsministerium des Innern, Berlin, n. 100, p. 1146, 1935. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?aid=dra&datum=1935&page=1288&size=45>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

²⁴⁶DEUTSCHES REICH. Wehrgesetz vom 21. Mai 1935. **Reichsgesetzblatt I**, Reichsministerium des Innern, Berlin, n. 52, p. 609, 1935. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?aid=dra&datum=1935&size=45&page=751>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

²⁴⁷ (1) Wehrunwürdig und damit ausgeschlossen von der Erfüllung der Wehrpflicht ist, wer (a) mit Zuchthaus bestraft ist, (b) nicht im Besitz der bürgerlichen Ehrenrechte ist, (c) den Maßnahmen der Sicherung und Besserung nach § 42 a des Reichsstrafgesetzbuches unterworfen ist, (d) durch militärgerichtliches Urteil die Wehrwürdigkeit verloren hat, (e) wegen staatsfeindlicher Betätigung gerichtlich bestraft ist.

(*Sittlichkeitsverbrecher*), dentre os quais estariam, segundo a concepção nacional-socialista, indivíduos homossexuais.

Os vestígios do vocabulário nazista mais abundantes no *corpus* de nosso trabalho surgem, entretanto, no uso nas referências diretas a elementos da realidade nacional-socialista, como instituições (muitas vezes reduzidas a siglas – o que também era uma característica da linguagem nacional-socialista) e cargos hierárquicos. Alguns exemplos estão listados a seguir:

- (a) Mir ist bekannt, dass er vor längerer Zeit in München im Rahmen der **KdF**-Veranstaltungen aus eigenen Werken gelesen hat. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[Sei que há muito tempo ele esteve em Munique para ler trechos de obras suas durante eventos da **associação Força pela Alegria**]

- (b) Gleich anschliessend kam ich bis Ende März 1942 in das **Kriegshilfsdienstlager** nach Blumberg in Baden, wo ich in einem Kinderhort der **NSV** Blumberg eingesetzt war. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Logo em seguida, fui designada para o **campo de Serviço de Auxílio à Guerra** em Blumberg, estado de Baden, onde trabalhei até o final de março de 1942 em uma creche da **Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular (NSV)** de Blumberg.]

- (c) Diese lernte ich beim **RAD** in Krauchenwies kennen und pflege seitdem ständig Umgang mit ihr. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Eu a conheci durante o **Serviço Obrigatório para o Reich (RAD)** em Krauchenwies e desde então mantenho contato com ela.]

No excerto (a) é feita menção à associação Força pela Alegria (*Kraft durch Freude*) vinculada ao NSDAP e subordinada à Frente Alemã de Trabalho (*Deutsche Arbeitsfront*). A KdF era, provavelmente, a associação ligada ao partido que mais gozava de popularidade entre as massas e um componente fundamental da política social nacional-socialista. Assemelhava-se, em sua essência, à política romana de “pão e circo”: sua função principal era entreter a população alemã, oferecendo diversas atividades de lazer e uma programação cultural variada que continha desde apresentações artísticas (concertos, teatro, exposições, saraus literários) até excursões turísticas.

O trecho reproduzido em (b) traz duas referências a instituições e políticas nacional-socialistas. O “Serviço de Auxílio à Guerra” (*Kriegshilfsdienst*) foi instituído logo no início da Segunda Guerra Mundial como medida provisória que previa o engajamento de estudantes secundaristas junto a estabelecimentos de assistência social, hospitais, famílias necessitadas (especialmente aquelas com muitos filhos), repartições públicas e escritórios das Forças Armadas. Já a “Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular” (*National-*

sozialistische Volkswohlfahrt ou *NSV*) foi fundada pelos nacional-socialistas em Berlim, no ano de 1932, como entidade local de caridade e alçada por Hitler em 03/05/1933 à condição de associação beneficente oficial do partido nazista. Em 1943, a Associação contava com 17 milhões de membros e era (depois da “Frente Alemã de Trabalho”) a segunda maior e mais conhecida associação afiliada ao partido nazista. Algumas das atividades desenvolvidas pela associação eram a assistência a refugiados e vítimas de bombas, bem como a famílias alemãs necessitadas. Conforme denota a presença do substantivo “Povo” [*Volk*] em seu nome, o trabalho realizado era condicionado a critérios de pureza racial: a assistência era prestada apenas a indivíduos que supostamente possuíam “valor” do ponto de vista racial (“alemães de sangue”) e estariam passando por dificuldades apenas temporariamente.

No exemplo (c) fala-se no “Serviço Obrigatório para o *Reich*” (*Reichsarbeitsdienst* ou *RAD*). Uma lei de 26 de junho de 1935²⁴⁸ instituiu, para os jovens alemães de ambos os sexos com idade entre 18 e 24 anos, a obrigatoriedade de realizar, durante meio ano, algum serviço de utilidade pública. RAD era também o nome do órgão estatal criado com a tarefa de organizar a prestação do serviço, convocando os jovens na idade estipulado e atribuindo a cada um deles um serviço específico que contribuísse de alguma forma para o desenvolvimento econômico do *Reich*. No primeiro artigo da lei, consta:

§1 - O Serviço Obrigatório para o *Reich* é um serviço para honrar o Povo Alemão [...] §3 – O Serviço Obrigatório para o *Reich* deve educar a juventude alemã no espírito do Nacional-Socialismo para a vida na Comunidade do Povo e para a verdadeira concepção de trabalho, sobretudo no que se refere à devida valorização dos trabalhos manuais²⁴⁹. (Reichsgesetzblatt I, n. 64, p. 769, 1935, tradução nossa).

Tendo em vista que Hans e Sophie Scholl eram jovens adultos e haviam tido uma adolescência profundamente marcada pela interferência do Nacional-Socialismo através da Juventude Hitlerista, são ainda especialmente frequentes no *corpus* designações de ramificações dessa organização juvenil oficial do nazismo (*Hitler-Jugend*, *Deutsches Jungvolk*, *Bund Deutscher Mädel* e *Jungmädelschaft*) e de postos hierárquicos dessas organizações (*Scharführerin*, *Gruppenführerin*, *Fähnleinführer*), como nos exemplos abaixo:

²⁴⁸DEUTSCHES REICH. Reichsarbeitsdienstgesetz vom 26. Juni 1935. **Reichsgesetzblatt I**, Reichsministerium des Innern, Berlim, n. 64, p. 769, 1935. Disponível em: <<http://alex.onb.ac.at/cgi-content/alex?apm=0&aid=dra&datum=19350004&zoom=2&seite=00000769&ues=0&x=16&y=14>>. Acesso em 01 mai. 2015.

²⁴⁹ (1) Der Reichsarbeitsdienst ist Ehrendienst am Deutschen Volke. (...) (3) Der Reichsarbeitsdienst soll die deutsche Jugend im Geiste des Nationalsozialismus zur Volksgemeinschaft und zur wahren Arbeitsauffassung, vor allem zur gebührenden Achtung der Handarbeit erziehen.

- (d) Im März 1933 trat ich in Ulm dem **Deutschen Jungvolk** bei und wurde dem **Fähnlein Nord** zugeteilt. Von 1935 oder 1936 an war ich **Fähnleinführer**. In dieser Eigenschaft wurde ich nicht in die allgemeine **HJ** überführt. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[Em março de 1933 entrei para o **Povo Jovem Alemão** de Ulm e fui agregado à **Patrulha Norte**. A partir de 1935 ou 1936 tornei-me **Líder de Patrulha**. Como detinha essa função, não fui transferido para a **Juventude Hitlerista** geral.]

- (e) Ich selbst trat im Januar 1934, damals 13-jährig, die **Jungmädelschaft** der **HJ** ein und gehörte der **HJ** bzw. dem **BDM** bis 1941 an. Etwa im Jahre 1935 wurde ich **Jungmädelschaftsführerin**, 1936 **Scharführerin** und 1937/38 **Gruppenführerin**. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Eu própria ingressei em janeiro de 1934, aos 13 anos, na **União Jovem de Meninas** da **HJ** e pertenci à **HJ**, isto é, à **Liga de Moças Alemãs (BDM)** até 1941. Por volta de 1935 me tornei **Líder Jovem das Meninas**, em 1936 fui promovida a **Líder de Esquadrão** e em 1937/38 a **Líder de Grupo**.]

Conforme transparece nos dois trechos acima, a associação juvenil oficial do regime nacional-socialista possuía uma estrutura bastante complexa, que hoje em dia demanda uma pesquisa para ser compreendida. *Hitler-Jugend* (Juventude Hitlerista) era tanto a designação geral dessa associação quanto de sua ramificação masculina e ainda de uma subdivisão desta, destinada a rapazes com idade entre 14 e 18 anos. Já a seção da HJ voltada a meninos entre 10 e 14 anos chamava-se *Deutsches Jungvolk* (Povo Jovem Alemão). A ramificação feminina da Juventude Hitlerista geral, por sua vez, recebia o nome de *Bund Deutscher Mädel* (Liga de Moças Alemãs). Era este também o nome dado à subdivisão da BDM destinada a moças entre 14 e 18 anos. A seção para meninas entre 10 e 14 anos era, porém, denominada *Jungmädelschaft* (União Jovem de Meninas).

Cabia à Juventude Hitlerista, assim estruturada, a tarefa de, aliada à família e à escola, preparar os jovens — física, mental e moralmente — para servirem ao “Povo alemão” e conviverem na “Comunidade do Povo”, agindo sempre de acordo com os preceitos ideológicos do Nacional-Socialismo. Em março de 1939, um decreto tornou obrigatória a afiliação de jovens a partir dos 10 anos à Juventude Hitlerista e tornou legítima a aplicação de sanções legais àqueles que se recusassem a participar dela.

No que tange à sua hierarquia interna, a Juventude Hitlerista assemelhava-se às organizações paramilitares do NSDAP²⁵⁰: cada unidade, por menor que fosse (as menores abrangiam cerca de 10 jovens) era comandada por um líder (“Führer”). Quanto melhor o desempenho e a lealdade demonstrada por esse líder, maior seria sua ascensão na hierarquia e

²⁵⁰ No apêndice do glossário anexo a este trabalho há um esquema mais detalhado da estrutura e hierarquia internas da Juventude Hitlerista.

a quantidade de jovens sob sua responsabilidade. Hans Scholl, no posto de *Fähnleinführer* (“Líder de Patrulha”), e Sophie Scholl, no posto de *Gruppenführerin* (“Líder de Grupo”), chegaram a ser responsáveis cada qual por outros 160 jovens enquanto estiveram afiliados à HJ.

Figura 11 – Estrutura da Juventude Hitlerista

Dos exemplos analisados nesta seção, pode-se concluir, portanto, que as peculiaridades do léxico nacional-socialista constituem um problema de tradução de textos produzidos nesse momento histórico, visto que seu teor ideológico nem sempre é evidente para o leitor de hoje (mesmo em língua alemã) e gera, assim, a necessidade de uma pesquisa histórica e de uma contextualização detalhada para que tal teor possa ser sinalizado de alguma forma ao leitor da tradução. As estratégias utilizadas com esse fim na tradução dos interrogatórios dos irmãos Scholl com este fim serão abordadas e descritas na seção 5.4.1 deste trabalho.

4.3.2 Discursos subjacentes: discurso nazista vs. discurso da resistência

A percepção de que, como defende Van Dijk (2012, p. 45), não é a realidade extralinguística em si que influencia o discurso, mas sim a forma como o sujeito a percebe e interpreta, pode ser observada no *corpus* deste trabalho a partir de uma tensão que perpassa todo o texto retextualizado dos interrogatórios: a tensão entre o discurso nazista, defendido pelos interrogadores, e o discurso da resistência, presente nas vozes dos interrogados (no caso, os irmãos Scholl). Esses discursos distintos são resultantes de duas formas diferentes de perceber e interpretar a realidade da época, dominada pelo regime nacional-socialista. Enquanto os interrogadores interpretavam essa realidade de forma positiva, assumindo na interação a função de representantes e defensores dos interesses do NSDAP, os interrogados revelaram em algumas de suas falas o que os incomodava nessa realidade e que os motivou a tentar transformá-la por meio de seus panfletos e ações.

Ao comparar a linguagem nacional-socialista à “linguagem da resistência”, Schlosser (2013, p. 344) constata que a segunda é, como seria de se esperar, muito menos uniforme do que a primeira. Isso se deve, antes de tudo, ao fato de terem existido diversas formas e tendências muito distintas de resistência ao Nacional-Socialismo (conforme exposto no segundo capítulo desta dissertação). Alguns tópicos, porém, são comuns a todas ou muitas delas e constituem assim, elementos intrínsecos a um “discurso da resistência”. Nesta seção destacaremos alguns elementos característicos do discurso nazista e do discurso da resistência que podem ser percebidos nos protocolos – mesmo que de forma implícita. Levando-se em conta as diferentes estratégias utilizadas por interrogados e interrogadores para preservarem a si próprios na interação – as quais serão retomadas na seção 4.4 – pode-se pressupor que nenhuma das duas partes expressaria muito aberta e espontaneamente suas opiniões quanto à realidade que os circundava. Especialmente por parte dos interrogadores é muito raro encontrar nos protocolos registros explícitos de seu posicionamento ideológico, embora este permeie toda a produção dos textos. Talvez o único caso em que isso ocorra mais abertamente esteja na seguinte pergunta dirigida por Robert Mohr a Sophie Scholl:

- (a) Während der Gesamtvernehmung, die sich über zwei volle Tage erstreckte, haben wir zwischendurch, wenn auch nur streiflichtartig, verschiedene politische und weltanschauliche Fragen besprochen. Sind Sie nach diesen Aussprachen nun nicht doch zu der Auffassung gekommen, daß man Ihrer Handlungsweise und das Vorgehen gemeinsam mit Ihrem Bruder und anderen Personen **gerade in der jetzigen Phase des Krieges** als ein Verbrechen gegenüber der Gemeinschaft insbesondere aber unserer im Osten schwer und

hart kämpfenden Truppen anzusehen ist, das die schärfste Verurteilung finden muß. (Robert Mohr, 20/02/1943)

[Durante todas as sessões de interrogatório, que se estenderam por dois dias inteiros, discutimos, mesmo que de passagem, diferentes questões políticas e ideológicas. Mesmo depois dessas conversas, a senhora realmente não se convenceu de que seus atos e suas ações junto com seu irmão e outras pessoas, **justamente na fase atual da guerra**, constituem um crime contra a Comunidade e especialmente contra as nossas tropas que lutam bravamente com todas as forças no front oriental, e que precisam ser punidos com a pena mais severa.]

Trata-se do final da última sessão de interrogatório conduzida por Mohr com Sophie Scholl na noite de 20 de fevereiro de 1943. Na fala do interrogador, é possível perceber uma referência à realidade extralinguística da época. Em fevereiro de 1943, época em que Sophie foi detida e interrogada, a situação da Alemanha na guerra era preocupante. Pouco antes, havia chegado até a população alemã a notícia da derrota catastrófica em Stalingrado. O 6º exército alemão, comandado pelo general Friedrich von Paulus, havia sido completamente cercado pelas tropas soviéticas na região de Stalingrado em 23 de novembro de 1943. Só do lado alemão, cerca de 150 000 soldados perderam a vida durante a batalha (muitos deles por congelamento, já que as tropas alemãs não estavam preparadas para enfrentar o rigoroso inverno russo) e 91 000 foram presos pelas tropas soviéticas. Destes, apenas 5 000 retornaram à Alemanha (muitos deles apenas uma década depois do fim da guerra). Quando Robert Mohr diz “justamente na fase atual da guerra”, ele se refere, portanto, à primeira grande derrota alemã na guerra, durante a Batalha de Stalingrado, ocorrida pouco tempo antes da prisão dos irmãos Scholl.

A virada no front oriental, que trouxe consigo um número tão elevado de baixas, abalou profundamente o moral da população alemã e significou para muitos a primeira ruptura com a (até então inabalável) confiança no “Führer” e na vitória da Alemanha na guerra. Este fato é reconstruído de diferentes formas no interior do discurso nazista e do discurso da resistência. Diante dele, o interrogador de Sophie Scholl caracteriza a ação da resistência como um “crime contra a Comunidade” (*ein Verbrechen gegenüber der Gemeinschaft*) e não mede elogios às tropas que permaneciam lutando em outros pontos no front oriental, caracterizando-as como “tropas que lutam bravamente com todas as forças” (*schwer und hart kämpfende Truppen*). Assim, Robert Mohr constrói a imagem de uma guerra legítima e, conseqüentemente, deslegitima as ações de quem é contrário a ela, posicionamento usual nos discursos nazistas que tematizavam a guerra. Um deles ocorrera apenas dois dias antes, em 18 de fevereiro (justamente o dia em que os irmãos Scholl foram presos na

universidade), quando Joseph Goebbels proferiu seu conhecido discurso no Palácio dos Esportes em Berlim, no qual declarou “Guerra Total” diante de milhares de alemães presentes.

A derrota em Stalingrado é reconstruída, naturalmente, de forma diversa no discurso da resistência. Ela é tema do sexto panfleto da *Rosa Branca*, redigido pelo professor Kurt Huber também em fevereiro de 1943, bem como do esboço do sétimo panfleto, escrito por Christoph Probst. Logo no início dos dois panfletos, é possível perceber como esse tópico é retratado no discurso da resistência:

Nosso povo está estarrecido diante da queda dos homens de Stalingrado. A genial estratégia daquele que foi cabo na primeira guerra mundial lançou, **inútil e irresponsavelmente**, trezentos e trinta mil homens alemães à morte e à perdição. *Führer*, nosso muito obrigado! (6º panfleto distribuído pela Rosa Branca. In: SCHOLL, 2014, p. 109)

Stalingrado! Duzentos mil irmãos alemães sacrificados pelo prestígio de um vigarista militar. Ocultaram dos soldados sacrificados as condições humanas de capitulação oferecidas pelos russos. Por esse **assassinato em massa**, o general Paulus foi condecorado com as *folhas de carvalho*. Em aviões, oficiais de alta patente salvaram-se da batalha de Stalingrado. Hitler proibiu os combatentes **encurralados** de recuarem em direção às tropas de retaguarda. Agora, o sangue de 200 mil soldados **entregues à morte** denuncia o assassino Hitler. (Esboço do 7º panfleto. In: SCHOLL, 2014, p. 225, grifos nossos)

Aqui são destacadas as perdas humanas provocadas pela estratégia expansionista nazista, caracterizada explícita ou implicitamente com atributos negativos como inútil, irresponsável, covarde e assassina. No 6º panfleto, verifica-se ainda o uso de ironia (“genial estratégia”, “nosso muito obrigado”) para potencializar a crítica. O texto do panfleto de Kurt Huber, dirigido aos estudantes universitários de Munique, faz críticas severas à política bélica do partido nazista, enaltecida pelo interrogador de Sophie Scholl em seu discurso. Já o de Christoph Probst recebe clara influência de transmissões radiofônicas da BBC de Londres, escutadas clandestinamente por ele na casa de sua mãe²⁵¹.

O embate ideológico entre Robert Mohr e Sophie Scholl na última sessão de interrogatório entre ambos também é descrito por Else Gebel (companheira de cela de Sophie) no seguinte trecho de seu relato escrito no fim de 1946:

²⁵¹ Percebe-se essa influência por exemplo na citação da exigência de Roosevelt por uma “capitulação incondicional”: “Em 26 de fevereiro de 1943, Roosevelt, o homem mais poderoso do mundo, disse em Casablanca: “nossa luta de extermínio não se volta contra os povos, mas sim contra os sistemas políticos. Lutaremos até capitulação incondicional” (SCHOLL, 2014, p. 225 et seq.).

Naquela tarde, ele (Mohr é seu nome) te fez um longo discurso sobre o sentido do Nacional-Socialismo, obediência ao Führer, honra alemã, e sobre como vocês de fato teriam, com suas ações, corrompido o poderio militar alemão. Ele quis talvez te dar mais uma chance quando perguntou: “Srta. Scholl, se a senhora soubesse e tivesse ponderado antes tudo isso que eu lhe esclareci aqui, a senhorita não teria se deixado cooptar para tais ações, certo?”. E qual é tua resposta, menina corajosa e apaixonada pela verdade? “O senhor está enganado. Eu faria tudo de novo e exatamente da mesma forma, pois não sou eu, mas sim o senhor que tem uma visão de mundo errada”²⁵². (Relato de *Else Gebel*. IfZ, Fa 215/Bd. 3)

Outro elemento característico do discurso da resistência que aparece tanto nos panfletos da Rosa Branca e nas pichações feitas pelo grupo em fachadas de Munique quanto em algumas falas de Hans e Sophie registradas nos protocolos é a crítica às restrições impostas pelo regime nacional-socialista à liberdade individual. No sexto panfleto distribuído pelo grupo, consta, por exemplo: “Em nome de todo o povo alemão, exigimos que o Estado de Adolf Hitler nos devolva a liberdade pessoal, o bem mais precioso dos alemães, que ele nos roubou da maneira mais deplorável” (SCHOLL, 2014, p. 105). No seu primeiro interrogatório, em 18 de fevereiro de 1943, Sophie Scholl teria dito ao interrogador:

- (b) Als weiteren und schliesslich als hauptsächlichen Grund für meine Abneigung gegen die Bewegung möchte ich anführen, dass nach meiner Auffassung **die geistige Freiheit des Menschen in einer Weise eingeschränkt wird, die meinem inneren Wesen widerspricht**. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Quero mencionar ainda que outro motivo, aliás o mais forte deles, para minha aversão ao Movimento é minha percepção de que **a liberdade espiritual do ser humano está sendo cerceada de um modo que vai contra a minha essência.**]

A crítica ao tratamento cruel dispensado aos povos nas regiões ocupadas por tropas nazistas também é um tópico frequente no discurso da resistência da época, presente nos panfletos e interrogatórios da Rosa Branca. No segundo panfleto, distribuído em meados de 1942, o grupo denuncia crimes cometidos pelos nazistas na Polônia: “Todos os rebentos masculinos de linhagem nobre entre 15 e 20 anos foram sequestrados e conduzidos a campos de concentração na Alemanha para realizar trabalhos forçados, todas as moças dessa idade

²⁵² Er (Mohr ist sein Name) hat Dir an diesem Vormittag einen längeren Vortrag gehalten über den Sinn des Nationalsozialismus, Führerprinzip, Deutsche Ehre, und wie sehr doch mit Eurem Tun die deutsche Wehrkraft zersetzt hättet. Er will Dir vielleicht noch eine Chance bieten, als er Dich fragt: „Frl. Scholl, wenn Sie das alles, was ich Ihnen jetzt erläutert habe, vorher gewusst und bedacht hätten, so hätten Sie sich doch nie zu derartigen Handlungen hinreissen lassen?“. Und was ist Deine Antwort, tapferes, wahrheitsliebendes Mädel? „Sie täuschen sich. Ich würde alles genau noch einmal so machen, denn nicht ich, sondern Sie haben die falsche Weltanschauung“.

foram levadas aos bordéis da SS na Noruega!” (SCHOLL, 2014, p. 92). Em seu interrogatório, Hans Scholl teria declarado:

(c) Andererseits **war mir die Behandlung der von uns besetzten Gebiete und Völker ein Greuel**. Ich konnte mir nicht vorstellen, dass nach diesen Methoden der Herrschaft eine friedliche Aufarbeit in Europa möglich sein wird. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[Por outro lado, **o tratamento dado aos povos e às regiões por nós ocupadas me causava horror**. Eu não conseguia acreditar que seria possível reconstruir a Europa pacificamente depois desses métodos de dominação.]

Em síntese, pode-se concluir que, ao transparecer nos textos dos interrogatórios, a tensão entre a ideologia nazista e as convicções que motivaram as ações da *Rosa Branca* tornam este *corpus* especialmente propício à divulgação histórica do tema da resistência ao Nacional-Socialismo. Ao mesmo tempo, esses textos se prestam a um estudo teórico que visa a identificar a relação dinâmica entre discurso e contexto: por um lado, as condições de pressão e as relações de poder características do regime nacional-socialista, tal qual percebidas e interpretadas por interrogador e interrogado, deixaram marcas no discurso de ambas as partes; por outro, o objetivo da Rosa Branca, ao produzir e distribuir seus panfletos, era justamente modificar o contexto a partir do discurso.

Tendo em vista que a função dos interrogatórios era fortalecer os argumentos do Tribunal do Povo para a condenação dos réus, nos protocolos (assim como ocorria na realidade em geral) o discurso nazista sobrepõe-se e busca sufocar o discurso da resistência, refletindo as medidas repressivas e arbitrárias do regime que sustentava. Reforça-se, assim, a importância de abordar e analisar esses registros dos interrogatórios sempre em relação a outras fontes que deem voz ao discurso da resistência, como os panfletos, cartas e diários de membros do grupo e relatos de pessoas que conviveram com eles.

4.4 Confluência II: estratégias linguístico-discursivas

Por estratégias linguístico-discursivas entendemos, conforme já abordado na seção 3.3.4 desta dissertação, decisões-base que o produtor de um texto toma no nível da estrutura microlinguística (por exemplo nos planos lexical e sintático) com vistas a cumprir determinado propósito no nível pragmático-discursivo, como convencer alguém de algo ou levar alguém a tomar determinada decisão ou atitude. Elas estão, assim, de acordo com os

pressupostos básicos do *funcionalismo linguístico*, que faz parte da fundamentação teórica do presente trabalho e é definido por Castilho da seguinte forma:

O Funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são então estudadas. [...] O Funcionalismo tem em comum eleger ora o Discurso, ora a Semântica como componentes centrais de uma língua, indagando continuamente como a língua funciona nesses ambientes. (CASTILHO, 2012, p. 21)

Em outras palavras, os sujeitos buscam atuar sobre a realidade concreta por meio do discurso, utilizando-se para isso de determinados meios linguísticos, que são um dos objetos de estudo do funcionalismo.

Em relação a esse tipo de estratégia, Alves (2003, p. 48) afirma: “[...] a noção de ‘estratégia discursiva’ preserva a ideia de planejamento e execução de movimentos, ações (linguísticas) e, num nível mais geral, pode ser considerada a melhor maneira de alcançar um objetivo dentre as possibilidades de escolha ante várias táticas”. Além do trabalho de Alves, que investiga o uso de estratégias linguístico-discursivas em depoimentos judiciais, outros estudos relativamente recentes analisam a ocorrência de tais estratégias em gêneros textuais específicos, como santinhos políticos (VIANA, 2009) e livros de autoajuda (PEREIRA, 2005).

Certas estratégias linguístico-discursivas identificam-se com algumas das estratégias discursivas de manipulação elencadas por Van Dijk (2008, p. 253), tais quais:

- Seleção de tópicos e (des)ênfase de pontos negativos ou positivos nas macroestruturas semânticas;
- Significados locais de ações positivas ou negativas: fornecer muitos ou poucos detalhes, generalizar ou ser específico, ser vago ou ser preciso, ser explícito ou ser implícito;
- Na sintaxe local, uso de orações ativas vs. orações passivas, nominalizações, com o intuito de (des)ênfase a responsabilidade positiva ou negativa de alguém;

Nas próximas seções, descreveremos cinco tipos de estratégias linguístico-discursivas identificadas no *corpus*, muito semelhantes às listadas acima, e analisaremos alguns exemplos delas, a saber: a construção do *ethos* (especificamente por parte do interrogador de Sophie Scholl, Robert Mohr), a coercitividade (por parte dos interrogadores), a assertividade em

oposição à imprecisão (por parte dos interrogados) e, por fim, o silêncio (exercido por ambas as partes).

4.4.1 Interrogador (Robert Mohr): construção do *ethos*

Em entrevista ao jornalista Ulrich Chaussy, Anneliese Knoop-Graf – irmã do integrante da Rosa Branca Willi Graf – descreveu do seguinte modo a personalidade do investigador da *Gestapo* de Munique, Robert Mohr, que a havia interrogado em 1943: “Ele se revestia de ares paternais. Oferecia cigarros. Mohr tinha uma certa maneira de se portar como homem amparador diante de mulheres desamparadas. Isso me irritava. Eu não queria essa ajuda. Para nós, ele era um dos carrascos²⁵³” (CHAUSSEY & UEBERSCHÄR, 2013, p. 180). Na mesma entrevista, Anneliese relatou que certa vez chegou a debater com sua colega de cela, Angelika Probst (irmã de Christoph Probst) se elas teriam o direito de nutrir alguma simpatia por Mohr.

A tentativa de construir um *ethos*²⁵⁴ “amigável” e “solícito” de si próprio perante seus interlocutores não era somente uma característica da personalidade de Robert Mohr, mas também uma estratégia funcional para seu cargo na *Gestapo*, já ressaltada na seção 4.1.4 deste trabalho. Diferentes relatos de pessoas que estiveram frente a frente com ele na época, como Anneliese Graf e Else Gebel, fazem referência a essa faceta de Mohr. No trecho abaixo de sua carta de 30 de junho de 1950 a Robert Scholl, Mohr procura construir um *ethos* de si próprio semelhante ao que retratam esses relatos, apresentando-se como alguém que sempre teria procurado, na medida do possível, ajudar os prisioneiros da *Gestapo* que cruzaram seu caminho:

[...] para muitas pessoas, foi uma sorte que eu estivesse trabalhando lá. Mas não podem querer me responsabilizar por incidentes que não pude amenizar nem reverter. Acredito ter feito da melhor forma possível o que pude fazer como ser humano, e realmente posso considerar que tive sucesso em alguns casos isolados. Os envolvidos sequer têm a menor dimensão disso. Isso eu constatei, para meu desgosto, quando mais tarde muitos me viraram as costas. Eu não deixava de ser membro da Gestapo, do qual alguns

²⁵³ Er zog sich das Mäntelchen des Väterlichen an. Er bot Zigaretten an. Mohr hatte eine gewisse Art sich hilflosen Frauen gegenüber als hilfreicher Mann darzustellen. Das ärgerte mich, ich wollte diese Hilfe nicht. Er war für uns einer der Schergen.

²⁵⁴ Neste trabalho entendemos por “*ethos*” o que Mainguénau (2005) designa de “*ethos discursivo*”: a imagem que um enunciador projeta de si próprio ao longo da enunciação, levando seu interlocutor a construir, por meio do discurso, uma imagem de sua personalidade e de seu caráter.

acreditavam que deviam manter distância²⁵⁵. (Robert Mohr. Carta de 30/06/1950 a Robert Scholl. IfZ, ED474/Bd. 289, tradução nossa)

Nos textos dos protocolos de interrogatório de Sophie Scholl pode-se encontrar alguns vestígios de como Mohr procurou, também na interação com a jovem estudante, construir esse mesmo *ethos* prestativo e amistoso. Um exemplo claro é a forma como ele formula suas perguntas e acusações nos protocolos: nunca de forma muito direta e imperativa, mas sim em forma de conselhos ou suposições, como nos exemplos abaixo:

- (a) **Ich gebe Ihnen den dringenden Rat**, speziell auf diese Frage uneingeschränkt und ohne Rücksicht auf etwaige Nebenumstände, die Wahrheit zu sagen. (Robert Mohr, 18/02/1943)

[**Aconselho fortemente** que, especialmente em relação a esta pergunta, a senhora diga a verdade, sem fazer restrições nem levar em conta fatos secundários.]

- (b) Sie **hätten** es demnach **sehen müssen**, wenn noch Post im Briefkasten **gewesen wäre**. (Robert Mohr, 18/02/1943)

[Portanto, a senhora certamente **teria visto se houvesse** mais correspondência na caixa de correio]

- (c) **Den Umständen nach ist anzunehmen**, dass Sie zur Bestreitung der Ihnen zur Durchführung der Flugblattpropaganda entstehenden Kosten von dritter Seite finanzielle Zuwendungen erhielten. (Robert Mohr, 18/02/1943)

[**As circunstâncias levam a crer** que a senhora tenha recebido ajuda financeira de terceiros para arcar com os custos da realização de propaganda panfletária.]

- (d) Als Sie von dem Hausschlosser der Universität heute Vormittag gegen 11 Uhr im Universitätsgebäude betroffen wurden, war Ihr Koffer vollkommen leer, **was auffallen muss**, zumal Sie sich **angeblich** auf dem Wege zum Bahnhof befanden um nach Hause zu fahren. (Robert Mohr, 18/02/1943)

[Quando a senhora foi abordada pelo zelador no edifício da universidade, por volta das 11h de hoje, sua mala estava completamente vazia, **o que não deixa de ser curioso**, já que a senhora **alegradamente** se encontrava a caminho da estação de trem, para viajar para casa.]

- (e) Wenn Sie erst vom 6. – 14.2.43 in Ulm waren, also erst vor einigen Tagen nach München zurückkehrten, **dann ist es vollkommen unverständlich**, dass Sie nun nach wenigen Tagen einen Beitrag von nahezu 15.-RM ausgeben, um **angeblich** nochmals Frl. Düsenberg mit ihrem Kind zu sehen, mit denen Sie doch erst vor Tagen zusammen waren. (Robert Mohr, 18/02/1943)

²⁵⁵ [...] für zahlreiche Menschen [war es] ein Glück, dass ich dort tätig war. Für Vorfälle allerdings, die ich weder mildern noch abwenden konnte, darf man mich nicht verantwortlich machen wollen. Was ich als Mensch tun konnte, glaube ich nach bestem Vermögen getan zu haben, was ich in Einzelfällen wirklich als Erfolg für mich verbuchen kann. Das können die Betroffenen nicht einmal beiläufig ermessen. Dies beweist mir zu meinem Leidwesen, dass mir später mehr oder weniger die kalte Schulter gezeigt wurde. Ich war halt doch Stapomann, vor dem sich manche glaubten distanzieren zu müssen.

[Se a senhora esteve em Ulm de 6 a 14/02/1943, ou seja, voltou para Munique há apenas alguns dias, **então é totalmente incompreensível** que a senhora gaste agora, poucos dias depois, uma quantia de quase 15 RM para **supostamente** rever a Srta. Düsenberg e o filho dela, com quem a senhora esteve mesmo poucos dias atrás.]

As perguntas e acusações são constantemente atenuadas a partir de algum recurso linguístico. Nos exemplos (a), (d) e (e) isso ocorre primordialmente por meio da seleção lexical. Em (a) a opção pela palavra *Rat* (“conselho”) dá o tom de recomendação a algo que no fundo é uma ordem. Em (d) e (e), ao invés de utilizar palavras que sinalizem mais explicitamente a certeza de que sua interlocutora está mentindo, Mohr opta por deixá-las nas entrelinhas, utilizando-se de vocábulos que denotam, a princípio, apenas uma desconfiança: *angeblich* (“supostamente”), *[etwas] muss auffallen* (“deve chamar a atenção”, “não deixa de ser curioso”), *[etwas] ist vollkommen unverständlich* (“é totalmente incompreensível”).

Já em (b), a acusação é suavizada pelo uso de um modo verbal da língua alemã: o *Konjunktiv II*, que não possui um correspondente direto em português, mas assemelha-se em sua função ao subjuntivo. Trata-se de um modo verbal utilizado para expressar, de forma polida, uma possibilidade ou suposição.

Por fim, em (c) a atenuação da acusação dá-se pelo uso de uma construção infinitiva impessoal: *[Den Umständen nach] ist anzunehmen* (“[as circunstâncias] levam a crer”). Por meio dela, o interrogador exime-se de ser ele próprio o autor da desconfiança formulada em seguida, apresentando-a como uma consequência inevitável dos próprios fatos.

Com os exemplos acima, procuramos explicitar alguns dos recursos utilizados no plano linguístico por Robert Mohr para construir seu *ethos* discursivo na interação com Sophie Scholl, com a intenção de fazê-la criar empatia por ele, confiar em suas boas intenções e confessar sua participação nas ações “subversivas” apuradas. Na próxima seção, apresentaremos outros meios dos quais se valeram tanto Mohr quanto Anton Mahler na tentativa de levar os irmãos Scholl a dizerem o que se desejava que dissessem.

4.4.2 Interrogadores: coercitividade

Em *Discurso e Poder*, Van Dijk tematiza o exercício do controle de um grupo sobre outro em diferentes tipos de discurso, dentre eles o discurso nos tribunais que, segundo o autor, seria regido por “regras e procedimentos, formulados de maneira explícita, a respeito

das interações dialógicas entre o juiz, o promotor, o advogado de defesa e o réu” (VAN DIJK, 2008, p. 67). O discurso nos tribunais é ainda, na concepção de autor, caracterizado por uma oferta restrita de atos de fala, uma vez que a maior parte das perguntas pede informações ou faz acusações (loc. cit.). Tais considerações aplicam-se às situações de interrogatório em geral, nas quais o interrogador utiliza-se de múltiplas estratégias de coercitividade²⁵⁶ ao se dirigir ao interrogado, para levá-lo a falar a verdade.

O estudo de Danet et al. (1976), retomado por Alves (2003, p. 63 et seq.), visa a uma classificação das perguntas feitas em tribunais, de acordo com seu grau de coercitividade, e conclui que esta se concretiza a partir de seis tipos básicos de perguntas: (i) de entonação (“Então você fez x?”), (ii) com ambiguidade ilocucionária (“Você pode nos contar...?”), (iii) fechadas (cuja resposta é *sim* ou *não*), (iv) com utilização de pronomes interrogativos, (v) declarativas que pedem confirmação e (vi) negativas (cf. Alves, 2003, p. 64).

Embora encontremos no *corpus* ocorrências de praticamente todos os tipos, destacaremos aqui exemplos de perguntas negativas, especialmente recorrentes:

- (a) Haben Sie innerhalb der Universität **nicht** doch noch andere Personen gesehen? (Robert Mohr, 18/02/1943)

[A senhora **não** viu mesmo nenhuma outra pessoa conhecida sua dentro da universidade?]

- (b) Können Sie sich **nicht** erinnern, innerhalb der Universität auch den Studenten Willi Graf gesehen zu haben? (Robert Mohr, 18/02/1943)

[A senhora **não** consegue se lembrar de ter visto também o estudante Willi Graf dentro da universidade?]

- (c) Wollen Sie **nicht** endlich sagen, von wem und auf welche Weise Sie in Besitz dieses Briefes gekommen sind? (Anton Mahler, 18/02/1943)

[O senhor **não** quer dizer finalmente através de quem e como essa carta chegou às suas mãos?]

- (d) Wollen Sie sich **nicht** näher erklären? (Anton Mahler, 18/02/1943)

[O senhor **não** quer se explicar melhor?]

- (e) Wollen Sie **nicht** lieber die Wahrheit sagen? (Anton Mahler, 18/02/1943)

[O senhor **não** prefere dizer a verdade?]

Perguntas negativas, como as acima reproduzidas, são altamente coercitivas devido ao seu componente provocativo: através delas o interrogador dá a entender que já sabe que a

²⁵⁶ No âmbito jurídico entende-se por *coercitividade* uma espécie de “coação” que, a princípio, é legítima pois tem como objetivo fazer valer um ordenamento jurídico (constituição, lei, decreto, resolução, etc.)

resposta “verdadeira” ou mais adequada àquela pergunta seria um “sim” e, dessa forma, impele o interlocutor a reagir a ela com a verdade, confirmando o que se espera.

Outra estratégia de coercitividade adotada pelos interrogadores dos irmãos Scholl e já descrita na seção 4.1.3 (na qual fizemos uma caracterização geral da situação comunicativa) consistiu na realização de interrogatórios longos, nos quais a mesma pergunta era repetida à exaustão com variações mínimas. Pretendia-se, com isso, verificar possíveis contradições e inconsistências entre uma resposta e outra. As diversas perguntas feitas por Robert Mohr a Sophie Scholl e por Anton Mahler a Hans Scholl acerca da mala vazia encontrada com os inquiridos no momento de sua apreensão na universidade – uma prova de que os dois haviam levado os panfletos ao campus e os distribuído lá –, são exemplos dessa estratégia.

A opção por fazer insinuações ao invés de afirmações e acusações concretas também pode ser considerada – e com este exemplo concluiremos esta seção – uma estratégia de coercitividade comum em interrogatórios conduzidos pela *Gestapo*. Falk Harnack, irmão do integrante do grupo de resistência “Orquestra Vermelha” Arvid Harnack, revelou o seguinte a Inge Scholl sobre uma das ocasiões em que foi interrogado acerca de sua suposta ligação com a Rosa Branca: “Logo começou o primeiro interrogatório. A estratégia refinada do interrogatório consistia em não fazer acusações precisas contra mim, mas sim em me deixar sempre na dúvida” (*Falk Harnack*. In: SCHOLL, 2014, p. 168).

As próximas duas seções dedicar-se-ão à análise de algumas amostras de estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo “outro lado” da interação: os interrogados Hans e Sophie Scholl.

4.4.3 Interrogados: assertividade

Ao longo de seus interrogatórios, Hans e Sophie Scholl procuraram claramente proteger a seus amigos e a si próprios, contando aos interrogadores diversas mentiras e omitindo fatos, que seriam apurados mais tarde ou pela própria *Gestapo* ou somente no pós-guerra a partir de relatos pessoais de outros integrantes e conhecidos da Rosa Branca. No plano microlinguístico, uma das estratégias utilizadas com o objetivo de preservar a si e a outros é a assertividade, desenvolvida a partir do uso recorrente de advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos. Na terminologia de Castilho (2010, p. 555), estes são advérbios ou locuções que “[...] expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo

conteúdo o falante apresenta como uma afirmação ou uma negação que não dão margens a dúvidas”. São exemplos, no português brasileiro, de advérbios e locuções adverbiais asseverativos positivos: *realmente*, *evidentemente*, *efetivamente*, *obviamente*, *reconhecidamente*, *certamente*, *absolutamente*, *seguramente* e *inegavelmente*, entre outros. Já os asseverativos negativos são, por exemplo, *de jeito nenhum*, *de maneira nenhuma*, *coisa nenhuma*, etc.

No *corpus*, há diversos exemplos desse tipo de advérbio em língua alemã. No polo positivo, pode-se citar *bestimmt* (“certamente”), *ausdrücklich* (“expressamente”, “com todas as letras”), *ganz entschieden* (“muito decididamente”), *mit Sicherheit* (“com certeza”), *mit aller Bestimmtheit* (“com toda determinação”). No polo negativo, *keinesfalls* (“em hipótese alguma”), *absolut nichts* (“absolutamente nada”), *keinerlei [...]* (“absolutamente nenhum/nenhuma [...]”), *nicht das Geringste* (“sequer minimamente”), *nicht mal andeutungsweise* (“nem sequer de forma velada”).

Alguns exemplos concretos da incidência de tais advérbios no *corpus* podem ser observados nos trechos dos interrogatórios reproduzidos abaixo:

- (a) **Mit aller Bestimmtheit** kann ich jedoch sagen, dass er [Willi Graf] durch mich über unsere Tätigkeit **in keiner Weise, nicht einmal andeutungsweise** orientiert wurde. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[Posso, entretanto, dizer **com toda a certeza** que de minha parte ele **não** foi informado **de forma alguma, nem mesmo indiretamente**, sobre nossas atividades.]

- (b) Ich habe von Prof. Huber **keinerlei** finanzielle Unterstützung bekommen. Von meiner politischen Einstellung wusste Herr Professor Huber **bestimmt nichts**. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[Não recebi **nenhum tipo** de ajuda financeira do Prof. Huber. O Prof. Huber **certamente** não sabia **nada** de minha opinião e engajamento políticos.]

No exemplo (a), Sophie Scholl procura, utilizando-se de três estruturas asseverativas em uma única oração, acobertar a participação de Willi Graf nas ações investigadas. Na verdade, Graf teve participação ativa em todos os tipos de ações da Rosa Branca: ajudou na produção e distribuição dos panfletos, participou das pichações noturnas realizadas pelo grupo em diferentes edifícios de Munique e viajou duas vezes de trem a diversas cidades da Alemanha para angariar, dentre seu círculo de amigos, novos colaboradores para as ações do grupo. Em uma das viagens, levou consigo um mimeógrafo e exemplares do quinto panfleto, entregou-os a Willi Bollinger, que os reproduziu e distribuiu em Saarbrücken. Em nenhuma

de suas sessões de interrogatório Sophie e Hans Scholl revelaram isso à *Gestapo*, mas, tendo sido delatado por Gisela Schertling (então namorada de Hans), Graf foi detido pela *Gestapo* em 18/02/1943, confessou seu envolvimento nas atividades articuladas por Hans e foi condenado à morte pelo Tribunal do Povo em 19 de abril do mesmo ano. Dentre todos os integrantes do grupo que foram condenados à morte, Graf foi o que esperou mais tempo pela execução da sentença (em 12 de outubro), pois a *Gestapo* esperava obter dele mais informações sobre a participação efetiva de Bollinger. Assim como Hans e Sophie Scholl, Willi Graf não delatou ninguém espontaneamente em seus interrogatórios.

No exemplo (b), Hans procura omitir a relação do professor universitário Kurt Huber com a Rosa Branca e convencer seu interrogador de sua convicção em relação ao dito a partir da utilização de dois advérbios asseverativos: *keinerlei* (“nenhum tipo de...”) e *bestimmt* (“certamente”). Huber foi um dos principais mentores intelectuais da Rosa Branca e também colaborou de diferentes formas com as ações de resistência empreendidas pelo grupo, seja por meio de sua participação nas discussões e saraus que as inspiraram, seja participando ativamente da redação do quinto e sexto panfletos e cedendo a Hans uma lista de estudantes da Universidade de Munique, que viriam a receber exemplares do sexto panfleto pelo correio. Os irmãos Scholl também conseguiram omitir esse envolvimento direto de Huber com o grupo em todos os seus interrogatórios à *Gestapo*. Huber também foi delatado por Gisela Schertling e sua participação foi confirmada mais tarde por Alexander Schmorell, o que levou à sua prisão em fins de fevereiro de 1943.

Se, por um lado, a assertividade foi uma estratégia linguístico-discursiva à qual Hans e Sophie Scholl recorreram para esconder determinadas informações da polícia e evitar entregar nomes de outras pessoas, por outro pode-se afirmar que, para este mesmo fim, eles também se valeram de recursos linguísticos de imprecisão – embora isso, à primeira vista, pareça paradoxal. Esses recursos serão tema da próxima seção.

4.4.4 Interrogados: imprecisão

Em uma leitura atenta dos protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl, é possível perceber, nas falas retextualizadas de ambos, um esforço em não fazer ou em atenuar asseverações que pudessem comprometer ou incriminar terceiros. No plano microlinguístico, esse esforço reflete-se na seleção de adjetivos, advérbios e verbos que denotam dúvida e

imprecisão, tais quais *etwa* (“por volta de”), *etwaig* (“possível”, “eventual”), *ungefähr* (“aproximadamente”), *schätzen* (“estimar”), *schätzungsweise* (“estimadamente”), *nach meiner Schätzung*, *meines Schätzens* (“estimo eu”, “segundo minha estimativa”), *glauben* (“acreditar”) e *annehmen* (“supor”). Algumas ocorrências estão exemplificadas a seguir:

- (a) **Ich glaube mich auch erinnern zu können**, dass mir die Lafrenz bei der Übergabe dieser Druckschrift mitteilte, sie habe diese am gleichen Tage oder einige Tage vorher erhalten. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[**Acho que também me lembro** de Lafrenz dizer, ao me entregar esse panfleto, que o havia recebido no mesmo dia ou alguns dias antes.]

- (b) Wem diese Schreibmaschine gehört, **weiss ich nicht**. Ich **nehme** jedoch **an**, dass sie Schmorell bei einem Freund oder Bekannten geliehen hat. **Genau weiss ich dies allerdings nicht**. (Sophie Scholl, 20/02/1943)

[**Desconheço** a quem pertence essa máquina de escrever. **Suponho**, entretanto, que Schmorell a tenha pego emprestada de um amigo ou conhecido. **Mas não tenho certeza disso**.]

- (c) **Wenn ich recht orientiert bin**, deckt sich die politische Auffassung des Graf mit der meinen bzw. mit der meines Bruders, **ohne dies jedoch bestimmt behaupten zu können**. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[**Se estou bem informada**, a opinião política de Graf é similar à minha e à de meu irmão, **mas não o posso afirmar com certeza**.]

- (d) Demnach **nehme ich** auch **an**, dass Probst über die von mir begangene Handlungsweise absolut im Unklaren war. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[Por esse motivo também **suponho** que Probst desconhecia completamente a natureza de minhas ações.]

- (e) **So viel mir in Erinnerung ist**, hat Alexander Schmorell vor etwa vier Wochen auf dieser Maschine geschrieben, doch **weiss ich nicht**, was er dabei geschrieben hat. (Hans Scholl, 18/02/1943)

[**Que eu me lembre**, Alexander Schmorell utilizou essa máquina há cerca de quatro semanas, mas **não sei** o que ele escreveu na ocasião.]

Em todos os excertos acima é clara a tentativa de Hans e Sophie Scholl de não comprometerem alguém específico com suas declarações e de evitar incoerências muito evidentes entre as declarações que foram dadas por cada um à *Gestapo*. Como os dois foram interrogados separadamente e um não sabia qual resposta o outro poderia dar àquela mesma questão, a opção deliberada pela imprecisão também pode ser considerada, portanto, uma estratégia para evitar que, ao cruzar as respostas de cada um, a *Gestapo* identificasse contradições muito evidentes e chegasse à conclusão de que algum dos dois irmãos com certeza estaria mentindo.

4.4.5 Interrogadores e interrogados: o silêncio

Para o interrogado, a situação de interrogatório é sempre uma situação de grande tensão, potencializada quando ocorre no contexto de um regime totalitário. Afinal, tudo o que ele disser pode ser utilizado contra ele, o que, nas palavras de Van Dijk (2008, p. 67) “atira um fardo especial em cima da sua fala”. Consequentemente, é natural sua opção frequente por não dizer algo, ou seja, por permanecer em silêncio. O silêncio também pode, porém, revelar muita coisa sobre a interação e sobre os sujeitos dela participantes. É o que defende Orlandi (2007) na obra *As formas do silêncio*, cujo objetivo é expor e analisar possíveis sentidos do silêncio, por um lado, e do silenciamento (exercido, por exemplo, por meio da censura em contextos autoritários), por outro. A certa altura do capítulo destinado à investigação da relação entre silêncio, sujeito e história, Orlandi afirma:

Se há um silêncio que apaga, há um silêncio que explode os limites do significar. A censura desautomatiza a relação do sujeito com o implícito e assim explicita a relação do sujeito com o “dizível”. [...] A censura joga com o poder-dizer impondo um certo silêncio. Entretanto, como o silêncio significa em si, à “retórica da opressão” – que se exerce pelo silenciamento de certos sentidos – responde a “retórica da resistência”, fazendo esse silêncio significar de outros modos. (ORLANDI, 2007, p. 85)

Partindo-se desse pressuposto, os “silêncios” perceptíveis nos protocolos de interrogatórios da Rosa Branca – tanto por parte dos interrogadores quanto dos interrogados – também podem ser considerados uma estratégia linguístico-discursiva. Para os interrogados, a opção por não dizer algo era – como já mencionamos – um meio de defesa. Ao se manterem calados sobre determinados assuntos e omitirem diversas informações e detalhes sobre outros, eles evitavam conceder ao sistema policial e judicial nacional-socialista argumentos contra si próprios e contra pessoas próximas a eles. Graças a esse silêncio dos irmãos Scholl em seus interrogatórios, muitas pessoas conseguiram, de fato, escapar do julgamento pelo Tribunal do Povo nazista ilesas ou com uma pena menor do que receberiam se Hans e Sophie tivessem dito à *Gestapo* tudo o que sabiam sobre a participação delas na Rosa Branca. É o caso, por exemplo, de Carl Muth, Traute Lafrenz, Jürgen Wittenstein, Franz Joseph Müller e os irmãos Hans e Susanne Hirzel.

Quando voltamos nossa atenção aos interrogadores, o seu silêncio pode ser considerado primordialmente uma estratégia de tortura psicológica, como relatado por diversos sobreviventes da Rosa Branca: os interrogadores da *Gestapo* não costumavam dizer a seus interlocutores o que de fato já sabiam sobre o caso, deixando-os sempre em dúvida e

confusos. Além disso, a opção pelo silêncio, ao não registrar nos protocolos a maior parte das perguntas originalmente dirigidas aos interrogados, mas apenas suas respostas – criando assim “falsos silêncios” no conteúdo dos protocolos –, pode ser interpretada também como uma estratégia de preservação de face. Quem lê superficialmente o texto “corrido” da primeira parte dos protocolos, tem a impressão de que os irmãos Scholl relataram espontaneamente tudo o que está registrado, sem que tivesse sido necessário qualquer tipo de “intervenção” por parte dos interrogadores. Entretanto, em uma leitura mais atenta, é possível reconstituir as perguntas do interrogador, implícitas nas mudanças de tópico. No trecho abaixo, extraído de nossa tradução do primeiro protocolo de interrogatório de Sophie Scholl, procuramos reconstituir, entre colchetes, algumas das possíveis perguntas do interrogador Robert Mohr propositalmente “silenciadas” por ele próprio ao ditar suas anotações ao escrivão:

Nesse meio tempo, decidi cursar Ciências Naturais e Filosofia, o que me levou a me matricular pela primeira vez na Universidade de Munique para ingressar no semestre de verão de 1942, que começou no final de abril. [*Que aulas a senhora está frequentando no semestre atual?*]. Agora, no segundo semestre, estou frequentando as aulas dos professores von Fritsch, von Faber, Gerlach, Huber e Buschor.

[*Como a senhora arca com suas despesas pessoais e acadêmicas em Munique?*] Recebo de meu pai a quantia de 150 RM por mês para arcar com minhas despesas pessoais e acadêmicas. [*A senhora recebe alguma bolsa ou auxílio de outra parte?*] Não recebo nenhuma bolsa ou auxílio de outra parte. [*Qual a renda mensal de seu pai?*] A renda de meu pai deve totalizar mais de 1 500 RM, portanto creio que ele não tenha dificuldades em arcar com meus estudos. [*Seu irmão também recebe auxílio financeiro de casa?*] Meu irmão, que está cursando o 9º semestre de medicina em Munique, não necessita mais de auxílio financeiro por parte de nossos pais, pois possui seu salário de sargento-enfermeiro, que lhe permite arcar tanto com suas despesas pessoais quanto com as taxas de estudo.

[*Qual era a afiliação política de seu pai antes da tomada de poder?*] Que eu saiba, antes da tomada de poder meu pai não possuía qualquer tipo de afiliação política. Sei, entretanto, que ele é a favor da democracia, isto é, defende a ideia de que os povos deveriam ser governados democraticamente, desde que dotados da maturidade necessária para isso. [*Qual o posicionamento político de seu pai? Qual o motivo de suas divergências ideológicas com o Nacional-Socialismo?*] Se estou bem a par dos pensamentos de meu pai, ele engendra uma forma democrática de governo com determinados poderes. Essa convicção básica é provavelmente o motivo de meu pai ser contra o Nacional-Socialismo em si, ou seja, contra a atual governança. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

As rupturas provocadas no texto dos protocolos a todo momento pelos silêncios são, a nosso ver, indícios de que algo se perdeu ou deixou propositalmente de ser registrado no decorrer dos processos de retextualização. No segundo caso, está em jogo uma das estratégias

mais comuns de inquirição na justiça destacadas por Alves (2003, p. 119 et seq.): a estratégia de deixar, intencionalmente, de produzir uma narrativa, que pode ser adotada por diversas razões – muitas delas só recuperáveis quando se tem algum acesso à situação comunicativa na qual os textos foram produzidos, por exemplo por meio de uma gravação.

Pode-se dizer, em síntese, que, embora muitos dos “silêncios” presentes no *corpus* não possam mais ser decifrados e explicados – tendo em vista o tempo decorrido desde a produção dos textos e o fato de todos os participantes diretos daquela interação não estarem mais vivos – eles ainda têm muito a revelar sobre as condições em que tais textos foram produzidos e sobre seu momento histórico, marcado por tantas tentativas de “silenciamento”.

Todas as estratégias linguístico-discursivas analisadas nas cinco seções anteriores estão profundamente interligadas. Procuramos analisá-las separadamente para demonstrar como cada uma delas serviu às intenções discursivas gerais de interrogadores e interrogados. Com elas, encerramos o quarto capítulo desta dissertação, voltado à análise dos textos de partida. O próximo e último capítulo será dedicado à descrição da estratégia tradutória e corroborará a importância das percepções trazidas pela análise para a tomada de determinadas decisões tradutórias e para a delineação geral da estratégia.

5 A ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO

Por “estratégia” compreendemos neste trabalho o conjunto de decisões tomadas ao longo do processo tradutório. Elas envolvem opções específicas feitas nos planos macro e microestrutural, mas, ao zelarem pela coerência interna dessas opções individuais e se orientarem sobretudo pela função pretendida para o texto de chegada, dizem respeito ao texto como um todo.

Conforme explicitado no primeiro capítulo, um dos objetivos desta dissertação é gerar, a partir de uma descrição transparente da estratégia de tradução adotada para o nosso *corpus*, subsídios à prática de outros tradutores de textos historicamente marcados. Quando dizemos “transparente”, referimo-nos ao que Azenha Junior (2010, p. 60) entende por “definição clara de critérios que nortearam as escolhas como um todo (e não apenas em pontos isolados)”. Tendo isso em vista, o presente capítulo será dedicado integralmente à apresentação e discussão de critérios gerais e de decisões específicas de tradução.

Na primeira seção, abordaremos e justificaremos a opção por realizar uma tradução documental que constituiu a base para o posterior estabelecimento de critérios e para a tomada de decisões de tradução. Em seguida, faremos um apanhado dos principais “problemas” de tradução identificados no *corpus*, os quais serão classificados de acordo com a taxonomia criada por Christiane Nord (1988, 2009). Na última parte do capítulo, apresentaremos exemplos concretos da aplicação da estratégia de tradução em algumas amostras do *corpus*, representativas de problemas de tradução específicos.

5.1 Tradução documental

Na seção 3.4.2 do presente trabalho, abordamos a distinção feita por Christiane Nord, em seu modelo do processo tradutório, entre tradução documental e tradução instrumental. Segundo a autora, a função de uma tradução deve ser definida em relação à função desempenhada pelo texto de partida em sua cultura de origem. Nesse sentido, a tradução pode funcionar, por exemplo, como *documento* da situação comunicativa de origem, o qual focaliza um ou vários aspectos do TP que deverão ser reproduzidos no TC. Cumpre, assim, um propósito “metatextual” de informar o leitor sobre tais aspectos e sobre elementos da situação

comunicativa em que o texto de partida teve origem²⁵⁷. Os leitores, por sua vez, têm consciência de que estão diante de uma tradução, de que estão “‘observando’ uma interação comunicativa da qual não fazem parte” (NORD, 1997, p. 52). Fala-se, nesses casos, em *tradução documental*.

Tendo em vista as características próprias do *corpus* de interrogatórios selecionado para este trabalho, fica evidente que sua tradução nos dias de hoje só se justifica pela perspectiva documental. Trata-se de testemunhos da resistência estudantil ao Nacional-Socialismo pouco conhecidos fora da Alemanha e inéditos no Brasil. A função pretendida para essas traduções é, portanto, simultaneamente informativa – mantendo-se assim, embora com outro propósito, a função textual predominante dos textos de partida – e documental, uma vez que elas visam apresentar ao público-alvo brasileiro, de modo contextualizado, documentos de interações comunicativas (no caso, interrogatórios) ocorridas na Alemanha nazista em fevereiro de 1943. Esses documentos – os protocolos de interrogatório dos irmãos Scholl – podem ser considerados emblemáticos de toda a resistência alemã, uma vez que exemplificam a desproporção com que era reprimido e punido qualquer tipo de ação voltada contra o Estado durante o regime nacional-socialista.

Conforme destaca Nord (1989, p. 102), nesse tipo de tradução o foco da documentação recai sempre sobre determinadas características ou categorias do texto de partida que, interpretadas na fase de análise como relevantes para a sinalização e para o reconhecimento da função documental, devem ser priorizadas pelo tradutor e preservadas tanto quanto possível durante o processo de tradução. Em contrapartida, faz-se necessário que outras características e categorias, interpretadas como coadjuvantes, sejam deixadas em segundo plano na tradução.

Na tradução dos interrogatórios que constituem o *corpus* deste trabalho, uma das características do texto de partida que buscamos preservar e reproduzir da forma mais semelhante possível em português é a sua formatação. Assim, optamos deliberadamente por utilizar, na ficha que abre os protocolos, uma fonte caligráfica gótica (do tipo *Fraktur*) parecida com a que foi utilizada nos documentos originais e, no texto escrito à máquina de escrever, uma fonte tipográfica que simula a escrita datilografada. O layout da ficha também foi reproduzido o mais próximo possível do original, conforme se pode constatar na figura a seguir, que traz texto de partida e texto de chegada lado-a-lado:

²⁵⁷ NORD, 1997, p. 52.

Figura 12 – Formatação da ficha introdutória (comparação entre TP e TC)

Geheime Staatspolizei Staatspolizeistelle München		Polícia Secreta do Estado Sede da Polícia do Estado em Munique	
<p>(Fingerabdruck genommen*) Fingerabdrucknahme nicht erforderlich*) Person ist — nicht — (schwebend*)</p> <p>Datum: _____</p> <p>Name: _____</p> <p>Arbeitsbezeichnung: _____</p> <p>Dienststelle: _____</p>		<p>Inspektion (inspeção) (inspeção) (inspeção)</p> <p>Seção (seção) (seção) (seção)</p> <p>Subseção (subseção) (subseção) (subseção)</p>	
<p>(Vorstellung des verantwortlichen Beamten)</p> <p>Haus Vorladung — (Vorstellung) — erfolgt</p> <p>Haus Fritz Scholl</p>		<p>(Vorstellung des verantwortlichen Beamten)</p> <p>Munique, dia 18. Febr. 1943.</p>	
<p>und erklärt, zur Wahrheit erachtet:</p> <p>I. Zur Person:</p>		<p>I. Dados pessoais</p>	
<p>1. a) Familienname, auch Beinamen (bei Frauen auch Geburtsname, ggf. Name des früheren Ehenamens)</p> <p>b) Vornamen (Zuflurname ist zu unterscheiden)</p>	<p>a) Scholl</p> <p>b) Hans Fritz</p>	<p>1. a) Sobrenome, incluindo cognome (tratando-se de mulheres, informar também o sobrenome de solteira e, de ser o caso, nome de casado)</p> <p>b) Nomes (distinção a mais utilizada)</p>	<p>a) Scholl</p> <p>b) Hans Fritz</p>
<p>2. a) Beruf</p> <p>Welcher das Berufsschicksal ist anzugeben, — ob Inhaber, Hauptverdiener, Geschäftsführer oder Gehilfe, Arbeiter, Fabrikarbeiter, Handlungsgehilfe, Verkäuferin u.ä. — bei Ehefrauen Beruf des Ehemannes — bei Altersrentnern ohne Beruf der der Eltern — bei Beamten und Beamten Angehörigen die genaue Stellung der Dienststelle — bei Studierenden die Hochschule der Hochschule und das bezeugte Zeugnis — bei Trägern akademischer Würden (Dipl., Ing., Dr., D. phil., usw.) wenn und bei welcher Hochschule der Titel erworben wurde —</p> <p>b) Einkommensverhältnisse</p> <p>c) Steuerstatus?</p>	<p>a) cand. med. an der Universität München</p> <p>b) —</p> <p>c) Ja, seit</p> <p>nin</p>	<p>2. a) Profissão</p> <p>Sobre a situação profissional deve-se declarar: — se o interessado exerce atividade profissional, comércio, indústria, agricultura, etc. — tratamento de mulheres casadas, a profissão do marido — tratamento de mulheres divorciadas, a profissão do marido — tratamento de mulheres que exercem atividades profissionais, a profissão do marido — tratamento de mulheres que exercem atividades profissionais, a profissão do marido — tratamento de mulheres que exercem atividades profissionais, a profissão do marido — tratamento de mulheres que exercem atividades profissionais, a profissão do marido —</p> <p>b) Rendimentos</p> <p>c) Dependentes?</p>	<p>a) estudante de Medicina na Universidade de Munique</p> <p>b) —</p> <p>c) —</p>
<p>3. Geboren</p>	<p>am 22.9.18 in Ingersheim</p> <p>Verwaltungsgemeinschaft Grailsheim</p> <p>Kreisverwaltungsgebiet Stuttgart</p> <p>Kreis Württemberg</p>	<p>3. Nascimento</p> <p>na dia 22/9/18 em Ingersheim</p> <p>Distrito administrativo Grailsheim</p> <p>Distrito judicial Stuttgart</p> <p>Estado Württemberg</p>	<p>na dia 22/9/18 em Ingersheim</p> <p>Distrito administrativo Grailsheim</p> <p>Distrito judicial Stuttgart</p> <p>Estado Württemberg</p>
<p>4. Wohnung oder letzter Aufenthaltsort</p>	<p>in München</p> <p>Verwaltungsgemeinschaft München</p> <p>Kreis Bayern</p> <p>Franz Josef — Straße Nr. 13 bei</p> <p>Straße bei Dr. Schmidt</p>	<p>4. Residência ou última paragem</p> <p>em Munique</p> <p>Distrito administrativo Munique</p> <p>Estado Baviera</p> <p>Haus Franz Josef Straße Nr. 13 bei Dr. Schmidt</p> <p>Arbeitsort —</p>	<p>em Munique</p> <p>Distrito administrativo Munique</p> <p>Estado Baviera</p> <p>Haus Franz Josef Straße Nr. 13 bei Dr. Schmidt</p> <p>Arbeitsort —</p>

No texto “corrido” que sucede a ficha, seguimos o mesmo critério de preservação da formatação característica dos documentos originais ao optarmos por não alinhar o texto no modo “justificado” – levando em consideração que essa funcionalidade não estava disponível nas máquinas de escrever – mas por, no lugar disso, fazer uso abundante da hifenização nas quebras de linha, como é comum em textos datilografados.

Outra característica marcante dos textos de partida, na qual investimos especial atenção e pesquisa durante o processo tradutório, foi a recorrência de palavras cunhadas pelo regime nacional-socialista e representativas de sua ideologia. Nesses casos, recorriamos a um dos mecanismos da tradução documental descritos por Christiane Nord: a tradução filológica ou acadêmica, na qual, além do texto de partida, documenta-se o pano de fundo, os conhecimentos que se poderia pressupor do destinatário do TP mas que frequentemente precisam ser explicitados para o destinatário do TC. Para tanto, pode-se utilizar, por exemplo, o recurso da inserção de notas ou glossários que trazem explicações culturais ou

(meta)linguísticas importantes para a compreensão do texto de chegada por seu público-alvo²⁵⁸.

Na tradução dos interrogatórios, essa documentação do “pano de fundo” foi realizada de diferentes formas. No que tange especificamente ao pano de fundo histórico optamos por reunir em um glossário (que acompanha a tradução) todas as palavras e expressões marcadas pelo Nacional-Socialismo que foram identificadas nos protocolos. Optamos por não manter tais palavras em alemão, mas traduzi-las da forma mais literal possível e em seguida explicá-las no glossário. Sempre que uma dessas palavras aparece pela primeira vez nos textos de chegada, há uma nota com uma breve explicação sobre seu significado à época e, nela, a palavra é marcada com um asterisco, o qual sinaliza que ela consta no glossário e que lá podem ser encontrados maiores detalhes (sobre sua origem, os contextos em que costumava ser utilizada, etc.). O glossário contém ainda um apêndice, no qual estão traduzidos esquemas que ilustram a estrutura e a hierarquia interna da Juventude Hitlerista e do Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães, hoje dificilmente descritíveis (e compreensíveis) sem esse apoio visual.

Assim como o glossário, as notas com comentários incorporadas à tradução também têm em vista a função documental pretendida para a mesma. Elas foram deliberadamente inseridas na margem direita, e não abaixo do texto. Com isso, pretendeu-se tanto facilitar a sua localização durante a leitura da tradução (poupando o leitor de precisar desviar seu foco a todo tempo para o fim da página), quanto estimular o leitor da tradução a ler texto e notas paralelamente, levando-o a percebê-las, inclusive visualmente, como “complementos” do primeiro.

Além das notas, em alguns trechos também inserimos imagens na margem direita do texto. Trata-se, principalmente, de fotos de época, extraídas de arquivos públicos e particulares (sobretudo alemães), que de alguma forma ilustram ou “dialogam” com algum elemento descrito no excerto traduzido à esquerda. Há, por exemplo, fotos de pessoas e locais mencionados no interrogatório. Em alguns casos, a imagem é fundamental para a compreensão de alguma nuance do texto, como no seguinte trecho:

- (a) Mein Bruder ist allerdings größer als 1,70 m, besitzt keinen grauen Gummimantel mit breitem Kragen und trug noch nie ein sog. Lippen- oder **Menjou-Bärtchen**. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

²⁵⁸ NORD, 1989, p. 103.

[Meu irmão é, entretanto, maior que 1m70, não possui nenhuma capa de chuva cinza com gola larga e nunca usou bigode ou um chamado **bigodinho de Menjou**.]

Nesse excerto, “bigodinho de Menjou” [Menjou-Bärtchen] refere-se a uma característica pela qual o ator estadunidense Adolphe Menjou ficou conhecido – seu bigode fino, mas de fios longos. Como se tratava de uma personalidade conhecida por sua atuação em diversos filmes mudos, o “bigodinho” de Menjou era uma referência partilhada por quem vivia naquela época e não necessitava de maior detalhamento no texto de partida. Consideramos, porém, que, para a mesma referência ficar clara no texto de chegada para o leitor atual, seria importante contextualizá-la por meio de uma nota explicativa acompanhada de uma foto do ator (uma vez que se trata de uma referência visual). A figura abaixo traz o trecho e a nota em questão, tais quais constam na versão final da tradução:

Figura 13 – Exemplo de diálogo entre texto, nota e imagem (“Menjou-Bärtchen”)

Diante da descrição que me foi divulgada, de um homem com idade entre 30 e 35 anos, cerca de 1m70 de altura, magro, etc. que, entre 7 e 8 horas da manhã do dia 04/02/1943, teria deixado panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha em listas telefônicas localizadas no átrio da central dos correios de Munique, só posso dizer que não sei de quem possa se tratar, caso não seja meu irmão. Meu irmão é, entretanto, maior que 1m70, não possui nenhuma capa de chuva cinza com gola larga e nunca usou bigode ou um chamado bigodinho de Menjou⁴⁷. Também não reconheço entre meus outros conhecidos ninguém que se encaixe nem de perto nessa descrição.

⁴⁷ Adolphe Menjou (*1890 – † 1963), ator estadunidense conhecido por sua atuação em diversos filmes mudos e falados. O estilo peculiar de seu bigode era sua marca registrada.

Adolphe Menjou (©allaccess)

Também fizemos uso de imagens no glossário para ilustrar alguns conceitos e termos nacional-socialistas. Nos verbetes “Juventude Hitlerista” e “Liga de Moças Alemãs” inserimos, por exemplo, imagens de cartazes que convocavam as crianças maiores de 10 anos a se afiliarem à Juventude Hitlerista. As crianças retratadas nesses cartazes podem ser consideradas protótipos da criança “ariana” projetada pelo Nacional-Socialismo: ambos possuem cabelos e olhos claros. O menino é retratado em uma pose ativa e circunspecta, semelhante à do “Führer” no plano de fundo, enquanto a menina aparece sorridente e com os longos cabelos loiros trançados.

Figura 14 – Exemplo de imagens no glossário (HJ e BDM)

Cartaz de propaganda da Juventude Hitlerista, 1940
(© Deutsches Historisches Museum, Berlin)

Cartaz de propaganda da Liga de Moças Alemãs, 1940 (© Deutsches Historisches Museum, Berlin)

Descrevemos até aqui alguns dos meios encontrados para manter e destacar, nos textos de chegada, determinadas características dos textos de partida relevantes para seu teor documental, como a formatação e o uso do léxico nacional-socialista. Pode-se concluir daí que a tradução documental tende mais à estrangeirização (*Verfremdung*) do que à domesticação (*Einbürgerung*) – utilizando a terminologia introduzida por Friedrich Schleiermacher na primeira metade do século XIX²⁵⁹ e ainda hoje muito corrente nos Estudos da Tradução –, à medida que, para ressaltar a estrangeiridade (e, por conseguinte, o caráter documental) do produto da tradução, deixa intencionalmente de seguir alguns padrões da língua e da cultura de chegada, como as convenções de gênero que serão abordadas mais a fundo na seção 5.3.2.

5.2 Identificação dos problemas de tradução

Conforme descrevemos do ponto de vista teórico na seção 3.4.3 desta dissertação, Christiane Nord dedica parte de seu modelo do processo tradutório à categorização de

²⁵⁹SCHLEIERMACHER, Friedrich. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens. In: SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sämtliche Werke*. 2. Berlin: Reimer, 1838, p. 201-238.

problemas de tradução, os quais decorrem da própria tarefa de traduzir – ou seja, não estão ligados a dificuldades subjetivas do tradutor – e para os quais o tradutor precisa encontrar uma solução durante o processo tradutório. A sistematização dos problemas de tradução empreendida por Nord é relevante tanto do ponto de vista didático e prático, ao sensibilizar os futuros tradutores para diversos tipos de desafio com os quais lidarão em sua profissão, quanto do ponto de vista teórico dos Estudos da Tradução, ao permitir que trabalhos como este descrevam – fundamentados no modelo da autora – os problemas próprios de um *corpus* específico e as soluções encontradas para eles.

Nord (2006, p. 352) distingue entre quatro categorias de problemas: (i) problemas de tradução pragmáticos; (ii) problemas de tradução ligados a convenções culturais; (iii) problemas de tradução específicos do par linguístico e (iv) problemas de tradução específicos de um texto. Enquanto as categorias (i), (ii) e (iii) fazem-se presentes, em certa medida, em qualquer tradução – de forma que o tradutor pode ser treinado para lidar com eles ao longo de sua formação e prática profissional – os problemas específicos de um texto não são facilmente transponíveis a outras tarefas de tradução e pedem uma solução *ad-hoc*, que, muitas vezes, exige certa criatividade.

No quadro a seguir, descrevemos sucintamente as categorias de problemas de tradução (para uma explicação teórica mais aprofundada sobre o assunto, cf. seção 3.4.3 do trabalho) e elencamos exemplos concretos da ocorrência de cada uma delas em nosso *corpus*:

Quadro 12 – Problemas de tradução no *corpus*

Problemas de tradução...	Origem	Exemplos gerais	Exemplos no <i>corpus</i>
Pragmáticos	Diferenças entre as situações comunicativas do TP e do TC.	Referências dêiticas (espaciais e temporais) distintas. Conhecimentos prévios culturalmente distintos nas entrelinhas.	Referências explícitas e implícitas a elementos da realidade (nacional-socialista) da época, elementos da “linguagem do Terceiro Reich”.
Ligados a convenções culturais	Diferenças entre as normas e convenções das culturas de partida e de chegada.	Convenções de medidas (por exemplo quilômetros vs. milhas) e de gênero textual distintas.	Convenções distintas dos gêneros textuais “Verhörprotokoll” (sistema policial/jurídico alemão) e “Auto de Qualificação e Interrogatório” (sistema policial/jurídico brasileiro).

Específicos do par linguístico	Fatores intratextuais: recursos linguísticos da LP inexistentes na LC	Inexistência de correspondência nos campos do léxico, sintaxe e nomes próprios.	Marcas de oralidade da língua alemã, como as partículas, que não possuem correspondentes diretos em português.
Específicos de um texto	Características textuais, estilos e formas de expressão individuais presentes no TP dificilmente reproduzíveis no TC.	Recursos estilísticos específicos, jogos de palavras.	Características do estilo burocrático, como o uso abundante de siglas e abreviações (muitas vezes aleatórias). Recorrência de erros de ortografia.

Em seu modelo, Nord sugere que tais problemas sejam resolvidos, ao contrário do que se costuma fazer na formação e no cotidiano profissional do tradutor, “de cima para baixo” (*top-down*), ou seja, partindo do nível pragmático, que leva em conta as especificidades culturais, até chegar ao nível microlinguístico. Em um de seus trabalhos (NORD, 1997, p. 64), a autora propõe um modelo pragmático-funcional para a solução de problemas de tradução, reproduzido e traduzido na Figura 4 deste trabalho (cf. página 116).

O modelo de Nord determina que a base de todas as decisões tradutórias – e, conseqüentemente, da solução de cada problema específico de tradução – deve ser a decisão sobre a função que o texto de chegada assumirá em relação ao texto de partida: documental ou instrumental. Quando se opta, nessa fase inicial, por uma tradução documental, as decisões seguintes tenderão sempre à *reprodução* de elementos, normas e convenções da língua e da cultura de partida, enquanto na tradução instrumental elas voltar-se-ão mais à *adaptação* a elementos, normas e convenções da língua e da cultura de chegada.

Corroborar-se, assim, a importância de termos optado, desde o início do processo de tradução dos protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl, por fazer uma tradução do tipo documental. Essa decisão-base foi o critério para diversas decisões importantes que precisaram ser tomadas posteriormente e sobre as quais já versamos brevemente em seções anteriores: reproduzir ou não a formatação e o layout originais do texto de partida? Adaptar ou não o texto de chegada às convenções características do gênero textual em questão no contexto brasileiro? Traduzir ou manter em alemão os termos (e siglas) característicos da linguagem nacional-socialista? Reproduzir os erros de ortografia ou corrigi-los na tradução? Reproduzir ou não, em português, as abreviações e siglas características do “estilo burocrático” do texto ou traduzi-las por extenso? Por trás de cada uma dessas decisões residia um problema de tradução) que necessitava de solução. Na próxima seção, explicitaremos

alguns desses problemas e demonstraremos como eles foram solucionados no *corpus*, tendo sempre em vista a opção por fazer uma tradução documental.

5.3 Amostras de aplicação da estratégia

Nesta parte do capítulo, reuniremos exemplos concretos de como problemas de tradução específicos, identificados no *corpus*, foram solucionados a partir da tomada de decisões pautadas em uma estratégia de tradução “transparente” e com propósito documental. Tendo em vista a extensão dos protocolos, não seria possível discutir aqui, um a um, todos os problemas de tradução com os quais nos deparamos ao longo da tradução. Assim, optamos por selecionar uma “amostra” desses problemas para discussão, a saber, os aspectos já destacados no capítulo de análise e que consideramos especialmente relevantes para o teor documental do *corpus*. Para cada tipo de problema, elegemos um ou dois exemplos, que serão resumidos no quadro abaixo, juntamente com as questões que os trouxeram à tona, e abordados nas próximas subseções.

Quadro 13 – Amostra selecionada (problemas e questões de tradução)

Problema	Tipo	Questões
Recorrência de palavras marcadas por seu uso ideológico no regime nacional-socialista.	Pragmático	Traduzir essas palavras ou mantê-las em alemão? Como sinalizar para o leitor da tradução o componente ideológico característico delas?
Recorrência de partículas (como marca de oralidade) e da topicalização (como forma de ênfase)	Específico do par linguístico	Como recriar, em português, o efeito de oralidade obtido em alemão por meio das partículas? Como destacar, em português, uma informação que é destacada em alemão por meio da focalização sintática?
O gênero alemão “Verhörprotokoll” registra o conteúdo do interrogatório em discurso direto, enquanto o gênero brasileiro “Auto de Qualificação e Interrogatório” o faz através do discurso indireto.	Ligado a convenções culturais	Manter as convenções do gênero alemão ou adaptar todo o texto para atender às convenções do gênero brasileiro?
Recorrência de siglas, abreviações (muitas vezes aleatórias) e erros ortográficos	Específico do texto	Traduzir as siglas ou mantê-las em alemão? Reproduzir as abreviações ou escrever seu conteúdo por extenso na tradução? Recriar, em português, os erros ortográficos?

5.3.1 Problemas de tradução pragmáticos

Nossa experiência com a tradução dos panfletos da Rosa Branca (cf. SCHOLL, 2014, p. 87 et seq.) ao longo do projeto de tradução do livro de Inge Scholl já havia corroborado a importância do estudo do contexto como fundamento para as decisões tradutórias. Durante a tradução desses textos, deparamo-nos com diversos problemas de tradução do tipo “pragmático”, segundo a classificação de Christiane Nord²⁶⁰. Eles estão presentes também em diversos outros textos da época – como os interrogatórios traduzidos nesta dissertação – e que, em geral, podem ser explicados e solucionados por meio de uma pesquisa sobre o contexto sócio-histórico em que se inserem os textos.

Nos panfletos, esses problemas estiveram presentes, por exemplo, em palavras e conceitos caracteristicamente nacional-socialistas, tais como *Führer* (epíteto de Hitler), *totaler Krieg* (guerra total) e *Judenfrage* (Questão Judaica)²⁶¹. Conceitos ou palavras-chave como estes, política e ideologicamente relevantes na época e cujo significado é determinado pelo contexto no qual se inserem, exigem do tradutor conhecimentos que, muitas vezes, dependem de uma pesquisa histórica detalhada. Caso contrário, conforme constata Schäffner (1997, p. 133), seu significado específico pode não ser compreendido pelo tradutor e, conseqüentemente, a mensagem do texto de partida pode chegar de forma distorcida ao receptor do texto de chegada.

As peculiaridades da linguagem nacional-socialista constituem, assim, um desafio à tradução de textos produzidos na Alemanha entre 1933 e 1945, visto que seu componente ideológico nem sempre é evidente para o leitor atual. A leitura da obra *LTI - Linguagem do Terceiro Reich*, de Vitor Klemperer, filólogo judeu-alemão que registrou em diários o surgimento e a consolidação de uma linguagem tipicamente nacional-socialista, foi de grande importância para a tradução dos panfletos da Rosa Branca (e do livro como um todo) e também contribuiu para a tradução dos interrogatórios. Ao lidar com esses textos não se pode ignorar, como ressalta o autor, que o regime nazista fez da linguagem seu mais poderoso instrumento de manipulação. Conseqüentemente, muitas palavras e expressões presentes no *corpus* deste trabalho, apesar de serem aparentemente neutras, carregam uma dimensão histórica (e, no caso específico, ideológica) que não pode ser deixada de lado na tradução.

²⁶⁰ NORD, 2009, p. 177.

²⁶¹ A “Questão Judaica” não é uma invenção nacional-socialista (remonta ao fim do século XVIII), mas foi instrumentalizada pelos nazistas para se referir à suposta impossibilidade de convivência entre judeus e arianos.

Diante dessa problemática, alguns tradutores optam frequentemente por “empréstimos”, isto é, por manter essas palavras em alemão no texto de chegada, sob o pretexto de que as conotações cunhadas nelas, de forma irreversível, pelo Nacional-Socialismo seriam intraduzíveis. Tal opção é criticada por autores como Stallaert (2010), que enxerga nesse procedimento estrangeirizante uma tentativa deliberada de evitar comparações entre elementos da ideologia nazista e de ideias semelhantes surgidas em outras conjunturas históricas. A autora defende, mais especificamente, que há semelhanças entre as ideologias antissemita e etnicista na Alemanha nazista e na Espanha inquisitorial, as quais são muitas vezes “apagadas” por opções de tradução estrangeirizantes, pautadas em uma suposta “intraduzibilidade” do nazismo, ou equivocadas, que radicalizam excessivamente conceitos nazistas, inviabilizando a comparação com outras realidades²⁶². Como expoente dessa radicalização, Stallaert (2010, p. 41) cita a tradução da palavra *völkisch* (conceito fundamental na ideologia nazista) por “racista” em traduções de *Mein Kampf* para o francês. Nas palavras da autora,

com a derrota do nazismo, sua ideologia foi universalmente condenada e embora sua tradução aparentemente não apresentasse maiores problemas aos tradutores contemporâneos do nazismo, hoje em dia observa-se uma notável resistência intelectual em traduzir a ideologia nazista em conceitos familiares ou genéricos. A unicidade do Holocausto ficaria confirmada dessa maneira pela unicidade da ideologia que o tornou possível. Assim, evita-se até mesmo o perigo de sua repetição em um contexto histórico novo. Elevar o “völkisch” à categoria de intraduzível corresponde mais a uma opção ideológica que a verdadeiras restrições de tipo linguístico ou cultural. (STALLAERT, 2010, p. 45)

Sua proposta de tradução adequada para termos marcados pela ideologia nazista consiste em uma “tradução antropológica”, que deixe claro o componente “humano” (evidentemente que no sentido mais estrito da palavra) daquela linguagem e, por isso mesmo, permanentemente perigoso. Afinal,

os perpetradores, por mais inumanos que fossem seus atos, eram homens, e portanto sua linguagem não pertence a nenhuma realidade intrinsecamente distinta das demais linguagem humanas. Concluir sua intraduzibilidade corresponde a uma decisão ideológica que permite adotar a cômoda posição de observador externo, não a do antropólogo que reconhece a humanidade compartilhada de seu “objeto” de estudo, mas a do biólogo que observa uma espécie animal. (STALLAERT, 2010, p. 65)

²⁶² STALLAERT, 2010, p. 40 et seq.

Concordamos com Stallaert quanto à sua afirmação de que o tradutor não deve lidar com a linguagem nacional-socialista como se ela fosse produto de uma realidade absolutamente estranha, a qual não pode nem deve ser reproduzida em outro idioma que não o de origem. Ponderamos, entretanto, que comparações entre a realidade nacional-socialista e qualquer outra realidade merecem, de fato, muita cautela. Embora muitos elementos da ideologia nazista pareçam apresentar semelhanças com fatos que ocorreram (e ainda ocorrem) na história da humanidade, quando se considera o “todo” chega-se necessariamente à conclusão de que a dimensão dos crimes perpetrados pelo nazismo é realmente ímpar e, até mesmo em respeito às vítimas, não deve admitir comparações irrefletidas.

A nosso ver, a tarefa do tradutor nesse contexto é justamente de colocar o leitor da tradução em condições de perceber e compreender a dimensão ideológica de determinadas palavras e expressões de uso corrente no Nacional-Socialismo. Para tanto, manter todas as palavras em alemão não seria um procedimento adequado, não só por comprometer a legibilidade do texto mas, também, por, como bem apontou Stallaert (2010), reforçar excessivamente a estranheiraqueza daquelas ideias, levando o leitor a se sentir “a salvo” do perigo por elas representado. Na tradução dos interrogatórios dos irmãos Scholl, mantivemos em alemão apenas palavras como *Führer*, *Reich* e *Gestapo* – por já estarem “consolidadas” internacionalmente e considerarmos conhecidas pelo público brasileiro, e siglas como HJ (*Hitler-Jugend*) e BDM (*Bund Deutscher Mädel*), por motivos que serão apresentados na seção 5.3.3. Em todas as demais ocorrências foi feita uma tradução literal, quando necessário acrescida de rearranjos morfossintáticos.

No entanto, a tradução literal por si só, isto é, não acompanhada de uma explicação ou comentário, poderia muitas vezes fazer com que a dimensão ideológica passasse despercebida pelo leitor ou, em casos específicos, até mesmo induzi-lo ao erro. Afinal, essa dimensão nem sempre se manifesta de maneira explícita nos textos: as referências ao contexto sócio-histórico estão frequentemente implícitas. Um desses casos, que gerou dificuldades durante a tradução dos interrogatórios e de diversos outros textos relacionados à Rosa Branca, foi o adjetivo *braun* (marrom). Nos panfletos produzidos pelo grupo, ele costumava aparecer associado a um substantivo de conotação negativa, como nos exemplos abaixo retirados, respectivamente, do segundo e terceiro panfletos:

Agora, já que nos últimos anos nos abriram os olhos inteiramente, já que sabemos com quem estamos lidando, agora está mais do que na hora de extirpar esta horda **marrom**. (SCHOLL, 2014, p. 91, grifos nossos)

Sabotagem a toda publicação, todos os jornais que estão a soldo do “governo” e que lutam pela sua ideologia e pela disseminação da mentira **marrom**. (SCHOLL, 2014, p. 95, grifos nossos)

Inicialmente, imaginamos tratar-se apenas de um adjetivo depreciativo, o qual, numa tradução adaptante, poderia ser traduzido por “sombrio” ou “cinzento”. Entretanto, essa primeira tradução foi revisada e modificada após uma pesquisa sobre a linguagem nacional-socialista. Ao consultar a obra *Vokabular des Nationalsozialismus*, encontramos a palavra *Braunhemd* (camisa-marrom), definida como “a) parte do uniforme político de membros do partido nazista, utilizado especialmente por integrantes da SA e da SS. b) nazista trajando a camisa marrom, especialmente homem da SA²⁶³” (SCHMITZ-BERNING, 2007, p. 128, tradução nossa). Metonimicamente, por ser a cor do uniforme nazista, o marrom tornou-se representativo de tudo o que estivesse relacionado ao Nacional-Socialismo. Assim, além de constituir um erro de tradução, traduzir *braun* por “cinzento” ou “obscuro” significaria deixar que uma marca histórica do texto se perdesse.

Por outro lado, como a palavra “marrom” costuma ser utilizada, em português brasileiro, para designar, por exemplo, a imprensa sensacionalista, a tradução de *braun* por “marrom” sem um comentário ou de uma nota contextualizadora (cf. ZWICK, 2012, p. 249; ZWICK, 2015, p. 48), poderia gerar um efeito de sentido não desejado e induzir o leitor a uma compreensão equivocada do texto. No *corpus* deste trabalho, a palavra *braun* só aparece uma vez com esse sentido, a saber quando se fala no interrogatório de Hans Scholl em *Braunes Haus*, designação utilizada oficialmente na época para se referir à sede do partido nazista em Munique.

- (a) An allen mir eben genannten Gebäuden haben Schmorell und ich die Anschriften angebracht, doch ist es nicht richtig, dass wir auch am **Braunen** Haus die Schmiererei anbrachten. (Hans Scholl, 20/02/1943)

[Eu e Schmorell somos os autores das pichações em todos os locais que me foram listados agora, mas não é verdade que pichamos também a Casa **Marrom**.]

Optamos, nesse caso, por fazer uma tradução literal (“Casa Marrom”), acompanhada tanto de uma explicação em nota, contendo uma imagem do uniforme marrom da SA, quanto no glossário. Quando, como no caso da palavra *braun*, as marcas históricas estavam implícitas no discurso dos interrogatórios, fez-se necessário primeiramente identificá-las no texto de

²⁶³ Braunhemd: a) Bestandteil der politischen Uniform der NSDAP, insbesondere der SA und der SS. b) Nationalsozialist im Braunhemd, insbesondere SA-Mann.

partida para só então, tendo pesquisado e compreendido seu significado no contexto de produção, tomar a decisão de tradução.

Outro exemplo concreto do léxico nacional-socialista enquanto problema de tradução pragmático pode ser observado no trecho abaixo do interrogatório de Sophie Scholl:

- (b) Ich selbst trat im Januar 1934, damals 13-jährig, in die **Jungmädelschaft** der **HJ** ein und gehörte der **HJ** bzw. dem **BDM** bis 1941 an. Etwa im Jahre 1935 wurde ich **Jungmädelschaftsführerin**, 1936 **Scharführerin** und 1937/38 **Gruppenführerin**. (Sophie Scholl, 18/02/1943)

[Eu própria ingressei em janeiro de 1934, aos 13 anos, na **União Jovem de Meninas** da **HJ** e pertenci à **HJ**, isto é, à **Liga de Moças Alemãs (BDM)** até 1941. Por volta de 1935 me tornei **Líder Jovem das Meninas**, em 1936 fui promovida a **Líder de Esquadrão** e em 1937/38 a **Líder de Grupo**.]

Em apenas duas orações, estão condensadas toda a estrutura da Juventude Hitlerista²⁶⁴ (com suas ramificações feminina, masculina e voltadas a determinadas faixas etárias) e toda a hierarquia interna da Liga de Moças Alemãs. Na segunda oração do texto de partida, o verbo alemão utilizado é “werden” (em sua forma no pretérito – *ich wurde*) que, traduzido literalmente para o português, corresponderia a “tornei-me”: “Por volta de 1935 me tornei Líder Jovem das Meninas, em 1936 me tornei Líder de Esquadrão e em 1937/38 Líder de Grupo”. Como se podia pressupor um conhecimento compartilhado pelos produtores e receptores do texto sobre a hierarquia da BDM na situação comunicativa de origem, não era necessário que a ideia de ascensão nessa hierarquia (Líder Jovem das Meninas < Líder de Esquadrão < Líder de Grupo < Líder de Subdistrito < Líder de Província) fosse expressa pelo verbo. Como tal hierarquia não é familiar ao leitor brasileiro (nem ao leitor alemão atual) optamos, porém, propositalmente por traduzir a segunda ocorrência de “werden” por “fui promovida”, explicitando essa ideia: “Por volta de 1935 me tornei Líder Jovem das Meninas, em 1936 fui promovida a Líder de Esquadrão e em 1937/38 a Líder de Grupo”. Além disso, incluímos informações sobre a Liga de Moças Alemãs em uma nota de tradução, acrescentamos um verbete no glossário e, no apêndice que acompanha o mesmo, inserimos um organograma bilíngue, ilustrando integralmente a estrutura e da hierarquia da Juventude Hitlerista. Na tabela abaixo²⁶⁵, que encerrará esta seção, estão reunidos outros exemplos de como lidamos na tradução com o léxico característico da linguagem nacional-socialista:

²⁶⁴ A Figura 11 (página 202 deste trabalho) traz uma sistematização dessa estrutura.

²⁶⁵ O modelo dessa tabela foi extraído e adaptado de NORD (2010, p. 92).

Quadro 14 – Opções de tradução (léxico nacional-socialista)

TEXTO DE PARTIDA	OPÇÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO DE CHEGADA
Gleich anschliessend kam ich bis Ende März 1942 in das Kriegshilfsdienstlager nach Blumberg in Baden, wo ich in einem Kinderhort der NSV Blumberg eingesetzt war. (Sophie Scholl, 18/02/1943)	<u>Kriegshilfsdienstlager:</u> a) Tradução literal b) Nota de tradução (nº 14) c) Verbete no glossário <u>NSV:</u> a) Tradução literal da sigla por extenso (<i>Nationalsozialistische Volkswohlfahrt</i> : Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular) b) Manutenção da sigla em alemão entre parênteses. c) Nota de tradução (nº 15). d) Verbete (com foto) no glossário.	Logo em seguida, fui designada para o campo de Serviço de Auxílio à Guerra em Blumberg, estado de Baden, onde trabalhei em uma creche da Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular (NSV) de Blumberg.
Mir ist bekannt, dass er vor längerer Zeit in München im Rahmen der KdF -Veranstaltungen aus eigenen Werken gelesen hat. (Hans Scholl, 20/02/1943)	a) Tradução literal da sigla por extenso (<i>Kraft durch Freude</i> : “Força pela Alegria”) b) Manutenção da sigla em alemão entre parênteses. c) Acréscimo explicador (“associação”). d) Nota de tradução (nº 61). e) Verbete no glossário.	Sei que há muito tempo ele esteve em Munique para ler trechos de obras suas durante eventos da associação Força pela Alegria (KdF) .
Anschliessend meldete ich mich freiwillig in den weiblichen Arbeitsdienst , wurde Anfang April 1941 zum Arbeitsdienstlager 13/122 nach Krauchenwies bei Sigmaringen eingezogen, wo ich bis Oktober ds. Jahres die vorgeschriebene Arbeitsdienstzeit ableistete. (Sophie Scholl, 18/02/1943)	a) Tradução literal da sigla por extenso (<i>[Reichs]arbeitsdienst</i> : Serviço Obrigatório para o <i>Reich</i>) b) Manutenção da sigla em alemão entre parênteses. c) Nota de tradução (nº 13), acompanhada de uma foto de Sophie Scholl durante seu tempo no RAD. d) Verbete no glossário.	Em seguida, me inscrevi voluntariamente na divisão feminina do Serviço Obrigatório para o Reich (RAD) e, no início de abril de 1941, fui incorporada ao campo de serviço 13/122 em Krauchenwies, próximo de Sigmaringen, onde cumpri, até outubro do mesmo ano, o tempo de Serviço Obrigatório prescrito.
Ich war der Überzeugung, dass ich aus innerem Antrieb handeln musste und war der Meinung, dass diese innere Verpflichtung höher stand, als der Treueid , den ich als Soldat geleistet habe.	a) Tradução literal + empréstimo (<i>Führer</i>) por extenso. b) Acréscimo explicador (“ao Führer”) c) Nota de tradução (nº 49). d) Verbete no glossário.	Estava convicto que deveria agir movido por uma força interior e que esse dever intrínseco era mais importante do que o Juramento de Fidelidade ao Führer que prestei como soldado.

5.3.2 Problemas ligados a convenções culturais

Na seção 3.3.2 deste trabalho, discorreremos sobre algumas das contribuições concretas que a análise de gêneros textuais pode trazer à prática da tradução. Uma delas é dada pela Textologia Contrastiva, disciplina que propõe a comparação de textos paralelos, isto é, de exemplares do mesmo gênero textual em diferentes comunidades linguístico-culturais. Essa comparação facilitaria, por exemplo, a identificação de diferenças nas convenções de gênero entre as culturas de partida e de chegada e, nos casos em que essa decisão já não foi tomada pelo cliente, colocaria o tradutor em condições de decidir quais dessas convenções adotará em sua tradução, tendo em vista a função que a mesma assumirá no contexto de chegada. Convenções de gêneros textuais distintas na cultura de partida e na cultura de chegada constituem o exemplo clássico de problema de tradução ligado a convenções culturais apontado por Christiane Nord. Quando se opta por adaptar o texto às convenções da cultura de chegada, podem ser necessárias mudanças tão profundas em sua macro e microestrutura que, muitas vezes, ultrapassa-se o que caberia a uma tarefa de tradução propriamente dita e passa-se a produzir um texto novo em outra língua.

Durante o processo de tradução dos interrogatórios dos irmãos Scholl, chegamos a recorrer à consulta de textos paralelos. Visitamos os arquivos do DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) para pesquisar registros de interrogatórios conduzidos com prisioneiros políticos durante o Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985). Com isso, pretendíamos aproveitar elementos da linguagem (especialmente do léxico e sintaxe “burocráticos”) desses textos para conferir à tradução um estilo mais autêntico. Entretanto, as convenções do gênero textual “Auto de Qualificação e Interrogatório”, equivalente aproximado do *Verhörprotokoll* no sistema policial e jurídico brasileiro, divergem consideravelmente daquelas que caracterizam o gênero alemão. Para constatá-lo, basta comparar os excertos reproduzidos abaixo, respectivamente retirados do início do primeiro interrogatório de Hans Scholl à *Gestapo* (18/02/1943) e de um interrogatório conduzido com um estudante da Universidade de São Paulo no DEOPS em 05/07/1972:

Quadro 15 – Comparação entre convenções de gênero

<i>Verhörprotokoll</i>	Auto de Qualificação e Interrogatório
<p>Conduzido da detenção, apresenta-se o estudante de medicina</p> <p><u>Hans</u>, Fritz S c h o l l ,</p> <p>nascido em Ingersheim a 22/09/1918, residente em Munique, rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13, casa da Dra. Schmidt e, tendo sido energicamente advertido a dizer verdade, presta as seguintes declarações:</p> <p>“Meu pai Robert S c h o l l é consultor fiscal em Ulm, às margens do rio Danúbio. Tenho mais quatro irmãos, a saber [...]”</p>	<p>Depois de cientificado da acusação que lhe é feita, passou o acusado a ser interrogado pela autoridade, respondendo o seguinte: que ingressou na Faculdade de Física da USP, no ano de 1967, e em meados desse ano passou a residir no CRUSP, onde tinha como companheiros de quarto xxxxxxxxxxxx²⁶⁶ e xxxxxxxxxxxx; que nesse ano participou com outros estudantes da ocupação da [ilegível] do CRUSP, uma vez que ali haviam quartos prontos para serem ocupados e que não foram distribuídos aos inscritos; que a invasão foi patrocinada pela AUNK – Associação Universitária Rafael Eauan, cujo presidente era xxxxxxxxxxxx; que a respeito dos fatos foi instaurado inquérito no DOPS; [...]</p>

A fórmula de abertura “Depois de cientificado da acusação que lhe é feita, passou o acusado a ser interrogado pela autoridade, respondendo o seguinte”, presente no excerto à direita, já era utilizada em autos de qualificação e interrogatório produzidos durante o Estado Novo e ainda pode ser encontrada em exemplares desse gênero textual redigidos atualmente. Também são características do gênero “Auto de Qualificação e Interrogatório” a opção pelo discurso indireto, pela terceira pessoa do singular e pela sintaxe constituída primordialmente de orações subordinadas objetivas diretas (introduzidas pela conjunção conectiva “que”) fazem com que a retextualização alcance um nível muito mais profundo do que ocorre no *corpus* em alemão, no qual são adotados o discurso direto e a primeira pessoa. Fazer uma adaptação de todo o texto dos protocolos de interrogatórios às convenções da cultura de chegada acarretaria necessariamente em mudanças muito radicais em toda a estrutura do texto, o que contrariaria o propósito documental da nossa tradução. Assim, mantendo-o em vista, optamos por preservar as convenções da cultura de partida.

5.3.3 Problemas específicos do par linguístico

Dentre os exemplos de problemas de tradução específicos do par linguístico alemão/português presentes no *corpus*, abordaremos aqui as partículas enfáticas e a

²⁶⁶ Optamos por omitir propositamente neste trabalho os nomes que constam nos trechos sinalizados com “xxxxxxxxxx”.

focalização sintática, recursos linguísticos típicos da língua alemã. A recorrência de partículas enfáticas (também denominadas de partículas modais) é uma marca de oralidade bastante frequente na língua alemã. Como já mencionamos na seção 4.2.2 deste trabalho, elas constituem um desafio à tradução pois não possuem correspondentes diretos em português e geram a necessidade de uma paráfrase ou compensação pautadas na análise do efeito de sentido gerado pela partícula no contexto linguístico específico.

São partículas comuns na língua alemã, segundo a gramática DUDEN (2009, p. 591), *ja, denn, wohl, doch, aber, nur, halt, eben, mal, schon, auch, bloß, eigentlich, etwa, nicht, vielleicht* e *ruhig*. Algumas delas, como *ja, wohl, mal, doch* e *eigentlich*, podem ser encontradas nos registros dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl. Elas surgem principalmente na parte final de cada protocolo, na qual são registradas tanto as perguntas do interrogador quanto as respostas do interrogado, ou seja, onde a interação entre eles foi transcrita consecutivamente pelo escrivão.

As partículas são uma marca importante da oralidade constitutiva do gênero “protocolo de interrogatório” e não poderiam, portanto, ser simplesmente deixadas de lado na tradução do *corpus*. Quando identificávamos a presença de uma delas no texto, o primeiro passo era identificar a função desempenhada por ela em seu contexto. Tendo compreendido essa função, buscávamos meios de recriar o mesmo efeito de sentido com recursos diversos disponíveis na língua portuguesa. Na tabela abaixo exemplificaremos como isso foi feito em alguns dos trechos do *corpus* que continham partículas:

Quadro 16 – Tradução de partículas enfáticas

TEXTO DE PARTIDA	EFEITO DE SENTIDO E OPÇÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO DE CHEGADA
<p><u>Frage:</u> Wie kommt es, dass Ihre Schwester mit einem leeren Koffer verreisen will? Dies ist doch nicht üblich.</p> <p><u>Antwort:</u> Diese Frage zu beantworten ist Sache meiner Schwester, denn diese wollte ja verreisen. (Anton Mahler e Hans Scholl, 18/02/1943)</p>	<p><u>doch:</u> reforça o estranhamento e a suspeita do interrogador diante da justificativa dada pelo interrogado. Tradução: “nada” (intensificação da acusação formulada nas entrelinhas em “Isso não é comum”)</p> <p><u>ja:</u> ressalta um conhecimento compartilhado entre os interlocutores (de que era Sophie que ia viajar) e procura encerrar um tópico. Tradução: “como se sabe” (acréscimo explicitador)</p>	<p><u>Pergunta:</u> Como se explica que sua irmã quisesse viajar com uma mala vazia? Isso não é nada comum.</p> <p><u>Resposta:</u> Quem tem que responder essa pergunta é a minha irmã, porque, como se sabe, era ela que ia viajar.</p>

<p><u>Frage:</u> Was enthielt die Aktenmappe? War sie wohl ebenfalls leer, als Sie von zu Hause weggingen?</p> <p><u>Antwort:</u> Auch die Aktenmappe war leer. (Anton Mahler e Hans Scholl, 18/03/1943)</p>	<p><u>wohl:</u> denota que se trata de uma suposição e desconfiança por parte do interrogador que, aqui, é formulada em tom de ironia. Tradução: “por acaso”.</p>	<p><u>Pergunta:</u> O que continha sua maleta? Por acaso ela também estava vazia quando o senhor saiu de casa?</p> <p><u>Resposta:</u> A maleta também estava vazia</p>
<p>Schmorell ist eigentlich mein einziger Freund. Er besuchte mich fast täglich. (Hans Scholl, 18/02/1943)</p>	<p><u>eigentlich:</u> indica que, depois de refletir um pouco, o falante chegou a uma conclusão. Tradução: “no fundo”</p>	<p>Schmorell é, no fundo, meu único amigo. Ele me visitava praticamente todos os dias.</p>

O segundo problema de tradução específico do par linguístico de que trataremos nesta seção refere-se à estrutura informacional das orações em alemão e português. Já mencionamos na seção 4.2.1 que um dos recursos de ênfase mais produtivos da língua alemã é a focalização do elemento novo (o rema) ou da informação que, na concepção do emissor do texto, é mais relevante por meio de seu deslocamento para o início da oração. Nos protocolos de interrogatórios traduzidos neste trabalho, inversões sintáticas desse tipo são muito comuns e tinham provavelmente o propósito de facilitar, inclusive do ponto de vista visual, a localização de determinadas informações no texto. Tal recurso ocorre, por exemplo, em orações que contêm declarações comprometedoras sobre alguma prova ou circunstância relacionada ao objeto de investigação. Essa prova ou circunstância assume, então, a primeira posição da oração (anterior ao verbo). Outro contexto em que a focalização é recorrente é o das orações negativas. Nelas, o componente sintático que está sendo negado é destacado ao ser deslocado para a primeira posição da oração. Dessa forma, sua negação é enfatizada e não restam dúvidas quanto ao foco da negação.

O uso da focalização em alemão aproxima-se do fenômeno de topicalização em português, definido por Gonçalves (1998, p. 34) como estratégia sintática que desloca termos da sentença para a posição inicial com o intuito de destacá-los dos outros ou de introduzir um novo tópico²⁶⁷. É o caso dos dois exemplos a seguir, apresentados pelo autor (GONÇALVES, 1998, p. 40):

²⁶⁷ “(...) a Topicalização é uma das estratégias sintáticas de que se serve o português do Brasil para pôr em evidência um elemento no texto conversacional. Esse mecanismo é denominado de ‘Focalização Textual’, nos termos de Gonçalves (1997), por ser linguisticamente motivado, visto envolver alterações na seqüenciação canônica dos termos da sentença, que são deslocados para a posição inicial (i) para efeitos de contraste ou (ii) para introduzir novo tópico discursivo” (GONÇALVES, 1998, p. 35).

Esse computador, eu comprei quando estava trabalhando lá na Companhia.

A Abigail, não se pode confiar nela não porque ela já mostrou para gente que é muito fofqueira.

Entretanto, a topicalização em português é um recurso quase exclusivo da linguagem oral e pode causar estranhamento em textos escritos. Por esse motivo, em nossa tradução dos interrogatórios, fizemos uso dela apenas em alguns casos para recriar o efeito de ênfase identificado na oração em alemão. Quando as focalizações características do texto de partida não geravam um efeito natural em português, buscamos outros meios convencionais da língua de chegada para recriar a ênfase atribuída a determinados elementos sintáticos. Na tabela abaixo, com a qual finalizaremos esta seção, é possível visualizar alguns dos meios encontrados com vistas a esse propósito.

Quadro 17 – Tradução de recursos de ênfase (focalização)

TEXTO DE PARTIDA	OPÇÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO DE CHEGADA
Die Schablone wurde durch Schmorell in seiner Wohnung angefertigt. (Hans Scholl, 20/02/1943)	Topicalização	O molde , Schmorell produziu em sua casa.
Den Vervielfältigungsapparat, welcher von meinem Bruder eigens zum Zwecke der Herstellung von Flugblättern gekauft wurde , haben wir vor 14 Tagen oder 3 Wochen in dem Atelier des Kunstmalers Eickemeir, Leopoldstr. 38, Rckg., hinterstellt. (Sophie Scholl, 18/02/1943)	Topicalização	O mimeógrafo que meu irmão adquiriu com o único objetivo de produzir panfletos , nós guardamos há 14 dias ou três semanas no ateliê do artista plástico Eickemeyer, Rua Leopoldstrasse, nº 38, prédio dos fundos.
Um wieviele Flugblätter es sich hierbei gehandelt hat , weiss ich nicht . (Hans Scholl, 18/02/1943)	Topicalização	De quantos panfletos se tratava , eu não sei.
Vermögen habe ich keines . (Hans Scholl, 18/02/1943)	Intensificação da negação (negação dupla)	Não possuo patrimônio algum .
Vorbestraft bin ich nicht . (Hans Scholl, 18/02/1943)	Intensificação da negação (negação dupla)	Não possuo qualquer antecedente criminal .

<p>Die Briefe mit Flugblättern zur Verbreitung in den Städten ausserhalb Münchens haben wir in einem Zeitraum von etwa 14 Tagen postversandfertig gemacht und erst dann die Briefe an den einzelnen Orten aufgegeben. (Sophie Scholl, 18/02/1943)</p>	<p>Topicalização</p>	<p>Para preparar as cartas com panfletos destinadas ao envio a locais fora de Munique levamos cerca de 14 dias e só então postamos essas cartas nas respectivas localidades.</p>
--	----------------------	---

5.3.4 Problemas específicos do texto

Dentre os problemas de tradução específicos dos textos do *corpus*, podemos citar a recorrência de erros ortográficos, siglas e abreviações. Trata-se, conforme já mencionado anteriormente, de uma característica motivada pelas condições de pressão psicológica e de tempo em que foram produzidos os protocolos de interrogatório, durante o qual quem datilografava o texto precisa fazê-lo com agilidade. Para que isso fosse possível, o escritor utilizou-se de recursos de compactação (abreviações e siglas) sempre que possível e não havia muito tempo para conferir, por exemplo, a grafia dos nomes que eram citados ao longo do interrogatório. Desse último fato decorrem diversos erros de grafia em nomes próprios como os de Traute Lafrenz (grafado das seguintes formas: Traute Laffrenz, Traute Laffranz, Traude Lafrenz e Traude Lafrans), Manfred Eickemeyer (grafado Eyckemeier, Eyckemeir e Eickemeir) e Jakob Schmid (grafado Jakob Schmied). Embora sejam marcantes nos protocolos de interrogatório em alemão, os erros de ortografia e datilografia foram propositalmente modificados na tradução. Por uma questão de legibilidade e para garantir a precisão e a correção do registro documental, optamos por corrigir tais erros e uniformizar todas as variantes com a grafia correta.

Já as siglas utilizadas no texto referiam-se, de modo geral, a instituições nacional-socialistas (HJ – *Hitlerjugend*, BDM – *Bund Deutscher Mädel*, NSV – *Nationalsozialistische Volkswohlfahrt* etc.) e, constituíam simultaneamente um problema de tradução pragmático já mencionado. Tendo em vista a função documental pretendida para a tradução, optamos por traduzir as siglas por extenso na primeira vez em que apareciam no texto e mantê-las em alemão posteriormente, adotando ainda o gênero gramatical assumido pela tradução por

extenso em português²⁶⁸. No Quadro 14 deste trabalho (página 234) há alguns exemplos desse procedimento. Outros serão ilustrados no quadro abaixo:

Quadro 18 – Tradução de siglas

TEXTO DE PARTIDA	DECISÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO DE CHEGADA
So hat mein Vater ohne weiteres geduldet, dass wir der Hitlerjugend beitraten und dort Dienst verrichteten. Ich selbst trat im Januar 1934, damals 13-jährig, in die Jungmädelschaft der HJ ein und gehörte der HJ bzw. dem BDM bis 1941 an. (Sophie Scholl, 18/02/1943)	Tradução da sigla na primeira vez em que ela aparece no <i>corpus</i> . Depois, apenas reprodução da sigla em alemão.	Assim, meu pai tolerou sem mais que nos afiliássemos à Juventude Hitlerista (HJ) e prestássemos serviço lá. Eu própria ingressei em janeiro de 1934, aos 13 anos, na União Jovem de Meninas da HJ e pertenci à HJ , isto é, à Liga de Moças Alemãs (BDM) até 1941.
Die Gründe von meiner weltanschaulichen Entfremdung vom BDM und damit der NSDAP , etwa im Jahre 1938, liegen in erster Linie darin begründet, dass meine Schwester Inge, meine Brüder Hans und Werner im Herbst 1938 [...] von Beamten der Geheimen Staatspolizei verhaftet [...] wurden.	Idem.	Meu distanciamento ideológico, por volta de 1938, da BDM e, por extensão, do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) deve-se sobretudo ao fato de, no outono de 1938, minha irmã Inge e meus irmãos Hans e Werner terem sido detidos por oficiais da Polícia Secreta do Estado [...].

No que tange às abreviações, como já mencionamos na seção dedicada à análise do estilo característico dos protocolos, nem sempre elas seguiam alguma lógica ou padrão: muitas delas pareciam ser fruto de uma criação espontânea. Nesses casos, elas podiam se tornar um desafio à tradução, por dificultarem a compreensão de trechos dos textos de partida. É o caso de abreviaturas como “Rckg.” (*Rückgebäude*, prédio dos fundos) e “Sond.” (*Sonderkommission*, comissão especial).

Após decifrar o significado das abreviações com base no próprio contexto linguístico em que elas se inseriam ou em pesquisas sobre o pano de fundo histórico e institucional dos textos, era necessário decidir entre recriá-las ou não em português. Quando consideramos

²⁶⁸ Um exemplo é a opção deliberada por “a BDM” e não “o BDM”. Em alemão, *Bund* é um substantivo masculino (*Bund Deutscher Mädel* – *der Bund*), ao passo que sua tradução em português, “liga” é um substantivo feminino e determinou o gênero que adotáramos para a sigla neste idioma.

possível, ou seja, sempre que tal decisão não fosse causar, no contexto específico, um grande estranhamento ou prejudicar a legibilidade e compreensão do texto – comprometendo assim o propósito documental –, optamos também pela inserção de uma abreviação no texto traduzido também. Alguns exemplos estão compilados a seguir:

Quadro 19 – Tradução de abreviações

TEXTO DE PARTIDA	DECISÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO DE CHEGADA
Im November 1937 rückte ich freiwillig zum Kav.Regt.18 in Bad Cannstatt ein, wo ich ein Jahr diene.	Recriação parcial da abreviatura.	Em novembro de 1937, entrei voluntariamente para o 18º Regtº. de Cavalaria em Bad-Cannstatt, onde servi por um ano.
Den Vervielfältigungsapparat [...] haben wir vor 14 Tagen oder 3 Wochen in dem Atelier des Kunstmalers Eyckemeir, Leopoldstr. 38, Rckg. , hinterstellt. (Sophie Scholl, 18/02/1943)	Opção por não recriar a abreviatura em português, já que ela, como as palavras “prédio” e “fundos” já são relativamente curtas, abreviá-las não soaria natural na língua de chegada.	O mimeógrafo [...] nós guardamos há 14 dias ou três semanas no ateliê do artista plástico Eickemeyer, Rua Leopoldstrasse, nº 38, prédio dos fundos .
Sond./Mah. (Cabeçalho do interrogatório de Hans Scholl, 18/02/1943)	Recriação das abreviaturas em português e inserção de nota explicativa sobre seu significado. Sond. (<i>Sonderkommission</i>): comissão especial instaurada na <i>Gestapo</i> com o objetivo de apurar as ações da Rosa Branca). Mah. (Anton Mahler): interrogador.	Com. Esp./Mah.

Na tradução à qual nos propusemos neste trabalho, procuramos adotar uma estratégia “transparente” (AZENHA JUNIOR, 2010, p. 60) e “leal”²⁶⁹ (NORD, 1989), cuja aplicação exemplificamos no presente capítulo. Conforme afirma Azenha Junior (loc. cit.), uma estratégia de tradução transparente está sempre ligada à questão da visibilidade do tradutor, tópico já bastante discutido nos Estudos da Tradução. Afinal, ela implica necessariamente na criação de “espaços de visibilidade”, sejam eles paratextos (notas preliminares, prefácios e posfácios) ou inclusões no próprio corpo do texto (paráfrases, expansões, observações entre

²⁶⁹ Cf. seção 3.4.1 deste trabalho sobre o conceito de lealdade tradutória.

parênteses) (ibid.), por meio dos quais o tradutor pode descrever, comentar e justificar seus critérios e opções de tradução para o leitor. O fato de termos optado por fazer uma tradução comentada dos protocolos de interrogatório de Hans e Sophie Scholl foi, destarte, fundamental para que essa transparência fosse possível e para que a tradução pudesse cumprir o propósito documental almejado, tendo em vista que o valor histórico e documental desses textos foi explicitado e ressaltado justamente por meio das notas, imagens e glossário que acompanham a tradução.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho insere-se na interface entre Estudos da Tradução, História e Linguística Textual e teve por objetivo abordar as contribuições trazidas por essas três disciplinas para a tradução comentada de um *corpus* composto de protocolos de interrogatórios produzidos durante o regime nacional-socialista. Trata-se especificamente dos interrogatórios conduzidos pela Polícia Secreta Nazista (*Gestapo*) com os irmãos Hans e Sophie Scholl no Palácio de Wittelsbach – então sede da *Gestapo* em Munique – entre os dias 18 e 20 de fevereiro de 1943. Por sua participação no grupo de resistência A Rosa Branca, que distribuiu panfletos antinazistas, os irmãos Scholl tornaram-se figuras emblemáticas da resistência alemã ao Nacional-Socialismo. A violência desproporcional com que as ações pacíficas, e hoje reconhecidamente legítimas, da Rosa Branca foram reprimidas pelo Estado nazista e o fato de que ambos eram muito jovens na época, além de outros fatores, fizeram com que Hans e Sophie Scholl fossem alçados, no período pós-guerra, à condição de mártires do terror nazista e mitos da resistência. Tal imagem foi consolidada e propagada dentro e fora da Alemanha sobretudo pelo livro *Die Weiße Rose*, escrito pela irmã mais velha de Hans e Sophie e já traduzido para diversos idiomas, e perdura até a atualidade.

Diante do exposto, consideramos que os protocolos dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl constituiriam um *corpus* especialmente profícuo para a abordagem interdisciplinar à qual nos propusemos nesta dissertação de mestrado. Tendo isso em mente, no segundo capítulo partimos de uma contextualização geral dos protocolos, fundamentada em bibliografia geral da área da História (e da interface entre História e Filosofia, como é o caso dos trabalhos de Hannah Arendt) sobre os temas “Nacional-Socialismo” e “resistência alemã”, bem como em bibliografia específica sobre o grupo A Rosa Branca.

Feita essa contextualização inicial pautada na pesquisa historiográfica, dedicamos o terceiro capítulo a uma compilação de princípios da Linguística Textual interpretados como relevantes para o trabalho do tradutor por autores dos Estudos Funcionais da Tradução, tais como Christiane Nord, Katharina Reiss, Paul Kussmaul e Susanne Göpferich. Parte significativa do capítulo foi destinada especificamente à apresentação do modelo pragmático-funcional de análise textual e tradução proposto por Christiane Nord (1988, 2009), o qual estabeleceu as diretrizes para a nossa análise do *corpus* que seria descrita no capítulo seguinte.

No quarto capítulo, aplicamos alguns dos elementos que foram descritos do ponto de vista teórico nos capítulos anteriores, à análise de fatores que, com base em um estudo

preliminar fundamentado em questionários propostos no modelo de Nord (1988; 2009) e reproduzido no Anexo 1 desta dissertação, consideramos especialmente relevantes para a tradução dos protocolos. Assim, enquanto destacamos, sob a perspectiva extratextual os fatores função textual, gênero textual, situação comunicativa e participantes da interação, sob a perspectiva intratextual elegemos as diferentes variantes estilísticas do texto, a relação entre oralidade e escrituralidade e os vestígios de retextualização. Abordamos, ainda, dois tipos de confluências entre as perspectivas extra e intratextual: o léxico nacional-socialista e o embate entre o discurso nazista e o discurso da resistência, discutidos na seção sobre “marcadores histórico-culturais”, e as estratégias de interrogados e interrogadores com vistas a cumprir determinadas intenções comunicativas, na seção dedicada às estratégias linguístico-discursivas.

Na análise propriamente dita de todos esses fatores, pautamo-nos tanto em preceitos da Linguística Textual – tais como os indicadores de função de Brinker (2014) e o conceito de retextualização de Marcuschi (2010) – quanto em conhecimentos advindos da pesquisa historiográfica que nos permitiram, por exemplo, interpretar e descrever com maior embasamento a conjuntura histórica geral e a situação comunicativa específica dos interrogatórios, assim como determinados elementos da biografia de interrogadores e interrogados que explicam sua participação em tal situação.

A análise constituiu, enfim, a base para diversas decisões tomadas ao longo da tradução do *corpus*. Estas foram tematizadas no quinto e último capítulo, no qual descrevemos aspectos relativos à estratégia de tradução, exemplificando como determinados problemas de tradução identificados no corpus foram contornados a partir da compilação de princípios e conhecimentos advindos das três disciplinas que embasam este trabalho.

Assim delineada, a estrutura desta dissertação procurou fazer jus às especificidades do *corpus* sobre o qual versa. Uma vez que se trata de textos formulados sob o ponto de vista dos interrogadores, os quais naquela situação comunicativa assumiram o papel de representantes do Estado nacional-socialista e partilhavam da ideologia do mesmo, não poderíamos perder de vista na análise dos protocolos, e nem em sua tradução, que, em seu contexto de origem, eles serviram a um regime criminoso. Seu propósito primordial naquele contexto era fornecer uma base para a Procuradoria do *Reich* formular sua denúncia oficial contra três jovens estudantes e para o Tribunal do Povo “julgá-los”. Consequentemente, a tradução de tais textos para outro idioma só se justifica atualmente sob o viés documental, o qual envolve necessariamente uma análise cuidadosa e aprofundada dos textos de partida. Somente através de uma análise assim

foi possível, em nosso *corpus*, primeiramente reconhecer e depois recriar para o leitor da tradução as características interpretadas como relevantes para a conservação do teor documental nos textos de chegada.

Dentre todos os fatos que apuramos ao longo deste trabalho, a constatação mais impactante é, sem dúvida, a de que toda a repressão aos irmãos Scholl – desde sua apreensão na Universidade de Munique na manhã de 18 de fevereiro de 1943 até sua execução na guilhotina apenas quatro dias depois, no fim da tarde de 22 de fevereiro – foi realizada absolutamente dentro da lei e conforme a concepção de justiça vigentes na época. Um pronunciamento de Hans Frank, então ministro da justiça do *Reich*, em 1933, por ocasião do “Dia dos Juristas Alemães”, sintetiza claramente a concepção de Justiça vigente na Alemanha de 1933 a 1945: “Justo é aquilo que serve ao Povo alemão. Injusto, aquilo que o prejudica²⁷⁰”. Chega-se, assim, obrigatoriamente à conclusão de que os irmãos já estavam julgados e condenados antes mesmo de terminados seus interrogatórios, os quais constituíram, no fundo, apenas um trâmite burocrático para que o processo mantivesse uma aparente legitimidade para quem o observasse de fora.

É isso o que corroboram outros documentos preservados junto às atas do processo movido pela Procuradoria do *Reich* contra os irmãos Scholl e Christoph Probst, como a sequência de telegramas trocados entre o chefe de distrito da região de Munique e o líder nacional do Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães ao longo do dia 19 de fevereiro de 1943. Nessas correspondências, enviadas enquanto os interrogatórios ainda estavam sendo realizados no Palácio de Wittelsbach, Paul Giesler e Martin Bormann negociam a expulsão dos estudantes Christoph Probst, Hans Scholl e Willi Graf das Forças Armadas e já acertam o julgamento e a condenação de todo o grupo pelo “Tribunal do Povo”. Solicitam ainda que a execução da sentença (proferida somente dois dias depois) fosse realizada o mais rapidamente possível.

O fato de os processos movidos contra membros da Rosa Branca terem sido conduzidos em consonância com as leis da época fez com que se tornasse difícil punir, no pós-guerra, os verdadeiros criminosos envolvidos nesse caso: delatores, interrogadores, policiais, procuradores, juízes e todos os que contribuíram de alguma forma para o assassinato de diversas pessoas envolvidas nas ações da Rosa Branca. Enquanto Alexander Schmorell, Christoph Probst, Elisabeth Lange, Friedrich Geussenhainer, Hans Leipelt, Hans Scholl, Jenny Grimminger, Katharina Leipelt, Kurt Huber, Kurt Ledien, Margaretha Rothe,

²⁷⁰ Recht ist, was dem deutschen Volke dient. Unrecht, was ihm schadet.

Margarethe Mrosek, Reinhold Meyer, Sophie Scholl e Willi Graf foram executados na guilhotina, enforcados ou assassinados em campos de concentração e tantos outros foram presos por redigirem, produzirem e/ou distribuírem panfletos, as penas de seus carrascos que trabalharam – cada qual a seu modo – a favor de uma ideologia criminosa, foram bastante brandas, isso quando houve alguma pena.

Os casos de Jakob Schmid (zelador da universidade de Munique que deteve os irmãos Scholl), e dos interrogadores da *Gestapo* Anton Mahler e Robert Mohr são exemplos disso: Schmid era membro da SA e do NSDAP e, dos três, foi o que passou mais tempo preso; foi detido pelo exército dos Estados Unidos em maio de 1945 e, em junho de 1946, julgado e condenado a cinco anos de prisão pelo 10º Tribunal de Desnazificação de Munique. Redigiu dois pedidos de clemência, nos quais declarou ter apenas “cumprido seu dever”. Foi solto em 1951. Robert Mohr, investigador da *Gestapo* responsável pelo interrogatório de Sophie Scholl, foi preso pelos franceses em 1942 devido às suas atividades durante o tempo em que trabalhou na Alsácia. Permaneceu preso por apenas dois anos, mudou-se de cidade e, no anonimato, passou a trabalhar em profissões civis, como vigilante e operário. O último, Anton Mahler, foi detido logo após o final da guerra, liberado em seguida e julgado e condenado em 1949 a cinco anos de reclusão com trabalhos forçados por chantagem e lesão corporal a prisioneiros da *Gestapo*. Entretanto, não chegou a cumprir pena alguma: desapareceu antes do fim do julgamento e fugiu com a ajuda do serviço secreto americano, para o qual começou a trabalhar na mesma função que detinha na *Gestapo*: o combate à “ameaça comunista”.

Se os perseguidores da Rosa Branca não tiveram penas muito duras no pós-guerra, alguns dos sobreviventes do grupo, como Franz Joseph Müller e Hans Hirzel, ainda precisaram empreender esforços para que sua ficha criminal fosse revisada e anulada, uma vez que descobriram, no início da década de 1980, que a sentença proferida contra eles em abril de 1943 em princípio continuava válida perante o Parlamento Alemão. Apenas em 1998 uma lei alemã invalidou a legitimidade dos tribunais nazistas e anulou oficialmente todas as sentenças proferidas por eles, baseadas em argumentos parciais e injustos (políticos, militares, racistas, religiosos ou ideológicos).

Procuramos documentar todo esse pano de fundo histórico-social por meio dos comentários, das imagens e do glossário que estão incorporados à tradução dos interrogatórios (disponível integralmente nos Anexos 2 e 3 desta dissertação) e que, pode-se dizer, têm como objetivo “reverter” o propósito original com que tais textos foram produzidos. Se os textos de partida pretendiam preservar e fortalecer a ideologia nazista, os textos de chegada têm como

objetivo desconstruí-la, evidenciando, nos paratextos, sua face real: seu despropósito, sua extrema crueldade, suas incongruências internas, mas também algumas das estratégias discursivas nas quais se apoiava seu forte poder de persuasão, perigo constante para qualquer sociedade em qualquer conjuntura histórica. Na tradução buscamos, enfim, dar voz e visibilidade à resistência em textos em que ela originalmente quase não teve espaço, tendo sido constantemente censurada e reprimida. A voz da resistência é reconstruída nos comentários da tradução, a partir, por exemplo, de citações extraídas de testemunhos pessoais de sobreviventes da Rosa Branca, dos panfletos distribuídos pelo grupo e de trechos de cartas e diários de seus integrantes. Tais fontes permitem que se conte agora de uma outra perspectiva a história que, nos protocolos de interrogatório, foi contada sobretudo na voz dos interrogadores e sob forte influência da visão de mundo nazista.

Dois projetos de mestrado em andamento na Universidade de São Paulo partilham do objetivo deste trabalho de dar voz aos “resistentes”, utilizando-se, para isso, de fontes documentais e testemunhais surgidas após o fim da Segunda Guerra Mundial. Yasmin Cobaiachi Utida investiga a relação entre tradução audiovisual e a preservação da memória na legendagem do documentário *Die Widerständigen. Zeugen der Weißen Rose* de Katrin Seybold (2008), que traz testemunhos de diversos sobreviventes do grupo A Rosa Branca. Janaina Lopes Salgado parte de uma perspectiva interdisciplinar entre as áreas de História, Direito e Estudos da Tradução para traduzir documentos representativos do intuito de corrigir a injustiça nacional-socialista no pós-guerra. Dentre esses documentos estão um depoimento prestado por dois sobreviventes da Rosa Branca durante uma sessão do Parlamento Alemão em 1984 e a lei promulgada em 1998 que determinou a anulação retroativa de sentenças de tribunais nazistas. Dá-se, assim, continuidade ao trabalho iniciado em 2010 com um projeto didático que, a partir da tradução do livro *Die Weiße Rose* de Inge Scholl para o português, teve a intenção de contar pela primeira vez a leitores brasileiros a história do grupo A Rosa Branca, que desde então vem sendo contada e recontada de diferentes formas. O presente trabalho foi uma delas e esperamos que ele, assim como os outros dois que estão em andamento, motive o interesse pela tradução e pelo estudo de novas fontes sobre a Rosa Branca e sobre a resistência alemã em geral, que continuam a ser publicadas abundantemente na Alemanha.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

ADAMZIK, Kirsten. **Textlinguistik**. Eine einführende Darstellung. Tübingen: Max Niemeyer, 2004.

ALBRECHT, Jörn. Übersetzung und Textwissenschaft (Textlinguistik im weiteren Sinn). In: ALBRECHT, Jörn. **Übersetzung und Linguistik**. Tübingen: Narr, 2005. p. 250-273. (Série Grundlagen der Übersetzungsforschung).

ALVES, Eline. **Fé e resistência**: a linguagem religiosa nos panfletos da Rosa Branca e suas consequências para a tradução. 2013. 49 f. Relatório final de iniciação científica – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

ALVES, Virgínia Colares. **A decisão interpretativa da fala em depoimentos judiciais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

ALVES, Virgínia Colares. **Inquirição na Justiça**: estratégias linguístico-discursivas. Porto Alegre: Fabris, 2003.

ALVES, Virgínia Colares. Retextualização do depoimento judicial oral em texto escrito. **Veredas** – Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v. 9, n. 1 e n. 2, p. 29-54, 2005.

ANDREAS-FRIEDRICH, Ruth. **Der Schattenmann**. Tagebuchaufzeichnungen 1938-1945. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora da UNB, 1985.

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AUBERT, Francis. **As (in)fidelidades da tradução**. Servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

AUBERT, Francis. Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.

AUER, Peter. **Sprachliche Interaktion**: eine Einführung anhand von 22 Klassikern. Tübingen: Niemeyer, 1999.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Londres: Oxford University Press, 1962.

AZENHA JUNIOR, João. **Tradução técnica e condicionantes culturais**. Primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas, 1999.

AZENHA JUNIOR, João. Linguística Textual e tradução: Redefinindo o conceito de “marca cultural”. **TradTerm**, São Paulo, v. 12, p. 13-32, 2006.

AZENHA JUNIOR, João. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. **TradTerm**, São Paulo, v. 16, p. 27-66, 2010.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Editora da UNB, 1982.

BALD, Detlef. **Von der Front in den Widerstand**. Berlim: Aufbau Verlag, 2003.

BALD, Detlef; KNAB, Jakob. **Die Stärkeren im Geiste**. Zum christlichen Widerstand der Weißen Rose. Essen: Klartext, 2012.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARROS, Diana L. P. de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 147-178

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Max Niemeyer, 1981.

BENVENISTE, Emile. Problemas de Linguística Geral. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1991. [1966]

BENZ, Wolfgang. **Widerstand im Nationalsozialismus**. Berlim, 2006. Disponível em: <<http://db.saur.de/DGO/language/de/resistance.html>>. Acesso em: 30 mai 2014.

BENZ, Wolfgang et. al. (Org.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2007.

BENZ, Wolfgang. **Geschichte des Dritten Reiches**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2008a.

BENZ, Wolfgang. Widerstand gegen den Nationalsozialismus vor 1933. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008b. p. 15-27.

BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008.

BEUYS, Barbara. **Sophie Scholl**. Biographie. München: Carl Hanser Verlag, 2010.

BONATTO, Flora. **Realia em Rosa Branca, de Inge Scholl**: tradução de marcadores culturais. 2011. 44 f. Relatório final de iniciação científica – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2011.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Estudos Enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes, 2001.

BRAUN, Christian A. **Nationalsozialistischer Sprachstil**. Theoretischer Zugang und praktische Analysen auf der Grundlage einer pragmatisch-textlinguistisch orientierten Stilistik. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2007.

BREINERSDORFER, Fred (Org.). **Sophie Scholl** – Die letzten Tage. Frankfurt: Fischer, 2006.

BRETSCHNEIDER, Heike. **Der Widerstand gegen den Nationalsozialismus in München 1933-1945**. Munique: Stadtarchiv München, 1968.

BREYVOGEL, Wilfried. Die Gruppe „Weiße Rose“. Anmerkungen zur Rezeptionsgeschichte und kritischen Rekonstruktion. In: BREYVOGEL, Wilfried (Org.). **Piraten, Swings und Junge Garde**. Jugendwiderstand im Nationalsozialismus. Bonn: Dietz, 1991. p. 159-201

BRINKER, Klaus. **Linguistische Textanalyse**: Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2014.

BROSZAT, Martin. Resistenz und Widerstand. Eine Zwischenbilanz des Forschungsprojekts. In: BROSZAT, Martin; FRÖHLICH, Elke; GROSSMANN, Anton (Org.). **Bayern in der NS-Zeit**. Herrschaft und Gesellschaft im Konflikt. Volume 4, parte C. Munique e Viena: Oldenburg, 1981. p. 691-709.

BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie**. Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena: Gustav Fischer, 1934.

CARNEIRO, Maria Luiza. **Os dez mitos sobre os judeus**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. Funcionalismo e Gramáticas do português brasileiro: novos desdobramentos. In: SOUZA, Edson R. F. de. (Org.) **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 18-42.

CHAUSSY, Ulrich & UEBERSCHÄR, Gerd R. **Es lebe die Freiheit!** Die Geschichte der Weißen Rose und ihrer Mitglieder in Dokumenten und Berichten. Frankfurt am Main: Fischer, 2013.

CHESTERMAN, Andrew. Proposal for a Hieronymic Oath. In: PYM, Anthony (Org.). **The Return to Ethics**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001. p. 139-153.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: **Teoria del lenguaje y lingüística general**. Cinco estudios. Madrid: Gredos, 1967. p. 11-113.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. São Paulo: Presença, 1982.

DANET, Brenda et. al. An Etnography of Questioning in the Courtroom. In: SHUY, R. S.; SHNUKAL, A. (Orgs.). **Language use and the uses of language**. Washington: Georgetown University Press, 1976. p. 273-291.

DUDEN. **Deutsches Universalwörterbuch**. Mannheim: Dudenverlag, 2007.

DISTEL, Barbara. Widerstand der Verfolgten. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 112-126.

DUDEN. **Die Grammatik**. Mannheim: Dudenverlag, 2009.

ELLERMEIER, Barbara. **Hans Scholl**. Biographie. Hamburg: Hoffmann und Camper Verlag, 2012.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ESTEVES, Lenita. **Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações**. Tese de livre docência – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no poder**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

FANDRYCH, Christian & THURMAIR, Maria. **Textsorten im Deutschen**. Linguistische Analysen aus sprachdidaktischer Sicht. Tübingen: Stauffenburg, 2011.

FRÖHLICH, Claudia. Widerstand von Frauen. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 249-265.

GEYKEN, Frauke. **Wir standen nicht abseits**: Frauen im Widerstand gegen Hitler. Munique: C.H. Beck, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 7, n.1, p. 31-50, 1998.

GÖPFERICH, Susanne. Text, Textsorte, Texttyp. In: SNELL-HORNBY, Mary et al. **Handbuch Translation**. Tübingen: Stauffenburg, 2006. p. 61-64.

GRAML, Hermann. Militärischer Widerstand. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 83-97.

GRÜTTNER, Michael. **Studenten im Dritten Reich**: Geschichte der deutschen Studentenschaften 1933-1945. Paderborn: Verlag Ferdinand Schöningh, 1995.

GÜLICH, Elisabeth; RAIBLE, Wolfgang. **Linguistische Textmodelle**. Grundlagen und Möglichkeiten. München: Fink, 1977.

HAMMERSTEIN, Notker. **Aus dem Freundeskreis der Weißen Rose**. Otmar Hammerstein – eine biographische Erkundung. Göttingen: Wallstein, 2014.

HARDER, Richard. **Abschrift**. Munique, 18 fev. 1943. Institut für Zeitgeschichte München, ED 474 Band 176.

HERBST, Andreas. Kommunistischer Widerstand. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 33-55.

HERLEMANN, Beatrix. Kommunistischer Widerstand. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 28-41

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 117-146.

HOEPNER, Lutz. A lexicografia bilíngue Português-Alemão. In: Verdelho, Telmo / Silvestre, João Paulo (Orgs.). **A tradição dicionarística**, Português - Línguas Modernas. CLUL/ Universidade de Aveiro, 2011. p. 181-203.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUSE, Juliane. Text linguistics and translation. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van. (Org.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 178-183.

HUBER, Clara (Org.). **Kurt Huber zum Gedächtnis**. „der Tod ... war nicht vergebens“. Munique: Nymphenburger Verlagshandlung, 1986.

HUCH, Ricarda. **In einem Gedenkbuch zu sammeln...** Bilder deutscher Widerstandskämpfer. Leipzig: Leipziger Universitätsverlag, 1997. [Organização de Wolfgang M. Schwiedrzik]

HUDEMANN, Rainer. A Rosa Branca no contexto da resistência alemã durante o “Terceiro Reich”. In: SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca**: a história dos estudantes alemães que desafiaram o nazismo. São Paulo: Editora 34, 2013.

HURTADO ALBIR, Amparo. Enfoques Teóricos. In: HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**. Madrid: Cátedra, 2001. p. 125-132.

HÜRTEN, Heinz. Widerstehen aus katholischem Glauben. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 130-147.

JENS, Inge. Die Weiße Rose. Biographische und kulturelle Traditionen. In: BREYVOGEL, Winfried (Org.). **Piraten, Swings und Junge Garde**. Jugendwiderstand im Nationalsozialismus. Bonn: Dietz, 1991. p. 202-221.

JENS, Inge (Org.). **Hans Scholl und Sophie Scholl**: Briefe und Aufzeichnungen. Frankfurt: Fischer, 2005. [1984]

KARGL, Kristina. **Die Weiße Rose – Defizite einer Erinnerungskultur**: Einfluss und Wirkung des Exils auf die Publizität der Münchner Widerstandsgruppe. Munique: Allitera Verlag, 2014.

KAUTZ, Ulrich. **Handbuch Didaktik des Übersetzens und Dolmetschens**. Munique: Iudicium, 2000.

KERSHAW, Ian. Widerstand ohne Volk? Dissens und Widerstand im Dritten Reich. In: STEINBACH, Peter; SCHMÄDEKE, Jürgen (Org.). **Der Widerstand gegen den Nationalsozialismus**. München: Piper, 1986. p. 779-798.

KISSENER, Michael. “Wir schweigen nicht, wir sind Euer böses Gewissen” – Der Widerstand der “Weissen Rose”. In: SCHOLTYSECK, Joachim & STUDDT, Christoph. (Org.). **Universität und Studenten im Dritten Reich**: Bejahung, Anpassung, Widerstand. Berlin: Lit Verlag Dr. W. Hopf, 2008. p. 135-142.

KLAUSA, Ekkehard. Konservative im Widerstand. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 185-202.

KLEMPERER, Vitor. **LTI**: A linguagem do Terceiro Reich. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner. São Paulo: Contraponto, 2010.

KLESSMANN, Christoph. Gegner des Nationalsozialismus. Zum Widerstand im Dritten Reich. **Aus Politik und Zeitgeschichte**, n. 46, p. 25-46, 1979.

KNOOP-GRAF, Anneliese; JENS, Inge (Org.). **Willi Graf**. Briefe und Aufzeichnungen. Frankfurt am Main: Fischer, 1988.

KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. Linguagem da Imediatez – Linguagem da Distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. **Linha d'Água**, n. 26, v. 1, p. 153-154, 2013. Tradução de Raoni Caldas e Hudinilson Urbano.

KUNZE, Rolf-Ulrich. Widerstehen aus evangelischem Glauben. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 111-129.

KUPSCH-LOSEREIT, Sigrid. Psycholinguistik. In: SNELL-HORNBY, Mary et al. **Handbuch Translation**. Tübingen: Stauffenburg, 2006. p. 64-66.

KUSSMAUL, Paul. Text-Type Conventions and Translating: Some Methodological Issues. In: TROSBORG, Anna. **Text Typology and Translation**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

KUSSMAUL, Paul. Entwicklung miterlebt. In: PÖCKL, Wolfgang (Org.). **Übersetzungswissenschaft, Dolmetschwissenschaft**. Wege in eine neue Disziplin. Viena: Edition Präsenz, 2004. p. 221-226.

KUSSMAUL, Paul. **Verstehen und Übersetzen**. Ein Lehr- und Arbeitsbuch. 2. ed. atual. Tübingen: Narr, 2010.

LEVISSE-TOUZÉ, Christine. A vitória póstuma da Rosa Branca. **História Viva**, São Paulo, n. 41, p. 38-41, mar. 2007.

LINKE, Angelika. Textlinguistik. In: LINKE, Angelika; NUSSBAUMER, Markus; PORTMANN, Paul R. **Studienbuch Linguistik**. Tübingen: Max Niemeyer, 2004.

LÖWENTHAL, Richard. Widerstand im totalen Staat. In: LÖWENTHAL, Richard; MÜHLEN, Patrik von zur. **Widerstand und Verweigerung in Deutschland 1933 bis 1945**. Berlin: Dietz, 1982.

MAAS, Utz. 'Als der Geist der Gemeinschaft eine Sprache fand'. Sprache im Nationalsozialismus. Versuch einer historischen Argumentationsanalyse. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1984.

MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise macrotextual: gênero, texto e contexto. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 71-86.

MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 87-112.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005. p. 68-92.

MANN, Erika. **Zehn Millionen Kinder**. Die Erziehung der Jugend im Dritten Reich. Reinbeck: Rowohlt, 1997.

MANN, Thomas. **Doutor Fausto**: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MANN, Thomas. **Ouvintes alemães!** Discursos contra Hitler (1940-1945). Tradução de Antonio Carlos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARKSTEIN, Elisabeth. Realia. In: SNELL-HORNBY, Mary et al (Org.). **Handbuch Translation**. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1999. p. 288-291.

MASON, Ian. Discourse, Ideology and Translation. In: BEAUGRANDE, Robert et al. **Language, Discourse and Translation**. In the West and Middle East. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 23-34.

MEHRINGER, Hartmut. Sozialdemokratischer und sozialistischer Widerstand. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 56-78.

MEHRINGER, Hartmut. Sozialistischer Widerstand. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 42-54.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. **Letra Magna**, ano 5, n. 11, jul. 2009.

MERTZLUFFT, Christine. **Nähe und Distanz im Kontrast**: deutsche und schwedische Behördentexte von 1950 bis heute. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2013.

MOLL, Christiane. Die Weiße Rose. In: STEINBACH, Peter & TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen den Nationalsozialismus**. Berlin: Akademie Verlag, 1994. p. 443-467.

MOLL, Christiane (Org.). **Alexander Schmorell, Christoph Probst**. Gesammelte Briefe. Schriftenreihe der Gedenkstätte Deutscher Widerstand. Berlin: Lukas, 2011.

MOMMSEN, Hans. **Alternative zu Hitler**. Studien zur Geschichte des deutschen Widerstandes. München: Verlag C.H. Beck, 2000.

MOMMSEN, Hans. Bürgerlicher (nationalkonservativer) Widerstand. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 55-67.

MOREIRA, Marcelo Victor de Souza. **Estudos Funcionais da Tradução**: rupturas e continuidades. 2014. 252f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MÜHLEN, Patrik von zur. Exil und Widerstand. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3^a ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 127-139.

MÜLLER, Klaus-Jürgen (Org.). **Der deutsche Widerstand 1933-1945**. Paderborn: UTB, 1990.

NASCIMENTO, Águeda Bueno do. **A retextualização como instrumento de manipulação no discurso jurídico penal**. 2007. 183 f. Dissertação (Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

NEUMANN, Alfred. **Es waren ihrer sechs**. Berlin: Carl Habel Verlagsbuchhandlung, 1948.

- NEUMANN, Alfred. **Six of them**. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1945.
- NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. Nova Iorque: Prentice Hall, 1988.
- NIDA, Eugene Albert. **Toward a Science of Translating**: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating. Leida: Brill, 1964.
- NIEHAUS, Michael. **Das Verhör**: Geschichte, Theorie, Fiktion. Munique: Wilhelm Fink Verlag, 2003.
- NIEHAUS, Michael. Wort für Wort. Zu Geschichte und Logik des Verhörprotokolls. In: NIEHAUS, Michael & SCHMIDT-HANNISA, Hans W. **Das Protokoll**: Kulturelle Funktionen einer Textsorte. Frankfurt am Main: Lang, 2005. p. 27-48.
- NIEHAUS, Michael; SCHMIDT-HANNISA, Hans W. Textsorte Protokoll: ein Aufriß. In: NIEHAUS, Michael & SCHMIDT-HANNISA, Hans W. **Das Protokoll**: Kulturelle Funktionen einer Textsorte. Frankfurt am Main: Lang, 2005. p. 7-23.
- NORD, Christiane. Loyalität statt Treue. Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie. **Lebende Sprachen**, v. 34, n. 3, p. 100-105, 1989.
- NORD, Christiane. A Functional Typology of Translation. In: TROSBORG, Anna. **Text Typology and Translation**. Amsterdam: Benjamins, 1997. p. 43-66.
- NORD, Christiane. Loyalty Revisited. Bible Translation as a Case in Point. In: PYM, A. (ed.) **The Return to Ethics**. Special Issue of The Translator 7, p. 185-202. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001a.
- NORD, Christiane. **Translation as a Purposeful Activity**. Funcionalist Approaches Explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001b.
- NORD, Christiane. Textanalyse: pragmatisch/ funktional. In: SNELL-HORNBY, Mari et al. **Handbuch Translation**. Tübingen: Stauffenburg, 2006. p. 350-351.
- NORD, Christiane. **Textanalyse und Übersetzung**. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse. Tübingen: Julius Gross Verlag, 2009. [1988]
- NORD, Christiane. **Fertigkeit Übersetzen** - Ein Kurs zum Übersetzenlehren und -lernen. Berlin: BDÜ Weiterbildungs- und Fachverlagsgesellschaft mbH, 2010.
- NORD, Christiane. **Funktionsgerechtigkeit und Loyalität**: Theorie, Methode und Didaktik des funktionalen Übersetzens. Berlim: Frank & Timme, 2011.

NORDEN, Günther van. Widersetzlichkeit von Kirchen und Christen. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 68-82

NOVINSKY, Ilana Waingort. **Edith Stein (1891-1942): em busca da verdade em tempos sombrios**. 2011. 262f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PEREIRA, Julio Neves. **Gênero Auto-Ajuda: estratégias linguístico discursivas**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PETRY, Christian. **Studenten aufs Schafott**. Die Weiße Rose und ihr Scheitern. Munique: Piper & Co., 1968.

PEUKERT, Detlev. **Alltag unterm Nationalsozialismus**. Berlim: Landeszentrale für politische Bildungsarbeit, 1981.

PYM, Anthony. The Return to Ethics in Translation Studies. In: PYM, Anthony (Org.). **The Return to Ethics**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001. p. 129-138

REICHMANN, Tinka; PEREZ, Juliana Pasquarelli. Seis panfletos: história, retórica e tradução. In: VAHRAN, Atayan & WIENER, Ursula (Org.). **Sprache - Rhetorik - Translation**. Frankfurt a. M.: Lang, 2012. p. 213-223.

REISS, Katharina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. München: Hueber, 1971.

REISS, Katharina. **Texttyp und Übersetzungsmethode: Der operative Text**. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1983. [1976]

REISS, Katharina & VERMEER, Hans. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1984.

REISS, Katharina. **Grundfragen der Übersetzungswissenschaft**. Wiener Vorlesungen. Organização de Mary Snell-Hornby e Mira Kadric. Viena: Wiener Universitätsverlag, 1995. p. 47-66.

RODRIGUES, Angela C. de Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 15-38.2

SALGADO, Janaina Lopes. **Análise linguístico-histórica no processo de tradução da sentença judicial contra integrantes do *Die weiße Rose***. 2013. 114 f. Relatório final de iniciação científica – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

SCHÄDLER, Sarah. **Justizkrise und Justizreform im Nationalsozialismus**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

SCHÄFFNER, Christina. Strategies of Translating Political Texts. In: TROSBORG, Anna. **Text Typology and Translation**. Amsterdam: Benjamins, 1997. p. 119-143.

SCHILDE, Kurt. Widerstand von Jugendlichen. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 266-282.

SCHILDT, Alex. **Die Sozialgeschichte der Bundesrepublik Deutschland bis 1989/90**. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2007

SCHLEIERMACHER, Friedrich E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. **Princípios**, v. 14, n. 21 (1), p. 233-265, 2007. Tradução de Celso Braida.

SCHLOSSER, Horst Dieter. **Sprache unterm Hakenkreuz: eine andere Geschichte des Nationalsozialismus**. Köln: Böhlau, 2013.

SCHMITZ-BERNING, Cornelia. **Vokabular des Nationalsozialismus**. Berlin: De Gruyter, 2000.

SCHNOTZ, Wolfgang. O que acontece na mente do leitor? Os processos de construção mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e da linguística cognitiva. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Linguística Textual: Perspectivas Alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 166-185

SCHOLL, Inge. **Die weiße Rose**. Fischer: Frankfurt am Main, 1993.

SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca: a história dos estudantes alemães que desafiaram o nazismo**. Organização de Juliana P. Perez e Tinka Reichmann. São Paulo: Editora 34, 2014.

SCHULZ, Kirsten. Die Verhörprotokolle – Sichere Quellen? **Bundeszentrale für politische Bildung**, 20 abr. 2005. Disponível em: <<http://www.bpb.de/geschichte/nationalsozialismus/weisse-rose/61039/verhoerprotokolle-sichere-quellen>>. Acesso em: 22 set. 2012.

SEARLE, John Rogers. **Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language**. Cambridge, University Press, 1969.

SEARLE, John Rogers. **Expression and Meaning**. Studies in the Theory of Speech Acts. Cambridge: University Press, 1979.

SELG, Peter. **Alexander Schmorell**. 1917 – 1943. Der Idealismus der „Weißen Rose“ und das geistige Russland. Arlesheim: Ita Wegman Institut, 2013.

SNELL-HORNBY, Mary et al. **Handbuch Translation**. Tübingen: Stauffenburg, 2006.

STALLAERT, Christiane. Do antissemitismo “emocional” ao antissemitismo “funcional” na Espanha inquisitorial e na Alemanha Nazista. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (Org.). **Tempos de Fascismos: Ideologia, Intolerância, Imaginário**. São Paulo: Edusp, 2010. p. 37-71.

STEINBACH, Peter & TUCHEL, Johannes (Org.) **Widerstand gegen den Nationalsozialismus**. Bonn: Schriftenreihe der Bundeszentrale für politische Bildung, 1994.

STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes. Der Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes. **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933 – 1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 11-26.

STOLZE, Radegundis. **Übersetzungstheorien**. Eine Einführung. Tübingen: Narr, 2001.

SZNAJDER, Mario. Fascismo e Intolerância. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (Org.). **Tempos de Fascismos: Ideologia, Intolerância, Imaginário**. São Paulo: Edusp, 2010. p. 19-36.

THEILE, Merlind. Die ungleichen Väter. **Der Spiegel**, Hamburgo, n. 8, p. 150, 21 fev. 2005.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **A tradução numa perspectiva textual**. 1993. Tese (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

TROSBORG, Anna. Text Typology: Register, Genre and Text Type. In: TROSBORG, Anna (Org.). **Text Typology and Translation**. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 3-23.

UEBERSCHÄR, Gerd R. Der Widerstand der „Weißen Rose“. In: UEBERSCHÄR, Gerd R. **Für ein anderes Deutschland: der deutsche Widerstand gegen den NS-Staat 1933-1945**. Frankfurt: Fischer, 2006. p. 126-132.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Contexto**. Uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: a history of translation. Routledge: Nova Iorque, 2012.

VERMEER, Hans J. Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie. **Lebende Sprachen**. v. 23, n. 3, p. 99-102, 1978.

VIANA, Priscila Lopes. **Análise de estratégias linguístico-discursivas constitutivas do gênero textual "Santinho Político"**. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

VIELHABER, Klaus; HANISCH, Hubert Hanisch; KNOOP-GRAF, Anneliese. **Gewalt und Wissen**. Willi Graf und die „Weiße Rose“. Würzburg: Echter-Verlag, 1963.

WAAGE, Peter Normann. **Es lebe die Freiheit!** Traute Lafrenz und die Weiße Rose. Stuttgart: Urachhaus, 2012.

WENTKER, Hermann. Umsturzversuche 1938-1943. In: STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes (Org.). **Widerstand gegen die nationalsozialistische Diktatur 1933-1945**. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004. p. 469-488.

WEYDT, Harald. **Abtönungspartikel**. Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen. Bad Homburg: Gehlen, 1969.

WICKERT, Christl. Frauen zwischen Dissens und Widerstand. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 140 – 155.

WILSS, Wolfram. **Übersetzungswissenschaft**: Probleme und Methoden. Stuttgart: E. Klett, 1977.

ZANKEL, Sönke. **Mit Flugblättern gegen Hitler**: Der Widerstandskreis um Hans Scholl und Alexander Schmorell. Colônia: Böhlau, 2007.

ZARUSKY, Jürgen. Jugendopposition. In: BENZ, Wolfgang; PEHLE, Walter H. (Org.). **Lexikon des deutschen Widerstandes**. 3. ed. Frankfurt a. M.: Fischer, 2008. p. 98-111.

ZIEGLER, Armin. **Das gestaltete Vermächtnis**: Inge Scholls Interpretationen der „Weiße Rose“. Ein Beitrag zur „Weiße Rose“-Forschung. 2006, 107 f. Schönaich, 2006. Manuscrito não publicado.

ZOSKE, Robert M. **Sehnsucht nach dem Lichte** – Zur religiösen Entwicklung von Hans Scholl. Unveröffentlichte Gedichte, Briefe und Texte. Munique: Herbert Utz Verlag, 2014.

ZWICK, Renato. Desafios à tradução do texto satírico: alguns exemplos de *Dritte Walpurgisnacht*, de Karl Kraus. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 231-255, 2012.

ZWICK, Renato. **Tradução parcial comentada da sátira polêmica *Dritte Walpurgisnacht*, de Karl Kraus**. 2015. 214f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Filmografia:

DIE WEISSE ROSE. Direção: Michael Verhoeven. Produção: Artur Brauner. Intérpretes: Lena Stolze, Martin Benrath, Wulf Kessler, Oliver Siebert, Ulrich Tukur, Werner Stocker e outros. Roteiro: Michael Verhoeven e Mario Krebs. Música: Konstantin Wecker. Alemanha: Sentana; CCC- Filmkunst; Hessischer Rundfunk, 1982. 1 DVD (123 minutos).

DIE WIDERSTÄNDIGEN. Zeugen der Weißen Rose. Direção: Katrin Seybold. Berlim: Katrin Seybold Film; Basis Film Verleih, 2008. 1 DVD (92 minutos).

SOPHIE SCHOLL. DIE LETZTEN TAGE. Direção: Marc Rothemund. Produção: Christoph Müller, Sven Burgemeister, Marc Rothemund e Fred Breinersdorfer. Intérpretes: Julia Jenstch, Fabian Hinrichs, Alexander Held, Florian Stetter, Johannes Suhm, Maximilian Brückner e outros. Roteiro: Fred Breinersdorfer. Música: Reinhold Heil e Johnny Klimek. Alemanha: Warner Bros. Entertainment; X-Verleih, 2005. 1 DVD (116 minutos).

Fontes documentais:

NACHLASS INGE AICHER-SCHOLL. **Strafsache gegen Scholl und Andere. Teil V**. Munique, Instituto de História Contemporânea, fev. 1943, ED474/Bd. 180. [Documentos processuais e protocolos de interrogatório de Hans Scholl]

NACHLASS INGE AICHER-SCHOLL. **Strafsache gegen Scholl und Andere. Teil VII**. Munique, Instituto de História Contemporânea, 1943, ED474/Bd. 182. [Documentos processuais e protocolos de interrogatório de Sophie Scholl]

NACHLASS INGE AICHER-SCHOLL. **Strafsache gegen Schmorell und Andere. Teil VII**. Munique, Instituto de História Contemporânea, 1943, ED474/Bd. 193. [Documentos processuais e protocolos de interrogatório de Kurt Huber]

NACHLASS INGE AICHER-SCHOLL. **Strafsache gegen Schmorell und Andere. Teil VIII.** Munique, Instituto de História Contemporânea, 1943, ED474/Bd. 194. [Documentos processuais e protocolos de interrogatório de Willi Graf]

NACHLASS INGE AICHER-SCHOLL. **Strafsache gegen Schmorell und Andere. Teil XV.** Munique, Instituto de História Contemporânea, 1943, ED474/Bd. 201. [Documentos processuais e protocolos de interrogatório de Gisela Schertling]

NACHLASS INGE AICHER-SCHOLL. **Zeitzeugenberichte (Personen J-N).** Munique, Instituto de História Contemporânea, 1950-1951, ED474/Bd. 289. [Correspondência trocada entre Robert Mohr e Robert Scholl entre 30/06/1950 e 17/07/1951]

WEISSE ROSE. **Korrespondenz und Berichte.** Munique, Instituto de História Contemporânea, 1946, FA215/Bd. 3. [Relato de Else Gebel, companheira de cela de Sophie Scholl].

ANEXOS

ANEXO 1

Explicitação da primeira etapa de análise dos textos de partida: avaliação dos fatores extra e intratextuais com base nos questionários de Christiane Nord (2009)

FATORES EXTRATEXTUAIS:

Quem? (NORD, 2009, p. 50 et seq.)

1. Quem é o emissor do texto?

A Polícia Secreta de Munique e seus investigadores (Mahler, Schmauß e Mohr), que conduziram os interrogatórios

2. O emissor é simultaneamente produtor do texto?

Parcialmente. Quem de fato redige o texto, ditado (e já “retextualizado”) pelos interrogadores, é o escrivão da Gestapo.

3. Quais informações acerca do emissor (localização temporal, origem geográfica e social, formação, status, relação com o tema do texto etc.) nos fornece o entorno do texto? São pressupostos certos conhecimentos de mundo por parte do receptor? É possível contar com o auxílio do emissor ou alguém de seu círculo?

O entorno do texto traz informações sobre a posição hierárquica que os interrogadores Robert Mohr e Anton Mahler ocupavam na Gestapo ou na SS. Os dois estavam envolvidos na comissão especial instaurada pelo “Reich” para apurar as ações do grupo A Rosa Branca. Pressupõe-se que o receptor tenha consciência de que os emissores produziram seu texto sob forte influência do contexto e da ideologia nazista. Para obter informações mais detalhadas sobre os emissores, recorreremos a relatos registrados de pessoas que conviveram (e foram interrogadas) por eles, bem como à pesquisa bibliográfica sobre o tema.

4. Quais informações acerca do emissor podem ser inferidas a partir dos fatores mídia, local, tempo, pretexto e função textual?

Que os emissores trabalhavam a serviço do Estado nacional-socialista, eram partidários da ideologia disseminada pelo mesmo e tinham, com a produção dos protocolos, o intuito de contribuir para sua perpetuação (através da eliminação dos “inimigos” potencialmente perigosos para o regime).

5. Quais expectativas surgem das informações e alusões ao autor em relação:

a) Aos fatores relacionados à situação: intenção, receptor, mídia, local, tempo, pretexto e função?

Que o texto seja um documento representativo de seu contexto histórico e torne visível uma das formas pelas quais o nazismo reprimia seus opositores.

b) Às características internas ao texto?

Que reflita a realidade externa ao texto, trazendo marcas de seu contexto histórico e da situação comunicativa em que foi produzido.

Para quê? (NORD, 2009, p. 55)

1. Há manifestações extratextuais explícitas do emissor sobre sua intenção em relação ao texto em questão?

Sim. Trata-se de interrogatórios que tinham como objetivo apurar os responsáveis pela produção e distribuição de panfletos “subversivos” no Sul da então Alemanha e fundamentar a acusação e as sentenças que seriam proferidas pouco depois pelo “Tribunal do Povo”.

2. Quais intenções são geralmente associadas ao gênero textual ao qual o texto pertence?

Apurar o envolvimento da pessoa interrogada em determinado ato criminoso, registrando por escrito suas declarações, a fim de que estas possam ser utilizadas para a condenação ou absolvição do réu após o processo judicial.

3. Quais informações acerca da intenção podem ser inferidas a partir dos fatores emissor (especialmente seu papel), receptor, mídia, local, tempo e pretexto?

Que todos esses fatores trabalhavam em prol da intenção que se tinha: chegar aos responsáveis pelas ações de resistência em Munique.

4. Quais expectativas surgem das informações e alusões à intenção em relação:

a) Aos fatores receptor, mídia e função textual?

Que sejam consonantes com a intenção do texto e trabalhem a favor dela. O receptor “original” dos textos de partida era a Procuradoria do Reich, que dependia deles para formular sua denúncia e “legitimar” o processo que seria movido contra os irmãos Scholl e Christoph Probst.

b) Às características internas ao texto?

Que podem ter sido, de certa forma, “manipuladas” de modo a cumprir o propósito geral do texto.

Para quem? (NORD, 2009, p. 61)

1. Quais informações acerca dos destinatários do TP nos fornece o entorno do texto?

Praticamente nenhuma. É preciso recorrer à pesquisa historiográfica e à pesquisa sobre o funcionamento da justiça nacional-socialista para concluir quem seriam os destinatários do texto de partida.

2. Quais informações acerca dos destinatários podem ser inferidas a partir do emissor e de sua intenção?

Que também eram pessoas adeptas da ideologia nazista e que trabalhavam a favor daquele Estado ao contribuírem para a repressão e eliminação de seus “inimigos”.

3. Quais informações acerca dos destinatários, suas expectativas, conhecimentos prévios etc. podem ser inferidas a partir dos fatores mídia, local, tempo, pretexto e função do texto?

Que estavam a par dos acontecimentos em Munique e arredores e dependiam do conteúdo dos protocolos para formular a denúncia oficial contra os interrogados.

4. Há informações acerca da reação dos destinatários que possam influenciar a tradução?

Não. Enquanto contextualização, é importante destacar o fato de que as ações da Rosa Branca em Munique e arredores trouxeram grande preocupação e provocaram grande mobilização no alto escalão do partido nazista.

5. Quais expectativas surgem das informações e alusões ao destinatário em relação:

a) Aos fatores intenção, local, tempo e função textual?

Especificamente em relação ao tempo, pode-se pressupor que os interrogatórios tenham sido realizados e transcritos com bastante “pressa” e sob grande pressão uma vez que, por ordens vindas das lideranças do partido, os responsáveis deveriam ser punidos o mais rápido possível e de modo exemplar.

b) Às características internas ao texto?

Que se adequem, em certa medida, às necessidades e expectativas do destinatário.

Por qual mídia? (NORD, 2009, p. 66)

1. O texto tem origem na comunicação oral ou escrita? Através de qual canal ele é apresentado?

O texto tem origem na comunicação oral, em um diálogo entre interrogador e interrogado. Mas é “retextualizado” e registrado por escrito, em forma de protocolo.

2. Por qual mídia o texto chega aos destinatários? São verbalizados, no plano extratextual, dados acerca dessa mídia?

Pela mídia escrita. São verbalizados dados acerca da data em que cada protocolo foi produzido, bem como das pessoas presentes na ocasião.

3. É possível inferir algo acerca do canal ou da mídia a partir das informações sobre o emissor, a intenção, o pretexto e função do texto?

Que a retextualização tenha sido feita dando algum destaque às declarações relevantes para que o propósito do texto, de apurar e punir os responsáveis pelos panfletos (e pichações) fosse cumprido.

4. Quais expectativas surgem da caracterização da mídia ou canal em relação:

a) Aos fatores destinatário e intenção receptiva, pretexto e função?

Os destinatários do TP esperavam que a retextualização gerasse protocolos com informações relevantes para a acusação e condenação dos responsáveis pelas ações em Munique.

b) Às características internas ao texto?

Que eventualmente tragam algumas marcas da linguagem oral, na qual os textos tiveram origem.

Onde? (NORD, 2009, p. 69)

1. Onde o texto foi produzido/ emitido? É possível extrair das imediações do texto informações sobre a pragmática espacial? Pressupõe-se que o destinatário disponha, enquanto conhecimento de mundo, de conhecimentos acerca da pragmática do local?

Palácio de Wittelsbach (antiga central da Gestapo em Munique, Alemanha). Tal informação consta no início dos protocolos. Pressupõe-se que o destinatário tivesse conhecimento de que se tratava do local onde atuava a cúpula da Gestapo na Baviera e onde eram investigados sobretudo casos considerados prioridade pela polícia nazista, por supostamente constituírem uma ameaça ao Estado nacional-socialista.

2. Quais informações acerca da pragmática espacial podem ser inferidas a partir dos fatores emissor, destinatário, mídia e pretexto?

Que o local onde foram produzidos os textos trabalhava a favor da ideologia nazista.

3. Quais expectativas se estabelecem a partir das informações acerca da pragmática espacial em relação:

a) Aos fatores emissor, destinatário, mídia e pretexto?

Conforme já mencionado, que todos esses fatores trabalhassem a favor da ideologia nazista.

b) Às características internas ao texto?

Que também, traga elementos de uma linguagem “burocrática”, característica da instituição que produziu o texto.

Quando? (NORD, 2009, p. 74)

1. Quando o texto foi escrito/ publicado/ emitido? É possível abstrair das imediações do texto informações acerca da pragmática temporal? São pressupostos, enquanto conhecimento de mundo, conhecimentos adicionais relacionados à pragmática temporal por parte dos destinatários do TP?

Entre 18 e 21 de fevereiro de 1943. As datas constam no início de cada protocolo. Pressupõe-se, como “conhecimento de mundo”, o conhecimento de que os textos foram produzidos durante o domínio nazista e apresentam marcas de sua ideologia.

2. Quais informações acerca da pragmática temporal podem ser inferidas a partir dos fatores emissor, mídia, receptor, pretexto e função?

3. Quais expectativas se estabelecem a partir da pragmática temporal em relação:

a) Ao emissor e sua intenção, ao pano de fundo comunicativo do receptor, a possíveis mídias veiculadoras, ao pretexto e à função textual?

Que todos esses fatores sejam profundamente influenciados pelo período histórico em que o texto está ancorado.

b) Às características internas ao texto?

Referências dêiticas, referências a fatos históricos da época, talvez resquícios de uma ortografia antiga e de uma linguagem própria daquele momento histórico.

4. Quais problemas fundamentais resultam de uma pragmática temporal possivelmente distinta entre o TP e o TC?

Há uma grande incompatibilidade entre os contextos (temporal e espacial) do TP e do TC. O leitor da cultura de chegada pode não reconhecer no texto as referências, nem sempre evidentes, à pragmática temporal, muito marcada pelo contexto histórico da época (o regime nacional-socialista na Alemanha). Daí surge, muitas vezes, a necessidade de uma

contextualização e de notas de tradução que esclareçam determinados termos e referências que não podem ser recuperados pelo leitor do texto de chegada.

Por quê? (NORD, 2009, p. 77)

1. Por que o texto foi produzido/ emitido? Há nas imediações do texto informações acerca de seu pretexto comunicativo? Pressupõe-se que o destinatário do TP conheça o pretexto?

Porque a Polícia Secreta Nazista pretendia concluir quem eram os responsáveis pelas ações da “Rosa Branca” e o aparato da justiça nazista necessitava dos interrogatórios para constituir a base da denúncia que seria formulada pela Procuradoria do Reich e das sentenças que seriam proferidas pelo Tribunal do Povo. Para inferir o pretexto, é preciso ter conhecimento de um contexto maior, que abrange os documentos da investigação da Gestapo e do processo judicial que culminou na sentença de morte proferida pelo Tribunal do Povo.

2. O texto foi produzido sob um pretexto específico? Ele é receptível uma única vez ou regularmente/ frequentemente?

Foi produzido com um pretexto bastante específico. Com a função instrumental advinda desse pretexto, ele foi receptível uma única vez, mas continua sendo receptível, enquanto documento de uma época histórica.

3. Quais informações acerca do pretexto podem ser inferidas a partir das características do emissor e de sua intenção, da mídia, do receptor, da pragmática espacial e temporal e, eventualmente, da função do texto?

Que o pretexto específico está ligado ao “ideal” nacional-socialista de constituir um império homogêneo, que não admitia oposição.

4. Quais expectativas resultam do pretexto em relação:

a) À expectativa do destinatário, ao emissor e a sua intenção?

Que o texto seja produzido de modo a corresponder à motivação que levou à sua produção.

b) Às características internas ao texto?

Que o texto seja organizado, de maneira geral, a fim de corresponder à motivação que levou à sua produção.

5. Quais problemas resultam do contraste entre o pretexto do TP e o pretexto do TC?

TP e TC têm pretextos, por assim dizer, opostos. Enquanto o primeiro foi produzido, em seu contexto de origem, com vistas a “legitimar” e fortalecer a ideologia nazista, o segundo tem como um dos objetivos “deslegitimá-la”, ao documentar e tornar evidente a forma como tal ideologia se mantinha no poder a partir da repressão ao discurso e às ações contrárias a ela. Daí resulta a necessidade de uma contextualização que acompanhe a tradução, assim como de notas explicativas que destaquem a forma como essa manipulação é exercida.

Com qual função? (NORD, 2009, p. 82)

1. Qual é a função pretendida pelo emissor? Há, nas imediações do texto, pistas acerca da intenção do texto, por exemplo a partir da afiliação a um gênero textual?

A função predominante no texto, que é frequentemente associada gênero textual ao qual ele pertence, é a função informativa. O interrogador pretende obter do interrogado informações acerca de ações consideradas subversivas e fazer com que elas sejam registradas por escrito. O conteúdo dos protocolos consiste, assim, basicamente em perguntas do interrogador seguidas de relatos (mais ou menos extensos) do interrogado sobre o que lhe foi perguntado. Pode-se ainda reconhecer diversos traços das funções apelativa (quando uma das partes busca convencer a outra de algo) e, em menor proporção, da função expressiva (quando os interrogados expressam seus sentimentos e crenças em relação ao Nacional-Socialismo).

2. Quais informações acerca da função comunicativa resultam das informações acerca dos fatores pretexto, mídia, destinatário e intenção do emissor?

Que a função do texto seja predominantemente informativa ou apelativa.

3. Há indícios para uma função textual determinada pelos destinatários e que difere da intenção do emissor?

A princípio não. Tanto a intenção do destinatário (Procuradoria do Reich) quanto a intenção do autor (no caso, membros da Polícia Secreta nazista) eram a punição dos responsáveis pelas ações da Rosa Branca. Tempos depois, o interrogador de Sophie Scholl afirmou que teria tido a intenção de “salvá-la”, induzindo-a a mostrar-se arrependida durante os interrogatórios.

4. Quais expectativas resultam da função comunicativa em relação:

a) Ao emissor e sua intenção, ao destinatário e sua expectativa, à mídia, ao local, ao tempo e ao pretexto?

Que todos esses fatores estejam, de algum modo, ligados à função textual e tenham atuado para que ela fosse cumprida no contexto de partida.

b) Às características internas ao texto?

Que traga elementos que de alguma forma sinalizem a função textual e a sustentem.

FATORES INTRATEXTUAIS

Sobre o quê? (NORD, 2009, p. 99)

1. Trata-se de um único texto tematicamente coerente ou de uma combinação de textos?

De certa forma, uma combinação. O tema vai mudando conforme as perguntas do interrogador.

2. Qual é o tema do texto ou quais são os temas dos textos parciais? É possível reconhecer subtemas em relação a um hipertema?

O hipertema seria o envolvimento do interrogado nas ações da Rosa Branca. Os subtemas são diversos: a trajetória pessoal do interrogado, a procedência de uma máquina de escrever, a autoria dos panfletos, etc.

3. A temática reconhecida corresponde à expectativa construída a partir dos fatores extratextuais?

Sim...

4. O tema é formulado no interior do texto ou em seu entorno (por exemplo no título)?

É possível obter uma noção do tema a partir do gênero textual ao qual ele pertence: um protocolo de interrogatório tematiza sempre o envolvimento (ou não) de alguém nas ações que estão sendo investigadas.

5. A formulação do tema deve aparecer explicitamente em algum lugar do TC, tendo em vista as convenções da língua de chegada?

Não. Basta que o gênero seja devidamente identificado.

O quê? (NORD, 2009, p. 106)

1. De que forma os fatores extratextuais sedimentam-se no conteúdo do texto?

O conteúdo do texto remete o tempo todo à realidade extratextual, uma vez que nele são relatados fatos dessa realidade. Pode-se dizer que sua intenção é provocar uma mudança na realidade extralinguística, ao levar ao julgamento e condenação dos interrogados.

2. Quais unidades de informação o texto contém?

--- (como são abordados diversos temas, o texto contém inúmeras unidades de informação... A paráfrase proposta por Nord é dispensável para esta tradução específica)

3. É possível reconhecer uma ‘situação interna’ no texto? Caso seja, em que ela se diferencia da ‘situação externa’ do texto?

Não... Este é, segundo Nord, sobretudo o caso de textos ficcionais.

4. O texto apresenta falhas de coesão? Elas podem ser esclarecidas sem que se recorra a informações adicionais?

Sim. Isso pode ser tomado como uma característica do gênero textual, que é sempre fragmentário, ou como indício de que nem tudo o que foi dito nos interrogatórios foi registrado por escrito, o que provocaria as lacunas evidentes em determinadas partes do texto.

O que não é dito? (NORD, 2009, p. 113)

1. A qual realidade referem-se as informações verbalizadas no texto?

À realidade extralinguística em geral: o cotidiano da época, profundamente marcado pelo Nacional-Socialismo.

2. De que forma a referência à realidade é verbalizada?

Por exemplo na forma de referências a instituições nazistas, à hierarquia da SS, Wehrmacht, Juventude Hitlerista... E nas marcas culturais em geral (nomes de ruas, estações de trem, referências a locais e monumentos de Munique).

3. Há alusões implícitas à referência à realidade?

Sim... É possível perceber em passagens do texto uma tensão implícita entre o discurso nacional-socialista (na demonstração, por parte dos interrogadores, de um ultra-nacionalismo e da crença de que os opositores do regime seriam inimigos da Alemanha) e o discurso da resistência (na defesa de conceitos presentes nos panfletos da Rosa Branca, como a Liberdade).

4. Há no texto redundâncias que são supérfluas ao destinatário do TC?

A repetição redundante do sujeito em determinadas frases (sobretudo nos protocolos de interrogatório de Sophie Scholl) é supérflua, mas constitui uma característica do gênero, uma vez que era preciso sempre deixar bem claro quem era o autor de cada ação relatada.

5. Quais informações pressupostas por parte do receptor do TP precisam ser verbalizadas para o destinatário do TC?

A conotação ideológica de certos termos e expressões cunhados ou ressignificados pelo Nacional-Socialismo, referências espaciais que não existem mais ou cujo reconhecimento por parte do leitor brasileiro é muito improvável (como nomes de lojas e instituições da época).

Em que sequência? (NORD, 2009, p. 120)

1. Trata-se de um texto independente ou de um texto inserido em um âmbito maior?

Os textos estão inseridos no âmbito do primeiro processo movido pelo “Tribunal do Povo” contra membros Rosa Branca. No mesmo processo estão arquivados interrogatórios semelhantes, realizados com outros membros do grupo.

2. É possível reconhecer uma divisão macroestrutural a partir de marcações visíveis ou outros sinais de divisão?

Não. Apenas é possível reconhecer a divisão entre a ficha com os dados do interrogado e o “texto corrido”, com as perguntas e respostas.

3. O gênero em questão possui uma estrutura convencional?

Uma ficha de abertura, seguida de conjuntos de pergunta-e-resposta, que se intercalam com a transcrição de relatos mais longos do interrogado.

4. Qual forma de progressão temática o texto apresenta?

Como o texto é bastante longo e constituído de diversos subtemas, a forma de progressão temática varia... Ao longo do texto, é possível perceber exemplos das cinco formas de progressão temática propostas por Danes (1978) e retomadas por Koch (1989 – A coesão textual)

Com quais elementos não-verbais? (NORD, 2009, p. 124)

1. Quais elementos não-verbais pertencem ao texto?

Uma tabela no início

2. Quais funções eles mantêm em relação aos segmentos textuais verbais?

3. Eles pertencem convencionalmente ao gênero em questão?

4. Eles são determinados pela mídia escolhida?

5. Eles são específicos da cultura de partida?

Com quais palavras? (NORD, 2009, p. 131)

1. Como os fatores extratextuais manifestam-se no uso do léxico interno ao texto (regioletos, socioletos, variantes linguísticas históricas, escolha de registro, uso do léxico atrelado a determinadas mídias, fórmulas convencionais determinadas pela função ou pelo pretexto)?

*Os fatores extratextuais mais amplos (relativos ao contexto histórico) manifestam-se, por exemplo, no uso de palavras típicas do período nacional-socialista, como aquelas que se referem a instituições nazistas e posições hierárquicas dentro dessas instituições. Já os fatores extratextuais relativos à situação comunicativa específica do interrogatório se refletem no uso abundante de determinadas palavras (tais quais *angeben*, *Angabe*, *vorhalten*, *Vorhalt*...) fraseologias, siglas e abreviações.*

2. Quais características do uso do léxico apontam para o posicionamento do emissor e seu ‘interesse estilístico’ (por exemplo marcas estilísticas, palavras carregadas de conotações, meios retórico-estilísticos, como comparações e metáforas, neologismos próprios e jogos de palavras)?

O uso “ideológico” de determinadas palavras e expressões, cunhadas pelo Nacional-Socialismo, e a seleção de palavras [“Vorhalt”, “(Flugblatt)Propaganda”, “Verbrechen”...*] que demonstram repúdio às ações cometidas pelos interrogados.*

3. Quais áreas lexicais (terminologias, metalinguagem) estão representadas no texto?

*Pode-se dizer que há resquícios de uma “terminologia jurídico-burocrática”, característica do gênero textual e representada no uso abundante de determinados verbos e substantivos (como os já mencionados *angeben*, *Angabe*, *vorhalten*, *Vorhalt*...)*

4. Há classes de palavras ou recursos de formação de palavras que ocorram com especial frequência no texto?

Advérbios modalizadores

5. A qual nível estilístico pertencem predominantemente as palavras utilizadas no texto?

Palavras características do Nacional-Socialismo e palavras estilisticamente rebuscadas, características da linguagem burocrática, coexistem com palavras e expressões mais

próximas da linguagem oral (por exemplo: keine Ahnung haben, auf den Kopf zusagen). Em geral, o nível estilístico do texto não é muito elevado no que diz respeito ao léxico.

Em quais frases? (NORD, 2009, p. 133 et seq.)

1. As frases do texto são longas ou curtas, construídas de forma paratática ou hipotática? Como elas são ligadas (de forma assindética ou polissindética)?

Em geral são mais longas e construídas de forma hipotática. Por vezes polissindética, mas na maioria dos casos apenas sindética.

2. Quais tipos de frase o texto apresenta?

Afirmativas e interrogativas. Nunca imperativas.

3. A posição dos componentes sintáticos corresponde à articulação de tema e rema? É possível perceber formas de ênfase ou desvios da sequência usual de palavras?

É possível perceber em diversas frases a anteposição do rema, com vistas a dar uma ênfase maior a determinada informação da frase ou, em caso de negação, a destacar o componente exato da frase que está sendo negado.

4. Há, na sintaxe, recursos estilísticos especiais (por exemplo paralelismos, quiasmos, perguntas retóricas e desvios de norma)? Quais funções eles têm no texto em questão?

São abundantes os paralelismos sintáticos apoiados nas conjunções e expressões “beziehungsweise”, “(nicht ...) sondern...”, “das heißt...”, “und zwar”... Estes têm, na situação comunicativa específica, a função de retificar uma informação já registrada pelo datilógrafo ou acrescentar-lhe outra.

5. Determinadas características sintáticas do texto são determinadas pelo receptor, pelo gênero textual ou pelo meio pelo qual o texto é veiculado? Resulta disso alguma modificação para a função pretendida para o TC?

O gênero protocolo de interrogatório caracteriza-se por constituir o registro escrito de um texto originalmente oral. Por isso, a sintaxe pode apresentar alguns resquícios do texto oral, que se refletem, por exemplo, no menor rigor da pontuação.

Em qual tom? (NORD, 2009, p. 141 et seq.)

1. Quais elementos suprasegmentais são verificáveis? Como eles são caracterizados (no texto escrito)?

Não são caracterizados.

2. Os elementos suprasegmentais são típicos de determinado gênero ou função?

3. Os elementos suprasegmentais trazem informações sobre características, estados afetivos ou psicopatológicos do emissor?

4. Em quais unidades prosódicas o texto pode ser dividido? A prosódia dá pistas sobre a intenção do emissor em relação à explicação, ênfase e acentuação?

5. Como os elementos suprasegmentais relacionam-se com a articulação de tema e rema?

6. Quais problemas de tradução resultam do contraste entre os elementos suprasegmentais e a função do TC?

ANEXO 2

Tradução comentada dos protocolos de interrogatório de Sophie Scholl

Polícia Secreta do Estado¹

Sede da Polícia do Estado em Munique

Impressão digital colhida *)
Coleta de impressão digital desnecessária *)
Indivíduo — não — identificado *)

Data:
Sobrenome:
Cargo oficial:
Repartição:

(Repartição do servidor responsável pelo interrogatório)

Munique , dia 18/ 2/ 19 43

~~Entimada~~ — Conduzida *) apresenta-se

Sofia Magdalena S c h o l l

e, advertida a dizer a verdade, informa:

I. Dados pessoais²

1. a) Sobrenome, inclusive cognomes (tratando-se de mulheres, informar também o sobrenome de solteira e, se houver, nome do antigo marido)	a) <u>Scholl</u>
b) Nomes (sublinhar o mais utilizado)	b) <u>Sophia</u> Magdalena
2. a) Profissão Sobre a situação profissional deve-se declarar: — se é proprietário, mestre-artesão, gerente ou empregado, ser- vente, aprendiz, operário de fábrica, auxiliar de vendas, vendedora, etc. — — tratando-se de mulheres casadas, a profissão do marido — — tratando-se de menores de idade sem profissão, a profissão dos pais — — tratando-se de servidores ou funcionários públicos, o endereço exato da repartição — — tratando-se de estudantes universitários, o endereço da institui- ção de ensino superior e o curso frequentado — — tratando-se de portadores de títulos acadêmicos (Dipl. Ing., Dr., D. pp.), quando e em qual instituição de ensino superior o título foi adquirido —	a) <u>Estudante universitária de Ciências</u> <u>Naturais e Filosofia</u>
b) Rendimentos	b) <u>Ajuda de custo dos pais, no valor de</u> <u>150 RM por mês</u>
c) Desempregado?	c) Sim, desde ./. não
3. Nascimento	no dia <u>9/5/1921</u> em <u>Forchtenberg</u> Distrito administrativo <u>Öringen</u> <u>Württemberg</u> Distrito judicial <u>Stuttgart</u> Estado <u>Württemberg</u>
4. Residência ou última estada	em <u>Munique 23, Rua Franz-Josef-Str. n° 13/0</u> <u>casa dos fundos da sra. Schmidt</u> Distrito administrativo Estado Rua <u>N°</u> Praça Telefone <u>35227</u>

*) riscar as informações não procedentes

5. Nacionalidade Cidadão do Reich? ³	DR (Reich Alemão) sim
6. a) Religião (inclusive as anteriores) 1) Membro de uma comunidade religiosa ou ideológica, 2) Crente em Deus, 3) Sem crença b) os 1. pais } são alemães de sangue? ⁴ 2. avós }	a) luter. 1) sim — qual? nã 2) sim — não 3) sim — não b) 1. sim 2. sim
7. a) Estado civil (solteiro - casado - viúvo - divorciado - separado) b) Nomes e sobrenomes do cônjuge (tratando-se de mulheres, também o sobrenome de solteira) c) Residência do cônjuge (no caso de residências distintas) d) Os pais — avós do cônjuge são ou eram alemães de sangue?	a) solt. b) ./. c) d)
8. Filhos	legítimos: a) Número: b) Idade: anos ilegítimos: a) Número: b) Idade: anos
9. a) Pai Nomes e sobrenomes Profissão, residência b) Mãe Nomes e sobrenomes de solteira Profissão, residência (mesmo em caso de pais já falecidos)	a) Robert Scholl consultor fiscal em Ulm, praça Münsterplatz n° 33 b) Magdalena Sch., sobrenome de solteira Müller vide acima.
10. Sobre o tutor ou curador Nomes e sobrenomes Profissão, residência	./.
11. a) Passaporte emitido b) Permissão para dirigir automóvel — motocicleta — expedida c) Licença para comércio itinerante expedida d) Cartão de identificação emitido de acordo com o artigo 44a da Lei de Regulamentação do Comércio e da Indústria e) Licença para caça expedida f) Patente de marinheiro ou de fimeiro expedida	a) por chefe de polícia de Ulm em junho de 1939 n° b) por ./ . em n° c) por ./ . em n° d) por ./ . em n° e) por ./ . em n° f) por ./ . em n°

<p>g) Cartão de benefícios (cartão de benefícios para prestadores de serviço civil) emitido</p> <p>Certificado de homologação de pensão?</p> <p>Previdência social?</p> <p>h) Outros documentos?</p>	<p>g) por / em Nº</p> <p>h) /</p>
<p>12. a) Eleito ou sorteado para atuar como juiz leigo ou jurado no período eleitoral atual ou posterior? Por qual junta (artigo 40 da GVG - lei de organização judiciária)?⁵</p> <p>b) Juiz de comércio, juiz do trabalho ou ouvidor de Tribunal Social de Honra?</p> <p>c) Exerce tutela ou curatela legal? Sobre quem?</p> <p>Em qual vara tutelar?</p>	<p>a) /</p> <p>b) /</p> <p>c) / /</p>
<p>13. Afiliação a alguma câmara subordinada à Câmara de Cultura do Reich⁶ (informar a designação exata)</p>	<p>..... /</p>
<p>14. Afiliação⁷</p> <p>a) ao NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães).</p> <p>b) em quais organizações?</p>	<p>a) desde / último grupo local</p> <p>b) desde / última composição</p> <p>ou afins</p>
<p>15. Serviço Obrigatório para o Reich⁸</p> <p>Onde e quando realizou o alistamento?</p> <p>Certificado de incorporação</p> <p>Integrou o Serviço Obrigatório</p>	<p>..... março de 1941 em Ulm</p> <p>.....</p> <p>de abril de 1941 até março de 1942</p> <p>Seção 13/122 ? Local Sigmaringen</p> <p>..... Blumberg</p>
<p>16. Serviço militar</p> <p>a) Para qual unidade foi atribuído no alistamento ou aceito como voluntário?</p> <p>b) Excluído por ser indigno de servir ao Reich⁹? Quando e por quê?</p> <p>c) Serviu:</p> <p>unidade militar</p> <p>local</p> <p>dispensado por</p>	<p>a) /</p> <p>b) /</p> <p>c) de até</p>

17. Condecorações e distinções honoríficas? (citar individualmente)	<div>./.</div> <div></div> <div></div>
18. Antecedentes criminais (Breve declaração do — da — inquirido(a). Se possível, completar essas declarações com base nos documentos oficiais)	<div>./.</div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div>

¹ Fundada em 1933 por Hermann Göring, a *Polícia Secreta do Estado** [Geheime Staatspolizei/Gestapo] tinha como objetivo investigar e combater atividades que representassem alguma ameaça ao Estado nacional-socialista. Estava entre as funções da Gestapo identificar, deter e reprimir opositores do regime, como os integrantes da Rosa Branca.

² A ficha que introduz os protocolos possuía um formato padrão para todos os interrogatórios conduzidos na Central da Gestapo em Munique. Além de dados pessoais básicos, tais quais nome, endereço, profissão e estado civil, a ficha tinha a clara intenção de colher informações que permitissem traçar de antemão um perfil ideológico do interrogado. Assim, muitas das perguntas que compõem a ficha introdutória possibilitam que o interrogador infira, mesmo antes do início do interrogatório propriamente dito, o quanto o interrogado se identificava com a concepção de mundo nacional-socialista e o quão integrado estava à forma de sociedade projetada pelos nazistas.

³ *Cidadão do Reich** [Reichsbürger]: De acordo com a *Lei do Cidadão do Reich* [Reichsbürgergesetz] de 15/09/1935, era cidadão do Reich apenas quem fosse “possuidor de sangue alemão ou congênere” e comprovasse “a partir de seu comportamento estar disposto e apto a servir fielmente ao Povo e ao Reich Alemão” (Reichsgesetzblatt I, p. 1146, 1935). Diversos membros da Rosa Branca, dentre eles Hans e Sophie Scholl, perderam o status de “cidadãos do Reich” e, consequentemente, seus direitos civis quando condenados pelo Tribunal do Povo. Na sentença proferida em 22/02/1943 consta: “Eles serão privados de seus direitos civis para sempre” (SCHOLL, 2013, p. 118).

⁴ *Alemães de sangue** [deutschblütig]: A forma social propagada pelo Nacional-Socialismo consistia em uma “comunidade de sangue” [Blutsgemeinschaft], projetada a partir de critérios de pureza racial. A partir da proclamação das leis de Nuremberg, o termo “alemão de sangue” [deutschblütig] passou a ser utilizado em substituição ao termo “ariano” [Arier] para designar aqueles que possuísem ascendência alemã por pelo menos três gerações. Na ficha, pergunta-se ao inquirido (no caso, Sophie Scholl) se ele, seus pais e avós são alemães de sangue. O mesmo é questionado sobre o cônjuge, uma vez que a “Lei para a proteção do sangue alemão e da honra alemã” [Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre, Reichsgesetzblatt I, n. 100, p. 1146, 1935] de 15/09/1935 proibia, entre outros, casamentos entre judeus e “alemães de sangue”.

⁵ A fim de preservar uma fachada pseudodemocrática, após sua ascensão ao poder em março de 1933 o partido nacional-socialista promoveu, mesmo tendo dissolvido todos os outros partidos a partir da “Lei Contra a Formação de Partidos” [Gesetz gegen die Neubildung von Parteien, Reichsgesetzblatt I, n. 81, p. 479, 1933] de 15/07/1933, ainda três eleições no Parlamento Alemão [Reichstag]. Na primeira delas, realizada em novembro de 1933, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães teria obtido 92% dos votos. Nas outras duas (1936 e 1938), 99%. Segundo Klawitter (2007, p. 863), “as eleições serviam como ritual de aprovação para um parlamento de partido único e uniformizado, que já não possuía qualquer competência legislativa e servia apenas de palco para os discursos de Hitler” (KLAWITTER, Nils. Wahlen und Volksabstimmungen. In: BENZ, 2007, p. 863).

Cédula de votação para a eleição de 12/11/1933 para o Parlamento Alemão, na qual o NSDAP figura como único candidato. Fonte: Stadsarchiv Nürnberg

⁶ *Câmara de Cultura do Reich** [Reichskulturkammer]: Criada em 1933 e presidida por Joseph Goebbels, tinha como objetivo controlar o cenário cultural da época, levando-o forçosamente a atuar a favor da ideologia nazista. Todos aqueles que exercessem alguma profissão na área de música, cinema, literatura, artes plásticas e imprensa deveriam obrigatoriamente se afiliar à Câmara de Cultura do Reich. Caso contrário, eram privados do direito de trabalhar.

⁷ *O Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães** [Deutsche Nationalsozialistische Arbeiterpartei/ NSDAP], inicialmente denominado apenas Partido de Trabalhadores Alemães [Deutsche Arbeiterpartei], foi fundado em 1919 por Anton Drexler e Karl Harrer e caracterizava-se desde o início por suas ideias antissemitas e antimarxistas, bem como por alinhar-se à direita radical. Após uma tentativa fracassada de golpe em 1923, o NSDAP chegou ao poder dez anos mais tarde, quando o presidente Paul von

Hindenburg entregou a Adolf Hitler o cargo de chanceler. Durante o período em que esteve no poder, o partido possuía uma estrutura ampla e complexa, que visava controlar toda a população alemã, afiliando-a às suas subdivisões, e eliminar todos os que se opusessem a ele.

⁸ *Serviço obrigatório para o Reich** [Reichsarbeitsdienst]: a partir de 26/06/1935, jovens alemães de ambos os sexos que tivessem entre 18 e 24 anos deveriam realizar obrigatoriamente durante meio ano algum serviço de utilidade pública. O local e o tipo de serviço a ser prestado eram determinados pela autoridade presente no momento do alistamento. Este incluía a realização de uma entrevista e de um exame médico. Algumas das atividades mais comuns realizadas pelos integrantes do Serviço Obrigatório eram o engajamento na cultura agrícola e o auxílio na construção de autoestradas [Autobahnen], à medida em que o objetivo primordial do RAD era contribuir para o desenvolvimento econômico do *Reich*. Sophie Scholl prestou os seis meses de Serviço Obrigatório prescritos por lei entre abril e outubro de 1941 no campo de serviço de Krauchenwies (Sul do Estado de Baden-Württemberg), onde trabalhou em uma propriedade de camponeses, cuidando do filho deles.

⁹ De acordo com a Lei das Forças Armadas [Wehrgesetz, Reichsgesetzblatt I, n. 52, p. 609, 1935] de 21 de maio de 1935, era considerado *indigno de servir ao Reich** [wehrunwürdig], por exemplo, quem possuísse antecedentes criminais específicos (por exemplo, envolvimento em ações subversivas) ou “comportamento homossexual”.

II. ~~Dos fatos~~

Dados pessoais:

Os dados pessoais declarados anteriormente estão corretos. Nasci em Forchtenberg, no distrito de Öhringen/ estado de Württemb., onde meu pai era prefeito da comunidade (comunidade municipal) de Forchtenberg. Cresci na casa de meus pais junto a quatro irmãos (dois irmãos e duas irmãs). Outra irmã minha morreu de pneumonia com um ano de idade. Frequentei a escola pública primária de Forchtenberg até 1930, quando estava matriculada na segunda série. No mesmo ano, meus pais transferiram-se para Ludwigsburg/ Wttbg., pois meu pai não foi reeleito após o fim de seu mandato na prefeitura em Forchtenberg. Em Ludwigsburg, frequentei a escola pública primária até a quarta série. Durante o período que vivemos em Ludwigsburg, de 1930 a 1932, meu pai foi funcionário de uma sociedade fiduciária em Stuttgart. No ano de 1932, meus pais se mudaram para Ulm, onde meu pai entrou como sócio para uma empresa fiduciária, negócio do qual se tornou o único proprietário em 1933. Em Ulm, frequentei a escola secundária superior para meninas até o Abitur¹⁰.

Após ter concluído o Abitur (em março de 1940), frequentei por um ano o curso de formação para professoras de educação infantil no Seminário Fröbel¹¹, em Ulm. No início de 1941 prestei na mesma instituição, a fim de garantir uma profissão civil, o exame estatal para professora de educação infantil. Obtive na prova a nota 2 - conceito: bom¹². Em seguida, me inscrevi voluntariamente na

Família Scholl. Da esquerda para a direita: Robert Scholl (pai) e os irmãos Inge, Hans, Elisabeth, Sophie e Werner.
Foto: Sueddeutsche Zeitung
© 2011, sueddeutsche.de/bica

¹⁰ O sistema escolar vigente na Alemanha durante o regime nacional-socialista contava com uma série de especificidades. Em 1937, foram criadas, por exemplo, escolas secundárias superiores [Oberschulen] separadas para meninos e meninas, que abrangiam da 5ª à 12ª série (um ano a menos do que antes). Enquanto boa parte das escolas masculinas dava grande importância à transmissão de conhecimentos matemáticos e de ciências naturais, nas escolas femininas priorizava-se o ensino de noções básicas de economia doméstica. Os estudos nessas escolas secundárias eram concluídos com o exame final [Abitur], que certifica (ainda hoje) a aptidão para ingressar em um curso superior.

¹¹ Friedrich Fröbel (*1782 – † 1852): pedagogo alemão discípulo de Pestalozzi e conhecido por ser o idealizador do conceito de “Jardim de Infância” [Kindergarten].

¹² A escala de notas na Alemanha vai de 1 a 6 (sendo 1 a melhor nota e 6 a pior), que correspondem, respectivamente, aos conceitos “muito bom” [sehr gut], “bom” [gut], “satisfatório” [befriedigend], “suficiente” [ausreichend], “ruim” [mangelhaft] e “insuficiente” [ungenügend].

¹³ *Serviço Obrigatório do Reich** [Reichsarbeitsdienst]: cf. nota nº 8 desta tradução. Sophie Scholl tinha esperanças de que sua formação

divisão feminina do Serviço Obrigatório para o Reich (RAD) e, no início de abril de 1941, fui incorporada ao campo de serviço 13/122 em Krauchenwies, próximo de Sigmaringen, onde cumpri, até outubro do mesmo ano, o tempo de Serviço Obrigatório prescrito¹³. Logo em seguida, fui designada para o campo de Serviço de Auxílio à Guerra¹⁴ em Blumberg, estado de Baden, onde trabalhei até o final de março de 1942 em uma creche da Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular¹⁵ (NSV) de Blumberg.

Nesse meio tempo, decidi cursar Ciências Naturais e Filosofia, o que me levou a me matricular pela primeira vez na Universidade de Munique para ingressar no semestre de verão de 1942, que começou no final de abril. Agora, no segundo semestre, estou frequentando as aulas dos professores von Fritsch, von Faber, Gerlach, Huber e Buschor.

Recebo de meu pai uma ajuda de 150 RM¹⁶ por mês para arcar com minhas despesas pessoais e acadêmicas. Não recebo nenhuma bolsa ou auxílio de outra parte. A renda de meu pai deve totalizar mais de 1 500 RM, portanto creio que ele não tenha dificuldades em arcar com meus estudos. Meu irmão, que está cursando o 9º semestre de medicina em Munique, não necessita mais de auxílio financeiro por parte de nossos pais, pois possui seu salário de sargento-enfermeiro, que lhe permite arcar tanto com suas despesas pessoais quanto com as taxas de estudo.

Que eu saiba, antes da tomada de poder¹⁷ meu pai não possuía qualquer tipo de afiliação política. Sei, entretanto, que ele é a favor da democracia.

como professora de educação infantil fosse aceita como substituição ao tempo de Serviço Obrigatório prescrito por lei. Como isso não aconteceu, ela prestou o Serviço Obrigatório em Krauchenwies, junto a outras 60 a 80 garotas ali alojadas para o mesmo fim. A rotina rígida (e quase militar) do serviço incomodava Sophie, que tinha grande apreço pela leitura (livros eram, em geral, proibidos no alojamento) e um senso de liberdade muito apurado. Em carta à sua irmã Inge (27/04/1941), ela diz: “Se não fosse chamar tanta atenção, eu sairia um pouco ou iria pintar. [...] Porque aqui, se você não estabelece pequenas tarefas específicas, você se afunda no tumulto geral. Até agora, encontrei esse apoio na ducha gelada à noite e em minhas leituras noturnas”. [Wenn’s nicht so auffallen würde, ginge ich ein bisschen weg, oder würde malen. [...] Wenn Du nämlich hier nicht besondere kleine feste Arbeiten hast, dann versinkst du im allgemeinen Trubel. Bisher waren diese kleinen Stützpunkte das abendliche kalte Abduschen und das abendliche Lesen] (JENS, 2005, p. 221).

Sophie Scholl (esquerda) durante o Serviço Obrigatório para o Reich em Krauchenwies, 1941. Foto: © 2012, Manuel Aicher

¹⁴ *Serviço de Auxílio à Guerra** [Kriegshilfsdienst]: Logo após concluir o tempo de Serviço Obrigatório

cia, isto é, defende a ideia de que os povos deveriam ser governados democraticamente, desde que dotados da maturidade necessária para isso. Se estou bem a par dos pensamentos de meu pai, ele engendra uma forma democrática de governo com determinados poderes. Essa convicção básica é provavelmente o motivo de meu pai ser contra o Nacional-Socialismo em si, ou seja, contra a atual governança. Neste ponto quero, entretanto, enfatizar que, ao nos educar, meu pai nunca nos influenciou (a seus filhos) na direção da democracia. Assim, meu pai tolerou sem mais objeções que nos afiliássemos à Juventude Hitlerista (HJ)¹⁸ e prestássemos serviço lá. Eu própria ingressei em janeiro de 1934, aos 13 anos, na União Jovem de Meninas¹⁹ da HJ e pertenci à HJ, isto é, à Liga de Moças Alemãs²⁰ (BDM) até 1941. Por volta de 1935 me tornei Líder Jovem das Meninas, em 1936 fui promovida a Líder de Esquadrão e em 1937/38 a Líder de Grupo. Motivada por divergências com a Líder de Província da BDM, província nº 20, Líder de Província Schönberger, renunciei a meu posto de Líder de Grupo. Tal desavença ocorreu por uma questão puramente interna, ligada ao serviço na BDM e sem qualquer motivação política. Após minha renúncia, passei da União Jovem de Meninas à Liga de Moças Alemãs, onde prestei serviço até pouco antes de meu exame estatal para professora de educação infantil. Frequentei o serviço na BDM com bastante regularidade. Nesse ponto, confesso com toda a sinceridade que nos últimos dois anos de minha afiliação eu já não me dedicava às minhas tarefas na BDM de corpo e alma. Minha primeira antipatia pela BDM surgiu porque eu achava o serviço monótono e equivocado do ponto de vista pedagógico.

rio para o *Reich*, Sophie foi convocada a prestar mais meio ano de Serviço de Auxílio à Guerra em uma creche.

¹⁵ *Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular** [National-sozialistische Volkswohlfahrt/NSV]: associação beneficente oficial do partido nazista, fundada já em 1932 em Berlim e responsável por prestar assistência a indivíduos “arianos” que estivessem passando por alguma dificuldade (por exemplo: refugiados, doentes e famílias numerosas).

¹⁶ Marcos do *Reich* [Reichsmark/RM]: moeda oficial durante o regime nacional-socialista, o “marco do Reich” foi introduzido na Alemanha em 1928, ainda durante a República de Weimar. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda do Nacional-Socialismo, a moeda continuou válida, paralelamente ao Marco Militar dos Aliados, nas zonas ocupadas pelos aliados até a implementação do Marco Alemão, em 1948.

¹⁷ *Tomada de poder** [Machtübernahme ou Machtergreifung ou Machtübergabe]: Expressão difundida na época para designar o momento em que o presidente Paul von Hindenburg entregou o cargo de chanceler a Adolf Hitler, em 30 de janeiro de 1933.

¹⁸ *Juventude Hitlerista** [Hitler-Jugend/ HJ]: Organização de jovens oficial do partido nazista. Em março de 1939, um decreto tornou obrigatória a afiliação de todos os jovens (meninos e meninas) a partir de 10 anos à HJ.

¹⁹ União Jovem de Meninas [Jungmädelschaft]: menor subdivisão da fração feminina da Juventude Hitlerista, para meninas de 10 a 14 anos. Cada unidade da “União Jovem” reunia cerca de 10 meninas.

Meu distanciamento ideológico, por volta de 1938, da BDM e, por extensão, do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) deve-se sobretudo ao fato de, no outono de 1938, minha irmã Inge e meus irmãos Hans e Werner terem sido detidos por oficiais da Polícia Secreta do Estado e mantidos presos por alguns dias, isto é, semanas, por suspeita de atividades de conspiração coletiva²¹. Continuo acreditando que as medidas tomadas contra nós e outras crianças de Ulm foram uma grande injustiça. Por volta de 1932/33, meu irmão Werner, que tinha então entre 10 e 12 anos, pertencia à Juventude Unida²², o que provavelmente foi a razão das medidas tomadas contra nós mais tarde. Quero mencionar ainda que outro motivo, aliás o mais forte deles, para minha aversão ao Movimento²³ é minha percepção de que a liberdade espiritual do ser humano está sendo cerceada de um modo que vai contra a minha essência. Resumindo, gostaria de declarar que eu, de minha parte, não quero ter nada a ver com o Nacional-Socialismo.

Quando vim para Munique começar o semestre em maio de 1942, morei primeiro com meu irmão Hans na rua Lindwurmstrasse, nº 13, pois não havia encontrado um quarto para mim; em junho mudei-me para a casa da sra. Beersche, na rua Mandelstrasse, nº 1, e desde 1º de dezembro moro na rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13, onde eu e meu irmão somos sublocatários da sra. Schmidt e temos dois quartos. Para que não haja mal-entendidos: enquanto meu irmão morou na rua Lindwurmstrasse nº 13, eu permaneci na casa da Sra. Beersche²⁴.

Eu própria só tinha uma amiga em Munique, a saber, a Srta. Gisela Schertling, estudante de

²⁰ *Liga de Moças Alemãs** [Bund Deutscher Mädel/ BDM): divisão feminina da Juventude Hitlerista (e mais, especificamente, a divisão para moças de 14 a 18 anos). Sophie Scholl ingressou na Liga de Moças Alemãs em 1938, aos 17 anos, e permaneceu lá até pouco antes de completar 20 anos.

Sophie Scholl (direita) em uniforme da "Jungmädelschaft", 1937. Foto: © 2012, Manuel Aicher

²¹ Por *conspiração coletiva** [bündische Umtriebe], entendia-se a simples reunião de jovens em algum grupo fora da Juventude Hitlerista, uma vez que todas outras as associações juvenis foram oficialmente proibidas pelo NSDAP em 1936. Em 11/11/1937, a *Gestapo* – que então investigava Hans Scholl – realizou uma busca na casa da família Scholl em Ulm e confiscou livros e revistas que apontariam para o envolvimento dos irmãos Scholl em atividades de conspiração. A origem da suspeita era o fato de Hans ter criado em Ulm uma facção do grupo juvenil proibido "Juventude Alemã de Primeiro de Novembro" [d.j.1.11.]. Sete jovens de Ulm que pertenciam ao grupo, dentre eles seus irmãos Inge e Werner, foram presos nessa época. Sophie também chegou a ser apreendida, mas foi liberada logo depois. Hans foi detido quase um mês mais tarde, em 13/12/1937.

Germanística, residente em Munique, rua Lindwurmstrasse nº 13, casa dos Wertheimer. Eu a conheci durante o Serviço Obrigatório para o Reich em Krauchenwies e desde então mantenho contato com ela. A opinião política da Schertling não é similar à minha, pois ela é, no geral, convictamente nacional-socialista e sem dúvida foi educada dessa forma em casa. Encontro-me com a Srta. Schertling quase todos os dias. Na maioria das vezes, era ela quem vinha até nossa casa, isso à tarde ou à noite, caso eu já não a tivesse visitado.

Também frequentam nossa casa os membros da Companhia Estudantil²⁵ Willi Graf, sargento e estudante de medicina, e Alexander Schmorell, também sargento e estudante de medicina. Trata-se em ambos os casos de colegas de curso do meu irmão Hans. Conheci Schmorell há cerca de um ano através de meu irmão. No verão passado, eu ia uma ou duas vezes por semana à casa dele, que morava com seus pais em Munique, rua Benediktenwandstrasse (nº desconhecido), para trabalharmos juntos. Schmorell fazia modelagem em argila, enquanto eu me dedicava ao desenho. Do ponto de vista político, Schmorell é para mim como uma folha em branco, uma pessoa puramente movida pelos sentimentos e insuscetível a reflexões políticas. Do ponto de vista cultural, ele rejeita o Nacional-Socialismo pelas mesmas razões que eu.

Faz apenas 8 semanas, aproximadamente, que Willi Graf vem de vez em quando, no período da tarde ou da noite, visitar a mim e a meu irmão. Nossos encontros, assim como as conversas com Graf, eram apenas encontros de amigos. De vez em quando tomávamos juntos uma garrafa de vinho,

²² *Juventude Unida** [Bündische Jugend]: a partir do início da década de 20, “Juventude Unida” tornou-se a designação genérica para diversas associações juvenis alemãs, política e religiosamente independentes, que floresceram durante a República de Weimar. Tais grupos foram oficialmente dissolvidos em fevereiro de 1933, mas muitos continuaram a existir clandestinamente. Em 1936, um decreto do Ministério de Assuntos Internos do *Reich* [Reichsministerium des Innern] fez com que o cerco da *Gestapo* em torno desses grupos se apertasse e diversos de seus integrantes (dentre eles os membros da Rosa Branca Hans Scholl e Willi Graf) fossem presos.

²³ *Movimento** [Bewegung]: forma com que os nazistas se referiam ao seu partido. Com o tempo, adentrou o vocabulário da população alemã e tornou-se uma forma comum para se referir ao Nacional-Socialismo em geral.

²⁴ Na verdade, quando chegou a Munique Sophie ficou inicialmente hospedada na casa de Carl Muth, intelectual e editor católico, amigo de seu irmão Hans. Provavelmente para proteger Muth, que era idoso (tinha 75 anos na época) e, ao lado de Theodor Haecker, foi um dos principais mentores intelectuais da Rosa Branca, Sophie omitiu essa informação no interrogatório.

²⁵ *Companhia Estudantil** [Studentenkompanie]: cf. comentário nº14 da tradução dos interrogatórios de Hans Scholl e/ ou o glossário.

quando havia, cantávamos, tocávamos músicas ou passávamos o tempo de outra forma. Se estou bem informada, a opinião política de Graf é similar à minha e à de meu irmão, mas não o posso afirmar com certeza.

Não há, além dessas, outras pessoas que frequentassem nossa casa regularmente. Às vezes meu irmão recebia visitas de outras pessoas além das citadas, as quais inclusive me foram apresentadas, mas que hoje já não conheço pelo nome.

A máquina de escrever encontrada em nossa casa pertence à nossa senhoria, Sra. Schmidt. Há cerca de 14 dias vimos essa máquina de escrever pela primeira vez na sala de estar da Sra. Schmidt, na presença dela. Gostaria de mencionar aqui que a Sra. Schmidt raramente permanece em sua casa em Munique, pois costuma passar semanas na casa de sua filha casada (nome desconhecido) em Steinebach, próximo de Landsberg às margens do rio Lech. Agora já faz dez dias que essa senhora está novamente na casa da filha. Deve fazer uns 14 dias que usamos a máquina de escrever da Sra. Schmidt pela primeira vez. Foi para preparar um ensaio sobre questões filosóficas ou teológicas²⁶, que meu irmão enviou, como já havia feito antes, a amigos e conhecidos no front. Algumas semanas atrás, Schmorell colocou sua máquina de escrever portátil à disposição para a mesma finalidade.

Hoje de manhã, eu e meu irmão levantamos por volta das 09h. Fiz um chá para nós dois e depois disso, por volta das 10h30, saímos de casa. Na verdade, eu deveria ter assistido à aula do substituto do professor Gerlach sobre física, às 08h,

²⁶ Trata-se da circular “Windlicht” (Lanterna de Vidro), produzida pelo círculo de amigos de Ulm que era composto, entre outros, por Hans Scholl, Inge Scholl e Otto Aicher. A circular constituía um elo entre os amigos e reunia ensaios, redigidos por eles próprios, que apresentavam discussões sobre problemas existenciais e religiosos, refletindo as inquietações da juventude da época.

mas desisti de ir porque queria aproveitar para dormir até mais tarde. À noite, costumo me deitar apenas à meia-noite ou 01h, pois até esse horário estou ocupada com meus trabalhos acadêmicos, lendo livros ou afins. Ontem, durante um jantar na Casa do Lago (restaurante no Jardim Inglês²⁷), combinei com Gisela Schertling que ela me buscaria hoje às 12h em minha casa para almoçarmos juntas. Desisti dessa ideia ontem à noite, após uma conversa com meu irmão, e decidi que viajaria hoje para Ulm no trem expresso das 12h48. Os motivos para essa viagem repentina foram os seguintes:

Uma conhecida de nossa família, de nome Heilwig Kley, residente em Geislingen an der Steige, esposa do professor de escola Albert Kley, nascida em Hamburgo, pediu a meus pais no verão passado que eles acolhessem uma amiga dela (de Kley) de Hamburgo, que estava grávida. Com o consentimento de meus pais, essa amiga dos Kley, Ruth Düsenberg, solteira, enfermeira de recém-nascidos, chegou em outubro de 1942 a Ulm, de onde pretende partir de volta para Hamburgo na próxima sexta ou sábado com seu filho que já nasceu (no dia 29/11/1942). Eu queria viajar hoje para casa para rever a Srta. Düsenberg e o bebê. Como o dinheiro que eu tinha não seria suficiente para comprar a passagem para Ulm (eu só tinha comigo mais 7 RM e a viagem até lá custa 7,40 RM), meu irmão pretendia ir ao banco antes da minha partida para sacar dinheiro e me entregar. Desconheço em qual caixa ou banco meu irmão possui conta, sei somente que a agência do banco ou caixa econômica fica em frente à estação de trem Holzkirchen.

²⁷ Jardim Inglês [Englischer Garten]: famoso parque urbano de Munique, aberto ao público em 1792. O nome se deve ao fato de o paisagismo seguir o estilo inglês, que imita as formas autênticas da natureza (em oposição aos estilos mais geométricos, como o francês barroco, rígido e simétrico).

Restaurante da “Casa do Lago” no Jardim Inglês de Munique, 1937. (Foto de cartão postal da época)

Antes mesmo de sairmos de casa, avisei meu irmão que, no caminho para o banco e para a estação, passaríamos na Universidade, onde eu queria avisar minha amiga Gisela que não me buscasse para almoçar, pois eu havia mudado nosso plano original e viajaria para casa. Eu sabia que Gisela Schertling estaria na aula de Introdução à Filosofia do professor Huber²⁸, que acontecia em um auditório acima das escadas, na ala direita do edifício (nº da sala de aula desconhecido), e que essa aula terminaria por volta das 11h00. Quando adentramos o edifício da universidade, na escada para o primeiro andar eu e meu irmão nos deparamos com diversos estudantes que haviam acabado de sair da aula do professor Huber. Dentre esses estudantes vi a estudante Traute Lafrenz, uma conhecida minha que é natural de Hamburgo e frequenta aqui o 7º ou 8º semestre de medicina. Ao passar por Lafrenz, que conheci há cerca de um ano através de meu irmão, cumprimentei-a e ela retribuiu meu cumprimento, portanto deve ter me visto. Quando chegamos à sala do professor Huber, a aula ainda não havia terminado e resolvi subir mais um andar para mostrar ao meu irmão o Instituto de Psicologia, onde tenho aulas com frequência. Quando chegamos ao segundo andar, avistei sobre a balaustrada de mármore que separa o segundo andar do pátio interno uma pilha de panfletos de aproximadamente 5 a 6 cm. Antes disso, eu e meu irmão já havíamos encontrado tais panfletos no corredor do primeiro andar, espalhados pelo chão ou deixados pelos cantos em montes assimétricos. Cada um de nós recolheu uma dessas folhas, leu-a de relance e depois guardou o panfleto consigo. Meu irmão, que achou graça dos panfletos, enfiou o seu na bolsa, enquanto eu guardei

Pátio interno [Lichthof] da Universidade Ludwig-Maximilian de Munique, com a balaustrada de onde Sophie Scholl empurrou os panfletos. (Foto atual, mas a arquitetura original está preservada). © Weiße Rose Stiftung e.V.

²⁸ A aula “Introdução Sistemática à Filosofia” [Systematische Einführung in die Philosophie] do Prof. Dr. Kurt Huber era frequentada por um grande número de estudantes, dentre eles integrantes e pessoas próximas à Rosa Branca, como Sophie e Hans Scholl, Willi Graf, Alexander Schmorell, Traute Lafrenz e Gisela Schertling. Elisabeth Hartnagel, irmã de Hans e Sophie Scholl, relatou anos mais tarde: “As aulas do professor Huber ficavam quase sempre superlotadas, inclusive porque ele não perdia nenhuma oportunidade de disparar ataques velados à ditadura nazista, a partir dos conceitos de Leibniz. Tais alfinetadas eram retribuídas com aplausos entusiasmados, e eu tinha a impressão de que a massa dos estudantes parecia esperar justamente por esses instantes” (SCHOLL, 2014, p. 184).

o meu na minha pasta ou no bolso do meu casaco. De qualquer forma, mais tarde estava guardado no bolso do meu casaco. Quando vi os panfletos empilhados na balaustrada do segundo andar, concluí na mesma hora que devia se tratar dos mesmos panfletos que eu e meu irmão encontramos na escada e no corredor do primeiro andar. Ao passar pela balaustrada, dei um empurrão com a mão nos panfletos empilhados, de modo que eles esvoaçaram pelo pátio interno.

Meu irmão só se deu conta desses panfletos quando eles já estavam esvoaçando pelo pátio interno. Agora reconheço que com essa minha atitude cometi uma bobagem pela qual lamento, mas já não posso voltar atrás.

Conforme já mencionado anteriormente, adentrei o edifício da universidade com meu irmão por volta de 10 minutos antes das 11h. Os primeiros panfletos estavam na escada que dá acesso ao primeiro andar, isso já bem na parte de cima da escada. Na primeira metade da escada, ou seja, bem embaixo, já chegando ao térreo, encontramos os estudantes mencionados que vinham da aula do professor Huber, entre eles a estudante Traute Lafrenz. Devem ter se passado aproximadamente 4 minutos entre o momento em que avistamos os primeiros panfletos na parte de cima da escada no primeiro andar e o instante em que joguei os panfletos da balaustrada do segundo andar em direção ao pátio interno. Eu e meu irmão subimos as escadas em passos lentos e sossegados; no caminho, conforme já declarado, recolhemos os panfletos e, seguindo adiante, os lemos de relance, o que desacelerou ainda mais nosso passo. Quando estávamos a ponto de descer do se-

Universidade de Munique em 10 de maio de 1933, dia em que ocorreu a primeira queima de livros em Munique, organizada pela própria Liga Alemã de Estudantes [Deutscher Studentenbund] na Praça Königsplatz. © Bayerische Staatsbibliothek München.

gundo para o primeiro andar, um homem correu em disparada até nós e segurou meu irmão pelo braço dizendo: “o senhor está preso!”. Sem resistir, eu e meu irmão acompanhamos esse homem (o zelador da universidade, Jakob Schmid²⁹) até o gabinete do assessor jurídico da universidade, Dr. Häfner.

Pergunta: Quando a senhora foi abordada pelo zelador no edifício da universidade, por volta das 11h de hoje, sua mala estava completamente vazia, o que não deixa de ser curioso, já que a senhora alegadamente se encontrava a caminho da estação de trem, para viajar para casa. O que a senhora tem a declarar sobre isso³⁰:

Resposta: Do dia 6 até domingo, dia 14/02/1943, eu estive na casa dos meus pais em Ulm e, na viagem de volta de lá, trouxe roupas para mim e para meu irmão; eu havia levado nossa roupa suja para Ulm dia 6 e nesse meio tempo não houve mais roupa suja e eu também não tinha mais nada para levar.

Pergunta: Se a senhora esteve em Ulm de 6 a 14/02/1943, ou seja, voltou para Munique há apenas alguns dias, então é totalmente incompreensível que a senhora gaste agora, poucos dias depois, uma quantia de quase 15 RM para supostamente rever a Srta. Düsenberg e o filho dela, com quem a senhora esteve mesmo poucos dias atrás.

Resposta: Eu já havia combinado com meus pais de ir a Ulm na próxima sexta-feira, porque queria passar o fim de semana em casa. Por isso antecipei em um dia a viagem para Ulm, para ver mais uma vez a Srta. Düsenberg. Além disso, ontem por volta de

²⁹ Jakob Schmid (*1886 - † 1964) foi o responsável pela detenção dos irmãos Hans e Sophie Scholl em 18/02/1943. Zelador da Universidade Ludwig Maximilian desde 1926, Schmid era membro da SA e do NSDAP. No mesmo dia, Schmid prestou depoimento à *Gestapo*, afirmando ter certeza de que os panfletos haviam sido levados à universidade e espalhados lá pelos irmãos Scholl. Dias depois, ele também esteve presente no julgamento dos dois e de Christoph Probst pelo “Tribunal do Povo”. Leo Samberger, então estagiário de Direito em Munique, relatou uma vez a Inge Scholl: “Era cerca de 13h30 quando os juízes se retiraram para deliberar. Na pausa, aquele bedel repugnante da universidade, que, como espectador, apareceu em um terno fino para seu grande momento de glória, deixou-se admirar e festejar pelas pessoas à sua volta como um herói disfarçado” (SCHOLL, 2014, p. 205). No pós-guerra, Schmid respondeu judicialmente por ter sido o delator da Rosa Branca. Foi detido pelo exército dos Estados Unidos em 11/05/1945. Em 15/06/1946, foi julgado e condenado a cinco anos de prisão pelo 10º Tribunal de Desnazificação [10. Spruchkammer] de Munique. Nos dois pedidos de clemência que redigiu, Schmid declarou ter apenas “cumprido seu dever”. Foi solto em 1951.

Jakob Schmid, bedel da universidade de Munique responsável pela prisão dos irmãos Scholl em seu julgamento pelo 10º Tribunal de Desnazificação de Munique, 15/06/1946.

© Haus der Bayerischen Geschichte

16h30 recebemos a visita do namorado ou pretendente da minha irmã Inge, Otto Aicher, que é de Ulm e me disse que também viajaria hoje para passar lá mesmo o resto de suas férias. Além disso, eu sabia que Aicher chegaria aqui 11h30 com o trem de passageiros vindo de Solln e, por isso, queria buscá-lo na estação Holzkirchen.

Pergunta: Durante seu interrogatório, a senhora afirmou não ter visto nenhuma pessoa conhecida no caminho para a universidade, mas disse que encontrou a estudante de medicina Traute Lafrenz na escada que leva ao primeiro andar da universidade. A senhora não viu mesmo nenhuma outra pessoa conhecida sua dentro da universidade³¹?

Resposta: Fora a Lafrenz, na escada que leva ao primeiro andar vi outra estudante de Ulm, cujo nome não me recordo nesse instante. Foi a primeira vez que vi esta senhorita no edifício da universidade, mas não sei quais aulas ela frequenta.

Pergunta: A senhora não consegue se lembrar de ter visto também o estudante Willi Graf dentro da universidade?

Resposta: Alguns estudantes de medicina, trajando uniforme, passaram por nós na escada que leva ao primeiro andar. Pode ser que Graf estivesse entre eles, sem que eu tenha notado. Sei com certeza que Lafrenz e a outra estudante de Ulm, que nos encontraram na escada, estavam com aquele grupo de estudantes, dos quais alguns já estavam com panfletos do tipo em questão nas mãos. Como esses estudantes saíram da aula do professor Huber, cuja sala fica no primeiro andar, devo supor que os panfletos já haviam sido espalhados no primeiro andar

³⁰ Esta é a primeira vez que uma pergunta do interrogador é registrada no protocolo. Tal ocorrência, aliada à percepção de que a partir daqui o texto se torna mais fluído e apresenta algumas marcas de oralidade (tais quais a presença de partículas enfáticas) pode ser considerada um indício de que aqui se inicia uma reprodução um pouco mais direta das falas autênticas do interrogador e da interrogada. Até então, embora seja possível inferir, a partir das mudanças de tópico, as perguntas implícitas do interrogador, apenas as respostas de Sophie estavam sendo registradas em forma de texto corrido. Este era provavelmente ditado pelo interrogador ao datilógrafo, a partir de anotações que aquele havia feito durante a primeira parte da sessão de interrogatório, como era usual no contexto em questão. O interrogador de Sophie Scholl, Robert Mohr, era membro do NSDAP desde 1933 e atuava como investigador-chefe [Kriminalobersekretär] na Central da *Gestapo* em Munique desde 1938. Esteve envolvido, desde o início, nas investigações que apuravam os autores dos panfletos da “Rosa Branca”. No início de 1943, tornou-se chefe da Comissão Especial [Sonderkommission] instaurada na *Gestapo* para apurar esse caso.

Robert Mohr, Foto do cadastro de associados ao Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães (por volta de 1933). © Arquivo particular (In: CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013)

antes mesmo de eu e meu irmão subirmos a escada.

Pergunta: Você e seu irmão costumam trocar muita correspondência com amigos e conhecidos³²?

Resposta: Não. Tanto eu quanto meu irmão recebemos relativamente pouca correspondência. Talvez a cada dois ou três dias; às vezes um de nós recebe correspondência com maior ou menor frequência.

Pergunta: Que horas chega, em geral, o correio da manhã e da tarde? Onde fica sua caixa de correio? Quem a esvazia, em geral? Hoje de manhã a senhora recebeu correspondência? Em caso afirmativo, quem a tirou da caixa de correio?

Resposta: O correio matinal chega em geral às 09h30; o correio vespertino, pouco depois das 17h00. Há uma caixa de correio coletiva para a propriedade da Rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13, prédio dos fundos, que fica do lado de dentro da nossa porta de entrada, no próprio prédio dos fundos. Nessa caixa são depositadas pelo lado de fora as cartas para a família Langenlois, família Pichler, para a Sra. Schmidt, para meu irmão e para mim. Geralmente quem esvazia a caixa é a Sra. Pichler, que distribui a correspondência aos outros vizinhos. Como a Sra. Pichler está trabalhando fora há cerca de oito dias, a chave da caixa de correio, que antes ficava com a Sra. Pichler, agora está conosco. Hoje de manhã, por volta das 09h30, verifiquei eventuais correspondências na caixa de correio e constatei que não havia chegado nada para nós. Apenas para a Sra. Pichler havia chegado uma carta e um cartão postal, que eu tirei da caixa de correio e coloquei sobre o roupeiro que fica no corredor do prédio (procede, essa cor-

³¹ A essa altura, o interrogador de Sophie Scholl (Robert Mohr) já tinha informações do interrogatório de Hans Scholl, pois percebe-se que ele passa a comparar as declarações de Sophie com as de Hans. Hans havia declarado, por exemplo, que ele e Sophie haviam encontrado Traute Lafrenz e Willi Graf quando entraram na universidade. Sophie, por sua vez, até então havia mencionado apenas Traute Lafrenz, possivelmente para não chamar a atenção da *Gestapo* para Graf, que estava amplamente envolvido nas ações da Rosa Branca. Em um relato enviado mais tarde a Inge Scholl, Lafrenz relembra esse momento em que ela e Willi Graf encontraram os irmãos Scholl: “Vi Hans e Sophie pela última vez em 18 de fevereiro. Eu e Willi Graf saímos dez minutos antes do final da aula do professor Huber para tentar chegar a tempo na clínica de psiquiatria. Perto da porta de vidro, Hans e Sophie vinham em nossa direção carregando uma mala. Estávamos com pressa, não falamos muito e marcamos um encontro para a tarde” (SCHOLL, 2014, p. 147).

³² Trata-se do início de mais uma comparação com uma declaração de Hans Scholl durante seu interrogatório. Enquanto aguardava a chegada da *Gestapo* no gabinete do administrador da Universidade, Hans tentava se desfazer de um papel que se encontrava no bolso de seu casaco: um rascunho de panfleto redigido por Christoph Probst semanas antes. Questionado pela *Gestapo* sobre a autoria do texto, Hans afirmou inicialmente que o havia encontrado pela manhã em sua caixa de correio e que desconhecia a autoria do mesmo.

respondência foi encontrada sobre o roupeiro durante a busca³³). Depois de esvaziar a caixa de correio, avisei meu irmão que não havia chegado correspondência para nós. Não sei se meu irmão estava aguardando alguma correspondência para hoje.

Quando eu e meu irmão saímos de casa hoje de manhã, por volta das 10h30, a caixa de correio da casa com certeza estava vazia, pois eu a havia esvaziado cerca de uma hora antes. Depois de esvaziar a caixa de correio, eu a tranquei de novo e pendurei a chave em um prego, junto a outras chaves, no compartimento de vidro, entre o roupeiro e o compartimento de vidro. Quando saímos de casa às 10h30, eu e meu irmão saímos do nosso apartamento juntos. Esperei por meu irmão no corredor ou na porta do prédio enquanto ele trancava as portas do apartamento.

A caixa de correio da nossa casa tem uma fresta de vidro na parte de trás. Portanto, quando há correspondência na caixa, é possível vê-la sem dificuldade pelo lado de fora. Quando deixei a casa junto com meu irmão no horário mencionado, a caixa de correio com certeza estava vazia, pois caso contrário teria chamado minha atenção.

Pergunta: Quem carregou a mala desde a saída de casa até vossa apreensão?

Resposta: Que eu me lembre, quem carregou a mala de casa até a frente da universidade foi meu irmão. Dentro na universidade, nós nos revezamos com a mala, não sei mais ao certo.

Pergunta: A senhora comprou selos nos últimos tempos³⁴? Em caso afirmativo, quais tipos, em que

³³ Mohr havia participado pessoalmente da primeira busca realizada na casa dos irmãos Scholl (na rua Franz-Joseph-Straße, nº 13) às 11h30 de 18/02/1943, na qual foram apreendidos diversos objetos (dentre eles uma máquina de escrever e uma lista de endereços) que sugeriam a participação de ambos na produção e distribuição dos panfletos da Rosa Branca, mas ainda não constituíam qualquer prova definitiva.

³⁴ No próprio dia 18/02/1943, funcionários da *Gestapo* realizaram uma segunda busca na casa dos irmãos Scholl e encontraram uma prova mais concreta de que estes estariam envolvidos na produção dos panfletos “subversivos”: uma folha com mais de 100 selos e correspondências. A caligrafia de uma delas seria supostamente compatível com a do rascunho de panfleto encontrada com Hans Scholl. Os resultados dessa nova busca são os prováveis motivos para as próximas perguntas (acerca dos selos e da suposta carta anônima – na verdade o rascunho de Christoph Probst – encontrada por Hans na caixa de correio) e para a advertência de Mohr a Sophie.

quantidades e em qual agência dos correios?

Resposta: Há cerca de 10 ou 12 dias comprei, na agência dos correios nº 23 da Rua Leopoldstrasse, cerca de 10 selos de 12 centavos, talvez 5 de 6, 4 de 4 e 4 de 8, dos quais acredito que gastei quase todos junto com meu irmão, a não ser alguns poucos que devem estar na minha carteira.

Pergunta: Devido às circunstâncias em que foi encontrada na universidade, a senhora está sob forte suspeita de ter levado os panfletos em questão ao prédio da universidade em sua mala e os distribuindo lá junto com seu irmão. Há uma série de fatos que justificam essa suspeita. Aconselho fortemente³⁵ que, especialmente em relação a esta pergunta, a senhora diga a verdade, sem fazer restrições nem levar em conta fatos secundários.

Resposta: Mesmo diante das sérias acusações e advertências, sou obrigada a reafirmar que não tenho absolutamente nada a ver nem com a produção nem com a distribuição dos panfletos em questão. Eu mesma reconheço que uma série de suspeitas iniciais depõem contra mim e contra meu irmão e que, caso os verdadeiros responsáveis não sejam encontrados, essa suspeita talvez recaia definitivamente sobre nós.

Pergunta: Não pode restar então nenhuma dúvida de que, ao sair de casa hoje de manhã, a senhora esperou na porta da casa dos fundos por seu irmão, que, enquanto isso, trancava a porta de entrada do apartamento. Portanto, a senhora certamente teria visto se houvesse mais correspondência na caixa de correio da casa ou se seu irmão tivesse retirado algo de lá nesse momento.

³⁵ Em entrevista ao jornalista Ulrich Chaussy, Anneliese Graf – irmã do membro da Rosa Branca Willi Graf, que também foi interrogada por Mohr na época – relatou que, durante seus interrogatórios, Mohr colocava-se frequentemente como alguém que só queria ajudar e “se vestia de ares paternais” (cf. CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013. p. 180). O modo como algumas de suas perguntas a Sophie Scholl estão registradas nos protocolos, em forma de “conselho” ou com o uso de verbos modais, parecem confirmar essa estratégia de Mohr, funcional para seu trabalho na *Gestapo*.

Resposta: Só posso repetir que não vi mais correspondências na caixa de correio. Eu certamente teria percebido se meu irmão tivesse retirado algo da caixa de correio nesse momento, já que para isso ele teria primeiro que buscar as chaves atrás da porta, no corredor de casa, e destrancar a caixa de correio. Além disso, se fosse o caso eu poderia ter tido interesse nessa correspondência, que podia ser endereçada a mim. Ao sairmos juntos da casa dos fundos, meu irmão certamente não abriu nem leu nenhuma carta, até onde posso me lembrar³⁶. Se fosse o caso, eu teria visto.

³⁶ “até onde posso me lembrar” [soweit ich mich entsinnen kann], trecho que restringe o significado de certamente [bestimmt] na oração, foi inserido por alguém posteriormente, à mão, ao texto datilografado. A caligrafia não parece ser compatível nem com a de Robert Mohr, nem com a de Sophie Scholl.

Acréscimo à mão do trecho “até onde posso me lembrar” [soweit ich mich entsinnen kann] no texto datilografado.

Autoridade interrogadora

Lido e assinado

pessoalmente

Inv.-chefe

Testemunha:

Funcionário administrativo³⁷

³⁷ Via de regra, os protocolos eram assinados por três pessoas: a autoridade interrogadora, o interrogado e uma testemunha.

Polícia Secreta do Estado

Central da Polícia do Estado em Munique

Continuação do interrogatório da inquirida³⁸

Sophie S c h o l l

Após ter-me sido revelado que meu irmão, Hans S c h o l l, decidiu honrar a verdade e, partindo das razões que motivaram nossa ação, dizer a pura verdade, também não quero mais me privar de declarar tudo o que sei sobre esse caso para ser lavrado em protocolo. Depois de ter sido mais uma vez minuciosamente advertida a dizer a verdade, tenho a seguinte confissão a fazer:

“Estávamos convictos de que a guerra já está perdida para a Alemanha e de que cada vida humana sacrificada por essa guerra perdida é em vão. Especialmente as vítimas provocadas por Stalingrado³⁹ nos motivaram a empreender algo contra esse derramamento de sangue que consideramos absurdo.

As primeiras conversas entre mim e meu irmão sobre esse problema ocorreram no verão de 1942. A princípio, o único meio que encontramos para agir contra o que estava se passando foi debater com nossos conhecidos mais íntimos sobre aquilo que mais nos preocupava. Logo eu e meu irmão tivemos que reconhecer que, com essa atitude, na verdade não estávamos fazendo nada que pudesse encurtar a guerra em um dia que fosse. Numa combinação com meu irmão, em julho do ano passado, concordamos em buscar meios para influenciar as grandes massas e

³⁸ De acordo com um relato Else Gebel – prisioneira da *Gestapo* que dividiu a cela com Sophie Scholl durante o tempo que esta esteve detida no Palácio de Wittelsbach (sede da *Gestapo* em Munique) – o primeiro interrogatório de Sophie Scholl teria durado cerca de três horas (das 15h00 às 18h00 do dia 18/02/1943). Por volta de 18h00, Sophie e Hans teriam sido conduzidos às suas respectivas celas para o jantar e, meia hora mais tarde, buscados para a continuação do interrogatório, cujos protocolos têm início aqui. Nessa segunda sessão de interrogatório, que teria se estendido por toda a madrugada de 18 para 19/02/1943, Sophie e Hans confessaram sua participação nas ações da Rosa Branca. Nas palavras de Else Gebel, “Às 06h30 um rapaz do presídio me trouxe o café da manhã. [...] Minha pequena esperança, de que talvez você tivesse, sim, sido liberada de madrugada é logo lançada por terra. Vocês teriam sido interrogados a madrugada toda e, quase de manhã, depois de terem negado por horas, vocês teriam confessado diante do peso das provas”. [Um ½ 7 Uhr wird der Kaffee von einem Hausburschen hineingereicht. [...] Meine kleine Hoffnung, Du wärest in der Nacht doch entlassen worden, wird schnell zunichte. Ihr wäret beide die ganze Nacht verhört worden, gegen morgen hättet Ihr unter dem Druck des Belastungsmaterials, nach vorher stundenlangem Leugnen, gestanden]. (Fonte: Else Gebel, *Dem Andenken von Sophie Scholl*, Novembro de 1946, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/ Bd. 176).

³⁹ Pouco antes da prisão dos irmãos Scholl, havia chegado até a população alemã a notícia da derrota catastrófica em Stalingrado: o 6º exército alemão, comandado pelo general Friedrich von Paulus havia sido completamente cercado pelas tropas soviéticas na região de Stalingrado

trazer a população para o nosso lado. Naquela época já surgiu a ideia de redigir, reproduzir e distribuir panfletos, mas sem prever ainda concretamente como colocar esse plano em prática. Hoje já não sei bem se a ideia da produção de panfletos partiu de mim ou de meu irmão. Por volta de junho de 1942, nos abrimos com Alexander Schmorell, que já é nosso amigo há algum tempo, por acharmos que ele compartilharia de nossas convicções. Quero mencionar aqui que o pai de Schmorell é alemão-russo e a mãe (já falecida) é russa. Antes de estourar a guerra contra a Rússia soviética, Schmorell não se interessava nem um pouco por política. Somente mais tarde, ou seja, após o início das hostilidades com a Rússia, ele começou a se interessar pelo andamento da guerra e, em especial, pelos acontecimentos militares. Schmorell possui uma ligação sentimental muito forte com a Rússia, apesar de⁴⁰ tempos atrás seus pais terem sido obrigados a fugir da Rússia e terem emigrado para a Alemanha, onde adquiriram a nacionalidade alemã, que o filho Schmorell também possui hoje. Mesmo que no fundo ele seja um inimigo absoluto do Bolchevismo, os sentimentos que ele ainda nutre por sua pátria o deixam inseguro do ponto de vista político. Nas primeiras conversas com Schmorell, este levantou diversas objeções contra nossos planos, sugerindo que tudo se resolveria sozinho, sem que fosse preciso intervir. Se no fim Schmorell se prontificou a participar mais de perto da concretização de nossos planos, foi acima de tudo porque ele não pensa em termos políticos com sensatez suficiente e se deixa entusiasmar com muita facilidade.

em 23 de novembro de 1943. Só do lado alemão, cerca de 150 000 soldados morreram durante a batalha (muitos deles por congelamento, já que as tropas alemãs não estavam preparadas para enfrentar o rigoroso inverno russo) e 91 000 foram presos pelas tropas soviéticas. Destes, apenas 5 000 retornaram à Alemanha (muitos deles apenas uma década depois do fim da guerra). A Batalha de Stalingrado é considerada até hoje um dos combates mais sangrentos da História, tendo provocado, ao todo, cerca de dois milhões de mortes.

⁴⁰ A utilização da conjunção concessiva “obwohl” (apesar de, embora) – que denota uma contradição ou um fato inesperado – parece se tratar nesse contexto de uma intervenção da voz do interrogador na reprodução da fala de Sophie Scholl. Justamente no momento em que a guerra contra a Rússia atingia seu auge e o chefe da propaganda nazista Joseph Goebbels incitava cada vez mais o ódio contra os povos eslavos, a oposição traçada aqui entre a “Alemanha bondosa” (que teria acolhido a família de Schmorell) e a “Rússia cruel” (tomada pelos inimigos bolcheviques, de quem a família de Schmorell teria fugido) apresenta um eco do discurso nazista. Assim, é muito mais provável que a apresentação do fato de Schmorell viver na Alemanha, mas ainda nutrir sentimentos positivos pela Rússia, como algo “contraditório” tenha vindo de Robert Mohr (representante da ideologia e do discurso nazistas) do que de Sophie Scholl. O fato de tal ocorrência aparecer em meio à primeira parte do protocolo, onde o texto era construído pelo interrogador a partir de suas anotações fortalece essa hipótese.

Em dezembro de 1942, depois de várias e longas conversas sobre esse tema, eu e meu irmão amadurecemos a decisão de redigir um panfleto, reproduzi-lo em grande quantidade e distribuí-lo. A essa altura, Schmorell provavelmente sabia do nosso plano concreto, mas não participou dele ativamente; a princípio, ele foi mais um cúmplice e espectador⁴¹.

O primeiro panfleto⁴², de título "Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha. Apelo a todos os alemães!" e com a frase final "Apoiem o movimento de resistência, distribuam os panfletos!", foi escrito pouco depois do ano novo de 1943 por meu irmão, junto comigo. Mostramos o rascunho do panfleto escrito na máquina de escrever a "Alex", que acatou o conteúdo sem sugerir qualquer mudança ou acréscimo⁴³. Quando essa questão estava mais ou menos adiantada, o próximo passo era conseguir o material necessário: papel para cópias, envelopes de carta e estênceis. Eu e meu irmão fomos comprar em papelarias locais ao todo cerca de 10 000 folhas de papel e também algo em torno de 2 000 envelopes de carta⁴⁴. Além disso, meu irmão comprou um mimeógrafo novo (marca desconhecida) pelo preço de 200 RM em uma loja especializada daqui. Os estênceis, cerca de 20 unidades, também foram comprados pelo meu irmão.

Meu irmão escreveu os estênceis de cada um dos panfletos na minha presença, na máquina de escrever que "Alex" colocou à nossa disposição. Então fizemos as cópias juntos em nosso mimeógrafo. Os destinatários foram escritos única e exclusivamente por mim e por meu irmão. Eu utilizava, na maioria das vezes, a máquina de escrever da senhora Schmidt e escrevi os destinatários em que trata-

⁴¹ Trata-se de uma mentira, provavelmente para encobrir a participação real de Alexandre Schmorell nas ações. Na verdade, a ideia de produzir e reproduzir panfletos foi colocada em prática inicialmente por Hans e Schmorell, em junho de 1942.

⁴² A essa altura, Sophie confessa apenas o envolvimento dela, de seu irmão e de Schmorell na produção dos últimos dois panfletos (de um total de seis que foram redigidos pelo grupo). Como os quatro primeiros ainda não haviam sido até então tematizados no interrogatório, ela omite a autoria dos mesmos.

⁴³ Na verdade, tanto Hans Scholl quanto Alexander Schmorell escreveram cada qual um rascunho para este panfleto (o quinto do grupo). Na tarde de 13/01/1943, o Professor Kurt Huber leu ambos, decidiu-se pela versão de Hans, revisou-a e teve participação ativa na redação da segunda parte do texto. Em nenhum momento de seus interrogatórios, Hans e Sophie Scholl mencionaram a participação de Huber na produção do quinto e do sexto panfletos.

⁴⁴ O papel e os envelopes necessários para a produção dos panfletos foram adquiridos por diversas pessoas ligadas ao grupo. Além de Sophie Scholl, Willi Graf, Alexander Schmorell, Gisela Schertling e Traute Lafrenz compraram envelopes para os panfletos em diferentes lojas. Assim, evitava-se que uma só pessoa provocasse desconfiança ao comprar grandes quantidades de envelopes.

mento, nome e endereço não vêm um debaixo do outro, mas sim escritos gradativamente à direita do envelope. Meu irmão, por sua vez, utilizou a máquina de escrever do "Alex" e escreveu nos envelopes tratamento, nome e endereço um simetricamente debaixo do outro. Os endereços necessários de Viena, Salzburgo, Linz, Augsburg, Stuttgart e Frankfurt foram copiados sobretudo por mim e por meu irmão de livros de endereços destas cidades dos anos 1939-1941, localizadas no Museu Alemão. Uma vez, "Alex" também copiou conosco tais endereços. Para preparar as cartas com panfletos destinadas ao envio a locais fora de Munique levamos cerca de 14 dias e só então postamos essas cartas nas respectivas localidades. Na tarde de 25 de janeiro de 1943, fui às 15h00 com o trem expresso a Augsburg, onde desembarquei uma hora depois⁴⁵. Levava comigo em uma mala cerca de 250 cartas destinadas a moradores de Augsburg. Como cerca de 100 dessas cartas não estavam seladas, comprei na agência dos correios da estação de trem de Augsburg 100 selos de oito centavos, selei as cartas que estavam sem selo e as despachei no correio da estação. Depositei aproximadamente metade das cartas na caixa de correio do balcão e a outra metade na caixa de correio em frente ao prédio da agência. Depois disso, ainda na mesma noite, às 20h15, voltei de Augsburg para Munique, onde desembarquei do trem expresso que chega às 21h06. Por volta das 06h00 da manhã seguinte (26/01/1943), Schmorell foi a Viena com o trem expresso via Salzburgo e Linz e, durante o trajeto, despachou em Salzburgo e Linz as cartas destinadas a essas cidades e em Viena, por fim, aquelas para Viena e Frankfurt. Havíamos preparado 200 para Salzburgo, 200 para Linz, 1 000

⁴⁵ Na verdade, Sophie Scholl parou em Augsburg durante uma viagem de volta de Ulm, onde havia entregue ao estudante Franz Joseph Müller 2 500 panfletos. Müller e seu colega de escola Hans Hirzel adquiriram envelopes para esses panfletos e os endereçaram. Hirzel levou uma parte deles a Stuttgart, onde contou com a colaboração de sua irmã (Susanne Hirzel) para despachá-los pelo correio. Hans Hirzel foi denunciado por dois colegas da Juventude Hitlerista, a quem uma vez pedira ajuda para distribuir os panfletos, e intimado para depor na *Gestapo* de Ulm em 17/02/1943 (ou seja, um dia antes de os irmãos Scholl serem presos). Durante esse interrogatório, Hirzel negou as acusações dos dois amigos, mas citou o nome de Sophie Scholl. Foi liberado ainda no mesmo dia. Entretanto, quando os irmãos Scholl foram presos em Munique, a polícia de Ulm retomou as investigações, interrogou e prendeu diversas pessoas do círculo de amizades dos Scholl, dentre elas os irmãos Hirzel e Franz Müller. Em 19 de abril de 1943, os três foram julgados pelo Tribunal do Povo na segunda audiência contra membros da Rosa Branca, ocorrida, e condenados a penas de prisão (Hans Hirzel e Franz Müller a cinco anos, Susanne Hirzel a seis meses).

para Viena e 300 para Frankfurt. Apenas as cartas destinadas a Frankfurt ainda precisavam ser seladas. O plano original era despachar as cartas destinadas a Frankfurt em Frankfurt mesmo, para economizar na postagem. Por fim desistimos desse plano, pois calculamos que o custo da viagem a Frankfurt seria maior do que economizariamos nos selos, caso alguém viajasse para lá. Por esse motivo, todas as cartas destinadas a Frankfurt foram devidamente seladas e despachadas por "Alex" em Viena.

Levei as cartas destinadas a Stuttgart, entre 600 e 700 unidades, a Stuttgart e as despachei lá⁴⁶. Parti daqui na quarta-feira, 27/01/1943, com o trem expresso das 16h30, e desembarquei na estação central de Stuttgart às 19h55. Logo depois que cheguei, ainda na noite de 27/01/43, depositei pouco menos da metade das cartas que levei comigo numa mala pequena, todas seladas para trânsito regional, parte em caixas de correio da estação e parte em caixas de correio da zona Sul de Stuttgart. O restante eu joguei em caixas de correio nos arredores de Stuttgart ao longo do dia 28/01/1943. Na madrugada do dia 27 para o dia 28, permaneci na sala de espera da segunda ou terceira classe. Em todo o caso, não pernoitei em nenhum outro lugar. Embarquei no trem de volta a Munique às 23h25 de 28/01/1943 e cheguei a Munique às 03h05 de 29/01/1943. Como nesse horário ainda não trafegavam bondes, tive que fazer o caminho para casa a pé.

Caso eu tenha declarado inicialmente, mesmo que só durante a conversa, que espalhei junto com meu irmão os cerca de 2 000 panfletos distribuídos em Munique na panfletagem da madrugada de 28 para

⁴⁶ Sophie Scholl não foi a Stuttgart para despachar esses panfletos. O trecho que se segue consiste em uma mentira, contada por Sophie provavelmente com o objetivo de não mencionar para a *Gestapo* os nomes dos jovens colaboradores de Ulm. Ela havia entregue os panfletos em questão a Franz Müller em Ulm e foi Hans Hirzel quem os levou a Stuttgart, de onde os despachou junto com sua irmã, Susanne, que era amiga de Sophie.

29 de janeiro, devo admitir agora que não é verdade, pois na madrugada do dia 28 para o dia 29, quando os panfletos foram espalhados, eu estava voltando de Stuttgart para Munique. Foram meu irmão e Schmorell que distribuíram ou espalharam os panfletos. Segundo me disseram, os dois começaram a distribuição às 11 da noite do dia 28/01/1943 e, até pouco antes das 4h00, espalharam cerca de 2 000 panfletos. Meu irmão teria distribuído os panfletos saindo da estação de trem em direção ao norte da cidade, enquanto Schmorell se encarregou da região Sul.

Diante da descrição que me foi divulgada, de um homem com idade entre 30 e 35 anos, cerca de 1m70 de altura, magro, etc. que, entre 7 e 8 horas da manhã do dia 04/02/1943, teria deixado panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha em listas telefônicas localizadas no átrio da central dos correios de Munique, só posso dizer que não sei de quem possa se tratar, caso não seja meu irmão. Meu irmão é, entretanto, maior que 1m70, não possui nenhuma capa de chuva cinza com gola larga e nunca usou bigode ou um chamado bigodinho de Menjou⁴⁷. Também não reconheço entre meus outros conhecidos ninguém que se encaixe nem de perto nessa descrição.

Também admito que, em meus afazeres na cidade entre 30/01 e 06/02, deixei por quatro ou seis vezes panfletos “do Movimento de Resistência” em cabines telefônicas, sobre carros estacionados, etc. Hoje já não me recordo de onde exatamente foi isso. De qualquer forma, com o objetivo mencionado, quando eu andava pela cidade sempre levava alguns panfletos na bolsa para poder fazer uso deles em

⁴⁷ Adolphe Menjou (*1890 – † 1963), ator estadunidense conhecido por sua atuação em diversos filmes mudos e falados. O estilo peculiar de seu bigode era sua “marca registrada”.

Adolphe Menjou (©allaccess)

O estudante Willi Graf, residente em Munique, Rua Mandelstrasse, n° 1, não teve nenhum tipo de participação na produção e distribuição dos panfletos⁴⁸. Suponho que ele tivesse conhecimento das nossas panfletagens, mas devo mencionar que ele não ficou sabendo disso por mim. Comentários feitos por ele em conversas esporádicas me fizeram deduzir que ele devia saber ou ter percebido pelas circunstâncias que nós produzíamos e distribuíamos panfletos. Hoje já não consigo me recordar de comentários específicos desse tipo.

48 Willi Graf participou ativamente das discussões que deram origem ao quinto e ao sexto panfletos do grupo, bem como de sua reprodução. Em 13/01/1943, ele anota em seu diário, referindo-se à produção de um grande número de exemplares do quinto panfleto no mimeógrafo nessa data: “Visita a Hans, à noite também vou lá, vamos começar o trabalho, dar o pontapé inicial” [Besuch bei Hans, auch am Abend bin ich noch dort, wir beginnen mit der Arbeit, der Stein kommt ins Rollen]. (KNOOP-GRAF & JENS, 1988. p. 99.)

[illegible]

49 Trata-se do sexto panfleto distribuído pelo grupo. O conteúdo foi redigido pelo professor Kurt Huber e consistia em um apelo direto aos estudantes universitários de Munique, conforme fica evidente nos dois títulos com os quais ele foi em alemão: “Deutsche Studentin! Deutscher Student!” (Estudante universitária alemã! Estudante universitário alemão!) e “Kommilitonen! Kommilitonen!” (formas de tratamento – feminina e masculina, respectivamente – utilizada entre estudantes, colegas na universidade).

da universidade, meu irmão carregou a mala enquanto eu depositava ou espalhava os panfletos nos mais diversos locais. Num momento de euforia ou por bobagem minha, cometi o erro de atirar entre 80 e 100 desses panfletos do segundo andar da universidade em direção ao pátio interno, o que fez com que eu e meu irmão fôssemos descobertos.

Eu estava plenamente consciente de que nossa ação visava derrubar a atual forma de Estado e atingir esse objetivo através de propaganda perti- nente junto a amplas camadas da população. Preten- díamos ainda continuar agindo nesse sentido. Pelo menos no início, e também mais tarde, não tínhamos a intenção de nos abrir com mais ninguém ou anga- riar colaboradores ativos. Mesmo porque isso nos parecia perigoso demais. Há algum tempo discuti justamente isso com meu irmão, mas, depois de pe- sar as vantagens e desvantagens, concluímos que seria perigoso demais.

Diante da pergunta se ainda acredito ter agido da forma certa, devo responder que sim, pelos mes- mos motivos já declarados no início. Nego com toda a convicção que minha ação junto com meu irmão te- nha sido promovida, incentivada ou financiada por terceiros. Eu e meu irmão agimos movidos puramente por nossas ideias e arcamos sozinhos com todos os gastos que estimo girarem entre 800 e 1 000 RM⁵⁰. Schmorell nos emprestou, para a realização da pan- fletagem, uma quantia de 150 a 200 RM, que preten- díamos restituir nos próximos meses.

O mimeógrafo que meu irmão adquiriu com o úni- co objetivo de produzir panfletos nós guardamos há 14 dias ou três semanas no ateliê do artista plás-

⁵⁰ Sophie Scholl omite aqui, entre outros, o nome de Eugen Grimmin- ger, amigo da família Scholl e cole- ga de seu pai. Em dezembro de 1942, Hans, Sophie e Alexander Schmorell viajaram juntos a Stuttgart. Enquanto Sophie foi visi- tar sua amiga Susanne Hirzel, Hans e Schmorell encontraram Grimmin- ger, abriram-se com ele sobre a produção de panfletos e pediram-lhe auxílio financeiro para dar continui- dade às ações. Grimminger teria dito que não tinha dinheiro no mo- mento, mas que Hans poderia voltar em outro momento para buscar algo. De fato, duas semanas mais tarde Grimminger teria entregue a Hans 500 RM. O nome de Grimminger foi revelado por Alexander Schmorell em seu interrogatório de 01/03/1943. No dia seguinte, Grimminger foi detido pela *Gestapo* e, em 19/04/1943, condenado pelo Tribunal do Povo a dez anos de reclusão com trabalhos forçados. Sua esposa, Jenny, que era judia, foi presa em 10/04/1943 e deportada para Auschwitz, onde foi assassina- da em dezembro do mesmo ano.

Eugen e Jenny Grimminger, 1934
© Archiv des Hohenlohen Tagblatts

tico Eickemeyer, Rua Leopoldstrasse, n° 38, prédio dos fundos. No momento, Eickemeyer está trabalhando como arquiteto em Cracóvia e há algum tempo alugou seu ateliê ao artista plástico Wilhelm Geyer, de Ulm, Rua Syrlinstrasse, n°?. Geyer nos cedeu a chave desse ateliê para que pudéssemos mostrar a nossos amigos e conhecidos alguns dos quadros que Geyer pendurou naqueles recintos. Geyer não faz a menor ideia de que guardamos nosso mimeógrafo no porão do ateliê mencionado. Além disso, Geyer só permanece alguns dias por semana a trabalho em Munique e passa o restante do tempo trabalhando em Ulm.

Por fim, quero ainda mencionar que nossa senhoria, a Sra. Schmidt, é nacional-socialista convicta e não faz a menor ideia das nossas atitudes e ações. Caso seja necessário, peço que relatem o acontecido à Sra. Schmidt e à sua filha com cuidado, pois a filha está esperando uma criança e prestes a dar à luz. Gostaria, portanto, de evitar qualquer aborrecimento a essas pessoas.

Autoridade interrogadora

Inv.-chefe

Lido e assinado

pessoalmente

Testemunha⁵¹:

Funcion. admin.

⁵¹ A ausência da assinatura de uma testemunha, somada ao fato de o interrogatório aqui protocolado ter se estendido por toda a madrugada e não conter erros de ortografia abundantes, pode ser um indício de que o texto deste protocolo específico foi datilografado pelo próprio interrogador, Robert Mohr.

Continuação do interrogatório de Sophie S c h o l l

Pergunta: Desde quando a senhora conhece o sarg.-enfermeiro Willi G r a f? Que tipo de relação a senhora tinha com ele e de que forma ele participou da panfletagem? Embora em seu interrogatório anterior a senhora tenha se manifestado brevemente sobre essa questão, persiste a forte suspeita de que, por algum motivo, seja lá qual for, ainda não tenha dito toda a verdade nesse ponto.

Resposta: A primeira vez que eu vi o sargento Graf, e pode ser que nessa ocasião eu tenha trocado algumas palavras com ele, foi em meados de julho de 1942, quando meu irmão Hans S c h o l l foi destacado para a Rússia junto com a Companhia Estudantil. Fui à estação de trem Ostbahnhof para me despedir de meu irmão e lá ele me apresentou Graf. Hoje já não me recordo se conversei com Graf nessa ocasião.

Depois disso, só revi Graf em meados de novembro de 1942, quando ele estava novamente em Munique depois de voltar da Rússia junto com os outros integrantes da Companhia Estudantil. A segunda vez que o encontrei foi, se bem me lembro, no início de dezembro de 1942 em um concerto que não me lembro mais onde foi.

Até fins de julho de 1942, morei em Munique, na rua Mandelstrasse, nº 1/I, casa da Sra. Beersche. Saí de lá porque o quarto disponível para mim era muito pequeno. Não houve outras razões que me motivaram a mudar de casa, a não ser a de que

⁵² A divisão II da Central da *Gestapo* em Munique era responsável por investigar ações subversivas e tinha como função perseguir e deter qualquer inimigo do regime nacional-socialista. A subdivisão IIA, à qual pertencia parte dos investigadores destacados para trabalhar no caso da Rosa Branca (como Anton Mahler e Eduard Geith) dedicava-se a combater a “ameaça comunista” e, mais especificamente, o que ainda restava do Partido Comunista Alemão [Kommunistische Partei Deutschlands/ KPD]. O fato de as investigações sobre as ações da Rosa Branca terem sido realizadas nesse departamento indicam que a *Gestapo* pressupunha inicialmente que os panfletos teriam partido de uma organização comunista.

⁵³ Comissão Especial [Sonderkommission]: espécie de “força-tarefa” instaurada na *Gestapo* sob a liderança de Robert Mohr com o objetivo específico de apurar a autoria dos panfletos que foram enviados e espalhados em diferentes cidades da Alemanha no início de 1943.

⁵⁴ Robert Mohr

eu estava esperando uma oportunidade de morar junto com meu irmão. Afirmando com todas as letras que naqueles tempos eu e meu irmão não cogitávamos de forma alguma em nossas conversas em questão realizar alguma propaganda contra o Estado atual. Voltando ao tema do meu antigo quarto na casa da rua Mandelstrasse, nº 1, preciso acrescentar ainda que, depois de voltar da Rússia, Graf estava procurando um quarto e meu irmão contou-me do meu antigo quarto na rua Mandelstrasse, nº 1, que àquela altura ainda estava vago porque a locatária nem pretendia mais alugá-lo. Graf conseguiu esse quarto, no qual ele morava até hoje. No início de janeiro, a estudante Anneliese Graf, irmã de Willi Graf, também tornou-se sublocatária da família Beersche.

Do início de dezembro de 42 até agora, Willi Graf veio por volta de 10 a 12 vezes visitar a mim e a meu irmão na rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13, ora permanecendo mais, ora menos tempo conosco. Na maioria das vezes, eram visitas mais curtas e só por 4 ou 5 vezes ele permaneceu, à noite, por mais de uma hora, no máximo por duas horas e meia. Afirmando com todas as letras que Graf não teve nenhum tipo de envolvimento ativo⁵⁵ nas atividades de propaganda (redação, reprodução e distribuição de panfletos) realizadas por mim e por meu irmão com a participação de Schmorrell. Inclusive, eu e meu irmão evitávamos iniciar outras pessoas nesse assunto, inclusive por uma questão de segurança, mas especialmente para não comprometer outras pessoas, isto é, amigos e conhecidos nossos. Reitero que nem eu nem meu irmão Hans, na minha presença, contamos a Willi Graf e a sua irmã Anne-

⁵⁵ Willi Graf teve participação ativa em todos os tipos de ações da Rosa Branca: ajudou na produção e distribuição dos panfletos, participou das pichações noturnas realizadas pelo grupo em diferentes edifícios de Munique e viajou duas vezes de trem a diversas cidades da Alemanha para angariar, dentre seu círculo de amigos, novos colaboradores para as ações do grupo. Em uma das viagens, levou consigo um mimeógrafo e exemplares do quinto panfleto. Entregou-os a Willi Bollinger, que os reproduziu e distribuiu em Saarbrücken. Willi Graf foi detido pela *Gestapo* em 18/02/1943 e condenado à morte pelo Tribunal do Povo em 19 de abril do mesmo ano. Dentre todos os integrantes do grupo que foram condenados à morte, Graf foi o que esperou mais tempo pela execução da sentença (em 12 de outubro), pois a *Gestapo* esperava obter dele mais informações sobre a participação efetiva de Bollinger. Assim como Hans e Sophie Scholl, Willi Graf não delatou ninguém espontaneamente em seus interrogatórios.

liese sobre nossas atividades de propaganda, nem mesmo de forma velada. Mas é verdade que nós (eu e meu irmão) conversávamos livre e abertamente com Graf sobre questões atuais ou sobre a situação política ou militar. Graf compartilhava em grande medida da nossa opinião de que não conseguiríamos vencer a guerra e que por isso a atual forma de governo precisaria e iria mudar automaticamente depois de um colapso. Também conversávamos com frequência sobre assuntos gerais, mas de vez em quando também sobre política, questões filosóficas e teológicas. Lembro-me que uma vez nos debruçamos profundamente sobre a questão de ser ou não possível conciliar as visões de mundo cristã e nacional-socialista. Depois de um longo debate, todos chegamos enfim à mesma convicção: a de que a responsabilidade maior de qualquer cristão é aquela que ele tem perante Deus e não perante o Estado. Em outra ocasião, partindo dos acontecimentos atuais da guerra, discutimos (eu, meu irmão e Graf) se o ser humano, especialmente o ser humano cristão comprometido com os mandamentos divinos, teria o direito de matar, como se exige dos soldados no front. Nesse ponto, chegamos à conclusão de que o cristão também tem o direito de matar na guerra contra o inimigo, porque o combatente não responde por seus atos como indivíduo, mas age como membro dependente de um poder superior. Ocasionalmente discutíamos esses e outros temas semelhantes com Graf, o que me permitiu perceber que ele, em geral, compartilhava de nossa opinião.

Tendo em vista a abrangência e a quantidade relativamente alta de panfletos que apareceram quase ao mesmo tempo em diferentes locais do sul

da Alemanha, um leigo sem dúvida poderia acreditar que se tratava de uma organização maior, que realizava essa propaganda de forma sistemática. Quando postávamos os panfletos destinados, por exemplo, a moradores de Viena, Salzburgo, Linz, Augsburg e Stuttgart a partir de agências de correio localizadas ali mesmo, não o fazíamos apenas com o objetivo de economizar, mas também pretendíamos criar a impressão de que naquelas mesmas cidades e locais havia uma organização que se posicionava, através de propaganda, contra o Estado atual. Em nenhum momento foi nossa intenção desviar através disso o foco de Munique, que é o centro de nossas atividades.

Uma vez disse a meu irmão, e esse era inclusive um tema frequente entre nós, que o surgimento dos panfletos, especialmente por acontecer quase ao mesmo tempo, em diferentes lugares e em quantidade relativamente alta, levaria a Gestapo a acreditar que haveria uma organização maior por trás disso. Às vezes essa indução ao erro era motivo de piada entre nós, principalmente quando, a altas horas da madrugada, eu e meu irmão produzimos de uma só vez cerca de 6 000 panfletos no mimeógrafo. Todos os panfletos distribuídos por nós foram produzidos única e exclusivamente por mim e por meu irmão em duas madrugadas. Na primeira delas, foram cerca de 6 000 panfletos com o título "Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha" e o subtítulo "Apelo a todos os alemães", que foram produzidos ou na madrugada de 21 para 22/01 ou na madrugada de 22 para 23/01/43. Em parte desses panfletos, cujo texto é sempre igual, falta apenas o título "Panfletos do Movimento de Resistência na

Alemanha". Isso aconteceu porque o estêncil rasgou na parte de cima durante nosso trabalho e o local do rasgo precisou ser colado, de forma que o título não apareceu mais nas cópias seguintes, pois havia sido grudado.

Diante da objeção de que na produção desses panfletos foram usados no mínimo oito estênceis diferentes, devo admitir que é verdade, pois o estêncil rasgou várias vezes enquanto produzíamos as cópias, precisou ser colado e por fim, quando não servia mais, substituído por um novo.

Do segundo tipo de panfleto foram produzidas, no total, cerca de 3 000 cópias. Elas têm o título "Colegas universitários" e "Universitária alemã! Universitário alemão!". Esses panfletos também são idênticos em conteúdo, somente o título foi alterado uma vez. Essa mudança se deve ao fato de que, depois de produzida uma estimativa de pouco mais da metade dos panfletos, o estêncil não pôde mais ser aproveitado, meu irmão precisou escrever outro e aproveitou a oportunidade para mudar o título. Também fomos eu e meu irmão que produzimos essa leva, possivelmente na madrugada de 4 para 05/02/43. Da primeira vez, começamos por volta das 20h e terminamos às 3 ou 4h e da segunda vez trabalhamos aproximadamente das 21h até 1h.

Relatei tudo isso com tantos detalhes para mostrar que, com o equipamento que tínhamos à nossa disposição, eu e meu irmão conseguimos trabalhar sem dificuldades na produção dos panfletos. Foram necessários mais trabalho e tempo para obter e preencher os vários envelopes. Só no último domingo à noite (14/02/43) tivemos a ajuda de Schmo-

rell para lacrar os impressos, quando ele fechou o verso dos panfletos, já endereçados e dobrados, com fita adesiva marrom. Ninguém além de S c h m o r e l l participou dessa atividade, e principalmente G r a f não teve nada a ver com isso.

Conforme já mencionei uma vez, acredito que Graf devia saber ou supor, pelas próprias circunstâncias, que nós poderíamos ser os autores e distribuidores desses panfletos. Mas é apenas uma suposição minha, pois não tenho certeza disso. Posso, entretanto, dizer com toda a certeza que de minha parte ele não foi informado de forma alguma, nem mesmo indiretamente, sobre nossas atividades.

Pergunta: Qual é sua relação com a irmã de Willi G r a f, Anneliese G r a f, ou melhor, de que forma ela está ligada às suas atividades de propaganda⁵⁶?

Resposta: A primeira vez que vi Anneliese Graf foi em dezembro de 1942 (era início do mês), quando fui buscar uma mala na casa da Senhora Beersche, minha antiga senhoria. Nessa ocasião, Anneliese foi-me apresentada por seu irmão. Conversamos brevemente, mas somente sobre o curso dela na universidade. Encontrei Anneliese Graf entre 8 e 10 vezes. Nossas conversas giravam sempre em torno de temas literários, musicais ou de outras áreas do conhecimento, mas nunca em torno de política. Sem ter a pretensão de criar um juízo definitivo, considero a Anneliese totalmente despolitizada. Mantenho o que eu disse e insisto que Anneliese Graf não tem absolutamente nada a ver com nossas atividades propagandísticas, com a produção de panfle-

Willi Graf e suas irmãs Mathilde e Anneliese
© Bayerisches Hauptstaatsarchiv

⁵⁶ Anneliese Graf não tinha, de fato, conhecimento das ações da Rosa Branca. Foi, entretanto, detida junto com seu irmão na noite de 18 de fevereiro e permaneceu presa por cinco meses. Durante esse tempo, ela foi, assim como Willi Graf e Sophie Scholl, interrogada pelo investigador Robert Mohr. Pouco antes de ser executado, Willi Graf escreveu uma carta de despedida para sua irmã, que foi levada da prisão em segredo e entregue a Anneliese pelo capelão católico que estivera com Willi. Na carta, Graf atribui a Anneliese a responsabilidade de zelar por sua memória e, junto com os amigos que sobreviveram, levar adiante os ideais da Rosa Branca: “Você sabe que eu não agi de maneira leviana, mas sim movido por uma preocupação profunda e consciente da gravidade da situação. Peço que você zele para que esta lembrança se mantenha viva e consciente em nossos familiares, parentes e amigos. Para nós, a morte não é o fim, mas o início da verdadeira existência, e eu morro confiante na vontade e na misericórdia de Deus. [...] Também diante de meus amigos, peço que você seja firme em preservar minha memória e meu desejo. Você é capaz de entender que não pude deixar-lhes nenhum sinal. Eles devem levar adiante aquilo que começamos” [Du weißt, dass ich nicht leichtsinnig gehandelt habe, sondern dass ich aus tiefer Sorge und dem Bewusstsein der ernstesten Lage gehandelt habe. Und Du mögest dafür sorgen, dass dieses Andenken in der Familie, den Verwandten und Freunden lebendig

tos, a aquisição ou o endereçamento de envelopes. Estou até mesmo plenamente convicta de que ela sequer desconfiava disso.

Pergunta: Durante a busca realizada nos cômodos do atelier Eickemeyer, isto é, no porão do mesmo, foi encontrado, entre outras coisas, um molde para a inscrição "Nieder mit Hitler!" [Abaixo Hitler!]. Junto com isso, havia um par de luvas, tinta e pincel, etc. O que a senhora sabe a respeito da aquisição e utilização do molde e dos acessórios?

Resposta: É a primeira vez que vejo o molde que me mostraram, até então não fazia a menor ideia de sua existência. Em relação a essa pergunta, lembro-me agora que há cerca de três semanas encontrei sobre a escrivaninha de meu irmão pequenas tiras de metal com 6 a 8 mm de largura, mas na época eu não sabia nada sobre a origem daquilo. Como continuei não dando importância a isso, não perguntei ao meu irmão de onde vinham aquelas tiras de metal. Mas depois de ver esse molde, acredito que aquelas tiras de metal sejam recortes das letras do molde em questão. Essas tiras também eram feitas do mesmo tipo de latão que o molde que me mostraram.

No que diz respeito às nossas atividades de propaganda, nos últimos tempos estávamos sobretudo amadurecendo a ideia de nos dirigir aos universitários através de panfletos, pois tínhamos a convicção de que a maioria dos estudantes é revolucionária e entusiástica e, acima de tudo, ousa tomar uma atitude. Quando digo aqui revolucionária, isso não quer dizer que os universitários estejam em clima de revolução contra o Estado atual, o que

und bewusst bleibt. Für uns ist der Tod nicht das Ende, sondern der Anfang wahren Lebens und ich sterbe im Vertrauen auf Gottes Willen und Fürsorge. [...] Auch gegenüber meinen Freunden sollst du bestimmt sein, mein Andenken und mein Wollen aufrecht zu erhalten. Du kannst es ja verstehen, dass ich ihnen kein Zeichen hinterlassen konnte. Sie sollen weitertragen, was wir begonnen haben] (KNOOP-GRAF & JENS, 1988. p. 199 et seq.).

não procede de maneira alguma. De qualquer forma, quando surgiram essas ideias, propus a meu irmão que se fizesse pichações na universidade e arredores, a fim de mostrar que ainda existiam forças agindo contra o Estado atual. Não fiz a meu irmão sugestões concretas para o conteúdo dessas pichações. Diante da minha proposta, meu irmão respondeu que nos concentrássemos primeiro na distribuição dos panfletos, aguardássemos a repercussão e só então pensássemos no que fazer dali em diante. Meu irmão mencionou de passagem que para fazer pichações seria necessário providenciar tinta, o que seria um pouco difícil, já que hoje em dia está complicado de conseguir tinta.

Quando cheguei à universidade para assistir à aula do Professor Huber, por volta das 10h de quinta-feira, dia 04/02/43, vi a palavra "Freiheit" [Liberdade] escrita duas vezes, em letras grandes, do lado direito da entrada da universidade. Depois vi que diferentes partes das fachadas na rua Ludwigstrasse estavam cobertos por papel branco. Em uma das fachadas, pedestres haviam arrancado o papel e eu pude concluir que ali haviam sido pintados, também com um molde, os dizeres "Nieder mit Hitler" [Abaixo Hitler] e uma suástica riscada com um x.

Quando voltei para a casa depois da aula, contei a meu irmão o que havia visto. Meu irmão não se surpreendeu com o que eu relatei, mas tomou tudo como uma novidade interessante e logo me perguntou se a pichação já havia sido apagada ou ainda estava lá e como os estudantes haviam reagido a ela. Contei a meu irmão que muitas faxineiras estavam tentando remover as pichações, mas que esta-

va um pouco difícil. Em relação aos estudantes, eu disse que alguns haviam se referido às pichações como uma "imundice", enquanto outros riram delas.

Na noite anterior a esse incidente, meu irmão disse ainda durante o jantar, por volta das 7h (19h), que ainda precisaria ir à maternidade para ajudar em um parto. Depois do jantar, eu, meu irmão e minha irmã Elisabeth, que estava passando um tempo conosco, fomos ao Bayerischer Hof⁵⁷ assistir um concerto. Depois do concerto, meu irmão nos acompanhou até em casa e meia hora mais tarde, por volta de 11h (23h), saiu trajando roupas civis. Não sei se ele levou consigo uma maleta ou outro suporte.

⁵⁷ Bayerischer Hof: hotel de luxo em Munique, construído em 1841, parcialmente destruído durante a Segunda Guerra Mundial e reerguido no pós-guerra. No térreo, ainda existe um espaço para concertos e apresentações teatrais.

Também não sei dizer a que horas meu irmão chegou em casa naquela madrugada (3 para 04/02/43). Só tornei a vê-lo quando me levantei na manhã seguinte. Não sei mais ao certo se recebemos a visita de algum homem no dia anterior, mas acredito que não.

Pergunta: Foi encontrado em sua casa um caderno de anotações (bloco de notas), onde está registrado um número elevado de endereços e outras notas. O que a senhora tem a declarar sobre isso?

Resposta: Os símbolos e números na primeira página desse caderno de anotações se referem aos gastos (em espécie) que tive com compras pessoais e com a aquisição de papel, envelopes, selos, etc. para a produção e o envio de panfletos. Os símbolos e números que agora estão sublinhados de vermelho são referentes a gastos com atividades de propaganda. O valor totaliza 385 RM - de acordo com minhas anotações, isto é, se é que eu anotei algo nesse sentido. Gostaria de acrescentar aqui que, no va-

lor recém-constatado, está contemplada apenas uma parte de nossas despesas totais para fins de propaganda política. Nossas despesas totais giravam, estimo eu, em torno de 800 a 1 000 RM, incluindo as viagens de trem.

Esse caderno de anotações contém, além disso, 272 endereços de pessoas residentes em Augsburg e 14 endereços de pessoas residentes em Munique. Fui eu mesma que copieei esses endereços de livros (não sei de que ano) que ficam no Museu Alemão. Os destinatários de Augsburg receberam, exceto uns 12, escritos propagandísticos do chamado "Movimento de Resistência na Alemanha". Deixei de fora apenas as pessoas, em torno de 12, cujos dados eu já não conseguia decifrar ao copiar os endereços. Os destinatários de Munique registrados neste caderno não receberam carta nenhuma.

Pergunta: Em sua casa também foi encontrada uma lista dos estudantes da Universidade de Munique do semestre de inverno de 1941/42. Como essa lista chegou às suas mãos e que uso a senhora fez dela⁵⁸?

Resposta: Meu irmão arranhou essa lista no domingo passado (14/02/43) durante a preparação das cartas propagandísticas⁵⁹ com os títulos "Colegas universitários!" ou "Universitário alemão! Universitária alemã!". Não sei se meu irmão já possuía essa lista antes disso. De qualquer forma, copiamos arbitrariamente dessa lista cerca de 1 500 endereços de estudantes, que receberam por correio os escritos propagandísticos mencionados.

Pergunta: Entre outras pessoas, membros de Companhias Estudantis também receberam escritos propagandísticos do tipo produzido pela senhora. Como a

⁵⁸ Essa lista havia sido fornecida aos estudantes da Rosa Branca pelo Prof. Kurt Huber, cujo nome não foi delatado por Sophie nem por Hans em seus interrogatórios.

⁵⁹ Algumas das escolhas lexicais feitas para se referir aos panfletos ou às ações do grupo em geral, tais quais "Propagandabriefen" (cartas propagandísticas) "Propagandaschriften" (escritos propagandísticos), "politische Propaganda" (propaganda política), e "Propagandatätigkeit" (atividades de propaganda), apontam para mais uma forma de intervenção do interrogador, representante da ideologia nazista, na voz da interrogada. Embora tais expressões estejam registradas na reprodução da fala de Sophie Scholl em 1ª pessoa, é pouco provável que tenham partido dela. Trata-se de termos que faziam parte do vocabulário da *Gestapo*, que tinha como uma de suas principais funções o combate a qualquer forma de propaganda "subversiva". Sophie Scholl, que na interação com o interrogador busca, na medida do possível, defender seus amigos e a si própria, dificilmente utilizaria espontaneamente tais termos, que rotulam as atividades da Rosa Branca como um crime gravíssimo perante o sistema policial e judiciário nacional-socialistas.

senhora conseguiu esses endereços e quem os escreveu?

Resposta: Só é de meu conhecimento que diferentes membros da Companhia Estudantil alocada na escola Bergmannschule⁶⁰ receberam nossos escritos propagandísticos. Os endereços foram escritos por meu irmão, que faz parte dessa Companhia. Não sei quantos escritos foram encaminhados a membros da Companhia Estudantil. Também não sei dizer se tais escritos foram enviados a membros de outras Companhias Estudantis. Que eu saiba, e disso tenho até certeza, não foram enviadas cartas com panfletos ao front.

Pergunta: Os resultados da perícia levam a supor que mais de duas máquinas de escrever diferentes foram utilizadas para endereçar as cartas, isto é, para datilografar os endereços nas cartas. Além disso, quero saber como a máquina de escrever Remington chegou às mãos da senhora.

Resposta: Só me resta repetir que apenas duas máquinas de escrever foram utilizadas para escrever os endereços nas diversas cartas (entre três e quatro mil), a saber, a que pertence à Sra. Schmidt (modelo pequeno da marca Erica) e aquela que Schmorell providenciou.

Em relação à pergunta sobre de onde Schmorell trouxe a máquina de escrever Remington, também só posso me reportar às minhas declarações anteriores. Estávamos em meados de janeiro de 1943 quando um dia, sem que eu estivesse presente, Schmorell trouxe a máquina de escrever Remington em questão. Eu não havia pedido que Schmorell providenciasse uma máquina de escrever e

⁶⁰ Os membros da Rosa Branca Hans Scholl, Willi Graf, Alexander Schmorell e seus amigos Jürgen Wittenstein e Hubert Furtwängler pertenciam à 2ª Companhia Estudantil para estudantes de medicina, alocada na escola pública “Bergmannschule” em Munique. Christoph Probst também pertenceu a essa Companhia, mas foi transferido posteriormente para uma Companhia em Innsbruck.

suponho, portanto, que a iniciativa tenha partido de meu irmão. Desconheço a quem pertence essa máquina de escrever. Suponho, entretanto, que Schmorell a tenha pego emprestada de um amigo ou conhecido. Mas não tenho certeza disso.

Pergunta: Quando e através de quem a senhora tomou conhecimento do panfleto "A Rosa Branca"? O que a senhora tem pessoalmente a ver com isso?

Resposta: Em meados de julho do verão passado, durante o intervalo de uma aula na universidade, a senhorita Traute L a f r e n z, estudante de medicina (endereço em Munique desconhecido) que conheço bem, entregou-me para ler um panfleto com o título "Panfletos da Rosa Branca". Que eu saiba, o cabeçalho desse panfleto estava numerado com um IV (em números romanos). Acho que também me lembro de Lafrenz dizer, ao me entregar esse panfleto, que o havia recebido no mesmo dia ou alguns dias antes. O escrito havia sido enviado a ela pelo correio, em um envelope. Enquanto eu lia o panfleto, meu irmão e, que eu me lembre, o estudante Hubert F u r t w ä n g l e r (sobrinho do famoso maestro), da Floresta Negra, endereço exato desconhecido, estavam ao meu lado e também leram esse escrito espiando por cima dos meus ombros. Meu irmão não deixou transparecer através de qualquer expressão facial, gesto ou comentário que tivesse algo a ver com esse panfleto, isto é, com sua produção e distribuição. Enquanto ainda lia o panfleto, perguntei aos que estavam à minha volta o que poderia significar o título "A Rosa Branca". Que eu me lembre, meu irmão respondeu que, se bem se recordava, durante a Revolução Francesa os nobres ablegados traziam uma rosa branca como símbolo em

suas bandeiras. Poucos dias depois, voltei a conversar com meu irmão sobre esse panfleto e, quando questionei quem poderia ser o autor do panfleto, ele respondeu que não era bom ficar perguntando pelo autor, pois assim só o estaríamos colocando em risco.

Fora isso, não vi nem ouvi ninguém falar mais nada sobre o panfleto "A Rosa Branca". Nego terminantemente ter tido qualquer participação, por menor que seja, tanto na redação e na produção quanto na distribuição desse escrito⁶¹. Ainda em julho de 1942 correu o boato entre os estudantes - já não me lembro quem me contou isso na época - de que haviam pego, ou seja, detido, condenado e executado os propagadores da "Rosa Branca".

Pergunta: As circunstâncias levam a crer que a senhora tenha recebido ajuda financeira de terceiros para arcar com os custos da realização de propaganda panfletária.

Resposta: Eu já disse uma vez que não procede. Todos os custos resultantes da aquisição do material necessário, do mimeógrafo, dos selos, das passagens etc. foram assumidos única e exclusivamente por mim e por meu irmão. Por outro lado, é correto que o dinheiro que tínhamos à disposição não era suficiente para custear nosso sustento, o pagamento das taxas de estudo, a aquisição do material necessário para produzir os panfletos, etc., o que me obrigou a pegar dinheiro emprestado de diferentes amigos e conhecidos. Assim, pouco depois do Natal de 1942, peguei 200 RM e há cerca de quatro semanas mais 45 RM. Eu não disse a Schmorell que esses valores seriam utilizados para cobrir as

⁶¹ Quando Hans e Schmorell redigiram e distribuíram os quatro primeiros panfletos da Rosa Branca, entre 27 de junho e 12 de julho de 1942, Sophie já se encontrava em Munique há pouco mais de um mês. Entretanto, até hoje não se sabe ao certo qual foi o real envolvimento de Sophie nessa primeira fase de ações do grupo. Em entrevista a Ulrich Chaussy, Elisabeth Hartnagel (irmã de Hans e Sophie Scholl) disse acreditar que Sophie já tinha conhecimento das ações de resistência planejadas por Hans Scholl antes mesmo de se mudar para Munique, pois teria pedido ao então namorado, Fritz Hartnagel (oficial da Força Aérea Alemã), uma autorização carimbada pela Companhia dele para comprar um mimeógrafo, assim como uma quantia relativamente alta em dinheiro, que teria sido utilizada para a produção dos panfletos (cf. CHAUSSY & UEBERSCHÄR, 2013. p. 112)

despesas necessárias para a produção de panfletos, mas, devido às circunstâncias, ele poderia ou deveria supor que fossem para esse fim. Conheço Schmorell há 1 ano e meu irmão o conhece há cerca de 2 anos. Antes disso, eu nunca havia pego dinheiro emprestado de Schmorell.

Há 8 ou 9 anos conheço Fritz H a r t n a - g e l, 26 anos, natural de Ulm. O indivíduo citado é oficial ativo da Força Aérea Alemã⁶² (capitão) e esteve com o 6º exército em Stalingrado, onde sofreu graves ferimentos causados por congelamento, motivo pelo qual foi transportado de lá por avião antes do fim da batalha, e encontra-se atualmente em um hospital de campanha em Lemberg. Mantenho um relacionamento amoroso com Hartnagel desde 1937 e tínhamos a intenção de um dia nos casar. Em maio de 1942, durante um curto período de férias, Hartnagel colocou à minha disposição, para meu próprio uso, a quantia de 200 RM. Mais tarde, especificamente em julho, recebi dele mais 100 RM. Desse valor total de 300 RM, gastei 40 RM com o próprio Hartnagel, comprando livros para ele. Os 260 RM restantes eu gastei desde o início da produção dos panfletos.

Em correção às declarações anteriores, desejo acrescentar que era meu pai quem pagava as taxas de estudo para mim e para meu irmão.

Pergunta: Desde quando a senhora conhece o estudante de medicina Christoph P r o b s t, de Lermoos, próximo a Garmisch, e qual é sua relação com ele? O que ele tem a ver com a panfletagem, isto é, de que forma ele esteve envolvido nisso?

Resposta: Probst foi-me apresentado por Schmorell

⁶² A *Força Aérea Alemã** [Deutsche Luftwaffe] era, na época, um dos três setores Forças Armadas nacional-socialistas. Durante a Segunda Guerra Mundial, era conhecida por ser uma das forças aéreas mais modernas e poderosas do mundo.

ou por meu irmão durante um concerto em maio de 1942. Depois disso, até o fim do semestre de verão encontrei-me e conversei com ele de duas a três vezes por semana em concertos, na casa dele ou em nossa casa. Em diversas ocasiões, meu irmão estava presente, mas em muitas outras não estava. A opinião política de Probst é, em sua essência, igual à minha e à de meu irmão. Ele também acreditava que não conseguiríamos mais vencer essa guerra. Ele evitava fazer comentários contrários ao Estado atual na nossa frente, provavelmente em consideração à sua família numerosa. Sua esposa deu à luz o terceiro filho recentemente e ainda está com febre puerperal. Que eu saiba, ele não tem absolutamente nada a ver com a redação, produção e distribuição dos panfletos.

Diante da objeção de que Probst teria produzido recentemente um rascunho para um novo panfleto, sou obrigada a declarar, dizendo a verdade, que não sabia de nada disso até o momento.

Sou grande amiga de Probst e de sua esposa. No decorrer do ano passado, fui cerca de quatro vezes visitar a esposa de Probst aos fins de semana. Na minha opinião, do ponto de vista do caráter e do intelecto Probst é uma pessoa mais firme e talentosa do que o comum e parece ter um senso de responsabilidade mais apurado que Schmorell. A esposa de Probst vive completamente para sua família e dedica-se o tempo todo a cuidar de seus filhos. A meu ver, trata-se de uma senhora completamente despolitizada.

Pergunta: Mencione, um a um, amigos e conhecidos seus.

Resposta: Além dos amigos e conhecidos etc. já mencionados, caberia acrescentar aqui os seguintes:

Carl Muth, professor universitário, residente em Munique - bairro Solln, Rua Dittlerstr. nº 10, foi-me apresentado há um ano por Otto Aicher, visito-o pouco para saber se ele vai bem. Homem muito religioso, com quem até o momento não foram mantidas conversas de teor político. 77 anos, fisicamente muito debilitado.

Otto Aicher⁶³, membro das Forças Armadas nacional-socialistas⁶⁴, atualmente afastado por licença médica, nome da unidade militar desconhecido. Aicher é de Ulm, onde seus pais residem na rua Glockengasse, nº 10. É namorado da irmã Inge, frequentou por oito anos a escola secundária, mas não fez o Abitur pois não pertenceu à Juventude Hitlerista. É muito religioso e não compartilha da ideologia nacional-socialista. É, ademais, despolitizado, pois tem interesses totalmente diferentes (filosóficos e artísticos).

Erika Reiff, Ulm, Weinsteige, nº 8.

Concluiu o Abitur, estudante do sétimo ou oitavo semestre de medicina, matriculada na Universidade de Munique desde dezembro de 1942. Encontraram-se aqui uma vez durante um concerto, ademais nenhuma espécie de contato com ela. Do ponto de vista político, é nacional-socialista convicta.

Lisa Remppis, residente em Leonberg, próximo a Stuttgart, Rua Adolf Hitler, nº 16.

Amiga de juventude, 19 anos, aluna do Seminário Fröbel em Stuttgart. Ampla troca de correspon-

⁶³ Otto Aicher (*1922 – † 1991), amigo de juventude dos irmãos Scholl em Ulm, tornou-se posteriormente um artista gráfico alemão de maior renome no século 20. São de sua autoria, por exemplos, os pictogramas desenvolvidos para os jogos olímpicos de Munique, em 1972. Otto, que sempre tivera uma postura crítica em relação ao Nacional-Socialismo, casou-se em 1952 com Inge Scholl. Junto, o casal foi autor de diversas iniciativas para a divulgação da história e preservação da memória do grupo de resistência ao qual pertenceram dois dos irmãos de Inge (e grandes amigos de Otto): Hans e Sophie Scholl.

Otto Aicher (ou Otl Aicher) em seu Ateliê na cidade de Ulm, 1953.
© Hatje Cantz Verlag 2012

⁶⁴ Forças Armadas nacional-socialistas* [Wehrmacht]: criada em 1935, a Wehrmacht abrangia o Exército [Heer], a Marinha de Guerra [Kriegsmarine] e a Força Aérea [Luftwaffe] da Alemanha durante o regime nacional-socialista. Foi dissolvida em 1946.

dências de teor pessoal. Ela própria é despoli-
tizada, seu noivo, antigo oficial (mutilado de
guerra⁶⁵), vê com bons olhos o Estado atual.

Não cultivo outras amizades.

Pergunta: Em algum momento durante o interrogatório mostrei à senhora um cachecol e perguntei se ele pertencia à senhora, a seu irmão ou se a senhora sabia quem era o dono do mesmo.

Resposta: Esse cachecol não pertence nem a mim, nem a meu irmão, também desconheço quem possa ser o dono. Não tenho mais nenhuma declaração concreta a fazer quanto a essa pergunta e estou com a consciência absolutamente tranquila quanto a isso.

Diante da objeção de que neste cachecol estavam enrolados panfletos que foram encontrados no prédio da universidade pouco depois de nossa prisão, não sei como explicar a relação entre os fatos.

Pergunta: O que a senhora sabe sobre um panfleto com o título “10 anos de Nacional-Socialismo!”⁶⁶?

Resposta: Até o momento eu sequer sabia da existência de um panfleto com esse título. Depois de terem me mostrado o original desse panfleto, posso afirmar com certeza que ele não é nem de autoria minha nem de meu irmão. Não saberia dizer nada sobre quem o escreveu ou distribuiu.

Pergunta: Quando Schmorell viajou a Salzburgo, Linz e Viena para postar a correspondência com propaganda, quando ele voltou de lá e, se pernoitou em algum lugar nessas ocasiões, onde foi?

Resposta: Schmorell viajou dia 26/01/43 (numa ter-

⁶⁵ “Mutilado de guerra” [Kriegsbeschädigter] era um termo eufêmico (em tradução literal: “danificado pela guerra”) já utilizado durante a Primeira Guerra Mundial para se referir aos cidadãos que tiveram sua capacidade de trabalho limitada ou anulada por ferimentos sofridos durante a guerra. Um censo realizado na República Federal da Alemanha no fim de 1950 registrou cerca de dois milhões de cidadãos que foram vítimas de ferimentos gravíssimos durante a Primeira ou a Segunda Guerra Mundial. Estes cunharam, assim como as “mulheres de escombros” [Trümmerfrauen] a imagem da sociedade alemã no pós-guerra. (Fonte: SCHILDT, 2007, p. 2)

⁶⁶ O panfleto intitulado “10 Jahre Nationalsozialismus” (10 anos de Nacional-Socialismo) foi espalhado em Munique pelo comunista Emil Meier na madrugada de 30 para 31 de janeiro de 1943. O autor do texto, que tematizava as últimas derrotas nazistas na guerra (e, especialmente a catástrofe de Stalingrado), era seu correligionário Robert Eisinger. Os dois tomaram a iniciativa de produzir panfletos no início de 1943, quando perceberam que a Alemanha não tinha qualquer chance de vencer a guerra e seria arruinada. Ao longo daquele ano, produziram e distribuíram juntos seis panfletos. Meier e sua namorada foram presos em dezembro de 1944, quando atiraram panfletos da janela de um trem em movimento. Sob tortura, Meier entregou à *Gestapo* os nomes de Eisinger e de Anton Heiß, que também havia colaborado na distribuição de panfletos. Os três seriam executados sem julgamento em abril de 1945, mas conseguiram escapar do presídio de Stadelheim pouco antes do fim da guerra. Meier, Eisinger e Heiß não possuíam nenhuma relação ou contato com o grupo Rosa Branca.

ça-feira), às 06 horas da manhã com o trem expresso que parte de Munique para Salzburgo, Linz e Viena, e voltou dia 28/01/43 para Munique, onde desembarcou às 04 horas da manhã. Não sei se Schmorell pernoitou nessas cidades, mas suponho que não, já que ele tinha pouco dinheiro consigo e talvez nem pudesse pernoitar em algum lugar, mesmo que quisesse.

Pergunta: Já lhe perguntei uma vez quanto custou o mimeógrafo utilizado. A senhora disse 200 RM, procede?

Resposta: Foi meu irmão quem comprou o mimeógrafo⁶⁷ e eu não sei exatamente quanto custou. Mas acredito que tenha sido por volta de 200 RM, talvez um pouco mais.

⁶⁷ Na verdade foi Schmorell quem adquiriu os dois mimeógrafos que foram utilizados pelo grupo para produzir panfletos.

Pergunta: Para encerrar seu já extenso interrogatório, devo perguntar se a senhora, por livre e espontânea vontade, tem mais algo a declarar que possa contribuir para esclarecer o caso ou que ainda não tenha sido esclarecido.

Resposta: Diante dessa pergunta, quero ainda declarar que em 5 ou 6 de fevereiro de 1943, depois de ter visto, em 04/02, o dizer "Freiheit" [Liberdade] pintado na universidade, questionei meu irmão quando estávamos sozinhos: "Isso deve ser coisa sua", eu disse referindo-me à pichação "Freiheit", e ele deu a entender que sim com um sorriso. Não sei mais se ele só fez que sim com a cabeça ou se efetivamente respondeu minha pergunta com um "sim". Aconselhei meu irmão a me levar junto com ele em pichações semelhantes, para que eu pudesse protegê-lo de eventuais flagrantes. Mencionei ainda que, caso surgisse algum imprevisto, po-

deríamos seguir caminhando de braços dados e assim não chamaríamos a atenção. Ele achou boa a minha sugestão, mas não concordou com ela, pois acreditava que tais trabalhos não eram apropriados para uma garota.

Em mais um ponto eu não disse a verdade e quero corrigi-lo antes do final de meu interrogatório. Os valores anotados na primeira página do caderno de anotações encontrado em meus pertences foram utilizados única e exclusivamente para fins de propaganda política (produção de panfletos). Na parte superior esquerda encontra-se a letra E, que significa Einnahmen (entradas) e do lado esquerdo a letra A, que significa Ausgaben (saídas). O valor total de E (entradas) perfaz 1 103,50 RM e o de saídas 690,50 RM. Devo reforçar que não anotei todas as despesas. Além disso, acredito que na rubrica de entradas posso ter anotado um ou outro valor duas vezes ou que determinados valores já estivessem embutidos em outras quantias maiores, tendo sido então contabilizados em dobro. As entradas e saídas devem ser quase equivalentes, pois eu não tinha outros valores à disposição e nosso saldo estava quase esgotado, com apenas 40 RM restantes.

Para encerrar minhas declarações, quero citar ainda que declarei tudo o que sei sobre o objeto de investigação. Não omiti nem acrescentei propositalmente nada que não corresponda à verdade. Caso eu venha a me lembrar mais tarde de algo que tenha relação com este caso e que ainda não tenha sido minuciosamente esclarecido ou discutido, me colocarei espontaneamente à disposição para um novo interrogatório.

Pergunta Final: Durante todas as sessões de interrogatório, que se estenderam por dois dias inteiros, discutimos, mesmo que de passagem, diferentes questões políticas e ideológicas. Mesmo depois dessas conversas, a senhora realmente não se convenceu de que seus atos e suas ações junto com seu irmão e outras pessoas, justamente na fase atual da guerra⁶⁸, devem ser considerados um crime contra a Comunidade⁶⁹ e especialmente contra as nossas tropas que lutam bravamente com todas as forças no front oriental, e que precisam ser punidos com a pena mais severa?

Resposta: Do meu ponto de vista, devo responder que não. Acreditei e ainda acredito que fiz o melhor que poderia fazer pelo meu povo justamente neste momento. Por isso, não me arrependo de meus atos e estou disposta a arcar com todas as consequências advindas deles.

Autoridade interrogadora

Ditado em voz alta,
prescindiu de nova
leitura e verificação

Inv.-chefe

Testemunha:

Funcion. admin.

⁶⁸ Em fevereiro de 1943, época em que Sophie Scholl foi detida e interrogada, a situação da Alemanha na guerra era preocupante. Pouco antes, a notícia da derrota em Stalingrado havia sido divulgada. A virada no front oriental, que trouxe consigo um número tão elevado de baixas, abalou profundamente o moral da população alemã e significou para muitos a primeira ruptura com a (até então inabalável) confiança no “Führer” e na vitória da Alemanha. Os acontecimentos de Stalingrado são tematizados no sexto panfleto da Rosa Branca e no rascunho redigido por Christoph Probst, que poderia vir a ser o sétimo panfleto do grupo e se inicia com a seguinte frase: “Stalingrado! Duzentos mil irmãos alemães sacrificados pelo prestígio de um vigarista militar” (SCHOLL, 2014, p. 225).

⁶⁹ Por “Comunidade” entende-se nessa conjuntura a Comunidade do Povo* [Volksgemeinschaft], forma de sociedade propagada pelos nazistas a partir de critérios de pureza racial. Nessa “comunidade de sangue”, classes sociais, partidos políticos, opiniões divergentes e interesses individuais deveriam ser sacrificados em prol de um Bem Comum.

ANEXO 3

Tradução comentada dos protocolos de interrogatório de Hans Scholl

Polícia Secreta do Estado¹

Sede da Polícia do Estado em Munique

Impressão digital colhida *)
Coleta de impressão digital desnecessária *)
Indivíduo — não — identificado *)

Data:
Sobrenome:
Cargo oficial:
Repartição:

(Repartição do servidor responsável pelo interrogatório)

Munique, dia 18 fev. 1943.

Intimado — Conduzido *) apresenta-se

Hans Fritz Scholl

e, advertido a dizer a verdade, informa:

I. Dados pessoais

1. a) Sobrenome, inclusive cognomes (tratando-se de mulheres, informar também o sobrenome de solteira e, se houver, nome do antigo marido)	a) Scholl
b) Nomes (sublinhar o mais utilizado)	b) Hans Fritz
2. a) Profissão Sobre a situação profissional deve-se declarar: — se é proprietário, mestre-artesão, gerente ou empregado, servente, aprendiz, operário de fábrica, auxiliar de vendas, vendedora, etc. — — tratando-se mulheres casadas, a profissão do marido — — tratando-se de menores de idade sem profissão, a profissão dos pais — — tratando-se de servidores ou funcionários públicos, o endereço exato da repartição — — tratando-se de estudantes universitários, o endereço da instituição de ensino superior e o curso frequentado — — tratando-se de portadores de títulos acadêmicos (Dipl. Ing., Dr., D. pp.), quando e em qual instituição de ensino superior o título foi adquirido —	a) estudante de medicina na Universidade de Munique
b) Rendimentos	b)
c) Desempregado?	c) Sim, desde não
3. Nascimento	no dia 22/9/18 em Ingersheim Distrito administrativo Crailsheim Distrito judicial Stuttgart Estado Württemberg
4. Residência ou última estada	em Munique, Distrito administrativo Munique Estado Baviera Rua Franz Josef Straße Nº. 13 casa da Praça Dra. Schmidt Telefone

*) riscar as informações não procedentes

5. Nacionalidade Cidadão do Reich?	D.R. (Reich Alemão)
6. a) Religião (inclusive as anteriores) 1) Membro de uma comunidade religiosa ou ideológica, 2) Crente em Deus, 3) Sem crença b) os 1. pais } são alemães de sangue? 2. avós }	a) _____ luterano 1) sim — qual? _____ nã 2) sim — não 3) sim — não b) 1. _____ sim 2. _____ sim
7. a) Estado civil (solteiro - casado - viúvo - divorciado - separado) b) Nomes e sobrenomes do cônjuge (tratando-se de mulheres, também o sobrenome de solteira) c) Residência do cônjuge (no caso de residências distintas) d) Os pais — avós do cônjuge são ou eram alemães de sangue?	a) _____ solteiro b) _____ c) _____ d) _____
8. Filhos	legítimos: a) Número: _____ - b) Idade: _____ anos ilegítimos: a) Número: _____ - b) Idade: _____ anos
9. a) Pai Nomes e sobrenomes Profissão, residência b) Mãe Nomes e sobrenomes de solteira Profissão, residência (mesmo em caso de pais já falecidos)	a) _____ Robert S c h o l l _____ consultor fiscal em Ulm _____ praça Münster-Pl. n° 33 b) _____ Magdalene Scholl, sobrenome de solteira _____ Müller _____ Ulm, Praça Münster-Pl. 33
10. Sobre o tutor ou curador Nome e sobrenome Profissão, residência	_____ _____
11. a) Passaporte emitido b) Permissão para dirigir automóvel — motocicleta — expedida c) Licença para comércio itinerante expedida d) Cartão de identificação emitido de acordo com o artigo 44a da Lei de Regulamentação do Comércio e da Indústria e) Licença para caça expedida f) Patente de marinheiro ou de timoneiro expedida	a) por chefe de polícia de Ulm em 4/8/1936 N° 723 b) por Hosp. de camp. mot. 615 ² em 15/8/40 Lista 1940/30 N° _____ c) por _____ em _____ N° _____ d) por _____ em _____ N° _____ e) por _____ em _____ N° _____ f) por _____ em _____ N° _____

<p>g) Cartão de benefícios (cartão de benefícios para prestadores de serviço civil) emitido</p> <p>Certificado de homologação de pensão?</p> <p>Previdência social?</p> <p>h) Outros documentos?</p>	<p>g) por _____ em _____</p> <p>Nº _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>h) - Cartão de sócio da Associação Alemã de Alpinismo - Filial de Mun. nº 20 045.</p>
<p>12. a) Eleito ou sorteado para atuar como juiz leigo ou jurado no período eleitoral atual ou posterior? Por qual junta (artigo 40 da GWG - lei de organização judiciária)?</p> <p>b) Juiz de comércio, juiz do trabalho ou ouvidor de Tribunal Social de Honra?</p> <p>c) Exerce tutela ou curatela legal? Sobre quem?</p> <p>Em qual vara tutelar?</p>	<p>a) _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>b) não</p> <p>_____</p> <p>c) não</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>13. Afiliação a alguma câmara subordinada à Câmara de Cultura do Reich (informar a designação exata)</p>	<p>_____</p> <p>_____</p>
<p>14. Afiliação</p> <p>a) ao NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães).</p> <p>b) em quais organizações?</p>	<p>a) desde _____ não é membro do NSDAP</p> <p>último grupo local _____</p> <p>Foi membro do Povo Jovem³ de março de _____</p> <p>b) desde 1933 a março de 1937[7] e líder de patrulha do Povo Jovem a partir de 1935 ou 1936.</p> <p>última composição Atualmente não pertence a _____</p> <p>nenhuma associação nacional-social ou afins _____</p> <p>lista. _____</p>
<p>15. Serviço Obrigatório para o Reich</p> <p>Onde e quando realizou o alistamento?</p> <p>Certificado de incorporação</p> <p>Integrou o Serviço Obrigatório</p>	<p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>de março de 1937 até setembro de 1937</p> <p>Seção 3/265 Local Göppingen</p>
<p>16. Serviço militar</p> <p>a) Para qual unidade foi atribuído no alistamento ou aceito como voluntário?</p> <p>b) Excluído por ser indigno de servir ao Reich? Quando e por quê?</p> <p>c) Serviu:</p> <p>unidade militar</p> <p>local</p> <p>dispensado por</p>	<p>a) Cavalaria, em 1/11/1937</p> <p>assentou praça voluntariamente no Reg. de Cav. 18 em Cannstadt⁴</p> <p>b) não</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>novembro de 1937 março de 1937[8]</p> <p>c) de maio abril de 40 até hoje</p> <p>última unidade de correio militar⁵ 33 194</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>atualmente sargento e aspirante a oficial enfermeiro</p>

17. Condecorações e distinções honoríficas? (citar individualmente)	 Insignia da Muralha Ocidental ⁶
18. Antecedentes criminais (Breve declaração do — da — inquirido(a). Se possível, completar essas declarações com base nos documentos oficiais)	 Alegadamente sem antecedentes criminais ⁷

¹ Para informações sobre o conteúdo padrão desta ficha, confira os comentários nº 1 a 9 na tradução dos interrogatórios de Sophie Scholl.

² Hospital de campanha motorizado [Motorisiertes Feldlazarett]: os hospitais de campanha destinavam-se ao tratamento médico de soldados feridos na guerra. Após um primeiro atendimento nas enfermarias que acompanhavam as tropas, os casos mais graves eram encaminhados a hospitais de campanha, que se estabeleciam, em geral, a uma distância de aproximadamente 15 a 20 km do front. Nesses hospitais eram realizados desde procedimentos mais simples até cirurgias altamente complexas (como a amputação de membros). Os hospitais de campanha motorizados tinham esse nome por serem subordinados a divisões equipadas com maquinaria e veículos movidos a motor, que se locomoviam com mais agilidade do que aquelas que se deslocavam a cavalo. Hans Scholl atuou de maio a setembro de 1940 como sargento-enfermeiro no hospital de campanha motorizado nº 615, que na época se encontrava no front ocidental, envolvido na Batalha da França [Frankreichfeldzug].

³ Assim como seus irmãos, Hans Scholl acompanhou com entusiasmo a ascensão de Hitler ao poder e afiliou-se espontaneamente ao Povo Jovem Alemão (subdivisão da Juventude Hitlerista para meninos de 10 a 14 anos) já em março de 1933. Logo, subiu na hierarquia da HJ e chegou a ser responsável por 160 meninos. Com o tempo, Hans teria, entretanto, começado a questionar algumas atitudes tomadas pelos líderes da Juventude Hitlerista. No inverno alemão de 1935/36, ele criou em Ulm sua própria facção do grupo clandestino “Juventude Alemã de Primeiro de Novembro”, batizada de “Jungenschaft Trabanten” (Juventude Trabante), e começou a se afastar gradativamente da Juventude Hitlerista oficial. A ruptura definitiva de Hans com a HJ deu-se apenas em 1937, quando ele ingressou no Serviço Obrigatório para o Reich.

⁴ Durante sua juventude, Hans Scholl teve uma longa formação militar e diferentes experiências com a guerra. Quando deixou a Juventude Hitlerista, da qual fez parte dos 14 aos 19 anos e onde teve seu primeiro contato com uma rotina “soldadesca”, Hans cumpriu sete meses de Serviço Obrigatório para o Reich em Göppingen. Em novembro de 1937, começou o Serviço Militar Obrigatório – atuou na construção das autoestradas [Autobahnen] projetadas pelos nazistas – e tornou-se recruta do 18º Regimento de Cavalaria em Bad Cannstatt. Em 1940, foi convocado para o front ocidental por cinco meses. Em julho de 1942, foi enviado ao front oriental. Permaneceu lá por três meses como sargento-enfermeiro, junto a outros membros (dentre eles Willi Graf e Alexander Schmorell) de uma Companhia Estudantil de Munique, da qual Hans fez parte de abril de 1941 até sua prisão.

⁵ Através do *correio militar** [Feldpost] era realizada, durante a Segunda Guerra Mundial, a troca de correspondências e encomendas entre os soldados no front e seus familiares, amigos e conhecidos.

⁶ A Insignia da Muralha Ocidental [Westwallabzeichen] foi uma condecoração criada por Adolf Hitler em agosto de 1939 para os alemães que participaram da construção da “Muralha Ocidental” (também conhecida como “Linha de Siegfried”): uma espécie de fortaleza de concreto, planejada a partir de 1936 e construída entre maio de 1938 e setembro de 1939, que se estendia por cerca de 630km na fronteira ocidental (da Suíça até a região de Cleves, fronteira com os Países Baixos) e contava com mais de 14 000 abrigos subterrâneos, além de inúmeras trincheiras. A muralha foi construída, entre outros, por membros do Serviço Obrigatório para o Reich.

⁷ Na verdade, Hans Scholl já havia sido preso uma vez. Em 13 de dezembro de 1937, Hans foi detido em Bad Cannstatt sob suspeita de conspiração coletiva e de ter supostamente assediado um subordinado da Juventude Hitlerista. Chegou a ser condenado, mas a pena foi suspensa por uma lei de anistia assinada por Adolf Hitler. Por esse motivo, no processo aberto contra Hans em 1943 relativo às ações da Rosa Branca, não são mencionados em nenhum momento a prisão ou o processo de 1937/38.

II. Dos fatos

Observação:

S c h o l l foi detido provisoriamente na Universidade de Munique por volta das 11 horas do dia 18/02/1943 sob suspeita de ter distribuído os panfletos

"Colegas universitários!

e, em seguida, trazido à detenção da Central da Polícia Secreta em Munique.

~~Segundo-tenente de~~ Segundo-tenente de SS e invest. crim.

Polícia Secreta do Estado

Central da Polícia do Estado em Munique

Dossiê nº II A/ Com. Esp./ Mah.⁸ Munique, 18 fev. 1943.

Conduzido da detenção, apresenta-se o estudante de medicina

Hans, Fritz S c h o l l ,

nascido em Ingersheim a 22/09/1918, residente em Munique, rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13, casa da Dra. Schmidt e, tendo sido energicamente advertido a dizer verdade, presta as seguintes declarações:

"Meu pai Robert S c h o l l é consultor fiscal em Ulm, às margens do rio Danúbio. Tenho mais quatro irmãos, a saber:

Inge Scholl, nascida em Ingersheim a 11/07/17, residente em Ulm/Danúbio, praça Münsterplatz, nº 33;

Elisabeth Scholl, nascida em Forchtenberg a 27/02/20, mora com os pais em Ulm, praça Münsterplatz, nº 33;

Sophie Scholl, nascida em Forchtenberg a 09/05/21, residente em Munique, rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13;

Werner Scholl, nascido em Forchtenberg a 13/11/22, atualmente nas Forças Armadas nacional-socialistas⁹, unidade de correio militar desconhecida.

Frequentei por quatro anos a escola primária em Forchtenberg, depois por dois anos a escola secundária (Realschule) em Künzensau e no ano de 1932 ingressei na escola secundária superior (Oberrealschule) em Ludwigsburg. Do fim de 1932 até a

⁸ A divisão IIA da *Gestapo* de Munique tinha por função combater ações subversivas vindas de membros e simpatizantes do antigo Partido Comunista Alemão [Kommunistische Partei Deutschlands/ KPD]. A este departamento pertencia Anton Mahler, um dos investigadores da *Gestapo* destacados para trabalhar na Comissão Especial criada para desvendar a origem dos panfletos surgidos em diferentes cidades do Sul da Alemanha no início de 1943. Mahler foi o interrogador de Hans Scholl, Christoph Probst, Kurt Huber, Traute Lafrenz, Hans Hirzel e Franz Müller. Por pertencer à *Gestapo*, logo após o fim da guerra Mahler foi automaticamente preso e exaustivamente interrogado pelos americanos. Em 1948, respondeu a um processo do Tribunal de Desnazificação [Spruchkammer] de Munique. No ano seguinte, sob acusações de lesão corporal e coação a prisioneiros da *Gestapo*, foi condenado pelo 1º Tribunal Regional de Munique a quatro anos de reclusão com trabalhos forçados. Os casos pelos quais Mahler foi condenado foram posteriores aos interrogatórios que conduziu com membros da Rosa Branca.

Palácio de Wittelsbach na rua Briennerstraße nº 33, Munique. Neste local ficava a central da *Gestapo* em Munique, onde foram conduzidos os interrogatórios de Hans e Sophie Scholl. Foi bombardeado pelos Aliados em 1944 e completamente demolido em 1964. © 1998, Kulturreferat der Landeshauptstadt München

⁹ Forças Armadas nacional-socialistas* [Wehrmacht]: cf. comentário nº 64 da tradução dos interrogatórios de Sophie Scholl e/ ou o glossário.

primavera de 1937 frequentei a escola secundária superior em Ulm/ Danúbio. Ali prestei o exame de conclusão¹⁰. Na primavera de 1937, fui incorporado ao Serviço Obrigatório. Eu havia me alistado voluntariamente. Depois disso, pertenci por 7 meses à divisão 3/265 do Serviço Obrigatório para o *Reich* em Göppingen. Em novembro de 1937, entrei voluntariamente para o 18° Regt° de Cavalaria em Bad-Cannstatt, onde servi por um ano. Fui dispensado como aspirante a oficial da reserva, isto é, fui destacado para estudar seis meses na escola de enfermagem de Tübingen. Lá prestei o exame final de enfermagem e, em março de 1939, fui dispensado para frequentar um curso superior. Comecei então a estudar medicina na Universidade de Munique, primeiro um semestre completo e depois dois trimestres compactados¹¹. Durante as férias de verão de 1939 estive na Prússia Oriental, participando da Mobilização para a Colheita¹². Em abril de 1940 fui novamente convocado para as Forças Armadas e vim para a 7ª divisão reservista de enfermagem de Munique. Após a Batalha da França¹³, da qual participei no hospital de campanha nº 615, recebi licença para continuar meus estudos em Munique. Em janeiro de 1941 prestei o exame intermediário de medicina. Em abril de 1941 fui incorporado à Companhia Estudantil de Munique¹⁴, à qual pertenço até hoje no posto de sargento.

Não possuo patrimônio algum. Recebo, por dia, um soldo militar de 1,80 RM e 2,10 RM para alimentação. Além disso, recebo mensalmente 135 RM de soldo de guerra. Não possuo outras fontes de renda. Meus gastos com os estudos são pagos pelo meu pai.

Aluguei dois quartos da Sra. Schmidt, pelos quais pago 120 RM por mês. Além disso, pago 1 RM

¹⁰ As escolas secundárias do tipo “Realschule” surgiram na Alemanha no início do século XVIII. Em seus primórdios, eram voltadas sobretudo para a formação profissionalizante em áreas mais práticas, como comércio, indústria e agricultura. Diferenciavam-se das demais, além disso, por não oferecerem aulas de latim em seu currículo. Por volta de 1900, emergiram delas as escolas secundárias superiores [Oberrealschulen], que dirigiam especial atenção ao ensino de matemática, ciências naturais e línguas modernas. Seu currículo abrangia nove anos de estudos (da 5ª à 13ª série), que sucediam os quatro anos da escola primária [Grundschule] e se encerravam com um certificado de aptidão (ou “maturidade”, como está expresso no nome do exame de conclusão: *Reifeprüfung*) para o ensino superior. Em 1936, o então Ministro da Educação do *Reich*, Bernhard Rust, emitiu um decreto que reduzia o tempo do ensino escolar obrigatório de 13 para 12 anos, tendo em vista os objetivos do segundo plano quadrienal lançado por Adolf Hitler em agosto de 1936. Este plano gerava a necessidade de um maior contingente de soldados nas Forças Armadas e de mais profissionais com formação acadêmica (sobretudo médicos, engenheiros e cientistas) que pudessem ser engajados na guerra iminente. Em 1938, todos os tipos de escolas secundárias foram unificados e passaram a ser chamados de “Oberschulen” (cf. comentário nº 10 da tradução dos interrogatórios de Sophie Scholl).

¹¹ A divisão do ano letivo em três trimestres compactados (ao invés de dois semestres) foi uma medida da política nacional-socialista de ensino superior e tinha como objetivo acelerar a conclusão da formação universitária, garantindo assim mão-de-obra “qualificada” com maior rapidez. Nesse novo sistema, introduzido em 1939, os estudantes frequentavam aulas por 10 meses e meio ao longo do ano. (Cf. GRÜTTNER, 1995. p. 386)

¹² Mobilização para a Colheita [Ernteeinsatz]: no verão alemão de 1939, a Liderança de Estudantes

por cada banho e mais o valor das ligações telefônicas que fizer. Faço minhas refeições quase sempre em restaurantes de hospedarias, dentre eles alguns com maior regularidade, e pago cerca de 1,50 RM por uma refeição. Geralmente somos nós mesmos que preparamos nosso café da manhã e janta. Acho que preciso de cerca de 2,50 RM por dia para minha subsistência.

Não possuo qualquer antecedente criminal e nem está instaurada contra mim qualquer ação penal¹⁵. Em todo caso, nunca recebi punições militares. Não tenho condecorações militares. Possuo apenas a Insignia da Muralha Ocidental.

Em março de 1933 entrei para o Povo Jovem Alemão¹⁶ de Ulm e fui agregado à Patrulha Norte. A partir de 1935 ou 1936 tornei-me Líder de Patrulha¹⁷. Como detinha essa função, não fui transferido para a Juventude Hitlerista geral¹⁸. Ao ingressar no Serviço Obrigatório para o *Reich*, em março de 1937, deixei automaticamente o Povo Jovem. Antes disso, não pertenci a nenhuma organização política ou a associações confessionais. Que eu sabia, antigamente meu pai não era engajado em política e hoje em dia é membro da Associação Nacional-Socialista de Juristas¹⁹. Meus irmãos também pertenceram à Juventude Hitlerista ou à Liga de Moças Alemãs. Diante da pergunta sobre meu posicionamento em relação ao Estado atual, esclareço que sou soldado, me sinto como tal e também cumpro meu dever.

Hoje de manhã acordei por volta de 08h30, tomei café da manhã em seguida, depois li e só saí de casa por volta de 10h30. Levava comigo uma mala vazia. Minha irmã carregava minha mala de couro vazia. Acompanhado por minha irmã Sophie Scholl,

Universitários do *Reich* [Reichsstudentenführung] instituiu para todos os universitários alemães (de ambos os sexos) a obrigatoriedade de auxiliar os camponeses na colheita durante as férias semestrais. Mesmo tendo havido protestos por parte dos estudantes, grande parte deles cumpriu a ordem vinda do gabinete de Gustav Adolf Scheel. (Cf. GRÜTTNER, 1995. p. 341 et. seq.)

¹³ Batalha da França [Frankreichfeldzug]: ofensiva das Forças Armadas nacional-socialistas no front ocidental entre 10 de maio e 25 de junho de 1940. Culminou na ocupação da Bélgica e dos Países Baixos, bem como de parte da França, pelas tropas nazistas. Foi uma das ofensivas expansionistas de Hitler com o objetivo de conquistar mais “espaço vital” [Lebensraum] para o povo alemão. Hans participou dessa batalha como sargento-enfermeiro em um hospital de campanha. Na época, em carta à sua irmã Inge (01/08/1940), ele já expressava seu desapontamento com os rumos tomados pela guerra e com os efeitos dela sobre o ser humano: “A guerra nos faz regredir muito. É inacreditável como o ser humano se tornou ridículo. Saímos da sala de operação e, enquanto alguém morre lá dentro, nós fumamos um cigarro” [Der Krieg wirft uns weit zurück. Man glaubt es nicht, wie lächerlich der Mensch geworden ist. Wir verlassen den Operationssaal, drinnen stirbt einer, und wir rauchen eine Zigarette] (JENS, 2005, p. 47).

¹⁴ As Companhias Estudantis* [Studentenkompanien] eram subdivisões das Forças Armadas nacional-socialistas às quais deveriam pertencer, obrigatoriamente, os estudantes homens de universidades alemãs. Durante o semestre letivo, os estudantes tinham permissão para frequentar as aulas normalmente, mas deviam se apresentar regularmente, uniformizados, em sua Companhia para treinos e revistas. Nas férias, costumavam ser enviados ao front.

¹⁵ Cf. comentário nº 7 desta tradução, sobre a primeira prisão de Hans e o processo movido contra ele pelo

segui da minha casa na rua Franz-Joseph-Strasse, nº 13, até a universidade. Caminhamos pelo lado direito da rua Ludwigstrasse até a universidade e chegamos lá por volta de 10h45. Não sei dizer com exatidão o horário em que chegamos lá. Hoje eu não pretendia assistir aulas na universidade porque no momento estou me preparando para o exame estatal de medicina.

Pergunta:

E o senhor estava fazendo o quê na universidade, se não tem mais aulas lá?

Resposta:

Eu queria encontrar uma amiga lá. Trata-se da senhorita Gisela S c h e r t l i n g, residente em Munique, rua Lindwurmstrasse, nº 13/3, na casa dos Wertheimer. É uma amiga da minha irmã Sophie Scholl. As duas trabalharam juntas no Serviço Obrigatório. Meu namoro com Gisela Schertling começou há cerca de três semanas. Desde então, encontro-me com ela quase todos os dias, nos mais diversos locais. Ela vem com frequência, mas sempre espontaneamente, à minha casa e eu também vou com frequência à casa dela, onde já morei no passado. Pernoitei, até hoje, cerca de três vezes na casa da Schertling, sendo que a última delas foi na noite de 16 para 17/02/1943. Por outro lado, a Schertling já pernitoou com frequência no meu quarto e no quarto de minha irmã.

Pergunta:

Qual é a opinião política de Gisela Schertling?

Resposta:

Schertling vem de uma família que, para mim, é nacional-socialista demais e seu pai é redator de um jornal nacional-socialista que não conheço. Creio

Tribunal de Exceção de Stuttgart em 1937/38.

¹⁶ Povo Jovem Alemão [Deutsches Jungvolk]: subdivisão da *Juventude Hitlerista** [Hitlerjugend] para meninos entre 10 e 14 anos.

¹⁷ Na hierarquia interna do Povo Jovem Alemão, Líder de Patrulha [Fähnleinführer] era a terceira maior patente. Quem ocupava tal cargo era responsável por aproximadamente 160 outros meninos. De acordo com Inge Scholl, Hans teria deixado essa função quando agrediu outro Líder de Patrulha, que se dirigira a um dos garotos subordinados a Hans em tom ameaçador, exigindo que o garoto se desfizesse de uma bandeira confeccionada por seu grupo: “Hans ficou profundamente abalado. Como assim? Aquele líder não sabia o que essa bandeira significava para o seu grupo? Então ela não passava de um pano que poderia ser substituído por qualquer outro? Mais uma vez, o outro ordenou que o menino entregasse a bandeira. Este ficou paralisado, e Hans sabia o que o menino estava sentindo e que não a entregaria. Quando o líder superior repetiu a ordem em tom ameaçador pela terceira vez, Hans viu que a bandeira tremia um pouco. Então não conseguiu mais se controlar. Saiu da fileira e deu um tapa no rosto do outro líder. A partir de então, Hans deixou de ser o líder da patrulha” (cf. SCHOLL, 2014, p. 27 et. seq.).

¹⁸ Em geral, ao completarem 14 anos os meninos deixavam o “Povo Jovem Alemão” e passavam à Juventude Hitlerista propriamente dita: a divisão da organização juvenil oficial do Nacional-Socialismo destinada a rapazes de 14 a 18 anos.

¹⁹ Associação Nacional-Socialista de Juristas [NS-Rechtswahrerbund/NSRB]: associação oficial do Nacional-Socialismo vigente de 1936 a 1945 para aqueles que exercessem alguma atividade profissional no ramo jurídico. A adesão desses profissionais à associação era obrigatória: quem não se afiliasse, perdia o direito de exercer sua profissão. Quando, em agosto de 1942, Robert Scholl foi preso por ter feito

que se trata do jornal "Pössnecker Zeitung". A própria Schertling é um produto de sua família e, assim como eles, nacional-socialista convicta.

Pergunta:

O senhor expressou suas opiniões políticas diante da Schertling? Em caso afirmativo, de que forma?

Resposta:

Eu conversava com a Schertling de forma totalmente objetiva sobre as novidades políticas diárias. Já mais expressei-me de modo negativo sobre o Estado atual e o Nacional-Socialismo na frente dela.

Pergunta: Especialmente em relação a esse assunto, Schertling deu declarações diferentes das suas²⁰. O senhor não prefere dizer a verdade?

Resposta:

Não tenho nada diferente a dizer.

Pergunta:

Quais outras pessoas faziam parte de seu convívio, isto é, com quais pessoas o senhor se encontrava?

Resposta:

Convivo muito com camaradas da Companhia Estudantil. Recebo com frequência visitas do estudante e membro da Companhia Estudantil

Alexander S c h m o r e l l,

residente com os pais em Munique, rua Benediktenwandstraße, nº 12. Conheço-o há anos e estivemos juntos na Rússia, na mesma Companhia. Creio que antigamente Schmorell era membro da organização "Capacete de Aço"²¹. Ele emigrou da Rússia bolchevista para a Alemanha em 1923 e adquiriu a nacionalidade alemã. Schmorell é, no fundo, meu único amigo. Ele me visitava praticamente todos os dias.

Pergunta: Um homem de nome "Willy" faz, sim, parte de seu convívio. De quem se trata²²?

comentários ofensivos sobre Hitler diante de um de seus funcionários, a NSRB puniu-o com a proibição de exercer atividades como consultor fiscal. A partir de então, o pai de Hans só dispunha de autorização para trabalhar como contador.

²⁰ Gisela Schertling (*1922 - †1994) foi a última namorada de Hans. Eles estiveram juntos no início de 1943. Schertling foi presa no próprio dia 18/02/1943, quando foi à casa de Hans e Sophie Scholl – possivelmente para avisar Alexander Schmorell da prisão dos dois, como Hans havia lhe pedido enquanto era levado da universidade pela *Gestapo*. Em seu primeiro interrogatório, no próprio dia 18, Schertling deu à *Gestapo* declarações comprometedoras sobre a visão política de seu namorado e da irmã dele: "Em nossos encontros, falava-se frequentemente sobre questões políticas. Os dois Scholl eram extremamente religiosos e defendiam na minha frente que a nossa visão de mundo atual precisava ser mudada e impulsos cristãos precisavam voltar a se propagar. Scholl dizia sobretudo que deveria vir de novo um tempo em que reinasse mais liberdade nos campos da arte e da literatura. Os dois criticavam principalmente o fato de o *Führer* conceder muito pouca liberdade à igreja e não permitir que os impulsos culturais advindos dela se desenvolvam plenamente. Com frequência, eles defendiam na minha frente a volta da democracia". [Bei unserem Beisammensein wurde öfters auch über politische Dinge gesprochen. Die beiden Scholl sind äusserst klerikal eingestellt und vertraten mir gegenüber immer die Ansicht, dass unser jetziges Weltbild erneuert werden müsste und sich wieder christliche Strömungen ausbreiten müssten. Hauptsächlich erwähnte Scholl, dass wieder eine andere Zeit kommen müsse, in der auf dem Gebiete der Kunst und der Literatur grössere Freiheiten bestehen. Beide kritisierten hauptsächlich, dass der Führer der Kirche sehr wenig Freiheit lasse und die kulturellen Strömungen, die von ihr ausgehen, nicht voll zur Auswertung kommen lässt. Sie vertraten offen mir gegenüber die Meinung, dass wieder eine De-

Resposta: Trata-se do estudante e membro da Companhia Estudantil

Wilhelm G r a f,
residente em Munique, rua Mandlstrasse, nº 1, casa da Dra. Beersche. Mas ele vem me visitar poucas vezes. A última vez que o vi foi casualmente, há dois ou três dias, na rua Ludwigstrasse.

Pergunta:

O senhor mantém contato particular com docentes da universidade?

Resposta:

Não. Mas não quero deixar de mencionar que fui convidado para um tomar chá amanhã à tarde na casa do professor Alfred von M a r t i n, residente em Munique, rua Heimstättenstrasse, nº ?. Conheci v. Martin há alguns anos por intermédio de alguém de quem não consigo me recordar neste instante. Desde então, ele me convida algumas vezes por ano para tomar um chá. Em tais encontros tratamos, entretanto, apenas de questões filosóficas e o convite de amanhã foi motivado por uma carta que enviei para ele da Rússia.

Pergunta:

Com quais outras pessoas o senhor se encontra?

Resposta:

Regularmente com mais ninguém, mas tenho um monte de conhecidos.

Pergunta:

O que continha a mala que o senhor levava consigo hoje?

Resposta:

Nada. A mala estava vazia.

Pergunta:

Por que o senhor roda pela universidade carregando uma mala vazia?

demokratie kommen müsse]. (Fonte: Protocolos de interrogatório de Gisela Schertling, 18 de fevereiro de 1943, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd. 201)

²¹ Capacete de Aço [Stahlhelm]: fundado em 1918, o “Stahlhelm” era uma organização de forte valor simbólico, que enaltecia o mito de uma “irmandade no front” e a suposta invencibilidade do exército alemão. Em seus primeiros anos, desenvolveu-se como opositora do sistema republicano (e, consequentemente, da República de Weimar). Aproximou-se com simpatia da ideologia nazista e, após a ascensão de Hitler ao poder, grande parte de seus membros foi integrada à SA. Em 1934, o Capacete de Aço foi “sincronizado” pelo regime e recebeu a nova designação “Liga Nacional-Socialista dos Combatentes do Front” [NS-Frontkämpferbund]. Um ano depois, dissolveu-se completamente. Alexander Schmorell pertenceu, de fato, a essa organização por pouco tempo em 1933. Chegou a ser incorporado à SA, onde se afiliou à cavalaria, mas, por ser ainda muito jovem, foi logo transferido para a Juventude Hitlerista.

Gisela Schertling, última namorada de Hans Scholl (foto da carteirinha de estudante da Universidade de Munique, 1942). © Arquivo da Universidade Ludwig Maximilian.

²² Ainda no dia 18 de fevereiro, Gisela Schertling delatou à *Gestapo* nomes de diversas pessoas próximas a Hans e Sophie Scholl, que passaram a ser investigadas pela *Gestapo*:

Resposta:

Minha irmã Sophie Scholl queria viajar para a casa dos nossos pais em Ulm com o trem expresso que parte da estação central de Munique às 12h28 ou 16h30.

Pergunta:

Por que o horário da partida não estava definido?

Resposta:

Eu e minha irmã planejávamos nos encontrar às 12h30 na estação de trem de Holzkirchen com

Otto A i c h e r,

endereço e unidade militar desconhecidos, que estava de licença médica. Aicher foi meu colega de escola²³ e seus pais moram em Ulm, ruela Glockengasse, nº 10. Aicher estava em Munique desde domingo passado. Durante esse tempo, minha irmã encontrou-se frequentemente com ele, mas eu só conversei com ele ontem, por cerca de uma hora, em minha casa.

Pergunta:

Como se explica que sua irmã quisesse viajar com uma mala vazia? Isso não é nada comum.

Resposta:

Quem tem que responder essa pergunta é a minha irmã, porque, como se sabe, era ela que ia viajar.

Observação:

Scholl é advertido acerca da falta de objetividade dessa resposta e recebe nova ordem para dar outra explicação para esse fato. Diante disso, ele alegou: provavelmente minha irmã pretendia buscar geleia, toalhas e roupas limpas e talvez meio litro de aguardente.

Pergunta:

O que o senhor e sua irmã fazem com a roupa suja?

“Alex” (Alexander Schmorell), “Willi” (Willi Graf), o Prof. Dr. Kurt Huber, o livreiro Josef Söhnngen e o professor Carl Muth. Os três primeiros seriam, mais tarde, julgados e condenados à morte pelo Tribunal do Povo nacional-socialista.

²³ Na verdade, Otto Aicher foi colega de escola do irmão mais novo de Hans, Werner Scholl.

Resposta:

Minha irmã lava as coisas menores, como lenços e às vezes também camisas, e as coisas maiores, como roupa de cama, nós levamos para serem lavadas em casa. Na maioria das vezes, é minha irmã que leva essas roupas pessoalmente para Ulm.

Pergunta:

Com que frequência sua irmã viaja para casa e quando ela esteve pela última vez em Ulm?

Resposta:

Ela vai com uma frequência irregular, em geral pelo menos a cada quatro semanas. Da última vez, ela permaneceu a semana passada inteira em Ulm porque minha mãe está muito doente. Ela partiu de Munique na sexta-feira, dia 05/02/1943, com o trem matinal das 7 ou 8h e retornou 12 dias depois, chegando em Munique às 21h06 de domingo, dia 14/02/1943. Eu e Gisela Schertling a esperamos na estação e a levamos para casa.

Pergunta:

Por que dessa vez sua irmã não quis levar roupa consigo?

Resposta:

Porque no dia 05/02/1943 ela levou, junto com minha irmã Elisabeth S c h o l l, que estava há oito dias em Munique, toda a roupa suja para Ulm e ainda não havia trazido tudo de volta.

Pergunta:

O que continha sua mala? Por acaso ela também estava vazia quando o senhor saiu de casa?

Resposta:

A mala também estava vazia. Eu pretendia comprar algumas coisas, principalmente cachimbos de barro na loja Diehl.

Pergunta:

Que horas eram quando o senhor chegou na universidade?

Resposta:

Não sei dizer exatamente, mas devia ser por volta de 10h45.

Pergunta:

O senhor encontrou algum conhecido no caminho da sua casa para a universidade?

Resposta:

No caminho não encontrei nenhum conhecido, mas logo na entrada da universidade, do lado da rua Ludwigstrasse, encontrei o estudante de medicina Willi G r a f, residente na rua Mandlstrasse, nº 1, casa da sra. Beersche, e a estudante de medicina Traute L a f r e n z, residência desconhecida. Os dois saíram juntos da universidade e estavam a caminho da clínica psiquiátrica. Não vi outros conhecidos na universidade.

Pergunta:

Dentro da universidade o senhor permaneceu o tempo todo na companhia de sua irmã?

Resposta:

Sim. Assim como eu, ela não tinha nada para fazer na universidade.

Pergunta: Qual caminho o senhor percorreu dentro da universidade?

Resposta: Na universidade percorri, isto é, andei com minha irmã pelos corredores da direita e da esquerda. Assim, chegamos também ao segundo andar.

Pergunta: O senhor sabe onde fica o Instituto Românico da Universidade?

Resposta:

Não; sei apenas que o auditório do Instituto de Psicologia fica do lado direito da universidade,

no segundo andar.

Pergunta:

O senhor permaneceu algum tempo no segundo andar, na altura da escadaria de acesso dos fundos?

Resposta:

Não conheço nenhum acesso na parte dos fundos da universidade, só conheço uma entrada, que é a dianteira.

Pergunta:

Onde o senhor se encontrava quando foi apreendido por um funcionário da universidade?

Resposta:

Naquele momento eu me encontrava no segundo andar, no corredor ao lado esquerdo de quem vem da entrada da rua Ludwigstrasse, portanto na parte sudoeste da universidade. Não sei se o Instituto Românico fica próximo ao local onde eu estava.

Pergunta:

O senhor viu panfletos na universidade? Em caso afirmativo, quando e onde?

Resposta:

Não sei dizer quando, eu subi com minha irmã a escada que leva da entrada da rua Amalienstrasse ao 1º andar. Nesse momento, vi faxineiras juntando panfletos espalhados nessa escada. De quantos panfletos se tratava, eu não sei.

Pergunta:

O senhor reparou de alguma forma em quem espalhou esses panfletos?

Resposta:

Não. Apenas vi os panfletos na escada e as faxineiras os recolhendo. Eu também peguei um desses panfletos e, sem ter lido, guardei-o no bolso interno do casaco. Somente mais tarde li esse panfleto, mais especificamente enquanto fiquei espe-

rando na sala do assessor jurídico da universidade depois de ser detido.

Pergunta:

O que o senhor acha do conteúdo deste panfleto?

Resposta:

Acho o que devo achar como soldado.

Pergunta:

O senhor não quer²⁴ se explicar melhor?

Resposta:

~~Vejo a situação~~ Julgo que essa agitação se comporta, no fundo, de forma semelhante à conduta dos revolucionários de 1918²⁵.

Pergunta:

Há motivos para supor que o senhor próprio faz parte desse círculo que acabou de descrever. O que tem a dizer sobre isso?

Resposta:

Essa suposição é infundada.

Advertência:

Sabe-se que nos últimos tempos o senhor expressou diante de diversas pessoas a opinião de que o nacional-socialismo precisaria ser substituído por uma democracia cristã²⁶. Isso procede?

Resposta:

Nem vou dizer se essa é ou não, no fundo, minha opinião, pois tais discussões não vêm ao caso na situação atual.

Observação:

As declarações de Scholl, segundo as quais ele teria visto os panfletos pela primeira vez na escada que dá acesso ao primeiro andar, são refutadas nas declarações de Jakob Schmid, já que o mesmo encontrou Scholl e sua irmã no segundo andar imediatamente depois de os panfletos terem sido despejados. Scholl foi novamente confrontado com esse

²⁴ A forma “amena” com que as perguntas de Anton Mahler estão registradas consistem em uma estratégia discursiva do interrogador: uma série delas é “suavizada” pelo uso de um verbo modal, contribuindo assim para que o *ethos* do interrogador construído no texto parecesse menos agressivo do que de fato foi naquela situação comunicativa: “O senhor não quer se explicar melhor?” [Wollen Sie sich nicht näher erklären?]; “O senhor não prefere dizer a verdade?” [Wollen Sie nicht lieber die Wahrheit sagen?]; “O senhor não quer dar logo declarações verídicas?” [Wollen Sie nicht bald wahrheitsgemässe Angaben machen?]; “O senhor não quer dizer finalmente...?” [Wollen Sie nicht endlich sagen...?].

²⁵ Trata-se de uma referência à Revolução de Novembro de 1918, que levou à queda da monarquia, à assinatura do Tratado de Versalhes e à proclamação de uma república parlamentarista (a “República de Weimar”) na Alemanha. O processo foi liderado por correntes de esquerda, como a Liga Espartaquista (presidida por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, entre outros) e membros dissidentes do Partido Social-Democrata Alemão [Sozialdemokratische Partei Deutschlands]. Os nacional-socialistas consideravam a Revolução de Novembro um movimento vexatório e costumavam designar todos os envolvidos nele como “criminosos de novembro” [Novemberverbrecher].

²⁶ Essa informação foi dada à *Gestapo* por Gisela Schertling. Cf. comentário nº 20 desta tradução.

fato. Diante disso, ele esclarece:

Resposta:

Depois de ter visto os panfletos na escada que leva da entrada da rua Amalienstrasse até o primeiro andar, perambulei pela universidade com a minha irmã e, entediado, segui sem destino até o segundo andar. Transcorreram cerca de 10 minutos do momento em que eu vi os panfletos pela primeira vez até que eu fui apreendido por Schmid. Eu passei o tempo todo esperando o término da aula no ~~institute~~ auditório de filosofia, supostamente sala 201, pois estava à espera da senhorita S c h e r t - l i n g.

Pergunta:

Como chegou às suas mãos a carta que, embora já rasgada, foi encontrada com o senhor e começa com "Stalingrado! 200 000 irmãos alemães sacrificados"²⁷?

Resposta:

Quando saí de casa hoje de manhã por volta de 10h30, encontrei uma carta na caixa de correio. O envelope era branco e continha o endereço escrito à mão: "Ao sr. Hans Scholl, Munique. Rua Franz-Josefstrasse, nº 13, casa dos fundos. Li a carta por alto no corredor de casa e depois rasguei. Coloquei o papel picotado no bolso do meu sobretudo. Não procede que eu tenha tentado me desfazer dos pedaços de papel na sala do assessor jurídico. Esvaziei meus bolsos por ordem do policial e nesse momento deixei cair no chão alguns pedaços dessa carta, os quais, porém, eu mesmo recolhi.

Pergunta:

De quem o senhor recebeu essa carta?

Resposta:

Não sei.

²⁷ Trata-se, na verdade, de um rascunho de panfleto esboçado por Christoph Probst. No fim de novembro (ou início de dezembro) de 1942, Hans Scholl havia incumbido Probst de esboçar um texto sobre os últimos acontecimentos políticos relacionados à guerra. Pouco antes, o 6º exército alemão havia sido cercado em Stalingrado (22/11/1942) e os aliados haviam pousado no Norte da África (07/11/1942). Probst ficou sabendo desses acontecimentos quando ouviu, clandestinamente, transmissões da BBC de Londres no rádio de sua mãe. Redigiu o panfleto e entregou-o a Hans no fim de janeiro de 1943. No dia em que foi preso na universidade, Hans estava com o rascunho manuscrito de Probst no bolso de seu casaco. Quando se deu conta disso, na sala do assessor jurídico da universidade, tentou se desfazer discretamente do manuscrito, rasgando-o em pequenos pedaços e jogando-os sobre outro monte de papel que se encontrava na sala. O zelador da universidade flagrou e denunciou a tentativa de Scholl, conforme descreve em seu depoimento à *Gestapo*: "Percebi ainda que o estudante jogou disfarçadamente no chão vários pedacinhos de papel, isto é, queria que eles caíssem e se perdessem em meio a outros papéis". [Weiter habe ich beobachtet, dass der Student mehrere Papierfetzchen zu Boden fallen ließ bzw. unter anderes Paper hineinfallen lassen wollte]. (Fonte: Depoimento de Jakob Schmid à *Gestapo*, 18 de fevereiro de 1943, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd.176). Os funcionários da *Gestapo* presentes procuraram imediatamente reconstituir o manuscrito, juntando suas partes e datilografando o que foi possível na máquina de escrever. Quando questionado, durante o interrogatório, sobre a origem do manuscrito, Hans afirmou inicialmente que se tratava de uma carta anônima recebida por ele naquela manhã. Foi, entretanto, desmentido por Sophie em seu interrogatório, quando esta, sem saber das declarações do irmão, afirmou ter certeza de que ele não havia recebido correspondência nenhuma naquele dia (cf. comentário nº 32 da tradução dos interrogatórios de

Pergunta e advertência:

É extremamente^{im} provável que um homem que o senhor nem conhece depositasse uma carta deste teor em sua caixa de correio. O senhor não quer dizer finalmente através de quem e como essa carta chegou às suas mãos?

Resposta:

Mesmo assim, também não tenho nada diferente a declarar. Não sei de quem é a carta.

Pergunta:

A carta foi entregue pelo correio?

Resposta:

Não. A carta não tinha selo nem carimbo do correio e deve ter sido inserida na caixa de correio por outra pessoa, ou seja, não pelo carteiro.

Pergunta:

O senhor recebeu outras correspondências hoje?

Resposta:

Não, minha irmã também não recebeu correspondência hoje. Embora ela costume receber cerca de duas cartas por dia, hoje não recebeu nada.

Pergunta:

Onde fica sua caixa de correio?

Resposta:

Ela está instalada na parte de dentro da porta de entrada da casa e a correspondência é inserida nela por uma fenda na porta.

Pergunta:

Quem viu o senhor retirando essa carta da caixa do correio, onde se encontrava sua irmã nesse momento?

Resposta:

Provavelmente ninguém viu, pois minha irmã saiu na frente. É possível que ela tenha perguntado se havia correspondência para ela. Mas geralmente o

correio matinal já chega às 09h e é comum que eu confira se chegou correspondência. Não sei dizer ao certo se foi assim hoje de manhã, mas provavelmente foi. Minha irmã certamente não viu a carta em questão. A carta chegou até mim de uma forma totalmente inesperada.

Pergunta:

Ao ler o panfleto "Colegas universitários!" e a carta que o senhor alegadamente recebeu hoje de manhã, deve ter-lhe saltado à vista uma certa semelhança. Como se explica que justamente o senhor estivesse de posse dessa carta?

Resposta:

A princípio, não consigo perceber semelhança alguma entre a carta e o panfleto, seja do ponto de vista linguístico-^{estilístico}~~gramatical~~, seja do ponto de vista do conteúdo. Os dois autores devem ter, na minha opinião, opiniões políticas bastante distintas.

Pergunta:

O senhor ainda viu mais panfletos em outros locais da universidade hoje?

Resposta:

Sim. A saber: ao passar pela balaustrada do segundo andar, perto da coluna que fica ao lado da escada, avistei ali uma pilha de aproximadamente 15 cm. Quando havia caminhado mais uns 5 m, ouvi de repente um estalo, certamente resultante da queda e impacto dos panfletos no chão do pátio interno. Na minha opinião, nesse exato momento a pilha de panfletos deve ter sido despejada por alguém de cima da balaustrada. Não fui eu que fiz isso. Também não sei se foi minha irmã que despejou essa pilha de panfletos, de qualquer forma eu não a vi fazendo isso. Caso ela o tenha feito,

consigo entender perfeitamente, pois tais gracinhas são próprias da personalidade dela. Não tive oportunidade de perguntar isso à minha irmã, pois o zelador Jakob Schmid chegou logo em seguida e anunciou minha prisão. Mas ele só fez isso depois de um bate-boca. Schmid deve ter reproduzido direito o que eu disse naquela ocasião, talvez tenha dito até mais²⁸. Naquele exato momento percebi de relance que havia duas moças de frente ao local onde eu estava, mas não as conheço. Trata-se, muito provavelmente, de duas estudantes. Não sei quais aulas elas frequentam.

Pergunta e advertência:

Há motivos para supor que o senhor tenha levado panfletos para a universidade em sua mala e os jogado do segundo andar no pátio interno. O senhor não quer dar logo declarações verídicas?

Resposta:

Não é verdade que eu levei panfletos em minha mala para a universidade e os joguei do segundo andar no pátio interno. Nesse ponto, quero dizer com todas as letras que carreguei essa mala o tempo todo sozinho, do momento em que saí de casa até o momento em que Schmid me aprendeu.

Pergunta:

O senhor comprou grandes quantidades de selos nos últimos tempos? Em caso afirmativo, onde e quais tipos o senhor adquiriu²⁹?

Resposta:

Nunca comprei grandes quantidades de selos. Apenas 4 ou 5 dias atrás comprei 10 selos de 12 centavos na agência de correios da rua Leopoldstrasse, perto da praça Danziger Freiheit. Com esses selos, franqueei as seguintes cartas:

- 1.) destinada a Rose N ä g e l e, residente em

²⁸ Em seu depoimento à *Gestapo*, o zelador Jakob Schmid relatou o seguinte: “Fui imediatamente até os dois e disse-lhes, sem pestanejar, que me acompanhassem. E eles seguiram essa ordem. Eu disse então que eles haviam acabado de jogar aqueles papéis lá embaixo. Diante disso, o estudante fez a seguinte observação: »Que coisa mais ridícula, é um desaforo prender alguém dentro da universidade!« Mas não me deixei abater por essa observação e anunciei aos dois que eles estavam presos”. [Ich bin sofort auf die Beiden zugegangen und habe ihnen ohne Umschweife gesagt, daß sie mit kommen müßten. Dieser Aufforderung kamen Sie auch nach. Ich habe ihnen dann gesagt, daß sie soeben dieses Papier hinabgeworfen hätten. Daraufhin machte der Student die Bemerkung: „Lächerlich so etwas, es ist eine Unverschämtheit einem in der Universität herinnen festzunehmen!“. Ich ließ mich aber von dieser Bemerkung nicht irremachen und erklärte den Beiden, dass sie verhaftet seien]. (Fonte: Depoimento de Jakob Schmid à *Gestapo*, 18 de fevereiro de 1943, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd.176).

²⁹ A pergunta é motivada pelo resultado da segunda busca realizada na casa dos irmãos Scholl em 18/02/1943, quando foi apreendida uma quantidade alta de selos.

Stuttgart, município de Pliningen, rua Neuhauserstrasse, nº ?,

2.) destinada a Ute B o r c h e r s, residente em Aachen, via Eberburgweg, nº 47,

3.) destinada à minha mãe.

Os outros selos ou foram utilizados pela minha irmã ou ainda estão na minha casa.

A família de N ä g e l e vem da Alsácia e ela estuda na Escola Superior Agrícola em Stuttgart. Os pais dela vivem em Moorhart, próximo a Stuttgart. O pai é atualmente capitão médico e médico-chefe de um hospital de campanha. Já faz anos que eu e meus parentes somos amigos da família Nägele.

A B o r c h e r s é filha do médico-chefe do hospital Luisenspital em Aachen e somos amigos há cerca de três anos. Minha amizade com Nägele e Borchers não tem nada a ver com política.

Pergunta:

O senhor sabe escrever à máquina?

Resposta:

Sim, um pouco. Escrevo utilizando apenas os dois indicadores, bem devagar. Meu pai sempre possuiu máquinas de escrever, nas quais eu escrevia de vez em quando de dez anos para cá. Atualmente, tenho à minha disposição uma máquina de escrever da marca Erika que pertence à minha senhoria. Uso essa máquina muito raramente e quando uso é só para cartas pessoais ou endereços. As cartas anteriormente mencionadas, destinadas a Nägele, Borchers e à minha mãe, eu escrevi à mão, inclusive os endereços. Sou sublocatário da senhora Schmidt desde 15 de novembro de 1942 e desde então a máquina de

escrever dela está à minha disposição. Já não sei exatamente quando passei a utilizar a máquina. Não tenho mais nada a acrescentar sobre isso.

Pergunta:

Que pessoas o senhor sabe que utilizaram essa máquina? O que elas escreveram na ocasião?

Resposta:

Que eu me lembre, Alexander S c h m o r e l l utilizou essa máquina há cerca de quatro semanas, mas não sei o que ele escreveu na ocasião. Desconheço que outra pessoa, e isso inclui minha irmã, tenha utilizado essa máquina na minha presença.

Pergunta:

O senhor possui ou possuía grandes quantidades de papel para escrever?

Resposta:

Não. Meus pais enviam-me todo o papel de que necessito, praticamente só papel de carta. Nunca possuí grandes quantidades de papel para escrever e nunca vi algo do tipo em outro lugar fora de casa.

Pergunta:

Nos últimos anos o senhor comprou ou encomendou de alguém quantidades mais elevadas de envelopes?

Resposta:

Não. Também recebo os envelopes de casa. Meu pai tem contato com uma papelaria em Ulm, onde ele ainda conseguia comprar papel de carta de boa qualidade. No Natal, meu pai me deu de presente uma pasta com esse papel.

Pergunta: O senhor possui algum mimeógrafo, sabe manusear um deles ou solicitou cópias em algum local?

Resposta:

Não. Eu não possuo nenhum mimeógrafo e não conheço

ninguém que eventualmente pudesse fazer tais cópias para mim. Nunca fiz ou encomendei cópia alguma.

Pergunta:

Hoje, depois de sua prisão, o senhor ainda falou com algum conhecido? Em caso afirmativo, o quê?³⁰

Resposta:

Sim. Ao ser levado preso da universidade encontrei, ainda dentro do prédio, Gisela

S c h e r t l i n g que, assim como os outros estudantes, aguardava no átrio a reabertura das portas da universidade. Eu disse-lhe, com essas palavras: "Vá para casa e avise o Alex, se ele estiver lá, para não me esperar". É claro que Schertling já havia notado que eu estava preso. Alex é o já mencionado Schmorell, que eu achava que estava na minha casa esperando minha volta. Eu não havia combinado nada com ele, mas ele vem à minha casa quase todo dia no período da tarde. Esses encontros não têm, entretanto, nenhuma finalidade especial.

Pergunta:

Alexander Schmorell possui uma máquina de escrever ou já levou alguma para a casa do senhor³¹?

Resposta:

Que eu saiba, Schmorell não possui nenhuma máquina de escrever. Não me lembro de nenhuma vez que ele tenha trazido uma máquina de escrever para a minha casa.

Pergunta:

Nos últimos tempos, o senhor escreveu à máquina algum tratado científico ou relatório ou mesmo carta e enviou tais escritos a soldados?

Resposta:

Não. Desconheço qualquer caso assim.

³⁰ A pergunta é motivada pelo seguinte depoimento de um dos funcionários da *Gestapo* que participaram da prisão dos irmãos Scholl na universidade: "Por volta das 11 horas do dia 18/02/43, fui encarregado de, junto com o investigador criminal Ammer, transportar o prisioneiro Scholl da universidade até a central de polícia. Logo antes da saída da universidade, ele se virou de repente para a direita e disse a um senhor algo como »Diga a ele que não vou voltar para casa à noite!«". [Am 18.2.43 gegen 11 Uhr hatte ich gemeinsam mit KS. Ammer den Häftling Scholl von der Universität zur Dienststelle zu transportieren. Unmittelbar vor dem Universitätsausgang wandte sich Scholl plötzlich nach rechts und sagte zu einem Herrn dem Sinne nach etwa folgendes: „Sage ihm, ich käme abends nicht heim!“]. (Fonte: Depoimento de Eugen Achter à *Gestapo*, 18 de fevereiro de 1943, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd.176)

Na verdade, o recado de Scholl dirigia-se a Gisela Schertling e trava-se de um pedido para que ela avisasse Alexander Schmorell que não ficasse na casa dos Scholl, pois poderia ser preso também.

³¹ A essa altura, Sophie Scholl havia afirmado em seu depoimento que Schmorell emprestara a Hans uma máquina de escrever portátil para este escrever "ensaios sobre questões filosóficas ou teológicas" que eram enviados a amigos e a conhecidos no front.

Pergunta:

Neste ponto sua irmã fez declarações contrárias às suas. Qual ~~de vocês~~ ^{dos senhores} está mentindo então?

Resposta:

Enquanto minha irmã não disser algo diferente sobre esse assunto pessoalmente, não acredito que ela tenha feito declarações desse tipo.

Pergunta e advertência:

Então o senhor por acaso acredita que está sendo acusado aqui de fatos que não estão baseados em declarações da sua irmã?

Resposta:

Não consigo imaginar que minha irmã dê declarações que não correspondam aos fatos.

Depois de terem me mostrado as cartas etc. encontradas na minha escrivania, dentre as quais se encontrava um envelope com 140 selos de 8 centavos, e de eu ter sido repetida e minuciosamente advertido a dar declarações verídicas, estou disposto a dizer agora toda a verdade. As declarações dadas por mim até agora procedem apenas em parte e agora quero fazer um relato completo da minha ação. Quero declarar, em detalhes, o seguinte³²:

"Afirmo com todas as letras que a srta. Gissela S c h e r t l i n g não tem nada a ver com tudo isso. Quando julguei que seria impossível para nós encerrar a guerra vitoriosos, tendo em vista a situação militar com a derrota no front oriental e o crescimento desmedido do poderio militar da Inglaterra e da América, cheguei, depois de muitas reflexões dolorosas, à conclusão que só restava um único caminho para preservar a Ideia Europeia³³, a saber: o encurtamento da guerra. Por outro lado, o tratamento dado aos povos e às regi-

³² Começa provavelmente aqui o registro da segunda sessão de interrogatório de Hans Scholl, que começou no início da noite de 18/02/1943 e se estendeu por toda a madrugada. Diante das provas irrefutáveis que lhe são apresentadas, Hans passa a confessar a autoria dos panfletos e tenta omitir a participação de seus amigos.

³³ Um dos objetivos da política nacional-socialista (e das guerras travadas por ela) era a reestruturação da Europa a partir de critérios "étnicos". Ela seria integralmente subordinada a um grande Estado "pangermânico", constituído por indivíduos pertencentes à "raça superior ariana". Para estabelecer os fundamentos dessa nova Europa, fazia-se necessária, na concepção nacional-socialista, a expansão territorial do *Reich*, bem como a migração, exploração ou eliminação de determinadas camadas da população, que não teriam mais lugar naquele território.

ões por nós ocupadas me causava horror. Eu não conseguia acreditar que seria possível reconstruir a Europa pacificamente depois desses métodos de dominação. Foram ponderações desse tipo que fizeram crescer em mim a descrença neste Estado e como eu decidi me esforçar para não adotar, enquanto cidadão, uma postura indiferente em relação ao destino do meu Estado, decidi manifestar minha opinião não apenas em pensamento, mas também partindo para a ação. Foi assim que tive a ideia de redigir e produzir panfletos.

O primeiro panfleto foi aquele com o título "Apelo a todos os alemães", o segundo foi aquele com o apelo aos estudantes³⁴. O texto é de minha autoria³⁵. Produzi o texto quando estava sozinho em casa, no meu quarto. Escrevi o rascunho à mão e o destruí depois. Primeiro peguei emprestada uma máquina de escrever que Alexander Schmorell conseguiu para mim. Não sei com quem Schmorell conseguiu essa máquina. Era uma máquina de escrever portátil da marca Remington, com conjunto de tipos retrátil³⁶. Os estênceis eu comprei na papelaria Kauth & Bullinger, rua Dienerstrasse. Era uma caixa cheia que continha, creio eu, 10 itens. Na firma Beyerle, rua Sendlingerstrasse, comprei um mimeógrafo de marca desconhecida por 240 RM³⁷. Este aparelho se encontra agora no porão do meu amigo

Manfred Eickemeyer³⁸,

em Munique, rua Leopoldstrasse, nº 38/ edifício do Ateliê. Este último encontra-se desde o Natal de 1942 em Cracóvia, trabalhando como arquiteto para o Governo Geral³⁹ dos territórios ocupados na Polônia. Quem mora ali atualmente é o artista plástico

Wilhelm Geyer⁴⁰,

³⁴ Assim como Sophie Scholl, Hans confessa inicialmente apenas a produção do quinto e do sexto panfletos, uma vez que os quatro primeiros, distribuídos por ele e Schmorell em meados de 1942, ainda não haviam sido mencionados pelo interrogador.

³⁵ Na verdade, o quinto panfleto foi redigido por Hans e revisado pelo Prof. Kurt Huber, que fez algumas alterações no texto original e teve participação decisiva na redação da segunda parte, cujo teor político é mais claro, como fica evidente no trecho: "A ideologia imperialista do poder, venha de onde vier, deve ser neutralizada para sempre. Nunca mais se deve permitir que um militarismo prussiano unilateral chegue ao poder. Somente uma cooperação generosa entre os povos europeus pode preparar o terreno sobre o qual será possível voltar a construir. Qualquer poder centralizador, como o poder que o Estado prussiano tentou exercer na Alemanha e na Europa, deve ser sufocado na raiz. A futura Alemanha só poderá ser federalista!" (Panfleto "Apelo a Todos os Alemães", SCHOLL, 2014, p. 104). Já o sexto panfleto, dirigido aos estudantes universitários de Munique, foi escrito integralmente por Kurt Huber.

Máquina de escrever do modelo "Remington Portable 1928". Peça original, utilizada na produção dos panfletos distribuídos pela Rosa Branca e confiscada pela Gestapo em fevereiro de 1943. © Paul Velthaus

³⁶ Esta máquina de escrever, que pertencia a um conhecido de Alexander Schmorell, hoje faz parte do patrimônio do Instituto Rosa Branca, sediado em Munique.

³⁷ Foi Alexander Schmorell quem providenciou o mimeógrafo.

natural de Ulm, que está trabalhando aqui, colorindo vitrais para a firma Mayer. Geyer não sabe absolutamente nada dessa história toda. Ele viaja todo domingo para a casa em Ulm, onde fica até terça, e durante esse tempo deixa comigo suas chaves de casa e do porão. Faz cerca de 5 dias que deixei o mimeógrafo no porão dele. É fácil de encontrar esse aparelho lá. Fiz as cópias sozinho em minha casa⁴¹. Providenciei sozinho tudo o que precisava para as cópias, inclusive o papel absorvente, apenas os envelopes foram providenciados por outras pessoas, a pedido meu. Minha irmã Sophie, além de Gisela, Alex Schmorell e Willi Graf, providenciaram os envelopes para mim. Todos os materiais necessários para as cópias permaneceram na minha casa enquanto precisei deles. Não os havia deixado nas casas de outras pessoas. Comprei o papel absorvente em lojas diferentes e em quantidades menores. Eu os conseguia sem problemas, talvez porque estava de uniforme na maioria das vezes. Na Kaut & Bullinger, por exemplo, consegui de uma só vez 2 000 folhas de papel absorvente, na Baierle consegui cerca de 3 000, na praça Odeonsplatz, de frente à Heller, consegui 1 000 folhas. Produzi cerca de 5 000 cópias do panfleto "Apelo a todos os alemães"; do "Colegas universitários!" foram 2 000 cópias. Numa madrugada de final de janeiro de 1943, cuja data não me recordo direito neste instante, distribuí cerca de 5 000 panfletos "Apelo a todos os alemães" pela região central de Munique. Também nisso ninguém me ajudou. Guardei esses panfletos na mala que levava comigo hoje⁴² e na minha mala. Comecei a distribuição dos panfletos pelo bairro de Schwabing, não sei dizer a rua, por volta de 23h. Segui, fazendo alguns desvios, pelas

³⁸ Manfred Eickemeyer foi apresentado a Hans Scholl no primeiro semestre de 1942 por Josef Furtmeier, que integrava o círculo filosófico de Carl Muth e Alfred von Martin. Hans passou a frequentar o Ateliê de Eickemeyer, onde aconteciam diversas reuniões e saraus filosóficos e literários, nos quais eram discutidas também questões políticas. Quando Eickemeyer mudou-se para a Polônia, no fim de 1942 (ele já havia estado lá de julho a agosto daquele ano), colocou seu ateliê à disposição de Hans para as ações de resistência. Foi, entre outros, através de Eickemeyer que os estudantes da Rosa Branca tomaram conhecimento das atrocidades cometidas pelas tropas nazistas na Polônia, tais quais descritas no segundo panfleto do grupo: "Apenas como exemplo, queremos mencionar brevemente um fato: o fato de que, desde a tomada da Polônia, trezentos mil judeus foram assassinados naquele país da maneira mais bestial. Aqui vemos o mais terrível crime contra a dignidade humana, um crime sem precedentes em toda a história da humanidade" (Segundo panfleto da Rosa Branca, SCHOLL, 2014, p. 92).

³⁹ Governo Geral [Gouvernements-regierung ou Generalgouvernement] era a denominação dada, a partir de um decreto emitido pelo "Führer" em 12/10/1939, à administração das regiões do território polonês ainda não integradas ao *Reich*, mas já ocupadas pelas tropas nazistas. O Governo Geral compunha-se, inicialmente, de quatro grandes distritos: Cracóvia, Varsóvia, Radom e Lublin, que, juntos, somavam cerca de 12 milhões de habitantes.

⁴⁰ Tanto Manfred Eickemeyer quanto Wilhelm Geyer foram presos e interrogados pela *Gestapo* em abril de 1943 e julgados em 13/07/1943 junto ao livreiro Josef Söhngen e ao sogro de Christoph Probst, Harald Dohrn. Neste, que foi o terceiro processo movido contra membros e simpatizantes da Rosa Branca, apenas Söhngen, que havia emprestado o porão de sua livraria para esconder os mimeógrafos e os moldes das pichações do grupo, foi condenado pelo Tribunal de Exceção de Muni-

ruas Schellingstrasse e Theresienstrasse em direção à praça Maximilianplatz, depois adiante pela praça Ritter-von Epp-Platz, rua Kaufingerstrasse, praça Stachus, estação de trem, depois de volta pela rua Kaufingerstrasse, praça Marienplatz, região da praça Sendlingertorplatz, as ruas em volta da praça Sendlingertorplatz, descendo para a rua Kanalstrasse e pouco a pouco de novo pelas ruas Ludwigstrasse e Kaulbachstrasse de volta a Schwabing. Minha irmã não tinha conhecimento dessa distribuição noturna de panfletos, pois eu a despistei dizendo que daria plantão na maternidade. Trabalhava totalmente sozinho⁴³ na produção e distribuição desses panfletos, pois acreditava estar mais seguro assim.

Quando, por volta de 10 de fevereiro, foram divulgadas as derrotas de nossas tropas no Leste e, em consequência disso, os ânimos pioraram muito na comunidade estudantil, tive a ideia de fazer jus a essa situação e produzir mais um panfleto. Fiz um rascunho⁴⁴ com o título "Universitárias! Universitários!" e tirei cerca de 200 cópias dele. Fiz isso na minha casa com o mesmo mimeógrafo. Consegui fazê-lo sem que minha irmã soubesse, pois ela estava viajando naquela semana.

Depois de ter tirado cerca de 200 cópias desse primeiro panfleto "Universitárias! Universitários!", o estêncil rasgou. Para que isso não me impedisse de continuar produzindo os panfletos, decidi copiar o texto inteiro de novo com a diferença que dessa vez escolhi o título "Colegas universitários!". Tirei cerca de 2 000 cópias desse novo texto. Quando terminei, coloquei cerca de 800 panfletos (em branco e outras cores) em envelopes e os enderecei com base em uma lista de estudantes

que a seis meses de prisão. Os outros três réus foram absolvidos por falta de provas.

⁴¹ Pelo menos três pessoas ajudaram Hans Scholl a fazer as cópias dos panfletos: Sophie Scholl, Alexander Schmorell e Willi Graf.

⁴² Evidência de que os interrogatórios transcritos neste protocolo foram realizados ainda em 18 de fevereiro (ou provavelmente já na madrugada do dia 19).

⁴³ Essa distribuição de panfletos ocorreu na madrugada de 28 para 29 de janeiro de 1943 e foi realizada em conjunto por Hans Scholl, Alexander Schmorell e Willi Graf.

⁴⁴ O sexto panfleto do grupo foi redigido integralmente por Kurt Huber. Uma das principais motivações para sua produção foi o discurso proferido em 13/01/1943 pelo chefe de distrito de Munique, Paul Giesler, no Museu Alemão. Em sua fala comemorativa por ocasião dos 470 anos da Universidade de Munique, Giesler dirigiu-se de forma ofensiva às estudantes, ao afirmar que elas deveriam se dedicar mais a procurar um marido e a presentear o "Führer" com filhos do que aos estudos. Tal discurso provocou grande revolta entre os alunos presentes e terminou com fragorosas vaias ao orador. Alguns estudantes foram presos. Ciente do acontecido, em 09/02/1943 o professor Huber entregou a Hans Scholl e Alexander Schmorell seu primeiro rascunho do panfleto, que abordava sobretudo a catástrofe de Stalingrado e a situação concreta dos estudantes na Universidade de Munique. Dessa versão, Hans e Schmorell excluíram uma única frase, que exortava o exército alemão. Com a ajuda de Willi Graf, reproduziram o panfleto em uma tiragem alta e prepararam os exemplares para serem enviados sobretudo a estudantes de Munique.

do semestre de inverno de 1941/42. Fui então à agência de correios 23 de Munique, na rua Leopoldstrasse, e comprei lá, de uma só vez, 1 200 selos de 8 centavos, que me foram vendidos por um funcionário dos correios que estava usando a insígnia do partido e tinha bigode. Colei esses selos nos panfletos já endereçados e os levei ao correio. Despachei essas cartas na agência central dos correios, no correio da rua Veterinärstrasse, no correio da rua Kaufingerstrasse e nos telégrafos da estação ferroviária central. Despachei as correspondências em locais diferentes porque não queria chamar a atenção em uma única agência e queria evitar que elas talvez não fossem despachadas. Insisto em manter minha declaração de que também não tive ajuda de ninguém para produzir e enviar esses panfletos. Nesse caso, também partiu do princípio que seria mais seguro não me abrir com terceiros. Quando acabei de fazer as cópias, queimei os dois estênceis.

Quando havia colocado tudo no correio e depois de me convencer que meu plano não havia dado certo (enviei um panfleto para mim mesmo e ao menos Schmorell e Graf teriam me avisado se recebessem) tive a ideia de distribuir eu próprio os panfletos que sobraram entre a comunidade estudantil, isto é, na universidade. Quando minha irmã voltou para Munique no domingo, 14/02/43, mostrei a ela os panfletos que eu havia produzido e percebi que ela concordava com o conteúdo. Deixei os panfletos restantes em cima da minha escrivaninha até quinta-feira, 18/02/43. Nesse dia, ainda pela manhã, combinei a distribuição dos panfletos na universidade e os guardei em uma mala e em uma maleta que levamos conosco quando, por volta de 10h30, fomos

juntos à universidade. Quando chegamos lá, primeiro eu queria que minha irmã me esperasse do lado de baixo, na entrada. Mas depois concluí que seria conveniente entrar junto com ela no prédio da universidade e distribuir lá os panfletos que levamos. Seguimos pelo corredor à direita, subimos a escada e espalhamos de 80 a 100 panfletos na frente do auditório 201. Depois contornamos o corredor. Pelo caminho espalhei uma quantia parecida, após me certificar de que não estava sendo observado. Depois seguimos na direção da saída da rua Amalienstrasse, onde deixei na escada, bem próximo à porta de saída, uma pilha maior de panfletos. Nesse ponto eu e minha irmã demos meia-volta e retornamos ao primeiro andar, onde também deixei pilhas de panfletos. De lá partimos para o segundo andar (lado esquerdo), onde, de cima do peitoril, despejei o restante de meus panfletos no pátio interno.

Eu mal havia acabado de fazer isso quando percebi que o zelador parecia estar nos seguindo até o segundo andar. Realmente, eu estava com minha irmã a apenas alguns metros de onde os panfletos haviam sido jogados quando esse homem veio na nossa direção, nos deu voz de prisão e disse de cara que tínhamos acabado de jogar panfletos no pátio interno⁴⁵.

O autor da folha que rasguei hoje de manhã depois de ser detido é

Christoph P r o b s t,
residente em Innsbruck, Companhia Estudantil da Força Aérea⁴⁶. Minha relação de amizade com Probst já dura alguns anos. Um dia propus a ele que me formulasse por escrito o que pensava acerca dos acontecimentos atuais. Foi depois da virada do ano

⁴⁵ Percebe-se aqui uma clara ruptura no texto, provocada por uma mudança de tópico repentina. A narrativa até então linear dos acontecimentos de 18/02/1943 na Universidade de Munique é interrompida e dá lugar à confissão de que o autor do manuscrito de panfleto que Hans tinha no bolso e tentara destruir era Christoph Probst. Não se sabe ao certo de que forma a *Gestapo* conseguiu essa confissão de Hans Scholl. Em uma busca realizada na casa dos irmãos Scholl, os investigadores apreenderam, dentre outros, correspondências. Dentre essas correspondências estaria possivelmente uma carta de Christoph Probst. Autores como Christiane Moll, Detlef Bald e Ulrich Chaussy defendem a hipótese de que a *Gestapo* teria aferido a autoria de Probst a partir de uma comparação entre a caligrafia dos remetentes das correspondências apreendidas e a do rascunho de panfleto encontrado com Hans. Quando confrontado com esse fato, Hans Scholl teria então confirmado a participação de Probst.

⁴⁶ *Força Aérea Alemã** [Deutsche Luftwaffe]: cf. comentário nº 62 da tradução dos interrogatórios de Sophie Scholl e/ou o glossário.

1942/43, quando Probst me visitou em Munique, que conversamos sobre esse assunto na minha casa. Eu, Schmorell e Probst formamos há anos um círculo de amigos. Schmorell não estava presente nesse último encontro. Ele não sabe nada dessa história toda. Probst estava sendo influenciado politicamente por mim e, não fosse isso, com certeza não teria tomado essa decisão. Demorei tanto a confessar isso porque a esposa de Probst está acamada com febre puerperal após dar à luz o terceiro filho. Foi ele próprio quem me contou isso, mais precisamente em nosso último encontro. Preciso me corrigir, eu já havia solicitado antes a Probst que me formulasse por escrito seus pensamentos e em nosso último encontro (início de janeiro de 1943) ele me entregou a folha que rasguei hoje. Nesse ponto, assevero com todas as letras que jamais disse a Probst que utilizaria seus apontamentos para produzir panfletos. Também não toquei nesse assunto com ele. Por esse motivo também suponho que Probst desconhecia completamente a natureza de minhas ações. Probst é um ano mais novo do que eu e estudou medicina em Munique até 1942. Ele residiu aqui na praça Kaiserplatz, nº 2, casa dos Kaminsky.

Declaro mais uma vez que ninguém me ajudou na produção e distribuição dos panfletos em questão. Mesmo depois de ser confrontado com declarações de minha irmã Sophie, preciso insistir em manter minha declaração de que somente no dia 18/02/43 ela me viu espalhando panfletos da universidade⁴⁷. Na minha opinião, todas as outras pessoas exceto Probst são inocentes. Quem providenciou os envelopes para mim desconhecia a finalidade.

Mas, encerrando, ainda gostaria de declarar que eu não distribuí meus panfletos somente em Mu-

⁴⁷ A partir daqui, percebe-se que Anton Mahler, interrogador de Hans, já tem em mãos boa parte do protocolo do interrogatório que estava sendo realizado simultaneamente com Sophie Scholl. Hans passa então a ser confrontado com as declarações de sua irmã que, a essa altura, havia assumido junto com ele a autoria de todas as ações da Rosa Branca e confessado também a participação de Schmorell em grande parte delas.

nique, mas também em outras cidades do Reich. Assim, no fim de janeiro de 1943 parti de Munique para Salzburg com cerca de 1 500 panfletos intitulados "Panfletos do Movimento de Resistência na Alemanha", que eu já havia endereçado um por um, e despachei de 100 a 150 cartas com panfletos no correio da estação ferroviária de Salzburg. Copiei os destinatários de listas aqui do Museu Alemão, que contêm endereços de outras cidades. Escolhi os endereços aleatoriamente. Minhas declarações em relação a essa viagem a Salzburgo não correspondem aos fatos. Fiz essas declarações falsas para acobertar meu amigo Schmorell e minha irmã Sophie. Mas agora, confrontado com a afirmação de que essas pessoas estavam envolvidas na distribuição dos meus panfletos, quero prestar declarações verdadeiras. Além de mim, Schmorell também escreveu os endereços nos envelopes. Tive ajuda de Schmorell e da minha irmã para copiar os endereços de outras cidades no Museu Alemão. A pedido meu, no fim de janeiro de 1943 Schmorell foi a Salzburgo, Linz e Viena levando cerca de 1 500 panfletos do "Movimento de resistência na Alemanha" e despachou as correspondências nas três cidades, sempre nas proximidades da estação ferroviária. As cartas foram endereçadas a cerca de 100 pessoas em Linz, 100 a 150 pessoas em Salzburgo e cerca de 1 000 pessoas em Viena. As cerca de 250 cartas restantes nós já havíamos preparado em Munique para serem enviadas a Frankfurt/Meno; Schmorell as colocou no correio em Viena. Nós dividimos o custo da viagem a Viena, assim como os outros gastos com franquia, papel, mimeógrafo etc. Questionado, assevero com todas as letras que ninguém mais participou do financiamento dessas ações. Suponho que Schmorell já havia

voltado de Viena quando minha irmã Sophie Scholl foi, a pedido meu, a Augsburg e Stuttgart levando cerca de 1 000 panfletos, também já endereçados e selados por nós em Munique. Havíamos preparado cerca de 200 cartas para Augsburg e 800 cartas para Stuttgart, as quais minha irmã despachou no correio dessas cidades⁴⁸.

Quando decidi produzir e distribuir panfletos, eu estava ciente de que uma ação desse tipo volta-se contra o Estado atual. Estava convicto que deveria agir movido por uma força interior e que esse dever intrínseco era mais importante do que o Juramento de Fidelidade ao Führer⁴⁹ que prestei como soldado. Sabia dos riscos que estava assumindo e inclusive contava com a possibilidade de perder minha vida por isso".

Autoridade interrogadora

Lido e assinado

pessoalmente:

Inv. Crim.

Testemunha:

Inv. Crim.

⁴⁸ As declarações prestadas por Hans nesse ponto, relativas à distribuição de panfletos em Augsburg, Stuttgart, Salzburgo, Linz e Viena, são compatíveis com as declarações de Sophie. Ambos omitem a participação dos irmãos Hans e Susanne Hirzel na distribuição dos panfletos em Stuttgart.

⁴⁹ *Juramento de Fidelidade ao Führer** [Treueid auf den Führer ou Führereid]: juramento a Adolf Hitler prestado obrigatoriamente por membros de diversas camadas da população alemã. Hans jurou fidelidade ao "Führer" no momento em que aderiu às Forças Armadas nacional-socialistas*. Para membros das Forças Armadas, o conteúdo do juramento era: "Perante Deus faço este juramento sagrado de que obedecerei incondicionalmente ao Führer do Povo e do Reich alemão, Adolf Hitler, comandante supremo das Forças Armadas, e de que, como soldado corajoso, estarei sempre disposto a arriscar minha vida por este juramento [Ich schwöre bei Gott diesen heiligen Eid, daß ich dem Führer des Deutschen Reiches und Volkes, Adolf Hitler, dem Oberbefehlshaber der Wehrmacht unbedingten Gehorsam leisten und als tapferer Soldat bereit sein will, jederzeit für diesen Eid mein Leben einzusetzen].

Continuação do interrogatório.

Conduzido da detenção, Hans S c h o l l deu as seguintes declarações após ser advertido a dizer a verdade:

"Quando me perguntam hoje em que medida as pessoas mencionadas, dentre elas minha irmã Sophie Scholl, Gisela S c h e r t l i n g, Alexander S c h m o r e l l e Willi G r a f, estão envolvidas na infração penal cometida por mim, tenho o seguinte a declarar:

É verdade que minha irmã providenciou envelopes e papel de carta para mim, mas ela não sabia o que eu pretendia fazer com aquilo. Comprei o papel absorvente utilizado nos panfletos em diferentes lojas. O papel que minha irmã providenciou nem servia para esse fim.

O mesmo vale para Gisela S c h e r t l i n g, que, em fevereiro de 1943, providenciou para mim cerca de 10 envelopes. Não disse a Schertling nenhuma palavra sobre utilizar esses envelopes para enviar panfletos subversivos. Os motivos para eu ter permanecido calado em relação a isso, eu já mencionei no meu primeiro interrogatório. Não nego que pedi para a Schertling me providenciar envelopes. Mas não mencionei a finalidade na ocasião. Dessa forma, ela pode e deve ter suposto que eu ia usar os envelopes para algo particular. Faz apenas algumas semanas que conheço melhor a Schertling, então eu nem poderia tê-la colocado a par de meus planos. A Schertling é totalmente inocente.

Quanto à participação de Willi G r a f, tam-

⁵⁰ Ludwig Schmauß, investigador criminal, foi destacado do departamento de contraespionagem da *Gestapo* de Munique para atuar na Comissão Especial instaurada para apurar as ações de resistência da Rosa Branca. Ele, que assina como testemunha os protocolos dos primeiros interrogatórios de Hans Scholl, conduziu sozinho a sessão que está protocolada a partir daqui. Schmauß foi responsável também pela condução de grande parte dos interrogatórios de Alexander Schmorell e Willi Graf.

bém só posso dizer que ele não está envolvido em meu delito. Apesar de eu ter pedido a ele no final de dezembro de 1942 ou em janeiro de 1943 que me providenciasse envelopes e papel, não disse a ele nenhuma palavra sobre minhas intenções porque, como já disse, eu queria agir sozinho para não correr perigo. Em janeiro de 1943, Graf também providenciou cerca de 50 envelopes, que eu havia lhe pedido. Não sei mais ao certo se ele também me trouxe papel de carta. Se agora me dizem que hoje em dia em geral as lojas só vendem envelopes acompanhados da mesma quantidade de papel de carta, então suponho que Graf tenha comprado papel de carta junto com os envelopes. Paguei tudo a ele. Graf é totalmente inocente, pois, como eu queria dar conta de tudo sozinho, não lhe disse nada sobre minhas ações.

O mesmo vale também para Anneliese G r a f, que nos últimos tempos veio à minha casa algumas vezes com seu irmão. No que diz respeito a essas duas pessoas, posso dizer de forma muito sucinta que ambas são inocentes.

No caso de Alexander S c h m o r e l l é diferente. Este já é há muitos anos, por assim dizer, meu amigo. Apesar disso, só o coloquei a par dos meus planos no fim de janeiro de 1943. Primeiro só lhe pedi dinheiro, sem dizer para que eu precisava do mesmo. No final de janeiro e na primeira quinzena de fevereiro de 1943, Schmorell me passou, em três vezes, o total de 500 RM. Não dei nenhum recibo por este valor. Mas também evitei deixar que Schmorell me ajudasse na produção dos meus panfletos.

Depois, no final de janeiro de 1943, eu disse a Schmorell que havia reproduzido panfletos e

que queria enviá-los a diversas cidades do Reich. De qualquer forma, depois eu mencionei apenas superficialmente o conteúdo de meu panfleto a Schmorell, isto é, não deixei que ele o lesse. Quando ele pediu que eu o deixasse ler um desses panfletos, disse-lhe que preferia guardar esse assunto só para mim. E ele se contentou com isso. Por fim, fomos juntos ao Museu Alemão e copiamos endereços de outras cidades, como Salzburgo e Linz/D., Viena, Frankfurt/M., Augsburg e Stuttgart. Depois escrevemos esses endereços em envelopes. Isso tudo aconteceu na minha casa, quando nós dois estávamos sozinhos. Quando terminamos (1 500 a 2 000 exemplares) Schmorell foi por conta própria a Viena, via Salzburgo, a fim de, no trajeto e em Viena, despachar no correio os panfletos prontos para postagem. Schmorell levou essas cartas em sua mala.

Minha irmã Sophie foi, creio que no dia seguinte, a Stuttgart via Augsburg levando cerca de 2 000 panfletos prontos para postagem, a fim de despachá-los nos correios de lá.

Autoridade interrogadora:

Ass.

Inv. Crim.

Polícia Secreta do Estado

Central da Polícia do Estado em Munique

IIA/ Com. Esp. / Ma.

Munique, 20 de fev.de 1943.

Na continuação de seu interrogatório, o estudante de medicina solteiro

Hans Fritz S c h o l l,

nascido em Ingersheim a 22/09/1918, prestou as seguintes declarações:

As declarações feitas por mim até agora são verídicas em sua essência e estou disposto a dar maiores detalhes, na medida em que me lembre deles.

Conheço o Prof. Carl M u t h⁵¹, residente em Munique - bairro Solln, rua Dittlerstrasse, nº 10, desde o final de outubro de 1941. Fui recomendado a ele por minha irmã Inge Scholl. Em sua carta de 24/10/1941, ele me pediu para catalogar sua biblioteca particular. O Prof. Muth tem hoje 76 anos. Ele era editor e redator-chefe da revista mensal "H o c h l a n d", publicada em Munique pela editora Kösel & Bustek. Nunca conversei com o Prof. Muth sobre questões políticas. Nossos interesses comuns eram literários. Também nunca falei com ele sobre a situação da guerra. Do final de outubro de 1941 até junho de 1942, frequentei a casa dele de duas a quatro vezes por semana, com alguns intervalos maiores (férias de final de ano e Páscoa). Nessas ocasiões trabalhei em sua biblioteca. Não retomei o trabalho desde que voltei da Rússia (12/11/1942), porque parte da biblioteca foi transferida de lá por ameaça de ataque aéreo. Apesar disso, encontrei-me ainda algumas vezes com o Prof. Muth, a última foi há 14 dias. Naquela época

Carl Muth em sua biblioteca particular em Munique. Foto publicada na revista *Hochland* em 1946. © M. Diedenhofen.

⁵¹ Carl Muth (*1867 – † 1944) foi editor da revista mensal católica *Hochland*, que publicava artigos de todas as áreas do conhecimento, literatura e artes. Com a ascensão do Nacional-Socialismo ao poder, Muth e seu círculo de amigos passaram a fazer da revista um meio de lançar críticas veladas ao nazismo. Em junho de 1941, entretanto, a revista foi oficialmente proibida, junto a uma série de outras revistas católicas. Nesse mesmo ano, Muth conheceu Hans Scholl e tornou-se próximo do mesmo. A partir de então, Muth passaria a ser, ao lado de Theodor Haecker, um dos principais mentores intelectuais da Rosa Branca. Esteve presente em reuniões do grupo no ateliê do artista plástico Manfred Eickemeyer e seus textos, fundamentados no Existencialismo católico, influenciaram profundamente a visão de mundo de Hans Scholl.

(quando trabalhei na biblioteca dele) recebi do Prof. Muth cerca de 300 RM no total para comprar livros para mim. Não se tratou de uma gratificação pelo meu trabalho, mas sim de um presente, já que eu havia prometido fazer o trabalho por interesse pessoal e, naturalmente, sem cobrar nada. Desde junho de 1942 não recebi mais nenhum donativo do Prof. Muth.

Não recebi donativos em dinheiro de nenhuma outra parte. Quero acrescentar ainda que no inverno de 1939/1940, eu trabalhei paralelamente aos meus estudos por algumas semanas na empresa de bondes de Munique. Nessa ocasião, recebi 70 centavos por hora trabalhada.

Desde novembro de 1942 eu frequentava as aulas que o Prof. Kurt H u b e r, residente ~~supenho~~ em Gräfelfing, ministra na Faculdade de Filosofia da Universidade de Munique. Depois de uma aula, em que eu não entendi bem um aspecto que ele abordou ao falar de Leibniz, pedi que ele me desse uma explicação mais abrangente do que havia dado em sala de aula. Tratava-se da Teodiceia de Leibniz e o que não estava claro para mim era a explicação de Leibniz sobre a origem do Mal, isto é, do pecado original. Não entendi totalmente a resposta que o Prof. Huber me deu a essa pergunta; como o Prof. Huber tem um contato muito próximo com os seus alunos e de tempos em tempos os chama para ir à sua casa, ele também me convidou certa vez, pouco antes do Natal. Na casa dele, fui apresentado à sua mulher e a seus dois filhos e passamos uma hora muito agradável tomando chá. O tom da conversa era leve e despretensioso, graças inclusive à participação efusiva das crianças. A esposa dele me pediu conselhos sobre uma ou outra doença infantil

e eu os dei de bom grado. Na ocasião, o mais novo estava com coqueluche. Posso dizer o seguinte sobre a opinião política do Prof. Huber: ele é um grande nacionalista. Encara o Bolchevismo como destruidor da cultura europeia. É um antissemita muito convicto⁵². Mais tarde, encontrei-me outras vezes com o Prof. Huber. Em nossas conversas nos debruçávamos principalmente sobre o seguinte tema: como é possível nascer, do caos da especialização excessiva nas ciências, uma nova Universidade? A ciência natural materialista dos últimos cem anos já não nos basta. Por trás de todo materialismo, que sem dúvida tem seu espaço justamente nas ciências naturais, cresce o desejo de conhecer a verdadeira razão das coisas. Cresce, portanto, a demanda por uma metafísica. Eu próprio vejo na medicina um caminho para me aproximar dessas questões tão urgentes, porque nela espírito e matéria se reúnem em um único objeto, que é o próprio ser humano. Na opinião do professor Huber, é preciso promover uma reunificação entre a Filosofia e as Ciências Naturais. Pude perceber o seguinte sobre as convicções religiosas do Prof. Huber: ele faz críticas incisivas à forma com que a Igreja Católica age do ponto de vista político e defende a opinião que Estado e Igreja precisam estar muito bem separados um do outro. Não recebi nenhum tipo de ajuda financeira do Prof. Huber. O Prof. Huber certamente não sabia nada de minha opinião e engajamento políticos.

Não conheço nem nunca tive contato com nenhum homem chamado Paul V o r e c k, residente em Munique, rua Nymphenburgerstrasse, nº 139/3, casa dos fundos.

Depois da minha primeira ação de panfleta-

⁵² Nesse trecho do interrogatório Hans Scholl constrói, intencionalmente, uma imagem do professor Kurt Huber como alguém que simpatizava com preceitos fundamentais do Nacional-Socialismo: o nacionalismo exacerbado, a demonização do Bolchevismo e o antissemitismo.

gem, realizada por mim e por S c h m o r e l l em Munique na madrugada de 28 para 29/01/1943, não consegui notar nenhum impacto significativo daqueles panfletos. Não percebi em parte alguma qualquer eco dessa ação. Naquela ocasião, ainda ponderei sobre quais outras formas de propaganda eu ainda tinha à minha disposição. Então tive a ideia de fazer pichações à tinta em fachadas. Nos primeiros dias de fevereiro de 1943, disse a Schmorell que passaríamos a fazer propaganda através de pichações. Encarreguei-lhe de produzir um molde com o texto "Nieder mit Hitler" [Abaixo Hitler] e também uma suástica riscada com um x. O molde, Schmorell produziu em sua casa. Eu próprio não estava presente. Sei disso porque ele me contou. Também foi Schmorell que providenciou tinta e pincéis. Não sei em quais lojas ele comprou essas coisas. Não perguntei isso a ele. Caso acreditem que o molde em questão tenha sido produzido por um especialista, digo que essa suposição não procede. Schmorell tem ótimas habilidades manuais e certamente produziu sozinho esse molde. Por ora, não tínhamos a intenção de produzir outros moldes com textos parecidos. Conforme havíamos combinado, na noite de 03/02/1943 eu e Schmorell nos encontramos em minha casa. Schmorell trouxe o molde, tinta e pincéis. Pouco depois da meia-noite saímos da minha casa com esses objetos, a fim de estampar nossa pichação em cada canto apropriado. Naquela noite utilizamos tinta de piche preto. Não sei mais qual caminho tomamos. Não planejamos com antecedência em quais casas ou locais estamparíamos os dizeres. Apenas passávamos a mão sobre o reboco, para verificar se ele era apropriado para fixar uma pichação. Originalmente nem estava nos nossos

planos pichar dizeres incendiários na universidade. Só tivemos essa ideia no caminho de volta, mais precisamente quando já tínhamos dado nossa ação por encerrada. Mas acabamos fazendo várias pichações lá. Eu e Schmorell somos os autores das pichações em todos os locais que me foram listados agora, mas não é verdade que pichamos também a Casa Marrom⁵³. Trata-se, nesse caso, de um edifício administrativo do Reich, desconheço o nome da rua, mas de qualquer forma viramos da rua Kaufingers-
trasse à esquerda. Recordo-me bem que fizemos a pichação em uma placa na qual estava escrito "Reichsleitung" [Administração do Reich]. Não sei mais dizer em quantos lugares, no total, fizemos essa pichação. No dia seguinte, constatei que a pichação feita em uma barreira na esquina da rua Ludwig-strasse com a rua Tannstrasse ainda estava lá. Ainda na rua Ludwigstrasse, vi que diferentes pichações haviam sido tapadas com papel. Demoramos da 0h30 às 03h30 para fazer as pichações. Naquela madrugada, a lua apareceu às 03h30, no começo choveu um pouco e eu não diria que aquela tenha sido uma noite especialmente clara. Depois da ação, Schmorell dormiu na minha casa. Minha irmã Sophie S c h o l l certamente não sabia dessa ação. Ela já estava deitada quando saímos de casa. Eu havia dito a ela que ia à maternidade, na rua Maistrasse, para ajudar em um parto. Durante a ação, eu e Schmorell estávamos à paisana. Também quero afirmar com todas as letras que minha irmã não viu o molde, as tintas e os pincéis, pois Schmorell trouxe essas coisas embrulhadas. Nessa noite também escrevi, com a mesma tinta de piche preto e sem utilizar nenhum molde, ~~duas~~ ~~três~~ quatro vezes a palavra "Freiheit" [Liberdade] em letras bem

Casa Marrom [Braunes Haus], sede do NSDAP em Munique (por volta de 1936). Foto de cartão postal da época.

⁵³ Casa Marrom [Braunes Haus] era o nome dado a um edifício de Munique (rua Briennerstrasse, nº 45) onde fixou-se em 1930 a sede do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. "Marrom" remete, nesse caso, à cor do uniforme oficial da SA, que acabou por se tornar a cor representativa do Nacional-Socialismo – não apenas entre os opositores do regime, mas também entre os próprios membros do partido. No segundo e no terceiro panfletos da Rosa Branca, o adjetivo marrom é utilizado com esse mesmo sentido: "Agora, já que nos últimos anos nos abrimos os olhos inteiramente, já que sabemos com quem estamos lidando, agora está mais do que na hora de extirpar esta horda marrom"; "Sabotagem a toda publicação, todos os jornais que estão a soldo do "governo" e que lutam pela sua ideologia e pela disseminação da mentira marrom" (segundo e terceiro panfletos da Rosa Branca, SCHOLL, 2014, p. 91 e 95)

grandes à direita e à esquerda da entrada da universidade. Schmorell não colaborou ativamente, ficou parado ao meu lado. Ninguém ficou vigiando enquanto eu e Schmorell fazíamos as pichações, pois eu achava isso totalmente desnecessário⁵⁴. Quero adiantar logo que não utilizei apenas tinta de piche preto, mas também verniz verde. Não utilizamos giz branco ou outros objetos para colorir. Também só usamos os textos "Freiheit" [Liberdade] e "Nieder mit Hitler" [Abaixo Hitler]. Caso tenham sido feitas outras pichações em Munique nos últimos tempos, eu e Schmorell não somos os autores. Confessaria isso hoje sem hesitar.

⁵⁴ Hans Scholl continua omitindo aqui a participação de Willi Graf nas pichações.

No dia 08/02/1943, saí da minha casa com Schmorell às 23h30. Pretendíamos fazer outra pichação na universidade. Com verniz verde, fizemos diversas pichações na universidade, utilizando o molde já conhecido. Além disso, escrevi a palavra "Freiheit" [Liberdade] cinco vezes na fachada e na escada externa. Nessa ocasião também não utilizei nenhum molde. Schmorell ficou me observando. Nessa noite não fizemos nenhuma pichação em outros lugares. Minha irmã Sophie Scholl também não sabia nada dessa ação, pois não nos abrimos com ela sobre esse assunto. Eu não queria comprometê-la com essa história. O papel que me foi mostrado agora, com a estampa "Nieder mit Hitler" etc., foi um teste feito por mim, que fiz na rua Ludwigstrasse durante a noite de 03 para 04/02/1943. Eu e Schmorell não somos os autores dos dizeres "Nieder mit Hitler" escritos com letra vermelha no edifício do banco Dresdner Bank na madrugada de 03 para 04/02/1943. A pichação "Nieder mit Hitler" descoberta em 08/02/1943 na propriedade da rua Herzog-Spital-Strasse, nº 15, deve ter sido feita por mim

e por Schmorell, mas certamente antes, na madrugada de 03 para 04/02/1943. Recordo-me bem que nessa madrugada estivemos na rua Herzog-Spital-Strasse, mas não na madrugada de 07 para 08/02/1943. Na madrugada de 07 para 08/02/1943 o luar estava muito claro, de forma que o sentinela do edifício do outro lado da rua, se é que há alguém lá de madrugada, poderia ter nos visto.

Na madrugada de 15 para 16/02/1943 fizemos, no caminho de volta, algumas pichações com o molde "Nieder mit Hitler" na fachada da agência dos telégrafos, no qual havíamos despachado no balcão todo o restante dos nossos panfletos. Utilizamos tinta de piche preto. Trata-se da mesma tinta que utilizamos na primeira ação. Fizemos as pichações nas ruas e edifícios que acabaram de me listar (vide observação de 16/02/1943). Na fachada entre as duas vitrines da firma Hugendubel fizemos, sem utilizar o molde, as duas pichações "Nieder mit Hitler" [Abaixo Hitler] e "Massenmörder Hitler" [Hitler, assassino em massa]. Schmorell fez a primeira pichação e eu a segunda. Essa também foi uma madrugada muito clara. Nessa ocasião também não colocamos ninguém para vigiar. Dessa vez minha irmã também estava em casa e ela só sabia que nós dois íamos levar os panfletos ao correio. Enquanto fazíamos as pichações e distribuíamos os panfletos, eu e Schmorell nunca portamos uma arma de fogo ou qualquer outra arma de defesa. Havíamos combinado de sair correndo imediatamente caso a polícia ou qualquer pessoa nos parasse. Acreditávamos que de qualquer forma isso seria melhor do que provocar um tiroteio.

Comprei, presumo que no dia 24/01/1943 ou talvez um ou dois dias antes disso, 2 000 selos de 8 cen-

tavos na agência dos correios nº 23, 2 000 selos de 8 centavos e 300 selos de 12 centavos na agência central dos correios. Esses selos eram para os panfletos que seriam enviados a Salzburgo, Linz, Viena, Augsburgo, Stuttgart e Frankfurt/Meno. Nossa intenção ao despachar no correio de Munique os panfletos destinados a Frankfurt/Meno não foi despistar a polícia. Havíamos calculado que sairia mais barato franquear as cartas por 12 centavos do que se algum de nós viajasse até lá de trem, motivo pelo qual Schmorell as despachou no correio em Viena. Conforme já declarado, no dia 16/02/1943 comprei outros 1 200 selos de 8 centavos na agência de correio nº 23 da rua Leopoldstrasse, que foram utilizados para franquear os panfletos "Collegas universitários!".

No início de janeiro de 1943, Schmorell me entregou a máquina Remington utilizada na redação dos panfletos; eu havia pedido a ele que me providenciasse uma máquina de escrever. Ele precisou de no máximo uma semana para conseguir a máquina. Não consigo lembrar de ele ter me dito de quem ou de onde ele havia conseguido a máquina; e também nem perguntei isso a ele. Não acredito que ele possuía uma máquina, pois, que eu me lembre, ele disse que achava que poderia arranjar uma para mim.

Fiquei sabendo do panfleto "A Rosa Branca" primeiro através do poeta Dr. Schwarz, no bairro de Solln. Ele o recebeu anonimamente pelo correio e o entregou à Polícia Secreta do Estado depois de recebê-lo. Já não consigo me recordar em detalhes do conteúdo do panfleto. De qualquer forma, trata-se do primeiro panfleto, se é que ele recebeu um segundo. Até o momento eu não sabia que ele também teria recebido um segundo. Também ouvi falar da

distribuição desses panfletos através de um colega, Jürgen W i t t e n s t e i n, atualmente membro da Companhia Estudantil alocada na escola Bergmannschule. Que eu saiba meu colega Hubert Furtwängler, atualmente na Companhia Estudantil da Bergmannschule, também ouviu falar desse panfleto. Confrontado com a afirmação de que a estudante Traute Lafrenz, residente em Munique, rua Steinsdorfstrasse, nº 7, teria me mostrado um panfleto desses na universidade, acredito que possa ser verdade, mas já não consigo me lembrar nesse instante. Também é possível que eu tenha lido esse panfleto junto com outras pessoas em um corredor da universidade, mas também já não me recordo disso⁵⁵.

Diante suspeita de que os panfletos "A Rosa Branca" e os panfletos do movimento de resistência "Apelo a todos os alemães" e "Colegas universitários!" apontariam para o mesmo autor, primeiramente porque todos foram escritos na mesma máquina de escrever e depois porque a concepção política de todos os panfletos é semelhante, levando obrigatoriamente à conclusão de que o acusado também é autor do panfleto da "Rosa Branca", ele se declara disposto a fazer uma confissão aberta e detalhada a esse respeito⁵⁶.

Na minha opinião, quem fracassou na Alemanha do ponto de vista político no período entre 1918 e 1933, e sobretudo em 1933, não foi bem a massa da população alemã, mas justamente aquela camada de um Estado que deveria guiar politicamente um povo: a Inteligência. Ainda que na Alemanha uma cultura de erudição e de especialização tenha desabrochado até a plenitude em todas as áreas da vida intelectual, justamente essas pessoas não estavam aptas a

Escola "Bergmannschule" no bairro Westend em Munique, utilizada durante a Segunda Guerra Mundial como sede para a II. Companhia Estudantil de Munique, à qual pertenceram Hans Scholl, Alexander Schmorell e Willi Graf. © br-online.de

⁵⁵ Trata-se de uma comparação com as declarações sobre os panfletos da Rosa Branca dadas por Sophie Scholl em seu interrogatório. Inicialmente, ela disse à *Gestapo* que teria tomado conhecimento desses panfletos através de Traute Lafrenz na universidade e que logo depois seu irmão, assim como Hubert Furtwängler, teria lido um deles de relance junto com ela.

⁵⁶ Parágrafo formulado integralmente na voz do interrogador: a referência a Hans Scholl é feita na terceira pessoa do singular ("ele se declara disposto...").

dar a resposta certa às questões políticas mais simples. Essa é a única razão plausível para que movimentos de massa com discursos simplórios tenham conseguido sobrepujar qualquer trabalho intelectual mais profundo. Eu sentia que estava mais do que na hora de, com toda a severidade, abrir os olhos dessa parte da burguesia para suas obrigações políticas no Estado. Se os desenvolvimentos da política externa tivessem primeiramente seguido rumos mais pacíficos, eu certamente não teria sido confrontado com a escolha: devo ou não cometer alta traição⁵⁷? Pelo contrário, teria tentado mobilizar as forças positivas dentro desse Estado de tal forma que, com o passar do tempo, elas suplantassem tudo que fosse negativo e conduzissem a uma forma de Estado então almejável.

Providenciei o mimeógrafo pouco antes de produzir o primeiro panfleto, mais precisamente na firma Beierle. Era um mimeógrafo de operação manual da marca Greif por 32 RM. O papel e os estênceis eu comprei, que eu me lembre, na firma Kaut & Bullinger. Alexander Schmorell me conseguiu a máquina de escrever, sem, entretanto, saber nada do meu plano. Não sei onde ele conseguiu a máquina de escrever. Mesmo diante de outra advertência, não tenho outras declarações a fazer sobre isso.

O esboço do panfleto - assim como sua reprodução e envio - são de minha autoria. Fiz esse trabalho sozinho no meu antigo quartinho na praça Athenerplatz, nº 4. Naquela época, eu morava sozinho, já que minha irmã ainda não estudava em Munique. Produzi cerca de 100 cópias de cada panfleto da "Rosa Branca", lacrei os mesmos em envelopes e enviei a endereços muito específicos, cujos endereços selecionei da lista telefônica de Munique.

⁵⁷ No regime nacional-socialista, era considerada *alta traição** [Hochverrat] qualquer atividade que se voltasse contra o *Reich* alemão na conjuntura da época. As ações da Rosa Branca foram interpretadas e julgadas pelo "*Tribunal do Povo*"* [Volksgerechtshof] nacional-socialista como planejamento de alta traição, entre outros: no primeiro processo movido contra o grupo, Hans Scholl, Sophie Scholl e Christoph Probst foram condenados à morte por perpetração de alta traição, favorecimento do inimigo e corrupção do poderio militar alemão.

No total, foram quatro edições diferentes e numeradas (I - IV). O critério pelo qual escolhi os endereços tem a ver com a motivação da minha ação. Eu queria apelar para a camada mais intelectual e, por isso, me dirigi principalmente a acadêmicos, etc. Também enderecei esses panfletos a proprietários de hospedarias de Munique⁵⁸. Com isso pretendia que os panfletos se tornassem populares, pois esperava que os donos contassem sobre eles a seus clientes. Comprei a lista telefônica em questão para essa finalidade específica. Destruí a mesma quando me mudei. Não anotei os nomes - conforme está inclusive anunciado em um dos panfletos⁵⁹ - e é por isso que nem todos os destinatários receberam a mesma quantidade de panfletos, mesmo tendo sido esse meu plano inicial. Ao enviar os panfletos seguintes, eu já não me lembrava tão bem das pessoas. Grande parte das pessoas para quem escrevi não são conhecidas minhas. Mas entre elas há alguns poucos professores universitários, que eu conheço das aulas, e dois ou três conhecidos. No momento só consigo me lembrar de dois desses conhecidos, que são Josef P o s c h e n r i e d e r, hospedeiro da cidade de Tölz, que só conheço da hospedaria, e o poeta Hermann C l a u d i u s⁶⁰, de cuja filha, Ursula, sou amigo há bastante tempo. Eu queria irritar Claudius com esse panfleto, porque ele é nacional-socialista convicto. Sei que há muito tempo ele esteve em Munique para ler trechos de obras suas durante eventos da associação Força pela Alegria (KdF)⁶¹, mas não sei nada sobre ele vir a ler trechos de obras suas para universitários. De qualquer forma, não pedi que ele fizesse isso. Estou a par do estado de saúde de Claudius. Pouco depois da Batalha da França troquei por pou-

⁵⁸ Em meio às atas do processo movido pelo Tribunal do Povo contra Hans Scholl existe uma lista de destinatários dos quatro primeiros panfletos da Rosa Branca. Os 35 destinatários registrados naquela lista haviam entregue os panfletos que receberam à *Gestapo*. Trata-se, como afirma Hans Scholl nesse trecho do interrogatório, de professores universitários, educadores, donos de livrarias, escritores, artistas plásticos, engenheiros, bibliotecários e donos de estabelecimentos comerciais, como cervejarias, cafés e hospedarias. (Fonte: Lista de destinatários dos panfletos da “Rosa Branca”, sem data, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd. 201)

⁵⁹ Trata-se do seguinte trecho do quarto panfleto: “Para tranquilizá-los, queremos acrescentar que os endereços dos leitores da Rosa Branca não estão escritos em lugar nenhum. Os endereços são coletados aleatoriamente em listas telefônicas” (SCHOLL, 2014, p. 102).

⁶⁰ Hermann Claudius (*1878 - † 1980) foi um dos escritores e poetas alemães mais bem quistos pelos nazistas. Aderiu cedo à ideologia nazista e em 1933 fez parte do grupo de 88 escritores que assinaram um juramento de lealdade a Adolf Hitler. Entre 1933 e 1945 recebeu diversos prêmios literários.

⁶¹ *Força pela Alegria** [Kraft durch Freude/KdF]: associação ligada ao NSDAP e subordinada à Frente Alemã de Trabalho [Deutsche Arbeitsfront]. A KdF era responsável pela organização de uma variada programação cultural para entreter a população alemã: oferecia saraus, concertos, exposições e apresentações teatrais, entre outros.

co tempo correspondências com o escritor Benno von M e c h o w, residente em Brannenburg, sobre uma novela que ele escreveu e que foi publicada na época pelo jornal Frankfurter Zeitung. Não sei dizer o título nesse instante. Acabei de me lembrar: O título é *Novelle auf Sizilien* [Novela na Sicília]. Além disso, conheci brevemente em Tölz o Dr. Josef S c h n e i d e r, médico veterinário, lá residente na rua Bahnhof-strasse, nº 13, e enviei a ele exemplares do panfleto I, II e III. Não enviei nenhum panfleto desse tipo ao Comando Geral da Polícia em Munique. Confrontado com a afirmação de que essa correspondência teria sido enviada para lá como “carta registrada”, só posso dizer, com certeza absoluta, que não fiz isso. Suponho que um dos meus destinatários tenha se desfeito dos panfletos dessa forma. Cheguei ao nome de Franz M o n h e i m, de Aachen, porque conheci seu filho em um hospital de campanha. Também enviei algumas vezes panfletos a Zell, próximo de Rühpolding. Os destinatários são ou donos de cafeterias ou mercearias que conheci durante minha estadia lá⁶².

⁶² Todos os destinatários citados neste trecho constam na lista que a *Gestapo* tinha em mãos (cf. comentário 58 desta tradução).

Minha convocação para a Rússia em 20/07/1942 me impediu de continuar produzindo panfletos desse tipo. Já não sei se caso contrário teria continuado a produzir e distribuir tais panfletos, pois naquela época já tinha minhas dúvidas se estava no caminho certo.

Tornei a vender para a firma Bayerle o mimeógrafo utilizado na produção desses panfletos. Creio que recebi por ele 15 ou 20 RM. A máquina de escrever, eu devolvi para Alexander Schmorell. Respondendo à pergunta, torno a reforçar que Schmorell não teve nada a ver com a produção e distribuição desses panfletos e nem sabia de nada.

É verdade que mais tarde ele ficou sabendo desses panfletos, mas não por mim e sim por outros estudantes. Por cautela, evitei contar a outros estudantes que eu era o autor e distribuidor desses panfletos e também não mostrei esses panfletos a outros estudantes ou a terceiros. Minhas irmãs, aliás todos os meus familiares, não sabiam absolutamente nada dessa minha atividade.

Não tenho nada a ver com o escrito que me mostraram agora, intitulado "Vitória a qualquer custo". Quero dizer com isso que nunca ouvi falar nada sobre sua produção ou distribuição. Agora de qualquer forma confessaria se eu também tivesse redigido e distribuído esse texto.

O mesmo vale para o escrito "30/01/1933 - 10 anos de Nacional-Socialismo! - 30/01/1943"⁶³, que me foi mostrado agora e cuja existência eu até então desconhecia. Não tenho relação alguma com a Fábrica de Motores da Baviera (BMW), nunca estive nessa empresa e não conheço nenhum funcionário ou empregado de lá⁶⁴.

Em alguma conversa fiquei sabendo que os sermões de Graf von Galen, bispo de Münster, haviam sido copiados e distribuídos. Não me lembro de jeito nenhum quando e em qual ocasião ouvi isso. Mas nunca tive em mãos um exemplar desses textos⁶⁵.

Respondendo à pergunta, afirmo com todas as letras que não realizei outras atividades de picção e propaganda além das que confessei até agora. Nunca fiz qualquer rabisco em cartazes ou materiais semelhantes.

Nunca ouvi falar sobre uma Propaganda-V supostamente realizada em Munique e também não tenho relação nenhuma com ela.

Voltando ao meu panfleto "A Rosa Branca",

⁶³ Trata-se de um panfleto redigido e distribuído pela dupla de comunistas Robert Eisinger e Emil Meier, conforme apurado mais tarde (cf. comentário nº 66 do interrogatório de Sophie Scholl).

⁶⁴ O questionamento implícito aqui deve-se ao fato de um laudo do Instituto de Criminalística de Berlim encomendado pela *Gestapo* ter apontado anteriormente que o papel utilizado na produção dos panfletos era semelhante ao papel utilizado pela firma da BMW. Tal constatação levou à apreensão em massa de mais de 1 000 máquinas de escrever daquela firma, que seriam examinadas uma a uma até que os verdadeiros responsáveis pelos panfletos foram presos na universidade de Munique. (Fonte: Carta da *Gestapo* ao Escritório Geral de Segurança do *Reich*, 11 de fevereiro de 1943, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd. 201).

Clemens August Graf von Galen, bispo e cardeal de Münster. © Bistumsarchiv Münster

⁶⁵ Em 1941, o bispo da cidade de Münster, Clemens August Graf von Galen (*1878 - † 1946), protestou abertamente em seus sermões contra a eutanásia praticada pelos nazistas em doentes físicos e mentais. Hans Scholl teve, sim, acesso aos sermões do bispo de Münster, que eram reproduzidos em forma de panfleto e distribuídos por grande parte da Alemanha. A família Scholl também recebeu pelo correio cópias dos sermões de Galen, conforme relata Inge Scholl em seu livro *A Rosa Branca*: "Na primavera de 1942,

respondendo à pergunta sobre o motivo de eu ter escolhido justamente esse título, gostaria de esclarecer o seguinte: o nome “A Rosa Branca” foi escolhido arbitrariamente. Parti do pressuposto de que uma propaganda impactante deve conter alguns conceitos sólidos, que por si mesmos não dizem nada, mas soam bem e apresentam uma pauta. Pode ser que a escolha desse nome também tenha um lado emocional. Bem nessa época, eu estava impactado pela leitura da romança espanhola “Rosa Blanca”, de Clemens Brentano⁶⁶. Mas não há nenhuma relação com a ‘Rosa Branca’ da história inglesa⁶⁷. Também não fazia a menor ideia de que antigamente existiu uma organização de meninas com esse nome. Não sou o autor dos panfletos que foram escritos à máquina e são idênticos aos da “Rosa Branca” em conteúdo⁶⁸.

Desisti logo da ideia de criar uma organização forte, pois não é o momento para isso. Cheguei a pensar nisso muito por alto no início de janeiro de 1943. Não falei com ninguém sobre isso e não foi dado nenhum passo sequer para constituir uma organização desse tipo.

O mimeógrafo que eu comprei em dezembro de 1942 na firma Bayerle e que foi utilizado nas atividades de janeiro e fevereiro de 1943 é um aparelho usado da marca “Roto Preziosa”, número de série 13 101. Custou 240 RM. Eu e Schmorell arcamos juntos com os custos, já que Schmorell havia colocado 500 RM à minha disposição. Ao comprar o mimeógrafo, eu estava vestindo uniforme (de sargento) e quando o dono da loja perguntou para que eu precisava do aparelho, respondi brevemente que era para fins de estudo.

Quando fizemos as pichações “Nieder mit Hitler”, eu e Schmorell nos revezamos. Por algum tem-

encontramos várias vezes cartas mimeografadas, sem remetente, em nossa caixa de correio. Elas continham trechos de sermões do bispo de Münster, Conde Galen, e irradiavam coragem e franqueza” (SCHOLL, 2014, p. 24). Hans chegou inclusive a escrever à mão, na folha de rosto de seu exemplar de *O Poder das Trevas* [Die Macht der Finsternis] de Tolstoi, a seguinte citação de um dos sermões de Galen: “O discurso do bispo Graf von Galen – o administrador, pois sim, este eles também enganaram. Mas Deus, hum, este eles não enganaram” [Die Rede des Bischofs Graf v. Galen – den Verwalter, da, den haben sie auch reingelegt. Aber Gott, tja, den haben sie nicht reingelegt]. O exemplar com essa citação manuscrita encontra-se hoje exposto no memorial da Fundação Rosa Branca de Munique.

⁶⁶ Trata-se do ciclo de poemas religiosos “Romanças do Rosário” (Romanzen vom Rosenkranz), que Brentano escreveu entre 1802 e 1812. Rosablanca” era o nome de uma das personagens obra, cujo tema central era a dissolução do pecado original da humanidade através da invenção do rosário católico. Não se sabe, entretanto, se foi realmente essa obra que inspirou Hans a escolher o título de seus primeiros panfletos. Também fazia parte de sua biblioteca particular o romance “A Rosa Branca” [Die weiße Rose] de B. Traven, lançado em 1929, que tematizava a saga de uma fazenda homônima localizada no México e habitada originalmente por índios, cujo estilo de vida idílico é destruído pela ambição de um empresário de petróleo. Assim, a origem do título dos panfletos e do nome pelo qual ficou conhecido mais tarde o grupo de Hans Scholl, continua uma incógnita.

⁶⁷ Referência à “Guerra das duas Rosas”, ocorrida na Inglaterra entre 1455 e 1485, na qual duas membros de duas dinastias disputaram continuamente o trono inglês: a casa de York tinha como símbolo uma rosa branca, enquanto a casa de Lencastre era representada por uma rosa vermelha.

po Schmorell carregou o galão de tinta e eu fiquei com o pincel, depois trocamos.

Não enviei nenhum dos panfletos por mim produzidos a soldados que se encontram no front. Evitei fazer isso por uma questão de princípios, porque conheço por experiência própria a condição psicológica de um soldado no front e estou convencido de que não se deve levar esse tipo de coisa para lá.

As cartas literárias que eu escrevi consistem em uma circular intitulada "Das Windlicht" [A Lanterna de Vidro]. Essas cartas foram enviadas a um antigo círculo de amigos de Ulm, que agora foi desmembrado pela guerra, para estabelecer um elo intelectual entre todos. O conteúdo não era político e não tem relação nenhuma com os panfletos. A circular continha, em cada fascículo, diversos textos escritos por mim, por minha irmã Inge Scholl e por Otto A i c h e r. No momento consigo me lembrar dos seguintes destinatários:

Primeiro-Sargento Ernst R e d e n, morto na guerra,

Capitão Fritz H a r t n a g e l (em Stalin-grado)

Cabo Werner S c h o l l (irmão) e

" Wilhelm H a b e r m a n n

Essas circulares foram enviadas alegadamente a apenas 8 pessoas.

Essas cartas foram escritas por minha irmã Inge S c h o l l em Ulm, na primavera de 1942.

Contrariando uma ordem da minha unidade militar (Companhia Estudantil), não participei do comício estudantil no Museu Alemão de Munique⁶⁹, que acabou em protesto, porque o discurso do chefe

Mimeógrafo da marca Roto Preziosa, do mesmo modelo utilizado na produção de panfletos da Rosa Branca. © Thomas Kortenkamp.

⁶⁸ Trata-se possivelmente de versões dos panfletos copiadas e distribuídas em Hamburgo por Heinz Kucharski e sua noiva Margaretha Rothe. Kucharski havia recebido os panfletos de sua amiga Traute Lafrenz no fim de 1942.

Heinz Kucharski
© Gedenkstätte Deutscher Widerstand

Traute Lafrenz
© Gedenkstätte Deutscher Widerstand

⁶⁹ Sobre o discurso do chefe de distrito Paul Giesler nessa ocasião cf. comentário nº 44 desta tradução.

de distrito não me interessava. Também não participei do protesto em questão e só fiquei sabendo dele por diferentes estudantes no dia seguinte.

Nunca espalhei panfletos na agência central dos correios e, especialmente, nunca entrei em confronto com um membro das Forças Armadas em tal ocasião. Também não conheço ninguém que se encaixe na descrição e possa ser a pessoa em questão.

Nunca portei, nas minhas pichações noturnas, a pistola calibre 08 encontrada em minha casa. Consegui a mesma na Rússia.

Autoridade interrogadora:

Lido e assinado
pessoalmente:

Inv. Crim.

Polícia Secreta do Estado

Munique, 21 de fevereiro de 1943.

Central da Polícia Secreta em Munique

II A/ Com. Esp./ Mah.

Na continuação de seu interrogatório, o estudante de medicina solteiro

Hans Fritz S c h o l l,

nascido em Ingersheim a 22/09/1918, prestou as seguintes declarações:

"Sou membro Associação Alemã de Alpinismo, filial de Munique, pois sou praticante aficionado de esqui e alpinismo. Estive muitas vezes na casa de campo do professor universitário Eduard Borchers, Casa Rosswies em Tölz, depois também na casa do conselheiro superior de medicina e professor universitário Hartert, em Tölz, endereço Kalvarienberg, nº 1, e, além disso, na casa da Dra. Probst, em Zell, próximo de Ruhpolding. Frequentei principalmente os seguintes chalés da associação de alpinistas: Bayernhütte próximo a Lengries, Tutzinger Hütte próximo a Benendiktbeuren, Ehrwalder Alm próximo a Ehrwald, Koburger Hütte próximo a Ehrwald. Anos atrás, eu ia na maioria das vezes sozinho às montanhas, mas me encontrava lá com os filhos do professor Borchers e com Helmuth Hartert. No inverno passado (1942/43) minha irmã Sophie Scholl e minha namorada Gisela Schertling foram comigo uma vez a Ehrwald e nessa ocasião subimos de teleférico à montanha Zugspitze. No feriado de Pentecostes de 1942 estive com minha irmã Inge Scholl em Vorderrieß e, creio que no ano anterior, com Rose Nägele também em Vorderrieß. Nunca fui às montanhas com Alexander Schmorell⁷⁰. Sei que ele foi várias vezes à casa do nosso conhecido em co-

⁷⁰ Na primeira parte dessa sessão de interrogatório, o investigador Anton Mahler tenta obter de Hans pistas sobre o paradeiro de Alexander Schmorell, que ainda estava foragido. Pelo conteúdo das respostas de Hans, parece haver, por parte da *Gestapo*, a suspeita de que Schmorell estivesse escondido nas montanhas do Sul da Alemanha.

um Christoph Probst em Zell, próximo a Ruhlolding. Não sei se ele também esteve em outros locais nas montanhas. Em Munique, Schmorell andava principalmente comigo e com Christel Probst, mas sei que ele também conhece alguns imigrantes russos que frequentavam a casa dele. Só conheço estes pelo primeiro nome e sei de um que se chama Andrej, de uma moça que se chama Natja e de um senhor com sobrenome Nalbandoff. O último reside na rua Mauerkicherstrasse, nº desconhecido. Este eu também conheço bem porque ele me deu aulas de russo. Não sei dizer o nome de outros conhecidos de Schmorell. Não posso dar declarações mais detalhadas sobre o comportamento desses imigrantes russos, porque mal os conheço. É possível que os tenha visto vez ou outra na casa de Schmorell, mas quase não conversava com eles.

Depois de me mostrarem a carta endereçada a mim pelo professor Carl Muth, residente em Munique/ bairro Solln, de 19/10/42, esclareço o seguinte em relação às perguntas feitas⁷¹: quando Muth escreveu essa carta, ele estava sob impacto do ataque aéreo a Munique. Na época, eu próprio me encontrava no front oriental. Não sei em que medida o relato dele sobre as consequências do ataque aéreo a Munique correspondia aos fatos, pois não conferi aquelas declarações, mas sei que um ataque aéreo sempre parece ser pior do que é de fato. Por isso posso imaginar que o professor Muth não tinha a intenção de exagerar. Isso também iria contra a sua personalidade. O professor Muth é natural de Worms e deve ter ficado sabendo das consequências dos ataques aéreos nas cidades de Colônia, Düsseldorf, Mainz, etc. através de jornais e de cartas de conhecidos e familiares daquela região. Sei que

⁷¹ Nessa segunda parte do interrogatório, Hans é confrontado com o conteúdo, considerado suspeito pela *Gestapo*, de diferentes cartas e anotações apreendidas na sua casa e na casa de Alexander Schmorell. Uma cópia da carta de Muth aqui tematizada encontra-se anexada às atas do primeiro processo movido pelo Tribunal do Povo contra Hans Scholl. Nela, Muth conta a Hans que sua casa foi atingida por um ataque aéreo e a biblioteca parcialmente destruída: “Sophie veio, no início junto com Elisabeth, cerca de 10 dias aqui e me ajudou a transferir os melhores livros dos andares superiores para o térreo da casa, que está parcialmente destruída. Tive que reorganizar várias coisas na expectativa do próximo ataque aéreo, que não vai deixar de acontecer. O de 19/20 de setembro parecia o fim do mundo. Em Solln, 40 casas foram destruídas e 15 pessoas morreram. Em Munique, muito mais casas e mais de 400 mortos! [...] Quem viveu um momento desses, nunca mais esquece na vida” [Sophie war, anfänglich mit Elisabeth, an die zehn Tage hier und half mir in dem halbzerstörten Haus die besten Bücher aus den oberen Stockwerken ins Parterre verbringen. Ich musste erhebliche Umstellungen vornehmen in Erwartung des nächsten Fliegerangriffs, der nicht ausbleiben wird. Der am 19/20. September war weltuntergangsmässig. In Solln 40 Häuser kaputt, 15 Menschen tot. In München das vielfache an Häusern und mehr als 400 Tote! [...] Wer diese eine Stunde erlebt hat, vergisst sie im ganzen Leben nicht]. (Fonte: Transcrição da carta de Carl Muth a Hans Scholl, 19 de outubro de 1942, Institut für Zeitgeschichte, ED0474/Bd.176).

o professor Muth não exagera nunca. Quando diz em sua carta que a casa de um tal B. não estava mais em condições de ser habitada, ele está se referindo ao escritor Werner Bergengrün. Questionado sobre o que o professor Muth quer dizer quando escreve: A vida interior torna-se cada vez mais cá-lida e profunda, quero declarar o seguinte: Por vida interior costuma-se entender, em oposição à vida exterior, a vida da alma. O professor Muth é profundamente religioso e, nessa idade avançada, seus pensamentos não giram mais tanto em torno de questões terrenas, mas sim do que é sobrenatural. De forma alguma o professor Muth me influenciou, motivou ou incentivou a fazer o que fiz. Ele não sabe absolutamente nada sobre minhas ações.

Obedecendo à ordem de me posicionar sobre a carta do sargento-enfermeiro Raimund Sammüller, atualmente no front oriental, endereço desconhecido, esclareço o seguinte: Sammüller provavelmente está sob influência direta do barroco polonês. Ele conhece, por experiência própria, o barroco austríaco, o qual ele sempre admirou muito. Ambos somos grandes admiradores desse período artístico, que surgiu unicamente do espírito da Contrarreforma e constituiu aquela que talvez tenha representado a última grande unidade cultural na Europa. Se de certa forma opomos Rembrant, enquanto ser pensante, a Rubens, o fazemos por um motivo reconhecido de uma forma geral na História da Arte. Rubens é o representante do Católico, no sentido de que ele ama a Criação acima de todas as coisas, da forma como ela é, em toda a sua glória e diversidade. Por isso ele é católico no sentido literal, e não eclesiástico, da palavra, isto é: universalista.

O envelope que me mostraram, endereçado a mim, com carimbo de postagem de Bonn: 07/04/1942, em cujo verso está escrito o abecedário seguido de diversos números, não passa de uma piada boba e superficial, feita já diversas vezes na história universal. É sabido que no Apocalipse fala-se do número 666 e espíritos ingênuos sempre tentaram associar esse número a determinadas pessoas. Assim, sabe-se ele foi associado ao nome do imperador Nero e de diferentes papas. Recentemente tem-se tentado associá-lo também ao nome de Hitler, mais precisamente da seguinte forma: debaixo das letras do alfabeto escreve-se, na ordem correta, a sequência de numerais, começando em A com 100. I e J precisam ser escritos separados um do outro, senão a coisa não dá certo. Ao somar dessa forma as diferentes letras do nome de Hitler, chega-se ao resultado 666. Acho essa piada tola e estúpida. Foi algum colega que me contou sobre esse jogo de números. Não fiz propaganda alguma com isso. Também não sei quem mais poderia ter feito.

Confrontado com o último parágrafo da carta de Traute Lafrenz, agora residente em Munique, rua Steindorfstrasse, nº 7, casa dos Gmeling, esclareço o seguinte: Não sei o que ela quer dizer com F.s... Certamente não se trata de uma organização ou algo semelhante. Lafrenz é totalmente indiferente para mim. Não me interessou a quem ela se referia quando disse "pessoas burras" ou "realmente inteligentes". Ela própria deve ser a melhor pessoa para explicar isso.

Não fui eu que produzi o panfleto que me mostraram agora, intitulado "panfletos do movimento de resistência na Alemanha" reproduzido na máquina de escrever, o qual é sem dúvida um excerto

do panfleto homônimo distribuído por mim, e eu também nunca distribuí panfletos produzidos dessa forma.

Quando voltamos, a altas horas da madrugada, de uma viagem da Rússia, sujos, piolhentos e infestados de percevejos, Schmorell me convidou para tomar banho e pernoitar em sua casa, pois eu não sabia para onde ir. Dito e feito. Nessa ocasião, eu deixei na casa do Schmorell as cartas que se estavam junto à minha roupa suja. Assim se explica que agora elas tenham sido encontradas lá. Fora isso, não tenho mais nada a declarar.

Autoridade	Lido e ass.	
interrogadora:	pessoalmente:	Testemunha:

Adalberto Gomes Schorel. Negro.

Inv. Crim.

Func. adm.

Polícia Secreta do Estado

Munique, 21 de fev. de 1943.

Central da Polícia Secreta em Munique

II A/ Com. Esp./ Ma

Na continuação de seu interrogatório, o estudante de medicina solteiro

Hans Fritz S c h o l l,

nascido em Ingersheim a 22/09/1918, prestou as seguintes declarações:

Depois de me mostrarem o excerto de uma ordem de pagamento pelo correio, segundo o qual em 30/06/42 foi paga à firma Franz Baier de Munique, rua Sendlingerstrasse, nº 49, uma quantia de 36 RM⁷², e de eu ter sido novamente advertido a dizer a verdade, também quero dizer toda a verdade sobre a produção e distribuição dos panfletos "A Rosa Branca".

Em meu último interrogatório eu declarei que teria produzido e distribuído esses textos sozinho. Isso não é verdade, pois S c h m o r e l l também me ajudou nisso. Agora quero descrever tudo de forma coerente:

Nós trabalhamos juntos no esboço. A iniciativa partiu de mim. Schmorell se dispôs prontamente a colaborar. O rascunho do primeiro panfleto fui eu que redigi. A primeira metade do segundo panfleto é de minha autoria e a segunda parte, a partir de "Nicht über die Judenfrage..." (Não queremos abordar aqui a questão judaica...), foi Schmorell que escreveu. Do terceiro panfleto eu escrevi a primeira parte, até "höher und immer höher..." (crescerá dia após dia...), e Schmorell o resto. O quarto panfleto é inteiro de minha autoria. Não consultamos fonte alguma para redigir nossos textos. Comprei o mimeógrafo da marca Greif

⁷² Este comprovante de pagamento apreendido na casa de Alexander Schmorell constituiu a prova que faltava para a *Gestapo* confirmar a participação de Schmorell na produção dos quatro primeiros panfletos da Rosa Branca. Diante de um indício tão forte, Hans não pôde mais negar o envolvimento de Schmorell em todas as suas ações de resistência.

na firma Baier. Ele não custou 32 RM, mas sim 36 RM. Essa máquina foi levada à casa do Schmorell; hoje já não sei se fomos nós dois que a levamos para lá. Também não sei dizer se nós, ou eu sozinho, o levamos primeiro para o meu quarto. De qualquer forma, todos os panfletos da "Rosa Branca", exemplares I a IV, foram produzidos por nós dois juntos no quarto de Schmorell. Schmorell pegou a máquina de escrever da marca Remington emprestada de um conhecido dele, não me lembro mais exatamente quem, mas acho que uma vez ele mencionou o nome de um amigo químico (primeiro nome Michl) que mora bem perto dele.

De "Michl" só sei, mas também não tenho certeza, que foi um colega de escola de Schmorell. Uma vez o vi muito rapidamente na casa dos Schmorell e não seria capaz de reconhecê-lo hoje.

Schmorell providenciou o papel, envelopes e selos necessários para a produção dos cerca de 400 panfletos no total. Fizemos as cópias juntos e também nos revezamos para escrever os endereços na máquina Remington. Tiramos os endereços, um a um, da lista telefônica do pai de Schmorell. Que eu me lembre essa lista telefônica era do ano de 1942. Imagino que sim, porque Schmorell com certeza possuía a edição mais recente. Postamos os panfletos cada vez em diferentes agências dos correios. Os familiares de Alexander Schmorell não perceberam nada de nossa ação. Nunca nenhum parente dele entrou no quarto enquanto estávamos trabalhando.

Confrontado com a suspeita de que eu estaria de algum modo envolvido com as pessoas responsáveis pela produção e distribuição do escrito "Comando Fundamental" de 11/01/1940, produzido em

24/02/1942 pelo "Emissário-Geral do Führer numa missão secreta no retiro de Obersalzberg", tenho o seguinte a esclarecer: não conheço essa história e nunca ouvi falar dela. Não consigo imaginar de quem possa ter partido.

Autoridade Lido e ass.
interrogadora: pessoalmente: Testemunha:

Stahler, Hans Schell Grunhofer

Inv. Crim.

Assist. de pol.

ANEXO 4

Glossário (léxico nacional-socialista)

Glossário

Alemão de sangue [deutschblütig]: A distinção fantasiosa entre indivíduos pertencentes à “raça” ariana (uma suposta raça nórdica, germânica) e judeus era parte fundamental da política eugênica e antissemita dos nacional-socialistas. Em “Minha Luta” [Mein Kampf], livro-base da ideologia nazista, Hitler defendia que a “raça” ariana seria a raça prototípica, superior a todas as outras, responsável pela maior parte dos avanços culturais, científicos e tecnológicos da humanidade. Deste modo, o progresso do povo alemão dependeria, para Hitler e seus seguidores, da preservação da “raça” ariana e da subjugação de “raças” por eles ditas inferiores, como a semita. Quando chegaram ao poder, os nazistas colocaram essa ideia em prática. O “Artigo de Lei Ariano” [Arierparagraph] de 1933 tornou obrigatória para os servidores e funcionários públicos a comprovação de ascendência ariana. A partir da proclamação das Leis de Nuremberg, em 1935, o termo “alemão de sangue” [deutschblütig] passou a ser utilizado em substituição ao termo “ariano” [Arier], que deixara de ser conveniente por englobar também outros povos (como os húngaros e finlandeses). As mesmas leis instituíram, para todos alemães, a obrigatoriedade de comprovar a ascendência alemã a partir da apresentação de um documento autenticado contendo uma espécie de árvore genealógica numerada [Ahnentafel]. Para os cidadãos comuns bastava a versão mais simples do documento, que comprovasse a ascendência alemã por três gerações (até os avós). Já os membros do Partido Nacional-Socialista e de suas formações deviam apresentar

uma versão mais complexa, que comprovasse a procedência “racial” de seus antepassados até 1800.

Alta traição [Hochverrat]: o crime de “alta traição” não foi uma invenção nacional-socialista e inclusive continua previsto no artigo 81º do Código Penal Alemão. Entretanto, o regime nacional-socialista logo expandiu e atribuiu contornos muito distintos ao conceito de “alta traição”, aplicando-o a qualquer atividade de resistência esboçada ou efetivamente empreendida contra o Estado. Publicada em 24/04/1934, a Lei de Alteração de Tramitações do Direito Penal e do Processo Penal (Gesetz zur Änderung von Vorschriften des Strafrechts und Strafverfahrens, Reichsgesetzblatt I, n. 47, p. 341, 1934) previa pena de morte ou altas penas de reclusão com trabalhos forçados para quem empreendesse ações de alta traição, que abrangiam desde atentados contra a vida do “Führer” até qualquer tipo de apoio a alguma atividade voltada contra o *Reich*.

Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular [Nationalsozialistische Volkswohlfahrt/ NSV]: fundada pelos nacional-socialistas em Berlim, no ano de 1932, como entidade local de caridade, a Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Social foi alçada por Hitler em 03/05/1933 à condição de associação “beneficente” oficial do partido nazista. Em 1943, a Associação contava com 17 milhões de membros e era (depois da Frente Alemã de Trabalho) a segunda maior e mais conhecida associação afiliada ao partido nazista. O grande número de afiliados

parecia dever-se, entre outros, ao fato de o engajamento na associação ser uma das formas menos comprometedoras e trabalhosas de demonstrar alguma fidelidade política ao partido. Algumas das atividades desenvolvidas pela associação eram a assistência a refugiados e vítimas de bombas, bem como a famílias alemãs necessitadas. Conforme denota a presença do substantivo “Povo” [Volk] no nome da associação, o trabalho realizado era condicionado a critérios de pureza racial: a assistência era prestada apenas a indivíduos que supostamente possuíam “valor” do ponto de vista racial (“alemães de sangue”) e estariam passando por dificuldades apenas temporariamente.

Mulheres costurando para a Cruz Vermelha em um centro da Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular © Staatsarchiv Stuttgart

Conspiração coletiva [bündische Umtriebe]: Em 1936, foi criada na *Gestapo* uma repartição específica com o objetivo de combater atividades de “conspiração coletiva”. Qualquer reunião de jovens em grupos e associações era potencialmente considerada e punida como uma forma de “conspiração coletiva”, especialmente se os membros se vestiam de forma semelhante. Neste conceito torna-se evidente a desproporção entre as ações da população alemã tomadas como nocivas ao regime e sua

repressão brutal pelas instituições nacional-socialistas. Por ordem do comandante da SS, Heinrich Himmler, em 1944, os jovens líderes do grupo “Edelweiß Piraten” (Piratas da Flor de Neve) foram, por exemplo, enforcados em público por se oporem à Juventude Hitlerista, cantarem canções proibidas e organizarem excursões e acampamentos clandestinos.

Membros do grupo de jovens “Edelweißpiraten” em Colônia, 1944. © Gedenkstätte Deutscher Widerstand.

Câmara de Cultura do Reich [Reichskulturkammer]: Instituída a partir de uma lei de 22/09/1933, a Câmara de Cultura do Reich tinha como objetivo estender os processos de “sincronização” [Gleichschaltung] ideológica ao âmbito cultural. Além de administrar, como uma associação profissional, os interesses das profissões por ela representadas, tinha a função de afastar do cenário cultural alemão profissionais que pudessem representar alguma ame-

ação aos objetivos da cúpula nazista. A organização, fundada como entidade de direito público, era presidida pelo próprio Ministro da Propaganda do Reich, Joseph Goebbels, e compunha-se de departamentos específicos para cinema, rádio (até 1939), música, teatro, artes plásticas, imprensa e literatura. A adesão a uma dessas subcâmaras era obrigatória a todos os que exercessem alguma profissão nas áreas mencionadas: quem se recusava à afiliação perdia o direito de exercer sua profissão.

Cidadão do Reich [Reichsbürger]: Durante um discurso em Nürnberg, em 01/09/1933, Adolf Hitler declarou que o Estado comandado por ele seria um “Terceiro Reich”, que duraria mil anos e sucederia os dois primeiros impérios alemães: o Sacro Império Romano-Germânico, derrubado por Napoleão em 1806, e o Império Alemão, dissolvido com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Para ser considerado “cidadão do Reich” não bastava, entretanto, viver dentro das fronteiras do mesmo, que se modificavam a todo momento devido à política expansionista nazista. De acordo com segundo artigo da Lei do Cidadão do Reich [Reichsbürgergesetz] de 15/09/1935, era cidadão do Reich apenas quem fosse “possuidor de sangue alemão ou congênere” e comprovasse “a partir de seu comportamento estar disposto e apto a servir fielmente ao Povo e ao Reich Alemão” (Reichsgesetzblatt I, p. 1146, 1935). Apenas aos cidadãos do Reich eram garantidos direitos civis plenos.

Companhia Estudantil [Studentenkompanie]: as Companhias Estudantis não foram uma invenção nacional-

socialista. Existiam, em períodos de guerra, desde o início de século XVIII e haviam sido utilizadas também na Primeira Guerra Mundial. No período nacional-socialista, as primeiras Companhias Estudantis foram fundadas no fim de 1939, logo após o início da guerra. Paralelamente ao curso na universidade, os estudantes frequentavam uma formação militar na Companhia onde estavam alocados, à qual deveriam se apresentar regularmente. O serviço prestado em tais Companhias era remunerado com uma espécie de bolsa.

Comunidade do Povo [Volksgemeinschaft]: o conceito de “Comunidade do Povo” era utilizado em substituição à palavra “Gesellschaft” (sociedade), considerada artificial e “não-germânica” pelos nazistas. Não se trata, entretanto, de um neologismo nazista. De acordo com o Dicionário Alemão [Deutsches Wörterbuch], a palavra teria sido utilizada pela primeira vez por Friedrich Schleiermacher (*1768 – † 1834), mas tornou-se conhecida quando integrou o vocabulário do movimento juvenil do início do século XX. Mais tarde, na República de Weimar, era utilizada como expressão para uma ruptura com o liberalismo e individualismo burgueses do século XIX. Na acepção nacional-socialista, entendia-se por Comunidade do Povo i) a comunidade de sangue, racialmente estabelecida; ii) a comunidade social, composta de trabalhadores que desconheciam conflitos de interesses e iii) um novo termo jurídico, designador de uma comunidade jurídica que age no sentido das palavras pronunciadas em 1933 pelo então Ministro da Justiça Hans Frank: “Justo é aquilo que serve ao Povo Alemão. In-

justo, aquilo que o prejudica” [Recht ist, was dem deutschen Volke dient. Unrecht, was ihm schadet].

Correio militar [Feldpost]: sistema de troca de correspondências e encomendas entre os fronts de guerra e o restante do Reich. A designação das unidades do correio militar através de números tinha por objetivo dificultar a localização das tropas alemãs pelos inimigos, no caso da interceptação de alguma correspondência. Não obstante, os Aliados costumavam boicotar o correio militar alemão para fazer propaganda contra o nacional-socialismo, enviando ao front através dele, por exemplo, cartas falsificadas e panfletos.

Imagem de um cartaz de propaganda da SA, com um de seus integrantes trajando o uniforme típico e a insígnia do partido. Década de 1930 (© National Archives & Records Administration).

Divisão de Assalto [Sturmabteilung/SA]: divisão paramilitar, composta pela tropa política uniformizada e armada do partido nacional-socialista. Surgiu oficialmente em 04/11/1921 com a função de garantir a segurança em eventos do NSDAP, participar de marchas para

promover o partido e reprimir com uso de força adversários políticos. A cor marrom dos uniformes da SA tornou-se representativa de todo o “Movimento” nacional-socialista. Nas palavras de Hitler, a SA era a guardiã da ideia nacional-socialista, assim como um instrumento representativo e fortalecedor de sua ideologia.

Distrito [Gau]: Maior unidade regional e administrativa do NSDAP depois do Reich. A primeira divisão do território do Reich em “Gau” ocorreu em 1925, quando o partido nazista começou a se expandir para além da Baviera. Na última delas, o Reich Alemão foi subdividido em 42 distritos. A organização internacional [Auslandsorganisation/AO] do NSDAP figurava como 43º distrito. Cada um deles possuía um chefe [Gauleiter], que era nomeado diretamente por Hitler.

Insígnia do Esquadrão Protetor [SS]

Esquadrão Protetor [Schutzstaffel/SS]: fundada em 1925, a SS era uma tropa de elite do partido nacional-socialista. Foi criada como guarda pessoal para proteger Hitler. Heinrich Himmler assumiu o comando nacional da SS em 1929 e, a partir então, come-

çou a transformá-la em um dos mais fortes instrumentos de terror e dominação do NSDAP. Os integrantes da SS eram selecionados a partir de critérios de pureza racial e passavam por uma rigorosa formação militar. Com a ascensão do partido ao poder, a SS assumiu o controle das forças policiais alemãs (dentre elas a *Gestapo*). Tendo em vista sua presença massiva nos campos de concentração, a SS desempenhou um papel central no extermínio de mais de seis milhões de judeus europeus.

Força Aérea Alemã [Deutsche Luftwaffe]: setor das Forças Armadas Nacional-Socialistas destinado à defesa e ataque por ar. A Alemanha possuía uma força aérea desde 1910, mas esta atingiu seu primeiro apogeu durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Luftwaffe (em tradução literal: “Arma Aérea”) figurava entre as forças aéreas mais modernas e eficientes do mundo. Exerceu um papel fundamental para colocar em prática o conceito nacional-socialista de “Blitzkrieg” – a “Guerra-Relâmpago”, baseada em ataques brutais, rápidos e repentinos, que não davam ao inimigo tempo de se defender ou reagir.

Força pela Alegria [Kraft durch Freude/ KdF]: subordinada à Frente Alemã de Trabalho [Deutsche Arbeitsfront], a KdF era provavelmente a associação ligada ao partido nacional-socialista que mais gozava de popularidade entre as massas. Enquanto componente vital da política social nacional-socialista, assemelhava-se em sua essência à política romana de “pão e circo”: sua função principal era entreter a população alemã, oferecendo diversas

atividades de lazer e uma programação cultural variada, que continha desde apresentações artísticas (concertos, teatro, exposições, saraus literários) até excursões turísticas.

Forças Armadas nacional-socialistas [Wehrmacht]: “Wehrmacht” (em tradução literal: “Poder de Defesa”) era a designação dada às forças armadas da Alemanha durante o período nacional-socialista. Foi criada a partir da “Lei para a Constituição das Forças Armadas” [Gesetz für den Aufbau der Wehrmacht] de 16/03/1935 (Reichsgesetzblatt I, n. 28, p. 375, 1933), em substituição à “Reichswehr” da República de Weimar. As Forças Armadas nacional-socialistas abrangiam o Exército [Heer], a Marinha de Guerra [Kriegsmarine] e a Força Aérea [Luftwaffe]. Foram oficialmente dissolvidas em 1946.

Indigno de servir ao Reich [wehrunwürdig]: No artigo 13 da “Lei das Forças Armadas” [Wehrgesetz] de 21 de maio de 1935, consta: “§1 – É indigno de servir ao Reich e, por esse motivo, excluído do serviço militar, quem (a) foi condenado à pena de reclusão com trabalhos forçados; (b) não está de posse de seus direitos civis; (c) está sujeito às medidas de segurança e correção prescritas no artigo 42a do Código de Direito Penal do Reich; (d) foi condenado por um tribunal militar a perder a dignidade de servir ao Reich ou (e) foi condenado judicialmente por envolvimento em ações subversivas” (Reichsgesetzblatt I, n. 52, p. 610, 1935). As “medidas de segurança e correção prescritas no artigo 42a do Código Penal do Reich” dizem respeito a indivíduos potencialmente perigosos para a

sociedade. Fariam parte dessa categoria os (potenciais) “perpetradores de crimes contra os costumes” [Sittlichkeitsverbrecher], dentre os quais estariam, segundo a concepção nacional-socialista, indivíduos homossexuais.

Juramento de Fidelidade ao Führer

[Treueid auf den Führer ou Führereid]: para diversos grupos sociais, foi instituída durante o regime nacional-socialista a obrigação de prestar um juramento de fidelidade a Adolf Hitler. Servidores públicos, membros das Forças Armadas nacional-socialistas e da SS, professores universitários e enfermeiras estavam entre aqueles de quem se exigia esse juramento. Durante a guerra, o “Código Penal Especial de Guerra” (Kriegssonderstrafrechtsverordnung, Reichsgesetzblatt I, n. 147, p. 1455, 1939) previa pena de morte por fuzilamento para quem se recusasse a ingressar no serviço militar e jurar fidelidade a Adolf Hitler. Por terem se recusado desde o início, devido às suas convicções religiosas, a aderir ao sistema ideológico nacional-socialista – o que implicava em aceitar Adolf Hitler como líder supremo, prestar o Juramento de Fidelidade ao Führer e servir às Forças Armadas – os membros da comunidade religiosa “Testemunhas de Jeová”, por exemplo, estiveram entre os principais alvos de perseguição da política nacional-socialista.

Juventude Unida [Bündische Jugend]: em 28/02/1933, o então presidente Paul von Hindenburg emitiu um “Decreto para Proteção do Estado e do Povo” (Verordnung zum Schutz von Volk und Staat, Reichsgesetzblatt I, n. 13, p. 25, 1933) que invalidou artigos da

Constituição e restringiu amplamente a liberdade de expressão e o direito de associação e reunião [Vereins- und Versammlungsrecht] na Alemanha. Tal resolução valia também para os diferentes grupos da “Juventude Unida”, assim conhecida desde 1923, quando se tornou a designação genérica para associações juvenis alemãs independentes dos pontos de vista político e religioso. Os membros de grupos da Juventude Unida tinham em comum o fato de serem sobretudo por jovens burgueses em busca de autodeterminação, o gosto por acampamentos, pela música e por caminhadas em meio à natureza. Em agosto de 1936, uma disposição conjunta do Comando da Polícia Política dos Estados e do Chefe Adjunto da *Gestapo* na Prússia, baseada em um decreto do Ministro Prussiano de Assuntos Internos (decreto III P. 3701/24 de 04/02/1936) determinou que todos os grupos e associações da Juventude Unida fossem completamente dissolvidos, caso ainda não o tivessem sido. A partir de então, o cerco da *Gestapo* em torno desses grupos se apertou e diversos jovens (dentre eles membros da Rosa Branca como Hans Scholl e Willi Graf) foram presos.

Juventude Hitlerista [Hitlerjugend/HJ] – cf. Figura 2 do apêndice sobre a estrutura e a hierarquia interna da HJ: organização juvenil oficial do partido nacional-socialista, bem como de sua subdivisão destinada a rapazes com idade entre 14 e 18 anos. Cabia à Juventude Hitlerista a tarefa de, aliada à família e à escola, preparar os jovens — corporal, mental e moralmente — para servir ao Povo alemão e conviverem na Comunidade do Povo, agindo sempre de acordo com os preceitos ideológicos do

nacional-socialismo. Em março de 1939, um decreto tornou obrigatória a afiliação de jovens a partir dos 10 anos à Juventude Hitlerista e tornou legítima a aplicação de sanções legais àqueles que se recusassem a participar dela. As atividades realizadas na HJ, inicialmente voltadas à confraternização (caminhadas, acampamentos, canções, jogos, esportes), com o tempo assumiram um caráter prioritariamente militar: longas marchas para os meninos e enfermarias militares para as meninas eram algumas das principais atividades.

Cartaz de propaganda da Juventude Hitlerista, 1940 (© Deutsches Historisches Museum, Berlim)

Liga de Moças Alemãs [Bund Deutscher Mädel/BDM] – cf. Figura 2 do apêndice sobre a estrutura e a hierarquia interna da BDM: criada em 1930 como parte da Juventude Hitlerista, a Liga de Moças Alemãs reunia a juventude feminina do *Reich*. A “Lei sobre a Juventude Hitlerista” [Gesetz über die Hitler-Jugend, Reichsgesetzblatt I, n. 113, p. 993,

1936] de 01/12/1936 determinou que todas as meninas alemãs dentro do território do *Reich* fossem automaticamente afiliadas à Liga de Moças Alemãs. Além de ser a designação genérica para a divisão feminina da Juventude Hitlerista, “Bund Deutscher Mädel” era também, em uma acepção mais específica, a organização juvenil oficial do partido nazista para moças entre 14 e 18 anos. As meninas entre 10 e 14 anos eram, por sua vez, incorporadas à Liga de Meninas [Jungmädelbund].

Cartaz de propaganda da Liga de Moças Alemãs, 1940 (© Deutsches Historisches Museum, Berlim)

Marrom [braun]: Por ser a cor dos uniformes de diferentes divisões do partido nazista, em especial a SA, o marrom acabou por se tornar a cor representativa do Nacional-Socialismo e de sua ideologia – não apenas entre os opositores do regime, mas também entre os próprios membros do partido. Atualmente, o Partido Nacional Democrata Alemão, fundado em 1964 e

considerado sucessor do NSDAP, também adota a cor marrom como slogan.

Uniformes da Divisão de Assalto (SA). Fonte: Livro de Organização do NSDAP [Organisationsbuch der NSDAP], 1940.

Movimento [Bewegung]: na linguagem nacional-socialista, “movimento” era uma autorreferência ao Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães. Tal designação foi utilizada diversas vezes por Hitler em seu livro “Mein Kampf” e emprestava ao Nacional-Socialismo um tom dinâmico e revolucionário, de algo que teria como objetivo a renovação radical da sociedade e daria destaque à importância da mobilização das massas para que isso acontecesse. Por ser o “berço” do NSDAP, Munique era considerada a “Capital do Movimento”. Ali estava sediada toda a administração do partido e, por extensão, do *Reich*.

Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães [Deutsche Nationalsozialistische Arbeiterpartei/ NSDAP] – cf. Figura 1 do apêndice sobre a estrutura e a hierarquia interna do NSDAP: Fundado em janeiro de 1919 pelo ferreiro Anton Drexler e pelo jornalista Karl Harrer, o Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães (inicialmente denominado apenas Partido de Trabalhadores Alemães) caracterizava-se desde o início por suas ideias antissemitas e

antimarxistas, bem como por alinhar-se à direita radical. Em 9 de novembro de 1923, o então líder do partido, Adolf Hitler, tentou tomar o poder do governo da Baviera. A tentativa, que ficou conhecida como “Golpe da Cervejaria”, fracassou: foi contida na manhã seguinte pela polícia e por tropas do exército e os rebeldes foram presos. Entretanto, dez anos mais tarde o NSDAP conseguiu chegar ao poder, quando, em 30 de janeiro de 1933, o presidente Paul von Hindenburg foi convencido pelas elites conservadoras a entregar, com o apoio do exército, o cargo de chanceler a Adolf Hitler. Menos de um mês depois, uma manobra do partido fez com que Hitler obtivesse a representatividade necessária para aprovar a “Lei de Concessão de Plenos Poderes” [Ermächtigungsgesetz] e instaurar uma ditadura de partido único. O partido passou então a ampliar cada vez mais sua estrutura e a interferir em todas as esferas da vida pública, visando um controle total da população alemã. Geograficamente, o partido se dividia em quatro níveis hierárquicos, organizados da seguinte forma:

1º - Liderança Nacional do *Reich* [Reichsleitung], sediada na “Casa Marrom”* [Braunes Haus] em Munique e composta por 18 cargos ocupados pelos membros da cúpula nazista (por exemplo: o representante do “Führer” Martin Bormann, o líder nacional da SS Heinrich Himmler e o ministro de propaganda do *Reich* Joseph Goebbels).

2º - Distritos [Gau]: em 1941, o *Reich* alemão constituía-se de 43 distritos, cada qual governado por um “chefe de distrito” [Gauleiter] designado pela cúpula do partido.

3º - Condados [Kreise]: em 1939, havia no *Reich* cerca de 800 condados, governados por “líderes de condado” [Kreisleiter]

4º - Grupos locais [Ortsgruppen]: em 1936, a reforma organizacional do NSDAP determinou que um grupo local deveria abranger no máximo 1500 residências. Uma das principais tarefas do “líder de grupo local” [Ortsgruppenleiter] era vigiar (politicamente) a população pela qual era responsável. Abaixo dos grupos locais havia ainda as células (Zellen), formadas por quatro a oito blocos (Blocks) que, por sua vez, abrangiam de 40 a 60 residências.

Organizações ligadas ao partido [Partei-gliederungen], como as paramilitares SA, SS e Juventude Hitlerista, eram subordinadas diretamente a Hitler e financiadas pelo partido, mas possuíam uma hierarquia regional e administrativa própria. Na estrutura do partido havia ainda associações afiliadas [angeschlossene Verbände der NSDAP], como a Associação Nacional-Socialista de Bem-Estar Popular [Nationalsozialistische Volkswohlfahrt], a Frente Alemã de Trabalho [Deutsche Arbeitsfront], a Associação Nacional-Socialista de Juristas [NS-Juristenbund] e a Associação Nacional-Socialista de Professores [NS-Lehrerbund]. Estas se autofinanciavam, mas eram controladas e fiscalizadas pelo partido.

Polícia Secreta do Estado [Geheime Staatspolizei/ Gestapo]: fundada em abril de 1933 (lei promulgada em 23/04/1934) por iniciativa do então Primeiro-ministro da Prússia, Hermann Göring. Seu objetivo era investigar e combater todas as ações e intenções que

colocassem em risco a segurança e o bem-estar do Estado nacional-socialista. Dentre elas, todas as formas de oposição ao regime, tidas como ações de alta traição e traição à pátria.

Serviço de Auxílio à Guerra

[Kriegshilfsdienst]: Logo no início da Segunda Guerra Mundial, o Serviço de Auxílio à Guerra foi instaurado como medida provisória que previa o engajamento de estudantes secundaristas junto a estabelecimentos de assistência social, hospitais, famílias necessitadas (especialmente aquelas com muitos filhos), repartições públicas e escritórios das Forças Armadas. Frente à carência crescente de mão-de-obra masculina, em 29/07/1941 o “Ofício do Führer e do Chanceler do *Reich* sobre a prolongação do esforço de guerra do Serviço Obrigatório do *Reich* para a juventude feminina” [Erlaß des Führers und Reichkanzlers über den weiteren Kriegseinsatz des Reichsarbeitsdienstes für die weibliche Jugend] determinou que as jovens alemãs prestassem mais meio ano de Serviço de Auxílio à Guerra – trabalhando, por exemplo, em fábricas de armamentos ou na indústria de transportes –, após o meio ano de Serviço Obrigatório para o *Reich*.

Mulheres produzindo máscaras de gás em um campo de Serviço de Auxílio à Guerra em Hamburgo, 1940. © Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz

Serviço Obrigatório para o Reich [Reichsarbeitsdienst/ RAD]: Uma lei de 26 de junho de 1935 [Reichsarbeitsdienstgesetz vom 26. Juni 1935] instituiu para os jovens alemães de ambos os sexos com idade entre 18 e 24 anos a obrigatoriedade de realizar, durante meio ano, algum serviço de utilidade pública. No primeiro artigo da lei, consta: “§1 - O Serviço Obrigatório para o Reich é um serviço em honra do Povo Alemão [...] §3 – O Serviço Obrigatório para o Reich deve educar a juventude alemã no espírito do Nacional-Socialismo para a vida na Comunidade do Povo e para a verdadeira concepção de trabalho, sobretudo no que se refere à devida valorização dos trabalhos manuais” (Reichsgesetzblatt I, n. 64, p. 769, 1935). *Reichsarbeitsdienst* era também o nome do órgão estatal criado com a tarefa de organizar a prestação do serviço, convocando os jovens em idade apropriada e atribuindo a cada um deles um serviço específico que contribuísse de alguma forma para o desenvolvimento econômico do Reich.

Membros do Serviço Obrigatório para o Reich durante a chamada diária, 1936.
© Bundesarchiv

Tomada de poder [Machtergreifung, Machtübernahme ou Machtübergabe]: A propaganda nazista, chefiada por Joseph Goebbels, apoderou-se do termo

“Machtergreifung” para designar o momento em que o presidente Paul von Hindenburg entregou o cargo de chanceler a Adolf Hitler, em 30 de janeiro de 1933, bem como as medidas tomadas antes e após o evento vistas a estabelecer um regime totalitário. Criava-se, com essa designação, a impressão de que os nazistas teriam ascendido ao poder de forma revolucionária, derrubando o governo então existente. Entretanto, Hitler chegou ao cargo de forma “democrática”, com apoio do exército e das elites. Paralelamente à “Machtergreifung” (composta a partir do substantivo “Macht” – poder – e do verbo “ergreifen” – tomar para si, apoderar-se, capturar), utilizava-se, com o mesmo sentido, as palavras “Machtübernahme” (composta a partir do substantivo “Macht” e do verbo “übernehmen” – assumir) e “Machtübergabe” (composta a partir do substantivo “Macht” e do verbo “übergeben” – transmitir, entregar, passar algo a alguém). Em seus conhecidos monólogos e em seu “testamento político”, escrito pouco antes de sua morte, Hitler opta sempre pelo termo “Machtübernahme”.

Tribunal do Povo [Volksgerichtshof]: fundado 24/04/1934 a partir da Lei de Alteração de Tramitações do Direito Penal e do Processo Penal (Gesetz zur Änderung von Vorschriften des Strafrechts und Strafverfahrens, Reichsgesetzblatt I, n. 47, p. 345 et seq., 1934), o “Tribunal do Povo” tinha a função de julgar casos de alta traição e traição à pátria. Sediado em Berlim, foi um dos principais instrumentos de terror e repressão do regime nacional-socialista: em pouco mais de uma década

da de existência, proferiu mais de 12 000 sentenças de morte contra opositores do regime. Apenas Roland Freisler, que presidiu o “Tribunal do Povo” entre 1942 e 1945 e era conhecido por seu fanatismo exacerbado, foi responsável por 95% delas.

Audiência do Tribunal do Povo, presidida por Roland Freisler, contra os responsáveis pelo atentado de 20 de julho. Data: 08/08/1944. © Gedenkstätte Deutscher Widerstand, Berlim.

REFERÊNCIAS (glossário e comentários da tradução):

BENZ, Wolfgang et. al. (Org.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2007.

BEUYS, Barbara. **Sophie Scholl**. Biographie. München: Carl Hanser Verlag, 2010.

CHAUSSY, Ulrich & UEBERSCHÄR, Gerd R. **Es lebe die Freiheit!** Die Geschichte der Weißen Rose und ihrer Mitglieder in Dokumenten und Berichten. Frankfurt am Main: Fischer, 2013.

DAHM, Volker et. al. (Orgs.). **Die tödliche Utopie: Bilder, Texte, Dokumente, Daten zum Dritten Reich**. München: Verlag Dokumentation Obersalzberg im Institut für Zeitgeschichte, 2011.

ELLERMEIER, Barbara. **Hans Scholl**. Biographie. Hamburg: Hoffmann und Camper Verlag, 2012.

GRÜTTNER, Michael. **Studenten im Dritten Reich: Geschichte der deutschen Studentenschaften 1933-1945**. Paderborn: Verlag Ferdinand Schöningh, 1995.

JENS, Inge (Org.). **Hans Scholl und Sophie Scholl: Briefe und Aufzeichnungen**. Frankfurt: Fischer, 2005.

KLEMPERER, Vitor. **LTI: A linguagem do Terceiro Reich**. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner. São Paulo: Contraponto, 2010.

KNOOP-GRAF, Anneliese; JENS, Inge (Org.). **Willi Graf. Briefe und Aufzeichnungen**. Frankfurt am Main: Fischer, 1988.

MOLL, Christiane. **Alexander Schmorell, Christoph Probst**. Gesammelte Briefe. Schriftenreihe der Gedenkstätte Deutscher Widerstand. Berlin: Lukas, 2011.

SCHÄDLER, Sarah. **Justizkrise und Justizreform im Nationalsozialismus**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

SCHILDT, Alex. **Die Sozialgeschichte der Bundesrepublik Deutschland bis 1989/90**. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2007.

SCHMITZ-BERNING, Cornelia. **Vokabular des Nationalsozialismus**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca: a história dos estudantes alemães que desafiaram o nazismo**. Organização de Juliana P. Perez e Tinka Reichmann. São Paulo: Editora 34, 2014.

Glossário (apêndice)

Figura 1 – Estrutura básica do Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães

Deutsch:

Quellen:

BENZ, Wolfgang. Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei. In: BENZ, Wolfgang et al. (Hrsg.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2007. S. 659-665.

DAHM, Volker. Der Aufbau der NSDAP. In: DAHM, Volker et al. (Hrsg.). **Die tödliche Utopie: Bilder, Texte, Dokumente, Daten zum Dritten Reich**. München: Verlag Dokumentation Obersalzberg im Institut für Zeitgeschichte, 2011. S. 258.

SCHMITZ-BERNING, Cornelia. Nationalsozialismus (Nationalsozialist, nationalsozialistisch, Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – NSDAP). In: SCHMITZ-BERNING, Cornelia. **Vokabular des Nationalsozialismus**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. S. 417-424.

Figura 1 – Estrutura básica do Partido Nacional-Socialista de Trabalhadores Alemães

Português:

Fontes:

BENZ, Wolfgang. Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei. In: BENZ, Wolfgang et al (Orgs.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2007. p. 659-665.

DAHM, Volker. Der Aufbau der NSDAP. In: DAHM, Volker et. al. (Orgs.). **Die tödliche Utopie: Bilder, Texte, Dokumente, Daten zum Dritten Reich**. München: Verlag Dokumentation Obersalzberg im Institut für Zeitgeschichte, 2011. p. 258.

SCHMITZ-BERNING, Cornelia. Nationalsozialismus (Nationalsozialist, nationalsozialistisch, Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – NSDAP). In: SCHMITZ-BERNING, Cornelia. **Vokabular des Nationalsozialismus**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 417-424.

Figura 2 – Estrutura e hierarquia interna da Juventude Hitlerista

Deutsch:

Die 17-21 jährigen Mädel sind im BDM-Werk Glaube u. Schönheit zusammengefaßt.

Quelle: SCHILDE, Kurt. Hitler-Jugend (HJ). In: BENZ, Wolfgang et. al. (Hrsg.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag. S. 564 (aus: Paul Meier-Benneckenstein, *Wehrhaftes Volk*, Berlin 1939)

Figura 2 – Estrutura e hierarquia interna da Juventude Hitlerista

Português:

As meninas com idade entre 17-21 anos fazem parte da associação “Fé e Beleza” [Glaube und Schönheit] da BDM.

Fonte: SCHILDE, Kurt. Hitler-Jugend (HJ). In: BENZ, Wolfgang et. al. (Orgs.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Stuttgart: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2007. p. 564 (extraído de: Paul Meier-Benneckenstein, *Wehrhaftes Volk*, Berlin 1939)

Conteúdo do CD: digitalizações dos protocolos originais dos interrogatórios conduzidos pela *Gestapo* com Hans e Sophie Scholl entre 18 e 21 de fevereiro de 1943. Os protocolos podem ser consultados em versão microfilmada no Instituto de História Contemporânea de Munique (*Institut für Zeitgeschichte*, rubrica: ED474/Bd. 180 e 182) e, no original, no Arquivo Federal da Alemanha (*Bundesarchiv*, rubrica: ZC 13267/Bd. 1 a 3). Divulgação, publicação ou reprodução do conteúdo do CD somente com autorização expressa do Arquivo Federal da Alemanha.

Foto da capa: © Jürgen Wittenstein/akg-images